

DUOLOGIA COMPLETA

AMA

Tentador e Devastador

DOR

JASMIN PALUMBO



PERIGOSAS NACIONAIS

DUOLOGIA COMPLETA

Amador

JASMIN PALUMBO

PERIGOSAS ACHERON

Duologia Completa Amador

Copyright © 2019 Jasmin Palumbo

1ª edição 2019

Revisão: JPalumbo

Capa: JPalumbo

Diagramação digital: JPalumbo

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Os versos das canções aqui reproduzidas foram usados com base no Art. 46 da Lei Brasileira do Direito Autoral.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da
Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução
de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer
meios — tangível ou intangível — sem o
consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime
estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo
artigo 184 do Código Penal.

Sumário

SINOPSE: TENTADOR

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

X

XI

XII

XIII

XIV

XV

XVI

XVII

XVIII

XIX

XX

XXI

XXII

XXIII

XXIV

XXV

XXVI

XXVII

XXVIII

XXIX

XXX

XXXI

XXXII

XXXIII

XXXIV

XXXV

XXXVI

XXXVII

XXXVIII

XXXIX

XL

XLI

XLII

XLIII

XLIV

XLV

XLVI

XLVII

XLVIII

XLIX

L

Capítulo Extra Hoje era um dia daqueles.

LI

PERIGOSAS NACIONAIS

LII
BÔNUS
LIII
LIV
LV
LVI
LVII
LVIII
LIX
LX
LXI
LXII
LXIII
LXIV

SINOPSE: DEVASTADOR

I
II
III
IV
V
VI
VII
VIII
IX
X
XI
XII

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

XIII

XIV

XV

XVI

XVII

XVIII

XIX

XX

XXI

XXII

EXTRA

XXIII

XXIV

XXV

XXVI

XXVII

XXVIII

XXIX

XXX

XXXI

XXXII

XXXIII

XXXIV

EXTRA

XXXV

XXXVI

XXXVII

XXXVIII

XXXIX

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[XL](#)

[XLI](#)

[XLII](#)

[XLIII](#)

[XLIV](#)

[XLV](#)

[XLVI](#)

[XLVII](#)

[XLVIII](#)

[XLIX](#)

[L](#)

[LI](#)

[LII](#)

[LIV](#)

[LV](#)

[NOTA DA AUTORA](#)

PERIGOSAS ACHERON

Sinopse: Tentador

Agatha Lancellotti tentou fugir, mas foi pega pela maior droga já existente: a tentação de um homem. Ela guarda segredos do qual não poderia contar... Mas como resistir ao homem mais tentador do qual Agatha já conheceu?

Christopher Tyler, não era do tipo que leva um "não" para casa e dessa vez não seria diferente, mesmo que essa mulher em questão fosse o oposto dele e, além de tudo, mais velha. Ela era simplesmente a mulher mais tentadora que ele já conheceu e ele não escaparia, mesmo com todos os segredos e impasses.

Agatha era dona de uma agência de publicidade, que contratava modelos. Christopher era um modelo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Em uma festa eles se encontram, se conhecem, se comem com o olhar e foi inevitável a tensão que emanava dos dois. Ela precisava de um novo modelo para uma propaganda de cueca, mas não o chama por motivos seus...

Porém a vida prega peças e quando Agatha achava que nunca mais o veria, ela se deparou com um lindo, viril, musculoso Christopher só de cueca e sorrindo para ela.

"Tentador" é um eufemismo para descrever esse casal.

PERIGOSAS ACHERON

I



Esse era apenas mais um

dia estressante de trabalho, entregas de produtos e cobranças. Por sorte, eu tinha quem fizesse isso para mim. Eu era a patroa, mas tinha tanto trabalho

quanto os outros.

Eu era dona de uma agência de publicidade/modelos.

Na minha adolescência eu sonhava em ser uma modelo famosa, eu tinha altura, mas nunca tive o corpo de uma modelo. E nunca quis ter. Desisti dessa carreira, mas isso foi anos depois de desfilar para algumas marcas de roupas e fazer algumas propagandas pelo mundo. Eu era mais modelo fotográfica que tudo, desfiles era raros para mim. Mesmo só com fotos, eu ganhava bastante dinheiro.

Eu tive a sorte de conhecer as pessoas certas, pois mesmo eu nunca tendo o corpo magro e perfeito de uma modelo, eu tinha contatos. Aprendi cedo que ter contatos importantes era tudo. Em uma dessas viagens conheci meu ex-marido, mas isso

era outra longa história.

Descobri aos 20 e poucos que eu gostava mesmo era de mandar. Então, me tornei empresária, estudei a distância e abri minha agência sozinha. Da qual, hoje em dia, anos depois, tem um nome valorizado e respeitado.

Hoje era um dia daqueles, onde tínhamos que apresentar campanhas, contratar fotógrafos, comprar cenários, escolher o modelo perfeito para a campanha. Nessa parte que os modelos entravam. Eu tinha que escolher o melhor para a campanha.

Minha agência de publicidade era, digamos assim... sexy. Pois só trabalhávamos com campanhas de roupas íntimas, preservativos, algumas vezes até filmávamos para comerciais de algum novo motel, ou uma nova camisinha, ou pílulas milagrosas para os homens, também fazíamos comerciais e divulgações de novos sex

shops. Bem, era isso, alguma empresa contratava a agência, e nós dávamos o produto pronto.

Nós tínhamos modelos contratados na agência, pois algumas vezes, esses modelos precisavam desfilarem para alguma grife de moda íntima. Outras vezes contratávamos para longo prazo ou para somente uma campanha um novo modelo, quando a empresa que nos contratava não quisesse os modelos que apresentávamos.

Nesta manhã de quarta-feira uma empresa tinha nos contratado para fazer a propaganda de cuecas boxers (isso era nada mais nada menos que: escolher um bom modelo e tirar fotos dele com a *super* nova cueca), e se a empresa gostasse do nosso trabalho contrataríamos novamente para gravar um comercial de camisinhas (ou seja, precisaríamos de um casal).

Tudo parecia normal, mas eles não queriam

PERIGOSAS NACIONAIS

apenas um cara bonito para apresentar à cueca boxer, eles queriam ‘o’ cara bonito, e se escolhessem bem esse mesmo cara faria a campanha das camisinhas.

Eu entendia que teria que ser ô cara, já que o comercial seguia a linha de: compre de presente para seu namorado/noivo/amante/marido. Mas eles queriam tudo já feito: modelo escolhido, fotos tiradas, a modelo que faria par com ele (caso eles aceitassem o cara que faria a propaganda da cueca), o cenário e um pôster dele com a “super” cueca... Tudo isso em alguns dias. Já para o sábado eles queriam o rapaz escolhido.

Eu até tinha pensado: fácil achar um cara gostoso que faça uma boa propaganda ao usar a cueca boxer, até que o gerente sênior da empresa em questão disse:

— Nós não queremos um rapaz muito

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

conhecido, tem que ser alguém comum, mas que ao mesmo tempo seja sofisticado e que tenha uma noção com o que é ser modelo.

Putá merda! pensei.

Onde eu acharia alguém que:

- 1) Fosse “ô” cara
- 2) Mas que não fosse conhecido *demais* entre os modelos
- 3) Porém que tivesse uma ideia do que é ser modelo
- 4) E que fosse sofisticado?

Onde caralho?!



PERIGOSAS ACHERON

Já era tarde de quarta e a porta da minha sala na agência estava entreaberta quando eu vi minha assistente batendo-a nela.

— Entre!

Minha assistente, era uma estagiária de seus 19 anos. Seu cabelo negro era acima dos ombros, era alta para a sua idade, tinha uma pele clara e bronzeada. Um tom que daria inveja em muitas outras mulheres que matavam por aquela cor, sem parecer falso.

Eu, por outro lado, não ligava. Minha pele era morena clara, deixando-me sempre com um tom levemente bronzeado.

Seus olhos eram grandes e de um castanho claro muito bonito. Ela vestia uma calça branca que se ajustava bem as suas poucas curvas, uma blusa amarela com um decote canoa, mangas até os cotovelos. Sua sapatilha era simples e preta, mas

PERIGOSAS ACHERON

até bonitinha. Minha estagiária não se vestia tão bem, mas eu não poderia culpá-la. Roupas boas eram caras e eu só pude me dar ao luxo delas já na fase adulta.

Já eu vestia uma saia preta até os joelhos e um top azul-marinho com um decote discreto. Meu salto não era muito alto, mas o suficiente para me elevar um pouco mais.

— Senhora, — ela começou falando baixo como sempre fazia e tossiu um pouco antes de continuar — eu queria saber se eu posso confirmar a presença da senhora no evento de sábado.

A menina falava parecendo que tinha medo de mim. Talvez ela realmente tivesse... Eu era uma pessoa que poderia facilmente intimidar e assustar alguém. Eu não fazia por mal, para crescer na vida, eu precisei me tornar quem eu sou hoje: dona de minha própria agência, não uma subordinada.

Eu tinha esquecido completamente desse evento. Era algo mais como um “pós-evento”, porque o evento já tinha ocorrido; e foi um sucesso. Agora para comemorar a empresa estava dando uma festa.

O evento realmente foi apenas um desfile e apresentação de uma nova coleção de roupas de uma empresa de grife; agora seria a comemoração. Eu não faltaria, porque, eu, com a minha equipe da agência, que tínhamos escolhido os modelos. A nova coleção de roupas era magnífica, mas, sem nós, os melhores modelos não iriam ter estado lá. O sucesso deles era o nosso também.

— Pode confirmar Victoria. Confirme que todos nós da equipe iremos.

Vi seu grande e genuíno sorriso surgir e aos poucos foi se desfazendo.

— Eu estou confirmada também?

— Claro! Você faz parte da equipe, tanto quanto qualquer um.

— Obrigada senhora.

Em questão de segundos ela saiu. Eu não era a melhor patroa do mundo, mas eu sabia como tratar uma boa estagiária, e eu sabia como era difícil o primeiro emprego e toda a insegurança.

O evento de sábado!

Como eu não pensei nisso antes?

Esse seria o melhor momento para achar o cara para fazer a propaganda da cueca boxer.

Precisávamos desesperadamente fechar esse contrato com a tal empresa. Eles além de pagarem muito bem, tinham um grande reconhecimento no mercado. Isso daria ainda mais visibilidade para a minha agência.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

II



Era uma quarta-feira,

daquelas que você não quer de jeito nenhum
levantar da cama! Para a minha sorte eu tinha que ir
à academia, depois encontrar o meu pai e ver se os
meus trabalhos estariam de pé.

Eu seguia a carreira de meu pai, como modelo.

Ele, também Christopher, era americano, mas filho de brasileiros, e, segundo ele, a ideia de pôr o seu nome também em mim, partiu de minha mãe, que gostava da forma que soava o “Christopher” acompanhado com o “Tyler”.

No caso, meu nome era uma compilação de estrangeirismo com brasilidade.

Christopher Tyler Menezes Stuart Júnior.

“CTMSJ”, as siglas de meu nome, soavam como siglas de uma empresa multimilionário — ou talvez como uma documentação legal, algo como CNPJ.

Meu pai era um dos modelos mais requisitados, não mais para desfiles.

Atualmente ele tinha 44 anos, mas mesmo

PERIGOSAS NACIONAIS

assim chamavam-no para eventos e comercias de alguma coisa. Já eu tinha 23 anos e todos diziam que eu era a cópia dele, tirando os meus olhos pretos, que eu tinha puxado de minha mãe, meu pai tinha os olhos mais azuis que eu já tinha visto.

Eu não sabia se eu gostaria de seguir essa carreira mais afundo. Tinha a plena consciência que, um dia, a beleza acabava e eu não viveria dela para sempre. Todavia, por enquanto, eu aproveitava e desfrutava de ganhar dinheiro pela aparência. Não faria mal a ninguém.

Como, atualmente, eu morava em um bom bairro de Salvador, capital da Bahia, eu percebia o quanto o mundo girava em função de *mais* dinheiro e *mais* beleza.

Era claro que aparência importava, não seria hipócrita, mas não queria viver dependendo disso para sempre.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Depois que eu vim para a cidade com meu pai, quando tinha meus 18 anos, eu aproveitei bastante das mulheres. Em Vitória da Conquista, onde eu cresci, eu tive um relacionamento com duradouro com Júlia. De vez em quando nós ainda nos falávamos.

Eu seria leviano em descrever Vitória da Conquista como apenas um interior. Era, na verdade, um dos mais populosos municípios do estado. Ficava no sudoeste da Bahia e seu tempo era normalmente mais frio, então, quando cheguei à Salvador, o tempo, aquele sol forte, foi a principal diferença que encontrei.

Como eu não levava as mulheres da capital para eventos que só poderia ir acompanhado — ou era melhor ir acompanhado. Eu chamava Júlia. Nós sempre nos planejávamos bem antes de sua chegada, porque, apesar de morarmos no mesmo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estado, a Bahia era enorme ao ponto de Vitória da Conquista para Salvador ser uma viagem de ônibus de mais de seis horas.

Quando ela podia, ela vinha ao meu resgate, mas nem sempre era assim. Júlia tinha 23 anos e era uma das mais novas médicas formadas em Vitória e ela amava o que fazia. Ela tinha simplicidade não só por ajudar os outros.

Alguns meses depois de formada, (ela tinha a sorte de ser adiantada no colégio), não demorou para Júlia ter emprego em dobro, porém quando se gosta do que faz, muitas horas de trabalho, não se torna algo ruim ou cansativo, pelo contrário.

O nosso relacionamento durou cerca de quatro anos, mas no final desses quatro anos vemos que não valia mais continuar, eu morava com meus pais no interior, até que eles se separaram quando eu tinha 11 anos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Minha mãe ficou devastada e surtou, ela dizia que meu pai tinha terminado com ela por causa de outra. Dois anos depois da separação ela se matou. Eu fui morar com a minha tia (materna) ainda em Vitória.

Meu pai não deu sinal de vida, ela estava em outro país e nós não conseguíamos falar com ele, foi então que comecei a acreditar que era por outra mulher. Durante meses não conseguimos falar com ele sobre o acontecido, ele só mandava o dinheiro da pensão.

Meses depois do suicídio de minha mãe, ele voltou ao país e descobriu o que aconteceu, ele queria me levar com ele para a cidade, mas eu não aceitei, durante o tempo que ele ficou fora minha tia tinha tomado minha guarda, e eu com meus quase 14 anos tinha me apaixonado pela minha vizinha, que era Júlia.

PERIGOSAS ACHERON

Demorou um tempo para eu confiar em meu pai de novo, mas quando eu já tinha feito 14 anos e estava namorando Júlia ele começou a se aproximar mais e começou a costurar a minha confiança quebrada, que por sorte não foi completamente.

Minha tia dizia que provavelmente o relacionamento dele com a *vagabunda* teria acabado. Lógico que ela não falava isso para mim, mas eu a ouvia sussurrar com meu tio.

Com o tempo meu pai novamente tinha minha confiança, até minha tia que tinha relutantemente negado que ele existia começou a amolecer.

Quando eu tinha 16 anos eu perdi minha virgindade com Júlia, meu pai foi o primeiro a saber, era bom ter alguém com quem pudesse conversar sobre sexo.

Por mais que eu amasse a minha tia esse não

era o tipo de assunto que falávamos, mas eu respeito imensamente minha tia Myrna, sem ela eu acho que não teria a mesma educação com as mulheres. Ela me dizia que se eu amasse uma mulher teria que lutar por ela, e que eu nunca, *nunca* poderia trair.

Eu concordava completamente com isso. Ainda mais, depois de tudo que passei com o relacionamento de meus pais — e a depressão de minha mãe — a última coisa que eu queria era fazer uma mulher sofrer.

Quando eu fiz 17 anos minha relação com meu pai estava 100% outra vez, como se nunca o fio da confiança tivesse partido, ele queria que eu fosse morar com ele, mas eu não queria deixar Júlia, nem meus tios e amigos.

Meus tios tinham me acolhido como um filho deles, porque minha tia era estéril e o que ela mais

queria era um filho homem. Eu tinha servido para alguma coisa de útil para ela.

Meu pai e eu fizemos um trato, dizendo que, quando eu me formasse e se quisesse eu iria para a capital com ele, mas se fosse minha escolha ficar, ele teria que aceitar.

Assim que eu me formei que foram poucos meses depois do nosso trato (e eu ainda tinha 17 anos) meu pai me disse que eu teria que decidi, e que na cidade seria bom para mim até as possibilidades de trabalho.

Eu pensei bastante sobre e quando eu fiz 18 anos percebi que seria melhor mesmo para mim. Todos me apoiaram, mas antes da minha viagem, eu e Júlia conversamos e decidimos que era melhor terminar.

Primeiro que: antes da sentença do término nós já não tínhamos mais o mesmo amor. O amor

PERIGOSAS NACIONAIS

que eu sentia por ela estava se transformando e eu já não a desejava como mulher, e sim, como amiga, e ela me disse o mesmo.

Com isso terminamos antes de nos machucarmos, e agora somos bons amigos. Eu ainda ia para Vitória quando tinha tempo, revia meus tios, meus amigos, e é claro, Júlia

Nesses cinco anos em que eu estava na cidade tinha feito bastante coisa, em questão de trabalhos e mulheres. Eu levei comigo as coisas que meu pai me ensinou sobre sexo, e levei comigo o que minha tia me ensinou sobre os sentimentos.



Eu estava entrando na academia enquanto encarava meu tênis e sem prestar atenção para nada

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quando uma menina surgiu na minha frente, chamando-me:

— Chris... — e sorriu.

Sorri por educação para a mulher, da qual não recordava-me o nome e assenti, passando direto antes de falar um nome errado e soar estúpido.

Pensei que ela me seguiria, mas não o fez.

— Irmão! — Ian, meu melhor amigo, tinha parado de correr em uma esteira para me gritar.

Eu ri.

Ian vestia apenas uma bermuda, ostentando seus músculos enquanto sua camisa servia a ele de lenço.

Ele tinha sido uma das primeiras pessoas que eu conheci na capital e logo me identifiquei. Era difícil achar um bom amigo, como ele.

PERIGOSAS ACHERON

— E aí! — fui a para a esteira do lado, Ian aproveitou a deixa e ligou à esteira dele novamente.

—

Sua pele negra era o contraste da minha. Ele tinha 25 anos, mas parecia ainda mais jovem.

— Você vai para a festa de sábado?

— Qual?

— A da empresa de grife, lá no centro de Lauro. Você foi comigo ao evento, e odiou porque não te chamaram para desfilar... Então, agora, é a festa de comemoração desse evento.

O centro de Lauro de Freitas, região metropolitana de Salvador, era longe de minha casa quando o trânsito não ajudava, se não fosse por isso, eu estaria em outra cidade brevemente.

Ian deu um sorriso torto e uma piscadela para uma menina que passava, e ela retribuiu, mas Ian

não saiu do lugar e ela não se aproximou. Depois comecei a me lembrar da festa que ele falava.

— Nem me lembre disso, fiquei com puta ódio por não terem me chamado para desfilar, mas acho que vou à festa.

— Você tem que ir! — dessa vez Ian olhou para mim. — Porque além de ter muita mulher gostosa lá, vai ser bom pra pegarmos contato. Não ligue que não te chamaram para o desfile, quem arrumou os modelos foi uma agência de publicidade e não a empresa que deu o evento.

— Não sabia disso...

— É, eu também não, mas um amigo meu falou que essa agência de publicidade só contrata os mais conhecidos. — olhando para mim Ian continuou — Tudo bem que seu pai é o Sr. Stuart, mas...

— Eu entendo! — cortei-o — Mas agora que
PERIGOSAS ACHERON

eu sei que tem essa agência de publicidade posso descobrir quem é o dono e tentar pegar o contato dele, caso ele esteja nessa festa.

— Acho que isso deve ser fácil. *Ela* com certeza estará lá, já que foram eles dá agência que contrataram os modelos para a empresa.

— Ela?

— Sim! Gênero feminino mesmo. É uma mulher que é a dona da agência.

— Bom saber! — eu tinha que ir para essa festa saber quem é e conhecer essa mulher.

Precisava de contatos e de trabalho. Estranho que, se essa agência era realmente tão conhecida, como Ian deu a entender, não entendia porque meu pai nunca tinha me falado dela.

Eu e Ian conversamos ainda mais sobre a dona da agência, ele dizia-me que não sabia o nome

PERIGOSAS NACIONAIS

da dona da agência, porque ela era muito difícil de se encontrar, *intencionalmente*, para não haver uma série de modelos desesperados atrás dela.

Eu ri. Não estava desesperado por trabalho, mas conhecê-la seria bom para ter ainda mais contatos profissionais.

PERIGOSAS ACHERON

III



Já era sexta-feira e até agora não tínhamos escolhido um modelo que a empresa aceitasse. A única esperança da agência conseguir esse maldito modelo era na festa de amanhã. Coisa que eu não estava muito ansiosa para ir.

Eu sabia que precisaria ir e fazer novos

PERIGOSAS NACIONAIS

contatos; encontrar meus clientes antigos, sorrir para todos que alguém me apresentasse, e, era claro, teria que ver aquele bando de velho estúpido com meninas que poderiam ser confundidas muito bem com suas netas e/ou as coelhinhas da playboy.

A maioria das mulheres desses tipos de eventos eram loiras. Eu, por outro lado, era ruiva. Ruiva natural, mas tinha pintado para deixá-lo ainda mais vermelho.

Os homens desses eventos eram todos previsíveis: se não eram velhos com suas garotinhas, eram senhores de olho nas meninas bem mais novas, já os homens mais novos eram extremamente narcisistas, sempre pensando em seu próprio umbigo e sua própria aparência. Poderiam até ser gostosinhos, mas a companhia era uma merda.

Eu sempre acabava sozinha. ‘Antes só do que

PERIGOSAS ACHERON

mal acompanhada' nunca me serviu tão bem.

— Victoria mande marcar uma reunião.
Agora. — falei a minha assistente enquanto saia e ia até a sala de reuniões.

Nós precisávamos urgentemente do modelo, e eu não tinha mais para onde correr a não ser fazendo uma reunião e mandando para todo um serviço para a festa de amanhã.

Aos poucos todos iam entrando na sala e tomando seu lugar. Em cinco minutos contados, Victoria havia conseguido chamar todos da agência que saíam de seus cubículos praticamente correndo para entrar na sala.

Quando todos já tinham se sentado eu resolvi dizer de vez o que eu estava pensando.

— Bem, como já sabem ainda não conseguimos o modelo para a campanha de cueca boxer. Como todos devem já estar cientes só
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pegaremos o contrato de gravar o comercial do preservativo se conseguimos esse cara. — fiz uma pausa olhando todos ao redor, pareciam atentos e penetrados.

— Então, amanhã terá a festa de comemoração ao sucesso que foi o desfile que produzimos. O sucesso do desfile foi graças a nós também e todos aqui têm o direito de ir amanhã e se divertir bastante, porém preciso de um favor de vocês.

— Outra coisa que queria comunicar antes é que, como não achamos esse cara eu tive que pedir mais tempo para a empresa — todos pareciam aliviados nessa hora, e eu também estava; a porra da empresa queria o cara para amanhã, mas como eu pedi mais tempo, eles aceitaram — mas eles já o querem escolhido até terça-feira, e se não tivermos eles cancelaram com nossa agência.

PERIGOSAS ACHERON

— Então o favor que eu preciso é que vocês trabalhem amanhã na festa atrás desse cara. Bem, meninas procurem por esse cara, e deem o número e o endereço da *empresa* para ele, mandem ele vim na segunda-feira pela manhã. Acho que vocês estão atentas com tudo que ele precisa ter, e como precisa ser não estão? — todas as meninas na sala assentiram para mim.

— Meninos, eu acho que vocês podem ser de grande ajuda para procurar esse cara. Vocês vão saber quando encontrarem um tipo viril que combinaria, eu tenho certeza que vocês vão saber quando o vê.

Eu sabia que eles identificariam esse homem, afinal, todos ou grande maioria que trabalhavam no *Hot Help* — eu tinha escolhido esse nome para a minha agência porque para mim funcionava como um trocadilho: Ajuda Quente — eram de homens e

PERIGOSAS NACIONAIS

mulheres que um dia foram modelos, ou algo da mídia, alguns perderam a fama, outros trabalhavam por prazer.

— E a garota que fará par com o modelo no comercial do preservativo? — Benjamin perguntou.

Eu conhecia Benny desde pouco antes de abrir a minha agência, que hoje já tinha quase dez anos, comecei ela cedo com a ajuda de meu fodido ex marido, que, no mínimo, para isso serviu.

Benny tinha sido um modelo de muito sucesso e era atualmente aposentado nessa carreira, ele se recusava até a fazer *merchandising*. Dizia que não queria mais estar nos holofotes e que o que eu pagava era o suficiente para ele viver bem, junto com o dinheiro que ele havia acumulado durante sua carreira. Eu invejava isso dele, Benny não queria mais do que podia ter, ele era feliz com o que tinha, sem reclamar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele era como minha mão direita na agência, sempre que eu estava ausente, ele assumia. Por algo que ele nunca me disse, ele nunca quis ser meu sócio. De vez em quando era uma merda não ter um sócio para me ajudar mais, mas tirando Benny, eu não confiaria dividir minha agência com mais ninguém.

Benny tinha um corpo maravilhoso e com seus trinta e sete anos, seu espírito jovial o fazia parecer muito mais novo.

Meu amigo estreitou seus olhos cor de caramelo para mim e disse:

— Não vamos contratar a menina?

— Oh, sim! Vamos contratá-la, mas como tive que pedir mais tempo para apresentar o modelo, eles decidiram que a modelo pode ser escolhida depois. Caso eles, nessa terça, aceitem o garoto.

PERIGOSAS ACHERON

Estranhei um pouco porque ninguém na sala tinha protestado ou feito algum som de desgosto quando disse sobre eles caçarem o modelo gostoso.

Se bem que acho que não será uma tarefa difícil para as meninas.

— Para encerrar preciso saber se alguém tem algum tipo de objeção. — nada, ninguém disse um pio. — Ok, voltem aos seus trabalhos!

Quando todos tinham saído só restou eu e Benny na sala, ele se virou na minha direção, parecia que ele tinha algo em mente.

— E você?

— Eu o quê?

— Você manda todos nós caçarmos esse *boy magia* que até agora nenhum serviu, mas tenho certeza que nenhum deles terá um olhar tão afiado para escolher alguém como você tem. — ele fez

PERIGOSAS NACIONAIS

uma pausa encolhendo os ombros para parecer menor.

Ele era a única pessoa que eu conhecia que não ficava intimidado com minha presença, pelo contrário, ele já tinha me feito corar de vergonha, o que era quase impossível acontecer comigo.

— Então eis que minha pergunta surge: e você vai *caçá-lo*?

“Caçá-lo” dava uma definição totalmente diferente do que eu faria. Parecia até que iria para uma noite de bebedeira para caçar algum macho gostoso e viril para obter uma boa transa selvagem.

— Sim.

— “Sim” o quê, Agatha? — Benny sorriu me dando aquele lindo sorriso com covinhas. — Me diga, em alto e bom tom.

Eu sorri.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim Benny, eu também vou *caçá-lo!*

— Esta é a minha garota. — Benny disse e bateu na minha bunda me fazendo sorri mais.

PERIGOSAS ACHERON

IV



— *Vamos Júlia,* você precisa vir ao meu socorro! — exagerei no celular enquanto falava com a minha ex.

Eu precisava urgentemente de um par para a festa do sábado, que no caso, era amanhã, e eu não queria de jeito nenhum levar qualquer uma ou ir sozinho. Eu queria levar Júlia porque ela sabia

PERIGOSAS NACIONAIS

fazer o papel de “estou-interessada-no-que-os-senhores-falam”, mesmo quando eu sabia que ela estava com a cabeça em outro planeta.

— Devo ir com que roupa? — Júlia cedeu, depois de tanto eu insistir.

— Vá com o seu vestido mais bonito.

— Você vai querer o que lá?

— Conhecer pessoas, mas principalmente uma.

— Uma? — o tom de Júlia era definitivamente de curiosidade.

— Sim. Ouvi falar que ela é dona de uma agência de publicidade que contrata modelos. Preciso conhecê-la! Quem sabe ela me chame na próxima vez?!

— Qual o nome da agência? — Júlia sempre me fazia várias perguntas desse gênero, porque

PERIGOSAS ACHERON

quando chegávamos ao evento ela era uma mão na roda, e me ajudava a procurar o que ou quem eu precisava.

— Acho que é *Hot Help* — fiz uma pausa para uma respiração profunda — mas eu não sei como ela é só sei que o nome dela é Agatha Lancellotti.

— Não achou nenhuma foto dela?

— Não, pelo visto ela se esconde bem.

— Ou você não sabe procurar. — ouvi o riso de Júlia do outro lado da linha — Como você não conseguiu achar a foto de uma dona de uma agência famosa?

Eu bufei e Júlia começou a rir.

— *Tá*, talvez eu não saiba procurar, mas eu também não quero saber quem ela é antes da hora. Sei seu nome, ela tem 32 anos e é separada... —

PERIGOSAS NACIONAIS

parei abruptamente, pois eu sabia muito bem que conclusão Júlia tiraria disso.

Ian era quem não sabia bem das informações. Descobri sobre ela em uma rápida pesquisa, mas não quis saber muito. Eu gostava de me surpreender e tinha outros motivos também.

— Então você acha que tem chance com ela?
— Júlia riu ainda mais, eu a amava, sem dúvida, mas ela adorava me encher com coisas que eu nem sequer tinha dito.

— Nãaaao! Eu só quero conhecê-la, *beleza*?

— Mas por que então você não procurou sua foto?

— Não sei, achei melhor não ver.

— Por quê?

— Porque eu sou louco, satisfeita? — Júlia riu ainda mais, mas dessa vez eu ri junto com ela.

PERIGOSAS ACHERON

Era claro que eu e ela sabíamos o porquê para eu procurar a foto. Eu tinha um problema que era: eu adorava ser surpreendido, como já havia dito, se por acaso eu visse a foto dela antes da hora, e se alguém me apresentasse a ela, eu não saberia fingir que nunca a tinha visto, provavelmente eu deixaria escapar que procurei saber dela pela internet.

— Chris, a gente sabe que você não sabe fingir. Você é um péssimo ator, até mesmo com coisas pequenas como essa seria.

— Isso não seria fingir, seria mentir. Mentir fingindo que nunca a vi antes, e você sabe que eu não consigo mentir, nem fingir para mulher alguma. Não depois de tudo.

Pude sentir que Júlia parou de rir, ela sabia muito sobre mim, na verdade, tudo sobre mim, ela esteve comigo nos momentos mais difíceis da

PERIGOSAS NACIONAIS

minha vida, e ela sabia que depois de tudo que aconteceu com minha mãe, que ficou alucinada pelo fato de meu pai mentir e enganá-la, eu simplesmente não conseguia fazer o mesmo com uma mulher. Eu tinha medo do que uma mulher faria se eu mentisse para ela, mesmo em situações pequenas, eu ficava angustiado por mentir ou mesmo fingir para uma mulher.

— Oh, eu sei. — disse Júlia mais séria, ou talvez, triste.

— Está tudo bem, Júlia! Preciso desligar, eu tenho ainda que comprar minha roupa para a festa.

— Certo, vou sair daqui hoje e também escolher o vestido.

— Onde te pego?

— No hotel.

— Não vai vir direto para meu apartamento?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, mas pode ser que eu durma nele, porém vou direto para o hotel quando chegar na cidade.

— Ok! — disse antes de desligar.

Júlia tinha a cópia da chave do meu apartamento. Era a única que eu tinha coragem de dar, mesmo meu amigo Ian não tinha. Tínhamos um acordo simples de que quando ela viesse para a cidade, mesmo sem avisar, que ela pudesse ir direto para meu apartamento. Algumas vezes, como hoje, ela preferia ir direto para o hotel, pois, no mínimo, nele, ela teria comida decente.

Sempre antes dela vir a cidade eu comprava tudo que ela gostava no mercado, mas Júlia dizia que ela dava trabalho demais. Não dava nenhum trabalho, na verdade, eu amava quando ela vinha. Além de eu amar também quando ela cozinhava para mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu não levava mulheres para meu apartamento, a única era Júlia e mais nenhuma. Quando queria foder, as levava para motéis. Era mais simples no dia seguinte. Eu não era um bastardo estúpido. Mas eu gostava da simplicidade de foder em motéis. No dia seguinte em motéis, simplesmente íamos embora, já no meu apartamento eu teria que dispensá-las educadamente.

Eu não fazia o tipo de cara que gostaria de ter um café da manhã romântico com uma foda casual. Poucas mulheres entendiam o real significado de “casual”. Não sei qual era o problema da maioria das mulheres de querer tanto ter um relacionamento. Eu estava bem da maneira que estava. Já tinha tido minha cota de relacionamento na adolescência e queria aproveitar minha vida de solteiro na fase adulta... Que era definitivamente a

PERIGOSAS ACHERON

melhor fase para ser um solteiro convicto.



Mais tarde daquele mesmo dia, eu já tinha comprado a roupa, e Júlia já estaria feito o mesmo, e provavelmente ela estaria a caminho para o hotel, ou estaria lá em poucas horas.

Em algumas horas a festa começaria.

V



Era enfim a porra do

sábado! Finalmente *e* infelizmente. Hoje era a nossa última chance de achar um modelo perfeito.

Tínhamos muita chance de achá-lo na festa, mas, por outro lado, se não achássemos, perderíamos

PERIGOSAS NACIONAIS

essa grande campanha dois em um, onde achando um modelo para as cuecas também participaríamos da campanha dos preservativos. Era tudo ou nada.

Meu celular vibrou no banco do passageiro da minha Mercedes. Eu estava voltando da agência. Eu tinha dado os últimos toques sobre o homem que precisávamos. Agora eu estava dirigindo para ir à minha casa. Faltava algumas horas para a festa começar, mas eu tinha ainda algumas coisas do trabalho para resolver em casa, então, depois, escolheria o vestido em uma boa loja que era perto de minha casa. Ainda tinha maquiagem, cabelo e uma depilação nas pernas já marcada.

— Alô? — falei colocando o celular no viva voz e deixando-o em meu colo.

PERIGOSAS ACHERON

— Oi, uh, sou eu... Victoria. — minha assistente/estagiária soava nervosa, mas ela não estava mais do que eu.

— O que você quer, Victoria? Acabamos de nos ver na agência.

— Eu sei, me desculpe, é que... — ela fez uma pausa então continuou como um jato — eu achei que, bem, *uh*, a senhora poderia me ajudar a escolher o meu vestido... Eu não tenho muito dinheiro para alugar ou comprar algum, mas acho que o que tenho dá para algo bom.

Senti-me um pouco culpada, eu normalmente vivia estressada, e sabia que jogava a culpa em cima dela, mesmo ela não fazendo nada errado.

— Você pode passar na minha casa em uma hora? Nesse tempo dá para eu terminar alguns trabalhos pendentes, é pouca coisa mesmo.

— E de lá vamos numa loja que a senhora
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

frequenta? — Victoria soou um pouco feliz, mas, ao mesmo tempo, desanimada, eu sabia que ela não teria dinheiro para alugar ou comprar nada nas lojas que eu frequentava.

— Não... Quer dizer, se você não se incomodar eu posso te dar um vestido meu, que acabei nunca usando, mas, ainda assim, eu preciso passar na loja para comprar o meu vestido, se você não se incomodar em me acompanhar...

— Oh, eu adoraria ir! E aceito o vestido, obrigada! Muito obrigada! — agora sim, ela estava definitivamente animada e feliz.

— Mas você ainda nem viu o vestido...

— Se foi a senhora que comprou deve ser lindo.

— Obrigada! Te vejo em uma hora então.

— Até lá!

PERIGOSAS ACHERON

Desliguei o celular e quando me dei conta já estava entrando no condomínio onde morava. Ultimamente eu estava tão no automático que nem mal dava-me conta.



Poucas horas mais tarde eu e Victoria estávamos prontas. Eu tinha escolhido um vestido vermelho como uma fenda que ia até a coxa. Era um vestido estilo Jéssica Rabbit, menos vulgar, mais sensual.

Levei um enorme casaco de camurça preto que Benny comprou para mim e eu nunca tinha usado. Se ele não me visse usando agora — no mínimo — não me perdoaria.

Victoria ficou com meu vestido preto que

PERIGOSAS NACIONAIS

tinha as costas nuas, porém tinha uns traços do próprio pano do vestido que não deixava as costas completamente à mostra. Ele era curto, mas para ela que era tão jovem e bonita ficava como uma boneca.

Eu já tinha também feito minha depilação nas pernas, e Victoria tinha feito a maquiagem e o cabelo no mesmo lugar que eu. Deixavam por conta da casa, já que eu sempre frequentava o salão. Victoria decidiu deixar seu cabelo com cachos e solto, já eu optei pelo coque clássico.

Alguém tocou a campainha.

— Senhora, podemos ir? — o homem que estava na porta, só podia ser o motorista que eu tinha contratado para levar a mim e a Benny, e agora a Victoria.

Olhei para o carro e vi que Benny já estava nele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ah claro, então é por isso que o porteiro não me avisou que o motorista chegou!

— Desculpe a minha falta de educação, sou Roger, e sou o motorista contratado.

— Sim, certo — fez uma pausa — Sou Agatha, prazer.

Roger abriu um sorriso sem dentes.

— Vamos logo baby, não temos o tempo todo! — Benny gritou pela janela da limusine.

Me virei para chamar Victoria que já estava ao meu lado.

— Vamos?! — perguntei a ela pegando minha bolsa.

— Sim, claro.

Roger abriu a porta da limusine para nós duas, assim que entramos Benny abriu um sorriso caloroso e beijou nossas bochechas.

PERIGOSAS ACHERON

— Não sabia que Victoria vinha com a gente também. — ele disse.

— É que... — Victoria começou meio sem jeito.

— Não, tudo bem. — eu falei, colocando minha mão em seu ombro — Eu a convidei, ela precisava de uma ajuda para escolher o vestido e *violá*. — gesticulei para o vestido que ela usava.

— Nossa! Este é realmente lindo, Vicky. — Benny tinha esse jeito fácil de conquistar as pessoas e fazê-las ficar confortáveis.

Benny além de usar um apelido para ela, fez-se de desentendido. O mesmo sabia que aquele vestido era meu, mesmo ele sabendo também que eu nunca o usei. Embora, ele não cometeu a gafe de falar algo sobre e constrangê-la.

— Na verdade, estamos lindos. Olhem para nós! Somos gostosura pura.

PERIGOSAS NACIONAIS

Victoria pareceu tranquila e riu e eu ri também. No final do trajeto estávamos os três rindo e descontraindo bastante.

PERIGOSAS ACHERON

VI



— *Como estou?* —

perguntei com um sorriso grande para Júlia.

Estávamos na frente do hotel que ela estava

hospedada enquanto o nosso motorista estava

esperando na frente do Bentley alugado.

— Lindo, Tyler! E eu? — Júlia era a única que me chamava pelo meu segundo nome.

Júlia parecia um pouco envergonhada, não entendia o porquê, ela definitivamente estava linda com seu cabelo loiro solto e vestido de mangas compridas, com costas nuas. O vestido era lilás, que ficava lindo na pele pálida de Júlia. Ele era curto, um pouco acima dos joelhos. Seu salto alto era preto, mas mesmo de salto ela era ainda menor que eu.

— E então, estou tão mal assim?

— Você parece uma boneca, Srta. Cortês. — sorri para ela e ela devolveu o sorriso.

Seus olhos verdes-esmeralda brilharam e ela pareceu ainda mais linda, ela tinha algo que fazia qualquer um gostar dela, ela era um pouco, PERIGOSAS ACHERON

digamos assim, angelical.

— Puta merda! Vou fazer inveja nos outros homens.

Júlia sorriu, mais uma vez, e me deu um soco de brincadeira no ombro.

— Exagerado, *Sr. Tyler*.

— Você só diz isso porque você não se vê com meus olhos e dos outros machos.

Era claro que eu agora só via Júlia como uma boneca perfeita e angelical, mas os outros homens veriam como algo para se desvendar.

Quem não gostaria de ver o que tinha por trás do anjo?

Sorte minha que ela não deixava ninguém “desvendá-la”. Depois de mim ela só teve outros dois homens namorados, com quem teve relacionamentos duradouros. Um de um ano e outro

de dois anos.

O primeiro acabou porque ela se dedicava demais ao trabalho e o segundo porque o namoro já não tinha mais química.

A parte da “sorte minha” era porque se ela ficasse com qualquer um, *talvez*, não tivéssemos tanto contato.

— Okay! Deixe de me galantear e vamos para a festa!

— A senhora que manda.

Estávamos dentro do Bentley quando Júlia perguntou:

— Legal este carro! Seu pai que te deu o dinheiro para o aluguel dele e do motorista?

— Não, eu tenho o meu dinheiro! — respondi, mas Júlia me olhou acusatoriamente e eu levantei minhas mãos em sinal de rendição. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Admito que ele me deixou um bom dinheiro, mas isto aqui — gesticulei para o carro e o motorista — eu paguei com meu dinheiro.

— Bom! E por falar no Sr. Christopher Pai... Onde está ele?

— Me encontrei com ele na quarta passada, ele disse que ia viajar. — Lembrei-me da quarta-feira que eu tinha levantado da cama com esforço e fui para a academia, e nesse dia, por sinal, que Ian tinha me falado dessa festa de sábado.

Nessa quarta, meu pai estava com tanta pressa que nem pude perguntar a ele sobre a agência e a tal de Agatha. Ele simplesmente me encontrou em um bar, onde só eu comi e ele falou que viajaria e não teria data certa para voltar. Então me deu dinheiro suficiente para meses com regalias, mas eu ainda, nem sequer, tinha usado esse dinheiro. E me sentia melhor assim!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— A trabalho, imagino... — Júlia me fitava sem hesitar.

— Sim, como sempre. — concordei.

— E como está a relação de vocês?

— *Numa* boa, não tenho do que me queixar.

Olhei pela minha janela e vi que já estávamos no local da festa. Barulho. Pipocar de flashes. Vestidos com cara de caríssimos. Homens de terno. Carros importados. Limusines. Tudo isso junto em um único lugar.

— É, acho que chegamos. — brinquei.

Júlia olhou pela sua janela e sorriu.

— Definitivamente.

PERIGOSAS ACHERON

VII



Acho que todo mundo diz

isso, mas eu odiava aquele tipo de festa, aquilo para mim era o acúmulo da futilidade... E, eu, infelizmente, fazia parte dele.

— Está entediada, né? — Benny me perguntou sentado no meu lado do bar.

Sim, naquela festa tinha um bar, e, por sinal,

um muito bom!

Benny tirou minha bebida da minha mão e tomou tudo em um único gole. Arregalei meus olhos para ele, e ele apenas sorriu.

— Não me odeie por dizer isto, mas, você está horrível sentada bebendo como uma velha solitária, baby.

— Eu sou uma velha solitária.

Ele riu.

— Você, Agatha, é, sem dúvida, uma das mulheres mais bonitas desta festa.

— *Uma das?* — fiz-me de descontente — Você sempre me disse que eu era a única! O que aconteceu para mudar esse seu pensamento?

— A Branca de Neve apareceu. — ele riu, e eu não deixei de rir também.

— Então, quer dizer que eu sou a bruxa?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Uma bruxa muito gostosa, *talvez*. — ele respirou fundo para se recompor — Mas como eu ia dizendo, nossa querida Victoria e o resto da equipe está procurando pelo *boy magia*, mas eu sei que eles nunca vão escolher tão bem quanto você ou eu... Então, que tal, nós dois juntos vermos o *boy*?

— Como assim “vermos o boy?” Você já o escolheu?

— Sim, mas quero seu consentimento. — Benny gesticulou para a pista de dança onde tocava umas músicas até animadas demais para o meu gosto — Ele veio com a Branca de Neve loira. Conversei com ela e a mesma me disse que eles são só amigos. — Benny deu um sorriso malicioso para mim e eu revirei os olhos.

— Branca de Neve loira, uh? — tentei mudar o foco de Benny.

PERIGOSAS ACHERON

— Vocês não têm absolutamente nada a ver, mas ela, com certeza, é uma das mais bonitas da festa... Junto com você, é claro. — ele fez uma pausa, como se pensasse bem o que ia dizer — Ela é angelical e você é quente. — Benny estreitou a testa e balançou a cabeça — Mas não tente mudar meu foco! Você tem que conhecer o garoto!

— Qual o nome dele?

— Não perguntei isso a ela, se não ia soar estranho. Apenas, *como quem não quer nada*, perguntei se eles namoravam, pois antes dele começar a dançar eles estavam de brancos dados, mas ela respondeu que eram amigos, logo me despedi e vim aqui. — dessa vez Benny já estava puxando minha mão e me levando para a perto da pista de dança.

— Por que você precisa que eu veja esse garoto, — fitei Benny — se você, pelo visto, já o

escolheu?

Eu sorri e ele também, era mais que claro, que ele tinha absolutamente escolhido o cara.

— O que ele pode ter de tão especial para eu ter que ver? Você sabe que você poderia convidá-lo a estar na agência na segunda. Não precisa do meu consentimento com isso...

— Cala boca, mulher! — Benny sorriu, agora maliciosamente — Você tem que ver porque ele simplesmente fez todas as mulheres da pista de dança babarem por ele. E ele nem sequer está seduzindo ninguém!

— Como assim?

— Olhe, baby! — Benny tocou no meu queixo e delicadamente virou o meu rosto para a pista de dança.

Sem querer soltei um baixo gemido. Não

fazia a mínima de onde aquele gemido tinha vindo, mas veio.

Benny não precisou, nem sequer, apontar para o garoto em questão. Eu já o via dançando completamente *tentador* e seduzindo todas as mulheres. Mas ele não dançava para elas ou para a garota que estava com ele, que logo reparei quem era, porque o blazer dele estava no braço dela.

Ele usava roupa social, calça social, gravata e camisa social, mas, isso não o deixava velho, porém mais jovial do que qualquer um com uma roupa social ficava. Ele deveria ter no dia a dia um estilo meio grunge. No mínimo era isso que ele me fazia pensar pela forma que ele se encaixava naquela roupa: largado, despojado e sem tentar ser perfeito.

Sua gravata estava frouxa em seu pescoço, as mangas da camisa social branca estavam

arregaçadas até os cotovelos, deixando notável seus músculos.

Algumas vezes ele passava suas mãos por seu cabelo comprido, fazendo assim seus músculos flexionarem... E eu suspirar.

Ele dançava para si, era um jeito sexy e despojado, mesmo a música sendo uma batida frenética e sem lógica, mas ele dava alguma lógica aquela música sem sentido e para aquela pista de dança.

Ele dançava sorrindo. Algumas vezes ele desvia sua atenção da sua dança e sorria para a garota com ele, outras vezes, ele sorria para todas as outras “garotas” que estavam na pista de dança.

Bem, “garotas” não seria o termo certo para se usar. Tinha várias garotas em torno de vinte à trinta anos, mas também senhoras, que eu sabia que eram viúvas, com seus quarenta à cinquenta. Todas

sorriam para ele, querendo à sua atenção.

Todas queriam à sua atenção, mas ele agora só dava sua atenção para uma única... A mim.

Ele olhava fixamente para mim e eu não conseguia desviar meus olhos do dele. Ele era alto, deveria ter seus 1,90. Seu corpo deixava transparente, mesmo pela roupa social, que ele passava muito tempo na academia.

Eu nunca fui fã de homens que cultivavam seu corpo de uma forma anormal, mas, ao ver e desejar o corpo do garoto, percebi que eu poderia ser uma fã número um de malhados. Contanto que fosse um homem como aquele.

Seu cabelo era preto um pouco comprido demais para meu gosto, (acima dos ombros), mas dava a ele um ar de menino ao mesmo tempo em que a barba dava um ar de mais maduro.

Sua barba era bem-feita... Tão sexy! E ficava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tão bem nele. Eram poucos homens que conseguiam ficar daquele jeito mesmo com barba.

Ele ainda me fitava com seus olhos pretos. Um preto que me chamava, tão preto que dava vontade de mergulhar ali em todas suas sombras e escuridão. Ele tinha uma mistura de Johnny Depp com Dave Grohl, porém, ambos, uns vinte anos e poucos atrás.

— E então? — Benny perguntou me tirando do transe.

— O quê? — agora eu olhava fixamente para Benny, que sorria de um jeito perverso. — O quê? — repeti.

— Vá até ele! Eu sei que você quer.

— Não! Claro que não vou! — Benny me olhava com uma sobrancelha erguida, me pressionando a assumir — Certo! O garoto é gostoso...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Gostoso, uh? — desta vez Benny deu um sorriso perverso meio sinistro.

— Sim, o mais gostoso, sexy e atraente desta festa, mas eu não posso simplesmente ir até ele. E, também, todas as mulheres da pista de dança já estão fazendo isso por mim!

— E se ele chegasse até você?! — e isso não era uma pergunta, ele estava gesticulando para alguém atrás de mim.

Ah, não!

Merda, merda, merda, merda, merda...

PERIGOSAS ACHERON

VIII



*Eu dançava feliz sem ligar
para quem me olhasse — e muitas
estavam me olhando —. A música era eletrônica,
numa batida maluca.*

Eu sorria para Júlia que estava num canto
com meu blazer no braço. Ela odiava dançar, dizia

PERIGOSAS NACIONAIS

que passaríamos vergonha por causa dela. Sendo assim, não insisti para ela dançar comigo, até porque música eletrônica não se dançava junto.

Quando eu comecei a dançar a pista estava quase vazia, tocava umas músicas melódicas demais para mim. Mas eu fui conversar com o DJ e ele disse que não faria mal algum colocar algo mais agitado, aceitando colocar eletrônica.

Quando eu comecei a dançar ainda tinha pouca gente em volta. Talvez com vergonha, talvez não sabiam como dançar. Eu ensinei alguns passos básicos para alguns homens que se aproximaram, depois outros que já sabiam começaram a dançar. As mulheres ainda estavam distante, mas logo começaram a vir pedindo-me para ensiná-las a dançar. E em alguns minutos a pista estava cheia.

Olhei de novo para Júlia que continuava no canto sorrindo para mim, sorri de volta para ela.

PERIGOSAS ACHERON

Ainda sorrindo olhei para todas em minha volta quando meu olhar pousou em uma mulher de vestido vermelho que também olhava para mim.

Ela não só me olhava, ela me comia com os olhos, e, pela primeira vez, eu gostei de ver aquilo em alguém.

Normalmente quando alguma mulher me olhava demais eu não ficava com tanto interesse. Deixavam transparecer que eram uma conquista fácil. No entanto, quando enxerguei *aquilo* nos olhos na mulher de vermelho eu gostei de um jeito novo.

Ela era realmente linda, não aquelas mulheres lindas com beleza enjoativa, mas uma mulher de verdade. *Completa*.

Seu vestido vermelho era de alça, que, de uma forma sexy, delineava seus seios. Ele era longo e uma fenda que começava na coxa,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

deixando sua perna à mostra me fazia engolir em seco.

Encarei até mesmo seu sapato preto. O salto era vermelho vinho, o sapato era fechado, mas com alguns detalhes que brilhavam. *Completamente tentador.*

Ela era morena clara, deixando sua pele parecer naturalmente bronzeada. Seu rosto era perfeito, com expressões fortes e selvagens. Olhos azuis tão brilhantes que, mesmo na distância que estávamos, eu poderia notar seu brilho.

Sua boca era simétrica e gostosa, com um batom cor de boca que destacavam ainda mais seus lábios, eu umedecia os meus. O cabelo dela estava com um coque, mas, mesmo assim, deu para perceber que era ruivo, um tom claro de vermelho.

Ela era uma ruiva dos olhos azuis. Uma raridade. Um pecado. *Uma tentação.*

PERIGOSAS ACHERON

Um homem estava ao lado dela, e ele tinha falado alguma coisa para fazê-la olhar para ele, dando as costas para mim.

Andei devagar em direção a eles. Antes de estar perto o bastante para ouvir bem o que eles falavam, entendi que o amigo dela disse algo como “Gostoso, uh?”. Não compreendi se ele queria que ela confirmasse ou se ele estava repetindo o que ela falou.

Não precisei pensar muito sobre quando pude ouvi-la dizer:

— Sim, o mais gostoso, sexy e atraente desta festa, mas eu não posso simplesmente ir até ele. E, também, todas as mulheres da pista de dança já estão fazendo isso por mim!

— E se ele chegasse até você?! — o amigo dela estava gesticulando para mim.

Antes da dama de vermelho tentadora se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

virar, eu sussurrei em seu ouvido:

— Fico lisonjeado.

PERIGOSAS ACHERON

IX



Nossa! Isso foi o máximo que eu conseguir pensar quando ouvir a voz dele tão próxima a mim. Sua voz era um pouco rouca, mas aquela rouquidão que te leva às nuvens. Por uma louca fração de segundos imaginei aquela voz

tentadora sussurrando meu nome enquanto gozava para mim...

Sua voz fez meu corpo todo arrepiar e praticamente entrar em combustão, apenas pela sua aproximação.

— Olá, prazer. Eu me chamo Benjamin, mas todos me chamam de Benny. — então assim, sem mais, nem menos, ouvi Benny se apresentar ao garoto, me tirando completamente das minhas fantasias insanas.

Benny estava do meu lado com a mão estendida. O garoto não hesitou em pegar a mão de Benny.

— O prazer é meu! Eu me chamo Christopher, mas todos me chamam de Chris. — disse o garoto sorrindo para Benny que retribuiu o

PERIGOSAS ACHERON

sorriso caloroso do rapaz.

Naquele momento estava tão enfeitiçada pelo garoto que nem pensei na coincidência do nome Christopher, porque a beleza dele me distraia, mas esse era o problema: a beleza dele. Eu sabia que tinha algo de familiar nele, além daquele nome que me lembrava de tantas coisas do passado.

— *Chris*, esta é minha amiga... Agatha, Chris; Chris, Agatha.

Merda, eu não sabia direito como agir.

O que diabos está acontecendo comigo?

— Prazer! — disse categoricamente.

Eu agora estava em frente à Chris e ao lado de Benny.

Chris ainda sorria, mas, dessa vez, o sorriso era só para mim. Ou assim eu acreditava.

— Prazer! — Chris estendeu a mão para

mim.

Hesitei uns segundos, mas depois o cumprimentei. Sua mão era fria, mas forte e decidida e eu pude perceber isso somente com o seu aperto. Ele demorou mais que o necessário para afastar sua mão da minha e quando assim o fez seus dedos deslizaram por minha palma. Embora, não por tempo demais para ser invasivo.

— Ouvi falar de você. — Chris disse bem na minha frente.

Não houve tempo para eu perguntar de onde, porque sua acompanhante pôs-se ao seu lado.

Ela era linda. Parecia uma princesa sexy usando um vestido curto. Seu vestido era lilás e a deixava com um toque jovial. Ela conseguia ser ainda mais bela porque tinha olhos penetrantes cor de verde-esmeralda.

— Essa é minha *amiga* Júlia; Júlia estes são PERIGOSAS ACHERON

Benny e Agatha. — percebi de imediato que Chris usou uma ênfase na palavra “amiga”.

— Prazer! — Júlia estendeu sua pequena mão, com um largo sorrindo para mim e Benny.

— Prazer, Júlia. — Benny disse, enquanto cumprimentava-a, voltado para Chris ele perguntou: — Que mal lhe pergunte, mas é Christopher de quê? Tenho a impressão que já te vi em algum lugar.

Enquanto Christopher abria a boca para responder meu celular vibrou. O mesmo estava em minha mão, já que eu havia deixado minha bolsa e casaco em uma pequena sala da festa, mas não pude deixar meu celular longe de mim, porque, basicamente, eu estava ali a trabalho.

Rapidamente cumprimentei Júlia dizendo o metódico “prazer” e pedi licença para atender ao celular.

PERIGOSAS NACIONAIS

Na linha era Victoria. Distante o bastante deles, eu atendi:

— Sim?

— Uh, oi. Eu só liguei para avisar que já estou indo embora.

— Ok, tudo bem! — falei séria demais, então fiz uma pausa e acrescentei — Algum problema?

— Não, nada. É que eu não estou me sentindo muito bem e eu não conseguir achar ninguém bom o suficiente para a campanha. *Sinto muito.*

Meu pensamento voou para Christopher, mas algo me dizia que não seria bom chamá-lo para essa campanha. Não que ele não fosse bom o suficiente, mas, porque *eu*, sabia como seria tentador e louco trabalhar com ele sem poder fazer nada.

Merda!

Eu não deveria querer fazer nada com ele. O

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

garoto deveria ser uns dez anos mais novo que eu e, além disso, havia algo de familiar nele. Até mesmo Benny parecia ter sentindo tal familiaridade.

— Eu entendo! Saúde em primeiro lugar. — fiz uma pausa para soltar a respiração — E como você voltará para casa?

— De táxi, já o chamei.

— Certo! Até segunda. E cuide-se.

— Obrigada! Até mais.

Finalizei a ligação e voltei para onde estava, mas agora só estava Benny.

— Tudo bem? — perguntei colocando minha mão no ombro de meu amigo para chamar sua atenção para mim — Pensei que você não deixaria o menino sair daqui tão cedo...

— Não é isso... Você não imagina o que eu descobri dele.

PERIGOSAS ACHERON

— Nossa! — coloquei uma mão sobre meu coração — E isso foi forte o bastante para nem chamá-lo para a campanha? — sorri — Ele é um *serial killer*?! Adivinhei? — comecei a rir, mas logo parei quando notei que Benny nem sequer mostrou os dentes.

Quando ele começou a falar, estava sério demais:

— É, não chamei. Você precisa saber o que eu sei dele...

— Depois, depois. Estou a fim de ir embora *também*. Pegarei meu casaco e bolsa que deixei no closet horrível e mal iluminado. — tentei, mais uma vez, sem sucesso, levantar o astral de Benny que, novamente, não sorriu, nem um pouco. — Se você não quiser ir, tudo bem...

— Eu vou! Na limusine nós poderemos conversar sobre o Christopher... — Benny fez uma
PERIGOSAS ACHERON

pausa franzindo o cenho — Quem mais vai embora, além de nós?

Comecei a pensar na pergunta de Benny, mas logo me dei conta que eu havia dito que eu queria ir embora *também*.

— Ah, sim! Victoria está indo, algo como um mal estar, eu acho. Foi ela que me ligou para avisar e que não achou ninguém a altura para a campanha.

— Entendo. — ele assentiu — Vá pegar seu casaco, enquanto isso vou tomar mais um destes. — Benny falava apontando para o Martini que ele bebia — Mais tarde temos que ligar para Victoria, para ver se está tudo bem com ela. — ele disse como fosse uma nota mental: *ligar para Victoria*.

Não quis questionar, nem adicionar nada, apenas entreguei meu celular, para ele guardar em seu bolso e fui atrás do meu casaco no péssimo

PERIGOSAS NACIONAIS

closet da festa...

O segurança do mesmo procurou pelo meu nome em uma lista e me deu um ticket com um número impresso. Entrei na microssala e procurei pelo número correspondente ao ticket para achar meu casaco e finalmente ir embora...

PERIGOSAS ACHERON

X



*Depois de eu ter falado um
pouco de mim para Benny,* percebi que

ele educadamente tentava se afastar. Mesmo sem
entender nada e querendo muito conhecer melhor

Agatha, resolvi, como cavalheiro, me afastar dele,

mas, não necessariamente, me afastar dela.

—... Quem poderia imaginar? — já distante de Benny ouvi Júlia falando, mas só tinha prestado atenção que ela realmente falava agora. — Tudo bem com você? Parece perdido. Foi Agatha que te deixou assim? — ela ria baixinho, mas eu não consegui rir junto.

— Sim, — admiti — ela me deixou... fascinado.

— E você sabe também que ela é separada, logo você tem chance, mas não sabe direito como começar, já que ela é uma mulher experiente.

— Você me conhece tão bem que assusta. — dessa vez nós dois rimos.

— Eu cheguei naquela hora porque vi que você se deduraria. E eu estava certa! Faltou pouco para você dizer que pesquisou por ela e mais

PERIGOSAS ACHERON

precisamente por sua agência.

— É, eu sou um burro mesmo. Mas eu não quero conhecê-la só por causa de sua agência. Eu quero conhecer *ela*.

— E se eu não chegasse naquele momento ela acharia que você só quer conhecê-la por puro interesse.

— Você, mais uma vez, tem razão!

— Acho que ela está indo embora. Ela está indo para o caminho do closet. — Júlia disse gesticulando discretamente para Agatha que não podia nos ver de onde nós estávamos.

E, como sempre, Júlia estava certa, ela parecia que ia embora, mas, com certeza, voltaria para ir com Benny que ainda estava sentado no bar.

— Eu deixei minha bolsa no closet. Você, como é um cavalheiro, poderia ir pegar para mim?

PERIGOSAS NACIONAIS

— voltei minha atenção para o rosto delicado de Júlia que sorria maliciosamente, retribui o sorriso.

— Sim, é claro, minha dama, mas enquanto isso você poderia se divertir um pouco, hein?

— Trato feito! Vou *tentar* dançar, beber e falar com Ian.

Meu amigo Ian estava conversando com outros homens e mulheres, mas mais parecia uma conversa formal, pois todos estavam sérios demais.

— Você não acha que lá está entediante?

— Sim, mas ajudarei seu amigo! Acredito que ele merece um apoio para aguentar aquele tédio. — Júlia sorria de um jeito meigo que fez seus olhos brilharem.

Beijei sua testa, pegando meu blazer em seu braço e fui a caminho do closet.

Falei meu nome e de minha acompanhante ao

PERIGOSAS ACHERON

segurança, expliquei que eu estava indo pegar a bolsa dela, por ela. O segurança me deu um ticket com um número e eu entrei no closet.

A “microsala” poderia ser considerada pequena ao tamanho do resto, como o salão de dança, o bar e até mesmo ao banheiro, mas comparada ao meu apartamento a sala era de um tamanho normal.

As bolsas estavam organizadas de um lado em uma estante, (nenhuma bolsa por cima da outra, cada uma com seu espaço), já os casacos estavam cada um em um cabide, mas tinham casacos demais, era uma confusão de números e mesmo assim estava tudo bem organizado.

Só tinha um problema na sala — que, para mim, vinha muito a calhar — à luz do closet não estava muito boa. Alguns lugares estavam mais claros e outros mais escuros. Com isso, demorei

longos segundos para ver que Agatha realmente estava na sala.

Ela estava com a coluna curvada para uma arara de casacos. A minha visão era definitivamente fascinante. Seu vestido estava delineando perfeitamente sua bunda.

Porra! Eu me imaginava tirando com os dentes o vestido e expondo todo seu belíssimo e tentador corpo.

Agatha murmurava alguns palavrões e curvava ainda mais o corpo, quase enfiando a cabeça na arara. Alguns dos números de casacos estavam bastante expostos, mas outros pareciam que tinham caído e estava escondido quase dentro dos casacos.

Agatha estava tão atenta ao que fazia que nem me viu parar atrás dela. Um passo a mais e eu encostaria meu pau em sua bunda.

PERIGOSAS NACIONAIS

Somente por pensar nisso meu pau começou a latejar, quase como pedindo para sair, mas eu respirei fundo, porque — ainda — não era hora de ficar excitado.

Tossi, chamando sua atenção.

— Olá! Tudo bem por aí? — falei engasgando um pouco nas palavras e tentando soar engraçado, mas não deu muito certo.

Depois tudo aconteceu rápido demais...

Agatha tomou um susto com a minha voz *ou* a minha chegada inesperada. E ao tentar retirar sua cabeça da arara deu um passo para trás, fazendo assim sua bunda bater no meu pau — agora excitado —. Ela levantou sua cabeça da arara rápido demais e a bateu no ferro da mesma, desmanchando um pouco do seu coque impecável.

— Me desculpe! Não era minha intenção te assustar.

PERIGOSAS ACHERON

Agatha estava de frente para mim tentando arrumar o coque, o que, por sinal, apenas desarrumava com sua impaciência.

Eu, como bom cavalheiro que era, tentei ajudá-la, mas quando dei um passo para frente e ergui minhas mãos para sua cabeça, ela recuou e ao dar um passo para trás quase se esbarrou na arara. A segurei pela cintura para evitar a batida.

Ela não parecia ser uma mulher desastrada, mas minha presença a deixava definitivamente perdida em si. Adorei saber que eu também provocava essa mulher.

— O que... você está... fazendo? — disse ela pausadamente.

Agatha olhava para a minha na mão em sua cintura e para os meus olhos como quem não soubesse para onde fitar.

Encarei ainda mais seus olhos azuis

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

penetrantes. Não eram somente azuis, tinham um toque de verde também.

Que olhos são esses?

Com certeza, os mais bonitos que eu já vi em toda minha vida. Não queria deixar de olhá-los.

Olhos perfeitos, para um rosto lindo e um corpo melhor ainda, daquela dama de vermelho. Era o pacote completo do prazer e tentação.

Ela tinha algumas sardas em seu nariz fino e na bochecha, mas parecia querer esconder com a maquiagem pesada. Imaginei vê-la sem nada. Sem maquiagem, sem cabelo arrumado, sem roupa. Somente com aqueles saltos de "foda-me duro."

— Evitando de você se esbarrar na arara. — sorri tentando ser brincalhão, mas reparei que era inútil, ela estava séria demais para qualquer tipo de gracinha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não digo isto... — Agatha gesticulou para minha mão em sua cintura e depois se afastou dela dando um passo ao lado direito, ainda séria ela acrescentou: — Digo, o quê, você está fazendo aqui dentro.

Ela gesticulou, porém, dessa vez, ela fez círculos no ar.

Notei suas unhas vermelhas e compridas sonhando em como eu gostaria daquelas mesmas unhas arranhando minhas costas e suas mãos passando pelo meu corpo...

Sorri soltando o ar.

Balancei minha cabeça, pondo aquele pensamento para longe, afinal Agatha ainda esperava uma resposta.

— Eu vim para pegar a bolsa de Júlia. Estamos indo embora também.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Certo! Mas as bolsas ficam daquele lado. Aqui, como você pode ver, são apenas casacos...

Essa mulher tinha algum problema com as mãos, pois não as deixava paradas.

Gesticulava para a estante de bolsas, depois para a arara de casacos, e, por fim, deixou seus braços cruzados o que fez seus seios se destacarem ainda mais.

Eu, como bom homem heterossexual que era, desviei meus olhos dos olhos dela e fitei rapidamente seus belos seios. Ela percebeu e descruzou seus braços, voltei minha atenção para seu rosto e seu penteado bagunçado.

— Eu acho que você, como um bom cavalheiro, deve olhar para meu rosto e nada mais.

Agatha estava com seus braços cruzados frouxamente na barriga.

PERIGOSAS ACHERON

Eu sorri maliciosamente e ela pareceu surpresa com meu sorriso, dei um passo em direção a ela passando minhas mãos pelo meu cabelo quando disse:

— Me perdoe, *linda dama de vermelho*, mas se a senhorita não quisesse ser olhada não deveria vir com um vestido como este. — tentei soar refinado e outra vez brincalhão.

Dessa vez notei que teve algum efeito nela, porque ela me deu um sorriso torto que pareceu ser involuntário, em poucos segundos ela ficou séria novamente, mas falou:

— Então, jovem cavalheiro, você está dizendo que a culpa é minha?

Captei em seu olhar a sentença de diversão. Finalmente eu estava indo para o caminho certo.

— Certamente, minha dama, a culpa é toda sua e de seu magnífico vestido.

Quase completei dizendo algo como ‘seu vestido chamando para o sexo’, mas mudei de opinião rapidamente. Soaria rude demais e eu não perderia a oportunidade que estava tendo.

Avancei mais um passo e ela, do nada, ficou completamente séria novamente.

— Creio que você tem que ir! Sua acompanhante deve estar te esperando, assim como Benny está esperando por mim.

— Júlia está bem e aposto que Benny também. — dei mais um passo e agora nós estávamos cara a cara.

Agatha desviou os olhos de mim e voltou para a arara como quem procurasse alguma coisa, e é claro ela estava procurando realmente algo. O casaco. Mas ela também estava usando o casaco como desculpa para não olhar para mim.

Eu não queria ser rude ou fazer algo que a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

desagradasse. Mas, ainda assim, toquei seu queixo para virar seu rosto para mim, por um momento ela parecia que deixaria, no entanto, Agatha logo balançou a cabeça e pegou meu ticket em minha mão, indo em direção a estante das bolsas, pegando a bolsa com o número correspondente e me dando.

— Acho que é esta!

— Sim é, mas...

— Tchau Christopher! — Agatha falou amargamente.

Me virei em direção à porta, sabendo que Agatha tinha se virado novamente para a arara de roupas.

Sai do closet e falei para o segurança:

— Não deixe ninguém entrar! E se alguém quiser, bata na porta antes, faça algum barulho, qualquer coisa para me dar mais um tempo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mais um tempo, de quê, senhor? — o segurança me perguntou sério, desviando seu olhar de mim para olhar para o closet e me olhou de novo — Isso é proibido. Tenho que pedir para o senhor se retirar.

Tirei algumas notas graúdas do bolso da calça e dei para o segurança.

— Me dê trinta minutos!

— Não aceitamos suborno, senhor.

— Ei, o que de mais tem nisso? Eu não vou quebrar, nem roubar nada lá dentro. Ninguém saberá de nada, além de você e eu! E você ainda sairá com um dinheiro a mais.

O segurança hesitou ainda mais, mas depois pegou o dinheiro e gesticulou para dentro da sala.

— Trinta minutos. Nem mais, nem menos.

Assenti, batendo no seu ombro e voltei para

PERIGOSAS ACHERON

dentro.

Eu não tinha fechado à porta quando sai, sendo assim, Agatha nem sequer percebeu quando voltei. Tranquei rapidamente à porta evitando fazer barulho.

Dessa vez fui em direção a ela sem hesitar. Agatha estava com um casaco de camurça preto na mão e no instante que estava virando-se, eu a puxei pelo braço. Ela soltou um baixo grito e, em sequência, derrubou o casaco, já eu derrubei a bolsa de Júlia e o meu blazer.

Sem esperar, aproveitei a chance e a beijei com tudo que tinha.

XI



Eu posso afirmar que

Christopher me deixou escolha para sair do

beijo, mas ao mesmo tempo, não.

Ele me segurava com força, mas não tanta força que me deixava espremida e obrigada a beijá-lo, mas força o suficiente. Eu poderia me afastar, o problema era que quando seus lábios encostaram nos meus eu não conseguia mais nada. Eu não

queria mais nada, além do que estava acontecendo.

Seus lábios eram macios e me beijavam com determinação, como se já soubesse todos os passos para me enlouquecer. Sua língua tocava na minha, fazendo-me gemer em sua boca. Christopher me apertou ainda mais, senti seu corpo sob toda aquela roupa indesejável.

Sabe aquela coisa estúpida de que parecia que tinha só nós dois ali e nada mais, como se não existisse um segurança logo atrás daquela porta, e outras pessoas pela festa? Sim, era exatamente isso que eu sentia. Não existia mais nada além de nós.

Christopher começou a me beijar delicadamente e eu pude sentir sua essência com uma mistura de vodca e algum bom perfume. O cheiro da pele dele invadiu o meu olfato, era como terra molhada, mas doce e deliciosa.

Seus lábios macios, me davam uma vontade

de mordê-los e explorá-los mais, sua língua brincava com a minha como se soubesse exatamente o que estava fazendo. E realmente sabia.

Ele me puxou para ainda mais perto, meu peito roçando a blusa dele, e eu podia sentir o quanto ele estava excitado, pois seu pênis esmagava minha barriga.

O beijo estava tornando-se cada vez mais intenso. Christopher me empurrou para uma parede. Uma de suas mãos apertava minha bunda e a outra mão puxava meu cabelo. Provavelmente acabando com meu penteado, mas quem ligava para isso numa hora dessas?!

— Este vestido é importante pra você? — Christopher perguntou.

O que o vestido tem a ver com isso, agora?

— N-não. — *merda, eu tinha mesmo*
PERIGOSAS ACHERON

acabado de me engasgar?!

Eu não conseguia nem sequer responder a uma pergunta tão simples dele, sem perceber o quanto sua voz era deliciosa e o quanto eu queria essa mesma voz sussurrando o meu nome.

Chris estava bem com sua testa colada na minha, mas pude perceber que ele seu meio sorriso.

Até que ele se ajoelhou à minha frente, segurando a parte da fenda do vestido, e, com um pouco de pressão, o rasgou. Meu vestido era de marca, bom pano e tudo mais, porém, mesmo assim, com a força exercida por ele, o mesmo conseguiu rasgá-lo.

Fiquei chocada sem saber o que fazer. Estava agora em um closet de calcinha rendada vermelha, salto alto e mais nada com um homem que acabei de conhecer.

— Por quê? — comecei, mas ele me cortou
PERIGOSAS ACHERON

colocando um dedo nos meus lábios.

Ele me carregou tão rapidamente e me pôs em uma mesa no canto, que eu, nem tinha reparado antes. A mesa estava com algumas bolsas, as quais foram empurradas para trás por Chris, em seguida, ele também me empurrou mais para trás, colocando-me no centro da mesa.

Christopher tirou delicadamente minha calcinha e colocou minhas pernas na mesa, me deixando completamente vulnerável, aberta, na frente de um homem ainda vestido... Aquilo me deixou excitada. Bem, *ainda mais*.

— Eu precisava te ver... assim. — Christopher lambeu os lábios e olhava para os meus olhos e para minha genitália exposta e molhada.

A situação, era, um tanto quanto, cênica, no entanto, eu não sentia-me nem um pouco envergonhada ou amedrontada.

Deus, pelo contrário, eu sentia-me fervendo de antecipação!

Ele montou em mim, ali mesmo na mesa, me beijou mais um pouco, depois foi escorregando beijando e mordendo minha orelha, pescoço, ombro, até que parou em meu seio direito. Ele lambeu meu seio o provocando, sua barba roçava meu seio me dando cócegas e me deixando ainda mais molhada. Quando ele começou a chupá-lo com força, eu soltei um longo suspiro.

Em seguida, gemi alto, pouco me importando se havia alguém lá fora ou não.

Às vezes fazemos coisas totalmente impulsivas, das quais nos arrependemos depois, mas durante o ato, nada importa de verdade. O mundo para ao nosso comando. E agora eu mandava ele parar por mim, porque eu queria ser completamente fodida e estava totalmente entregue

àquele garoto.

Meu sexo ardia.

Merda, eu preciso dele dentro de mim.

Rápido!

Coloquei minha mão em seu cabelo e a outra em seu ombro, gemendo e sussurrando qualquer coisa, uma das mãos dele estavam no meu seio esquerdo e a outra alisava meu quadril.

— Por favor... — sussurrei.

— O quê?

— Me toque, me foda... qualquer coisa.

O que diabos eu estou fazendo? Por que eu estou praticamente suplicando algo para ele?

Ele riu.

— Daqui a pouco, mas antes um pouco mais disso. — ele abocanhou meu outro mamilo e com a mão brincava com meu mamilo direito enquanto

PERIGOSAS ACHERON

sua mão livre continuava passeando pelo meu quadril.

Ele apertava meu mamilo direito entre os dedos e depois fazia leves movimentos circulares. Eu só sabia gemer, enquanto apertava seu cabelo com uma mão, minha outra mão aperta seu ombro de uma forma, que, com certeza, deixaria marcas. Eu queria deixar marcas!

Oh! Eu deveria perder minha cabeça, mas eu não ligava para porra nenhuma. Eu sabia o que eu queria, e o que eu queria não tinha nada a ver com parar o que estava acontecendo nesse momento.

Christopher lambia meu mamilo esquerdo, enquanto sua barba roçava o mesmo, me fazendo estremecer e gemer. Ele lambia um pouco, mordida um pouco, chupava muito.

Que delícia era sua boca chupando meu mamilo enrijecido!

Ele chupava meu mamilo e algumas vezes, todo o meu seio... Assim como eu deixaria marcas de minha unha em seu ombro, ele deixaria marca no meu seio, depois de toda essa chupada.

Ninguém veria meus seios, além de mim, e assim que eu o visse mais tarde, saberia que o encontraria vermelho, em seguida a lembrança do que eu estava fazendo aqui me acertaria em cheio. Eu amaria, enfim teria uma boa noite de sono essa noite, ao lembrar da minha impulsão.

Chris definitivamente adorava seios, pois ele não largava os meus, se continuasse dessa forma, eu gozaria só por esse ato.

Ele largou meu mamilo esquerdo e eu gemi de frustração, ele riu. Eu podia sentir seu membro duro encostar em mim, e nunca quis tanto algo como agora.

Christopher continuou em cima de mim e

PERIGOSAS ACHERON

apoiou suas duas mãos na mesa. Ele então devorou todo meu corpo com seu olhar. Sem pudor algum eu coloquei minhas duas mãos em suas costas e as arqueei para meus seios tocarem em sua camisa social, agora amassada.

Chris gemeu e com um movimento primitivo agarrou meus braços e me posicionou de volta na mesa. Ele agarrou cada um dos meus seios com as mãos cheias, esmagando-os e massageando-os.

— Acho que nem eu, nem você, aguenta mais isso, não é? — sua voz rouca causava arrepios por todo meu corpo.

Eu apenas balancei a cabeça em resposta, observando seu sorriso. Um tanto perverso e muito gostoso.

— Por mim tudo bem.

Sendo assim, ele largou meus seios me colocando em uma melhor posição na mesa, em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seguida foi descendo ao meu sexo exposto e molhado. Ele sorriu, mais uma vez, ao ver o quanto eu esperava e desejava por ele.

Com meus cotovelos sustentando meu corpo, eu o encarava, encarar minha intimidade.

Minhas pernas estavam flexionadas em frente a ele, com meu salto fino cravado levemente em suas costas.

Ele deu uma estocada simples com um dedo em minha entrada, mas que me fez gemer alto e ele gemeu também. Devagar ele tirou seu dedo de dentro de mim e tocou meu clitóris tão sutilmente que eu desconfiava que aquilo não era real.

Ele passou aquele mesmo dedo úmido do meu liquido ao redor de mim, pelos meus grandes lábios. Com um movimento simples de estocada, porém com dois dedos, ele enfiou de uma vez em minha entrada, fazendo-me suspirar.

PERIGOSAS ACHERON

— Nossa como você é gostosa. É tão bom te explorar. — e era exatamente isso que ele estava fazendo: me explorando.

— Eu preciso te provar. Isso é... *tentador* demais. Você é tentadora demais. — com poucas frases com aquela voz gostosa ele estava quase me levando ao clímax ali mesmo, assim mesmo — Calma garota, preciso provar você antes disso. — disse ele praticamente adivinhando que eu estava perto.

Chris deu mais uma estocada com dois dedos com mais agilidade e atingiu meu ponto G, eu gritava de desejo. Eu precisava gozar! Não aguentaria segurar muito.

Eu nem sequer conseguia mais me equilibrar na mesa com os cotovelos, simplesmente deitei, deixando o desejo me levar.

Sem eu esperar, ele passou a língua em

PERIGOSAS ACHERON

minha fenda, com calma, nos meus grandes lábios. Ele foi para meu clitóris, como sempre, brincando um pouco ali, dando lambidas ágeis, ele fazia movimentos circulares com a língua enquanto sua barba roçava por toda minha genitália.

Chris atingiu meu ponto G com um dedo com tanta facilidade que eu pensava se ele não tinha um manual do prazer em casa. Senti mais um dedo estocar. Seus dois dedos e a língua brincavam comigo de um jeito tentador e insano.

Eu gritava de desejo e tesão. Nunca tinha tido um sexo oral tão louco e provocante, nem mesmo com meu ex-marido. Homens não gostavam de fazer sexo oral, mas com ele era diferente, era como se ele gostasse daquilo e se divertisse.

Eu não era tão jovem e nem inexperiente. Eu sabia bastante sobre sexo na prática, mas Christopher me fazia sentir diferente. Antes eu

fazia sexo quase como uma obrigação, porém com ele, eu me divertia e queria mais e mais.

Sua língua não parava de me lambe, enquanto seus dedos me comiam. Sua língua lambeu com movimentos circulares meu clitóris e o mordeu bem de leve, me fazendo gemer seu nome.

— Tão perto... — eu disse.

— Eu sei, pode vir. — Christopher falou olhando para minha vagina como se estivesse falando com “ela” e não comigo.

Rápido e ágil, ele enfiou a língua no meu sexo, sua barba roçava toda minha intimidade e era tão bom, ele foi tão fundo como nenhum outro...

Eu estava à beira da loucura de tanto tesão, quando meu orgasmo começou a se formar, Christopher pareceu sentir, porque segurou meu quadril com força em frente ao rosto dele, sem tirar a língua de mim.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele parecia que estava me devorando, lambendo com tudo, daquele jeito insano, ele não parava de fazer movimentos círculos pelo meu clitóris, e algumas vezes o mordendo de leve.

Eu gritei quando a primeira onda de orgasmo veio e minhas pernas quase desabaram na mesa, mas Christopher as deixou descansando em seus ombros. Minhas pernas balançavam no ar, mas eu me sentia segura porque sabia que ele estava ali para me segurar.

Foi então que múltiplas ondas de orgasmos vieram meio se misturando com a primeira e fazendo uma só, demorada e infinitamente prazerosa.

Christopher ainda me lambia, me devorava, me explorava, minhas pernas ainda estavam em seus ombros, tremendo um pouco. Não me importei quando fiquei mole, enquanto o múltiplo orgasmo

PERIGOSAS ACHERON

me abandonava devagar, antes me devastando por completo.

— Christopher! — gemi — Meu! Deus! Christopher! — e era só isso que eu repetia.

— Oh, você é foda! Tão gostosa...

Devagar ele tirou minhas pernas de seus ombros, pondo-as com cuidado na mesa gélida.

Sem muita demora, ele estava do meu lado sentado na mesa, enquanto eu continuava deitada, ainda meio mole. Senti sua barba passando no meu ombro e subindo para meu pescoço. Suspirei fechando meus olhos, ainda estava meio grogue.

Subitamente ele parou, abri meus olhos para vê-lo procurar por algo. Em pouco tempo ele estava em pé, ao meu lado, estendendo sua mão. Eu a peguei. Seu toque ainda me deixava zozna.

Ele me colocou de pé e se ajoelhou à minha

frente, fez menção para eu abrir as pernas. Quando eu ia protestar ele começou a me limpar com lenços umedecidos.

Christopher levantou um de meus pés, vestindo minha calcinha em mim e surpreendendo-me por tal delicadeza. Arrumou meu cabelo do jeito que pode, com um sorriso tímido. Limpou e arrumou a mesa com outros lenços, jogando-os em seguida no lixo.

Quando eu não mais esperava que ele fosse fazer nada, o mesmo pegou meu casaco, vestindo-me nele. Ele encontrou meu vestido rasgado no chão, o dobrou agilmente e achou minha bolsa (que ele já sabia qual era porque tinha visto o número do meu ticket).

Percebi que ele ia abrindo, mas parou, olhou para mim como se perguntasse se poderia, eu balancei a cabeça afirmando, ele abriu e colocou

cuidadosamente o vestido lá dentro, logo após, me entregou, como se não tivesse feito nada. Ou como ele fosse naturalmente assim. Eu não duvidava que ele fosse mesmo.

Felizmente minha bolsa não era minúscula, porque o vestindo coube perfeitamente nela.

— Agora você está ótima! Ninguém perceberá nada... Tirando esse seu olhar...

— Meu olhar?

— Sim, esse de quem acaba de ter um ótimo orgasmo. Ou talvez múltiplos. — ele sorriu maliciosamente para mim. — Desculpe, mas temos que ir, Júlia me espera e o Montanha ali na frente entrará. Meia hora já passou.

— Meia hora?

Como eu estava sendo estúpida repetindo o fim das frases dele, mas não conseguia evitar, ainda

PERIGOSAS NACIONAIS

estava meio grogue, e ainda queria mais, mas não, nada de querer mais. Não teria mais. Ele era bem mais novo que eu, e eu tinha essa impressão estranha de que o conhecia.

Não, definitivamente nada de ter mais.

— Depois eu explico. — ele sorriu — Outra noite dessas, quem sabe?

— Não... — comecei.

— Você me deve alguns orgasmos. Você me paga isso e estamos quites. — outro sorriso malicioso.

Como dizer não a ele? Eu tinha que sair dali urgentemente, e nunca mais o ver, essa era a solução.

— Desculpe, eu tenho que ir. Como você mesmo disse meia hora já passou e Benny deve estar enfurecido comigo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por que não me dá seu número?

— Não, desculpe, eu tenho que ir *mesmo*. —
e saí.

A última visão que tive dele era dele com olhos tristes, mas o sorriso permanecia.

Perguntei-me quantas vezes ele sorriu para disfarçar algo, quantas dores ele já tinha vivido e sorrido?

Não, não, eu não podia pensar nessas besteiras! Foi só um caso e mais nada.

Antes de encontrar Benny abri minha bolsa, desbravando-a para achar um espelho. Encarei-me e notei que meus olhos realmente estavam como de quem tinha acabado de ter um ótimo orgasmo... *múltiplo*.

Estranho que nenhum outro tinha reparado que eu olhava assim, normalmente eles nem sequer

PERIGOSAS ACHERON

queriam *me* dar orgasmos, a questão era mais tê-los.

Como diabos aquele menino viu algo que nenhum outro viu? Por que logo ele viu?

Oh, merda! Eu estava bastante ferrada, mas, por sorte, não o encontraria nunca mais. Que assim fosse.

Ele era problema para mim, e eu, problema para ele.

XII



Encontrei Júlia com Ian na pista de dança. Quando ela disse que “tentaria” dançar, eu não acreditei que ela realmente iria.

Júlia estava dançando com Ian!
PERIGOSAS ACHERON

Que estranho, já que nem eu a fazia dançar, mas ri da cena. Ela me olhou rindo e parou de dançar, depois caminhou até mim junto com Ian.

— Você ainda quer ir? — perguntei à Júlia que estava na minha frente com a cara séria, mas olhar brincalhão.

Por sorte, ao sair do closet lembrei-me de pegar sua bolsa, por pouco tinha esquecido, com isso estendi sua bolsa para ela, ela pegou e olhou pelo canto do olho para Ian que também a olhava.

— Sim, porque não quero acordar muito tarde amanhã. — ela disse me olhando.

— Você voltará amanhã para o interior? — Ian perguntou a ela.

— Sim, — ela pausou, passando seu olhar de mim a ele — tenho que trabalhar e tudo...

— Quando você entra de férias? — oh, algo

estava rolando ali e eu não sabia?

— Não sei ainda.

Ian dessa vez apenas assentiu.

— E você Ian, vai agora? — perguntei.

— Não, ainda tenho umas coisas para fazer.
— disse olhando para algumas mulheres da festa.

Júlia que olhava para ele desviou o olhar,
pegou meu braço e categoricamente falou:

— Tchau, Ian.

Ele voltou a olhar para nós e viu nossos
braços cruzados.

— Tchau, pra vocês dois.

Bati no seu ombro e sai com Júlia.



— Está acontecendo algo que eu não sei? —
perguntei à Júlia quando já estávamos dentro do
Bentley a caminho do hotel.

Imaginei que só iríamos até ele para Júlia
pagar as contas e pegar suas coisas para então
seguirmos para meu apartamento. Meu apartamento
era pequeno, um quarto e um banheiro, contudo,
minha cama sempre teria espaço para ela.

Eu e Júlia éramos apenas amigos, nada de
coloridos, porém isso não era motivo para nós não
podermos dormir na mesma cama, sem segundas
intenções. Eu preferia que nossa relação, hoje em
dia, fosse apenas de amizade, seria menos
trabalhoso.

— Do que você está falando? — Júlia franziu
a testa.

— Não se faça de sonsa. Você e Ian...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, claro que não teve nada. — ela pausou olhando a rua pela janela do carro — Ele é seu melhor amigo e...

— E nós não temos nada, além de amizade Júlia. Você tem todo o direito para ficar com quem quiser.

— Não é só por isso Christopher. Você não entende...

— Me faça entender!

— Não posso. — ela virou o rosto para me olhar e reparei que seus olhos verdes brilharam pelas lágrimas que ameaçavam cair.

— Júlia... — comecei chegando mais perto dela no carro, mas ela se esquivou agarrando-se à porta.

Naquela maldita hora o Bentley parou em frente ao hotel.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela saiu rapidamente nem esperando o motorista abrir a porta para ela. Sai atrás dela e puxei seu braço sem colocar força.

— Me conte o que está havendo. — pausei quando vi seu olhar triste — Por favor... — soltei seu braço quando ela ficou cara a cara comigo.

Passei delicadamente minha mão em seu rosto, vendo suas lágrimas rolarem, com cuidado limpei esperando por sua resposta.

— Você não vê mesmo, não é?

— Me fale para eu poder enxergar.

Júlia se aproximou ainda mais de mim deixando nossas testas coladas. Minha mão continuava em seu rosto delicado. Ela pegou minha outra mão que estava escondida no bolso da calça e entrelaçou com a pequena mão dela, sua outra mão posou na minha mão que estava em seu rosto.

PERIGOSAS ACHERON

Júlia encostou sua boca a minha. Apenas um toque e sussurrou sem se afastar.

— A culpa é sua. — sem mais nem menos se virou e foi embora para dentro do hotel.

Ela poderia ficar no meu apartamento, mas pelo visto hoje ela queria ficar longe de mim. Ainda tentei chamá-la, sem fazer uma cena, porém ela não se virou para me olhar. Não entendia qual era o seu problema. Sempre resolvíamos facilmente as coisas entre nós, contanto que conversássemos. Júlia indo embora dessa forma não ajudaria em nada para eu entender o que a chateava.

A culpa era minha? O que diabos isso significa? Que a culpa dela não ficar com Ian é minha por que ele é meu melhor amigo? Ou por que a culpa é minha por ela não querer ficar com ele ou por ele não querer ficar com ela? Ela ainda sentia algo por mim e por isso a culpa era minha?

Que merda! As mulheres eram complexas demais para mim!

No Bentley falei para o motorista ir para meu apartamento. O endereço já estava salvo no GPS. Eu precisava de uma boa noite de sono e amanhã eu precisava sair para beber.

XIII



Quando encontrei Benny ele

não fez nenhum comentário sarcástico da minha
aparência, mesmo que, com certeza, ele percebeu
que aconteceu algo. Ele parecia focado a ir embora.

Não discuti quando ele pegou minha mão e mais

rápido que o necessário me levou para fora.

Na limusine ele pareceu relaxar, devolvendo meu celular para eu guardar devidamente comigo. Mandou o motorista nos levar para minha casa, imaginei que ele ficaria comigo nela.

Benny era assim, marcava as coisas no ato, sem nem me comunicar. Embora, eu nunca tivesse ligado. Ele era meu melhor amigo, porque não dizer, meu único amigo. O resto das pessoas que estavam em minha vida ou era devido a trabalho ou interesse. Eu estava acostumada com isso, mas ter Benny fazia tudo ser mais fácil.

— Eu tenho que te falar sobre Christopher...
— Benny me encarava e sua voz estava um tanto embargada.

Por um momento, meu amigo não parecia o mesmo, Benny parecia uma versão mais velha dele

mesmo, de Benny para Benjamin Souza.

— Não preciso saber nada sobre ele, nós não vamos mais no ver e...

— O nome dele é... — Benny me cortou, sem parecer ouvir meu protesto enquanto a limusine praticamente corria — Christopher Tyler *Stuart*.

Christopher Stuart. Esse nome me assombrava. Eu não o ouvia há anos. Ele tinha sido uma das pessoas importantes no meu passado, que alavancou minha carreira como modelo, entretanto, nós tinha rompido qualquer contato.

— Stuart? Tem certeza? — perguntei e quem estava com a voz embargada agora era eu. — Então... ele é filho de Christopher.

— Sim, mas ele não usa o sobrenome do pai, e sim Tyler. — Benny deu de ombros — Ele não deve querer usar o sobrenome daquele crápula para ganhar reconhecimento.

PERIGOSAS NACIONAIS

Benny sabia minha vida toda. Ele poderia escrever a minha fodida biografia, desde meu pai fodido, minha falecida mãe e meus "contatos" quando modelo.

Suspirei e depois dei de ombros.

— Como já disse, não vamos mais nos encontrar, de qualquer forma...

— Melhor assim! — Benny me analisou de cima a baixo, parando um pouco mais em minha panturrilha que estava nua, voltou seu olhos caramelos no meu — Baby, você tem algo para me contar?

Engoli em seco.

— Talvez... — lhe dei um sorriso torto e meu amigo entendeu tudo, mas ao contrário de acusações ele caiu na gargalhada.

Benny bateu palmas e entre risos disse:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você precisa me contar os detalhes sórdidos! — era por isso que eu o amava.

Ele era, além de meu melhor amigo, a única pessoa que eu amava, tirando, obviamente, a mim mesma.

— Em minha casa!

— Definitivamente, baby! Precisamos encher a cara!



Eu e Benny bebemos o suficiente para entrarmos, ambos, em um coma alcoólico, se nosso organismo já não estivesse acostumado a tanto álcool.

Benny passava tanto tempo em minha casa que já tinha deixado algumas roupas dele, nela.

PERIGOSAS ACHERON

Quando chegamos em minha casa fomos tomar um banho, eu em minha suíte e Benny em um quarto de hóspedes que ele ficava. Era praticamente o quarto dele.

Eu vesti um moletom enorme e uma calcinha boxer, não precisava ser dito para Benny ficar à vontade, ele já sabia que podia e vestia uma cueca boxer preta e uma camisa larga.

Nos sentamos em meu sofá e começamos a beber um vinho que eu deixava guardado há tempos, porém Benny sempre o degustava. "Degustava" era um eufemismo. Ele o atacava, quase acabando, algumas vezes o acabava, no entanto, o mesmo sempre comprava um novo para mim.

O problema de Benny era o cigarro. Ele não largava aquela coisa. Ele sempre fumava, mas na minha frente, ele não fumava mais que dois

cigarros. Eu tinha medo de que ele, por trás de mim, fumasse mais que um maço.

Eu fumava ocasionalmente, já Benny fumava por causa do frio, estresse, alegria, raiva, tristeza, tensão, nervosismo e todos os motivos possíveis.

Eu insistia para ele largar aquele vício, mas ele me dizia que um vício não se larga, se prende. Achava sem nexos sua resposta, porém não discutia sobre. Eu não era idiota de falar que ele morreria mais cedo por causa do cigarro, eu sabia que essa era uma argumentação clichê e sua resposta seria o típico: "De algum modo eu tenho que morrer, baby, que seja fazendo algo que eu goste.".

Bebemos toda a garrafa do vinho e um forte uísque.

— Detalhes sórdidos! — Benny pediu se deitando em meu sofá e colocando suas pernas em cima das minhas.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O garoto é impressionante... — admiti e coloquei a culpa no álcool. *Quem nunca?* — Ele é um doce e tão gostoso, Benny.

— Ele pode se tornar seu vício, como o cigarro é pra mim. Fique longe! É quase impossível largar os nossos vícios.

— Não é você mesmo que diz, que, vícios não se largam, se prendem?

Benny gargalhou e assentiu.

— Mas você tem a chance de largá-lo, eu nem lembro quando foi a minha chance de largar meu cigarro.

— Eu já disse Benny, não vou mais encontrá-lo!

— A vida, às vezes, nos prega peças que não conseguimos escapar.

— Você está muito bêbado, não é?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Benny tirou suas pernas de cima das minhas e deitou sua cabeça em meu colo.

— Estou do jeito que eu gosto, baby!

— Muito bêbado?

— Definitivamente! — eu e Benny caímos na gargalhada e dormimos aquela noite em meu sofá, depois de virar a madrugada conversando, no mínimo, meu sofá era confortável e macio.

PERIGOSAS ACHERON

XIV



Eu não gostava muito de
domingos. Não porque amanhã era segunda,

mas porque domingo era sempre uma merda, ou
quase sempre, hoje eu sairia para beber em algum

bar com Ian.

Depois de deixar Júlia no hotel, segui para meu pequeno apartamento, dormi como uma pedra, estava exausto. Só acordei por causa do meu celular vibrando. Eu nem me lembrava de ter deixado o celular na cama, mas era nela onde ele estava quando acordei.

— Alô? — falei com a voz mais rouca do que o habitual ao deslizar o dedo pela tela do mesmo e o atender.

— Imaginei que você estava dormindo... — era Júlia, eu não precisava confirmar vendo o identificar de chamadas, reconhecia sua voz no ato — Estou ligando para avisar que já estou indo para o interior.

— Bom dia! — sentei em minha cama, com uma mão eu segurava o celular em minha orelha,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com a outra tirava o lençol de cima de mim.

Eu dormia nu ou de cueca, hoje eu vestia uma cueca branca, e já podia ver e sentir meu pau habitualmente ereto nessa manhã.

— Você não ouviu nada do que eu falei, Tyler? — Júlia parecia puta da vida e eu me senti uma merda por não levá-la até a estação de ônibus de viagens.

Toquei em meu saco e depois levantei da cama, passei a mão em meu cabelo desarrumado e andei até o único banheiro da casa.

— Que horas sai seu ônibus? — perguntei enquanto lavava meu rosto com uma mão na pia.

Depois ainda falavam que os homens não conseguiam fazer mais de uma coisa ao mesmo tempo...

— Em breve! Vinte minutos, no máximo.

PERIGOSAS ACHERON

— Por que você não me avisou antes? —
coloquei o celular em uma parte seca da pia e
acionei o alto-falante.

Comecei a escovar meus dentes esperando
Júlia falar. Ela quase sempre fazia isso de não me
avisar o horário de suas viagens. Eu não podia
marcar nada com ela direito, pois em um momento
ela estava, no outro já tinha se mandado. Gostaria
que ela ficasse mais, mas entendia que sua
profissão vinha acima de tudo.

— Não gosto de me despedir pessoalmente.
Pelo celular, no fim, é só desligar a chamada.

— Você é maluca! — falei cuspiendo a pasta
de dentes. — Quando você têm férias?

Júlia riu.

— Médicos iniciantes não tem férias, temos é
muito trabalho e pouco descanso... Mas ajudar as
pessoas, e não minto, o salário, faz valer a pena.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quando você tiver algum tempo, me fala!
— insisti e então pensei na noite anterior. — O que você queria dizer com o que falou ontem?

— Esqueça e até mais!

Não tive tempo nem de dizer "até" quando vi que ela desligou a chamada. Bem que Júlia disse que no celular era só desligar a chamada, pessoalmente ela não fugiria da minha pergunta tão fácil. Não insisti ligando de novo, mas mandei uma mensagem dizendo lhe desejando boa viagem.



Eu esperava Ian em minha casa, para sairmos. Ele tinha me confirmado que iria e eu não poderia recusar uma escapada de leve nessa rotina chata que era o domingo.

PERIGOSAS ACHERON

Ian viria de táxi, já que nós iríamos beber e seria mais prudente não dirigirmos. Meu apartamento era perto do apartamento de Ian, caminhando daria trinta minutos, de carro menos de dez minutos.

Como decidimos um bar próximo vesti uma calça surrada preta e uma camisa folgada cinza, mas de mangas compridas pretas. Eu nunca fui o tipo de cara metrossexual. Pegava a primeira roupa que via, vestia e fim. Júlia sempre me disse que eu me vestia bem para um largado, até minha tia Myrna comentava sobre as minhas escolhas de roupas.

Me olhei no espelho do banheiro e penteei meu cabelo. Outra coisa que nunca tive a intenção de mudar quando moleque até então era meu cabelo, gostava dele mais comprido e me sentia bem assim. Eu sabia que nem todas as mulheres

PERIGOSAS NACIONAIS

gostavam de homens com cabelo maior que o normal, porém mesmo meu cabelo sendo acima de meus ombros (mais especificamente em meu pescoço), elas aparentavam gostar.

Conheci muitas mulheres que usavam meu cabelo como flerte, fazendo cafuné nele ou o tocando para aproximar mais seus rostos de mim. Sempre preferi as mulheres que flertavam diretamente, flertes suaves não me enchiam os olhos, mas eu praticava bastante dessa técnica, já que muitas das mulheres que conheci na capital eram da academia e jovens demais para ter coragem de um flerte seco e direto.

Aproveitei para pentear também minha barba, depois usei uma lâmina para delineá-la. Desde pirralho sonhava em ter barba, quando a minha enfim deu sinal de sua existência, não parei de usá-la, até que Júlia me convenceu de que estava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ridículo aqueles fios aleatórios e eu me barbeeí. Sobretudo, aos vinte anos, (e eu já estava na capital), deixei minha barba crescer de vez, só me barbeando completamente em poucas ocasiões.

Agora minha barba estava no seu sétimo dia, não deixava passar de duas semanas sem aparar, se não, eu seria confundido com um “mendigo estiloso”.

Enquanto pensava besteiras meu interfone tocou da cozinha.

— Sim? — falei no momento que atendi.

— Boa noite, Chris! Seu amigo, Ian, mandou avisar que está te esperando aqui. — até o porteiro do meu prédio me chamava de "Chris".

Eu morava no mesmo prédio desde o primeiro dia que vim morar na capital e era amigo de todos os funcionários do mesmo, desde o porteiro aos faxineiros.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Obrigado! — respondi já pegando minha carteira e celular.

Encontrei Ian sentado no banco da frente do táxi conversando com o taxista enquanto me esperava. Quando ele me viu saindo do prédio, abriu um largo sorriso iluminado para mim. Ian estava aprontando alguma merda fodida, eu já podia prever.

Entrei no banco traseiro do carro dando boa noite e Ian mandou o taxista pisar fundo.

— Hoje nossa noite vai ser longa, irmão! — Ian se virou para me olhar.

Ele era sempre assim: direto. Mal me cumprimentava.

— Não estamos indo pra algum bar, porra? — não quis soar grosso, mas acabei sendo, porém Ian não era o tipo que se magoava fácil.

PERIGOSAS ACHERON

Vantagem de ter amigos homens: você podia ser rude como o caralho com eles, eles em troca serão com você, sem discussão, como aconteceria com uma amiga. Depois de namorar Júlia, eu sempre procurei uma mulher simples, como seria uma amizade com algum amigo.

Eu queria uma mulher, acima de tudo, feminina, mas que não fosse fresca demais, que comesse sem ligar para celulite e gordura... Sinceramente, eu nem sabia o que era celulite.

Eu gosto de mulher! Mulher de verdade, com curvas e formas, com feminilidade, com graça, com simplicidade, lealdade e honestidade, mas também com humor.

Adorava mulher bem-arrumada, maquiada, cheirosa e com cabelo perfeitamente no lugar, sobretudo, eu era homem o suficiente para dizer que preferia uma mulher desarrumada, sem

maquiagem, cheirando a sexo e com o cabelo *perfeitamente* bagunçado depois de uma foda selvagem.

Melhor ainda seria uma mulher assim exposta na minha cama, usando nada mais que um sorriso de satisfação e sua essência natural.

Eu amava mulher, não tinha droga mais viciante que uma mulher gostosa, com seios e bunda fartos — com ou sem celulite, com ou sem alguns quilos a mais —. Ainda mais viciante seria uma mulher gostosa desinibida e com aquela simplicidade magnetizante.

— Não, sua puta! — Ian piscou para mim, me fazendo rir — Vamos encher a cara pôr ontem!

— Por ontem? — ergui uma sobrancelha em dúvida.

— Fiquei naquele evento até mais tarde, *sozinho*, não comi uma mulher e não peguei um

PERIGOSAS ACHERON

contato útil.

— Não tem como você saber se o contato é ou não útil, só faz um dia...

— Foda-se! Quero beber e foder alguma gostosa. Não há um dia específico para isso e se você não quiser, volta com o táxi pra casa.

Cai na gargalhada antes de responder:

— Quando você já me viu recusando uma noitada, com uma possível foda?

Ian gargalhou também, vi pelo retrovisor que até mesmo o taxista sorriu com minha resposta.

— Não uma "possível" foda, *umas* fodas! Em noites de domingo na boate que vamos, o que mais tem é mulher sem compromisso procurando um homem de verdade pra lhe satisfazer *algumas vezes* durante a noite.

Eu, o taxista e Ian caímos, mais uma vez, nos

risos. Eu ainda nem tinha bebido e já me sentia melhor. Ian era uma comédia ambulante, não tinha como não rir ao lado dele.

Sem querer, ainda no táxi, pensei em Agatha e como eu gostaria que ela fosse aquela mulher exposta na minha cama com somente um sorriso de satisfação e sua essência natural.

XV



Domingos eram um pé no

saco, pior quando você acorda com uma ressaca

daquelas. Simplesmente porque amanhã era

segunda. Segunda-feira do inferno seria essa de

amanhã! Eu não sabia se alguém da minha agência

tinha convidado algum modelo pré-selecionado para amanhã, para terça já fecharmos o contrato.

Tínhamos que fechar!

— Não pensa muito que cansa, atrai problemas e dá rugas! — Benny me disse me trazendo café e comida para nós no sofá onde tínhamos dormido.

— Você parece estar dentro de minha mente!
— exclamei e ele riu.

— Queria que o garoto não fosse filho de quem fosse. — Benny já não ria, e mesmo sem citar nomes, eu já sabia involuntariamente que ele referia-se à Chris — Ele seria perfeito para a campanha.

— Infelizmente. — murmurei enquanto

bebia meu café preto. — Será que alguém da equipe teve sorte na escolha do modelo?

— Não podemos saber até amanhã.

Assenti, em seguida coloquei a xícara vazia de café no braço do sofá e massageei minhas têmporas que latejavam. Benny percebeu o que eu fazia e gargalhou imitando meu gesto.

— Acho que bebemos demais. — ele disse.

— Você acha? — revirei os olhos para meu amigo — Meu corpo e minha cabeça parece que estão com um complô contra mim, de tanto que ambas não param de latejar.

— Você sabe o que faz melhorar uma ressaca...

— O quê? — intervim. — Frutas e vitaminas?

— Não! Quem realmente faz essa merda? —

essa foi a vez de Benny revirar os olhos, em seguida ele sorriu cinicamente deixando visível suas covinhas e piscou para mim — Não parar de beber!

Gargalhei um pouco, porque se continuasse minha cabeça provavelmente estouraria... Talvez a ideia de Benny não fosse das piores. Sorri, eu estava ficando louca em sequer pensar em beber num domingo de manhã.

— Não vou me embriagar numa manhã, Benjamin.

— Acho que você não olhou no relógio baby, mas já é de tarde! — ele respondeu sem se abalar.

— Puta merda! Sério? — sem esperar resposta dele olhei para meu relógio analógico de parede que estava na sala. — Já são 13h?! Isso muda tudo...

Benny caiu numa gargalhada baixa que eu
PERIGOSAS ACHERON

logo acompanhei.

— Álcool agora? — ele disse batendo palmas.

— Vamos no mínimo tomar um banho e comer antes.

Ele assentiu, nos levantávamos e fomos cada um para seu quarto tomar um banho.

Me olhei no espelho de corpo todo da minha suíte e sorri. Eu estava com o rosto todo amassado. Meu cabelo estava em um coque desarrumado, se via um fraco indício de olheiras e como eu não estava usando maquiagem nenhuma, não teria como disfarçar.

Engraçado mesmo era meu "pijama" que usava. Eu nunca fui o tipo de mulher que usava algum tipo *baby doll* broxante, sem sal e nem açúcar, contudo, nunca usei também *baby doll* sexy, sempre usei o que me fazia sentir-me o mais

PERIGOSAS ACHERON

confortável possível para mim.

Baby doll sexy mesmo é uma mulher sem ele. Eu era mulher o suficiente para saber disso, sem precisar ser homem. Mas eu entendia todo o jogo da antecipação de usar uma lingerie ou *baby doll* sexy, porém a questão final não era usá-lo e sim, tirá-lo. Eu preferia — quando ia transar — já aparecer completamente nua, excerto por um salto agulha.

Eu não era uma fanática ou compulsiva por saltos altos, mas amava cravar um bom salto na bunda de um homem. Me fazia sentir por cima, mesmo quando, literalmente, estivesse por baixo.

Bem, meu "pijama" atual era um moletom e calcinha boxer que estavam tão amassados quanto meu rosto. Me despi rapidamente e fui tomar meu banho, quando abri o chuveiro a água meio fria escorreu por todo meu corpo, antes de eu me

afastar e esperar esquentar. Toquei em meus mamilos duros pelo frio e suspirei.

Foda-se! Mas admitia que eu pensava em Christopher e em suas mãos, lábios, boca, voz... Tudo. Eu queria tudo dele, porém não haveria possibilidade nenhuma para isso e seria melhor assim.

Tomei meu banho meio rápido, tentando não pensar nele, mesmo sentindo que só de imaginá-lo meu sexo ardia e eu sentia-me lubrificar.

Eu precisava começar a beber! Já não me importava que era um domingo, pela manhã, tarde ou noite. Não fazia mais diferença! Eu só queria beber e me distrair, para talvez assim não pensar mais no garoto mais tentador que já conheci.

Fora do banheiro decidi vestir uma calça jeans claro e um top preto, não deixando de fora um salto, não tão alto quanto eu gostava. Eu era uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mulher alta e sabia que não poderia exagerar em saltos para não ficar mais alta do que muitos homens.

Deixei meu cabelo solto, ele estava abaixo dos ombros. Eu amava meu cabelo, não era como as outras mulheres que sempre reclamavam do seu cabelo, por serem indomáveis.

O meu, para desespero de muitas, não era totalmente liso, era um liso ondulado, que dificilmente embaraçava. Eu quase não o alisava, deixando ele natural. Só em momentos propícios, como eventos ou encontros formais, que eu o alisava ou ia a algum salão para fazer um penteado digno do evento.

Eu não tinha falado ainda com Benny, mas eu estava querendo ir a um restaurante bacana e beber um pouco nele, quem sabe até depois sair para outro lugar... Uma boate, talvez.

PERIGOSAS ACHERON

Sai do meu quarto enquanto penteava meu cabelo domável e ondulado, indo até o quarto de "hóspedes" (para não dizer "quarto de Benny", já que eu nem sequer tinha hóspedes) e batendo duas vezes na porta.

— Decidi ir a um restaurante e à noite ir a alguma boate... O que você acha?

Não demorou quase nada para Benny abrir à porta, sorrindo.

Ele vestia uma calça de couro marrom e uma camisa preta com um decote V. Bem típico de Benny vestir uma roupa daquelas, mas eu não podia deixar de admitir que ele estava muito bonito.

— Você decidi o restaurante e eu decido à boate.

— Fechado! — eu sabia que me arrependeria de deixar a decisão da boate para Benny, mas não pensei naquele momento, além de quê, queria me

PERIGOSAS ACHERON

distrair totalmente.

Eu não conhecia outra forma de me distrair mais como essa de: sair, beber e — possivelmente — foder.

XVI



Eu não sabia para qual boate Ian estava me levando, mas assim que o táxi parou e eu li o nome dela, eu sai do táxi rindo.

Satisfaction, era o nome da boate. E não era

uma boate qualquer, era uma boate de swing. Eu já tinha ouvido falar muito sobre ela, entre alguns amigos, pois aquela era a única boate de swing da região que aceitava à entrada de solteiros.

Antigamente tinha um dia da semana específico, porém, depois de anos ela se tornou entre meus amigos "a boate do sexo dos solteiros *e* casados". "Swing" já não descrevia tão bem essa boate. Todos falavam muito bem dela, principalmente do dono dela, que hoje deveria ter um pouco menos de 50 anos.

— Você não brincou quando disse que íamos foder, Sr. Abreu! — brinquei as risos enquanto eu e meu amigo caminhávamos até a entrada da boate.

— Eu estava precisando disso... — Ian ria, mas percebi que seu semblante tinha mudado, embora quê, bem rapidamente — Você já entrou nessa boate?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, mas não sei nem porquê, já que sempre tive curiosidade.

— Você vai gostar... — eu e Ian pagamos nossas entradas e eu fiquei estupefato pela boate por dentro.

Logo na entrada tinha um salão enorme com um bar e uma pista de dança. Um DJ tocava uma música eletrônica e ninguém tinha vergonha de dançar. A pista estava cheia de mulheres e homens seduzindo um ao outro. Não era nada vulgar ou sexual e sim sensual.

— Isso não é nada. — Ian comentou ao ver minha expressão. — Além de ser uma boate que entra solteiros, aqui tem no subterrâneo outro bar com strippers, porém é só para os VIPs. Tem também um quarto escuro, onde ninguém vê nada e toca uma música baixa ao fundo, sem DJ. Aqui há quartos privados, comunitários, onde todos fazem

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tudo para todos verem, e outra série de quartos para determinados tipos de fantasias sexuais.

— Como você sabe tudo isso?

— Já vim aqui algumas vezes, e tenho alguns amigos que conhecem o dono.

Fomos até o bar e pedimos uma boa vodca. Uísque era muito caro, ainda mais naquela boate.

— Como funciona exatamente? — gesticulei discretamente para as pessoas na pista de dança, enquanto eu pegava meu copo com vodca.

— Não muito diferente de uma boate normal, a diferença que aqui as pessoas sabem claramente o que querem. Sem muita conversa, direto para as preliminares.

— Mulher escolhe o homem ou não existe isso?

— Se você estiver interessado em alguém,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

você pode se aproximar, se ela não hesitar e deixar você continuar, você continua, mas se ela dizer um "não" você não pensa duas vezes e se afasta.

— É estritamente proibido insistir, porém, sabemos que você não faria isso. E, ah, se você vê, por exemplo, duas mulheres juntas, você não pode se aproximar, mas elas podem te chamar, o mesmo vale para o caso de você se interessar por um ménage com um casal que já está nas preliminares.

— Mais alguma regra? — perguntei enquanto bebia minha vodca em grandes goles, Ian não ficava atrás, bebia bem rápido. Com pressa óbvia para ir até as mulheres na pista de dança.

Algumas mulheres pareciam já terem nos notado, pois algumas insinuavam para nós com danças mais sexuais e mais rebolados.

— Sexo sempre com camisinha, nos quartos privativos e nos comunitários há camisinhas e

PERIGOSAS ACHERON

brinquedos sexuais. Sem beijo na boca também.

— Sem beijo? Por quê? — perguntei erguendo uma sobrancelha. Eu me sentia um virgem inexperiente, mas tinha que saber de tudo antes de qualquer coisa.

— Aqui é só sexo, beijo é como se fosse romance. Mas tem mulher que não se importa em beijar, porém, é melhor deixá-la tomar a iniciativa ou perguntar desde o começo se ela se importa ou não.

Dei de ombros, acabando com meu segundo copo de vodca e colocando no balcão. Eu não me importava com beijo na boca, era algo na preliminar que não me faria falta.

Uma mulher, de aparentemente, trinta e poucos anos se aproximou de Ian, sem falar nada, apenas sorriu e pediu para o barmen um uísque, do qual ela bebeu em questão de segundos. Sem

esperar mais, ela pôs-se de frente à Ian e começou um assunto sobre sexo com ele, sem pudor algum. Logo no começo da noite e eu já estava gostando daquele lugar.

— Irmão! — Ian me disse — Não espere por mim, qualquer coisa te mando uma mensagem no fim da noite.

Quando eu abri a boca para murmurar um "beleza", a mulher que estava, agora ao lado dele, disse:

— Ele não quer participar? — sua voz era calma e não hesitava.

Ian olhou brevemente para a mulher, depois para mim e deu de ombros, esperando minha resposta.

Eu não ligaria em fazer um ménage com uma mulher gostosa e meu amigo, contanto que seu pau não encostasse em mim. Sobretudo, nessa noite, em

PERIGOSAS ACHERON

especial, eu não me sentia no clima para embarcar na primeira oportunidade de sexo.

— Não, eu vou para pista de dança! — falei me despedindo deles e seguindo para a pista.

Começou a tocar um MIX de várias músicas, algumas que eu conhecia, outras que não fazia a mínima ideia de quem era sequer o cantor, porém ficou muito bom e muito fácil de dançar.

Puxei as mangas da minha camisa até os cotovelos e comecei a dançar, dessa vez eu dancei para todas as mulheres que estavam na pista. Eu sorria torto para todas. Eu queria todas sem pudor nenhum.

Depois de meia música, algumas mulheres se aproximaram, umas bem mais velhas que as outras, mas tão gostosas quanto.

Reparei em duas mulheres dançando perto de mim, (havia vários homens na pista de dança

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

também, mas eu não tinha porque descrevê-los), elas estavam de frente uma para outra. Dançavam enquanto os seios de cada uma, roçavam na outra, e como ambas usavam uma camisa fina, podia-se notar, mesmo com a luz baixa do ambiente, seus mamilos duros.

Uma das mulheres usava uma camisa branca e uma saia longa, parecia ser um pouco mais velha que a outra, já a mais nova, vestia uma camisa preta e um short. Só de olhá-las eu estava começando a ter uma ereção. Era uma cena muito sexy e não se via todo dia.

Não me aproximei delas, esperei para ver se uma das duas me notavam e me chamavam para participar. Elas pareciam dispersas demais com o quê acontecia em volta delas, para sequer me notarem. Alguns homens as cercavam também. Todos querendo serem escolhidos por aquelas

PERIGOSAS ACHERON

mulheres.

Continuei dançando enquanto outro MIX começou a tocar e algumas mulheres se aproximaram mais em mim.

Vi uma silhueta deliciosa de uma mulher que acabava de pôr os pés na pista de dança. Ela vestia uma calça, acompanhada com um salto e um top preto, não consegui ver seu rosto pois senti uma mão puxar minha camisa e me virar de costas para a tentadora nova aparição na pista de dança.

Assim que eu fiquei de frente com a mulher que me puxou, ela me soltou. Provavelmente não querendo ser invasiva demais.

Ela era belíssima e quente. Ela era uma loira, não muito alta, e com muito busto. Ela sorriu para mim e se aproximou ainda mais, colocando sua boca em minha orelha direita.

— Eu e minha amiga queremos *jogar* com PERIGOSAS ACHERON

você... — ela me disse sem rodeios e como deixa, sua amiga passou as mãos pelas minhas costas e apoiou sua cabeça em meu ombro esquerdo.

Sua amiga era uma gata, não tinha como negar. Ela era uma morena com olhos enormes, daqueles que quando chupam seu pau, não largam seu olhar.

Eu não acreditava que realizaria minha fantasia antiga de foder, ou melhor, jogar com duas mulheres, sendo uma loira e outra morena.

Eu conhecia essa expressão "jogar" que se usavam em boates como essa, significava que não seria nada pessoal ou sério. Puramente diversão, que era o que eu procurava hoje, para só assim eu esquecer de uma ruiva tentadora.

Eu já tinha feito um ménage com duas mulheres, mas nunca uma loira e outra morena. Hoje seria minha fantasia virando realidade,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

contudo, infelizmente, nenhuma das duas eram uma ruiva. Ruiva essa que eu não hesitaria em trocar as duas por ela.

Eu estava fodido!

— Onde? — primeiro olhei para a morena, depois à loira.

Eu poderia estar fodido, mas eu não deixaria de me divertir por isso. A vida não parava para ninguém. Comigo não seria diferente, eu, no mínimo, não me deixaria parar por ninguém.

Ambas mulheres sorriram e a morena pegou minha mão, me guiando até algum quarto. Não me importaria se fosse ou não privativo.

Antes de ser guiado pela morena, procurei mais uma vez, ver a silhueta daquela mulher de calça e top, e consegui enxergar um vislumbre de uma ruiva.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu só poderia estar fodido mesmo!

PERIGOSAS ACHERON

XVII



*Decidi um restaurante de
comida italiana que eu amava.* Eu e

Benny preferimos pegar um táxi e deixar minha Mercedes em casa, já que iríamos beber e era melhor evitar qualquer possível problema quanto

fosse possível.

Comemos e bebemos vinho. Benny, além de fumante voraz, era um degustador de inúmeros vinhos. Eu não reclama desse seu outro vício, até porque, eu mesma, amava um bom vinho. Em minha casa tinha uma adega pequena com meus vinhos e uísques preferidos.

Eu não vivia bebendo, mas quando tinha vontade bebia, moderadamente ou não. Aprendi com todos os troncos e barrancos pelos quais já passei que beber era muitas vezes o melhor remédio quando você não poderia fazer nada, sobre nada.

"Melhor beber, do que chorar!" Benny vivia me dizendo isso. Ele tinha uma tese que era: ficar bêbada tudo bem, contanto que, você não dê um vexame, contudo, nunca, chore.

Benny dizia que chorar além de deixar uma mulher linda com o rosto de um palhaço que perdeu o emprego, causava um cansaço de chorar que era desnecessário. Eu concordava. Eu não chorava mais há anos. Invés disso, eu bebia.

Antigamente eu bebia cerveja, de diversas marcas, mas depois que comecei a ganhar mais dinheiro comecei a beber coisas melhores, como meus vinhos e uísques... Infelizmente, algumas vezes, eu voltava ao passado e bebia uma cerveja bem gelada. Sorte minha que eu sempre tinha Benny para me acompanhar na bebedeira.

Depois do almoço, mais tarde que o normal, decidimos dá uma volta pela cidade.

— Iremos para qual boate? — perguntei à Benny enquanto caminhávamos agora em um shopping para passar o tempo.

— Não vou te contar ainda... — então meu

PERIGOSAS NACIONAIS

amigo me puxou pelo braço e praticamente me obrigou a assistir a um filme no cinema.

O filme não foi de todo mal, o pior foi dá outras centenas de voltas pelo shopping, olhando lojas e mais lojas aleatórias.

— Então Benny? — insisti, dessa vez, nós saíamos do shopping.

Não tinha me dado conta de quanto tempo já tinha passado, mas já era tarde o suficiente para boates abrirem.

Benny não me respondeu e pediu um táxi, ambos sentamos no banco traseiro e Benny deu o endereço ao taxista. Não era estranho o endereço que ele falava, mas não me vinha a mente qual boate exatamente era situada naquela região.

— Não vai me dizer mesmo? — perguntei me sentido uma criança.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você verá e me agradecera depois. —
Benny disse e piscou para mim

— Por que eu te agradeceria?

— Estou lhe levando a um lugar, baby, que te lembrava que os demônios não são bons quando presos.

— O que você quer dizer com isso? — meu amigo deveria estar louco e eu não sabia.

Benny revirou os olhos para mim, como se fosse óbvio o que ele dizia, mas só eu não conseguia compreender, em seguida, o resto todo ele disse em um sussurro:

— Já cansei de você presa, baby. Percebeu que só está ligada de verdade à agência? Você precisa libertar seus demônios.

— Quais demônios seriam esses? — fechei o cenho.

PERIGOSAS ACHERON

— O demônio da tentação.

— Você bebeu mais do que devia, Benny?

— Não se faça de sonsa, baby. — Benny me fitou sério, como poucas vezes havia feito antes — Eu sei que *aquele garoto* mexeu mais com você do que você consegue admitir... Contudo, há uma centena de outros homens tão tentadores quanto ele, você só precisa deixá-los entrar, *literalmente*. — Benny piscou e riu com seu duplo sentido de merda.

Não era necessário dizer quem era o "garoto", pois estava mais que óbvio.

O táxi parou naquele momento e Benny pagou o taxista e foi o primeiro a sair do carro. Ele parecia com pressa: ou para fugir de mim ou para entrar na boate o mais depressa possível.

Assim que li o letreiro da boate que estávamos eu entendi todo o discurso de Benny.

PERIGOSAS ACHERON

Realmente ele tinha se superado, não só me levando a uma boate, mas a uma boate de swing. A *Satisfaction*, uma das boates de swing mais famosas do país.

Primeiro eu pensei em bater em Benny por me levar aquela boate, depois eu relaxei. Era uma boate de qualidade e eu mesma já tinha ido algumas vezes nela para uns "jogos casuais", já que ela era a única que eu conhecia que aceitava a entrada de solteiros.

— Não queira me matar, por favor, eu só quero seu bem. — Benny sorria torto e hesitando um pouco colocou o braço sobre meus ombros.

— Ainda não quero te matar... — brinquei enquanto Benny pagava nossas entradas.

Ele era meu amigo, mas ele dizia que certas coisas, como pagar para mim, ele faria. Na maioria das vezes nós dividíamos, mas algumas vezes,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quando ele decidia algo e me puxava para ir junto — como agora — ele pagava para nós dois.

O lugar, como sempre, mesmo para um domingo, estava animado e cheio. Um MIX de diversas músicas tocava, selecionadas por um DJ, não era nada mal feito naquela boate. Tudo para proporcionar o conforto de todos.

— Vamos beber mais, antes de qualquer coisa! — Benny falou enquanto me puxava para o bar.

— Não se esqueça que amanhã é segunda e...

— E você é a minha fodida patroa, que junto comigo, acordará com uma ressaca. — Benny interrompeu-me.

— Não sei como eu consigo ser sua amiga. — disse rindo e pedido ao barmen uma água com gás, já Benny não hesitou em pedir um uísque puro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu não queria exagerar.

— Há coisas na vida que nunca descobriremos as respostas exatas, por um simples motivo.

— Que seria? — questioneei.

— Porque não há exatidão a tudo.

Às vezes, Benny parecia um verdadeiro filósofo. Me lembrei de seu sonho de vida abandonado há tempos: estudar filosofia, talvez até lecionar.

Infelizmente os anos foram passando e em um momento ele se achou velho demais para continuar a sonhar com aquilo e desistiu. Ele não pôde estudar, porque tinha que modelar e ser modelo estava dando dinheiro, enquanto ser um filósofo demoraria muito mais e ele ganharia bem menos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu não sabia se realmente ele tinha deixado de sonhar em estudar filosofia ou só me falava isso para eu não insistir que ele tentasse. Ele só tinha trinta e sete anos e poderia fazer tantas coisas ainda, não entendia como ele conseguia se privar tanto de seus sonhos, sendo quem era e com o espírito sempre jovial que tinha.

Realmente há coisas que nunca entenderei.

— Meu filósofo particular! — brinquei bebendo minha água.

— Você não vai beber água com gás o resto da noite, vai? — Benny mudou de assunto.

Assenti, afirmando que ia beber sim só água com gás. Ele riu e pediu um Martini.

— Eu não vou beber mais Benny! — disse, mas não adiantou e ele empurrou o Martini para mim, tirando e colocando minha água longe.

PERIGOSAS ACHERON

— Não tem graça ficar bêbado sozinho. Você tem que ser minha amiga até na bebedeira. — Benny fingia-se sério.

Eu hesitei, mas enfim bebi o Martini, que estava muito bom, por sinal.

Não demorou muito mais para eu sentir o efeito do álcool em mim, pois eu quis dançar na pista. Eu nunca dançava, a não ser socialmente e quando era obrigada.

— Vamos dançar? — Benny parecia ler meus pensamentos.

Sem esperar coloquei meu copo vazio no balcão junto com uma nota alta o suficiente para pagar as bebidas que pedimos.

Assim que coloquei o pé na pista de dança com Benny ao meu lado, eu vi um homem que me fez quase desequilibrar, ou talvez isso fosse apenas efeito do álcool, porém eu não era de ficar bêbada,
PERIGOSAS ACHERON

porque estava acostumada a beber muito.

Eu, talvez, estivesse sonhando acordada ou algo fodido do tipo, porque o homem me lembrava Christopher.

Ele vestia uma calça meio rasgada e uma camisa cinza de mangas pretas, suspensas até os cotovelos. Não consegui ver seu rosto, pois analisei por tempo o bastante seu corpo, quando tentei ver seu rosto uma mulher o puxou, deixando ele de costas para mim.

Analisei até mesmo suas costas, escondidas pela camisa, mas não pude apreciá-lo por muito tempo, pois outra mulher morena ficou na frente.

Em algum momento ele viraria, mas não perdi tempo com um homem que já estava em um jogo com duas. Queria alguém nessa noite que só me desse atenção.

Andei até uma parte da pista de dança, com
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Benny me seguindo e fiquei de lado do homem e suas duas mulheres. Se ele se virasse não me veria, nem o contrário, mas isso não foi o suficiente para não me fazer virar a cabeça e ver quando a morena puxou ele pela mão e o tirou dali, com a outra mulher correndo atrás deles.

Mas Benny deveria estar certo, eu deveria precisar apenas jogar, pois até mesmo em uma boate de swing eu me lembrava daquele garoto.

Que porra está acontecendo com minha cabeça?

Eu só poderia estar fodida mesmo!

PERIGOSAS ACHERON

XVIII



*Entrei em um quarto
privativo com as duas mulheres.* Só

dessa forma com aquelas duas belas mulheres que
eu pararia de pensar em uma certa ruiva tentadora.

Não esperei muito tempo, e mal olhei para o

PERIGOSAS NACIONAIS

quarto, fui tirando minha camisa sobre minha cabeça. As duas mulheres também não esperaram um segundo a mais e tiraram suas roupas. Eu, normalmente, tiraria as roupas delas com calma, enquanto apreciaria seus corpos, mas hoje, eu não estava no clima de ter calma. Eu queria jogar, se assim fosse, forte e áspero.

Não demorou para nossas roupas estarem no chão.

As duas mulheres estavam deitadas já completamente nuas na enorme cama king size. Eu estava ajoelhado, ainda de cueca, na beirada da cama, apreciando a visão daquelas duas gostosas nuas para mim.

Meu pau estava duro como uma pedra por elas. Essa noite eu iria para o inferno e voltaria.

Passei minha mão na panturrilha da loira e a outra mão livre, na da morena. Ambas sorriram em

PERIGOSAS ACHERON

antecipação.

Fiz movimentos circulares nas duas bem leves e fui subindo devagar, até parar na coxa de ambas. Apertei suas coxas e percebi a diferença delas, enquanto a loira tinha seios maiores, a morena tinha pernas mais torneadas. Era meu pacote completo para a minha luxúria.

A loira piscou para a morena que respondeu ao ato, e sem esperar mais, a loira pegou o mamilo da morena com uma das mãos e o massageou, oscilando entre apertar e massagear, fazendo a morena gemer baixinho.

A morena colocou uma mão no rosto da loira e se virou um pouco de lado para também apalpá-la em um dos seios enormes. Foi a vez da loira soltar um gemido, que se tornou entrecortado e alto quando eu enfiei dois dedos em sua boceta molhadinha. Fiz o mesmo com a morena, que

PERIGOSAS NACIONAIS

gemeu ainda mais alto que a loira.

Eu amava isso, amava uma mulher sem pudores, sem amarras, sem vergonha. Mulher tímida me encantava, mas não faria meu pau latejar, como essas mulheres faziam.

Eu amava uma mulher que xingasse, bebesse e comesse, sem hesitar e sem perder a sensualidade feminina natural. Era uma merda conhecer mulheres de academias, pois todas se preocupavam tanto com a aparência que deixavam de lado todos os outros atrativos, como, por exemplo, um bom papo.

Aquelas mulheres me levariam para o inferno com seus gemidos altos. E eu não me importava de ir para o inferno nessa noite, contanto que eu jogasse com elas antes disso.

A loira começou a chupar o mamilo da morena, enquanto eu as fodia com meus dedos.

PERIGOSAS ACHERON

Tirei meus dedos da morena e levei a mão da loira para a entrada da outra mulher. A loira não hesitou em enfiar três dedos na morena que se contorcia na cama de prazer.

Com uma mão livre, (a outra eu continuasse fodendo a loira), aproveitei para apalpar o delicioso e enorme seio da loira. Depois soltei o seio da loira para sentir o outro seio livre da morena que continuava a ser comida e lambida pela loira.

Minha noite foi longa...

A morena em um momento chupou meu pau, sem ligar para camisinha, (o que era ótimo, oral com camisinha era uma merda quase sem sensibilidade), até chegar perto da minha libertação. Enquanto a morena me chupava, a loira chupava ela, até ela gozar.

Depois eu fiz um oral na loira, enquanto comia com meus dedos à morena. As duas

PERIGOSAS ACHERON

gozaram, a loira primeiro que a morena. Era uma delícia ouvir duas mulheres gemerem e você saber que é por sua causa.

Comi (com camisinha, que como Ian tinha dito, tinha várias em uma cômoda ao lado da cama) a morena primeiro, enquanto ela fazia um oral na loira e eu não perdi a oportunidade para colocar dois dedos no ânus da loira que estava de quatro da minha frente, expondo uma bunda tão gostosa quanto seus seios. Nós três gememos em uníssono quando o clímax nos abateu forte e duro.

Me dei de pausa a oportunidade de fazer um merecido oral na morena (depois que ela tomou um rápido banho), e a loira não hesitou em levar todo meu pau em sua boca.

Obviamente não demorou nada para meu membro começar a endurecer nos lábios daquela mulher que me fazia um boquete praticamente

PERIGOSAS NACIONAIS

perfeito, quando suas mãos massagearam minhas bolas, eu já estava completamente duro para fodê-la como ela merecia.

Comi a loira como se o mundo fosse acabar, tão duro que ela não parava de gemer por nenhum segundo, mesmo quando sua boca estava na boceta da morena. A morena ficou de quatro para mim, como a loira antes estava, suas mãos agarravam a cabeceira da cama, enquanto a loira não perdia tempo de abrir as nádegas dela para mim, como se já soubesse o que eu faria e fiz. Enfiei dois dedos devagar no ânus da morena que gemia pelo oral da loira e pelos meus dedos que comiam sua bunda. Mais uma vez nós três tivemos um orgasmo, quase, na mesma hora que o outro.

Fomos para hidromassagem descansar e relaxar um pouco o corpo, mas eu ainda não estava no fim, e elas não pareciam querer isso também.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Na hidromassagem elas se aproximaram mais de mim e eu perguntei se elas topavam um anal. Nenhuma das duas hesitaram, aceitaram sem discussão.

Minha noite naquela boate terminou assim: depois de ter feito sexo anal em cada uma das duas, primeiro com a loira, enquanto meus dedos comiam sua boceta e a outra mulher chupava os seios da loira. A mesma coisa quando fiz um anal com a morena, eu a comia com os dedos, e a loira a chupava nos seios.



— A gente podia jogar de novo qualquer dia desses... — a loira, que eu ainda não sabia o nome disse e eu apenas assenti.

PERIGOSAS ACHERON

Estávamos os três exaustos e agora completamente vestidos para sair do quarto.

A morena disse algo que não prestei atenção e anotou o número dela e da outra em um papel com o nome de ambas. Aceitei grato, poderia realmente querer usá-lo em qualquer noitada. Elas não estavam me dando seu número para algum encontro ou relacionamento de merda, e sim, para jogar, ou seja, transar casualmente.

Qual homem não recusaria o número de duas mulheres prontas a qualquer dia para "jogar" juntas com ele?

Me despedi mecanicamente delas e no bar tirei meu celular do bolso e mandei uma mensagem para Ian, dizendo que esperaria ele no bar por, no máximo, trinta minutos, se ele não aparecesse eu iria embora.

Procurei pela mulher que tinha visto antes e,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

como imaginava, eu não a achei. Decidi pedir uma
cerveja bem gelada no bar, só assim para eu parar
de pensar em ruivas: bêbado.

PERIGOSAS ACHERON

XIX



*Depois que o homem com as
duas mulheres desapareceu,* eu decidi
deixar toda a merda de lado sobre amanhã ser
segunda e beber. Benny praticamente saltitou de
felicidade quando eu voltei ao bar e pedi um uísque

com gelo.

— Muito bem baby, beba como se amanhã não fosse segunda! — Benny disse me fazendo ri.

Eu simplesmente tinha o amigo mais estúpido de todos.

Bebi realmente como se amanhã não fosse segunda e eu como se eu não tivesse que escolher um modelo para apresentar a agência na terça.

Pare de pensar, Agatha! — minha voz interna me aconselhou. Mais que certa, contudo, na prática as coisas não funcionavam tão bem.

Benny falava sem parar e algumas vezes me fazia rir, mas minha mente estava em outro lugar, mesmo eu não querendo pensar em nada mais, eu pensava. E era sempre trabalho, trabalho, entregas e problemas.

— Baby, tem um homem maravilhoso te olhando! — Benny anunciou eufórico.

Eu não estava tão animada quanto ele, mas me virei sem hesitar para o homem em questão... E de fato, era um homem muito bonito. Moreno, alto, forte, sem barba, cabelo perfeitamente no lugar. Lindo, mas sem um atrativo maior, nada que me fizesse olhar duas vezes, como um certo alguém... Porém eu estava naquela boate para me perder completamente e deixar todos os problemas de lado. Eu não sairia daquele lugar sem uma boa foda.

— Tem muitos homens maravilhosos aqui. — comentei, me virando para encarar Benny.

— De fato! Acho que estamos perdendo tempo... — Benny não esperou uma reação minha quando me puxou para a pista de dança. Sorte que o copo do uísque já não estava mais em minhas mãos

e o efeito dele, infelizmente, ainda não tinha começado.

Tentei deixar mais uma vez os problemas de lado e comecei a dançar com Benny ao som de mais um MIX.

Benny dançava próximo a mim, algumas vezes ele passava suas mãos em minha cintura ou quadril, enquanto dançava freneticamente.

Tinha muito tempo eu não dançava. Na verdade, eu nunca dançava, mas tem dias em nossas vidas que são feitas para se abrir uma exceção. Eu estava abrindo uma agora.

Rapidamente o homem que me olhava antes chegou mais perto de mim, mas não me tocou. Todos achavam que Benny era meu acompanhante e não se aproximariam se não fossem convidados. Benny deve ter percebido isso também, pois tirou suas mãos de meu quadril e piscou para o moreno

PERIGOSAS NACIONAIS

próximo a nós.

O homem sorriu e com passos largos ficou ao meu lado. Benny se afastou, não sem antes sussurrar no meu ouvido algo como "fim da noite, mensagem.". Eu e Benny tínhamos esse acordo que sempre lembrávamos: se saíssemos para uma boate, qualquer uma que fosse, e nós nos afastássemos, tínhamos a obrigação de avisar ao outro no fim da noite de algum modo o que aconteceu e onde estávamos. Agora, naquela boate, não seria diferente.

Eu não era mais uma garota de vinte anos, cheia de pudores e vergonhas. Eu era uma mulher muito bem decidida, e com toda essa decisão, me pus na frente do homem moreno, colocando minhas mãos em seu peito e sentindo seu peitoral. Ele sorriu e percebi que ele deveria ter minha idade ou um pouco mais.

PERIGOSAS ACHERON

O moreno colocou a mão em minha cintura e dançou sensualmente para mim. Eu já podia sentir seu pau me roçando de leve, nada agressivo demais. Bem cronometrado, com todo o cuidado.

Eu não sabia definir se eu gostava dos atos mecânicos do moreno na minha frente, mas, ainda assim, eu o queria. Eu queria jogar com ele. Com ele *e* com outro.

Depois de ver aquele homem com estilo meio grunge no início da noite, (me fazendo lembrar de quem não deveria), saindo para algum quarto com duas mulheres, eu guardei aquela vontade para mim.

Dois.

Era isso que eu queria hoje e era isso que eu teria.

Continuei a dançar, me desprendendo um pouco do moreno para olhar os outros homens na

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pista. Benny já estava em um canto de papo com um homem poucos centímetros mais baixo que ele. Não demorou muito para Benny se virar para mim, piscar e sair com o seu homem da noite.

Não hesitei em escolher meu segundo homem da noite e não foi difícil saber quem eu queria.

Ele dançava calmamente, nada para chamar a atenção de ninguém, mas cativou a minha. Era um homem, provavelmente, da minha altura, nada de muitos músculos, também moreno, mas sua pele era muito mais bronzeada que o do primeiro homem.

Ele não demorou muito para me ver olhando para ele. Parecia ser um pouco mais novo que eu e bem mais atrevido que o primeiro homem. Enquanto o primeiro parecia ser mais sério e mais centrado, o segundo parecia ser mais atrevido e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

despojado. Gostei da mistura. Era, sem dúvida, eles que eu queria.

Sorri para o segundo que se aproximou em segundos. Encostei propositalmente minha bunda no pau do primeiro homem e fiquei de frente para o segundo que não hesitou em colocar suas mãos em meus quadris, o primeiro homem estava agora com as mãos em minha cintura. Estávamos em um sanduíche. E o recheio da vez era eu.

— Vamos jogar? — perguntei olhando para o primeiro homem, depois para o segundo. Ambos assentiram sem pestanejar.

Fomos para um quarto privativo. Deixei claro que não queria beijos na boca e sexo só com camisinha. Já era de praxe ter camisinhas nos quartos, mas eu queria deixar tudo esclarecido antes de qualquer coisa. Eu não queria saber nomes, nem me interessava ter os números deles.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu não ligaria, nem eles ligariam para mim, então, não precisamos conversar muito.

O primeiro tirou logo a roupa, ficando de cueca e me deliciando com seu corpo bem definido. O segundo continuou de roupa por mais um tempo, ele disse que queria tirar a minha antes.

Deixei que ele tirasse toda minha roupa, me deixando facilmente e completamente nua na frente de um homem seminu e outro vestido.

O segundo tinha mãos habilidosas e ágeis. Não vacilou no momento que tirava minha calça e top. Na verdade, vacilou apenas para acariciar meu corpo. Senti meu sexo latejar de tesão. Eu precisava disso. Eu precisava jogar e eu nem sabia o quanto. Não tanto até aquele momento.

O segundo ficou de costas para mim, passando suas mãos em meu abdômen e descendo devagar. O outro assistia com um olhar de luxúria.

PERIGOSAS ACHERON

Uma mão do segundo desceu para meu púbis, e não demorou em afastar minhas pernas e colocar dois dedos dentro de mim. Eu estava molhada por eles. E o segundo moreno sentiu isso, pois ele deitou sua testa em meu ombro e com a mão livre apalpou meu seio.

O primeiro homem se aproximou e com uma sincronia perfeita o segundo tirou sua mão de meu seio, para o primeiro apalpar meus dois mamilos duros com movimentos circulares leves e algumas apertadas, deixando-os ainda mais duros.

Minha noite foi longa e deliciosa. Os dois homens eram heterossexuais, disseram desde o início, e assim foi até o fim da noite. Nenhum encostou no outro. Tudo era voltado para mim.

Recebi e senti tudo que uma mulher merecia sentir. O primeiro homem me fez um oral de gritar e gozar loucamente (o que eu fiz), enquanto o

segundo chupava meus seios. Tudo no começo foi só para mim, e eu amei aquilo, mas gostava também de fazer. Não tinha nenhum problema em chupar um pau de um cara interessante.

Fodi primeiro com o segundo moreno e fiz um boquete para o primeiro. A melhor coisa de os três receberem algo, era que os três gozariam. E nós três gozamos e gememos mais e mais quase em unísono.

Depois de uma breve pausa fodi com os dois. Já tinha feito aquilo antes, mas daquela vez foi melhor. O segundo foi por trás e o primeiro na frente. Eles eram pacientes e cuidadosos, porém também sabiam foder fundo e duro como ninguém. Pareciam até que ambos já tinha feito outros ménage à trois juntos antes.

Tive um orgasmo matador que fez todo meu corpo ficar completamente mole, porém eu ainda

queria mais. Eles também.

Descansamos e relaxamos na hidromassagem, e ali mesmo jogamos de novo.

Chupei o pau do segundo, quando ele sentou-se fora da hidromassagem, enquanto o primeiro me fodeu. Ele disse que não queria fazer anal, que preferia de novo minha vagina e assim foi. E foi a melhor escolha dele.

Mais uma vez naquela noite, nós três, gozamos forte. Quando o segundo moreno estava perto, assim como fiz com o primeiro, eu tirava minha boca e terminava masturbando. Eu não engoliria porra de nenhum estranho, mesmo que não ligasse em chupar, eu ligava em engolir.



PERIGOSAS NACIONAIS

No bar eu pedi uma água sem gás. Já tinha tomado um banho e me despedido dos homens. Era muito bom jogar naquela boate. Era tudo sem amarras, sem pretensão para depois, sem pudores, sem frescura. Só sexo casual.

Tirei meu celular do bolso e mandei uma mensagem para Benny, dizendo que eu estava no bar, mas iria embora sem ele a qualquer hora e que ele me avisasse mais tarde sobre qualquer coisa. E se não avisasse eu colocaria a porra do FBI atrás de seu paradeiro.

O local estava cheio e a iluminação intencionalmente fraca debilitava qualquer possibilidade de reconhecer alguém... Debilitava, mas não totalmente.

Eu não sei se o inferno estava ao meu favor, mas acreditei que estava. Só poderia ser isso, para quê, no momento que eu me virei, mais uma vez,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para o balcão do bar, para entregar o copo vazio da água que acabara de tomar, eu simplesmente parei, na metade da volta e vi a última pessoa que eu gostaria de ver agora.

Eu vi o pecado em pessoa. Eu vi a minha perdição.

Pior: eu vi minha maior tentação.

PERIGOSAS ACHERON

XX



Eu estava esperando
inutilmente uma resposta de Ian, mas
obviamente, ele não me respondeu e eu já esperava
há longos minutos.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu estava em um canto do bar, parcialmente escondido. "Jogar" com aquelas duas mulheres havia me deixado mais cansado do que eu gostaria de admitir.

Sim, eu estava cansado. Sim, eu estava contando os minutos para ir para meu apartamento tomar um bom banho e só acordar amanhã, depois de uma boa noite de sono, para amanhã começar tudo de novo: academia e procurar algum emprego. Eu não aguentava mais ficar sem ter um bom evento, para ganhar o meu dinheiro.

Enfim, eu estava com a cabeça a mil, mas, ainda assim, senti meu corpo todo ferver e querer loucamente entrar em um dos quartos privativos novamente para só sair dele pela manhã, quando eu vi a visão mais tentadora da noite. Meu pau começou a latejar no ato.

A Ruiva, minha dama de vermelho, estava no

PERIGOSAS ACHERON

bar, bebendo algo que poderia ser álcool ou água. Foi então que me lembrei da ruiva que vi mais cedo na boate, antes de eu sair para o quarto com as duas mulheres, e me dei conta de que era ela, o tom do seu ruivo era igual. Agatha era a ruiva de mais cedo. A coincidência não poderia ser maior e melhor.

Eu estava eufórico. Precisava ir até ela e ficar no foco de sua visão. Não queria me aproximar de vez e provavelmente assustá-la com a minha presença, teria que chegar devagar.

Me aproximei, mas não muito, só o suficiente para ela me ver. Fiquei encarando ela sem piedade. Eu estava em pé, se ela se virasse, ficaria de frente para mim e me veria dando um sorriso torto e presunçoso. Apoiei meu cotovelo no balcão e meu rosto em minha mão.

Agatha enfim virou-se, pondo o copo no

balcão, mas em frações de segundos após colocar o copo sobre o balcão ela me viu. E ela não se mexeu. Ficou estática onde estava. Não estávamos tão perto um do outro, deveríamos estar a uma distância de um metro. Ninguém estava entre nós, com isso parecíamos estar um de frente ao outro, sem qualquer longitude. Eu podia sentir a energia que o corpo de Agatha emanava, mesmo naquela curta distância.

Tirei meu cotovelo do balcão, ainda sorrindo andei até ela, devagar o suficiente para caso ela quisesse se virar e ir embora, tinha a chance... Felizmente ela não fez. Agatha continuou onde estava.

Percebi que sua respiração tinha se tornado entrecortada, porque sua boca se abriu para chupar um pouco de ar. Imaginei aqueles lábios chupando outra coisa que não fosse o ar. Agatha me flagrou

encarando seus lábios e fechou sua boca, mas antes disso ela mordiscou seu lábio inferior.

Puta que pariu! Essa mulher estava fazendo meu pau se contorcer dentro da calça, que havia passado de justa em minha virilha, para apertada.

— *Ruiva*, eu estou começando a acreditar em destino... — sussurrei no ouvido de Agatha, que estremeceu, mas não se afastou.

Não toquei nela, mas me aproximei ao ponto de sentir seus belos seios roçarem em meu peito. Eu queria ter o prazer novamente de chupar seus mamilos até se tornarem duros. Na verdade, acho que eles já estavam duros agora mesmo com a minha aproximação.

— Você... aqui?! — Agatha parecia fodidamente surpresa e eu amava cada reação sua à minha presença.

Ela sentia a mesma coisa que eu, estava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

explícito. Ah, como eu estava gostando de cada segundo precioso daquilo!

— Sim, o próprio. — afastei minha boca de sua orelha e fitei seu rosto, deixando propositalmente nossos narizes tão perto que se roçavam.

Mais uma vez me admirei com sua beleza.

— Como você está? — tentei soar calmo, enquanto por dentro fervia e só pensava nas inúmeras coisas sórdidas que eu poderia fazer com seu corpo.

— O que você está fazendo aqui? — Agatha desviou da minha pergunta e ela estava, definitivamente, desequilibrada e sem jeito com toda a situação.

— O mesmo que você, Ruiva. E a propósito, poderíamos aproveitar...

PERIGOSAS ACHERON

— Não! — Agatha me cortou e se afastou de mim, entendendo minha intenção.

O lugar que estávamos era perfeito para fazermos o que queríamos. Eu só não entendia porque ela não admitia seus desejos e se entregava totalmente a eles.

— Não vamos ter mais nada e...

Não deixei ela terminar de dizer todos os porquês de não podermos ter nada, simplesmente aproveitei a oportunidade de seus lábios entreabertos e a beijei com profundidade, colocando minha língua em sua boca e demonstrando todo meu desejo por ela.

Nesse momento, como para enfatizar tudo, começou a tocar *Car Crash*, de Three Days Grace.

A música fazia uma metáfora sobre "acidente de carro" e que não se conseguia desviar o olhar... Era exatamente assim que eu me sentia com PERIGOSAS ACHERON

Agatha: eu não conseguia parar no sinal vermelho.
Ela era como meu acidente de carro.

"Eu não conseguia parar no sinal vermelho

Você é como um acidente de carro, e eu não consigo desviar o olhar"

Vermelho. Essa cor definia nossa relação sem definição comum. Vermelho representava o desejo. E foi isso que eu senti quando vi Agatha pela primeira vez no evento. Minha dama de vermelho, ainda por cima ruiva. *Minha* ruiva.

Não! Agatha não tinha nada de *minha*. Mas seria assim que a chamaria: Ruiva. Ela não precisaria saber, mas isso representaria todo desejo que eu sentia por ela.

Agatha não reagiu quando minha língua

tocou a dela, primeiro eu pude sentir sua hesitação, em seguida senti sua abertura para mim, me deixando, enfim, beijá-la como ela merecia ser beijada.

Seu gosto era agridoce, seu cheiro era ainda melhor. Ontem Agatha cheirava à algum bom perfume, hoje ela cheirava a sexo. Pena que seu cheiro de sexo não havia sido proporcionado por mim, porém era tão tentador quanto fosse eu quem tivesse a deixado cheirar assim.

Eu não entendia o porquê, mas não gostava de imaginar Agatha com outro homem. Eu queria ela só para mim, mesmo que isso não fosse possível por agora. Mas eu queria e o que eu queria, eu tinha.

Coloquei uma mão em sua nuca e a outra passei em seu quadril, trazendo o corpo dela para mais perto do meu. Eu sabia que Agatha estava

PERIGOSAS NACIONAIS

sentido meu pau ereto por ela. E era isso mesmo que eu queria, que ela soubesse o quanto eu a desejava. E muito.

Agatha passou ambas as mãos em meu cabelo e eu gemi em sua boca quando ela puxou, com uma das mãos, meu cabelo. Depois ela continuou puxando de leve, ao perceber, meu prazer com aquilo. Definitivamente ela era diferente das outras mulheres com quem já estive antes, só pelo jeito com ela me tocava e beijava.

Agatha deixou uma mão em meu cabelo, com a outra ela desceu para minha nuca e a colocou por dentro da minha camisa que tinha uma gola larga. Ela apertou minha pele de leve e a arranhou mais. Gemi novamente em seus lábios macios.

Apalpei com uma mão sua bunda. E puta que pariu! Que bunda! Que mulher do caralho! Tudo nela me fazia querer gemer sem sentido.

PERIGOSAS ACHERON

Com a mão que estava em sua nuca, subi para seu cabelo, e a prendi ali. Não puxei seu cabelo, apenas segurei forte. Ela sairia se quisesse, mas ela não parecia querer, para minha felicidade.

Larguei a boca de Agatha e puxei um pouco seu pescoço para trás, deixando ele exposto para mim. Beije seu pescoço devagar, sabendo que amanhã, ela veria uma marca do meu ato de hoje.

Comecei a lambar e mordiscar o seu lóbulo, em seguida mordi sua orelha, o que fez Agatha gemer e puxar mais meu cabelo. Gemi em sequência.

Inferno! Era para lá que essa mulher me fazia ir e voltar.

Eu estava fodido, mas estava completamente enfeitiçado por ela. Era como uma droga, eu não queria largar. Queria mais e mais.

Agatha puxou meu cabelo o suficiente para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

eu tirar meus lábios de seu corpo. Ela me deu um sorriso torto de amolecer qualquer coração e colocou sua boca em minha orelha, fazendo o mesmo que eu fazia antes, mas ela era pior, ela gemia e sussurrava em minha orelha, fazendo todo o meu corpo se arrepiar.

Eu nunca tinha beijado uma mulher que me fizesse sentir, como estava me sentindo agora: perdido, esfomeado, alucinado... Nem nos meus beijos da adolescência eu tinha ficado como estava agora. Aquela mulher despertava coisas em mim que eu não sabia que existiam.

Agatha se afastou novamente de mim, dessa vez, eu sorri e apertei sua bunda. Ela soltou um gemido de puro prazer. Finalmente eu tinha vencido. Ela era minha, mesmo que só por hoje.

Quebrando todo o clima, eu ouvi alguém a chamar:

PERIGOSAS ACHERON

— Agatha? Baby porra!

Fiquei puto como nunca quando ela se afastou totalmente de mim, empurrando minhas mãos de seu corpo e procurando a voz que a chamava.

— Benny? — Agatha disse, mas ela não parecia envergonhada por ter sido pega aos beijos comigo — Eu estava te esperando.

— Percebi... — Benny, o amigo de Agatha, que eu havia conhecido ontem, olhava para mim de cima a baixo com um olhar entre travesso e tenso — Chris, não é?

— Sim! — respondi estendendo minha mão para ele que não hesitou em pegá-la firme.

— Não imaginei que iríamos nos reencontrar tão cedo. — Benny sorria para mim, e ele parecia ser um homem tão amistoso e fraterno que eu não conseguia deixar de sorrir para ele.

Nunca, em toda minha vida, eu tinha tido algum preconceito. Tive uma criação que poderia favorecer a isso, mas, felizmente, eu não era um homem assim. Minha tia, Myrna, com certeza, desaprovava meu modo de viver, se ela soubesse todos os meus casos com mulheres aleatórias. Ela não era uma mulher de preconceitos, mas sim de "pré-conceitos" malditos que a fariam deixar de se envolver com muitas pessoas boas por eles.

— Quem diria, não é? — falei, e em seguida fitei os olhos azuis de Agatha — Como eu estava dizendo, Ruiva, posso estar agora, acreditando em destino.

— Você não parecia que estava *dizendo* nada... — Benny comentou, o que fez eu e Agatha rirmos.

Esse cara deveria ser realmente ótimo, para fazer até mesmo Agatha rir.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bem, infelizmente precisamos ir, certo baby? — ele completou olhando para sua amiga que assentiu, mas não sem antes olhar para mim.

— A gente poderia ficar mais um pouco... — sussurrei, puxando delicadamente Agatha para mais perto de mim.

— Não posso...

— Ou não quer? — a cortei.

— Ambos.

— É evidente que você quer, mas não vou insistir, pois agora eu acredito em destino, e tenho certeza que vamos nos ver de novo. — disse cada palavra com cuidado.

Não, eu não acreditava em destino. Mas sim, eu iria atrás daquela mulher novamente, com isso, nós nos encontraríamos. Ela seria minha. Não me importava por quanto tempo, mas ela seria minha

PERIGOSAS ACHERON

por, pelo menos, uma noite e eu não a teria pela metade, ou cansada, como hoje ela deveria estar. Eu a teria completa e só para mim.

Com uma pressa anormal Benny se despediu, puxando Agatha pela mão que não resistiu e seguiu o amigo, sem nem sequer me dizer um maldito "tchau".

Meu pau continuava duro como uma pedra quando Ian enfim apareceu com um sorriso de orelha a orelha. Felizmente, meu pau começou a murchar a visão de meu amigo.

— Perdi algo? — ele perguntou parando na minha frente.

— Perdeu tudo. — disse.

Ian deu a ideia de irmos para um barzinho tranquilo para conversarmos. Eu não tinha a intenção de contar a Ian sobre Agatha, mas falaria sobre as duas mulheres com quem eu estive, ele

PERIGOSAS ACHERON

preferiria ouvir isso, de qualquer forma, do que todo drama mexicano de merda com a Ruiva.

Enfim assenti para Ian, já saindo da boate.

XXI



— *Que porra de cena foi aquela que eu vi?* — Benny berrava quando entrávamos no táxi, assustando o taxista. — Vocês pareciam foder com a boca um do outro.

— Menos Benjamin! — sussurrei totalmente envergonhada.

Benny era o único que me deixava naquele

PERIGOSAS ACHERON

estado de vergonha.

Falei para o taxista meu endereço e meu amigo não perdeu tempo para engatilhar em outra questão:

— Você tem muito o que me explicar, mocinha... Se eu não tivesse te tirado dali você provavelmente teria fodido com o garoto até o amanhecer, esquecendo de mim.

Dessa vez eu gargalhei.

— Eu não foderia com o garoto... Ele deve ser uns dez anos mais novo que eu, porra!

— Baby, você só tem trinta e dois anos. Se você se acha velha, eu sou um fodido zumbi de grife. — Benny e eu gargalhamos, acho que até o taxista estava achando graça daquela cena patética que protagonizávamos.

— Não me acho velha, mas não acho legal

transar com um menino que poderia me chamar de "tia".

— Menos baby! — Benny colocou suas mãos em meu rosto, me fazendo encará-lo. — Não importa a idade, importa é de que família ele veio, mas precisamente de que pai.

Respirei pesadamente.

Para mim a idade importava e muito. Nunca tinha tido nada com homens muito mais novos que eu. Estava acostumada a conviver com homens mais velhos e mais maduros. Nunca tive paciência para ensinar.

Garotos davam trabalho, e só pensavam em besteiras. Eu era uma mulher e uma mulher precisava de um homem, não um garoto. Seja para foder ou vida pessoal.

O maior problema de Christopher, além de sua idade, era obviamente seu pai. Eu não gostava

PERIGOSAS ACHERON

nem de lembrar do meu passado. Tinha deixado ele para trás e eu estava bem assim.

Benny me conheceu pouco depois de eu ter abandonado meu passado, mas para ele eu tive coragem de dizer tudo, ele entendeu, e me apoiou. Passou comigo o presente sobre meu início do namoro, meu noivado rápido e depois sobre meu casamento fracassado.

Juntos, eu e Benny, sempre pensamos para frente. O futuro nos aguardava, o passado tinha sido apagado... Assim eu queria acreditar.

— Eu sei, e eu sinto agora que, — disse — eu preciso beber muito. Amanhã temos que escolher o modelo que nem sequer achamos.

— Não me faça pensar nisso porra.

Rindo entramos em minha casa, ambos prontos para encher a cara enquanto eu contava cada detalhe sobre o beijo de Christopher.



O que era foda? Acordar numa segunda-feira às 9h, quando você tem que estar em seu trabalho às 8h. Pior? Acordar com ressaca e com um braço pesado sobre você.

— Filho da puta, acorda! — xinguei Benny que apoiava, não só o braço, como quase metade de seu corpo em cima de mim.

Tínhamos dormido em minha cama, seminus e completamente bêbados. Eu vestia uma calcinha e um blusão, (que um dia tinha sido do próprio Benny), e ele vestia uma cueca boxer cinza.

— Você precisa ser mais gentil na hora de acordar uma pessoa! — Benny resmungou, enfim tirando seu peso de cima de mim.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estamos atrasados! — falei enquanto corria para meu banheiro.

— Sim, e é por isso que, não são só nós que temos a chave da agência...

— Como você consegue ser tão calmo em dias como hoje?

— Dias como hoje? — ouvi Benny responder do quarto, eu já estava tomando um banho quente.

Ele, deveria estar ainda deitado em minha cama, com seu antebraço cobrindo seus olhos da claridade daquela manhã.

— Para mim, hoje é um dia de muita ressaca.
— completou.

— Benny, você é um perdido! Como posso ser sua amiga?

— Você é tão perdida quanto eu. E dizem que os perdidos se acham, quando estão juntos.

PERIGOSAS ACHERON

Fiquei sem resposta. Ele tinha razão. Sempre tinha.

Quando sai do banheiro, depois de minha higiene diária, enrolada em um robe, Benny enfim levantou da cama e foi se arrumar no outro quarto.

Decidi vestir um vestido preto acima dos joelhos. Tinha mangas compridas, com um decote canoa, de botões e era solto no corpo, estava propício para ser usado em uma manhã.

Optei por um salto nude e cabelo solto. Minha ressaca era das pesadas e para disfarçar minha cara de quem passou à noite em claro, coloquei um óculos, não sem antes, usar um pouco de maquiagem, bem leve, até mesmo pelo horário.

Sai do quarto a tempo de não esquecer minha bolsa com tudo que precisava dentro dela. Benny saiu do quarto enquanto vestia uma camisa que eu tinha dado de presente a ele.

Era uma camisa básica, mas eu tinha achado a cara dele quando comprei. Era no estilo de polo, com botões e tudo, menos o tecido, que dessa era mais leve. A camisa era branca com detalhes em verde. Benny vestia também uma bermuda azul e calçava um sapato esportivo. Ficava lindo de qualquer forma. Nunca diriam que Benny tinha trinta e sete anos.

Fomos na minha Mercedes, Benny tinha um carro, mas não era muito fã de dirigir. Eu, por outro lado, nunca me importei com isso. Na verdade, eu sempre gostei de carros e velocidade, mas nunca tive muito tempo para isso.

Quando chegamos na agência, ela estava claramente aberta, como Benny havia dito, não éramos os únicos com a chave, por segurança, quem tinha à chave, além de mim e Benny, era Jerry, que trabalhava comigo desde sempre. Era o

fotógrafo e o cara que fazia todas as montagens necessárias nas fotos. Tinha contrato com outros fotógrafos, mas Jerry era o único de contrato vitalício. E Jerry já tinha sido um dos longos casos de Benny.

Benny, por si só, era um caso incurável.

Ele já tinha cuidado de mim, e literalmente, brigado por mim. Benny era um homem ‘de verdade’. Já que, muitos homens, sendo homossexuais ou heterossexuais, nunca teriam me defendido como meu amigo já o fez. Aquilo havia sido algo de homem *de verdade*, independente de sua sexualidade.

Eu devia muito a ele por ser um homem admirável, e ainda por cima, ser meu amigo, diante de tudo que eu tinha passado e feito.

Benny se dizia do mundo. Nunca se prendia a ninguém, quando eu noivei com meu ex, Benny

achava que eu tinha feito a maior bobagem de toda minha vida. O fodido tinha razão, mas eu tive que quebrar a cara antes disso para saber. Me casei, e em menos de dois anos, me separei.

Namorei por quatro anos, dos meus vinte e três aos vinte e sete anos, noivei com vinte e sete anos, um ano depois me casei e antes dos meus trinta anos me separei. Perdi quase sete anos da minha vida com um homem de merda... Mas eu tinha deixado esse passado para trás, como os outros.

Estacionei o carro na minha vaga e sai com meu óculos no rosto e bolsa no braço, com Benny do meu lado, para dentro da agência.

Os modelos pré-selecionados deveriam estar na agência às 10h e já era quase isso. Por sorte, não tínhamos nos atrasado mais.

— Bom dia! Um dos modelos já chegou! —

PERIGOSAS NACIONAIS

Victoria disse toda animada assim que eu e Benny colocamos o pé dentro.

— Eu preciso que você vá comprar um café da manhã para mim e Benny, mais algumas aspirinas. Depois leve na minha sala. — disse passando direto por ela que assentiu e correu para rua.

— Seja mais gentil, sua vadia maldosa! — só Benny conseguia me chamar de "vadia" sem me ofender.

— Eu não sou gentil, porque sou prática.

Benny gargalhou enquanto entrávamos em minha sala.

Joguei minha bolsa em cima de um sofá do qual Benny deitou, usando minha bolsa como travesseiro. Não tive coragem de retirar meu óculos, mesmo já dentro da agência preferi ficar com eles.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Meu rosto deveria estar péssimo, e minha cabeça doía mais ainda.

— Não vai querer saber quem é o primeiro modelo mais pontual? — Benny disse com os olhos fechados.

Sentei em minha poltrona e relaxei meu corpo nela.

— Depois de comer...

— Concordo. Estou morto!

Passava das 10h quando Victoria trouxe o café da manhã com tudo que tínhamos direito e as benditas aspirinas.

— O que eu falo para o modelo ou o deixo esperando? — Victoria perguntou antes de sair da sala.

Benny e eu estávamos usando minha mesa de trabalho, como mesa de jantar, espalhando tudo que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Victoria havia trazido nela. Olhei para Benny antes de responder e ele deu de ombros tomando umas duas aspirinas de vez.

— Você acha que ele tem alguma chance? — perguntei à Victoria que hesitou, provavelmente estava pasma que eu queria saber a opinião dela.

— Sinceramente, eu acho que ele é perfeito para o perfil.

— Se é assim, confiando em seu julgamento, pode pedir à Jerry para tirar algumas fotos dele. Ele sabe como tem que ser. — eu estava a ponto de mandá-la ir logo, quando lembrei do último detalhe. — Espero que o modelo esteja com uma cueca decente, porque ele vai ter que tirar a roupa.

— Sim senhora, direi tudo à Jerry.

Eu e Benny ficamos mais alguns minutos em minha sala, comendo e bebendo um bom café preto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Precisamos ir! Alguns outros modelos devem ter chegado. — Benny informou, levantando do sofá, do qual só tinha se sentado para comer. — É um alívio saber que temos opções e principalmente que a equipe trabalha, enquanto nós passamos o final de semana bebendo e fodendo.

Não contive minha risada, e assim fomos, rindo, até o andar de baixo. Minha agência não era enorme, tinha um andar, sendo um, meu, de Benny e um espaço para Victoria. No andar de baixo tinha um espaço para as fotos, banheiros, trocadores com roupas em excesso, outro espaço que servia como uma recepção, da qual, algumas vezes, Victoria ficava, quando necessário.

Não trabalhávamos apenas agenciando modelos para empresas, trabalhávamos também com books profissionais, mas não de modelos quaisquer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu nunca pensei muito sobre destino e coincidência... Mas hoje eu estava a ponto de admitir acreditar em destino. Acho que até Benny, cético como era, estava começando aos poucos a crê nisso, porque com sincronia eu e ele tiramos nossos óculos de sol para ver com precisão a pessoa à nossa frente.

Eu não sabia o que pensar, sobre acreditar ou não, já que eu nem sequer estava pensando mais quando cheguei no estúdio, e encontrei, de cueca, sorrindo para mim, um totalmente viril, musculoso, *sexy e tentador*... Christopher.

PERIGOSAS ACHERON

XXII



*Tudo estava conspirando a
meu favor.* Eu nem conseguia acreditar que
ontem, no barzinho, que eu e Ian paramos para
conversar aquela menina havia me parado.

Estávamos sentado na varanda do bar,
PERIGOSAS ACHERON

quando ela começou a me encarar, até Ian percebeu suas olhadas diretas para mim e comentou. Eu não estava no clima de um flerte aleatório, então continuei na minha, contando para Ian sobre as duas mulheres, mas não disse nada de Agatha, parecia errado falar sobre ela.

A menina, que deveria ser um pouco mais jovem que eu, se levantou e veio em nossa direção. Ian vibrou, dizendo que era uma garota com atitude. Eu continuei quieto, não pensando em nenhuma "garota", e sim em uma mulher.

— Oi, boa noite! — disse a menina.

Parecia sem graça, provavelmente ela não estava acostumada em tomar uma atitude. Eu e Ian respondemos, Ian mais animado que eu e a menina me fitou, praticamente analisando todo meu rosto, antes de voltar a falar.

— Eu trabalho em uma agência de

publicidade, e hã... não queria incomodar você, mas estamos procurando um modelo, para duas campanhas. Se fecharmos com uma, a outra é certa. — ela soltou tudo como um jato.

— Qual seu nome e para qual agência você trabalha? — disse antes que ela começasse a falar seu monologo.

— Victoria, mas podem me chamar de Vicky. Trabalho para a Hot Help. — Vicky falou mais calma dessa vez e me entregou um cartão, com o endereço da agência, número, e-mail e o nome da dona: Agatha Lancellotti.

Agora, definitivamente, eu acreditava em destino.

Eu fui o primeiro a chegar na agência, com pressa para poder ver Agatha, mas ela chegou mais tarde que o normal e se trancou em sua sala, me deixando esperar, mesmo que ela não soubesse que

era eu quem esperava.

Como eu fui o primeiro a chegar, fui o primeiro a ter minhas fotos tiradas. Algumas de rosto, sorrindo e sério, outras sem camisa, e umas centenas sem calça.

Eu estava com meu cabelo preso por um elástico, mas metade estava solto, já que não ficava, de maneira nenhuma, preso. Antes, vestia uma calça skinny e uma camisa cinza escuro. Hoje tinha apenas delineado minha barba, mas não a aparado, deixando ela um pouco grande, mas sempre arrumada. Como eu já sabia que teria que em algum momento tirar a roupa optei por uma cueca boxer preta, que não marcaria nada, como uma branca marcaria.

Passou pela minha cabeça usar uma cueca branca com a única intenção de atiçar a imaginação de Agatha, mas eu não poderia brincar sobre, já que

também estava precisando de um emprego.

Com cueca preta ou não, se tornou impagável a expressão no rosto de Agatha quando me viu seminu. Ela e seu amigo Benny tiraram até os óculos de sol que usavam. Benny rapidamente o pôs de volta, já Agatha tirou o dela e colocou sobre a mesa de Jerry, deixando-o ali.

Era óbvio que ela não esperava me ver, quando mais da forma que eu estava... despido. Seu olhar me devorava, Agatha não tinha nenhuma vergonha de me olhar de cima a baixo. Ela era a única mulher que me olhava assim e eu gostava. Eu também deveria estar com o mesmo olhar enquanto a encarava sorrindo.

Minha dama de vermelha, minha Ruiva, estava de preta nessa manhã, o que me fez lembrar da Viúva Negra. Talvez a Viúva Negra e Agatha tivessem muitas coisas em comum.

Eu só conseguia imaginar Agatha deitada em minha cama, sem aquele vestido de mangas. Ela calçava um sapato simples, mas quase tão alto quanto o da noite de sábado. Eu não me importaria se ela apertasse aqueles saltos em minha pele.

Agatha e Benny se aproximaram, ambos com passos hesitantes.

— Agatha, essa preciosidade aqui foi selecionado por Vicky! — exclamou Jerry, o fotógrafo, para Agatha. — Foi muita sorte dela achar ele para gente... Ele é ou não perfeito para a campanha?

Agatha sem tirar os olhos de mim respondeu:

— Mas ele não é o único. Aposto que há outros tão bons quanto ele.

— Os outros, são apenas sete, estão esperando lá fora. Estamos tirando as fotos por ordem de chegada. — disse Jerry.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Fez bem! — Benny respondeu sorrindo para Jerry — Cadê o outro fotógrafo? Não podemos deixar os meninos esperarem tanto, melhor adiantando e tirando fotos de dois de vez.

— Meu assistente está com os meninos, tirando fotos de perfil. As de cueca que serão aqui... — Jerry hesitou, olhando de Benny para Agatha — Fizemos mal em decidir por você?

— Não, vocês se organizaram bem. — respondeu Agatha para Jerry, depois direcionou-se para seu amigo. — Benny, vá atrás de Victoria e organize os nomes dos rapazes por ordem alfabética. — vendo a expressão de Benny, Agatha sorriu — *Por favor.*

— E você, o que vai fazer? — Benny perguntou à Agatha.

— Ficarei aqui e verei todos os pré-selecionados.

PERIGOSAS ACHERON

Benny não disse nada, mas abaixou seu óculos o suficiente para vermos metade de seus olhos e seu olhar parecia dizer mil coisas. Ele se despediu de todos, inclusive a mim com um aceno rápido e saiu do estúdio em busca de Victoria.

— Onde eu estava com a minha cabeça? — Jerry praticamente berrou pondo suas mãos nas laterais de sua cabeça. — Eu nem sequer os apresentei... Que indelicadeza a minha.

— Concordo! — Agatha não hesitou em dizer, mas ela sorria — Porém não é necessário. Eu já o conheço!

Agatha se aproximou ainda mais de mim e eu não me intimidei em parar na sua frente, enquanto olhava seus olhos azuis e sua boca rosada. Dei-lhe um sorriso torto com centenas de intenções perversas, do qual ela retribuiu sem vergonha.

— Eu disse sobre o destino, Ruiva... — falei

à Agatha que estreitou um pouco os olhos ao me ouvir chamando-a de "Ruiva", mas não comentou.

— Estou começando a acreditar em destino ou... — Agatha me deu um sorriso completo, de mostrar os dentes e fazer eu querer me ajoelhar em seus pés — você anda me perseguindo.

Abri um sorriso maior para Agatha e passei minha língua em meu lábio inferior, meu membro latejou à visão de Agatha mordendo seus lábios. Essa mulher queria foder com minha cabeça... *com minhas cabeças*, parece-me mais certo para o momento.

Um flash forte quebrou nosso contato visual, fazendo eu e Agatha olharmos para Jerry, que tinha a câmera no olho.

— Desculpem! — ele disse soltando a câmera que ficou presa em seu pescoço, em seguida ele levantou os braços em sinal de rendição. — Eu

não resisti. Vocês estavam tão perfeitos e...

— Tudo bem, Jerry! — Agatha o interrompeu — Vamos ao trabalho.

E fomos.

Tirei mais poucas fotos de cueca e logo Agatha me mandou esperar na recepção que hoje mesmo ela já escolheria três, dos sete modelos para amanhã apresentar à empresa, então amanhã ela diria qual dos três havia passado para as duas campanhas.

Agatha deixou claro também que, talvez, a empresa não aceitasse nenhum dos três modelos, sendo assim, sem trabalho, contudo, ela explicou que todos os três modelos teriam suas fotos pela agência e seriam incluídos em próximos trabalhos, caso esse não desse em nada.

Ontem Vicky tirou todas as minhas dúvidas sobre as duas campanhas. Seria ótimo para mim

PERIGOSAS ACHERON

consegui-las. Quanto mais que teria um comercial de camisinha envolvido, o que pagaria mais.

Ian perguntou o porquê dele também não ser chamado, Victoria disse que ele poderia aparecer na agência se quisesse, mas ela achava que eu era perfeito para ambas as campanhas pelo meu cabelo, Ian riu e me desejou boa sorte. Vicky educadamente entregou também para Ian um cartão da agência. Era bom ter um amigo verdadeiro que não sentiria inveja ou raiva de mim.

Porém, ainda assim, Ian não deixou de perturbar que se tivesse um cabelo comprido e “estilo de merda” conseguiria a proposta da campanha. Eu não fiz nada além de rir com meu amigo.

Enquanto eu esperava na recepção os poucos outros modelos apareciam. Todos eram muito amistosos e conversavam numa boa, sem levar em

PERIGOSAS NACIONAIS

conta que todos queriam a mesma coisa, mesmo que só houvesse chance para um.

Eu senti uma coisa estranha quando um dos modelos entrou no assunto Agatha, e todos que esperavam, sem exceção, concordaram o quanto ela era gostosa. Alguns até diziam que ela tinha dado mole para ele.

Eu não sabia definir com palavras o que eu estava sentindo ao ouvir tudo aquilo, mas não era nada bom. Enquanto o assunto foi Agatha eu fiquei calado, não interagiria naquela merda.

Finalmente o sétimo modelo apareceu dizendo que em menos de dez minutos Agatha daria a resposta dos três que haviam passado.

Merda de tempo que se arrastava quando você queria que ele passasse rápido!

Será que de sacanagem, Agatha, não me escolheria?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

XXIII



Depois de todas as fotos

tiradas, eu peguei meu óculos de sol em cima da

mesa de Jerry e subi, junto com Jerry e as fotos,

para a sala de Benny. Benny estava fazendo algo

em seu computador, seu óculos de sol em cima de

sua mesa, dando para ver melhor agora sua cara de ressaca. Victoria organizava a lista dos modelos de hoje e das possíveis modelos para a propaganda da camisinha.

— Os meninos estão lá embaixo, na recepção esperando por nossa decisão. — disse sentando-me em uma cadeira ao lado de Victoria, e colocando meu óculos de sol ao lado do de Benny, Jerry continuou em pé, enquanto espalhava duas fotos de cada rapaz. Uma de perfil, outra de cueca.

— Vocês gostaram de Chris, quem eu selecionei? — Victoria perguntou olhando para todos nós.

Ela pegou a foto de Christopher com a cueca

e deu um suspiro baixo, mas perceptível.

Não me agradou o modo como Victoria parecia ser íntima dele. Eu sabia que era totalmente infantil da minha parte senti o que eu sentia, mas eu simplesmente não gostava e ponto.

Pensei sobre mais cedo. O corpo de Christopher, seu olhar, completamente exposto para mim.

Reparei que Chris estava me chamando de "Ruiva" em alguns momentos. Era estranho o modo como ele me tratava, tirando toda a tensão, ele ainda me tratava com todo um respeito sem igual. Até mesmo me chamando por um apelido, coisa que nenhum outro homem fez comigo — tirando Benny que me chamava de "baby" — nem mesmo meu antigo e fodido marido. Na verdade, ele me chamava de muitas coisas, principalmente no sexo, mas nenhuma era falada de uma maneira doce.

— Eu e a câmera o amamos! — Jerry disse quebrando meu transe mental. — Não sei se minha opinião vai fazer diferença, mas eu escolho ele. Nem sequer precisa dos outros dois.

Victoria riu e Benny me fitou. Ele esperava para saber o que eu diria sobre Christopher, contudo, eu teria que agir profissionalmente e eu sabia que Jerry não estava errado.

Christopher era perfeito para as campanhas. A empresa seria louca se não o aceitasse, e a nossa agência ganharia ainda mais visibilidade se fechássemos esse contrato. Infelizmente que, para fechar esse contrato, eu precisaria ser obrigada à me encontrar com Christopher por algum tempo seguido. E isso seria tão tóxico, quanto tentador.

— Eu concordo. — comecei, tirando todas as ideias anteriores da mente.

Eu tinha que ser profissional. Olhando para

PERIGOSAS ACHERON

os três, completei:

— Christopher é, sem dúvida, o modelo ideal.

Jerry só faltou saltitar, Victoria bateu palmas de leve, e Benny assentiu para mim. Ele era o único que entendia. Ele sabia também que eu não deixaria de selecionar Christopher.

Os outros rapazes tinham seus atributos e vantagens, mas Christopher se sobressaía. Talvez, passou pela minha cabeça rapidamente, que eu fosse a única que o enxergava daquela forma. Assim que reparei que Jerry e Victoria ainda comemoravam, eu sorri.

Não, definitivamente não era só eu que estava enfeitiçada com a beleza daquele garoto.

Decidimos os outros dois modelos, por obrigação, porque nós quatro concordávamos que Christopher conseguiria modelar na campanha.

PERIGOSAS NACIONAIS

Benny perguntou se eu queria mesmo falar com os modelos, e eu disse que sim. Afinal, eu não era dona da agência à toa. Mas pedi para ele descer comigo, não tinha a intenção de falar com todos os sete rapazes, já bastava ter que lidar com Christopher.

Deixei meu bendito óculos de sol na mesa de Benny pensando em pegar depois, e tive que encarar os meninos olho a olho.

Victoria e Jerry desceram também, mas eles foram para o estúdio.

— Desculpem a demora, — disse aos garotos, todos deveriam ter de vinte anos à vinte e cinco, no máximo, era o perfil que a empresa escolhera — serei bem breve. — eu não sabia ser de outra forma.

Eu era o típico: curta e grossa. E não sabia agir diferente.

PERIGOSAS ACHERON

Benny ficou do meu lado de um jeito quase protetor, enquanto eu dizia os nomes dos três selecionados. Quando eu falei o nome "Christopher Tyler" eu quase engasguei.

Christopher, por outro lado, sorriu daquele seu jeito presunçoso e largado. Agora, obviamente, ele estava vestido, mas eu só conseguia imaginar ele sem aquela camisa e a calça skinny.

Benny direcionou os quatro modelos para a porta, dizendo que eles seriam os primeiros a serem lembrados, caso tivéssemos uma nova importante campanha.

— Bem, — disse para Chris e os outros dois selecionados, enquanto Benny voltava. — estaremos amanhã, mais tardar, na quarta, enviando uma resposta para vocês. Mesmo quem não passar será avisado.

Benny pegou três folhetos, explicando

PERIGOSAS ACHERON

detalhadamente sobre a campanha, o contrato e o salário, entregando aos garotos.

— Leiam tudo, por favor. — Benny avisou a eles — Gostamos de praticidade, se amanhã dermos a resposta, queremos que o selecionado já esteja totalmente ciente da campanha, e se ainda aceita.

Os dois modelos assentiram e Christopher foi o único que sorriu em resposta.

Merda! Eu odiava amar aquele seu sorriso tentador.

— Alguma dúvida? — perguntei e nenhum dos três disse nada — Então amanhã entraremos em contato com vocês. — eu e Benny andamos educadamente com os meninos até a porta, mas Christopher me puxou para voltarmos, deixando Benny levando os meninos.

Não era como se nós estivéssemos saindo de
PERIGOSAS ACHERON

fininho, seria melhor se fosse assim, mas não, Benny e os dois modelos nos entreolharam quando Christopher me puxou de volta para a recepção vazia.

— Ruiva, — Chris sussurrou antes de continuar — que horas a agência fecha? — Christopher me empurrou em uma parede, pressionando seu corpo no meu e pondo suas mãos na lateral de minha cabeça.

Eu não poderia sair e eu também não queria. O corpo de Christopher fazia todo o meu corpo vibrar em reação ao dele. Eu não me sentia oprimida, nem submissa naquela posição. Na verdade, eu me sentia desejada, e com uma puta tesão, só pela sua aproximação.

Estava claro, que, esse garoto me faria pecar. Com ele eu iria para o inferno sem reclamar.

— Às 17h. — respondi fitando os olhos de

Christopher.

Meu corpo poderia entrar em combustão, mas ele não precisaria saber disso. Continuei quieta, com minhas mãos sobre meu próprio corpo. Christopher colocou deliberadamente sua testa na minha, e eu pude sentir sua respiração calma em meus rosto. Seu hálito era de mente, fodidamente refrescante.

— Imagino que você fique um pouco mais após o horário... — Chris falava devagar, provocando seu hálito em mim, com lufadas leves de ar.

— Sim, eu fico.

— Depois das 17h, eu te buscarei. — ele disse, depois me deu um beijo na testa e começou a se afastar.

— Hã? — praticamente berrei.

PERIGOSAS NACIONAIS

Christopher se virou para me fitar e sorriu, antes de repetir com toda a calma do mundo:

— Depois das 17h, eu te buscarei.

— Isso eu entendi, mas...

— Vou levar você para jantar. —

Christopher me cortou.

E sem eu esperar, caminhou até mim novamente, puxando-me pela nuca e me beijando.

Seu beijo sempre tinha gosto de primeiro beijo, com sensações novas e tudo. Minhas mãos foram para seu rosto, enquanto uma das dele foi para minha bunda, elevando-me mais e me deixando flutuando um pouco, sua outra mão soltou minha nuca, depois que eu me entreguei a ele e me segurou pelo meu cabelo.

Se ele continuasse a me beijar daquela forma eu não resistiria mais nenhum segundo e puxaria

PERIGOSAS ACHERON

ele para minha sala, onde poderíamos terminar o que ele começou com um simples beijo.

Admitia que "simples" não era uma característica que poderia ser associada à Christopher.

Seus lábios chupavam os meus, devagar e com ritmo. Sua língua tocava a minha e fazia movimentos circulares dentro de minha boca, me estingando. Gemi em sua boca e pus minhas mãos em seu cabelo, que estava metade preso, metade solto.

Seu cabelo era tão fino que escorregava dos meus dedos, mas para que isso não acontecesse eu o puxava um pouco, de leve, fazendo Christopher gemer em resposta.

Chris tirou uma mão de meu cabelo e desceu para minha bunda, ficando agora com as duas mãos me apalpando sobre a roupa... Christopher me

PERIGOSAS ACHERON

empurrou para a parede que antes eu estava encostada e levantou meu vestido apalpando agora minha bunda por baixo.

Continuei com uma mão em seu cabelo, e com a outra descí para tocar em seu pau sobre a calça. A ereção de Christopher era totalmente palpável, mesmo sobre a calça. Ambos gememos com nossos toques.

Só pensava em entrelaçar minhas pernas em sua cintura e foder com ele ali mesmo. Amaldiçoei todo aquele tecido que nos separavam de verdade.

Christopher tirou uma das mãos de minha bunda e trouxe para minha coxa, fazendo com os dedos movimentos circulares e me matando de antecipação. Ele levou um dedo à minha calcinha de tecido fino e passou seus dedos nela, fazendo um ziguezague lento.

Ele gemeu quando sentiu minha umidade.

Quando eu achei que Christopher me tocaria onde eu ardia e esperava molhada por ele, ele se afastou de mim, não sem antes arrumar meu vestido e tentar pentear meu cabelo.

— Então... — Christopher agora sorria.

Ele colocou uma mão dentro do bolso da calça e outra em meu queixo, fazendo-me encarar seus olhos negros.

— Jantar, depois das 17h. Não se esqueça, Ruiva!

Christopher simplesmente me deixou ali, excitada por ele, sem me dar tempo para dizer um "não" sequer...

E eu queria dizer não a ele?

Foda-se! Eu sabia que eu não queria. Na verdade, eu admitiria, sem graça, que, eu estava ansiosa para o nosso jantar. E eu não gostava de me

PERIGOSAS NACIONAIS

sentir assim, mas estava, fodidamente ansiosa para mais tarde.

PERIGOSAS ACHERON

XXIV



*Eu deixei de pensar e agi
quando beijei à Ruiva.*

Se Agatha não quisesse me encontrar para jantar, ela poderia, muito bem, dizer "não" ou não estar para quando eu fosse buscá-la. Mas algo me dizia que ela estaria me esperando. Ela queria me encontrar, tanto quanto eu.

Sorri ao pensar que mais tarde eu teria um encontro. Um encontro com minha dama de vermelho.



Ainda era cedo quando cheguei na academia e encontrei Ian levantando peso. Eu tinha levado uma muda de roupa no meu carro, já pensando em ir direto da agência para a academia.

— Como foi na agência? — Ian não parou de levantar o peso para falar comigo, assim que me viu parar ao seu lado.

— Passei, estou entre os três selecionados. — disse categoricamente, sentando-me em uma cadeira e pegando um pino de peso.

— E quando você vai saber que você passou?

PERIGOSAS ACHERON

— Ian me fez rir de seu modo confiante.

Ele não tinha dúvidas que eu passaria, mesmo eu tendo algumas dúvidas sobre isso.

Eu sempre confiei em meu potencial, mas hoje eu me sentia diferente. Queria passar nessa seleção não apenas para ganhar o dinheiro, mas porque eu queria ter a oportunidade de ficar mais perto de Agatha sem me tornar invasivo. Eu nunca me importei com isso antes, depois de Júlia, eu só tive casos, e todos muito simples, sem pressão... Sempre havia um ou outro probleminha, mas nada que fosse realmente complicado, como era com Agatha.

Eu não me sentia tendo um "caso" com ela. Nem sequer tínhamos transado. Coisa que eu gostaria de mudar ainda hoje. Enfim, com Agatha eu não sentia que seria certo tratá-la da forma que eu travava as outras garotas. Bem, essa era a

questão: Agatha não era uma garota, Agatha era uma mulher.

— Amanhã! — respondi à Ian, colocando mais peso no pino.

Não falei com Ian sobre Agatha, isso era outra coisa que eu não sentia ser certo. Eu falaria de qualquer foda minha para ele, mas Agatha não tinha como ser classificada como "qualquer foda".

Eu estava fodidamente tentado com aquela mulher. Algo nela me fascinava de uma forma quase anormal. Eu nunca tinha me sentido assim com outra mulher, nem mesmo com Júlia. Meu relacionamento com Júlia tinha sido bom, mas tinha sido pacato, comum.

Depois de duas horas de exercícios na academia eu fui ao meu apartamento com meu Chevrolet. Eu precisava de um banho para esfriar à mente. Faltavam algumas horas para eu ir ao meu

PERIGOSAS ACHERON

encontro com Agatha.

Encontro. Eu já não ia a um, há anos. Eu não sabia para qual restaurante levar Agatha e por um momento, me senti inseguro.

Eu não tinha o melhor carro, nem o melhor apartamento, nem muito dinheiro, mas eu queria conquistar, nem que fosse apenas por uma noite, essa mulher que tinha tudo que eu não tinha.

O dinheiro que meu pai havia deixado para mim seria muito útil hoje. Eu não tinha a intenção de levar Agatha a algum restaurante chique e fresco, mas não a levaria para qualquer lugar para comer, sei lá, um hambúrguer. Teria que levá-la a um restaurante simples, porém, de qualidade. Só me restava decidi qual...

Parando de pensar em Agatha, lembrei de meu pai, que não dava sinal de vida há dias. Se isso fosse novidade eu ficaria preocupado, mas não era.

PERIGOSAS NACIONAIS

O Sr. Stuart vivia desaparecendo e reaparecendo. Ele já não desfilava há anos, contudo, sempre havia um novo evento, comercial, perfume, campanha e afins, da qual ele era convidado a participar. E ganhava muito por isso.

Eu não tinha a pretensão de continuar com essa vida de modelo por muitos anos, só o suficiente para ganhar um dinheiro bacana e decidi que curso na faculdade eu gostaria de estudar. Estudos nunca foi muito o que eu sentia combinar comigo, talvez porque eu não tinha, ainda, me interessado por área nenhuma. Antes dos meus trinta anos eu esperava ter decidido isso.

Eu ganharia muito mais dinheiro como modelo se usasse o nome de meu pai, mas eu preferia ser conhecido e chamado por "Christopher Tyler", não "Christopher Stuart". Eu não gostaria de ganhar nenhum tipo de fama pela fama de meu

PERIGOSAS ACHERON

pai. Eu queria conquistar a minha, mesmo que demorasse.

Em meu apartamento eu enfim tomei um banho, bem demorado. Eu precisava tentar relaxar. O que o banho não foi capaz de me proporcionar. Eu sabia o que melhoraria meu estresse e tensão, e sem dúvida, não era um banho demorado.



Mais tarde comi algumas frutas, depois tentei dormir, em vão... Tudo para passar o tempo até dar o horário para eu me arrumar. Quando eu olhei no relógio, praticamente gozei de alegria ao constatar que era mais de 16h. O tempo havia passado numa puta lentidão assassina.

Não hesitei em pular do meu pequeno sofá,
PERIGOSAS ACHERON

onde tentava ver algo na televisão sobre esportes, para ir direto ao banheiro tomar outro banho e me arrumar para meu encontro com Agatha... Só de imaginar aquela mulher meu corpo fervia em resposta.

No banho me dei conta de que ainda não tinha decidido o restaurante. Eu tinha passado algumas horas tentando me distrair e não pensar muito sobre Agatha que deixei até de pensar em algum restaurante, mas não consegui deixar de pensar em Agatha. Ela, junto com seus beijos e suas curvas estavam em minha mente.

Depois do banho vesti uma outra calça skinny preta e uma camisa azul de mangas. Enquanto vestia a camisa eu vi minha antiga jaqueta cor de vinho e sua cor me deu a decisão perfeita sobre o restaurante.

Entrei em meu carro um pouco hesitante. Eu

queria chegar na agência antes do horário do fechamento, tinha medo de que Agatha desse a desculpa de que eu não tinha ainda chegado e ela não queria ficar esperando, ou qualquer outra merda.

Alguns minutos depois e eu já estava estacionando em frente à agência. No estacionamento não tinha mais tantos carros como pela manhã. Eu esperava que Agatha não tivesse fugido de mim. Eu estava com uma puta tesão, mas nunca insistiria se ela não quisesse, mesmo que eu continuasse querendo... *E muito.*

Depois de estacionar o carro, eu desci dele e adquiri toda a confiança que precisava para, pelo menos, fingir bem. Cada passo que eu dava até a entrada da agência me deixava mais tranquilo e menos tenso.

Minha tensão foi toda embora quando

Agatha abriu a porta da agência para mim, com um olhar entre descrença e prazer ao simples fato de me ver.

— Eu não acreditei que você realmente viria!
— ela disse ajeitando uma bolsa no ombro.

— Por que eu não viria se o que eu mais pensei nesses últimos dias é em você, Ruiva? — admiti.

Agatha não teve a reação que eu imaginava, invés de corar ou perguntar algo óbvio como "você realmente pensa em mim?", ela respondeu sem hesitar, fitando-me:

— Já temos algo em comum. — sua resposta me pegou desprevenido, disfarcei sorrindo e analisando todo seu rosto, desde os seus olhos azuis, suas sardas à sua boca rosada e cheia.

— Baby! Vamos! — berrou Benny enquanto se aproximava, mas parou assim que me viu parado
PERIGOSAS ACHERON

na frente da porta da agência.

— Oi pra você também Benny! — brinquei sorrindo.

— Oi pra você Chris! — retribui Benny me olhando atrás de Agatha, depois ele a fitou com calma antes de perguntar — Então, vamos ou não Agatha?

— Acho que ela não te contou Benny, — comecei falando com Benny antes que Agatha pudesse cortar, ele me fitava enquanto apoiava o queixo no ombro de sua amiga — mas eu e a Ruiva, vamos sair!

— A Ruiva, huh? — Benny retrucou rindo, assenti — Mas como eu vou embora se Agatha é a minha carona?

— Ele não pode dirigir seu carro? — perguntei à Agatha.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pode, mas como eu...

— Eu levo você em casa. — a cortei para evitar discussão.

— Se ele for com meu carro para casa dele,
— Agatha começou — como eu vou vim para a agência amanhã?

— Eu posso ser um bom motorista. — respondi sem pensar duas vezes, antes que Benny pudesse dizer algo.

Seria melhor do que eu imaginava. Benny sem carro faria eu ter que, além de levar Agatha em casa mais tarde, levá-la também para a agência amanhã.

— Não duvido do garoto. — Benny respondeu empurrando de leve Agatha para mim.

A segurei pela cintura, da qual ela não reclamou.

PERIGOSAS ACHERON

— Chave do carro, baby!

Agatha se afastou de mim para procurar em sua bolsa a chave e entregar à Benny.

— Cuide dela com amor! — ouvi Agatha dizer à Benny o que não compreendi de início.

Benny bateu à porta da agência resmungando algo como "os outros trancam" e seguimos para o estacionamento. Benny destravou o carro de Agatha e o farol de uma Mercedes acendeu e apagou duas vezes em resposta.

Sim, definitivamente era dela que Agatha se referia sobre "cuidar com amor". Meu carro não era nada comparado aquela Mercedes, mas eu não era o tipo de cara que choramingava por isso. Eu tinha o que o meu dinheiro podia comprar.

— Tudo bem mesmo baby? — Benny perguntou à Agatha abrindo a porta do motorista da Mercedes.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, já conversamos sobre isso. — ela respondeu e seu amigo assentiu, antes de se despedir de mim e de Agatha.

Eu e Agatha ficamos parados no estacionamento enquanto a Mercedes sumia de nossa visão.

— Então, — Agatha me encarou e me deu um sorriso torto — onde vamos jantar?

— Surpresa, Ruiva! — respondi pegando sua mão e levando-a ao meu humilde carro, comparando-o ao dela.

PERIGOSAS ACHERON

XXV



As horas pareciam se
arrastar e o beijo que Christopher me deu ficou
repetindo em minha cabeça.

Benny me perguntou o que aconteceu quando ele me puxou, mas eu evitei responder naquele momento para mais ninguém ouvir, disse que contaria a ele quando fôssemos almoçar.

No horário do almoço não foi diferente,
PERIGOSAS ACHERON

Benny me encheu para eu falar o mais rápido possível o que aconteceu. Estávamos em um restaurante perto da agência, sorte que estávamos a sós e em uma das cabines do restaurante, porque senão, todos ouviriam o grito de Benny quando eu terminei de falar tudo, desde o beijo ao convite de jantar.

— Eu não acredito! — ele disse com ambas as mãos em suas bochechas. — Não poderia ser outro garoto gostoso e viril atrás de você? Tem que ser logo o filho de Christopher...

— Eu sei, é loucura. Depois de tantos anos sem sinal de vida daquele homem, eu me encontro com seu filho. — respondi um pouco tensa.

— Mas o que você vai fazer quanto ao convite do jantar? Definitivamente é um encontro e um encontro acaba em sexo. — Benny estava rindo enquanto falava, mas depois ao completar, ele ficou

sério e eu sabia que lá vinha algo importante —
Você vai transar com o filho daquele homem?

— O filho "daquele homem" não é "aquele homem". — lembrei à Benny.

— Eu sei baby! O garoto é totalmente diferente do pai... Ele até te chamou ontem por um apelido, um *bom apelido*, "Ruiva!".

Sorri e estremeci um pouco ao lembrar de um apelido que tive há anos. Hoje em dia, ninguém nunca ousaria me chamar por aquele apelido novamente. Eu o tinha deixado para trás, junto com meu passado.

Sim, Chris era bem diferente de seu pai, para melhor. Em pouco tempo pude perceber como ele era doce, gentil, atencioso, mas o pacote incluía também uma extensão de outras qualidades, principalmente, no físico. Chris era gostoso para caralho. Imaginei como era sem aquela cueca que o

PERIGOSAS NACIONAIS

vi pela manhã.

Putá que pariu! Como eu resistiria aquele homem tão tentador, com aquele sorriso tão, fodidamente, delicioso?

— O que você acha que eu devo fazer? — perguntei ao meu amigo que franziu a testa.

— Eu não posso responder por você, mas eu acho que foder com o garoto durante o tempo que a campanha acontece, não há problema. Depois cada um vai para seu rumo. Não é como se vocês fossem casar.

— E se ele não passar na campanha? — questionei e Benny gargalhou, me mostrando suas lindas covinhas.

— Você, melhor que eu, já olhou para ele de cima a baixo, de baixo para cima. Sabemos que ele vai passar.

PERIGOSAS ACHERON

— Você acha que não devo resistir a ele?

— Às vezes temos que parar de resistir. Está palpável a química que vocês tem. Se não acontecer nada hoje, vai acontecer amanhã. É melhor você parar de tentar resistir e cair de cabeça, pelo menos, como já disse, pelo tempo dá campanha.

Pensei bastante sobre tudo que Benny me disse, e mais tarde, quase no horário que Christopher disse que ia aparecer, eu decidi ir embora da agência. Na porta dela, já com minha bolsa no ombro, eu me lembrei do meu óculos de sol em cima da mesa de Benny.

Na sala dele, ele estava arrumando suas coisas para também ir embora. Peguei meu óculos e guardei na bolsa.

— Tem certeza que você não vai ficar? — Benny perguntou enquanto saíamos da sala dele.

— É melhor... Se ele aparecer provavelmente

PERIGOSAS ACHERON

me fará mudar de opinião. — respondi sinceramente.

Benny me disse algo e foi no estúdio pegar alguma coisa, não prestei atenção em nada, só no momento que abri a porta da agência, para ir embora, e Christopher apareceu. Juro que senti meu coração parar uma batida.

Lindo, presunçoso e gostoso.

Como eu resistiria?

Lembrei do que Benny dizia sobre seu vício por cigarros, sobre não largar seu vício e sim o prender. Era isso que estava pensando sobre Christopher, e eu tinha medo de que não conseguisse largá-lo.

Eu achei que ele desistiria de vir, ou viria mais tarde, então disse a ele que não acreditava que ele realmente viria. Quando ele me disse que estava pensando em mim, nesses últimos dias, eu não

PERIGOSAS ACHERON

tentei resistir mais e admiti que tínhamos algo em comum.

Benny ficou tão surpreso, quanto eu, sobre eu mudar de opinião em questão de segundos, quando ele me viu com Chris e aceitando ir com ele. Mas como meu amigo mesmo me disse: "às vezes, temos que parar de resistir."

Fodam-se as consequências! Elas viriam de qualquer forma se eu não fizesse nada, melhor ter consequências pelo feito.

Christopher não queria me dizer para qual restaurante ele me levaria, e eu não insisti. Esperava que fosse algo bom, não necessariamente precisaria ser algum restaurante caríssimo. Talvez um modesto e bom.

Chris abriu a porta de seu Chevrolet para mim e eu agradeci. Engraçado que não sabia nem sua idade. Normalmente eu, quando ia a algum

encontro, sabia ao menos, a idade do homem em questão.

Entrei em seu carro, coloquei minha bolsa em meu colo e pus o cinto de segurança. O tempo estava um pouco mais frio que o normal, mas sorte, que eu ainda usava meu vestido preto de mangas.

Quando Christopher sentou no assento do motorista eu senti o tempo de frio, passar para quente. Mesmo ele não me tocando, todo o ar de dentro do carro mudou e esquentou. Aquele garoto me levaria para o inferno. Se eu já não estivesse nele.

Antes de dar partida, Christopher ligou o ar-condicionado e quando ia ligar o rádio, ele olhou para mim e sorriu.

— Música? — eu assenti.

Achei que ele ligaria o rádio naquela hora, mas ele pegou minha bolsa de meu colo, roçando

PERIGOSAS ACHERON

seu braço em meu corpo e colocou-a cuidadosamente no banco de trás. Então ele colocou seu cinto de segurança e enfim ligou o rádio.

Começou a tocar Foo Fighters, *Stranger Things Have Happened*. Sorri, a música falava literalmente que "coisas estranhas estão acontecendo". Não poderia ser um título mais apropriado ao que eu sentia nesse momento: estranheza das coisas estranhas que aconteciam comigo ao lado desse garoto.

Chris ligou o carro e começou a dirigir, sem muita pressa, notei. Estávamos calados, mas não existia aquele silêncio constrangedor, na verdade, era um silêncio de pura calma enquanto a música tocava.

— Você tem algum problema com pimenta?
— Chris me perguntou, olhando para mim

rapidamente, para depois voltar sua atenção à estrada.

— Não. — respondi com uma sobrancelha arqueada enquanto olhava para ele.

Ele não me olhava, mas eu sabia que, ele sentia que estava sendo observado.

Christopher não perguntou mais nada, apenas sorriu com a atenção focada na estrada, então eu pude olhá-lo completamente com mais calma do que todas as outras vezes.

Ele se vestia com uma outra skinny e uma camisa de manga comprida. A camisa ficava solta em seu corpo, mas era notável, que ele tinha músculos, dos quais se eu já não tivesse visto saberia, mesmo sobre aquela camisa folgada. Sua calça estava justa em seu corpo, fazendo qualquer um que olhasse perceber a protuberância entre suas pernas. Ele não estava duro, era óbvio, mas, mesmo

assim, se notava o quanto ele deveria ser grande.

Imaginei tirar toda aquela sua maldita roupa e poder enfim ver seu membro exposto para mim, ereto e grande.

Christopher se mexeu um pouco no banco me dando mais espaço para olhar para ele, ou melhor, olhar para seu pau. Mordi meu lábio inferior enquanto imaginava coisas sórdidas das quais eu poderia fazer com ele aqui mesmo.

— Gosta do que vê, Ruiva? — garoto fodido, me pegou olhando para ele e o desejando sem limites.

Meus olhos deveriam estar totalmente nítidos sobre o que eu queria.

Desviei minha atenção do membro de Chris e olhei para seus olhos, ele piscou para mim, sorrindo, depois voltou sua atenção novamente à estrada. Me mexi um pouco no assento, fazendo

PERIGOSAS ACHERON

meu vestido subir, indo até minhas coxas nuas. Christopher pegou meu ato, vendo meu vestido mais em cima que o necessário. Não coloquei ele no lugar, deixei onde estava.

Percebi que a respiração de Christopher estava entrecortada, como a minha que agora acelerava sem parar. Ele tentou colocar todo seu foco na estrada, mas parava para olhar para minhas pernas visíveis.

Christopher suspirou e com uma mão ainda no volante, tentando não me olhar, ele abaixou a outra mão, indo à minha coxa e a apertando devagar. Me inclinei mais no banco, dando total acesso para o que ele quisesse fazer.

Sua mão pegou a barra de meu vestido e começou a abaixá-lo para o lugar certo. Soltei um suspiro de frustração e inclinei minha cabeça no assento. Chris me olhou de cima a baixa e me deu

seu sorriso torto.

Com a atenção na estrada ele ainda sorria, e eu me perguntei por quê, mas não disse nada. Christopher estava com sua mão agora em meu joelho e voltou a subir, levantando meu vestido junto enquanto passava seus dedos pela minha pele, me fazendo arrepiar por onde ele passava.

Sua mão parou completamente aberta em minha coxa, mais um milímetro e ele estaria com seus dedos em minha calcinha encharcada. Como eu queria que ele não me deixasse sofrendo mais e colocasse seus dedos dentro de mim, já poderia até imaginar todo prazer.

— Tire a calcinha, Ruiva! — Christopher praticamente grunhiu com a sua voz mais rouca que o normal e eu gemi baixinho, mesmo só a ouvindo de longe.

Olhei para ele e ele estava focado no trânsito,
PERIGOSAS ACHERON

mas a protuberância maior em sua calça dizia que seu foco estava em outro lugar. Sorri e facilmente tirei minha calcinha vermelha. Christopher pegou ela com a mão que estava em minha coxa e a olhou sorrindo.

— Vermelho. — ele sussurrou e guardou minha calcinha no porta-luvas.

Sem olhar para mim, ele voltou com sua mão para minha coxa e com um dedo passou pela minha fenda, fazendo movimento de vai e vem. Minha umidade estava completamente palpável para ele.

Tentadoramente ele enfiou um dedo entre minhas dobras, com uma lentidão assassina, e parou em meu clitóris. Gemi e me acomodei ainda mais no banco, deitando minha cabeça no encosto do mesmo e relaxando.

— Coloque as pernas pra cima, Agatha. — a forma como Christopher falou meu nome, me fez

PERIGOSAS ACHERON

derreter e eu obedeci, colocando minhas pernas em cima do painel do carro, deixando-me mais aberta para ele.

O dedo de Christopher brincou com meu clitóris, fazendo movimentos circulares lentos, depois sem me deixar raciocinar muito, ele enfiou o segundo, começou a fazer movimentos mais rápidos.

— Ah! Meu Deus! — eu gemia sem me importar com compostura enquanto meu corpo inteiro se enrijecia.

Músicas e músicas aleatórias passavam, enquanto Christopher me fodia lentamente e algumas vezes, apressadamente com seus dedos ágeis.

Com seus dois dedos ele pegou meu clitóris e o apertou de leve, imaginei sua boca nele, o mordendo. Com um dos dedos ele desceu para

minha entrada que ardia por ele.

— Oh! Foda! — Chris grunhiu — Tão fodidamente molhada.

Era impressionante o quanto ele conhecia o corpo feminino. Eram poucos homens que se interessavam para saber, por exemplo, onde era o ponto G da mulher, porém, Christopher sabia, e algo me dizia que ele não havia aprendido com teorias na internet.

Ele queria me matar, só poderia ser isso. Sua lentidão dentro de mim era tentadora ao ponto que eu me sentia entrando em combustão sem explodir. Ele sabia o que causava com meu corpo, na verdade, parecia que ele conhecia meu corpo mais que eu mesma.

Eu gemi seu nome quando senti ele finalmente penetrar o segundo dedo, então ele começou com estocadas rápidas que me faziam

gemer cada vez mais alto e sem parar. Ele sabia o jeito certo de me deixar cada vez mais excitada, seus toques eram precisos dentro de mim, tocando em meu ponto G e me levando à loucura de tanto prazer.

Olhei para Christopher e ele sorria, sem tirar os olhos da estrada, depois fechei meus olhos e aproveitei cada sensação que ele me proporcionava. E eram tantas sensações, não só o prazer puro e carnal, mas também, o prazer dele fazer isso dentro de seu carro, enquanto dirigia.

Com certeza meu cheiro ficaria impregnado em seu carro. Sorri, até que isso não seria mal. Ele lembraria do que me fez hoje, quando entrasse em seu carro amanhã.

— Eu já estou perto... — disse em meios aos meus gemidos.

Christopher me comia com seus dedos

PERIGOSAS NACIONAIS

rapidamente, entrando e saindo de uma forma matadora. Ele acabaria comigo dessa forma. E ele sabia disso.

— Calma Ruiva! — e para enfatizar a "calma" ele começou a me foder devagar, só para me matar de vez mesmo.

— Vai Christopher! — disse — Rápido!

E ele foi bem rápido dessa vez.

— Chris... — gemi — Oh! Meu! Deus! — ouvi a risada rouca dele enquanto eu gemia.

O desgraçado estava adorando o show que eu estava dando em seu carro, por causa de seus dedos.

Christopher não foi devagar dessa vez. Suas estocadas se tornaram mais ágeis e ásperas. Eu amava aquilo. Amava cada segundo de seus dedos dentro de mim. Senti meu clímax cada vez mais

PERIGOSAS ACHERON

perto. Dessa vez a combustão dentro de mim, explodiu, me causando um orgasmo maravilhoso.

Sim, esse garoto tinha me levado ao inferno e ainda nem tínhamos começado a nossa noite.

XXVI



Inferno. Era para lá que
Agatha estava me levando, e eu não
estava reclamando. Depois de eu ter lhe
proporcionado um orgasmo, eu a limpei, assim que

estacionei o carro em frente ao restaurante.

Ainda bem que no meu carro tinha lenços úmidos, dos quais eu nunca tinha usado, mas Júlia dizia que era útil para ela, e deixava aqui. Agradei em silêncio à Júlia.

Agatha abriu o porta-luvas e pegou sua calcinha vermelha. Tirei de suas mãos e guardei-a novamente no porta-luvas.

— Você é algum tipo de colecionador de calcinhas? — Agatha perguntou sorrindo, sem tentar pegar a calcinha de volta e tirando seu cinto de segurança.

— A partir de agora, sim, das suas. — respondi rindo e tirando meu próprio cinto de segurança.

Lembrei do sábado, do qual eu coloquei a calcinha delicadamente nela, mas só fiz isso, pois

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ela estava sem seu vestido. Agora não seria necessário calcinha alguma, e só eu saberia que ela não estava usando nada por baixo e isso me excitava, como se eu já não estivesse ereto por ela.

Agatha fez menção de abrir a porta do carro e eu a parei, saindo da minha e abrindo a dela. Eu só fazia isso com Júlia e minha tia, mas não era sempre, com Agatha eu sentia necessidade de ser o mais cavalheiro possível.

Tranquei o carro e peguei a mão de Agatha, levando-a à entrada do restaurante.

— Esqueci minha bolsa no carro. — Agatha disse e eu sorri para ela.

— Você não vai precisar dela hoje.

— Mas a conta...

— Eu pago, Ruiva. Eu convidei, eu pago. — a cortei antes que ela viesse com essa de "dividir".

PERIGOSAS ACHERON

Não, eu não me importava em dividir a conta, mas, no mínimo, teria que ser na segunda vez que saíssemos, não logo na primeira. Primeira que eu convidei, ainda por cima.

Agatha não retrucou e sorriu quando viu para qual restaurante eu a estava levando.

— *Caliente?* — ela disse em um espanhol quase perfeito, enquanto lia o nome do lugar.

— Sim, um restaurante tipicamente mexicano. — respondi.

— Por isso você me perguntou se eu tinha algum problema com pimenta?

— Exato...

— E se eu tivesse?

— Eu pensaria em algo. — pisquei sorrindo para ela, e ela retribuiu o sorriso.

No restaurante nós fomos muito bem

PERIGOSAS NACIONAIS

atendidos e eu fiquei feliz por ter acertado na escolha do lugar. Eu já tinha ido naquele restaurante antes, mas não foram muitas vezes, e arrisquei ao trazer Agatha nele.

Comemos várias coisas, principalmente guacamole e nachos, muito apimentado.

O assunto com Agatha fluía de uma forma tranquila, não porque tínhamos obrigação de conversar, mas porque simplesmente vinha assunto e mais assunto.

— Me fale sobre você... Família, amores, amigos. — essa foi a hora que eu pequei.

Comíamos nachos e eu pude perceber toda a tensão se ponderar do corpo de Agatha.

— Não há nada demais em minha vida. — ela respondeu e colocou um bom pedaço de nacho em sua boca para fugir da resposta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Entendo... Comida preferida? — mudei de assunto, não querendo insistir.

— A partir de agora, nachos! — ela disse rindo, me fazendo rir também.

— Cor preferida?

— Vermelho. — quando ela respondeu eu gargalhei.

Era óbvio e vermelho tinha acabado de se tornar minha cor preferida também.

— Você é baiana?

— Não pareço? — ela brincou.

— Sinceramente? Se entrarmos em questões de estereótipos, não. Se não formos por esse caminho, não faço ideia.

Ela riu.

— Mas não sou mesmo. Sou de Minas.

PERIGOSAS ACHERON

— Uou. Mineira? Mas você nem tem sotaque.

Acenou, confirmando e comentou:

— São muitos anos na Bahia, *meu filho*. — gargalhou.

— *Avê* Maria! — completei, forçando um sotaque que a mídia explorava da Bahia.

Fiz mais uma centena de perguntas bobas, das quais, Agatha respondeu sem cerimônia. Ela também me perguntou diversas coisas bestas, nunca entrando em assuntos como família e amores antigos.

Depois de eu pagar a conta, voltamos para o carro e eu já sabia para onde eu queria levá-la. Restava saber se ela queria também.

Abri a porta do carro para ela e segui para entrar do outro lado. Dentro do carro Agatha sorria

para mim, parecendo adivinhar que a noite ainda não tinha acabado. Na verdade, tinha acabado de começar.

Passei minha mão delicadamente em seu rosto e sorri para ela. Seus olhos azuis brilhavam e suas pupilas estavam dilatadas. Ela queria, com certeza ela queria, tanto quanto eu. Me aproximei mais dela e coloquei minha testa na sua, sentindo sua respiração se acelerar, nesse momento, a minha respiração também se tornou irregular.

— Ruiva... — comecei, mas ela interrompeu-me, beijando-me de uma forma desesperada.

Porra! Eu já podia sentir todo meu corpo entrando em ação só com sua aproximação, ainda mais com seus lábios macios nos meus. Pude sentir seu hálito apimentado e imaginei que o meu também estava assim.

Agatha chupou meu lábio inferior, me

PERIGOSAS ACHERON

fazendo gemer. Ela colocou uma mão em meu cabelo que agora estava completamente solto e com a outra mão descansou em minha coxa, mas não fez nada, além de deixá-la ali.

Minha Ruiva, *quer dizer*, à Ruiva puxou meu cabelo levemente, fazendo minha cabeça inclinar para trás enquanto sua língua entrou em minha boca.

Sua língua encostou na minha, fazendo quase uma dança sensual em minha boca. Aquela mulher sabia como provocar um homem. Sua mão que estava em minha coxa subiu um pouco mais, parando bem perto de meu membro duro.

Aquela posição dentro do carro não era uma das mais confortáveis, mais Agatha me fazia deixar de pensar nisso com seu beijo. Na verdade, eu não pensava em nada quando ela estava tão próxima de mim.

PERIGOSAS NACIONAIS

Deixei uma das minhas mãos em sua coxa, alisando-a, e com a outra que estava em seu rosto, passei pela sua nuca, aproximando-a ainda mais. Agatha gemeu com meus toques. E foda-se! Seu gemido era a perfeição. Não me importaria em ouvi-lo o dia inteiro, contanto que fosse proporcionado por mim.

Apertei a coxa de Agatha e ela fez o mesmo com a minha, bem de leve ela passou sua mão por meu pau e eu gemi em sua boca. Afastei minha boca da dela e comecei a beijar seu pescoço, fazendo-a arrepiar pelo caminho.

Eu estava a ponto de explodir e se não saíssemos daquele carro em breve eu não aguentaria esperar mais para fazer tudo que eu queria fazer com ela.

Beijei um pouco mais seu pescoço e subi para sua orelha. Mordi seu lóbulo e Agatha gemeu.

PERIGOSAS ACHERON

Eu precisava levar aquilo a outro lugar. Não ali na frente de um restaurante, afinal os vidros das janelas poderiam ser fumê, mas só os das janelas, ainda éramos visíveis para muitas pessoas.

Sussurrei no ouvido de Agatha:

— Vamos pra minha casa?

— S-sim. — ela respondeu entre gemidos.

Eu não levava mulheres para meu apartamento (tirando Júlia, já minha tia, praticamente nunca vinha à cidade), mas Agatha não era nenhuma qualquer, e como tal, eu não tinha intenção de levá-la a um motel qualquer.



O percurso até meu apartamento parecia

durar uma eternidade. Depois de eu e Agatha nos afastarmos, colocamos nossos cintos e eu liguei o rádio, para em seguida dar partida.

Meu pau estava desconfortável com aquela calça, que agora parecia mais justa que o normal. Eu dirigia me remexendo no assento e Agatha pareceu notar. A peguei descendo seu olhar para meu membro e dando um sorriso torto, depois mordendo os lábios.

Foda-se! Essa mulher me levaria à morte se continuasse me olhando daquela forma.

Continuei a me remexer, enquanto tentava focar minha atenção na estrada, mas somente ao imaginar o olhar de Agatha eu me sentia tentado a olhar para ela.

Meu pênis estava pensando por si só, pois ele não queria de forma alguma ficar mole. "Ele", assim como eu, estava completamente enfeitiçado

por Agatha. Enquanto ela continuasse do meu lado (e eu esperava que ficasse mesmo e por um bom tempo), "nós" não resistiríamos, ainda mais se ela continuasse com aquele olhar tentador.

— Eu posso ajudar... — Agatha disse, tirando seu cinto de segurança e se aproximando de mim.

Eu jurava que de início não entendi o que ela queria dizer com aquilo de "ajudar", mas quando senti sua mão em minha coxa eu parei de pensar e somente aproveitei o que quer que ela fosse fazer.

Agatha se inclinou para mim e delicadamente começou a abrir meu zíper. Depois ela ajustou a calça e minha cueca para baixo, trazendo em suas mãos, para fora da calça e cueca, meu pênis, agora totalmente exposto.

Agatha gemeu ao ver meu pau e eu sorri quando ele se pôs firmemente ereto para cima. Ela

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

o pegou com suas mãos e eu gemi, a mesma ainda não tinha feito nada demais, no entanto apenas o simples fato dela estar com meu pau em suas mãos já me dava vontade de gemer e grunhi feito um animal.

Essa Ruiva estava acabando comigo, sem ter feito muita coisa. Eu senti que ela estava olhando para mim, só pelo calor que eu estava sentido em todo meu corpo. Desviei minha atenção da estrada e olhei para ela, que estava com o olhar tão próximo de mim que me dava vontade de estacionar naquele minuto para foder duro com ela, dentro de meu carro mesmo.

Infelizmente eu tinha pressa para chegar em meu apartamento e fazer tudo que eu queria com ela, com calma e várias vezes, então voltei meu olhar para o trânsito, não sem antes ver seu sorriso torto.

PERIGOSAS ACHERON

Agatha enfim mexeu suas mãos e eu podia imaginar seus olhos focados em meu pau. Se eu já não estivesse completamente duro, ficaria ainda mais. Gemi quando ela começou a acelerar o ritmo, mais e mais.

Uma de suas mãos desceu para minhas bolas, fazendo uma massagem deliciosa e a mão que estava em meu pau me masturbava rapidamente. Eu não sabia como estava dirigindo direito, mas estava.

A boca de Agatha foi até o lóbulo de minha orelha, ela mordeu, sem parar de masturbar meu pau e massagear minhas bolas. Quando a boca de Agatha subiu mais um pouco, parando em minha orelha eu gemi roucamente enquanto ela soprava e lambia minha orelha.

— Ruiva, caralho! — disse entre gemidos.

— Calma garoto! — Agatha soprou fortes

lufadas de ar em minha orelha enquanto falava.

Ela estava, deliberadamente, brincando comigo. Tanto que havia me pedido “calma”, como eu, há pouco tempo havia feito.

Agatha começou a beijar minha orelha e descer, até parar em meu pau, do qual ela beijou a cabeça. Suspirei, minha respiração agora estava a mil. Ela não deixou de me massagear e masturbar, mas quando ela chupou a cabeça do meu pau todo o meu corpo vibrou em resposta.

Minha Ruiva beijou, chupou e lambeu com gosto a glândula, limpando o pré-sêmen que tinha saído do mesmo. Ela era uma mulher sem frescuras e eu já estava vibrando com isso, de prazer e satisfação.

A boca de Agatha era divina e eu já podia imaginar isso, por causa de seus beijos, mas no meu pau o prazer era incomparável. Ela chupava a

PERIGOSAS ACHERON

cabeça sem pudor algum, com sucções bem-feitas.

Gemi alto quando Agatha começou a colocar, aos poucos, toda minha extensão, em sua boca.

— Porra! — minha voz estava entrecortada.

Focar a atenção apenas na estrada estava cada vez mais difícil, pelo menos, meu apartamento não estava muito longe.

Ela colocou quase todo o meu membro em sua boca e começou a chupar sem parar. Em alguns momentos, o tirava de sua boca e lambia toda a extensão. Sua mão em minhas bolas não parou de me massagear, devagar e com mais pressa, devagar e com mais pressa.

Agatha colocou sua mão que me masturbava em minha coxa e enfiou todo o meu pênis em sua boca macia. Meu gemido foi brutal, quase animal em meio a minha rouquidão. Ela enfiou tudo e tirou, voltando a colocar tudo de volta. Pus uma das

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

minhas mãos em seu cabelo, enquanto ela me fazia uma garganta profunda surreal.

— Oh! Foda Ruiva! — meu corpo todo se enrijecia com aquele boquete.

Não tinha como ser diferente: aquele era o melhor boquete que eu já tinha recebido em minha vida.

Meus gemidos saiam cada mais vez mais rouco e eu sabia que se Agatha continuasse a me chupar daquela forma eu não duraria muito.

Sua mão apertou minha coxa, e eu automaticamente puxei um pouco seu cabelo, e ela não parava de me chupar fundo, algumas vezes tirando tudo de sua boca para lambar, e chupar apenas a glândula com suas leves sucções tentadoras.

— Agatha! — gemi quando ela voltou a colocar tudo sem parar — Ruiva! Eu não vou durar muito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Agatha tirou meu pau de sua boca para falar:

— Relaxe garoto!

Tentei focar totalmente minha atenção na estrada, mas era útil, meu foco estava dividido entre o trânsito e o maravilhoso boquete que eu estava recebendo.

Senti meu orgasmo cada vez mais perto e Agatha parecia saber disso, porque ela acelerava o ritmo cada vez mais. Meus gemidos estavam cada vez mais altos e entrecortados. Eu não me importava com nada, somente aproveitava o meu prazer. Agatha chupou fundo e eu senti a onda de orgasmo muito mais próxima agora.

— Eu estou perto! — disse e Agatha não tirou sua boca do meu pau. — Porra Ruiva! — gozei em sua boca e ela engoliu cada gota de meu sêmen sem reclamar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

XXVII



Christopher era incrível.

Completamente. Vestido, despido, em um estúdio ou em um carro sem muito espaço. Ele era completamente tentador, dos pés à cabeça.

Provar seu sêmen não era como antes eu havia feito. Era sem obrigação, por puro prazer. Eu quis fazer aquilo, e eu engoli cada gota sem hesitar.

— Estamos chegando... — Chris disse enquanto eu colocava sua cueca e calça no lugar.

Não fiz questão de pôr o cinto de segurança novamente, já que estávamos perto. Eu esperava que estivéssemos realmente perto. Não aguentava mais esperar para sentir Christopher dentro de mim, e pelo modo como ele dirigia, ele também não estava mais aguentando.

Não demorou muito para Christopher dirigir até uma garagem e estacionar.

Não esperei para ele abrir minha porta, e fui saindo do carro enquanto pegava minha bolsa no banco de trás. Chris rapidamente saiu do carro e o trancou, vindo até mim, e colocando sua mão em minha cintura, me direcionando a um elevador.

Não era muito tarde, então quando entramos no elevador, outras pessoas também estavam, demos um "boa noite" por educação e Chris

PERIGOSAS ACHERON

apertou o botão de seu andar. Ele ficou atrás de mim, com as mãos em minha cintura. Estávamos perto, mas não o suficiente. Dei um passo um pouco hesitante para trás e senti sua ereção encostar em minha bunda.

Percebi que ele inclinou um pouco o corpo, já que era maior que eu, e deixou sua boca em minha orelha, dando propositalmente lufadas de ar, fazendo todo o meu corpo arrepiar.

Felizmente as pessoas desceram primeiro que nós, e Christopher não perdeu tempo e me virou, para ficar de frente para ele, em seguida colocou sua mão em minha nuca, como sempre fazia, e me puxou em um beijo delicioso. Nesse momento deixei minha bolsa cair no chão.

Minhas mãos foram para seu cabelo, e seu outro braço livre deu a volta em minha cintura, me elevando um pouco do chão. Eu não estava me

importando com nada, nem com as possíveis câmeras ou que a qualquer momento as portas do elevador abrissem.

Chris soltou minha nuca e cintura, sem retirar sua boca da minha, pôs suas mãos em minha bunda, por baixo do vestido, e me carregou até eu senti a parede em minhas costas. Sem hesitar eu passei minhas pernas por sua cintura, prendendo meus saltos em volta dele e sentindo sua ereção pela calça em minha pele nua.

As portas do elevador se abriram e eu afastei a boca dele da minha no susto, mas Christopher apenas riu, pegou minha bolsa do chão, passando a alça pelo seu ombro e ainda comigo em sua cintura, me carregou como se eu não pesasse nada, para fora do elevador, indo até a porta de seu apartamento.

Sem me colocar no chão, Chris retirou suas

PERIGOSAS NACIONAIS

mãos de minha bunda e passou-as pela minha cintura. Com uma certa dificuldade ele tirou sua chave do bolso e abriu a porta de seu apartamento, trancando assim que entramos. Ele jogou minha bolsa no chão e me empurrou com cuidado na parede ao lado da porta, sem pensar duas vezes ele me beijou novamente.

Deixei minhas mãos repousarem em seus ombros largos, apertando um pouco com minhas unhas, sobre o tecido de sua camisa. Chris continuou a me segurar pela cintura com uma mão e a outra pegou em minha coxa. Sem eu perceber direito ele afastou sua boca da minha, já estava levantando meu vestido e o retirando, me deixando, mais uma vez, como no sábado, exposta para ele, enquanto ele continuava vestido.

Ele jogou meu vestido em algum canto de sua sala, e olhou para todo o meu corpo com aquele

PERIGOSAS ACHERON

seu sorriso presunçoso.

Agora eu usava apenas um sutiã preto rendado e um salto alto. O sutiã foi logo tirado de mim e jogado em qualquer lugar da sala. Sendo assim, eu estava apenas de saltos.

Eu estava completamente nua na frente daquele garoto, com minhas pernas em volta dele.

Beijei seu pescoço e Christopher gemeu, suas mãos apalparam novamente minha bunda e me levaram para outro lugar. Enfim estávamos em seu quarto. Ele me colocou no meio de sua cama e se afastou de mim para tirar sua roupa.

Finalmente eu iria vê-lo completamente despido. Christopher não parou de me olhar enquanto tirava sua camisa. Seus olhos pretos me levavam à outra dimensão. Sua camisa já estava sendo jogada em um canto do quarto e suas mãos foram até o zíper de sua calça.

Mordi meu lábio inferior e me levantei da cama. Eu podia imaginar que meu olhar estava completamente devasso. Christopher parou de abrir seu zíper, afastados suas mãos do mesmo, quando eu me ajoelhei na frente dele e eu mesma terminei de abrir aquele bendito zíper.

Sua calça veio ao chão em segundos, e suas pernas afastaram a calça para longe, deixando-o agora de cueca. Me levantei um pouco e beijei seu pescoço, Christopher estremeceu e colocou suas mãos em meu cabelo, enquanto fazia um cafuné fodidamente excitante.

Beijei mais um pouco seu pescoço e o mordisquei, descendo para seu ombro e fazendo o mesmo. Sem pressa alguma fui descendo, beijando e lambendo seu corpo pelo caminho. Chris gemia baixinho o que me deixava ainda mais molhada.

Beijei seu peito, depois os gominhos de sua

barriga. Passei minhas mãos nas suas costas o arranhando enquanto descia pelo seu corpo delicioso.

Enfim cheguei ao 'caminho da felicidade', com uma leve penugem da qual eu passei meus dedos e que, com certeza, aquele "caminho" seria meu maior prazer e felicidade de hoje.

Tirei uma das minhas mãos que estavam em suas costas e me ajoelhei novamente no chão. Com calma, tirei sua cueca, que assim como a calça veio ao chão, em seguida foi parar em algum canto do quarto.

Christopher não parava de ser cada vez mais tentador. Eu simplesmente amava homem de barba com o saco depilado. E era assim que Chris era. Eu detestava fazer um boquete em um homem com cabelo no saco. Ninguém merecia ficar com pentelhos na boca, mas com ele eu não tinha esse

problema.

Seu membro estava totalmente ereto, como eu podia imaginar. Chupei sua glândula e Christopher gemeu mais alto dessa vez. Segurei sua bunda com uma de minhas mãos e com a outra massageei suas bolas.

Depois de chupar um pouco mais sua cabeça, enfiei tudo em minha boca. Christopher era comprido e grosso, mas eu não era nenhuma garotinha inexperiente.

Meu ex marido insistia dizendo que uma mulher perfeita precisava saber foder, cozinhar e chupar — detalhe que eu nunca soube cozinhar. Ele era um puto de um machista, mas eu não discordava totalmente dele, contanto que o homem também soubesse fazer essas três coisinhas.

— Ruiva! Caralho! — Christopher gemeu e se eu não estivesse com seu pau todo em minha

PERIGOSAS NACIONAIS

boca, eu ria. — Eu não posso gozar agora. Eu preciso te foder antes... — a voz dele quase não era audível, mas, ainda assim, me causou um forte arrepio por todo meu corpo.

Suas mãos afagaram meu cabelo, me afastando delicadamente de seu membro. Continuei de joelhos, até Chris pegar meus cotovelos e me levantar, deitando-me novamente no meio da cama.

— Você toma algum anticoncepcional? — Chris sussurrou em minha orelha, com seu corpo pairando sobre o meu.

— S-sim. — gaguejei e Christopher se afastou de minha orelha, agora encarando meus olhos.

Ele estava completamente sério, mas seu olhar demonstrava ansiedade.

— Ruiva, eu posso te comer sem camisinha?

PERIGOSAS ACHERON

Obviamente que ele estava perguntando sobre o anticoncepcional para isso, mas, mesmo assim, sua pergunta me causou um ardor ainda maior entre minhas pernas com o pensamento de seu pau dentro de mim, sem nada que nos dividisse.

Eu não era uma fã de camisinha, algumas tiravam muito da sensibilidade, mas era a forma mais eficaz de prevenir DST. Eu estava limpa, fazia regularmente exames, eu podia dizer por mim, mas não podia dizer por ele.

— Se você não quiser tudo bem... — ele começou — Mas tenho exames recentes aqui para provar que eu estou completamente limpo.

— Você não se importa em saber de mim? — disse rindo com uma sobrancelha arqueada.

— Eu quero te foder Ruiva, sem nada entre nós. Provavelmente eu vá para o inferno mesmo, então tenho que aproveitar enquanto é tempo todas

PERIGOSAS NACIONAIS

as coisas boas que a vida tem pra mim.

Eu não consegui conter minha gargalhada. Somente Chris conseguia me fazer rir enquanto eu estava excitada e ele estava nu em cima de mim, com minhas pernas em volta dele. Eu podia agora mesmo sentir seu pau roçar minha coxa.

Esqueci de tudo que eu estava pensando. E como o próprio Christopher disse, eu iria para o inferno de toda forma. Não custa aproveitar antes disso.

Puxei Chris pela nuca e o beijei profundamente, ele retribuiu sem hesitar, só parei de beijá-lo para falar:

— Me foda Chris! Sem camisinha, com camisinha, não me importa. Só me foda agora!

Ele riu e não tirou os olhos dos meus ao dizer sério:

PERIGOSAS ACHERON

— Sem camisinha! Eu vou te foder várias e várias vezes, sem camisinha e vou sentir todo seu corpo. Vou ouvir todas as suas respirações ofegantes, todos os seus gemidos, sussurros e súplicas enquanto te fodo duro, *minha* Ruiva.

XXVIII



*Agatha sairia de meu
apartamento sabendo que,* para mim,
promessa era dívida.

Sem esperar mais eu enfiei meu pau em sua
entrada úmida. Eu e Agatha gememos em uníssono
PERIGOSAS ACHERON

quando eu aos poucos comecei a colocar mais e mais. Ela era perfeita. Completamente. Nossos corpos se encaixavam de um jeito surreal.

Ela era apertada, como eu já tinha sentido no sábado com meus dedos. Ela também era quente. Inferno! Eu podia dizer que eu fervia. Seu corpo era o paraíso da tentação.

Apoiei meus cotovelos na cama e Agatha enfiou seu salto em minha bunda, salto do qual eu tinha esquecido que existia. Mas foi bom para caralho senti-lo em mim. Eu sabia o quanto saltos poderiam ser sensuais, mas usando daquela forma era ainda mais.

Comecei a mexer com mais rapidez e degustando cada segundo de seu corpo. Agatha arranhou minhas costas com suas unhas e gemeu um claro pedido de mais.

— O que você quer, Ruiva? — sussurrei

diminuindo o ritmo e fazendo Agatha se remexer embaixo de mim.

— Rápido Christopher! — ela pediu — Me foda rápido!

Não há um homem na face da Terra que não obedeceria um pedido daqueles... E eu não era diferente. Sorri e meti o máximo que conseguia dentro dela. Ainda faltava mais, então segurei uma coxa de Agatha e levantei um pouco mais, enfiando o resto sem pressa, para sair e entrar fundo novamente.

Agatha gemia sons irregulares e eu não ficava atrás. Meu gemido saiu entrecortado quando eu comecei a foder o mais duro que podia naquela posição e a cama começou a ranger. O vizinho de baixo estaria me odiando agora.

— Oh! Deus! — Minha Ruiva estremecia.

Eu esquentava, fervia, ardia. Qualquer coisa
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

relacionado ao fogo tinha a ver com aquela sensação de senti-la por completo.

Agatha continuou com suas mãos em minhas costas. Amanhã eu teria marcas vermelhas provocadas por suas unhas. Me inclinei mais, deixando meu corpo sobre o de Agatha enquanto me mexia. Nossos corpos eram uma mistura inebriante de prazer e suor.

Senti os mamilos duros de Agatha roçarem meu peito com os movimentos que fazia. Era uma delícia senti-la tão perto de mim. Eu estava dentro dela, literalmente, mas eu sabia que ela estava dentro de mim também, e eu poderia adivinhar que seria por mais de uma noite.

Não! Eu não me saciaria dessa mulher em uma noite, talvez em umas ou mais noites. Seu corpo era cheio de curvas, e seus seios e bunda eram fartos... Um sonho de consumo.

PERIGOSAS ACHERON

Agatha se remexia embaixo de mim, mas eu não dava muita oportunidade para ela se mexer porque eu estava dando estocadas rápidas. Ela gemia, estremecia, me arranhava, chamava meu nome, sussurrava coisas incoerentes e voltava a fazer tudo de novo.

Eu amava mulher assim: sem vergonha. Mulher boa era mulher sem pudores, e Agatha era esse tipo de mulher, sem vergonha para dizer que queria mais e mais rápido, sem vergonha com seu próprio corpo... Enfim sem inibições.

Agatha era o tipo de mulher que eu sempre quis no sexo, e agora que eu a tinha não a deixaria ir tão rápido, mas a foderia depressa, sem tempo para respirar. E quem precisa respirar num momento daqueles?

— Ah! Foda! Foda! — eu tinha plena consciência de que tudo que eu dizia era, de certa

forma, incoerente, mas eu não estava sendo completamente coerente desde o do primeiro segundo que eu tinha visto Agatha.

A cama não parava de ranger e nós não parávamos de gemer. Minhas estocadas se tornaram cada vez mais frenéticas e nossos gemidos se misturavam quase em um só.

O corpo de Agatha era o encaixe perfeito do meu e ela parecia sentir o mesmo sobre o meu. Seus gemidos eram cada vez mais audíveis para qualquer um que estivesse perto do meu apartamento e saber disso era quente como o inferno.

— Christopher! — ela praticamente gritou fazendo todo meu corpo estremecer ao ouvi-la gritar meu nome.

Coloquei uma palma na cama e outra na coxa de Agatha, me dando mais espaço para tirar e

PERIGOSAS ACHERON

penetrar toda minha extensão novamente. Os seios de Agatha balançavam com meus movimentos e eu abaixei minha cabeça, abocanhando um de seus mamilos, que em meus lábios ficaram ainda mais duros.

Chupeí seu mamilo e o mordisquei, deixando minha barba roçar em seu seio, Agatha colocou uma de suas mãos em meu cabelo que estava todo espalhado, e o puxou de leve, me fazendo gemer em seu mamilo, mas sem tirar minha boca dele.

Eu não demoraria muito mais e achava que Agatha também não. Mordi um pouco seu mamilo e fui até o outro, sem negligenciar nada referente a seu corpo.

Quando parei de chupar seu mamilo, senti que meu clímax estava bem mais perto do que gostaria, porém essa noite estava apenas no começo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oh! Ruiva! — gemi sem parar de dar rápidas estocadas.

— Christopher! Meu Deus! — Agatha gemeu entre sussurros e respirações ofegantes.

Pude senti quando Agatha estava tão perto quanto eu, contudo, ambos gememos em uníssono quando gozamos juntos.

PERIGOSAS ACHERON

XXIX



*Meu orgasmo foi uma
explosão de sensações.*

Eu estava começando a aprender que, para Christopher, promessa era dívida.

Christopher descansou seu corpo sobre o meu, não colocando muito peso e não saindo de dentro de mim. Minhas mãos estavam agora em seu cabelo, fazendo um cafuné do qual ele parecia gostar, já que se acomodava em meu corpo me

dando mais liberdade para acariciar seu cabelo.

Eu não precisava nem dizer que ele era tão bom no sexo, quanto era com seus dedos. Realmente Christopher era o homem mais tentador do qual eu já conheci.

Devagar ele saiu de dentro de mim, me causando uma sensação estranha de abandono, que logo foi substituída quando ele se deitou de lado e me puxou para ele, pondo um de seus braços em volta de mim, e o outro apoiava seu rosto. Fiquei com a cabeça no travesseiro, mas se eu virasse meu corpo eu me chocaria com o de Christopher, que estava com o rosto ao lado do meu. Eu sentia sua respiração em minha orelha.

Enfim tirei meu salto, jogando para fora da cama. Quando eu enfiei meu salto alto em sua bunda pouco tempo antes tinha sido foda. Havia me dado uma sensação de poder e dominação, mesmo

eu estando por baixo.

Uma dúvida estúpida passou pela minha mente e eu me virei para, como eu havia dito, me chocar com o corpo grande de Christopher.

— Quantos anos você tem? — perguntei encarando seus olhos negros.

Christopher sorriu.

— Por que essa dúvida agora?

— Não sei, apenas me dei conta de quê, eu não sei praticamente nada sobre você. — *tirando quem é seu pai*; conclui para mim mesma.

— Você sabe o essencial sobre mim. Meu nome, onde moro e que eu não sou nenhum perverso. — ele piscou para mim, me fazendo sorrir.

Era estranho, mas eu me sentia tão à vontade com ele, que quase não me dava conta de que

PERIGOSAS NACIONAIS

estávamos nus. Era tudo tão... natural com ele. Christopher não poderia receber o adjetivo de "simples", mas toda aquela situação sim. Aquilo tudo era simples. Um simples do qual eu não tinha provado antes.

— Não concordo sobre a parte do pervertido... — brinquei — Ou não foi você que me fodeu com uma mão enquanto dirigia com outra?

Chris caiu na gargalhada e eu não resisti, rindo junto ele. Quando paramos de rir, Christopher colocou uma mão em minha bochecha, fazendo um carinho pacato com a mesma, depois colocou a mesma mão em meu cabelo, acariciando-o de leve. Fechei meus olhos, mas não antes de ver o sorriso torto dele.

— Acho que você tem razão. — Chris disse enquanto eu continuava com os olhos fechados — Ainda bem que você é tão pervertida quanto eu...

PERIGOSAS ACHERON

Pelo que me lembro, você me fez um boquete enquanto eu dirigia.

Abri um sorriso torto que foi sobreposto pela boca de Christopher na minha. De olhos fechados continuei quando senti seus lábios chuparem meu lábio inferior para em seguida largar e delicadamente entrar com sua língua em mim.

Não hesitei. Eu estava completamente entregue a ele, mesmo que fosse só por hoje. Passei uma de minhas mãos em sua nuca, sentido seu cabelo liso embaraçar um pouco entre meus dedos.

Dessa vez o beijo de Christopher foi calmo, mas com a mesma paixão de antes. Não paixão por mim, mas aquela paixão intensa de um beijo praticamente roubado.

Da mesma forma que ele, do nada, me beijou, do nada, se afastou. Abri meus olhos e mais uma vez me deparei com seu sorriso, mas um

PERIGOSAS ACHERON

sorriso completo de mostrar os dentes.

— Eu tenho vinte e três anos. — Christopher respondeu me fazendo olhar para seus olhos. — Mais alguma dúvida?

Eu não sabia o que perguntar, não queria saber de sua família para ele me contar sobre seu pai. Não estava e não estaria preparada tão cedo para falar dele.

— Não sei... — admiti.

— Posso fazer um resumo de minha vida então? — dei de ombros e ele não largou meu olhar enquanto falava — Eu morava no interior até meus dezoito anos, com ainda dezoito, vim parar aqui, na capital. Minha família não é grande. Tenho tios no interior que, praticamente me criaram, tenho um pai maluco, porém um bom pai e tenho bons amigos também, tanto quanto aqui na capital, quanto no interior.

Realmente ele tinha feito um resumo bem explicativo sobre sua vida. Algo me dizia que ele omitia alguma coisa. Pensei em perguntar sobre sua mãe, mas me segurei e deixei de lado, quando Christopher perguntou:

— E você, não vai me dizer nada sobre si mesma?

Hesitei. Eu não tinha nada de bom para falar da minha vida a ele, contudo, eu queria conversar com ele. Queria me abrir a ele e contar sobre minha vida, mesmo sabendo que meu passado o afastaria de mim. Homens como ele, não ficavam com mulheres como eu.

— Eu tenho trinta e dois anos, sou separada, — comecei ainda hesitante pelo mais fácil — comecei minha carreira como modelo, acabei me tornando modelo fotográfica, desfilei pouquíssimas vezes, eu não tinha corpo para uma modelo de

passarela, foi o que me disseram.

— Graças a Deus! — Christopher brincou e eu ri, antes de continuar.

— Abandonei a profissão cedo, e usei o dinheiro que eu tinha guardado para abrir a agência. Já conhecia Benny e ele me ajudou a expandir minha agência, junto com meu ex-marido, que era meu namorado na época e tinha muitos contatos. Fiz também um curso de publicidade e propaganda à distância e fim.

Christopher não deixou de acariciar meu cabelo quando eu terminei de falar. Ele parecia pensar nas palavras certas para dizer o que queria, mas eu já podia adivinhar que ele queria saber mais, como família e meu casamento.

— Entendo... — foi tudo que ele disse antes de me beijar novamente, mas dessa vez seu beijo não foi calmo, foi cheio de tesão.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu podia sentir seu membro, agora duro, tocar em minha barriga.

Antes que Christopher ficasse em cima de mim, eu me pus em cima dele, fazendo nós dois rimos, porque ele era bem mais forte que eu, e quando eu o empurrei para ele ficar deitado embaixo, nenhum milímetro dele saiu do lugar. Ele enfim me obedeceu, deixando-me montar dele.

— Você vai me matar, Ruiva! — Christopher riu colocando suas mãos em meus quadris.

— Você já está me matando! — admiti.

Com um movimento rápido coloquei seu pênis em minha entrada e parei, fazendo Christopher mexer seus quadris atrás de mais. Bati em seu ombro para ele parar e rindo ele obedeceu novamente. Devagar, como ele fez comigo, fui deixando ele entrar, sentido cada centímetro dele em mim.

PERIGOSAS ACHERON

Coloquei minhas mãos em seus ombros e fui me mexendo aos poucos. Ele não tirava suas próprias mãos de meu quadril e tentava decidi nosso ritmo, mas eu batia em seu ombro e ele parava, rindo e gemendo.

Soltei um longo suspiro quando senti que já tinha o máximo dele dentro de mim naquela posição, mas eu sentia que havia mais e eu queria tudo dele. Comecei a rebolar em cima de Chris e ele gemeu forte. Um gemido rouco irresistível que me fez gemer também.

Abaixei mais meu corpo, deixando meus mamilos roçarem seu peito, e minha boca tocando seu pescoço. Me mexi para frente e para trás fazendo a cama ranger ao sair um pouco de lugar.

— Oh! Agatha! — sua voz era fodidamente irresistível fazendo meu corpo inteiro estremecer.

Christopher me segurou pelo cabelo, tirando

PERIGOSAS ACHERON

ele de seu rosto e eu lambi seu pescoço, sentindo seu gosto e cheiro viril, salgado de suor. Chris estremeceu por causa de minha língua e eu aproveitei a deixa e mordi seu pescoço, sabendo que meu ato deixaria marcas. E essa era a minha intenção: deixar marcas visíveis em Christopher.

Enquanto eu mordia seu pescoço, sentia a sua barba roçar de leve meu rosto, me fazendo estremeecer.

Cravei minhas unhas em seu ombro e ele apertou meu quadril levemente, ao mesmo tempo que puxava meu cabelo, trazendo meu rosto ao dele e me beijando.

Eu desacelerei quando senti a língua fria de Chris em minha boca, tocando e excitando a minha própria língua.

Chris não deixou nosso ritmo morrer, ele levantou um pouco meu quadril e meteu fundo,

PERIGOSAS ACHERON

duro e rápido em mim, me fazendo gemer em sua boca de surpresa e de puro prazer.

Me afastei de sua boca e ainda com minhas mãos em seus ombros o apertei um pouco mais, e em seguida as pus na lateral de sua cabeça, me dando estabilidade para assumir o ritmo, fazendo Chris parar de se mexer e me deixar fazer o que quisesse. Eu estava adorando a liberdade que ele me dava. Ele não se importava em me dar espaço, ele simplesmente dava, sem tentar assumir como um Neandertal faria.

Gememos juntos quando meu ritmo se intensificou. Fiquei sentada em Chris, com minhas mãos agora em seu abdômen, se eu estava pesando ou doendo nele, ele não se pronunciou. Eu acelerava mais e mais.

Eu estava cavalgando em Chris sem nenhuma inibição, enquanto meus seios saltitavam

com meu ritmo constante. As mãos dele, que estavam agora espalhadas no lençol de sua cama, vieram para meus seios, apalpando eles de uma forma maravilhosa.

— Oh! Chris! — gemi alto.

Joguei minha cabeça para trás, sem diminuir meu ritmo e me deixei levar sentindo cada centímetro do membro de Chris me preencher e foder com meu corpo e mente.

Oh! Meu Deus! Eu não queria admitir isso tão cedo, mas aquele garoto estava realmente me fodendo de fora para dentro, de dentro para fora.

— Agatha! — Chris gemeu meu nome com aquela sua voz rouca, e inacreditavelmente eu senti meu corpo esquentar ainda mais. — Foda-se mulher! Você é perfeita! Perfeita!

Senti uma onda de felicidade estúpida e infantil me dominar com aquela sua admissão...
PERIGOSAS ACHERON

Mas como Benny sempre dizia: *o que é dito na cama, não se leva para vida*. E ele estava com toda razão. Na cama, no sexo, tudo era válido, fora dela a verdade das palavras e alguns atos transpareciam ou não. Mas, ainda assim, me deixei levar pelo momento, e olhei para Chris, para saber então que ele já estava me olhando.

Seus olhos entravam em mim. Só seu olhar já fodia meu sistema. Aquele olhar negro, do qual mal se notavam as íris na meia-luz daquele quarto. "Meia" luz essa que só vinha da iluminação da rua e da lua pela sua cortina aberta. Seu olhar me comia. Eu sentia que ele entrava em minha alma, me investigando, me explorando, me conhecendo.

— C-chris... — pronunciei seu nome entre gemidos e engasgando, quando Christopher pegou meus mamilos entre seus dedos, fazendo todo meu corpo se arrepiar ao seu toque e aperto.

Christopher largou um de meus seios e pôs sua mão em meu quadril, me levantando um pouco e como havia feito antes, penetrou fundo em mim, fazendo eu sentir o que faltava de seu pau.

Ele se encaixava perfeitamente em mim, seu membro entrava e saía me causando uma onda de espasmos, seguido por outra de relaxamento e prazer.

— Ohhh! — gemi alto e Christopher não ficou para trás, seu gemido foi gutural.

— Caralho Ruiva! Eu não vou demorar... — Christopher deixou seu corpo desabar na cama, e eu voltei a cavalgar em cima dele.

A cama rangia e eu senti minhas paredes internas se apertarem em torno do membro de Christopher. Ele colocou ambas mãos em meus quadris e quando eu enfiei fundo nele para dentro, ele fez o mesmo no sentido contrário, fazendo nós

PERIGOSAS NACIONAIS

dois, mais uma vez, gemermos juntos enquanto gozávamos.

PERIGOSAS ACHERON

XXX



Putá que pariu! Agatha se mostrava cada vez mais impressionante e surpreendente. Ela saiu de cima de mim, desabando seu corpo gostoso no meu. Não hesitei em passar um de meus braços em volta de sua cintura fina,

Agatha descansou sua cabeça em meu ombro, e eu acariciei seu cabelo com minha mão livre.

A barriga de Agatha estava grudada na minha e eu pude ouvir quando seu estômago roncou, acabei dando risada, que ela logo acompanhou.

— Parece que alguém já está com fome... — brinquei.

— Esse "alguém" já está com *muita* fome! — Agatha levantou o rosto para me olhar e sorriu, seus olhos azuis brilhavam e me fascinavam.

— Antes um banho? — propus com um sorriso malicioso.

Minha Ruiva revirou os olhos, pegando minha brincadeira, ainda sorrindo e em seguida mordeu seu lábio inferior. Caralho! Eu já podia sentir meu membro ficar semiereto só com aquele

PERIGOSAS ACHERON

seu olhar e mordida no lábio.

— Acho que precisamos comer antes de "tomarmos um banho".

— Vamos comer! Rápido! — disse, tirando-a delicadamente de cima de mim, e a pegando pela mão para guiá-la à cozinha.

Definitivamente precisávamos comer e logo, para irmos tomar *aquele* banho. Ainda bem que eu tinha comprado comida na sexta, porque achava que Júlia passaria o final de semana comigo. Mais uma vez, eu agradei silenciosamente à Júlia.

— Você tem comida? — Agatha perguntou quando entramos em minha cozinha e eu acendia à luz.

Estávamos tão dispersos antes, que, não tínhamos acendido nenhuma lâmpada. A única iluminação da casa era da rua, tirando agora a da cozinha.

PERIGOSAS NACIONAIS

Estávamos nus e Agatha não parecia se importar em exhibir seu corpo enquanto andava para mim. Minha Ruiva soltou minha mão e ficou de costas para o balcão em minha cozinha americana, apoiando seus cotovelos nele, e analisando toda minha cozinha como fosse algo de outro mundo.

Sorri, não entendendo o olhar dela. Minha cozinha estava arrumada, talvez fosse isso. Provavelmente ela esperava encontrar uma bagunça, já que era a casa de um homem solteiro.

— Tenho! — respondi abrindo os armários e mostrando a ela pacotes de comida fechada.

Agatha franziu o cenho.

— Você sabe cozinhar?

— Não. — encarei aqueles olhos tentadoramente azuis, que, me encaravam de volta — E você?

PERIGOSAS ACHERON

— Também não. — esse foi um dos momentos mais engraçados de minha vida, sem dúvida.

Eu e Agatha nos olhamos por longos segundos sem dizer absolutamente nada, então, do nada, começamos a rir. Rimos muito, de fazer doer a barriga. Tinha muito tempo que eu não ria daquela forma, quanto mais por uma besteira como essa, de, ambos não sabermos cozinhar.

— Pizza? — Agatha sugeriu, me fazendo soltar um suspiro de alívio.

Felizmente ela não era uma dessas mulheres que se importavam fodidamente com seu corpo, ao ponto de praticamente não comer nada que fosse bom, de vez em quando.

— Pizza! — concordei provocando uma outra onda de risadas de nós dois.

Eu liguei para uma pizzaria bem próxima de
PERIGOSAS ACHERON

minha casa. Não demoraria nem vinte minutos para eles chegarem, então, eu e Agatha fomos colocar alguma roupa. Eu vesti apenas uma bermuda e ela me pediu uma camisa minha, entreguei a ela uma camisa de mangas curtas.

Agatha era uma mulher alta, mas eu era bem mais alto que ela, com isso, minha camisa ficava no meio de suas coxas. Ela estava linda. Linda do jeito que eu gostava: com aquela simplicidade.

Ela vestia só minha camisa, sem sutiã, nem calcinha. Seu cabelo estava solto e bagunçado, dando um ar bastante sexy. Melhor era sua maquiagem, que já não existia, deixando seu rosto natural, e suas sardas mais visíveis.

Ficamos em meu sofá enquanto esperávamos o entregador com nossa pizza grande, de sabor misto.

Passou, naquele momento, diversas

perguntas que eu poderia fazer à Agatha. Coisas que antes ela nitidamente omitiu, contudo, eu não perguntaria sobre essas coisas, já que, eu mesmo omiti sobre minha mãe. Não que eu quisesse esconder de Agatha, mas eu não achava que aquele momento seria apropriado para falar do suicídio de minha mãe.

Minha sala não era muito grande e como eu não levava muita gente para meu apartamento, preferi deixar a sala com um único sofá de quatro lugares, uma estante com uma tevê e uma pequena mesa com quatro cadeiras em um canto da mesma.

Eu estava deitado no sofá com minha cabeça no colo de Agatha, enquanto ela fazia cafuné em mim. Eu amava cafuné. Minha mãe, antes de entrar na depressão, era a mulher mais carinhoso que eu conhecia, e ela fazia cafuné em mim, para eu dormir. Depois dela minha tia fez o mesmo, dessa

PERIGOSAS NACIONAIS

vez, também era para eu conseguir dormir, mas por causa dos pesadelos que me assombravam à noite.

Minha tia achava que eu tinha que fazer terapia na época do suicídio de minha mãe, porém, eu rejeitei a ideia com todas as minhas forças. Felizmente ela concordou, me deixando ficar na casa dela, sem ir ao colégio por pouco tempo. Mas eu logo quis voltar a minha vida normal, era a única forma que eu deixaria de focar meus pensamentos daquela tragédia.

Não fiquei traumatizado com nada que aconteceu, mas que foram tempos difíceis, foram. Sem dúvida foi o tempo mais difícil em toda minha vida. Atualmente eu sabia que não havia nada que acontecesse hoje, com pessoas próximas de mim, que fosse tão trágico, quando foi aquela época.

Agatha ainda me fazia cafuné, e eu pude apreciá-la, sem ela saber, pois sua cabeça estava

PERIGOSAS ACHERON

inclinada para trás, para o encosto do sofá, e seus olhos estavam fechados.

É claro que eu não comparava o fato de Agatha me fazer cafuné como algo materno, mas eu comparava como algo carinhoso. Fodidamente carinhoso. Como as mulheres mais importantes de minha vida fizeram para mim, contando Júlia também.

Quando eu abri a boca para falar algo, Agatha abriu os olhos, sorriu, me encarou, e enfim, disse:

— Então, me fale sobre as suas antigas namoradas...

Não sei de onde ela tinha tirado essa vontade de falar isso, já que, ela não parecia que queria saber sobre nada muito pessoal, porém, eu sorri.

— Só tive uma namorada. — comentei. — Júlia, a garota que você conheceu no evento de PERIGOSAS ACHERON

sábado.

— Ah! — foi tudo que ela falou e desviou seu olhar do meu. *Estranho*.

— Mas temos, sei lá, cinco anos como apenas bons amigos. Terminamos quando eu vim para a capital.

Percebi que ela falaria algo mais, mas, o interfone tocou. Me levantei, um pouco relutante do sofá e fui atender.

— Oi! — disse ao porteiro.

— Chris, você pediu uma pizza grande?

— Sim, pode mandar subir. Obrigado!

Ouvi quando o porteiro falou algo ao entregador de pizza, se despediu e desligou. Não demorou quase nada quando o entregador tocou a campainha. Eu já estava com o dinheiro da pizza em mãos, então, deixei a porta entreaberta, para o

PERIGOSAS NACIONAIS

entregador não ver Agatha, que só usava uma camisa em meu sofá. Falamos um para o outro, mecanicamente, "boa noite", eu entreguei o dinheiro e a gorjeta, e ele me entregou a pizza. Tranquei a porta atrás de mim quando o entregador deu as costas para ir embora.

Coloquei a pizza no chão e a tirei da embalagem. O cheiro bom da pizza se espalhou por toda à sala. Olhei para Agatha e por um momento pensei em me levantar com a pizza, pensando eu que, ela não queria comer no chão, mas quando dei por mim ela já estava sentada no chão enquanto tirava um enorme pedaço da pizza e comia. Sem guardanapo, nem nada.

Fiquei parado feito um idiota olhando Agatha comer com vontade seu pedaço de pizza. Não tinha pedido nenhum refrigerante, porque eu já tinha em minha geladeira.

PERIGOSAS ACHERON

— Que foi? — Agatha falou depois de engolir e em seguida começou a limpar a boca com as costas da mão — Estou com a boca suja?

Sorri e me aproximei dela, que estava na minha frente, a única coisa que nos dividia era a pizza entre nós. Pus minhas mãos em suas coxas nuas, deixando meus joelhos no chão, beijei seu pescoço, sentido seu gosto natural e fazendo minha barba roçar intencionalmente em sua pele lisa. Agatha pareceu engasgar e gemeu baixinho, pondo a mão limpa em meu cabelo. Levantei meu rosto e dei de cara com seu olhar selvagem e tentador.

Eu não conseguia resistir a essa mulher. Eu não queria resistir.

Minha Ruiva estava com as costas apoiadas no meu sofá, e eu só conseguia me imaginar fodendo-a de quatro, invés de suas costas apoiadas no sofá, os braços, para deixar sua bunda bem

visível para mim.

Agatha colocou seu pedaço de pizza sobre a embalagem da mesma e arrastou-a para longe, deixando nada mais em nosso caminho. Ela queria, com fome ou sem, ela me queria, tanto quanto eu.

Beijei sua boca como um homem esfomeado que eu era... por ela. E ela retribuiu, agora com as duas mãos em meu cabelo, provavelmente o sujando de migalhas de pizza, das quais eu pouco me importava.

Levantei do chão, puxando-a comigo, ficamos cara a cara. Ela sorria e mordia seus lábios. Eu sorria torto.

Sussurrei em sua orelha, causando óbvios arrepios por todo seu corpo:

— Ruiva, fique de costas para mim, com os joelhos no chão, e os braços apoiados no sofá.

Ela não hesitou em tirar a minha camisa, jogando ela no chão e em seguida ficando na posição que eu mandava. Pude apreciar sua bunda se remexendo enquanto esperava por mim, mas eu ainda não faria nada com ela. *Ainda.*

Despi-me rapidamente da bermuda, depois tirei as únicas duas almofadas do meu também único sofá e pus embaixo dos joelhos de Agatha, para evitar de feri-la. Fiquei com meu corpo inclinado, deixando meu pau, agora totalmente ereto, encostando na bunda de Agatha, e uma mão minha no encosto do sofá, com a outra enrolei no cabelo dela, puxando sua cabeça um pouco para trás.

Rapidamente retirei minha mão do encosto do sofá e pus em meu pau, achando sua entrada úmida facilmente e enfiando meu pau nela. Gememos em uníssono. Apoiei novamente minha

mão no sofá e penetrei ainda mais fundo nela.

Agatha era quente, apertada, e fodidamente gostosa. Quando eu enfiava nela, eu não queria mais sair, tentava prolongar ao máximo meu clímax para poder senti-la por mais tempo em torno de meu pau.

Gemi rouco seu nome enquanto a fodia com força, fazendo nossos corpos se remexerem rapidamente com meus movimentos quase brutos.

— Christopher! — eu tinha certeza que todos os meus vizinhos daquele andar tinha ouvido o gemido alto de Agatha. E isso era fodidamente sensual.

— A-Agatha! — engasguei, gemendo seu nome entre respirações irregulares.

XXXI



Christopher gemeu meu

nome, engasgando e entre respirações hesitantes.

Era fodidamente sexy.

Eu estava com meus joelhos em cima de duas almofadas, das quais, Chris havia colocado gentilmente embaixo de mim. Sobretudo, suas estocadas em mim não eram gentis, eram selvagens, e eu adorava aquilo.

Minhas mãos estavam apertando o estofado do sofá para eu conseguir manter alguma estabilidade. Chris puxava minha cabeça para trás pelo meu cabelo, e com esse movimento eu olhava para ele, e sempre ele estava olhando para mim.

Nossos olhares se conectavam, se fundiam, se entrelaçavam um no outro. Seu olhar âmbar fazia-me esquecer de tudo, só conseguia pensar nele e em seu corpo, principalmente no prazer que ele me proporcionava.

Voltei minha cabeça para o sofá, encostando minha testa no mesmo. Chris colocou sua boca em minha nuca beijando de leve e roçando sua barba em mim, meu corpo inteiro se arrepiou. Meu corpo sempre se arrepiava quando eu sentia seus beijos e sua barba.

Suas estocadas eram rápidas, ágeis e frenéticas. Eu não conseguia parar de gemer, saía

completamente involuntário. Chris tirou sua mão do encosto do sofá e pôs em minha bunda, apertando-a de leve e em seguida dando-lhe um tapa de deixar marca. Embora, seu tapa não tenha me causado dor alguma, pelo contrário, havia me causado uma onda de prazer. Bem, *ainda mais*.

Percebi que meu corpo reagia à Christopher de uma forma diferente, como nunca tinha sido com nenhum outro homem. Eu não pensava em fome, em sede ou cansaço quando ele estava dentro de mim. Eu só pensava no prazer de estar com ele, no prazer de senti-lo dentro de mim, e nada mais. Nada mais importava, além de seu membro em mim e suas fortes estocadas.

Chris deu mais um tapa em minha bunda, eu pude sentir seu gemido rouco, praticamente animal, em minha nuca. Chupei uma lufada de ar, para depois gemer. Christopher puxou, como sempre

fazia, meu cabelo para trás, e novamente nossos olhares se encontraram. Embora, brevemente.

O sofá estava saindo do lugar por causa de seus movimentos. Eu tentava me mexer, mais sempre que tentava Chris me dava um leve tapa na bunda para parar meus movimentos. Ri um pouco, porque era isso que eu havia feito com ele antes.

Chris começou a desacelerar, me matando de expectativa ao esperar, sem saber, quando, ele voltaria a acelerar seu ritmo novamente.

Mais uma vez tentei me mexer, e Christopher me deu mais um leve tapa, em seguida pôs sua mão no encosto do sofá, dando-lhe apoio. Ele continuou me massacrando ao sair e entrar fundo de mim, levemente. Gemi esperando pacientemente por mais.

E não demorou para ele puxar minha cabeça, pelo meu cabelo, para trás, para me olhar e enfiar

fundo, rápido e com tudo. Sua mão abandonou meu cabelo, deixando ele cair como uma cascata pelo meu rosto e senti seus dedos descerem entre meus seios à minha barriga, até parar em meu púbis, enfim chegando em meu clitóris inchado.

— Chris! — eu gemi.

— Calma garota! — ele brincou.

Ele estava simplesmente usando tudo que eu fiz mais cedo contra, ou melhor dizendo, a favor, de mim.

Seus dedos trabalharam em mim, com movimentos circulares e o apertando entre seus dedos, para depois voltar com os movimentos circulares de antes.

Eu senti aquela combustão, tão forte quanto a primeira. Minhas paredes internas se fecharam em torno do membro de Christopher e eu tive um longo e maravilhoso orgasmo múltiplo. Uma onda se

PERIGOSAS ACHERON

misturava com a outra, fazendo todo meu corpo soltar espasmos de prazer, seguido de uma onda de relaxamento.

Christopher ainda não tinha gozado, e continuava dentro de mim, com os dedos em meu clitóris e pau em minha entrada, me fodendo fundo e forte, como sempre. Ele mordeu meu ombro e eu suspirei.

— Caralho! — Chris suspirou e ele não precisava dizer mais para eu saber que ele estava perto — Ruiva!

Seus gemidos roucos, sua barba roçando em mim, seu toque em meu clitóris eram fodidamente tentadores. Eu sentia que eu estava novamente na borda, pronta para gozar novamente.

Chris gemeu mais duro e praticamente gritou meu nome quando encontrava seu próprio clímax. Não demorei muito para sentir a minha onda de

PERIGOSAS ACHERON

prazer mais intenso e profundo.

Deitei-me no chão, por cima de sua camisa e bermuda, com minha barriga para baixo. Christopher saiu devagar de mim, e se deitou por cima de mim também. Pude senti sua pele suada na minha, e sua barba roçando minhas costas.

Ficamos assim por longos minutos, até Chris se mexer em cima de mim, sem sair, e murmurar em meu pescoço:

— Acho que a pizza esfriou.

Comecei a rir e ele acompanhou.

— Você acha demais. — disse.

Chris saiu de cima de mim e eu continuei deitada. Pude ver de canto de olho quando ele pegou a embalagem da pizza no chão e a levou para a cozinha. Enquanto ele caminhava eu reparei em sua bunda, Christopher parecia saber que eu o

olhava, já que, do nada, ele olhou para mim por cima do ombro.

— Me desejando?

Dessa vez eu que abri um sorriso torto com meu queixo sendo apoiado pelo chão, para eu olhá-lo melhor.

— Ainda há dúvidas?

Christopher sorriu.

— É recíproco.

— À dúvida ou o desejo? — questionei.

— Definitivamente o desejo. — ele disse se virando e entrando na cozinha, me deixando na sala com um sorriso estúpido no rosto.

XXXII



Agatha era irresistível, mas

agora a minha fome era intensa. Esquentei a pizza no micro-ondas e depois nós dois comemos no chão da sala, do jeito que estávamos, ficamos: completamente despidos.

Nossa noite não acabou depois disso, fomos
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

enfim tomar aquele banho, que deixou de ser um "banho", para ser realmente um banho, porque estávamos cansados demais, mas não deixamos de roubar alguns beijos, literalmente, molhados, embaixo do chuveiro.

Nos enxugamos e deitamos nus em minha cama, Agatha pediu para eu colocar meu relógio, de uma escrivaninha ao lado da cama, para nos despertar, logo em seguida dormimos. Eu de barriga para cima e Agatha de bruços, esparramada.



Acordei na manhã seguinte, não pelo meu despertador, e sim por uma sensação de puro prazer, tanto que eu arqueei minhas costas da cama. Quando olhei para baixo, em direção ao meu pau,

PERIGOSAS ACHERON

vi Agatha me chupando e depois, sem pudor, engolindo cada gota de meu sêmen.

Fomos tomar um *aquela* banho. Mais fodemos que realmente tomamos o tal banho. Eu não pude deixar de recompensar Agatha pelo seu oral matinal, fazendo o mesmo com ela no banheiro, até ela gozar profundamente em minha boca.

Agatha vestiu uma cueca minha, dizendo que não ficaria sem calcinha o dia todo, e eu ri ao vê-la usando minha cueca. Ela se arrumou rapidamente com sua roupa do dia anterior que estava espalhada pela minha casa e eu fiz o mesmo, porém me vesti com uma bermuda preta de pano grosso e uma camisa larga rosa.

Depois de deixar Agatha na agência eu iria à academia. Normalmente eu deixava uma roupa prática e confortável dentro do carro para a

academia, mas como hoje eu estaria indo para ela direto de casa não precisaria usá-la.

— Posso te fazer uma pergunta? — Agatha questionou.

Estávamos na garagem enquanto eu abria a porta do carona de meu carro para ela. Agatha entrou no carro e eu dei a volta rapidamente, para sentar no banco do motorista.

— Pode me perguntar qualquer coisa. — o sorriso que dei a ela era o mais sincero de todos.

Eu realmente não me importaria de responder o que quer que ela quisesse saber.

— Como você vive? — arqueei uma sobrancelha e ela sorriu antes de concluir — Você me disse que mora na capital desde os dezoito anos, então, eu estou supondo que você sempre morou sozinho, sendo assim, são cinco anos. Quero saber como você vive sozinho sem saber cozinhar?

Cai na gargalhada.

— E você mora sozinha há quanto tempo? —
questionei à Agatha.

— Desde que me separei, e isso tem, quase
três anos...

— Como você vive sozinha sem saber
cozinhar?

— *Touché*. — o revirar de olhos seguido de
um sorriso de Agatha foi o mais lindo que eu já vi
em toda minha vida, tanto que eu não resisti e lhe
dei um beijo suave em seus lábios.

Como sempre, ela retribuiu, me beijando tão
suavemente quanto eu fazia.



PERIGOSAS NACIONAIS

Deixei Agatha na frente de sua agência, ela não deixou que eu a levasse para a entrada da mesma, nem que eu saísse para abrir a porta do carro para ela. Ela me disse que era uma atitude *ímpar*, mas que eu pareceria um motorista particular se fizesse. Não me importei com isso, apenas ri.

Realmente, além de tudo, Agatha era uma mulher sincera, para alguns, talvez, sua sinceridade se confundisse com grosseria, eu, por outro lado, achava bastante engraçado.

Ela me disse para eu não ligar para ela (não teria como, eu não tinha o número pessoal dela, só o da agência), de início fiquei sem reação achando que ela já estava me dando um pé na bunda, mas meu corpo todo relaxou quando Agatha me disse que me ligaria avisando se eu tinha ou não passado para a campanha, mas que talvez não fosse hoje.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu não sabia se ela queria ou não ter algo comigo novamente, mas quando ela me deu um beijo excitante como o inferno antes de sair de meu carro, eu, mais uma vez, relaxei. Ela seria minha de novo, e eu sentia que não demoraria para isso acontecer. *Novamente.*

Fui para a academia, dessa vez, Ian não estava nela. Provavelmente ele ainda estava dormindo pesadamente em seu apartamento. Malhei por pouco tempo as pernas, minha cabeça estava focada em Agatha. Eu precisava encontrar Ian. Só poderia conversar com ele sobre Agatha e nossa noite.

Pela primeira vez eu não pensei em mulher, (desde que vim para capital), como uma foda qualquer. Pela primeira vez eu pensava em Agatha. Uma mulher por completo. Não somente uma foda casual. Ela era mais que isso, e eu não era burro

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para não ver.

PERIGOSAS ACHERON

XXXIII



Eu cheguei na agência

cedo, mas logo percebi, pelo barulho, que eu não era a única nela. Não parei para saber quem já tinha chegado, subi para minha sala.

— Bom dia senhora! — Victoria me cumprimentou enquanto passei por ela.

— Bom dia. — pausei mexendo na alça da

minha bolsa — Você sabe quem já chegou?

— Jerry, alguns fotógrafos, eu e Benny. A propósito, Benny mandou eu avisar para quando à senhora chegasse, que, ele te espera na sala dele.

Assenti e sem esperar mais, fui em direção à sala de Benny. Encontrei ele fumando em uma varanda pequena que havia em sua sala espaçosa.

— Baby! — ele sorriu largando o resto de seu cigarro e vindo até mim assim que me viu.

Benny me abraçou, sorrindo e exibindo suas covinhas.

— Eu sou só ansiedade e curiosidade.

Gargalhei saindo de seu abraço.

— Acho que temos muito o que conversar.
— sussurrei jogando minha bolsa em uma poltrona e Benny bateu palmas.



Contei tudo para Benny, em um tom baixo. Ele me escutou atentamente, infelizmente não tivemos a chance de conversar muito mais sobre, porque tínhamos que trabalhar.

A reunião, com os gerentes da empresa que nos contrataria para as tais campanhas, seria a tarde. Tínhamos enviado algumas fotos e dados básicos dos três pré-selecionados ontem e esperávamos hoje pessoalmente a resposta deles sobre o selecionado e aproveitaríamos para falar da garota que viria a modelar com o selecionado no comercial.

Quando a tarde chegou, eu e Benny, nos reunimos com os empresários e eles falaram o que já era óbvio para todos da agência. Eles tinham

PERIGOSAS NACIONAIS

selecionado Christopher e eles não queriam decidir a tal garota que viria a modelar com ele ainda. Aceitamos e fechamos o bendito contrato.

Já estava entardecendo quando Benny apareceu em minha sala.

— Baby, você não vai ligar pra ele agora? — então como quem não quer nada, ele deixou um papel com um número em cima de minha mesa.

— Benny, para quem não queria que eu nem encostasse nele, você parece bem animado e disposto ao contrário.

— As pessoas podem mudar de opinião. — ele disse sorrindo e exibindo suas covinhas.

— O que te fez mudar de opinião sobre isso?

— O próprio garoto, é claro. — percebi naquele momento que Benny evitava ao máximo de sequer pronunciar o nome de Christopher.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como? — arqueei uma sobrancelha e Benny revirou seus olhos.

— Ele não é nada do que eu imaginava. Se ele fosse ruim você não estaria, nem sequer, tentada a ligar para ele.

— Nisso você tem razão.

— Eu sempre tenho razão, baby.

Olhei para o papel na mesa e depois de pensar por longos segundos peguei.

— Você já ligou para os outros dois garotos da pré-seleção? — perguntei à Benny sem olhar para ele.

Eu ainda encarava o maldito papel com o número em minha mão.

— Victoria já fez isso. — Benny deu uma risada estranha e pigarreou chamando minha atenção para olhar para ele e ver seus olhos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

caramelados brilhando — Liga! Não perca tempo.

— Eu nunca me senti assim... — admiti ao meu amigo que se sentou em uma cadeira do outro lado de minha mesa.

— Assim como, baby?

— Insegura. Eu nunca me senti tão insegura sobre uma pessoa.

— Eu te entendo. É realmente novo para você. Há quanto tempo que você não sai e tem um encontro seguido de fodas selvagens com um homem?

Só Benny para me fazer rir com seu sarcasmo.

— Não é isso que estou falando. — argumentei — Estou insegura sobre conhecê-lo. Há realmente muito tempo que eu não conheço alguém de verdade.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você quer dizer conhecê-lo no sentido de saber as coisas que ele gosta, sua família, seus sonhos e toda essa merda desnecessária?

— Exatamente! *Toda essa merda desnecessária.*

— Mas você não precisa conhecê-lo, baby.
— Benny sorriu e pegou minha mão do outro lado da mesa — Você pode simplesmente pular a parte dos encontros para as fudas.

— Eu não sei, Benny... Com ele é estranho, sabe? É como se eu não conseguisse fugir, é como se eu pudesse conversar.

O olhar que meu amigo me deu foi o mais sério que eu já vi em seu rosto.

— Agatha, ele não entenderia sua vida, muito menos seu passado e as escolhas que você tomou nele.

PERIGOSAS ACHERON

Aquilo doeu. Senti meu coração parar uma batida, para em seguida, bater mais forte em meu peito. Benny estava tão certo que doía. E muito. Nem Christopher, nem nenhum outro homem entenderia minhas escolhas do passado. Eu estava fadada a viver guardando tudo para mim.

Eu era considerada uma mulher grossa, fria ou até mesmo má, mas, algumas vezes, eu apenas desejava ter alguém com quem conversar, não somente Benny. Alguém que não me recriminasse, alguém que pudesse me amar acima de toda a merda que eu já fiz.

— Eu sei, Benny. — concordei com meu amigo.

E eu realmente sabia disso. Christopher não entenderia.



Fui para minha casa sozinha naquele dia. O céu estava em um crepúsculo bonito, tinha entardecido depressa. Benny disse que faria alguns exames de rotina e pediu um táxi. Ele vivia sem seu carro.

Não tínhamos na agência uma data certa para começar a tirar as fotos da campanha de Christopher de cueca, contudo, teria que ser esta semana. Teríamos até segunda-feira da semana seguinte para entregar o material pronto, editado e impresso.

A campanha em si não teria nada de muito trabalhoso para ser feito. Christopher era simplesmente perfeito para ela, e não precisaria de uma série de edições, talvez, só alguns ajustes

profissionais de Jerry na imagem, e não no modelo.

Uma parte de mim queria prolongar ao máximo essa campanha, outra queria apressar. Depois dela, Christopher e eu seguiríamos em caminhos diferentes, sem ressentimentos. Assim eu esperava. Assim seria.

Depois de tomar um banho me vesti com a primeira roupa que achei: uma calça de moletom e uma regata gasta. Deixei meu cabelo em um coque desarrumado e me deitei na cama.

Meu celular estava na beirada da cama, e o peguei antes dele cair. Um impulso maior falou por mim, e eu abri a agenda do mesmo, achando facilmente o meu novo contato: Chris Tyler. Antes que esse impulso irracional me abandonasse, eu liguei para ele.

No terceiro toque uma voz rouca e fodidamente sexy atendeu:

PERIGOSAS NACIONAIS

— Alô?

PERIGOSAS ACHERON

XXXIV



— *Vai se foder!* — Ian

esbravejou.

Estávamos na sala de seu apartamento, do qual eu tinha decidido sentar em uma poltrona, porque apenas ela estaria sem vestígios de suas fodas. Eu acreditava.

— Por que não me contou isso antes? Você simplesmente come à Agatha Lancellotti, dona de uma agência de publicidade e não me conta nada?

Quando, um pouco mais cedo, eu tinha chegado em seu apartamento, uma loira seminua atendeu à porta, grogue de sono. Estranhei Ian ter deixado uma mulher dormir em seu santuário (como ele chamava seu apartamento, mas eu preferia dizer o clichê "abatedouro" mesmo), mas não comentei nada. Perguntei por ela para ele, e ele apareceu, só de cueca e com o rosto amassado.

Ian simplesmente mandou a mulher ir embora para nos deixar conversar sozinhos. Sim, ele *mandou* ela ir, sem beijo de despedida, sem nenhum tipo de afeto, nem levá-la até a porta. Percebi que a loira ficou triste com sua frieza, mas não demonstrou para ele, ainda deu seu número e nome em um pedaço de papel, do qual Ian jogou

fora.

Nesses cinco anos que eu morava na capital, eu não tinha sido o melhor exemplo de homem, por isso, preferia foder em motéis, mas eu também não conseguia ser como Ian. Ele era extremamente grosso com qualquer uma que demonstrasse ter interesse de um segundo encontro. Ou melhor: segunda foda. Ian não saía para encontros.

Para Ian figurinha repetida não completava seu álbum. Eu também tinha isso de diferente dele, eu não me importava em sair com a mesma mulher por mais de uma vez, caso essa mulher valesse à pena.

— Como simplesmente você sabe quem é a Agatha? — perguntei ao meu amigo que estava sentado em seu sofá de três lugares, tomando dois dos lugares com seu tamanho.

Eu e Ian tínhamos quase a mesma altura, mas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ian era mais musculoso que eu e poucos centímetros mais alto também.

— Pelo que eu me lembro quando conversamos no meio da semana, antes do evento, você só sabia que uma mulher era dona da agência, mais não sabia quem era.

— Quando aquela garota apareceu no domingo; Victoria, acho, ela me entregou um cartão também, e eu pesquisei sobre essa Agatha.

Era verdade. Agora eu conseguia me lembrar de ver Victoria entregando para Ian um outro cartão da agência.

— Mas eu não estou aqui para falar que estou transando com ela...

— E está para quê? — Ian me cortou e concluiu, sonhadoramente: — Ela é bem quente.

— Sim, mas ela é bem diferente também...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Foda-se! Estou perdendo um pirata? — Ian e eu brincávamos que éramos "piratas solitários", e que não haveria mulher capaz de nos dominar.

— Calma, *Abreu*! — brinquei falando seu segundo nome.

Ian não riu como eu esperava, pelo contrário, ele ficou mais sério.

— Não me chame assim.

— Por quê, Abreu? — perturbei. — O que isso te faz lembrar?

— Não me faz lembrar nada! — Ian praticamente gritou e eu percebi que aquele simples ato de chamá-lo pelo segundo nome realmente o fazia lembrar de algo... Ou alguém.

— Qual foi? Eu não sou seu melhor amigo?

— Me faz lembrar de uma mulher proibida

PERIGOSAS ACHERON

pra mim, só isso. — Ian admitiu.

— *Só isso?* Chamar você de "Abreu" faz você pensar em uma mulher e você me diz que é ‘só isso’? E por que ela seria proibida?

— No coração ela tem um dono. — a forma como Ian falou foi tão verdadeira que eu pude ver em seus olhos um vislumbre de tristeza, quase como se ele sentisse um *ardor* em lembrar dessa mulher.

— Eu tenho certeza que você poderá conquistá-la e...

— E não estávamos falando de mim. — Ian me cortou, agora sorrindo maliciosamente — Quero explicações! Quando você fodeu à Agatha e por quê não me contou logo?

— Não é como se tivesse acontecido há tempos, foi ontem... e hoje. Ela dormiu em meu apartamento.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Em seu apartamento? Sério? O lugar onde você não deixa nenhuma mulher qualquer entrar?

— Ela não é uma qualquer. — admiti — Porra Ian! Eu não sei explicar, beleza? Mas sinto quase como se um fio invisível me puxasse até ela. Há uma química palpável entre nós.

— Você acha que ela sente essa química "palpável" também?

— Não sei, no começo ela tentava me evitar, mas não demorou tanto assim para ceder. Eu sei que ela me quer, tanto quanto eu. Eu consigo ver, entende?

— Entendo... — o olhar de Ian demonstrou um entendimento nítido sobre o que eu falava — Então vocês vão foder regularmente?

— Eu espero que ela não tente me evitar de novo. Ela é a mulher que eu sempre quis na cama e quero ter outra vez.

PERIGOSAS ACHERON

— Ela é melhor que Júlia?

Sua pergunta me fez estreitar os olhos e cerrar o maxilar.

— Que tipo de pergunta é essa, Ian?

— Calma! — Ian levantou as mãos em sinal de rendição — Só estou querendo saber se Agatha é tão boa quanto as outras que você teve.

— Júlia não foi uma *outra* que eu tive, Júlia foi a única. — disse e percebi uma expressão estranha no rosto de Ian.

Tristeza? Inveja? Raiva? Eu não sabia definir qual.

— Mas ambos éramos totalmente inexperientes na época, contudo, ela não é uma mulher da qual se pode comparar. Ela continuará sendo única para mim.

— Compreensível, *Cortês* realmente não é

uma outra qualquer.

— Cortês? — arqueei uma sobrancelha.

— Júlia *Cortês*, falando assim parece que você não sabe.

— Não é isso, só estranhei essa forma de você se referir a ela. — *estranhei, mais uma vez*, conclui para mim mesmo.

Resolvi mudar de assunto:

— E sobre essa loira que encontrei aqui hoje, você a deixou passar à noite em seu *abatedouro*?

— Meu *santuário*. — Ian me corrigiu rindo — Só deixei porque estava tarde demais para ela ir embora.

— E desde quando você se preocupa com isso?

— Eu tenho coração também, Chris! E ela não tem carro e eu não sou fodido, como você, para

PERIGOSAS NACIONAIS

levá-la em casa com o meu.

— Isso não é ser fodido, é ser atencioso. —
me defendi aos risos.

— Um fodido atencioso, melhorou? Pois
bem, eu não sou um.



Eu fiquei no apartamento de Ian até de tarde,
antes dele ir à academia e eu ir para o meu
apartamento. Era uma merda ficar sozinho o dia
inteiro sem ter o que fazer.

Precisava ter passado na seleção da
campanha para ter um trabalho. Eu me sentia
péssimo ficando em casa como um fodido
desocupado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Resolvi depois de um banho, assistir a um filme para passar o tempo.

Já estava no entardecer quando meu celular tocou, e o meu filme que eu assistia na cama com meu notebook tinha acabado.

Fechei meu notebook devagar, e sem pressa peguei meu celular, deslizando com o dedo na tela para enfim atendê-lo.

— Alô?

— Olá... — ouvi a voz do outro lado parecer um tanto insegura.

Reconheci quem era no ato, sua voz doce fez todo meu corpo ferver só de ouvi-la, e só havia uma pessoa que provocava isso em mim.

— Agatha?

— Como você adivinhou? — imaginei que ela sorria do outro lado da linha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sua voz continua a mesma. — disse —
Penso que, se você mesma me ligou, é porque tem
boas notícias, estou certo?

— Sim... Selecionaram você para a
campanha. Parabéns!

— Oh! Isso é ótimo! Quando eu começo a
tirar as fotos?

— Eu tenho que ver se não há nenhum
modelo para Jerry amanhã. Ele é o melhor e
precisamos do nosso melhor fotógrafo liberado!

— Tem como ver isso, tipo... *agora*?

Agatha riu, uma risada gostosa e serena.

— Você esperaria na linha?

— Claro! — respondi.

Pude ouvir o clique do que Agatha estava
fazendo e então a ligação ficou 'em espera' por mais
ou menos um minuto, antes do som voltar, e sua

PERIGOSAS ACHERON

voz doce voltar a falar:

— Chris?

— Aqui.

— Falei com Jerry rapidamente e posso imaginá-lo saltitando do outro lado da linha para tirar suas fotos. Amanhã às 10h, está bom para você?

— Sem dúvida.

— Como eles já tinha te aceitado, vieram em uma reunião hoje comigo e Benny para comunicar que você era o selecionado deles e já com as cuecas que você vai usar nas fotos para o catálogo.

— Essa empresa vende o quê? — perguntei.

— Eles são ligados, assim como à minha agência, a um público adulto. Moda íntima para homens e mulheres é o foco da vez deles. Seu novo produto é um preservativo que garante ultra

PERIGOSAS NACIONAIS

sensibilidade. "Ultra proteção, com ultra sensibilidade" é o slogan deles.

— Você tem algumas dessas camisinhas?

— Sim...

— A gente poderia testá-las e descobrir se elas são tão "ultra" assim. — ouvi Agatha engasgar e pigarrear, sorri comigo mesmo e mudei de assunto para atormentá-la um pouco — E quem vai fazer o comercial comigo?

— Os gerentes da empresa não querem decidi-la anda, mas parece bem provável que eles escolham alguma que já tem contrato com minha agência. Sobre ela, eles não foram tão exigentes, contudo, hoje deixaram claro que ela tem que ter um *sex appel* diferenciado, *assim como você*. Palavras deles, não minha.

Ri um pouco, Agatha riu também.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bom saber que eles acham que eu tenho um *sex appel* "diferenciado", mesmo não sabendo o que isso do "diferenciado" signifique.

— Também não faço ideia, mas é o que eles acham...

— Então? — senti que minha voz soou mais rouca que o habitual.

Só de ouvi-la meu corpo reagia de uma forma diferente. Minha simples pergunta tinha inúmeras intenções, tanto que ouvi que Agatha suspirava.

— O quê?

— Vamos testar o preservativo? — esse foi o jeito mais delicado que eu achei para perguntar: *vamos foder?*

— Desculpe, não dá. Tenho coisas para fazer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não posso prometer que vai ser rápido, porque não vai... Você poderia adiar essas coisas para amanhã.

— Nós vamos nos encontrar amanhã, às 10h. Esteja lá! — e com isso ela desligou.

Qual era o problema dessas mulheres por ligação? Nem sequer um "tchau" eu ouvi, apenas o sinal de que ela tinha desligado na minha cara.

Amanhã ela seria toda minha novamente. Ela não perdia por esperar...

PERIGOSAS ACHERON

XXXV



*Desliguei bruscamente à
ligação,* tendo medo de que meu corpo me
traísse e eu concordasse em vê-lo. Sim, eu queria
vê-lo, mas eu precisava de um tempo para pôr meus
pensamentos no lugar.

Se eu encontrasse com ele, eu ficaria uma

bagunça fodida para amanhã. Queria encontrá-lo com tudo em ordem amanhã, sem nenhum devaneio ou pensamento devasso... Porém eu achava isso quase impossível. Era difícilimo estar ao lado de Christopher e não pensar em nada sórdido.

Com meu celular ainda em mãos, tentei ligar para Benny, mas a ligação caiu na caixa postal. Imaginei que ele ainda faria seus exames. Suspirei, queria tanto poder encontrar meu amigo e conversar.

Eu não podia ficar em casa parada, meu corpo me trairia e iria até Chris, então troquei de roupa, vestido um top preto, uma calça de malha também preta, deixando meu cabelo preso em um coque e calçando um tênis esporte.

Decidi malhar. O condomínio em que eu morava em Vilas de Atlântico, bairro de Lauro de

PERIGOSAS NACIONAIS

Freitas, região metropolitana de Salvador, era um condomínio de luxo, só de casas. Eu não precisaria sair de meu condomínio para fazer muitas coisas, mas salão de beleza eu preferia os da rua, contudo, a academia do condomínio era excelente. A maior vantagem era que era vazia, detestava academias cheias.

Malhei com meus fones de ouvido e minha música no máximo. Começou a tocar "*Stranger things have Happened*" de Foo Fighters, a mesma que tocou no carro de Christopher. A música era leve, mas só de ouvi-la eu senti meu corpo ferver, ao mesmo tempo que, meu suor descia de meu corpo enquanto eu malhava.

Aquela música me fez lembrar do corpo de Christopher e as sensações de prazer que ele me proporcionava. Malhei cada vez mais pesado tentando não pensar em minhas unhas em suas

PERIGOSAS ACHERON

costas e suas mãos em meu corpo.

Tentei sem sucesso. Eu apenas conseguia pensar em Christopher, até mesmo quando outra música começou a tocar. Seu corpo, seus movimentos, seus toques, seus gemidos não saiam de minha mente.

Eu não conseguiria esperar até amanhã para vê-lo. Não conseguiria e não queria.

Tomei uma decisão impulsiva. Eu estava com uma bolsa carteira com meu celular, do qual ouvia minha música, meus documentos, dos quais eu não saia de casa sem e minhas chaves, de casa e do carro. Com essa bolsa carteira e nada mais além de minha calça de malha e top, fui até minha Mercedes e a liguei.

Eu mal tinha malhado, mas meu corpo estava bastante suado. Não me importei e dirigi assim mesmo até Christopher. Se ele realmente me

PERIGOSAS ACHERON

queria, me teria, mas me teria de qualquer forma. Arrumada e cheirosa de perfume caro, e desarrumada com meu cheiro natural.

Dirigi rapidamente. Estacionei meu carro em frente ao prédio de Chris e entrei pedindo para o porteiro não me anunciar. Ele concordou, mas não sem antes me olhar de cima a baixo, contudo, não comentou nada sobre minha aparência.

Agradei quando o elevador não demorou para chegar e eu o peguei sozinha até o andar de Christopher. Hesitante toquei a campainha. Com minha bolsa carteira em mãos, eu a apertei, um pouco tensa. Agi impulsivamente, com isso, eu corria riscos. Principalmente o de Christopher não estar em casa ou pior, estar, mas acompanhado.

Não tive muito tempo para pensar sobre quando vi que o olho mágico escureceu e a porta se abriu, revelando um Christopher com apenas uma

toalha enrolada em sua cintura frouxamente. Seu cabelo e barba estavam molhados de seu recente banho.

Sim, eu já o tinha visto nu, mas vê-lo novamente seminu não diminuiu o efeito que ele causava em mim. Senti meu coração falhar uma batida, ao vê-lo com aquele sorriso presunçoso no rosto.

Christopher estava com uma mão na porta e outra na parede, inclinado para mim, com nada mais que um sorriso e uma toalha frouxa, exibindo aquele V, que deixaria qualquer mulher delirar com pensamentos impuros. Eu não era diferente.

Os olhos âmbar de Chris me analisaram de cima a baixo, não com curiosidade, como o porteiro, mas com aquele olhar tentador, que estava causando uma onda de arrepios por todo meu corpo, sem nem antes sentir seu toque.

— Eu não esperava te ver tão cedo. — Chris disse olhando agora para meus olhos.

— Algum problema com isso? Eu não queria atrapalhar e...

E minha boca foi calada pela boca de Christopher na minha. Ele não me beijou devagar, ele me invadiu sem pedir e eu deixei sem pensar duas vezes. Sua língua brincou e acariciou a minha, me excitando, me explorando, como ele gostava de fazer, suas mãos me puxaram pela cintura para dentro do apartamento.

Sem afastar sua boca da minha, ele fechou à porta e trancou, percebi pelo som, suas mãos rapidamente voltaram para meu corpo. Deixei minha bolsa carteira cair. Chris fazia isso comigo. Ele me beijava e qualquer coisa que estivesse em minhas mãos pararia no chão.

Minhas costas estavam encostada na porta e

eu nem senti quando involuntariamente minhas pernas já estavam em volta da cintura de Christopher. Com um braço me segurando pela bunda, sua outra mão desceu para minha panturrilha e parou em meu tênis, com agilidade ele tirou meu par de tênis e meia.

Percebi quando a toalha de Chris caiu e senti seu membro roçar por cima da minha entrada, sob minha calça de malha. Eu já podia me senti umedecer.

Seu braço continuou me dando apoio e sua outra mão foi para meu cabelo. Repousei minhas mãos em cada ombro de Chris. Ele começou a nos guiar para algum canto de seu apartamento, não fiz questão de abrir meus olhos para ver onde ele estava nos levando, apenas me deixei ser levada.

Quando enfim eu abri meus olhos percebi que estávamos em seu banheiro. Christopher me

carregava como se eu não pesasse nada, e só veio me pôr no chão quando estávamos dentro do boxe.

Sua boca não largou a minha no percurso da sala para o banheiro, quando ele se afastou soltei um gemido de protesto e em seguida sua boca começou um caminho de beijos de minha orelha a meu pescoço fazendo cócegas em mim com sua barba.

— Para Chris! — disse em meio aos risos.

— Hmm, cócegas? — seu sorriso presunçoso estava estampado em seu rosto e seu pênis agora roçava em minha barriga.

Suspirei vendo seu corpo recém-tomado banho, com uma mistura do meu suor. Estava uma delícia do jeito que estava. Mordi meu lábio inferior encarando o grosso pau de Chris que se projetava orgulhosamente para cima.

Revirei meus olhos quando voltei a olhar

PERIGOSAS ACHERON

para os olhos de Chris.

— O que você acha?

— Eu acho que você é linda assim... — então para enfatizar, Christopher me empurrou levemente para a parede e voltou a beijar um ponto mais sensível do meu pescoço me fazendo voltar a rir.

Deixei uma mão em seu ombro e com a outra puxei seu cabelo para trás, Chris grunhiu baixinho e se afastou do meu pescoço. Dei à Chris um sorriso torto e ele desobedientemente voltou a atacar meu pescoço, roçando sua barba em mim, causando-me risos descontrolados.

— Para! — praticamente gritei e Christopher abriu o chuveiro, molhando nós dois por completo. Suas mãos foram para o elástico de minha calça, da qual rapidamente já estava no chão.

O que antes eram protestos meus, se tornaram gemidos por mais, quando Chris ficou de

PERIGOSAS ACHERON

joelhos em minha frente enquanto retirava minha calcinha de algodão.

A água escorria pelo meu rosto e fazia meu top grudar mais em mim, sem pensar me despi dele, deixando meus seios saltarem livres. Meus mamilos endureceram com o toque morno da água.

Christopher agarrou uma de minhas coxas, a colocando sobre seu ombro, com sua outra mão ele apertou uma de minhas nádegas, deixei minha cabeça repousando na parede e meus olhos fechados quando senti dois dedos de Chris abrirem meus grandes lábios como uma tesoura e sua língua tocar sabiamente meu clitóris inchado e pulsante.

— Oh! Deus! — gemi enquanto todo meu corpo estremecia de prazer.

Eu tinha certeza que eu poderia sentir essa sensação da língua de Chris dentro de mim um milhão de vezes que ainda assim eu gemeria como

se fosse a primeira vez. Sua língua era fria e eu quente, um leve choque passava por todo meu corpo quando eu sentia aquela língua me lambendo como um homem faminto.

Christopher sabia o passo a passo para levar uma mulher à loucura. Comigo não era diferente. Sabiamente e delicadamente ele me abria mais com seus dedos, sua língua nunca deixava meu clitóris, lambendo e chupando e sua outra mão continuava a apertar uma de minhas nádegas, algumas vezes me dando leves tapas, enquanto me chupava.

Oh! Deus! Ah!

Eu simplesmente não conseguia parar de gemer alto. Minhas mãos repousaram em seu cabelo comprido e encharcado, assim como meu corpo. A água não molhava meu rosto, porque eu estava com minha cabeça inclinada para trás, mas ela escorria pelo meu corpo, entre morna e quente,

arrepiando mais meu corpo.

Christopher pegou meu clitóris entre seus dentes, bem de leve ele mordiscou, para depois chupar com sucções calmas e rítmicas. Sua barba roçava toda minha vagina.

— Chris... — gemia e gemia.

Já disse que não conseguia parar de gemer?

— Calma, Ruiva! — Chris tirou sua boca de mim para falar, e até mesmo sua voz, agora mais rouca que o normal, fez com que todo meu corpo se enrijecesse ao ouvi-la.

Com Christopher eu não sentia que havia alguém no "comando", era como fosse apenas nós dois desfrutando de prazer, não um "acima" do outro. Éramos apenas eu e ele, nada mais importava. Apenas a tentação, apenas o nosso prazer... Era surreal. Era fascinante. Era *tentador*.

PERIGOSAS NACIONAIS

Chris deixou meus grandes lábios abertos com seu polegar e indicador enfiando devagar seu dedo do meio em minha entrada. Eu estava tão molhada que escorria por minhas pernas. O dedo de Chris entrou facilmente em mim e ele riu baixinho, colando sua boca novamente em meu clitóris, sua barba começou a fazer um carinho em mim. Era ao mesmo tempo engraçado e gostoso.

Ele colocou mais um dedo em mim, tirando seu indicador de meus grandes lábios e colocando devagar em minha entrada. Seus dois dedos ficaram parados por pouco tempo, depois ele começou a enfiá-lo com um ritmo constante em mim, sua língua fez movimentos circulares com meu clitóris dando ao meu corpo um prazer constante, como seus movimentos.

Ele tocava com seus dedos em meu ponto G, me deixando cada vez mais louca de prazer.

PERIGOSAS ACHERON

— Ah! Oh! — gemi quando Christopher começou com estocadas rápidas dentro de mim, sempre tocando em meu ponto G e seus movimentos circulares com a língua em meu clitóris se tornaram também mais rápidos.

Sua língua saiu de meu clitóris para ir à minha entrada, quando seus dedos foram em meu clitóris. Com a troca de posição eu gemi mais ao sentir sua língua entrar e sair em mim, quando seus dedos apertavam e massagearam meu clitóris inchado.

Oh! Eu não demoraria muito para gozar.

A outra mão de Chris apertou minha bunda o suficiente para deixar uma marca de sua palma.

Senti meu clímax próximo, pois minhas pernas estavam ficando moles. Chris pareceu sentir minha fraqueza, tirou sua mão de minha bunda e foi ao meu quadril, me dando algum equilíbrio.

Mas sua língua não saiu por um momento de dentro de mim, e seus dedos não pararam de massagear meu clitóris.

— Oh! Estou bem perto... — meu corpo inteiro se arrepiou.

— Vem Ruiva! — Chris tirou sua língua de mim o suficiente apenas para falar, com aquela sua voz fodidamente rouca e tentadora, então sem esperar mais ele meteu fundo sua língua novamente em minha entrada.

Christopher me comia com sua língua e dedos, sem nenhum pudor ou hesitação. Ele não parava por nenhum segundo, nem quando meu corpo começou com leves espasmos e depois minha combustão foi completa, soltando enfim meu orgasmo.

Ele tirou seus dedos de meu clitóris para meu segurar pelos quadris, mas sua língua não saiu de

PERIGOSAS ACHERON

mim, e quando eu achei que meu orgasmo tinha acabado, outra onda de prazer me dominou, seguida de outras pequenas, transformando em uma única, múltipla e intensa.

A língua dele só saiu de dentro de mim quando meu clímax tinha passado completamente. Chris continuou de joelhos enquanto me limpava, e depois de fechar o chuveiro me puxou ao chão.

Ficamos deitado sobre o piso frio do boxe por longos minutos. Sorte que o espaço de seu chuveiro era grande, para mim, porque Christopher estava com seus joelhos bastante flexionados para caber deitado, enquanto eu estava deitada em seu forte peitoral.

Eu nunca me senti daquela forma... tão tranquila, tão bem.

Eu estava em meu nirvana. *Nós* estávamos em nosso nirvana pessoal, onde não havia nada,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

além de nós dois.

PERIGOSAS ACHERON

XXXVI



Nunca me senti daquela

forma. Era simplesmente incrível. Eu não estava

plenamente confortável naquele espaço do

chuveiro, minha altura não era compatível naquele

lugar, mas ter Agatha entre minhas pernas, deitada

PERIGOSAS NACIONAIS

em meu peito com seu cabelo agora solto e espalhado sobre mim era o suficiente para eu não me importar com o resto.

Ela estava linda quando eu a encontrei em frente à minha porta. Sim, linda com seu cabelo preso, top, calça de malha e tênis esportivo. Eu nunca conheci uma mulher tão segura de si. Agatha tinha aquela simplicidade da qual eu sempre procurei nas mulheres da capital. Ela não tinha problemas com seu corpo ou com sua aparência suada ou não.

Ela simplesmente era o que era, sem mais, nem menos. Agatha era uma mulher real, uma mulher decidida, trabalhadora, esforçada, engraçada, ela era meu sonho de consumo que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

enfim havia se tornado realidade. Não me importava quanto tempo durasse, eu não estava pensando em depois. Eu estava vivendo o agora. E nesse agora Agatha continuava deitada em meu peito.

Acaricieei o topo de sua cabeça enquanto fazia um cafuné em seu cabelo bagunçado. Agatha mexeu seu corpo, ficando com seu queixo em meu peito e suas pernas no ar. Ela sorriu para mim, preguiçosamente. Não consegui não retribuir seu sorriso, o meu abriu automaticamente.

Deixei minhas mãos embaixo de minha cabeça, Agatha colocou suas mãos em meu peito e aproximou seu rosto do meu. Meu membro completamente ereto roçou sua barriga enquanto ela se aproximava. O sorriso de Agatha automaticamente mudou, de fraterno para malicioso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela colou sua testa na minha, não tirando suas mãos de meu peito. Sua respiração estava rápida e sua boca entreaberta. Lambi meu lábio inferior e ela mordiscou o seu.

Tirei minhas mãos debaixo de minha cabeça e pus ambas nas bochechas de Agatha, afastado com uma das mãos seu cabelo rebelde para trás de sua orelha.

Agatha fechou seus olhos e eu apreciei a visão de seu rosto bonito e sereno, mesmo quando sua respiração estava rápida soprando leves lufadas de ar em meu rosto.

Afastei minha testa da dela e a beijei na bochecha bem levemente, vendo seu sorriso sem mostrar os dentes, continuei a beijar todo seu rosto, primeiro suas bochechas, depois sua testa, seu nariz cheio de sardas, seu queixo, e enfim seus lábios que não hesitaram em se abrir para mim.

PERIGOSAS ACHERON

Chupei seu lábio inferior e devagar passei minha língua em sua boca, sentindo sua maciez e ouvindo seus gemidos quase guturais. Enfiei minha língua em sua boca tocando a dela como uma carícia calma. Agatha não ficou parada e rapidamente eu senti sua língua brincar com a minha, com movimentos circulares.

Grunhi em sua boca, ouvindo seu gemido. Aquilo não era um beijo qualquer, estávamos fazendo sexo um com outro. Um sexo sereno, calmo, quase... amor. *Quase*.

Eu podia gozar se continuássemos a nos beijar assim. O corpo quente de Agatha me aquecia, meu pau tocava seu púbis, seus seios descansavam em meu peitoral, junto com suas mãos frias.

Afastei minha boca da dela e propositalmente passei minha barba em seu pescoço, fazendo

cócegas em Agatha. Sua risada era uma delícia, ela tentava se afastar de mim, e eu gentilmente puxava seu rosto para perto de mim, não afastando minha barba de seu pescoço.

— Para Chris! — Agatha disse entre risos.

— Não, Ruiva! — mordi seu pescoço deixando Agatha entre gemidos e risos.

Desci uma de minhas mãos para a bunda de Agatha, pegando bem no meio de suas nádegas duras e deliciosas.

Deixei de pensar com a minha cabeça de cima e comecei a pensar com a minha de baixo. Apenas pensava agora em foder aquela bunda.

Eu não era um tremendo fã de sexo anal, se uma mulher não quisesse fazer (como foi o caso de Júlia), eu não me importaria nem um pouco, mas quando fiz pela primeira vez com uma garota qualquer da capital eu tinha gostado bastante, mas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

gostava mesmo quando uma mulher se entregava a fazer isso. Não para me agradar, porém por prazer, por simplesmente querer.

— Eu quero te comer — soprei as palavras no ouvido de Agatha, percebendo todo seu corpo enrijecer; apertei o centro de sua bunda e coloquei levemente um dedo perto de seu ânus, para enfatizar o que eu ia dizer — aqui.

— Então, qual é a demora? — se meu pau já não estivesse totalmente duro, ficaria ainda mais com sua pergunta.

— Sem problemas pra você?

Agatha riu.

— Garoto, você acha que eu tenho quantos anos?

Eu não pensava em Agatha como uma mulher muito mais velha, apenas como uma

PERIGOSAS ACHERON

mulher, diferente das garotas do qual eu já comi, até porque ela não era "muito mais velha", somente "mais velha".

Eu tinha vinte e três anos, e ela trinta e dois. Qual era a grande diferença de meros nove anos quando se tem vontade, prazer, atração e uma puta tesão? Bem, para mim, nenhuma, tendo em vista que, não interessava a opinião de ninguém, além de mim e de Agatha.

Mordi o lóbulo da orelha de Agatha e ela suspirou.

— Eu acho que você tem o suficiente para ser perfeita. — percebi um sorriso lindo e tímido de Agatha.

Ela saiu de cima de mim, e se pôs de pé a minha frente, deixando-me apreciar todo seu corpo molhado e nu. Sorri e ela retribuiu, dessa vez ela me deu um grande sorriso cínico. Não esperei mais

nenhum segundo e fiquei em pé, abri o boxe, e procurei em um armário embaixo da pia um lubrificante. Não era porque eu não levava mulher nenhuma para minha casa que significava que eu não tinha preservativos e lubrificantes nela.

Quando voltei para debaixo do chuveiro Agatha estava com uma sobrancelha arqueada para mim, mas no momento que ela viu o pequeno frasco que eu segurava em uma mão, ela sorriu entendendo.

Puxei Agatha com minha mão livre pela nuca e ela veio fácil me beijando como se o mundo fosse acabar amanhã. E poderia, mas estávamos aproveitando bem o hoje.

Agatha tirou o frasco de minha mão, e sem afastar sua boca da minha eu percebi que ela abria o frasco pelo barulho da tampa. Segurei com minhas duas mãos o cabelo dela, fazendo-a gemer

com alguns leves puxões que eu dava.

Meu corpo inteiro se arrepiou quando senti uma das mãos de Agatha passar o lubrificante por toda minha extensão. O lubrificante era quente e causava uma sensação de puro prazer a cada centímetro que ele passava.

Me afastei da boca de Agatha a tempo de vê-la piscar para mim e em seguida me entregar o frasco ainda aberto, quando o peguei ela se virou e colocou suas mãos no vidro, agora embaçado, do boxe e empinou sua maravilhosa bunda.

Meu Deus! Eu estava fodido no céu e nem sequer sabia.

Coloquei um pouco do lubrificante em minha palma, fechei a tampa e joguei no banheiro. Com a outra mão passei meus dedos pela minha palma com o lubrificante e sem esperar enfiei dois dedos em seu ânus, mas não muito, só o suficiente para

Agatha sentir a quentura gostosa do líquido do lubrificante e arquear sua coluna.

Aquela cena estava fodidamente tentadora. Eu não sabia se admirava ou metia mais meus dedos nela.

Encharquei três dedos meus com o lubrificante e lavei minha palma rapidamente, colocando-a no cabelo de Agatha. Ela gemeu baixinho com meu toque, eu puxei sua cabeça mais para trás e a vi morder seu lábio inferior quando eu enfiei dois dedos mais fundo em seu ânus.

— Pode ir mais fundo garoto, eu aguento! — Agatha virou seu pescoço para me ver melhor.

Inclinei meu corpo nas costas de Agatha e a fiz sentir meu membro ereto perto de sua entrada molhada. Nós gememos.

— Eu não sou um garoto, Ruiva, — sussurrei em sua orelha, ralando minha barba em seu pescoço

PERIGOSAS ACHERON

— eu sou um homem completo, e eu já te provei isso... *Algumas vezes.*

Agatha gemeu e riu.

— Eu sei! Você é *meu* homem, *garoto*.

Eu dei um riso quase gutural. Ela tinha involuntariamente me chamado de "seu", para em seguida me sacanear me chamando de "garoto", contudo, ouvi-la dizer "meu homem" me causou uma onda diferente de satisfação.

Afastei meu corpo do dela, causando-a suspiros de protesto, mas ela não disse nada. Penetrei mais fundo em seu ânus e soltei seu cabelo para bater em sua bunda, suficientemente forte para deixar uma marca vermelha amanhã.

— Acho que você merece um castigo, áspero e duro.

— Oh! — Agatha gemeu — Acho que vou

amar esse castigo.

— Talvez você odeie por não conseguir andar direito amanhã.

— Quem se importa? — sua admissão me fez rir.

Não esperei mais e enfiei mais um dedo em seu ânus que aos poucos se abriu para mim. Bati novamente em sua nádega e voltei a colocar minha mão em seu cabelo bagunçado.

Continuei preparando seu ânus para meu membro com meus três dedos, e quando achei que Agatha estava bastante lubrificada para mim e totalmente preparada, eu enfim tirei meus dedos e penetrei um pedaço de meu pau, pondo minha mão em seu quadril.

Agatha arqueou a coluna, mas não emitiu nenhum som, com isso me senti na permissão de meter um pouco mais de meu membro. Agatha

PERIGOSAS ACHERON

soltou um suspiro profundo.

— Posso continuar? — perguntei já saindo de dentro dela, mas Agatha deu um passo para mais perto de mim, colando sua bunda ainda mais em meu pau.

— Eu estou esperando o áspero e duro que você prometeu.

— Ah minha Ruiva, ainda temos muito tempo hoje, mas antes disso, eu não quero que você sinta dor.

Ouvi Agatha engasgar, ela não disse nada por longos segundos. Eu não sabia mais o que dizer, então eu enfiei mais dentro dela, puxando seu cabelo para trás, ela gemeu.

— Pode continuar tranquilamente, garoto.

— Bom saber disso, Ruiva.

Para enfatizar o que eu dizia meu gemido

saiu entrecortado quando eu enfiei quase tudo de uma só vez em Agatha. Ela não protestou, pelo contrário, ela suspirou. Eu sabia que sexo anal para uma mulher não era completamente prazeroso, mas eu faria de tudo para se tornar para Agatha um ótimo sexo, sem dor alguma.

Tirei minha mão de seu quadril e deslizei até seu canal, sem hesitação coloquei dois dedos dentro dela. Agatha gemeu e eu senti todo seu corpo estremecer quando eu toquei em seu ponto G. Minhas estocadas em sua entrada se tornaram frenéticas, e em seu ânus eu meti fundo, para sair mais rápido, proporcionando à Agatha gemidos deliciosos de se ouvir.

Agatha tentava se equilibrar com suas mãos no vidro do boxe, mas com minhas estocadas seu corpo inteiro se mexia junto. Ela não reclamava em nenhum momento, pelo contrário, ela gemia quase

tão descontroladamente quanto eu.

— Oh! Chris!

Ouvir Agatha gemer meu nome era incrível e fodidamente prazeroso, por mim ela não pararia de gemer daquela forma.

Nossas estocadas não diminuían o ritmo, enquanto eu enfiava meus dedos nela, eu levava meu pau para mais fundo em seu ânus e Agatha empinava sua bunda quando eu saía dele. Nosso ritmo era constante, praticamente ensaiado.

— Agatha! — grunhi sentindo meu clímax perto.

— Ah! Caralho! — pude sentir com meus dedos as paredes vaginais de Agatha se apertarem em volta de meus dedos, assim como eu, ela estava perto.

Dei mais algumas estocadas em seu ânus e

PERIGOSAS NACIONAIS

meu corpo começou com leves espasmos seguido por uma onda forte de prazer. Meu orgasmo foi intenso.

Soltei o cabelo de Agatha e a segurei pelo seu quadril, nesse exato momento senti sua entrada ficar mais e mais úmida em meus dedos, não parei as estocadas com meus dedos, mas tirei meu pau de seu ânus.

— Ahhh! — Agatha estremeceu enquanto gozava.

Quando seu clímax a abandonou, eu fiz o mesmo que antes, colocando-a embaixo do chuveiro e a limpando, contudo, a limpei com mais calma, sem negligenciar um pedaço de seu corpo tentador.

PERIGOSAS ACHERON

XXXVII



*Christopher me deu um
banho extremamente cuidadoso.* A cada

momento ele se mostrava um homem melhor.

Ímpar.

Quando eu falei em alto e bom tom para Chris que ele era "meu homem", simplesmente havia saído tão involuntário que eu não consegui

segurar e quando percebi, eu já estava falando.

Não, ele não era nenhum pouco "meu", mas eu não me arrependia por ter dito tal coisa. Com Chris eu não pensava em futuro, eu vivia o momento. Nesse momento ele estava embaixo do chuveiro junto comigo, delicadamente me ensaboando.

As mãos de Christopher apalparam meus seios, demorando mais que o necessário para ensaboar. Eu suspirei ao sentir seus dedos de cada mão em meus mamilos duros, apertando e massageando.

— Chris... — gemi.

— Seu castigo está apenas começando, Ruiva.



Eu já tinha aprendido que com Christopher promessa era dívida, contudo, era sempre bom aprender mais uma vez.

Naquela noite transamos mais uma vez em seu banheiro, depois, tentamos nos enxugar e fomos para seu quarto, fiz um oral digno de ser lembrado para ele e caímos na cama, dormimos mais uma vez completamente nus. Acordei sem precisar de relógio, pois Chris retribuiu o que eu havia feito para ele antes, porque eu acordei sentido sua barba roçar minha coxa e sua língua entrar em meu canal.

Rimos, gememos e brincamos, e, mais uma vez, transamos pela manhã, dessa vez, em sua cama.

Era quase surreal estar com Christopher, era tudo tão simples e ao mesmo tempo tão

surpreendente. Não conseguia ver nada em comum entre seu pai e ele. Ambos eram homens completamente diferentes. Eu esperava que Chris fosse sempre daquele jeito que ele era...

Bem, eu não tinha que esperar nada dele. Tudo nosso era uma questão de tempo. Quando a campanha acabasse, nós acabaríamos, mesmo que viesse outras campanhas para ele sendo organizada pela minha agência.

Me vesti logo cedo, catando e achando minhas roupas espalhadas pela sala. O apartamento de Chris era muito pequeno para meu gosto, mas para um solteiro até que ele era bem-arrumado.

A sala era simples, um grande sofá, estante e mesa, cozinha americana bem equipada e um banheiro normal. O que chamava atenção de sua sala era uma janela grande que a iluminava de uma forma muito bonita com a luz do dia.

O quarto de Chris também era comum, ele não era excêntrico, tudo estava em perfeita ordem. Seu quarto tinha uma enorme cama de casal, guarda-roupa não muito grande, escrivaninha, alguns quadros abstratos e fim.

Eu nunca pensei que eu fosse gostar de passar tanto tempo em um apartamento tão pequeno. Eu sempre gostei de muito espaço e no momento que eu tive condição de comprar minha casa, eu não hesitei, e a comprei.

Depois de me vestir e pegar minha bolsa carteira que estava na sala Christopher apareceu na sala. Ele vestia-se parecido comigo na questão "pronto para malhar", pois usava uma calça de malha, nada justa, mas que marcava um pouco seu membro e uma camisa de mangas curtas.

Chris fez questão de me levar até meu carro, até mesmo abrindo a porta para mim assim que eu

PERIGOSAS NACIONAIS

destranquei o mesmo. Ele se despediu de mim com um beijo, dizendo que mais tarde nós nos veríamos. E ele tinha razão, às 10h ele teria que estar na agência para adiantar as fotografias.

Já imaginava encontrar um Jerry saltitante e um Benny curioso. Oh Céus!

Antes de tudo eu passei em casa, não iria para a agência como estava. Em minha casa tomei um longo banho e senti minhas pernas cansarem. Christopher, como sempre, cumpriu o prometido. Andar hoje estava um pouco mais complicado.

Resolvi vestir uma calça jeans, camisa de mangas preta rendada até o cotovelo, com um forro azul e sem deixar de calçar meu salto preto fodidamente alto. Penteei bem meu cabelo e o deixei solto, passei uma maquiagem leve. Afinal era uma manhã de quarta-feira, e, assim, enfim, eu estava pronta para começar meu dia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

XXXVIII



Assim que eu deixei Agatha

em seu carro, eu segui para o meu. A academia tinha aberto há pouco tempo e estaria silenciosa e calma. *Vantagem.*

Não era nem 8h da manhã ainda, Agatha tinha decidido sair mais cedo para passar antes em casa e depois ir na agência. Meu corpo estava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

exausto, e eu não reclamava disso. Adorava passar cada segundo desfrutando do prazer que o corpo de minha Ruiva me proporcionava.

Enquanto malhava meu foco tinha pulado de Agatha para Júlia, mas não de uma forma sexual, e sim do que ela havia me falado no dia que a deixei em frente ao hotel que ela estava hospedada, depois do evento. Ela disse que a culpa era minha, sobre ela e Ian, mas que culpa eu tinha?

Eu não havia falado sobre isso com Ian. Tinha deixado para essa história de lado, mas essa dúvida sobre que culpa eu tinha sobre Júlia e Ian, estava martelando em minha mente.

Ainda era cedo quando decidi passar no apartamento de Ian. Precisaria estar na agência às 10h, contudo haviam coisas ao meu favor. Primeiro: eu me arrumava rápido. Segundo: a agência não era muito longe de meu apartamento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Puta que pariu! — ouvi Ian resmungando de dentro de seu apartamento quando eu toquei a campainha.

Não sei de onde ele conseguia tantas mulheres para sempre levar uma desconhecida nova todo dia para seu apartamento. Porque somente seria isso que o fazia dormir tão tarde e acordar mais tarde ainda.

— Precisamos conversar. — foi a primeira coisa que disse quando ele abriu a bendita porta e sem precisar me mandar entrar, eu entrei.

— Uau! — Ian disse depois de fechar à porta, em seguida, passando suas mãos em seu rosto amassado de tanto dormir — Não sabia que estávamos casados.

Ele só vestia uma cueca boxer branca que fazia um enorme contraste com sua pele negra. Percebi que Ian estava deixando seu cabelo crescer.

PERIGOSAS ACHERON

Seu cabelo era liso, acho que ele era descendente de indiano ou índio, alguma merda dessas.

— Vou ser bem direto... — comecei me sentado na poltrona de Ian.

— Seja mesmo, não aguento mais sentir seu cheiro de suor. Você pode parar de vir direto da academia para minha casa? — ele suspirou dramaticamente e sentou-se em seu sofá — Sinto lhe informar, mas: você fede!

Não consegui deixar de rir, Ian não media suas palavras, ele falava isso para mim que era seu amigo, masalaria também para qualquer um desconhecido. Uma mulher para amar esse cara teria que ter sangue frio ou ser tão sincera quanto ele.

— Você nunca reclamou do meu suor antes, *amor*. — brinquei e Ian fez cara de nojo rindo.

— Não íamos ter uma fodida D.R ou você

PERIGOSAS ACHERON

me viu de cueca e desistiu?

— Não vamos ter uma D.R, — disse — na verdade, preciso mesmo é que você me responda uma coisa sinceramente.

— Quando eu não sou sincero? — Ian arqueou uma sobrancelha ofendido.

— Você tem razão e espero o mesmo disso. Bem, o que diabos, há ou houve, entre você e Júlia?

Ian mudou de posição no sofá, deixando transparecer sua tensão. Nunca o vi hesitar em uma resposta, mas, ali, ele hesitou.

Esperei pacientemente por sua resposta e quando ele abriu a boca para falar eu já sabia que ele não mentiria para mim. Ian não era desse tipo de homem, pelo contrário, algumas vezes sua sinceridade feria, como à de Agatha, sobretudo, eu achava mais engraçado que grosso.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nós nunca tivemos nada. Cortês é... é... *Merda!* Não sei definir, mas parece que sempre tenta se afastar de mim do nada.

— Talvez você a deixe tensa.

— Ou amedrontada. — Ian olhou para a janela, desviando o olhar de mim.

Ele parecia triste? Eu não sabia dizer.

— Amedrontada? Por que ela ficaria amedrontada com você?

— Chris, — o olhar de Ian voltou ao meu, e eu percebi uma dor em seus olhos, como em sua voz — não é como se eu fizesse o tipo de Júlia. Tiro isso por você e pelos antigos namorados dela, que eu já vi em fotos...

— Não faz o tipo dela? Não era você que dizia que nenhuma mulher tem um tipo e que todas podem ser suscetíveis a você?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pelo visto não Cortês.

— E que tipo é esse? — me arrependi no momento que perguntei isso em voz alta, mas eu não acreditava que ele estava dizendo realmente isso — Porra homem! Você não está querendo dizer que o tipo dela é...

— Homens brancos. — Ian me cortou, me completando — Sim, acho que o tipo dela são branquelos, como você.

Ri como um idiota.

Ian realmente não conhecia à Júlia, ou melhor, à Cortês. Ela não tinha um fodido tipo por "branquelos". Lembrei que Ian não achou nada sobre Agatha, somente sobre a agência. Ele era péssimo em buscas, obviamente, porque se ele viu as fotos dos dois antigos namorados mais sérios de Júlia, ele deixou de ver também que ambos não tinham nada a ver.

PERIGOSAS ACHERON

O primeiro namorado de Júlia fui eu: branco, cabelo preto, alto e modelo.

O segundo: tão alto quanto eu, um pouco mais velho que ela, moreno, cabelo raspado e lutador de boxe.

O terceiro: um médico, branco, bem mais velho, cabelinho ridículo e perfeito.

Sim, não tínhamos absolutamente nada a ver. Tirando nós três, ela não me contava sobre casos casuais, mas eu imaginava que ela tinha tido um ou outro quando estava solteira.

— Deixe de choramingar como uma garotinha, à Júlia não tem essa de tipo. — falei com convicção.

Expliquei brevemente sobre seus namorados "sem tipo", Ian pareceu ficar um pouco mais aliviado, foi quando me recordei sobre eu ser culpado de eu-não-sei-o-quê.

— Então, tem algo que não sai da minha cabeça... Eu perguntei para Júlia sobre vocês depois do evento, e ela me disse que a culpa era minha por vocês não terem tido nada.

Ian riu, mas uma risada sem vida.

— Você é mesmo um otário! Ela ainda não te esqueceu, Chris.

— Não é possível. Já tem cinco anos que acabamos e quando acabamos nossa relação estava fria...

— Não importa! Mas ela não pensa dessa forma.

Gostaria de poder conversar mais com Ian, mas olhei rapidamente para o relógio de parede de Ian e vi que precisa ir para meu apartamento me arrumar para depois ir à agência.

— Você está errado, — disse me levantando

— Júlia não sente nada por mim. — pausei —
Agora preciso ir para meu apartamento.

Ian deu de ombros se levantando e indo até a porta comigo.

— Trabalho?

— Sim, as fotos de cueca na agência são hoje.

Ian abriu a porta para mim, mas antes de me deixar passar ele me fitou e eu esperei, sabendo que ele falaria algo.

— Você realmente não se importa se eu tentar algo com a Cortês?

— Por que essa mania de chamá-la de Cortês, afinal?

— Longa história. — Ian respondeu dando novamente de ombros.

— Ela te chama de Abreu, não é? — Ian

assentiu com um sorriso no rosto.

Júlia nunca tinha chamado Ian de Abreu na minha frente, deveria chamá-lo assim apenas para ele. *Estranho*. Balancei minha cabeça e completei olhando fixamente para Ian:

— Se você encostar nela e magoá-la eu quebro a sua cara.

— Eu deixo. — e vi a verdade em seu olhar.

Ele deixaria verdadeiramente eu bater nele.

— Ela não é dessas mulheres que você come e manda embora sem pensar duas vezes.

— Eu sei Chris, eu respeito à Cortês.

— Assim espero. Se é dessa forma, eu não me imponho a nada entre vocês.

— Obrigado cara! — Ian disse — Eu te abraçaria se você não estivesse suado e fedendo.

Rimos e eu sai de seu apartamento acionando
PERIGOSAS ACHERON

o elevador, mas antes de Ian fechar a porta, eu disse, fazendo-o me encarar:

— Não estou dizendo que você precisa casar com ela, até porque vocês moram em cidades diferentes, um relacionamento sério seria complicadíssimo, mas não a foda e descarte como você faz com todas.

— Cortês não é descartável, muito menos pode ser comparada com todas as outras.

Assenti e entrei no elevador que tinha acabado de chegar. Dentro do elevador meus pensamentos voaram para Júlia. Eu não acreditava que ela ainda sentia algo por mim.

Será?

Definitivamente eu precisava conversar com Júlia, mas conversar com ela era tão difícil quanto falar com meu pai. Ambos era quase inacessíveis, eu esperava que eles viessem falar comigo, não o

PERIGOSAS ACHERON

contrário.

No térreo do prédio eu praticamente corri até meu carro. Eu não estava atrasado, mas também não queria chegar em cima da hora na agência, quanto mais que ainda passaria em minha casa.

XXXIX



*Cheguei na agência vendo
como eu imaginei antes:* um Jerry
saltitante porque tiraria fotos de Christopher de
cueca, e um Benny curioso sobre a mesma pessoa.

Eu parecia ser sempre a última a chegar na

agência. Ainda bem que a agência era minha. Hoje ela estava mais cheia, não de clientes ou modelos, mas sim dos empregados. Não era todo dia que todos trabalhavam, pois grande parte dos empregados da agência eram freelances.

Eu recebia bem para pagar a todos, mas não era necessário tantos empregados contratados, contudo, com esse contrato da campanha da cueca e da propaganda precisaríamos de todos para trazer um ótimo trabalho. Quem sabe eu ganharia um contrato de fidelidade com a empresa?

— Sinto o cheiro de novidades perversas no ar. — Benny disse quando me viu entrar na agência.

Benny era simplesmente minha cara metade mais estranha e gay. O homem parecia sentir tudo que meu corpo emanava e que minha cabeça pensava. Era surreal, ao mesmo tempo que era

assustador.

— Nada demais. — falei uma meia verdade.

Jerry estava ao seu lado com uma papelada, que imaginei serem fotos de alguma campanha, nas mãos. Com Jerry ao lado de meu amigo eu não poderia contar nada sobre Christopher.

Apenas em pensar em Christopher eu me sentia sendo levada por um furacão de prazer. Ele era mais jovem que eu e isso deixava-me um pouco hesitante, mas Chris havia se mostrado um homem, com um enorme H maiúsculo. Sua idade não interferia em nada seu caráter, seu jeito ou, muito menos, sua ampla experiência sobre o corpo feminino.

Eu não conseguia me lembrar quando foi a última vez que eu havia tido uma foda tão boa quanto com Christopher. Ele não tinha pressa para "finalizar", pelo contrário, ele parecia ter todo o

PERIGOSAS NACIONAIS

tempo do mundo para nós, ele não tinha problemas em me satisfazer, mesmo que ele não saísse ganhando nada. Ele fazia tudo apreciando cada momento. Sem pressa, sem demora, contudo, era também, áspero, duro e fodidamente profundo.

Profundo. Eu amava profundidade, mas não aquela merda de "profundidade" sentimental, porém, profundidade sexual. Profundamente sexual soava melhor. Isso era basicamente, para mim, sobre o pau do homem, o quão profundo ele conseguia chegar. E puta que pariu! Chris era profundo. Muito. “Profundamente” grosso também. Não demais, mas o suficiente para me preencher. Amava cada centímetro daquele pau.

Oh Deus! O dia pareceu ter esquentado uns 10°C, no mínimo.

— É hoje, hein? — Jerry falou enquanto arqueava uma sobrancelha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Qual era o problema de todos da minha agência que não davam um "bom dia" antes de qualquer outra coisa?

— Uh? — eu estava em outro mundo.

— Christopher. Fotos. Cueca. Gostoso. Sexy. Viril. Musculoso. — Jerry enfatizou cada palavra, tendo a ousadia de estalar os dedos na frente do meu rosto em cada palavra dita.

— Vejo que você está meio fora de órbita hoje. — Benny comentou pegando minha mão e subindo comigo para nossas salas.

Passamos por Victoria que nos deu um fraco "bom dia", do qual acenei em resposta.

— Problemas? — agora eu e Benny estávamos sozinhos em minha sala.

Larguei minha bolsa em cima de minha mesa e me sentei no sofá.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, estou bem. — respondi me abanando.

— Baby, você está com fogo nessa sua boceta? — olhei para meu amigo com os olhos esbugalhados e os revirei, sem deixar de me abanar.

Ele sorriu me mostrando suas covinhas.

— Não adianta me olhar dessa forma com esses olhos azuis! Você está com fogo sexual, pois essa sua sala está um gelo, o ar deve estar no mínimo aqui.

— Finalmente, o que você quer saber, Benny?

— Não é óbvio? Eu quero saber de tudo. Você encontrou com ele ontem, não foi?

Benny lia mentes, não era possível... Ele simplesmente sabia de tudo que se passava comigo somente em me olhar.

PERIGOSAS ACHERON

— Como foi sua consulta no médico? —
tentei mudar de assunto.

— Uma merda, como sempre. Daqui a mais
de um mês pego os malditos resultados... Mas não
mude de assunto, baby!

— Você não acha que tem nada de errado
com você, não é? — perguntei verdadeiramente
preocupada.

Benny suspirou e quando abriu a boca para
responder ele começou a tossir, mas não demorou
muito e disse:

— Não, baby. Estou ótimo. Agora deixe de
enrolação, me conte tudo e depois temos trabalho.

Pensei em insistir mais falando sobre sua
saúde, mas balancei minha cabeça e tentei deixar
isso de lado por hora. Benny era um homem de
trinta e sete anos, ele não descuidaria de sua saúde
à toa, se ele disse que estava bem, ele estava. Isso
PERIGOSAS ACHERON

não significava que eu não ficaria observando ele.

— Passamos a noite juntos, sim. — suspirei.

— Eu sabia!

— Vai deixar eu falar tudo? — ele assentiu e eu contei de nossa noite, como foi tão boa quanto a primeira.

— Uau! Esse garoto deve ser uma delícia mesmo. — murmurei uma coisa qualquer em concordância e Benny sentou-se no braço do sofá — Agora, infelizmente, precisamos trabalhar!

Então fomos trabalhar, Jerry preparou tudo, junto com sua equipe de fotografia, para as fotos de Chris. A empresa tinha nos dado uma lista de como queria as fotos: natural, sexy, despojado. Eles queriam mesmo era aquela cara de "simples", como se qualquer homem ficasse melhor com aquela cueca. Apenas se fosse mágica para deixar todos os homens como Chris, mas enfim, fingiríamos que

PERIGOSAS ACHERON

isso era possível.

Eles tinham nos dado umas cinco cuecas para Christopher vestir, em algumas fotos ele deveria estar de calça deixando a marca da cueca à mostra. *Patético*. Mas se mandaram, nós faríamos. Bem, Christopher faria.

Como hoje era quarta-feira e tínhamos até segunda para entregar as fotos reveladas e um ou dois pôsteres, eu havia apressado Jerry para ele ter tudo pronto já na sexta, para entregarmos. No final de semana nós poderíamos passar escolhendo a garota, que faria par com Chris na propaganda, para na segunda-feira, eles concordarem com nossa escolha ou não. Sendo assim, semana que vem já gravaríamos a propaganda.

Infelizmente propagandas demoravam bem mais. Fotos era algo simples, poderíamos passar a manhã e tarde tirando as fotos e pronto, depois

somente alguns ajustes e ela já estaria pronta para ser revelada, contudo, propagandas eram uma grande merda.

Jerry e sua equipe já tinham tudo pronto na hora que Chris chegou, dez minutos adiantado. Gostei.

Eu estava no estúdio com Benny, Jerry e sua equipe quando Chris entrou com Victoria do lado. Ela sorria timidamente para ele e ele retribuía, mas sem timidez alguma. Não me importei com aquela cena, senti meu coração falhar uma batida ao vê-lo e o sorrisinho de Victoria passou indiferente por mim.

Analisei Chris sem nenhuma vergonha, de baixo para cima. Ele calçava um sapato marrom, vestia uma bermuda jeans um pouco rasgada, suas panturrilhas grossas estavam deixando pouco para imaginação. Qualquer um que o via naquela

bermuda sabia que ele era um homem musculoso por completo. Não aqueles que malhavam braço e esqueciam perna.

Demorei um pouco a mais minha "checagem" em sua virilha. Estava claro o seu volume bem maior naquela extensão. Eu já podia imaginá-lo sem aquela bermuda e cueca.

Chris usava uma camisa rosa de mangas curtas. Seus bíceps se flexionavam bastante toda vez que ele mexia seu braço para tocar em sua barba ou cabelo.

Sua barba estava mais aparada, pude perceber claramente, porque hoje mais cedo ele a passava em mim, me provocando cócegas. Para completar Chris usava uma faixa de cor escura na cabeça para afastar seu cabelo de sua testa.

Esse garoto conseguiria ser sexy de qualquer forma, mesmo com esse estilo meio grunge. Eu

PERIGOSAS ACHERON

nunca pensei que pudesse me interessar por alguém como ele. Mas seu estilo era seu charme, ele era modelo, mas se vestia diferentemente deles, sem frescura ou sem aquela coisa "engomadinha" e perfeita.

— Bom dia. — Chris disse a todos, mas seus olhos estavam em mim.

Seu sorriso presunçoso não saía de seu rosto, seus olhos âmbar pareciam estar mais escuro, se isso fosse possível. Percebi então que suas pupilas estavam dilatadas por mim. Sorri de canto de boca para ele enquanto mordida meu lábio inferior, Chris sorriu mais e lambeu seu próprio lábio inferior.

Eu estava sentada e cruzei as pernas, sentindo minha umidade descer e meu clitóris pulsar por aquele garoto e seu sorriso de quem não quer nada.

Todos responderam "bom dia" para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Christopher e depois de Jerry explicar como seriam feitas as fotos ele deu uma das cuecas e uma calça à Chris e mandou ele se trocar em um provador do estúdio. Jerry achou que era melhor ele começar com as fotos de cueca e calça, concordei.

O foda do provador era que ele era apenas uma cortina grossa e todos no estúdio podiam ver a silhueta de Christopher enquanto ele tirava a roupa. Ele parecia saber que todos os viam pelos suspiros de alguns e respirações de outros, mas principalmente pela forma como ele estava se despindo, parecia quase um strip-tease.

Christopher tirou primeiro a camisa e jogou-a no chão. No provador havia um cabide, mas Chris pendurou a calça e cueca nela. Ele então tirou rapidamente seu sapato e quando abriu um botão da bermuda todos do estúdio, sem exceção (e tinha alguns héteros homens também), olhavam com

PERIGOSAS ACHERON

atenção aos seus movimentos.

Devagar ele tirou sua bermuda e a melhor parte e tão esperada hora foi quando ele tirou sua cueca. Seu pênis estava mole, mas ainda estava grande o suficiente para arrancar suspiros de todos.

— Agora eu entendo sua fascinação pelo pên... quer dizer, *garoto*. — Benny suspirou sussurrando somente para eu ouvir.

Sorri para meu amigo e descruzei e cruzei novamente minhas pernas.

— Ele está mole, *assim*? — Jerry comentou e Victoria deu uma risadinha sem graça.

Todos ouvimos a risada de Chris do provador e Jerry corou. Eu ri.

Que cena estávamos protagonizando!

Christopher vestiu a cueca e colocou seu pau para dentro da mesma, Jerry e alguns de sua equipe

se abanaram. Victoria estava com seus olhos arregalados, até Benny olhava sem piedade, mas ele era mais contido. Eu observava atentamente ao garoto, mas sem demonstrar meu tesão.

Na hora de Chris vestir a calça ele foi rápido e então saiu de trás do provador. Não precisava dizer que ele saiu do provador com aquele sorriso presunçoso de sempre. Seus passos eram firmes, e suas mãos arrumavam seu cabelo para trás da faixa.

Ele continuou descalço e a cena era fodidamente tentadora. Ele era mais que perfeito para aquela campanha: naturalmente sexual e despojado, como se ele fizesse isso todo dia.

— Parece que alguém teve uma noite intensa... — Benny sussurrou para mim.

Demorei um pouco para entender o que ele queria dizer, no entanto, quando entendi, eu sorri. Chris estava com uma marca vermelha no pescoço,

PERIGOSAS NACIONAIS

e em suas costas, marcas de unhas eram ainda visíveis.

Não era apenas Benny e eu que tínhamos notado aquelas marcas. Jerry e os outros também. Jerry sorria ao vê-las com um ar de quem sabia das coisas, mesmo ele não fazendo ideia de quem havia proporcionado aquilo.

Meu Deus! Só de pensar em como aquelas marcas foram parar ali, meu corpo inteiro entrava em combustão.

Chris não era "simples", mas seu magnetismo deixava óbvio que ele era um homem diferente, com uma própria definição de "simplicidade".

Não foi difícil para Chris tirar as fotos da forma como Jerry queria. Ele ficava em todas as posições sem reclamar. Seu sorriso era perfeito, tanto o presunçoso quanto o de canto de boca. Eu não sabia definir qual era o mais tentador.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Oh. Meu. Deus.

Para onde esse garoto me levaria? Nós tínhamos dormido duas noites seguidas juntos, com mais fudas do que eu podia contar e toda fodida vez que eu olhava para ele eu apenas conseguia pensar: quando será a próxima?

PERIGOSAS ACHERON

XL



*Fotografar foi melhor do
que eu imaginava.* Jerry explicava

rapidamente como eu deveria ficar e assim eu fazia.

Todos, inclusive Agatha, decidiram que eu deveria
deixar minha faixa na cabeça, a equipe de Jerry

disse que estava dando um ar de "despojado" como a empresa queria.

A equipe era constituída por poucas pessoas, dois cabeleireiros, uma maquiadora, um outro que ficava em um computador, provavelmente editando algumas fotos e outro fotógrafo, além de Jerry.

Sim, eu tinha reparado que o provador era apenas uma cortina grossa que me separava deles. Eu sabia que todos me olhavam enquanto eu tirava minha roupa, mas eu não pensava em nenhum deles, além de Agatha. Eu queria que ela me olhasse, somente ela. Quando sai de trás do provador eu sorria, mais por ver as pupilas dilatadas de minha Ruiva enquanto olhava para mim. Era fodidamente sensual ver aquele olhar azul intenso focado em mim.

— Quer almoçar comigo e Agatha? —
Benny perguntou a mim quando eu calçava meu sapato.

Eu estava começando a ficar com fome, o tempo tinha passado rápido e já era mais que hora de almoçar. Queria comer, mas queria mais se Agatha fosse o prato principal.

— Onde? — questionei à Benny.

— Na sala dela. Algumas vezes, como hoje, pedimos comida.

— Aceito. — falei e Benny piscou para mim.

— Algum problema com comida japonesa?

— Nenhum.

— Que bom! — Benny colocou teatralmente uma mão no peito, mas percebi sua respiração verdadeiramente falhar um pouco, contudo, foi rapidamente substituída por um sorriso malicioso

— Porque eu adoro mexer em um pau. — seu duplo sentido óbvio sobre os *hashis* japoneses me fez rir.

Benny era hilário. Enquanto ele me acompanhava até a sala de Agatha, ele ligou rapidamente para um restaurante japonês delivery e fez o pedido para nós três, dando o endereço da agência.

Passamos por Vicky ao chegar na sala de Agatha. Vicky me deu um daqueles sorrisos tímidos e voltou sua visão para o computador do qual ela mexia antes.

Benny nem sequer bateu à porta da sala de Agatha, foi entrando. Entendi porque ele se referia como "sala" e não "escritório" ao entrar. Aquele lugar não tinha nenhuma cara de escritório de trabalho, poderia facilmente ser uma sala de uma casa, porém com uma mesa de vidro e uma

poltrona com ar de patrão.

O espaço era incrível e enorme.

Uma varanda espaçosa chamou minha atenção. Na mesma tinha uma espreguiçadeira, como tudo, grande. Na sala havia essa mesa, com a poltrona do outro lado, mais duas cadeiras em frente à mesa elegantíssima, um sofá de veludo cor de vinho em uma extremidade da sala, uma estante em outro e o melhor era uma janela enorme que iluminava naturalmente a sala. No centro um tapete com aparência fina.

Imaginei eu e Agatha deitados nus naquele tapete. Sua sala tinha cores claras, embora, não faltava algumas coisas vermelhas e em cor de vinho, como o sofá.

— Pedi comida japonesa para nós três. — Benny disse à Agatha que estava focada olhando para um notebook em cima de sua mesa.

A poltrona que ela estava sentada era, como tudo naquele lugar, grande, bem maior que ela. Agatha não havia me visto ainda me sua sala, seu foco era inteiramente no notebook.

— Três? — pude ver Agatha querendo adivinhar que era a terceira pessoa que almoçaria com eles quando ela levantou seu olhar e me viu entrando na sua sala junto com seu amigo — Ah! — foi tudo que ela disse depois de me olhar de cima a baixo por completo.

— Algum problema? — Benny perguntou a ela sentando-se em uma das cadeiras na frente dela.

— Não, nenhum. — ela disse verdadeiramente ao fechar a tela de seu notebook sorrindo.

Sem convidarem eu me sentei na cadeira ao lado de Benny, tendo agora apenas a mesa de vidro me separando de Agatha.

— O que achou de hoje, Chris? — Benny puxou assunto.

— Muito bom, Jerry deixa qualquer um tranquilo e à vontade.

— Cuidado! — Benny me alertou — Ele gosta de deixar, principalmente garotos como você, muito mais que apenas "tranquilos".

Agatha gargalhou, Benny acompanhou sua risada.

— Mas eu acho que Chris é *muito* bem resolvido, certo? — Agatha me fuzilava com aquele olhar azul e eu senti seu pé em minha panturrilha, subindo devagar até chegar em minha virilha.

Se ela continuasse eu ficaria duro com seu amigo do meu lado mesmo. Não me intimidei em pegar o pé de Agatha e por bem em cima de meu pau semiereto. Ela mordeu seu lábio inferior

PERIGOSAS ACHERON

quando sentiu minhas mãos fazerem uma massagem em seu pé frio, porém, seu pé continuou em cima do meu pau, sem se mexer.

Sem tirar meu olhar de Agatha eu sorri ao responder:

— Sim, eu sou *muito* bem resolvido.

— Que pena pra mim, porque senão até eu entrava na fila. — Benny disse descaradamente me fazendo gargalhar.

Quando dei por mim, nós três ríamos bastante enquanto pulávamos de um assunto a outro. O pé de Agatha continuou em cima de meu membro e minhas mãos nele em todo o momento da conversa, mas ela não o mexeu e eu continuei semiereto.

Não dava para ficar duro sabendo que Benny estava do meu lado o tempo inteiro, e não era como se ele não soubesse do pé de Agatha ali. O próprio PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

comentava que se quiséssemos trepar logo, ele sairia. Embora ele não falasse em nenhum momento irritado, sempre fazendo piadas.

Eu entendia o porquê de Agatha gostar tanto dele. Benny era um verdadeiro amigo, daqueles que não achamos em qualquer esquina. Eles pareciam que eram mais que amigos, que eram irmãos, pois era nítido, mesmo para mim, que eles se amavam. Benny respeitava Agatha e eu tinha certeza que a defenderia como um verdadeiro irmão faria, o mesmo dela sobre ele.

Minha mente começou a pensar sobre quantas dificuldades ambos passaram juntos. Imaginei em quantos momentos Benny ajudou Agatha, momentos esses que eu, na época, deveria ser somente um adolescente qualquer. Eu não me sentia um "garoto" ao lado deles, ambos me faziam sentir acolhido e tranquilo. Eu gostava de estar na

PERIGOSAS ACHERON

companhia deles.

Quando nosso almoço chegou eu insisti em pagar também, no fim nós três pagamos nossa parte e depois comemos em silêncio, mas não um silêncio constrangedor. Estávamos os três bem como estávamos.

Alguém bateu à porta quando tínhamos terminado de comer.

— Entre! — Agatha disse.

— Olá! — Vicky disse enquanto entrava — Uh... Espero não incomodar, mas Jerry mandou avisar que Christopher ainda tem algumas fotos para fazer.

— Estou indo. — disse já me levantando.

— Chris, você terminou agora de almoçar, não precisa ir. — Agatha retrucou.

— Não tem problema, não é como se eu

PERIGOSAS NACIONAIS

fosse me exercitar agora. — pisquei para Agatha com um sorriso de canto.

Ela retribuiu sorrindo, fazendo seus olhos azuis brilharem e meu pau latejar em minha bermuda.

Benny e Agatha continuaram na sala de Agatha e eu descii com Vicky. Jerry me esperava como todos de sua equipe: sorrindo. Eu ainda usava a cueca da empresa, Jerry havia me dado todas as cuecas, já que ninguém mais usaria de qualquer forma.

Quando tiramos as outras fotos eu não precisei me despir no provador, tirei minha camisa, bermuda e sapato ali mesmo, na frente de todos. E todos me olhavam sem vergonha nenhuma, além de Vicky. Ela era a timidez em pessoa. Era até bonitinho, mas eu preferia o jeito sem pudor de Agatha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Vicky não ficou muito tempo, subiu quase correndo para seu espaço no outro andar. Tirei algumas fotos apenas de cueca e sem minha faixa, deixando minhas mãos em meu cabelo enquanto sorria. Jerry dizia que a câmera me amava. Ele me pegava de todos os ângulos, me mandando ficar assim ou assado.

Voltei a pôr minha faixa na cabeça, meu cabelo estava crescendo rápido e caia sempre em minha testa. Jerry resmungava algo sobre eu estar sexy para cacete, mas eu fingia não ouvir e ria baixinho. Ele mandou eu trocar de cueca, de uma azul que estava para uma vermelha.

Dessa vez eu deixei meu cabelo sem faixa enquanto tirava as fotos com a cueca vermelha. Um dos cabeleireiros, invés de arrumar meu cabelo, bagunçou, dizendo que assim ficaria mais natural. Jerry mandou eu sorrir.

PERIGOSAS ACHERON

Eu me imaginei atrás da câmera: próximo de uma parede branca, cabelo desarrumado, sorriso enorme no rosto e aquela cueca vermelha.

Ouvi uma respiração ofegante e olhei em direção a ela.

Agatha me devorava daquele jeito que eu amava. Ela mordeu seu lábio inferior, como sempre fazia, em seguida ela caminhou até mim, sem se importar com todos os olhares em nossa volta.

— *Tentador*. — ela sussurrou em minha orelha, para quem quisesse ver, mas somente eu ouvir.

Foda-se! Tentadora era ela. Minha Ruiva vestia uma calça justa que marcava sua bunda dura e suas pernas torneadas. Sua camisa era preta até seus cotovelos e rendada, o pano que forrava era azul tão bonito quanto seus olhos. Seu cabelo estava solto e bem-arrumado, mas o melhor era seu

PERIGOSAS NACIONAIS

salto. Ela calçava um salto fodidamente alto.

Eu apenas conseguia pensar em seu salto cravado novamente em minha bunda. Não reclamaria se doesse. Eu queria.

Cacete! Eu a queria agora.

PERIGOSAS ACHERON

XLI



*"Tentador" era um
eufemismo para descrever à
Christopher.* Ele estava simplesmente
irresistível. Eu só pensava em cravar meu salto em
sua bunda enquanto ele me penetrava

profundamente. Sim, aquele mesmo profundo que eu amava.

Seu cabelo estava bagunçado, sem a faixa, deixando-o cair em sua testa, e me fazendo pensar em depois do sexo. Sua cueca era vermelha, exibindo todo seu corpo gostoso e musculoso.

Vi um flash forte que me tirou de meu transe. Tirei meus olhos de Chris para olhar quem tinha acabado de tirar a foto... E, como esperado, Jerry estava apontando sua câmera para nós. Ele me deu um sorriso fraco, sem graça, mas eu não me importei pela foto, sorri para ele de volta e Jerry suspirou de alívio.

Não era como se a foto tivesse sido vulgar ou algo do tipo. A câmera tinha pegado uma foto simples, de mim sussurrando no ouvido de Chris,

enquanto ele sorria presunçosamente e daquela forma descontraída de sempre, como se nada importasse de verdade.

— Demorará muito para finalizar a sessão de fotos? — eu perguntei à Jerry, me afastando de Chris que ainda sorria.

— Não, já tiramos o suficiente para entregar à empresa, contudo, quero mais para termos mais opções de fotos. — Jerry respondeu.

— Não vai ser preciso tirar as fotos amanhã?

— Não, Agatha. Daqui a pouco finalizamos.

Assenti para Jerry e voltei a olhar para Chris.

— Quando terminar essa sessão, quero você na minha sala, para pegar parte do dinheiro. — *e para fodermos*, pensei, mas obviamente não falei.

Era exatamente isso que eu queria com ele: foder agora. Infelizmente teria que esperar, mas

seria em breve.

Chris acenou sorrindo, parecia que ele sabia de tudo enquanto me dava aquele sorriso típico dele. Seus olhos cor de âmbar, invadiam minha alma, me devoravam, exploravam e até mesmo exorcizava todos os meus demônios guardados há tempos. Seu sorriso mesmo sendo simples faziam minhas pernas ficarem bambas.

Sim, eu era uma mulher de trinta e dois anos que estava com as pernas bambas por causa de um sorriso torto... Definitivamente idade não melhorava algumas coisas, mas não era como se eu ficasse assim com qualquer homem. Era somente com Chris. Esse garoto me levava ao inferno e me puxava de volta.

Subi rapidamente, passando sem nem olhar para Victoria. Benny continuava em sua sala e eu fui até ele. Entrei sem nem bater, não havia

formalidades entre nós, se um não quisesse que o outro entrasse trancaria à porta. Simples.

Benny estava em sua varanda. Fumando. Quando ele me viu entrar sorriu e largou seu bendito cigarro. Andei até ele e antes que ele apagasse o cigarro eu o peguei e traguei, sentido um gosto doce em minha boca, em seguida soltando a fumaça.

Benny me olhava com os olhos arregalados, antes dele pegar novamente o cigarro de minha mão.

— Você fumando? — ele sorriu — Algo sério aconteceu! — não era uma pergunta, ele afirmava.

— Até agora nada aconteceu, mas vai. — disse pegando o cigarro mais uma vez e tragando-o.

Benny abriu ainda mais seu sorriso e quando abriu a boca para falar, ele tossiu um pouco.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Conte-me mais...

— Você está bem? — perguntei preocupada.

— Estou... Por que não estaria, baby?

— Você fez exames recentemente e você quase nunca faz isso. Agora você anda tossindo...

— Só me engasguei, baby. — ele me tranquilizou sorrindo amplamente e pegando seu cigarro novamente de mim — Agora me conte logo o que vai acontecer de sério.

— Eu e Christopher. A sós. Na. Minha. Sala.
— disse pausadamente.

— Uau! Vocês vão foder?

Gargalhei.

— Preciso ir, daqui a pouco ele sobe.

— Você apenas veio aqui para tragar meu cigarro e me falar isso? — Benny arqueou uma sobrancelha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim.

— Por isso que eu te amo, baby. Você é tão louca quanto eu.

— Eu também te amo. — dei um beijo na bochecha de meu amigo e sai de sua sala.

— Senhora! — Victoria falou quando me viu; franzi o cenho para ela, esperando ela completar — Chris acabou de entrar.

Assenti dando-lhe um sorriso fraco. Ela sabia que eu não deixava ninguém entrar na minha sala sem eu estar nela, felizmente, para Victoria, Christopher era exceção.

Entrei em minha sala e tranquei à porta. Não demorou para eu ver Chris deitado em minha espreguiçadeira na varanda. Ele vestia sua bermuda e usava sua faixa. Seu sapato e camisa estavam no chão ao lado da espreguiçadeira.

PERIGOSAS ACHERON

Chris estava deitado como se fosse sua casa, suas mãos estavam embaixo de sua cabeça, seus músculos estavam visíveis e flexionados. Suas pernas estavam completamente estiradas na espreguiçadeira.

Poucos segundos depois de eu entrar na sala, Christopher (que estava de costas para mim) virou sua cabeça para me olhar. Eu não precisava nem citar que ele sorriu. Eu me aproximei devagar.

— Oi! — ele disse.

— Olá! — retribui sentando-me na beira da espreguiçadeira, próximo de sua coluna.

Christopher abaixou sua mão para minha coxa, descansando nela e ocasionalmente apertando. Nossos olhos se conectaram. Seu olhar negro me inundava, sempre.

Ele se sentou e seu peitoral roçava em meu braço, sobre o pano fino da camisa, eu sabia que ele

PERIGOSAS ACHERON

estava fazendo isso de propósito. Chris sabia como me tentar e isso não era novidade.

Ele descansou sua testa na lateral da minha cabeça e sua boca estava colada em minha orelha, sua barba me arrepiava, mesmo sem ele se mexer.

— Ambos sabemos que não é apenas o dinheiro que eu vim pegar.

Adorava como esse garoto era direto, sem vergonha alguma. Uma das piores coisas para mim era um homem com pudores. Homem para mim tinha que falar o que queria claramente, com indiretas sem frescuras e diretas melhores ainda.

Christopher me deu tempo suficiente para assenti e sorrir, então, sem esperar, ele colocou sua outra mão em minha nuca e virou meu rosto delicadamente, mas não foi tão delicado quando sua boca tampou a minha.

Seu beijo foi possessivo e faminto, como se

PERIGOSAS ACHERON

ele esperasse por isso há anos, como se não tivesse acontecido hoje pela manhã.

Eu o beijei da mesma forma que ele me beijava. Realmente parecia que não nos beijávamos há tempos. Sentir seus lábios parecia ser sempre uma novidade e eu amava cada segundo das sensações que ele me proporcionava.

Eu quebrei nosso beijo para me sentar em seu colo, mesmo sobre panos da minha calça e bermuda dele, eu conseguia sentir seu membro ereto, e ele posicionava-se perfeitamente em minha vagina. Era um encaixe certo, *perfeito*.

As mãos de Christopher passavam por todo o meu corpo, até uma parar em meu cabelo e a outra em minha coxa. As minhas mãos estavam em seu cabelo, puxando-o de leve. Chris gemia em minha boca e era fodidamente sensual ouvir o som quase gutural e totalmente rouco dele.

Christopher afastou sua boca da minha e tirou minha camisa e o forro, deixando-me de sutiã azul. Christopher grunhiu e rapidamente me carregou da espreguiçadeira, pondo-me deitada sobre ela.

Ele ficou em pé ao lado da mesma e tirou sua bermuda, sua faixa estava caindo e ele puxou de vez, jogando-a no chão. Chris vestia a cueca vermelha completamente tentadora. Ele não tirou ela tão rápido, antes disso, ele colocou suas mãos no botão de minha calça e abriu, em seguida abriu também o zíper, sem prologar mais ele tirou minha calça, mas não meu salto alto.

Agora eu estava de lingerie azul e salto alto preto, enquanto Chris estava de cueca vermelha e mais nada. O sorriso que ele me deu foi tentador ao ponto de meu coração falhar uma batida e retornar a bater muito mais rápido.

Gemi de antecipação quando Chris começou a beijar meu corpo todo, começando pela minha panturrilha e subindo até parar em minha coxa, devagar ele tirou minha calcinha, roçando seus dedos por toda minha perna e me arrepiando completamente.

Depois de jogar minha calcinha no chão, ele começou a beijar meu pescoço, descendo até parar sobre meu seio, dessa vez ele não foi devagar ao tirar meu sutiã.

Quando dei por mim Christopher já estava nu e seu corpo pairava sobre o meu. Não hesitei em puxá-lo mais para mim, e fazer o que eu queria fazer mais cedo: cravar meu salto em sua bunda.

Ele gemeu e reivindicou minha boca para ele. Eu estava completamente entregue. Eu, naquele momento, era sua. Completamente sua.

— Ruiva, você é, sem dúvida, minha maior

PERIGOSAS NACIONAIS

tentação. — ele sussurrou em minha orelha, meu corpo enrijeceu com sua voz rouca.

Christopher exalava sexo. Ele era totalmente sexual, seus passos, seus sorrisos, seu jeito, seu toque, sua voz. Tudo. Tudo nele era sexual e também sensual.

— Oh, garoto! — gemi quando senti a cabeça de seu pau em minha entrada — Estamos perdidos...

— *Tentadoramente* perdidos.

PERIGOSAS ACHERON

XLII



— *Tentadoramente*

perdidos. — eu disse.

E era exatamente isso que estávamos, mas eu não me importava nenhum pouco. Se estávamos perdidos um no outro, eu amava estar perdido.

Sexo com minha Ruiva era sempre alucinante, esse não seria diferente. Ela gemia sem se importar se alguém ouvia ou não, contudo,

PERIGOSAS NACIONAIS

depois, ela me disse que sua sala era à prova de som.

Meu orgasmo foi intenso, e Agatha deveria ter gozado umas duas ou três vezes naquela foda. Eu não conseguia definir qual foda com ela era a melhor, parecia que uma sempre era melhor que a outra.

Depois de nós nos arrumamos Agatha me entregou parte do dinheiro pela sessão de fotos, eu não aceitei, disse para ela me dar depois. Afinal, naquele momento, parecia que ela estava me pagando pela foda, ela concordou, mesmo dizendo que isso era bobagem, porém, ela me fez assinar um contrato de exclusividade temporária com a sua agência.

O contrato era pequeno e funcionava da seguinte forma: no período que eu estivesse fazendo ambas as campanhas eu não poderia

PERIGOSAS ACHERON

participar de nada mais em outra agência.

O cachê que eu ganharia antes era melhor do que eu imaginava e era o suficiente para mim, mas Agatha deixou claro que teria mais, e quando a propaganda da camisinha fosse gravada e começasse a ser passava em todos os canais nacionais eu receberia x. Se a propaganda continuasse a passar nos canais depois de três meses, caso fizesse sucesso, eu receberia mais, eu e a modelo, é claro.

— Você vai para minha casa mais tarde? — perguntei à Agatha.

— Gostaria, mas não posso. — vi sinceridade em seu olhar azul fatal — Tenho que pressionar à Jerry sobre suas fotos. Quero tudo perfeito para amanhã, para amanhã mesmo já mostrarmos para a empresa. Sexta já podemos começar a escolher a modelo, se o CEO da empresa não tiver nenhuma

em mente. Então, segunda-feira podemos começar a gravar a propaganda, porque não é algo tão fácil a ser gravado e editado.

— Eu entendo. — beijei seu nariz e suas bochechas cheias de sardas antes de ir.

— Até sexta, mais tardar segunda, eu te ligo.

Eu já estava com a mão na maçaneta da porta quando me virei para encarar à Agatha.

— Você tem algum compromisso no final de semana?

— Acho que não...

— Não Ruiva, diga-me que não tem... Eu quero você nesse final de semana. — a cortei e antes que ela pudesse negar eu completei enquanto saía da sala: — *Eu* te ligo.

Eu não me saciaria tão rápido da tentação que era Agatha. Eu precisava dela, mais e mais. Ela

estava se tornando meu vício; um vício que eu não tinha a intenção de largar.



O restante do dia passou devagar e monótono. A única diferença de hoje a meus outros dias, era que Júlia tinha finalmente me ligado e quase como um complô, meu pai também.

Primeiro foi Júlia, eu estava saindo do banho quando meu celular tocou em cima de minha cama. Peguei-o rapidamente e o identificador de chamadas me avisou que era Júlia.

— "Quem é vivo, sempre aparece" nunca havia sido tão útil para mim. — fui direito, sem nem um cumprimento educado.

Júlia riu do outro lado da linha, me

PERIGOSAS ACHERON

surpreendendo um pouco.

— Trabalho Tyler, muito trabalho.

— Como você está? E não venha me dizer que está bem e fim, quero detalhes de sua vida.

— Tyler, não há tanto tempo assim que nós não nos falamos...

— Mas para mim parece muito tempo, Cortês. — brinquei falando seu sobrenome e me arrependi no momento em que falei, pois Júlia se calou.

Merda! Eu era um estúpido mesmo, apenas quem a chamava assim era Ian, e Júlia, pelo visto, não queria falar sobre ele.

— Desculpe. — ela disse.

— Pelo quê? — me deitei na cama, tirando a toalha de minha cintura.

Uma das muitas vantagens de morar sozinho

PERIGOSAS NACIONAIS

era que você não precisava fechar a porta para ficar nu, ninguém estaria do outro lado da porta e era fodidamente confortante poder andar despido pelo apartamento sabendo que não aparecia ninguém nele.

— Por ter ido embora daquela forma... — Júlia pausou e suspirou — Eu deveria ter me explicado para você, precisávamos ter conversado, como sempre fazemos. Eu não podia ter fugido.

Tirei meu celular da orelha e olhei novamente para o identificador do mesmo. Eu estava totalmente surpreso com Júlia. Ela não agia desse modo, ela gostava de deixar tudo explicado, mas não era como se ela fosse uma mulher de dizer "desculpas" e assumir seus erros... Pelo contrário, ela era bem cabeça dura.

— Concordo. Preciso de explicações Júlia. E muitas!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Co-como quais? — ela gaguejou.

— Sobre você e Ian, mas não quero te forçar a me dizer, diga se quiser. Obviamente quero saber também sobre aquilo de "a culpa ser minha". Culpa em quê?

Júlia suspirou e eu sabia, eu a conhecia bem para saber que ela me responderia e provavelmente começaria a falar que nem um jato...

— Você deve ter imaginado mil coisas sobre isso de você ser o culpado...

— Sim e você me deve boas explicações sobre. Você não é ainda apaixonada por mim, não é Júlia?

Minha amiga gargalhou.

Sério, ela gargalhou do outro lado da linha! Tanto que eu pensei em desligar a chamada na cara dela.

PERIGOSAS ACHERON

— Quem te deu essa ideia maluca? — ela pausou para rir mais, então, do nada, a linha ficou muda — Não diga! Já sei que foi o *Abreu*. Típico dele achar isso.

Abreu. Essa era a primeira vez que eu ouvia Júlia chamá-lo pelo seu sobrenome.

— Sim, foi ele... — disse quase envergonhado por ter pensado que poderia ser isso também.

— Não Tyler, eu não sou apaixonada por você. — suspirei aliviado, seria uma merda de confusão se Júlia ainda sentisse algo por mim — Eu te amo e muito, mas não sou apaixonada por você, o que tivemos acabou totalmente para mim, você é agora apenas meu amigo, eu não te vejo de outra forma mais e...

— Eu entendi Júlia! Sério, entendi! Página virada. — a cortei sorrindo, mas fingindo irritação,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Júlia também ria — Então, por que a culpa é minha?

— Por que seu amigo imbecil acredita piamente que eu ainda sou apaixonada por você, mesmo que eu diga que não sou mil vezes, ele continua acreditando.

Dessa vez quem gargalhou fui eu. Típico de Ian, ele era outro cabeça dura, completamente cético. Ele nunca acreditaria que Júlia não era apaixonada por mim, até que, de alguma forma, ela provasse isso.

— Você terá que provar para ele que não é apaixonada por mim...

— Como? Até mesmo se nós transássemos ele acharia que eu o usaria para fazer ciúmes em você.

— Porra! — grunhi com um quê de repulsa por imaginar Ian transado com Júlia.

PERIGOSAS ACHERON

Não, eu não era contra eles transarem, mas Ian era como meu irmão e imaginá-lo com alguma mulher, quanto mais Júlia que sempre foi minha amiga, antes de namorada, e continuava sendo minha amiga, era um pouco bizarro. *Muito bizarro.*

— Pare de ser fresco, você sabe muito bem que não sou nenhuma virgem ou santa. — Júlia disse e eu ri.

— Sim, mas tem cenas que não quero imaginar, tipo meu melhor amigo nu, fodendo com minha ex namorada e atual melhor amiga também.

Júlia gargalhou mais uma vez e sua risada doce me contagiou.

— Eu compreendo. — ela suspirou — Então, por isso a culpa é sua, seu melhor amigo me evita por acreditar que eu sou apaixonada por você.

— Mas ele disse que você o evita... — disse me lembrando de minha conversa com Ian em seu
PERIGOSAS ACHERON

apartamento.

— Ele me evita primeiro que nem percebe, quando se aproxima de mim nunca tenta um assunto decente, parece que tenta me tratar como uma irmã ou sei lá, sendo assim eu obviamente me afasto.

— Ian não sabendo como falar com uma mulher? — ri alto — O Apocalipse zumbi está próximo! É oficialmente o fim dos tempos.

Ouvi Júlia murmurar um "idiota", mas quando ela falou em bom tom já era outra coisa:

— Tenho que ir. Infelizmente. Espero que tudo esteja esclarecido entre nós.

— Sempre Júlia.

— Obrigada Tyler.

— Quando você vem para a capital?

— Não faço ideia.

— Que pena, Ian ficaria feliz em te ver logo.

— Idiota! — dessa vez ela disse alto, mas reparei que ria.

— Vou pressioná-lo para no próximo encontro de vocês ele agir que nem homem.

— Não! — sua voz estava afobada — Não faça isso. Se Abreu não é homem o suficiente para ter uma atitude por si só, eu não o quero sendo assim.

— Porra Júlia, você tem toda razão. — isso foi o que eu disse, mas eu pensava em falar tudo para Ian, infelizmente eu não faria.

Júlia tinha razão, sua atitude deveria ser tomada por si só, sem nenhuma pressão minha.

— Meu Deus! — Júlia exclamou.

— O que foi mulher?

— Sou uma péssima amiga, apenas falamos

de mim. Tenho mais um minuto me conte o que você fez nesses dias, rápido! — Júlia era isso: louca, mas um doce de garota.

Contei a ela brevemente sobre Agatha, que estávamos "saindo" e que eu estava trabalhando na agência dela, Júlia festejou do outro lado da linha, mas como prometido em um minuto ela desligou.

Depois disso eu estendi a toalha em um varal improvisado na cozinha e voltei para o quarto, ainda nu. Dormi um pouco, eu tinha acordado muito cedo e não estava acostumado. Meu celular estava em algum lugar da cama e foi ele que me acordou um par de horas depois.

Achei meu celular embaixo de lençóis, (como havia parado lá eu não sabia), e sem olhar para o identificador eu atendi.

— Alô? — minha voz estava embargada e mais rouca que o normal.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Meu fuso horário deve estar louco, porque eu achei que não passasse das 20h. — era meu pai, reconheci sua voz no primeiro segundo.

— Pai?

— Há outro? — ele disse rindo — Estava dormindo nessa hora?

— É que eu acordei cedo...

— Trabalho?

— Sim! Uma campanha de cuecas e em breve um comercial de camisinha.

— Isso é ótimo filho! Me avise quando o comercial for lançado.

— Mas o comercial será nacional. — meu pai tinha viajado para fora do país.

— Eu tenho internet aqui, não é como eu estivesse no fim de mundo.

Eu ri, deitando-me de barriga para cima na
PERIGOSAS ACHERON

cama. Estava com saudades de conversar com meu pai, tanto quanto sentia de Júlia, mas conversar pessoalmente, podendo vê-los e abraçá-los.

— Tudo bem pai, eu te falo tudo, mas o senhor anda sumido...

— Desculpe, muito trabalho. Sempre há um novo evento para eu comparecer, algumas fotos para tirar e afins. — ele pausou — Como vai Júlia e Ian?

— Ambos bem, eu também estou bem, obrigado por perguntar. — brinquei.

— Eu saberia se meu único filho estivesse mal. Nós pais, simplesmente sabemos.

Mas ele não soube que eu estava mal, quebrado há anos, quando minha mãe ficou depressiva e começou a me confundir com ele, me xingando e dizendo que me odiava, até o dia que ela se matou. Meu pai nunca soube isso, ninguém

PERIGOSAS ACHERON

nunca soube, nem mesmo minha tia.

Minha tia achava que meu pai era o culpado pela depressão e logo em seguida suicídio de sua irmã, mesmo eu nunca confirmando isso. Minha tia, Myrna, ainda hoje não falava com meu pai, apenas o necessário, nada mais que isso.

Em seus surtos minha mãe só me reconhecia quando me encarava de perto e via meus olhos pretos, então ela começava a chorar e falar coisas incompreensíveis. Eu sabia que eram pedidos de desculpas, milhares deles. Nós nos abraçávamos, eu dizia que tudo ficaria bem, ela não acreditava, eu não acreditava em minhas próprias palavras. No outro dia tudo começava novamente. Nós nunca ficamos bem, ela se suicidou antes de termos chance de ficarmos bem ou, no mínimo, perto disso.

Hoje em dia eu não culpava meu pai, mas a

dor ainda era grande, gigantesca, porém eu fingia bem. Eu sabia que meu pai foi o responsável em uma grande parte da depressão de minha mãe, mas eu não o culpava por isso.

Eu não era idiota, sabia que tinha alguma mulher envolvida e culpada de seu sumiço, mas eu também não a responsabilizava por isso, meu pai que não deveria ceder à mulher nenhuma, ele deveria ter sido mais presente e uma série de outras coisas que eu tentava não pensar sobre.

Eu e meu pai conversamos mais, coisas fúteis e sem importância na maioria delas. Não falei sobre Agatha ou sua agência, estava muito cedo para dizer qualquer coisa sobre ela.

Meu pai sempre me perguntava sobre dinheiro, se eu precisava de mais, mas eu sempre negava. Porém, ainda assim, via em meu extrato do banco dinheiro a mais, era sempre isso. Eu nunca

pedia, ele sempre depositava.

Depois de conversar com meu pai resolvi ligar para minha tia. Aquele era o dia das ligações para mim, só poderia ser.

Eu e minha tia conversamos tanto quanto eu e meu pai. As perguntas dela eram bem diferentes das dele, enquanto meu pai falava comigo sobre sexo e mulheres abertamente, minha tia me perguntava sobre namoradas e relacionamentos, mas também queria saber se eu estava comendo bem e o que eu comia.

Ela era uma mistura perfeita de mãe e tia. Eu a amava, sem ela eu não seria um terço de quem eu era hoje em dia. Felizmente eu não precisava dizer para ela o quanto eu a amava, ela sabia.

Algumas vezes amávamos em silêncio, mas não significava que esse amor "silencioso" era mais fraco que o escandaloso. Pelo contrário, amar em

PERIGOSAS ACHERON

silêncio era amar duas vezes. Eu não precisava gritar para o mundo um "eu te amo" quando amava alguém. Quando amávamos, ficava nítido em nosso olhar o amor.

Diziam que o amor não se via, se sentia. Embora, eu discordasse.

Minha tia não me dizia que me amava, mas todas as noites, quando eu era moleque, ela apagava à luz de meu quarto e sentava-se na beirada de minha cama esperando eu dormir, mesmo que, demorasse horas.

Quando eu adoecia, ela e meu tio cuidavam de mim com tanto ímpeto que eu não me sentia pior por tê-los.

Ainda assim, ambos não diziam que me amavam. Eu via o amor em suas atitudes.

Falar uma única vez, para mim, era o suficiente, para o “eu te amo” não se tornar um

PERIGOSAS ACHERON

cumprimento banalizado, como um "bom dia". Eu poderia amar — e eu amava muito —, mas eu amava para mim e para a outra pessoa, o mundo não precisava saber.

Amor era entre duas pessoas, apenas.

XLIII



*O resto do meu dia foi
tranquilo e cansativo.* Muito trabalho para
adiantar. Felizmente sobre as fotos de Christopher,
Jerry confirmou para mim que estaria tudo pronto
para amanhã, então hoje, toda a equipe dele estava

trabalhando até um pouco mais tarde para finalizar logo e talvez amanhã mesmo entregarmos à empresa.

Eu estava em minha sala com Benny, não sabíamos se a empresa já tinha uma modelo selecionada ou se eles deixariam para nós pré-selecionarmos algumas, como foi com Christopher, mas para adiantar eu e Benny já estávamos olhando as fotos de várias garotas.

No fim nós não achamos uma garota que fosse boa o suficiente para Chris, deixamos para depois e começamos a trabalhar em outras coisas menores.

Sáímos mais tarde que o normal naquele dia, Victoria já tinha ido embora, assim como todos, ou

quase. Eu e Benny encontramos Jerry sozinho em seu estúdio, ele estava concentrado enquanto teclava em seu computador.

— Jerry? — Benny disse, chamando a atenção de Jerry.

— Olá! — ele respondeu hesitante.

— Não precisa trabalhar tanto, pode ir, amanhã você termina. — eu tomei a voz, já se passavam das 19h e normalmente trabalhávamos até 17h.

Jerry concordou e saímos os três da agência. Ele estava muito animado falando que eu e Benny não esperávamos para ver as fotos e que elas estavam maravilhosas. Jerry era tão empolgado e sempre animado que até mesmo eu me rendia a sua animação.

Benny pegou carona com Jerry que morava mais perto de sua casa. Eu vivia dizendo a ele para

PERIGOSAS ACHERON

pegar seu carro, mas Benny insistia em sair sem. Dentro de minha Mercedes eu dirigi rapidamente até meu condomínio pronta para chegar em casa e descansar.



Quando dei por mim já era manhã de quinta-feira. Hoje novamente o dia seria longo.

Levantei da cama em um pulo e me vesti metodicamente com uma saia comprida cor de vinho, uma camisa de manga curta preta e salto alto vermelho. Passei uma leve maquiagem em meu rosto e deixei meu cabelo preso em um coque simples.

Cheguei um pouco depois das 9h na agência, e como sempre todos já se encontravam nela. Não

precisei entrar muito adiante em minha agência quando Jerry me abordou praticamente gritando de alegria.

— Agatha! Veja e suspire! — ele disse me entregando um pôster e algumas fotos.

Eu realmente encarei aquelas imagens e suspirei. Eram de Christopher e estavam perfeitas. Jerry não tinha me entregue várias fotos, mas era o suficiente para eu ver como Christopher era perfeito para aquela campanha, minha visão era sempre puxada para a cueca que ele vestia, mas não na intenção de comprá-las e sim de tirá-las.

No pôster estava a foto de Chris usando a cueca vermelha, a mais tentadora de todas. Ele sorria e seu cabelo estava bagunçado. Simplesmente irresistível.

— Eu me adiantei e ontem mesmo enviei algumas fotos para a empresa por e-mail... Fiz mal?

— Jerry perguntou. — k

— Não, claro que não. — respondi sinceramente, depois de Benny, Jerry era o homem que eu mais confiava em minha agência — Eles responderam?

— Eu mandei as fotos em meu nome, obviamente, mas pedi para eles responderem diretamente para você. Sobretudo, eles me responderam de qualquer forma e disseram que quereriam uma reunião comigo, Benny e você.

— E o que você disse?

— Pedi para eles confirmarem com Benny.

— Ótimo, você fez tudo certo, adiantou muito na verdade. — assenti para Jerry, devolvendo as imagens e subi para minha sala.

Ele realmente tinha adiantado bastante, mesmo que poderia mandar Victoria resolver tudo

PERIGOSAS NACIONAIS

para mim, ela ainda era jovem demais para falar com CEO e gerentes grandes de certas empresas, principalmente a empresa que Christopher estava sendo modelo da campanha.

— Bom dia senhora. — Victoria sorria.

— Quais são meus compromissos de hoje?
— fui direta.

Victoria me disse alguns compromissos, mas o único que eu gravei foi: reunião com o CEO pela tarde. Normalmente era o gerente do setor de propaganda que iria para a reunião, mas nessas últimas decisões era o próprio CEO que vinha e decidia tudo.

As horas se passaram rápido e em poucos minutos a reunião em minha sala começaria. Eu, Benny e Jerry olhávamos as fotos revelados e alguns pôsteres. Jerry tinha trabalho bem e rápido, mais do que eu imaginava.

PERIGOSAS ACHERON

Nessa reunião o CEO decidiria se as fotos e pôsteres estavam bons o suficiente para a campanha. As imagens seriam colocadas em algumas revistas, site oficial da empresa e talvez até mesmo em outdoors.

O cachê de Christopher seria bom, mas o que eu ganharia seria melhor ainda. Ele não quis aceitar o dinheiro ontem, mas em nosso próximo encontro eu daria antes de tudo o dinheiro para ele.

Victoria anunciou a presença do CEO e junto com um assistente dele. Eu, Benny e Jerry nos sentamos. Eu em minha poltrona e eles em cadeiras simples ao meu lado, deixando as outras duas poltronas para o CEO e seu assistente.

Ambos entraram e nós três nos levantamos para cumprimentá-los formalmente.

Nossa reunião foi simples. O CEO aceitou todas as fotos sem hesitar, ainda parabenizou Jerry

PERIGOSAS ACHERON

e sua equipe de fotografia.

— E sobre a modelo? — Jerry perguntou como se já tivesse uma modelo em mente.

— Aceitamos a sua escolha. — o CEO respondeu e eu franzi o cenho discretamente para Jerry — De início eu fiquei surpreendido, mas concordei. Realmente é a melhor opção.

Que escolha era essa? Que opção? Quem diabos era essa garota?

— Desculpe senhor, mas a Sra. Lancellotti ainda não sabe sobre a minha escolha. — era estranho ouvir Jerry falar sobre mim de uma forma tão cordial e como se eu não estivesse ali ao seu lado.

— Então eu mesmo posso fazer o comunicado. — o bendito CEO me encarava. Era um senhor com cara de bonzinho, mas que todos sabiam que de bonzinho ele não tinha nada. — Sra. PERIGOSAS ACHERON

Lancellotti, eu gostaria que a senhora fosse a modelo do comercial.

— Eu? — perguntei com uma sobrancelha erguida. — Eu não sou mais modelo há muito tempo e...

— E nós achamos uma ótima ideia. Seria um diferencial ver a dona da agência sendo também a modelo do comercial. — Benny tomou a voz.

Depois disso a reunião não durou mais dez minutos, o CEO deixou claro que queria o comercial gravado o quanto antes. Tudo que eles queriam que fosse feito na propaganda estava em um contrato. Eles eram direitos e simples. Gostei da praticidade.

Quando o CEO e seu assistente saíram eu encarei Jerry, furiosa.

— Quais fotos foram essa? Como e por que você enviou? E por que não me comunicou antes

PERIGOSAS ACHERON

disso?

Jerry se encolheu, mas quando abriu a boca para responder ele me fitava sério.

— Eu tirei duas fotos de vocês juntos, você viu quando aconteceu. Enviei por e-mail, porque estavam perfeitas. Vocês juntos são perfeitos, sensuais, sexuais... *Tentadores*. Não comuniquei porque sabia que você não aprovaria.

— Baby, talvez não seja uma má ideia. — Benny tentava me acalmar com seu olhar.

— Como não? — exclamei.

— Você sempre diz o "faça você mesmo", então...

— Isso é quando eu tenho a consciência antes do que eu farei. — rebati, cortando meu amigo.

— Pense então no dinheiro. — Benny falou e

eu tentei me acalmar.

— Foda-se! E tem jeito? Não pode ser tão ruim assim... — comentei.

Jerry e Benny sorriam aliviados, acharam que tinham me domado. Eu achava que estava tranquila, afinal, não seria mesmo tão ruim... Eu achava isso, mas estar ao lado de Christopher, fora da cama, mais que o necessário, seria mais do que eu aguentaria.

Não que eu reclamasse ou não gostasse de estar na presença dele, mas esse era o problema: eu não reclamava *e* eu gostava de estar com ele, tanto dentro quanto fora da cama.

XLIV



Acordei por volta das 10h

nesta quinta-feira e depois de tomar um bom

café da manhã, eu fui para a academia. Dessa vez

Ian estava nela e me segurei para não falar sobre

Júlia, como ele também não citou seu nome, eu

acabei deixando por isso mesmo.

Eu e Ian almoçamos juntos e eu voltei para minha casa no entardecer. Eu não tinha levado meu celular para a rua e o encontrei em cima do sofá tocando.

— Sim?

— Oi, sou eu. — sua voz era fodidamente sensual, não tinha como não reconhecer à minha Ruiva.

— Uau! Você nem me deu tempo de te ligar.
— brinquei.

— Pois é, decidimos tudo muito rapidamente. Amanhã já podemos começar a gravação da propaganda.

— Que ótimo! Eu conheço a modelo? —
perguntei já imaginando que não.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim. — a voz de Agatha era um misto de diversão e... *raiva*?

— Sim? — falei retoricamente — Quem é?

— Eu mesma.

— Vo-você? — eu até havia engasgado.

— Sim Chris, sou eu. Também estou um pouco pasma. Amanhã te explicarei, ainda preciso trabalhar. Venha às 10h novamente.

— Estarei antes. — respondi e não demorou muito para ouvir uma risada gostosa de Agatha do outro lado da linha, em seguida, sem esperar mais, ela desligou.

Gravar um comercial de camisinha com Agatha seria fodidamente sensual. Ela conseguia sempre me surpreender, sendo cada vez melhor. Imaginá-la gravando comigo já fazia meu pau latejar de antecipação.

PERIGOSAS ACHERON



No outro dia eu cheguei antes das 10h e Agatha me explicou o porquê dela ser a modelo do comercial: Jerry havia planejado tudo, segundo ela.

Aquela sexta-feira foi muito divertida. Agatha primeiramente me pagou o meu cachê das fotos, eu aceitei rindo. Sobre o comercial, ele era simples: Agatha teria que tirar o tal do preservativo de seu bolso e eu praticamente correr até ela, tirando o preservativo de sua mão e a jogando em uma cama. Não foi difícil, nenhum pouco, mas decidimos gravar algumas vezes, na sexta e sábado.

No sábado finalizamos tudo muito rápido e como não era um dia comum de trabalho na agência, poucas pessoas estavam nela, depois de

PERIGOSAS NACIONAIS

gravarmos, eu não resisti mais e chamei Agatha para minha casa, ela aceitou e naquele sábado testamos em primeira mão a camisinha. Até que não era ruim, eu continuava com alguma sensibilidade, mas na nossa segunda foda estávamos sem nada entre nós, deixando nossas sensibilidades em alta.

No domingo eu insisti para encontrar Agatha, mas ela negou, dizendo que passaria o dia com Benny. Jerry já estava editando a propaganda, em menos de uma semana ela seria passada para a empresa.

Nessa uma semana até a propaganda ser entregue pronta e editada para a empresa Agatha tentou fugir de mim, mas eu não deixava. Não queria parecer um fodido perseguidor, mas eu não a deixaria longe por muito tempo, quanto mais que, nós se veríamos a nos encontrar profissionalmente

PERIGOSAS ACHERON

em torno de um mês, que seria a estreia do comercial e das minhas fotos em revistas. As fotos saíam também em outdoors.

Enfim, nessa semana eu fui até ela na agência discretamente e ela foi em meu apartamento. Nossa relação era completamente sexual, sem sentimentos e ressentimentos. Mas eu não estava fodendo ninguém, além dela. Simplesmente não sentia vontade de outra. Agatha me bastava. Não sabia se o mesmo era válido para ela, não entrávamos nesse assunto, mas eu acreditava que sim, já que passávamos um bom tempo juntos.

Algumas semanas depois eu comecei a sair com Agatha e Benny, outras vezes até mesmo Ian nos encontrava. Ian achava Benny hilário, e Benny conhecia muitas mulheres das quais apresentava à Ian.

Eu ainda não tinha ido à casa de Agatha, não

insistia. Deixava sempre para ela me chamar, mas ela não chamava. Tentava não pensar muito sobre isso, nós estávamos muito bem juntos em minha casa. Não tínhamos nada oficial, mas saíamos juntos e já não ficávamos somente em meu apartamento. Eu não fazia ideia para onde isso nos levaria, mas eu estava aproveitando e gostando de cada minuto ao lado daquela mulher fascinante.

Eu conversava com Júlia, meu pai e minha tia, algumas vezes, durante a semana, mas só para Júlia eu falava de Agatha, não queria dizer nada a minha tia e ela já falar sobre nosso casamento, também não queria falar com meu pai e ele não levar a sério. No fim era só Júlia que compreendia.

Sobre Ian e Júlia, nada tinha acontecido. Com o passar das semanas ela continuava no interior sem data para vir para a capital. Ian parecia não pensar muito sobre Júlia, porque continuava

fodendo mulheres diferentes. Júlia parecia não querer pensar em Ian, porque ele sempre estava com alguém diferente, ela sabia e eu nem precisava confirmar.

As coisas iam bem. Depois de Júlia, o que eu tinha com Agatha foi o mais sério de todos os outros casos, mas Agatha parecia querer fugir de algo sério e eu não discutia. Como estávamos, estava bem.

Depois de um pouco mais de um mês a propaganda da camisinha protagonizada por mim e Agatha foi enfim ao ar em todo o país. Não houve uma festa ou algum evento sobre a estreia, mas o CEO da empresa e toda a equipe de Jerry, junto comigo, Agatha e Benny fizemos uma comemoração pequena. A propaganda estava simplesmente foda. Nada muito sexual, mas muito sensual. Qualquer um em sã consciência querería

PERIGOSAS NACIONAIS

comprar aquele preservativo.

Eu recebi muito bem pela propaganda, e como minha Ruiva já tinha me avisado se a propaganda continuasse por mais de três meses, nós receberíamos mais, pois o contrato era de três meses sem exceção.

Nesse mês que havia se passado eu fiz muitos outros trabalhos na agência de Agatha, já que tínhamos um contrato de exclusividade provisória, contudo, ela me deixou trabalhar em outras agências depois das gravações da propaganda. Em outras agências eu não tive tantos trabalhos, mas depois que minhas fotos de cueca estavam em revistas e outdoors tudo começou a dar mais certo. Eu era chamado para uma série de eventos e desfiles.

A campanha de meu apartamento tocou, me tirando de todos os pensamentos desse último mês.

PERIGOSAS ACHERON

— Oi! — abri à porta e encontrei uma Agatha com um sorriso de canto.

Ela vestia um vestido simples, porém decotado, terminando no meio de suas coxas grossas e vermelho. Vermelho definitivamente era nossa cor.

— Oi! — sorri de volta, abrindo toda a porta para ela entrar.

Eu vestia uma bermuda de pano grosso marrom e mais nada. Era um milagre que ela não havia me pego sem roupa. Eu estava em meu apartamento, não precisava me vestir nele.

Agatha não entrou, como esperado, ela continuou do outro lado da porta, com o mesmo sorriso de canto. Seu cabelo estava solto e bastante volumoso. Minha única vontade era beijá-la enquanto puxava aquele seu cabelo ruivo.

— Eu estava pensando em irmos para um
PERIGOSAS ACHERON

lugar diferente... — ela disse ainda na porta.

— Qual?

— Minha casa. — sua resposta me pegou totalmente de surpresa.

Eu já estava me acostumando com a ideia de nunca ir em sua casa.

— Tem certeza?

— Sim.

Eu não esperei ouvir mais, pedi para ela entrar e corri para meu quarto, colocando uma camisa preta e um sapato da mesma cor que a bermuda, marrom. Em seguida peguei o essencial: chaves de casa e carro, documentos, carteira e celular.

Quando voltei para a sala, Agatha continuava em pé e a porta ainda estava aberta. Ela deveria estar com pressa. Sorri, eu também estava.

PERIGOSAS NACIONAIS

Era um sábado, então nossa noite seria longa.
Deliciosamente longa.

PERIGOSAS ACHERON

XLV



Havia passado mais de um
mês, desde o dia da gravação da propaganda. Um
mês do qual eu continuava me encontrando com
Chris.

Benny estava certo, sempre esteve, Chris era
a minha droga. Meu vício. E eu simplesmente não
consegua me afastar dele, pelo contrário, eu me

aproximava mais e mais.

Nossa relação ainda era totalmente sexual, mas em alguns momentos eu sentia a necessidade de ter algo mais com ele. Algumas vezes nós conversávamos depois de uma foda e dormíamos abraçados. Ríamos muito juntos, saíamos juntos, fodíamos mais que tudo, conversamos sobre uma centena de besteiras, tentávamos até cozinhar, mas, tanto eu, quanto ele, éramos péssimos na cozinha.

Eu tinha conhecido seu amigo Ian, ele até tinha trabalhado em alguns eventos em minha agência. Benny apresentava inúmeras mulheres para ele, e eu ficava feliz por Christopher não ter amigos preconceituosos com a orientação sexual assumida de Benny.

Benny havia emagrecido nesse mês, segundo ele, era uma nova dieta, mas algo estava errado com ele, eu podia sentir. Meu amigo não estava de

PERIGOSAS NACIONAIS

todo bem. Eu esperava que fosse coisa da minha cabeça, contudo, algo me dizia que não era. Seus benditos exames médicos ainda não estavam prontos, segundo ele, novamente. Eu insisti para ir pegar os resultados com ele, e Benny concordou depois de eu forçar muito.

Era estranho estar com Chris e não querer mais ninguém, mas era isso que acontecia comigo. Eu me sentia tão atraída por Christopher que eu não sentia a necessidade de foder com outros homens. Eu estava muito bem só estando com ele. Algumas vezes Chris dava a entender que ele também não transava com mais ninguém, além de mim. Eu acreditava nele. Simplesmente acreditava, sem pensar em discordar. Eu ficava calada quando ele falava essas coisas. Eu não estava com ninguém, nem pretendia estar, mas eu não queria que ele soubesse que eu estava totalmente à mercê dele.

PERIGOSAS ACHERON

Quando Chris falava qualquer coisa eu acreditava de uma forma quase estúpida. Era como se meu cérebro não desconfiasse dele. Eu não conseguia desconfiar dele. Acreditava, confiava e ponto. Sim, eu estava completamente estúpida. Não, eu não estava apaixonada. Eu apenas sentia um tesão sem limites por Chris e queria estar com ele fora da cama também... Porém, isso não era paixão. Longe disso, era apenas tesão.

Hoje era sábado e eu, como todos os outros dias, queria estar com Chris. Era quase noite e nós não havíamos nos falado o dia inteiro. Eu precisava tê-lo dentro de mim. Eu estava cansada de fugir. Eu traria Christopher para minha casa.

Eu não levava quase ninguém para minha casa. Era melhor assim, caso eu tinha na rua. Benny vivia mais em minha casa do que na dele, mas ele era uma exceção de tudo. Eu o amava. Ele

era a única pessoa, além de mim mesma, que eu amava. E eu não me cansaria de dizer isso.

Victoria e outros do trabalho já tinham ido à minha casa, mas nunca muitas vezes. Eu era muito reservada. Eu amava ser assim, a solidão era minha companheira, até Chris chegar.

Eu havia comprado minha casa quando comecei a fazer sucesso como modelo. O dinheiro não seria suficiente para comprar a casa hoje, mas foi para financiá-la antes, porque o condomínio não era valorizado antigamente. Eu sabia que com o passar do tempo isso mudaria e mudou. Hoje em dia, o condomínio que eu morava era um dos mais luxuosos da região.

Minha casa era grande, de dois andares, mas na época que a comprei era de um só andar, porém o terreno valeu cada centavo que eu paguei. Depois de ganhar ainda mais reformei-a, deixando com a

minha cara.

Quando me casei eu sai de casa e fui morar com ele, Benny ficou com minha casa, passando-a para seu nome e tudo. Ele disse que dessa forma eu sempre teria um lugar para morar. Sim, Benny não confiava em meu ex marido, ele achava que ele tomaria tudo de mim se nosso casamento acabasse mal. E acabou, mas isso era outra história.

Enfim eu voltei para minha casa, passando-a novamente para meu nome, depois que me separei, e proibi uma série de pessoas a entrarem no condomínio, como Christopher Stuart, pai de Chris.

O pai de Chris também era outra história, para mais tarde ou para nunca. Eu esperava. Ele havia sido útil em minha antiga vida, mas era isso que aquela minha fase de modelo foi: minha antiga vida. Vida essa que eu não me orgulhava nenhum pouco.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu estava bem com Chris e melhor ainda porque ele não insistia em assuntos mais pesados, como meu antigo marido e família. Tudo isso me lembrava minha antiga vida. Meu passado sujo e esquecido, mas infelizmente, sempre lembrado por mim. Gostaria de apagá-lo de vez de minha memória, principalmente esquecer Christopher Stuart.

Outros homens dos quais me envolvi depois de separada queriam saber demais. Queriam me conhecer detalhadamente e eu detestava isso. Não era necessário toda essa conversa se o que queríamos era um bom sexo casual e nada além.

Com o passar de um ano depois de separada, eu desisti de me envolver, comecei apenas a foder casual com os homens, e não passava de três fодas com o mesmo homem. Todos eram esquecidos. Nenhum era essencial. Nenhum perguntava mais

PERIGOSAS ACHERON

que o necessário. Todos eram descartáveis... Até Chris.

Eu não conseguia *não me envolver* com ele. Eu queria estar com ele. Eu queria poder contá-lo sobre minha antiga vida, família, ex marido e até mesmo sobre o pai dele, mas eu não tinha coragem. Eu sabia que se falasse, ele iria embora. Eu não queria que ele fosse, eu não queria perdê-lo.

Por que os nossos vícios são tão bons e memoráveis? Por que não podemos simplesmente descartar, quem quer que seja? Por que, algumas vezes, nós somos levadas sem pensar duas vezes até ele? Por que acabamos cedendo? Por que nos apaixonamos?

Não, eu não estava apaixonada. Repetia. Não era isso, era apenas tesão. Tudo que eu fazia, era apenas por tesão. *Tesão. Atração. Química.* Qualquer um desses servia, mas não paixão.

Paixão, não!

Eu estava agora tocando a campainha do apartamento de Chris. O porteiro nem sequer precisava saber se eu podia subir ou não, até ele sabia que eu podia.

Eu e Chris trocamos umas palavras e eu falei sobre irmos para um lugar diferente. Minha casa. Não tinha lugar mais diferente e quase proibido para mim como ela. Chris hesitou apenas para saber se eu tinha certeza e eu amei isso dele.

Sua atitude provava que se eu mudasse de opinião ele não discutiria. Ele nunca discutia, era sempre tão risonho e calmo, enquanto eu era uma máquina de estresse e grosseria, mas ele nunca reclamava disso, sempre ria, me fazendo rir junto.

Depois que eu confirmei ele foi rapidamente colocar uma camisa e sapato. Eu avisei que iríamos no meu carro, na volta eu deixaria ele em casa. Ele

não hesitou, rindo, concordou, então fomos para minha casa...

Algumas vezes eu deixava Christopher dirigir minha Mercedes, ele insistia tanto que eu deixava e sempre me compensava muito bem depois. O único que eu deixava dirigir meu carro era Benny, agora Chris. Chris cuidava bem dela e cuidava bem de mim depois também.

Dessa vez eu dirigia, para irmos mais rápido e eu não ter que ensinar o caminho. Não demoramos muito para chegar em meu condomínio. Chris olhava para tudo como uma criança, mas ele dizia que era para não se esquecer do caminho.

— Sua casa é incrível. — ele disse minutos depois, quando já estávamos dentro de minha casa.

Christopher estava com os olhos focados no meu. Eu me sentia incrível e não me importava

com minha casa, se ela era incrível ou não. Nada importava.

Estávamos na sala e Chris não olhava para nada, apenas para mim, menos de um segundo depois nós já nos beijávamos como pela primeira vez. Era quase como se todo beijo fosse uma novidade.

— Onde é seu quarto? — Chris sussurrou com sua boca colada na minha.

Eu o guiei para meu quarto no segundo andar e antes de chegar em minha cama Chris me empurrou para uma parede e invadiu sua língua em minha boca. Como sempre ele me domava, me explorava e me invadia de uma forma que eu não conseguia resistir. Eu estava simplesmente entregue a ele.

Rapidamente meu vestido estava no chão, deixando-me de lingerie cor de vinho e um salto

não muito alto.

Coloquei minhas mãos no cóis da bermuda de Chris e tirei seu cinto, depois abri um botão de sua bermuda e seu zíper, fazendo a bermuda escorregar facilmente em suas pernas. Chris descalçou seu sapato e tirou a bermuda, em seguida a camisa.

Meu Deus! Ele conseguia ser sempre impressionante, mesmo eu o vendo nu constantemente nesse mês eu ainda conseguia me surpreender ao ver seu corpo. Ele sempre fazia meu coração falhar uma batida e depois retomar a bater extremamente rápido.

Quando dei por mim Chris estava de joelhos na minha frente, mesmo naquela posição ele parecia domar a situação enquanto me olhava com seu sorriso presunçoso de sempre.

Chris retirou minha calcinha devagar, sem tirar os olhos de mim. Eu descansei minhas mãos

PERIGOSAS NACIONAIS

em seu cabelo. Depois ele desafivelou meu salto e em pouco tempo eu só usava um sutiã.

Ele segurou minha coxa e a colocou em seu ombro, continuou com sua mão em minha coxa e outra em meu quadril, como se me dando equilíbrio.

Devagar ele começou a beijar meu púbis. Eu já estava sentindo a eletricidade de seus beijos leves quando ele passou sua língua por toda minha fenda. Christopher estava indo devagar, de uma forma diferente de antes, ele estava me instigando mais e mais.

Sem esperar mais ele enfiou sua língua dentro de minha entrada, minhas pernas ficaram bambas e Chris me apertou um pouco mais em meu quadril para eu não cair. Seus dedos em minha coxa começaram a descer e subir por toda minha perna, fazendo todo meu corpo enrijecer com seu simples

PERIGOSAS ACHERON

toque.

Sua língua me invadiu, daquela forma que só ele conseguia fazer comigo. Eu me esquecia de tudo e só pensava no momento. Eu não tinha intenção de pensar em outra coisa que não fosse em sua barba roçando minha vagina e sua língua dentro de mim.

Christopher me comia apenas com sua língua que não parava de entrar e sair de dentro de mim. Seus dedos, que passeavam por minha perna, foram devagar até meu clitóris que pulsava por seu toque.

Com dois dele ele tocou em meu clitóris e fez movimentos circulares, sem parar de me comer com sua língua. Sua barba me causava arrepios deliciosos. Eu gemia por todas as sensações de prazer que ele me proporcionava.

Chris tirou sua língua de minha entrada e seus dedos de meu clitóris, trocando de posição.

Seus dois dedos entraram fundo em mim e sua língua começou a fazer os movimentos circulares, depois sua boca abocanhou meu clitóris, mordiscando e chupando.

— Oh! Chris... — meu gemido era quase cantado pelo tempo que eu arrastava e demorava para pronunciar seu nome.

Chris riu, soprando fortes lufadas de ar em mim. Eu não sabia mais o que eu sentia. Se eram espasmos, arrepios, cócegas, prazer... Provavelmente era uma mistura de tudo isso. E eu amava. Amava cada sensação.

Eu não estava muito longe de meu clímax, na verdade, sempre que Chris se aproximava eu me sentia perto, em um êxtase, uma frenesi esquisita. Não sabia descrever ao certo, mas era Chris surgir e meu corpo inteiro respondia, como se sentisse sua chegada, como se imaginasse e desejasse seus

toques.

Christopher começou a me foder ainda mais rápido com seus dedos e sua língua oscilou entre movimentos circulares e de ziguezague. Não tinha uma parte de meu corpo que não estivesse em puro estado de prazer. E um prazer cada vez maior estava crescendo e se aproximando... Era visível à Chris o que ele fazia comigo.

Eu estava com a cabeça apoiada na parede, olhos fechados e mãos apoiando-se na cabeça de Chris. Todo meu corpo estremecia e eu podia sentir Chris me olhando, mas eu não o olhei, deixei a onda de prazer chegar forte como eu imaginava que fosse.

E foi.

— Oh! Meu! Deus! Chris! — eu gemia entre exclamações fortes e respiração irregular enquanto meu orgasmo parecia explodir em força total.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

XLVI



Agatha estava mais linda do

que em qualquer outro momento. Ela agora estava deitada em sua cama, completamente despida e com um sorriso torto fodidamente sexy.

Ela esperava por mim. Ela sorria para mim.

Parecia o paraíso ver aquela linda mulher

despida e exibida para mim com aquele sorriso sensual de quem sabia das coisas.

Não demorou muito para eu estar nu sobre o corpo de Agatha. Eu não podia esperar muito. Eu queria estar dentro de minha Ruiva o mais rápido possível.

Passei minha barba no pescoço de Agatha e ela se arrepiou com meu toque, estava nítido em sua pele e na forma como seu corpo estremecia embaixo do meu.

Apoiei minhas mãos no colchão e enfiei meu pau profundamente em Agatha. Não precisava citar que ambos gememos como se fosse nossa primeira vez juntos. Gemíamos como se a sensação do corpo do outro fosse novidade.

Não, eu não estava apaixonado por ela, mas eu adorava cada pedaço de seu corpo, seu rosto, seu cabelo, seus toques, seus gemidos, seus arranhões,

PERIGOSAS ACHERON

suas frases entrecortadas.

Eu sabia que paixão era mais que isso, eu já tinha me apaixonado para saber a diferença de tesão e paixão, embora pudessem rimar, nem de perto significavam a mesma coisa.

Sim, o que eu sentia por Agatha era completamente sexual, mesmo que em alguns momentos meu corpo me enganasse, e não quisesse apenas fodê-la profundamente e sem sentido, mas também queria abraçá-la forte, beijá-la lentamente, fazer cócegas (coisa que ela odiava), conversar, rir com ela.

Nossos corpos se encaixavam perfeitamente, como se fôssemos feitos um para o outro. O prazer que eu sentia estando dentro de Agatha era indescritível e surreal.

Eu saía e entrava nela rapidamente, fazendo a cama ranger. Minha Ruiva morava em uma cama

PERIGOSAS ACHERON

belíssima, mas parecia ser um lugar solitário e não muito explorado, felizmente, a vantagem disso era que nós poderíamos fazer todo o barulho que quiséssemos.

Nós fazíamos muito barulho. Não porque queríamos, era involuntário. O prazer era grande demais para gemermos baixo. E eu amava, amava mesmo ouvir os gemidos de minha Ruiva embaixo ou em cima de mim. Qualquer posição era válida, contanto que ela fosse sempre daquela forma.

Natural, simples, bela... *Perfeita*. Havia outros milhares de adjetivos dos quais serviriam para descrever à Agatha, mas eu não estava em tempo de pensar, somente de sentir e aproveitar seu corpo embaixo do meu.

Agatha gemia alto enquanto eu me mexia sem dar um segundo para nós. Nossas respirações estavam irregulares, mas não cansadas. Nós nunca

PERIGOSAS NACIONAIS

ficávamos cansados do outro.

— Oh! — Agatha cravou suas unhas compridas em meu ombro, em seguida desceu uma delas para minhas costas, arranhando bastante, com certeza deixando marcas.

Ela levou sua outra mão ao meu cabelo e puxou. Agatha era assim mesmo: um pouco selvagem, muito sensual.

— Puta que pariu Ruiva! — disse entre gemidos — Você é perfeita! — eu não poupavas exclamações e elogios para Agatha.

Ela não parecia desgostar, então eu não deixava de falar.

Ela sabia, sabia que eu à achava perfeita. Eu não falava isso porque estávamos fodendo, eu falava isso porque era o que eu verdadeiramente achava.

PERIGOSAS ACHERON

Agatha era, às vezes, enjoada, esnobe, soberba, mal humorada, mas além de tudo ela era trabalhadora, engraçada com todo seu mal humor. Era bastante humilde quanto tentava, guerreira (era completamente notável pela forma como ela conseguiu expandir sua agência), amiga, linda e louca... Enfim, precisava repetir que ela era perfeita, com todas as suas imperfeições?

Minha Ruiva havia me transformado em um homem cheio de clichês estúpidos, logo eu. Eu nunca havia sido assim antes, nem com Júlia, mas parecia que para Agatha os clichês eram essenciais, porém não somente os clichês eram úteis, era como se eles nunca fossem suficientes. E realmente não eram.

— Chris... — Agatha prolongava meu nome enquanto gemia.

Eu grunhi de um jeito um pouco selvagem

demais e Agatha riu, sem deixar de gemer e rebolar seu corpo delicioso embaixo do meu.

Mordisquei sua orelha e rocei minha barba por todo seu pescoço, sabendo que ela sentia cócegas por essa região. Sorri ouvindo Agatha meio gemer, meio rir, em seguida soprei em sua orelha e passei minha língua por ela, dessa vez Agatha parou de rir e senti seu corpo arrepiar.

Eu não parava em nenhum momento de dar fortes estocadas em minha Ruiva, a cama rangia cada vez mais alto e nossos corpos eram uma mistura intensa de suor, espasmos, prazer e pura satisfação. Ali era exatamente onde queríamos estar.

— Agatha... — eu não estava muito longe de gozar e ela parecia que também não.

Algumas vezes nossos corpos reagem igual até nisso e nós gozávamos na mesma hora, mas

PERIGOSAS ACHERON

hoje, pelo olhar faminto, brilhante e devasso de Agatha, ela parecia estar ainda mais perto.

Beijei a bochecha de minha Ruiva, sua mão que estava em meu cabelo acariciou minha barba. Eu não sabia como ela conseguia ser tão sensual e ao mesmo tempo tão carinhosa.

Minhas mãos, que antes, passeavam pelo corpo de Agatha, me deram apoio ao lado de sua cabeça. Eu queria vê-la gozar. Normalmente Agatha virava o rosto ou gozava com os olhos fechados e a boca semiaberta, mas não seria assim hoje. Eu queria vê-la. Eu queria ver cada segundo de seu prazer iminente.

— Oh! Deus! Ah! — ela me olhava, mesmo aproveitando sua própria onda de prazer ela parecia que me invadia com seu olhar azul.

Ela não abandonou o meu olhar em nenhum instante, parecia que sabia que eu não queria que

PERIGOSAS ACHERON

ela fizesse.

Dando estocadas ainda mais fortes e rápidas, e olhando em seus olhos eu senti o orgasmo me abater quase em sincronia com o orgasmo dela. Eu quase não senti o meu orgasmo de tão fascinado que estava, ao olhar atentamente para Agatha enquanto ela me fitava e deixava sua boca semiaberta para depois morder seu lábio inferior, como sempre fazia.

Ainda curtindo meu prazer e a visão de Agatha ter o dela, eu me deitei sobre seu corpo, sem tirar meu pênis de dentro dela. Eu queria estender o máximo de tempo possível dentro de minha Ruiva. Era tão bom estar dentro dela. Ela era quente, confortável e se ajustava perfeitamente em mim.

Agatha descansou suas duas mãos em meu cabelo e eu, mesmo sem querer, me retirei de

dentro dela, contudo, continuei deitado sobre ela, tentando não pesar muito.

Depois de um tempo na mesma posição, eu sai de cima de Agatha e me deitei ao seu lado. Ela rapidamente descansou sua cabeça em meu peito e eu a abracei. Durante esse mês ficarmos dessa forma estava sendo comum, transávamos e depois ficávamos abraçados, algumas vezes, em silêncio, outras vezes, conversando e rindo.

Era difícil dormirmos logo depois do sexo, normalmente esquentávamos algum congelado ou pedíamos algo para comer. Tínhamos, por incrível que pareça, várias coisas em comum, como o fato de não sabermos cozinhar. Nós até havíamos tentado, mas ambos éramos péssimos.

Agatha estava com sua cabeça exatamente sobre meu coração, e eu sabia que ele estava batendo rápido e irregular. Era sempre assim

PERIGOSAS NACIONAIS

quando eu estava na presença dela. Meu corpo, mais precisamente meu coração, não me obedecia. Ele batia quase como se eu tivesse a ponto de ter um infarto a qualquer momento.

Sorri e acariciei o cabelo bagunçado de minha Ruiva. Ela parecia sentir meu sorriso, porque virou sua cabeça para me olhar e retribuiu meu sorriso.

Admiti então, para mim mesmo, que eu estava perdido. Aquele sorriso frouxo, sincero, delicioso, com aquele olhar brilhantemente azul, junto com algumas sardas era simplesmente a visão do paraíso.

Paraíso parecia ser longe do lugar de onde Agatha viera. Ela daria mais para ser um demônio com toda aquela beleza tentadora, do que um anjo indefeso e simplório. Minha Ruiva tinha sua simplicidade, mas sua beleza estava longe de ser

PERIGOSAS ACHERON

simples. Ela era tudo, menos simples.

Agatha mordeu meu peito, me fazendo estremecer e ela sorriu amplamente.

— Você parece com a mente em outro lugar... — *como eu poderia explicar a ela que minha mente estava nela, em todos os seus traços, sorrisos, gestos?*

Invés de responder coisas que eu sabia que ela não gostaria de ouvir, já que a própria sempre deixara claro que nossa relação era totalmente sexual, eu sorri.

— Sim, em você. E principalmente — virei Agatha, pondo ela novamente embaixo de mim e toquei em seu sexo, já úmido novamente — aqui.

XLVII



Eu e Christopher

começamos uma maratona de sexo,

daquelas que não paramos tão cedo e obviamente

daquelas que não queremos parar.

Parecia que sua mente estava em outro lugar, tanto que eu havia comentado exatamente isso. Não confiei em sua resposta, embora não questionei,

porque em seguidas começamos nossa maratona.

Nas nossas fudas posteriores Chris não deixou de me olhar nos olhos e parecia haver algo mais em seu olhar âmbar. Eu não podia reclamar disso. Seus olhos eram minha perdição, contudo, era aquele tipo bom de perdição.

Depois de transarmos, duas ou três vezes, fomos para a minha suíte. Chris me deu um lento banho, entre algumas carícias e beijos. Eu vesti meu roupão e dei outro à Christopher, o que nos fez rir, já que era um roupão feminino e ficou apertado no corpo musculoso dele. Enfim fomos para minha cozinha, felizmente eu não deixava de comprar congelados para mim.

Comemos em silêncio, mas não aquele silêncio que constrange, apenas um silêncio tranquilizador e calmo. Eu nunca tinha ficado dessa forma tão despojada com alguém. Estávamos

PERIGOSAS NACIONAIS

sentados em minha cozinha, ambos usando meu roupão feminino, apertado nele, folgado em mim, comendo tranquilamente que até me fazia ter vontade de rir.

Christopher era a única pessoa além de Benny que me fazia rir tantas vezes. Chris estava calado enquanto comia, mas seu jeito era naturalmente engraçado. Seu cabelo comprido estava caindo em seu rosto e sua barba estava suja da comida.

Sorri para ele e mesmo sem Chris saber da sujeira em sua barba ele retribuiu meu sorriso, com um ainda maior. Ele era lindo, simplesmente lindo. Chris me chamava de perfeita, mal ele sabia que quem era perfeito era ele.

Chris era calmo, engraçado, despojado, tranquilo, animado, bem-humorado, carinhoso, atencioso... Enfim, ele era realmente o homem

PERIGOSAS ACHERON

perfeito, e nem um pouco orgulhoso. Nos dias que eu desaparecia, ele me ligava ou, no mínimo, me mandava uma mensagem procurando saber onde eu estava e se estava tudo bem.

Ele havia sido assim desde o início, não era o tipo de pessoa que você teria que conhecer e depois de muito tempo ele se tornaria perfeito — ou imperfeito —, não com Chris. Ele sempre foi perfeito.

Eu estava divagando, eu sabia, porém com Christopher eu estava me tornando um fodido clichê, até minhas falas eram clichês. Para onde Christopher estava me levando? Eu não sabia, mas eu não me importava. Era bom e parecia ser certo estar com ele, disso eu não discutia.

Eu era uma pessoa difícil de conviver. Eu conhecia meus defeitos e não conseguia domá-los, embora, Chris convivia bem com eles. Quando eu

PERIGOSAS NACIONAIS

era rude com ele, ele ria. Quando eu era rude com outras pessoas, ele apertava minha mão fazendo eu relaxar um pouco. Quando eu estava de mal humor, ele me animava. Quando eu estava na TPM, ele não falava absolutamente nada. Christopher parecia ter um manual sobre como agir comigo perfeitamente. E ele seguia passo a passo.

Quando acabamos de comer já era tarde da noite, resolvemos ir dormir. Os lençóis de seda da minha cama cheiravam a sexo, esse cheiro vinha logo atrás do cheiro natural de Chris: másculo, viril, imponente como somente ele conseguia ser e cheirar. Dormimos abraçados e nus, em meio a todo aquele cheiro sensual do que tínhamos feito recentemente.

Acordei sentindo a respiração de Chris em minha orelha. Estávamos em uma posição esquisita, mas estranhamente confortável. Eu e

PERIGOSAS ACHERON

Chris tínhamos mal dormir e sempre nos mexíamos muito durante a noite. Nunca acordávamos na mesma posição que dormíamos, porém sempre acordávamos com alguma parte do corpo do outro em cima da gente.

— Bom dia! — Chris sussurrou em minha orelha, dando lufadas de ar e me arrepiando com sua barba.

Virei-me para ficar cara a cara com ele e não consegui deixar de sorrir, mas não disse "bom dia". Detestava as manhãs, principalmente os falsos "bom dia", mesmo que Chris sempre falasse sinceramente e de bom humor.

Christopher estava com um sorriso de orelha a orelha, fazendo seus olhos negros brilharem. Eu não me cansava de admirá-lo.

Passei meus dedos em seu cabelo bagunçadíssimo, em seguida acariciei seu rosto,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

parando meus dedos em sua bochecha. Ele continuava sorridente, sobretudo, seu sorriso de agora era aquele presunçoso de sempre.

Admiti então, para mim mesma, que eu estava perdida. Aquele sorriso presunçoso, sincero, delicioso, com aquele olhar absurdamente negro, junto com aquele cabelo e barba grande era simplesmente a visão do paraíso.

Paraíso não, inferno. Christopher era o perfeito "moleque-homem" (ou "homem-moleque"). Ele tinha aquele ar brincalhão de menino, que era o contraste perfeito daqueles gestos e aparência madura de homem. Ele conseguia ser simples e eu amava aquilo. Ele era completamente diferente de mim.

— Você parece com a mente em outro lugar... — Chris repetiu exatamente o que eu havia falado para ele na noite passada, sem deixar de

PERIGOSAS ACHERON

sorrir presunçosamente.

Eu não sabia o que responder, não queria dizer a verdade sobre o que eu pensava, então sorri e dei um rápido selinho em sua boca, afinal, tínhamos acabado de acordar e eu não deveria estar com o hálito muito agradável. Em seguida, pulei da cama e entrei em minha suíte.

Lavei meu rosto com a cabeça baixa e quando levantei vi Christopher estava atrás de mim pelo espelho, mas ele não encostou seu corpo no meu. Seu peitoral estava vermelho com algumas marcas de meu lençol e outras de minha unha. Seu rosto estava tentador, como sempre. A barba de Chris estava desarrumada, pior ainda era o estado de seu cabelo.

— Você está linda! — ele me disse com a cara mais lavada do mundo, como se eu fosse acreditar nele.

Eu estava horrível. Meu cabelo estava com uma forma estranha, meu rosto estava vermelho, minhas poucas sardas estavam bastante visíveis. Felizmente na noite anterior eu tinha tirado toda minha maquiagem, porque senão ela mancharia todo meu rosto. Eu não estava acostumada comigo mesma sem maquiagem, me achava sem graça, diferente demais, Chris parecia gostar quando eu estava assim tão natural.

— Você também! — e era verdade.

Chris estava lindo, nu e perfeito, como só ele poderia ser.

Ele gargalhou e me abraçou por trás, fazendo eu sentir seu pau ereto encostar em minhas costas. Descansei minha cabeça em seu ombro e continuei ouvindo sua risada deliciosa agora em meu pescoço.

— Eu estou tudo, menos lindo. —

Christopher ria tanto que me fez rir também.

Sim, minha manhã de domingo não foi mal humorada, longe disso. Chris e eu fizemos toda nossa higiene em minha suíte, enquanto eu tomava banho, ele escovava os dentes e vice-versa.

Eu penteei o cabelo dele e ele o meu, foi hilário. Christopher tinha prática por também ter cabelo um pouco comprido. Eu até aparei sua barba que já estava ficando grande demais.

Almoçamos outros congelados que havia em minha geladeira, e no cair da tarde chamamos Benny e Ian para jantar com a gente, dessa vez estávamos devidamente vestidos.

Benny enfim estava com seu carro consertado e ele foi prontamente buscar Ian em sua casa, para adiantar para os dois, já que Ian não sabia meu endereço.

Eles chegaram rapidamente e ambos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

perguntaram o que tinha para comer, eu e Chris rimos e quase em uníssono dissemos: nada. Chris e eu já tínhamos comido todos os congelados.

Benny e Ian acabaram rindo também, enfim pedimos comida italiana, eu e Chris insistimos em pagar, já que eles eram nossos convidados, logo depois Chris insistiu para pagar sozinho, no fim eu cedi e Christopher pagou, mas Benny e Ian também. Sim, todos machistas! Não me importei, mas eu não lavaria os pratos sozinha. Nunca!

O nosso jantar foi muito agradável. Éramos todos tão diferentes, mas estávamos todos reunidos juntos como bons amigos.

Algumas vezes eu me pegava olhando para Chris com um sorriso estúpido em meu rosto, algumas dessas vezes ele também olhava-me, sorrindo presunçosamente e piscando para mim, com aqueles seus olhos pretos da perdição. Conclui

PERIGOSAS ACHERON

novamente que eu estava perdida, porque eu não conseguiria me afastar dele tão facilmente.



Era tarde da noite e eu estava sozinha em casa. Benny não ficou porque me disse que tinha um encontro e eu não discuti, apenas pedi para ele avisar quando chegasse em casa. Eu continuava preocupada com ele, sua aparência não estava das melhores, mas ele não parecia doente, não visivelmente, pelo menos.

Ian foi embora com Benny, pegando sua carona, e Christopher decidiu fazer o mesmo. Acho que Christopher queria respeitar meu espaço pessoal, se eu pedisse para ele ficar, eu sabia que ele ficaria. Embora eu não pedi para ele ficar,

amanhã era segunda e com isso outra semana de trabalho. No fim todos foram embora juntos, aproveitando a carona de Benny.

Aproveitei meu tempo sozinha para tomar um banho relaxante em minha banheira, embora eu já estava bastante relaxada, porém ficar mais não faria mal. Depois de meu banho vesti meu habitual roupão cor de vinho da noite passada e estava pronta para deitar em minha cama, assistir algum filme que passaria em algum canal e provavelmente dormir...

Nesse instante a campainha tocou.

Só seria Benny ou Chris, já que a portaria não tinha ligado para avisar da entrada de ninguém. Benny para me contar de seu encontro ou Chris desistindo de dormir em sua casa.

Peguei meu celular em cima da cama e olhei para o visor, nenhuma mensagem, nem de Benny,
PERIGOSAS ACHERON

nem de Chris.

Amarrei meu roupão firmemente em meu corpo e joguei meu celular novamente em minha cama, descendo as escadas para ir até a porta.

Minha porta não tinha olho mágico. Não achava que precisava, existia portaria para eu saber quem entrava ou não. Sendo assim, destranquei-a e abri o suficiente para enxergar bem quem estava do outro lado.

Não tive reação! *Nenhuma*. Ele continuava tranquilamente parado em frente à minha porta, como se esperando eu convidá-lo para entrar, quando percebeu que eu não faria isso, ele entrou, me empurrando devagar para trás. E eu continuei sem reação!

Dentro de minha casa estava Christopher com um semblante sério, quase assassino e um olhar fodidamente azul.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

XLVIII



Não queria que Agatha se sentisse sufocada, por isso eu havia resolvido ir embora, pegando a carona de Benny.

Ian resolveu dormir em minha casa e nela Benny

nos deixou.

Eu e Ian assistimos a um filme, conversamos e comemos macarrão com frango, já que era única coisa que Ian e eu sabíamos fazer. Ian disse que como ele era convidado eu deveria dormir na sala e deixar a minha cama para ele, mas eu rebati dizendo que não tinha chamado ele para minha casa. Obviamente Ian não se ofendeu, pelo contrário disse que eu ia pagar. E paguei horas depois.

Eu sabia que seria péssimo para Ian dormir no meu humilde e pequeno sofá, ele era maior que eu, tanto em largura como no tamanho. Mas eu não deixaria minha cama para ele.

Eu já estava dormindo em minha enorme e confortável cama quando senti ela rebaixar, me assustei e quando me virei dei de cara com Ian

sorrindo.

— Eu não vou dormir no sofá! Incomodados que se mudem! — com isso ele ficou de costas para mim, se afastando o máximo possível de meu corpo, Graças a qualquer santo por isso.

Minha cama era cheia de travesseiros, então, por prevenção, coloquei dois entre nós e fiz exatamente como Ian: fiquei de costas para ele e me afastei ao máximo de seu corpo.

Não demorei muito para pegar no sono e acordar rapidamente. Ian roncava e muito alto. Ele ainda por cima dormia de barriga para cima. O sacudi, primeiro levemente, depois mais forte, ele despertou me olhou com um olhar assassino e sorri.

— Você ronca! — esbravejei.

— Você também! — então fechou os olhos como se nada tivesse acontecido.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não! Eu não ronco, se rocassem a Agatha já teria me dito e me mandado dormir bem longe dela... Melhor! Ela colocaria um esparadrapo em minha boca.

— Sorte sua! — Ian disse sem abrir os olhos, mas pedi para ele deitar de lado (minha tia dizia que assim o ronco não se tornava tão alto) e ele me obedeceu resmungando.

Sim, talvez a situação que eu me encontrasse não fosse a mais viril possível, afinal tinha um homem dormindo só de bermuda ao meu lado — e eu estava vestindo uma calça de pano grosso — embora nada disso me incomodava. Ian era meu irmão.

Estúpidos eram aqueles que ainda tinham preconceito e homofobia. Nunca entendi porque as pessoas tinham preconceito com a orientação sexual da vida alheia.

PERIGOSAS ACHERON

Se você não gosta, você simplesmente não imita.

Nada disso me incomodava, porém algo parecia fora do lugar. Ian ainda roncava, mas baixo, não estava me irritando também. Algo estava errado, eu podia sentir. Não era nada com Ian, ele estava ao meu lado e completamente bem, poderia ser com todas as outras pessoas em minha vida e isso me assustava ao ponto de tirar meu sono.

Um certo alívio me dominou ao pensar que não seria nada com Agatha também. Eu a tinha deixado em casa, bem e segura. Embora Benny tinha saído para algum encontro e eu não tinha como falar com minha tia, nem Júlia, nem meu pai a essa hora da noite.

Tentei relaxar, não deveria ser nada...

Dormi mal o resto da noite e fui acordado por

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ian balançando-me pelos ombros. De fato ele não conseguia ser menos bruto.

— Preciso tomar café, — ele começou sem nem me dar um "bom dia" — e não sei onde tem nada em sua casa.

— Você não sabe onde tem nada na sua, quiçá na minha.

Ian assentiu me fazendo rir.

Depois de Ian me deixar usar o banheiro “primeiro”, (pois ele já tinha feito toda sua higiene da manhã), eu fui para a cozinha, achando o pó do café e o açúcar.

Ian fez o café e surpreendentemente não estava ruim. Ele me disse que amava café preto e que isso era a única coisa que ele fazia realmente bem quando se tratava de fogão e panela.

— Tenho uma novidade! — Ian falou

PERIGOSAS ACHERON

enquanto saíamos da cozinha e nos sentávamos no sofá, mas quando percebi que o sofá estava bastante apertado, resolvi me sentar no chão com minha xícara de café e pão.

— Boa? — perguntei com a boca cheia do pão que comia e levantando minha cabeça para olhá-lo nos olhos.

Ian parecia feliz, muito feliz e, com certeza, sua novidade era boa.

— Eu não te contei antes porque sentia que a qualquer momento eu desistiria e...

— Pare de enrolar homem! — o interrompi.

— Eu comecei um curso a distância... — Ian revelou e eu quase derramei meu café preto e quentíssimo em mim.

— Isso é ótimo! Começou quando? Qual curso? — eu estava verdadeiramente empolgado

por ele.

— Enfim... — Ian parecia sem graça. Ian, sem graça? Eu deveria estar louco — Educação Física... Comecei há mais ou menos 5 anos. E eu me formei este mês, até já peguei o certificado.

— COMO? — eu gritei, gritei mesmo.

Não sabia se eu ficava feliz por ele ter se formado ou desapontado por não ter me contado antes, *bem antes*, tipo há cinco anos quando nós nos conhecêssemos.

— Desculpe não falar antes! — ele parecia realmente triste, tanto que ficou cabisbaixo esperando eu berrar e brigar.

Não fiz nenhuma coisa, nem outra. Coloquei minha xícara de café no chão, junto com meu resto de pão que estava agora em um prato e me levantei abrindo meus braços para abraçar e comemorar com meu amigo.

Ian primeiro me fitou de um jeito abismado, depois sorriu e pôs sua própria xícara de café no braço do sofá, para enfim me abraçar.

— Estou muito orgulhoso de você! — disse enquanto nos abraçávamos e nos afastávamos logo em seguida — Precisamos comemorar, porra!

Ian assentiu sorridente.

Ele me explicou, mesmo sem eu perguntar, o porquê de não ter me dito antes. Ian era o tipo de homem que esperava tudo estar em seu devido lugar para acreditar enfim que realmente aconteceu e somente então ele sentia-se na liberdade de contar para quem quer que fosse. Ele me confirmou também que essa era a única coisa que eu não sabia de sua vida. Sabia e conhecia bem a família de Ian que era tão louca e acolhedora como ele.

Decidimos comemorar em algum barzinho em breve, talvez nesse fim de semana. Ian não

PERIGOSAS ACHERON

sabia, mas eu chamaria Júlia, querendo ele ou não, para comemorar com a gente. Eu tinha certeza que Júlia conseguiria tempo suficiente para vir para cá e voltar a tempo, ela faria isso, eu sabia que faria. Júlia não faria isso por mim, mas sim por Ian. No momento que eu contasse a novidade, ela daria um jeito de vir para a capital por Ian.

Era quase tarde quando Ian resolveu ir para seu apartamento, todo empolgado ele me disse que nessa semana já começaria a se auto divulgar. Ele queria trabalhar como personal trainer, de saúde e fitness, e ele conhecia pessoas suficientes para sempre ter um cliente, principalmente mulheres.

Não fui para a academia, resolvi ficar em casa e pensar sobre o que eu faria da minha vida. Eu era um modelo, que enfim estava sendo observado e ganhando muito bem com isso, mas eu queria algo mais. Algo estável. Algo que não

dependesse de minha aparência. Eu não sabia o que eu faria, eu não conseguia me imaginar fazendo nenhum curso em uma faculdade, talvez algum cursinho profissionalizante por fora, mas nada além disso. Eu não me encontrava em nenhum lugar e eu já não era mais um adolescente.

Eu continuava em meu apartamento e já era fim de tarde quando a campainha tocou. Eu estava estudando uma série de possíveis profissões para meu futuro próximo, infelizmente, nada me chamou atenção.

Levantei-me de minha cama e fui atender a porta. Só poderia ser Ian ou Agatha, pois o porteiro nem sequer se deu ao trabalho de interfonar, sabendo ele que os dois tinham passagem direta.

Abri a porta e involuntariamente sorri, mas meu sorriso não demorou muito para ser desfeito, indo da alegria à seriedade em uma fração de

segundo.

Agatha estava parada na minha frente com um semblante péssimo. Nada de bom poderia vir dela. Lembrei-me da noite anterior quando eu não conseguia dormir pensando que coisas ruins estavam acontecendo e parecia que eu não estava errado.

— Benny está bem? — foi a primeira coisa que passou pela minha cabeça e meu coração se apertou.

— Sim... — a voz de Agatha estava arrastada, abalada e triste.

Puxei ela para dentro de meu apartamento, fechando a porta logo atrás. Acaricieei seu rosto com minhas mãos e ela fechou os olhos aproveitando meu toque, como se não o tivesse quando quisesse.

— O que aconteceu? — quando Agatha abriu seus olhos azuis não havia mais emoção nenhuma

PERIGOSAS ACHERON

ali.

Agatha vestia um jeans justo, acompanhado de um salto alto e uma camisa regata com um decote generoso e foddidamente tentador. Seu cabelo estava perfeitamente arrumado em um coque. Sua maquiagem estava perfeita, apenas seu olhar parecia desigual. Eu já a conhecia bem para saber disso. Algo estava muito mais errado do que eu havia imaginado.

Minha Ruiva, que hoje não parecia nenhum pouco "minha" se afastou de meu toque, dando dois passos largos para trás. Ela nunca tinha reagido dessa forma comigo, ela nunca tinha rejeitado meu toque e aquilo me assustou mais do que eu gostaria de admitir.

Franzi meu cenho esperando ela começar, seja o que for, que veio falar. Eu achava que estava preparado para qualquer coisa, menos para o que

PERIGOSAS NACIONAIS

ouvir a seguir, da forma mais dura e dolorosa possível:

— Então Christopher, foi divertido enquanto durou, mas acabamos por aqui.

PERIGOSAS ACHERON

XLIX



Christopher Stuart! O próprio,

pai de *meu* Chris estava em minha casa. E eu não precisava ser vidente para saber que ele não estava por um bom motivo.

Quando ele começou a falar sua voz foi aguda e brutal:

PERIGOSAS ACHERON

— Eu quero que você se afaste de meu filho.

Minha mente começou a divagar, pensando em como ele havia entrado em meu condomínio, se eu pessoalmente tinha proibido sua entrada. Depois de analisar toda essa situação eu enfim consegui digerir o que Stuart me pedia.

Ele queria que eu me afastasse de seu filho. Stuart queria que eu me afastasse de meu Chris. Eu não conseguiria fazer isso. Eu não podia! Muito menos queria. Chris era o homem perfeito, e eu tão errada do jeito que era ainda não entendia como alguém como ele estava ao meu lado.

— Acho que você não entendeu bem o que eu acabei de dizer. — ele afirmou fuzilando-me com seu olhar azul — Eu quero você longe de meu filho! Bem longe! Faça-o odiá-la para ele não tentar se aproximar novamente.

Meu Chris era muito parecido com seu pai,
PERIGOSAS ACHERON

infelizmente. A única enorme diferença (além do estilo de cada um) era os olhos, enquanto Chris tinha olhos pretos, Stuart tinha os olhos de um azul profundo.

Stuart não tinha barba também, seu cabelo era bem cortado e bem engomadinho. Ele vestia-se como um executivo, por exemplo agora ele se parecia um executivo em seu traje casual: calça caqui e camisa polo.

— *Siren*, — Stuart estava com suas mãos em meus ombros, sua voz me causava nojo, mas eu não conseguia me afastar. Estava em choque, principalmente por ouvir meu antigo apelido quando era uma modelo de passarela. — você está bem, querida?

Afastei-me dele não mais em choque.

— Não me chame assim! — esbravejei — Eu não sou a Siren há anos.

PERIGOSAS NACIONAIS

Siren ou Sereia, não fazia diferença, tinha sido o apelido perfeito para as pessoas me reconhecerem. Era um trocadilho por eu ser ruiva como a sereia Ariel, mas também se encaixava por sereias serem conhecidas e imaginadas como mulheres sedutoras.

— Para mim você sempre será a Siren, e eu posso fazer com que meu filho sabia dela também... Afinal, aposto que você nunca pensou em dizer seu passado a ele, não é?

Gelei com a ameaça de Stuart.

— Chris não precisa saber de nada... — sacudi minha cabeça e cruzei meus braços.

Esse homem não poderia me colocar para baixo. Eu era Agatha, uma mulher bem-sucedida, reconhecida e respeitada.

— Afinal, como você soube de nós?

PERIGOSAS ACHERON

— O comercial. — Stuart respondeu simplesmente e minha ficha caiu.

O comercial sobre os preservativos que eu fiz com Chris não estava pelo mundo todo, mas internet existia para isso e em algum momento Chris deveria ter comentado sobre para seu pai, fazendo ele procurar, assistir e me ver.

— E com esse comercial você tirou suas conclusões de que eu estava com seu filho?

— Siren, — Stuart abriu um sorriso assassino, sabendo o quanto me incomodava aquele apelido enfadonho — meu filho e eu temos bom gosto. Somos parecidos em vários aspectos, você já deve ter percebido isso. Eu sabia que ele se interessaria por uma mulher como você, — ele se aproximou mais de mim, fazendo eu sentir sua respiração em meu rosto — assim como eu.

— Saia da minha casa! — berrei empurrando

Stuart para longe de mim — A propósito como você entrou aqui?

Ele deu de ombros.

— Eu falei apenas que meu nome era Christopher e mostrei minha identidade. Sua portaria não é muito eficaz.

— Saia! — empurrei ele ainda mais.

Stuart nem se abalou, ele mesmo abriu minha porta e antes de sair, mais uma vez, fuzilou-me com seu olhar azul.

— Eu te darei o dia de amanhã para terminar com meu filho ou contar tudo a ele. Se você terminar, cortando todo o interesse dele por você, eu não contarei nada para ele sobre você, e se você contar e ele escolher ficar do seu lado, o problema é dele, prometo não me envolver. Porém, se você não fizer nenhuma coisa, nem outra, na terça eu contarei tudo e ele te odiará de qualquer forma.

PERIGOSAS NACIONAIS

Stuart tinha razão, Chris me odiaria de qualquer forma, restava eu fazer o que fizesse ele me odiar menos.

Quando Stuart foi embora e eu liguei para a portaria me certificando do mesmo e novamente proibindo sua entrada. Depois disso eu me senti mais segura, porém meu peito estava apertado sabendo o que eu deveria fazer. Eu tinha consciência que eu me arrependeria, mas não tinha nada que eu pudesse fazer quanto a isso.

Eu tinha que terminar com meu Chris da forma mais insensível e dolorosa possível. Apenas desse jeito ele iria me odiar e se afastar de mim. Eu não queria que ele me odiasse, longe disso, mas precisava ser feito.



PERIGOSAS ACHERON

Minha segunda-feira foi uma merda!

Benny tentou me animar, mas nada seria suficiente para aplacar meu mal humor. Um pouco depois de Stuart ir embora na noite anterior, Benny havia me mandado uma mensagem avisando que estava bem e em casa, mas eu nem fiz questão de responder, acabei indo dormir.

Benny me perguntou mil vezes o que estava acontecendo, resolvi não dizer nada por hora. Ele me conhecia muito bem para saber quando algo estava fora de lugar. E como estava!

Eu precisava falar com Chris antes de tudo, então pela primeira vez em minha vida, eu escondi algo de Benny. Não queria que ele se preocupasse comigo, quando já tinha suas próprias preocupações.

— Baby, — Benny estava entrando em
PERIGOSAS ACHERON

minha sala e já era fim de tarde, em breve eu estaria indo embora para o apartamento de Chris e isso me enjoava só de pensar — amanhã os resultados dos meus exames estarão prontos, se você não quiser ir comigo, eu...

— Não! — esbravejei cortando-o e levantando-me indo até meu amigo — Eu disse que eu iria e eu vou, Benny.

Ele sorriu automaticamente me fazendo sorrir ao ver seus olhos caramelos brilharem e suas covinhas aparecerem.

— Eu te amo baby, quando quiser conversar você sabe como me encontrar. Sempre!

— Eu também te amo, muito e você sabe. — abracei Benny apertadamente, logo em seguida ele foi embora.

Benny era o melhor amigo que alguém poderia pedir. Ele não insistia para que eu falasse,
PERIGOSAS ACHERON

fosse o que fosse. Ele não brigava, só quando queria me sacudir para a realidade. Ele sempre estava do meu lado, mesmo se eu estivesse errada em qualquer situação. Não teria como não amá-lo.

Pouco tempo depois eu estava em frente ao prédio de Chris. Engoli em seco antes de entrar. Cumprimentei com um leve aceno de cabeça o porteiro. Ato que eu nunca havia feito antes de Chris, mas ele era sempre tão educado com todos, mesmo os subalternos, que me fazia ficar assim quando estava na presença dele e outras vezes, como hoje, mesmo sem ele.

Entrei no elevador meio velho, apertando o botão para o andar de Christopher e sentindo minhas mãos trêmulas.

Eu não tinha nenhum problema com locais fechados, mas hoje parecia ser uma exceção a isso. Estar naquele elevador pequeno com pouco luz

estava me fazendo sentir doente. Embora eu gostaria que faltasse energia em todo o prédio ou só nesse elevador para eu ter uma desculpa para não precisar ir falar com Chris.

Christopher sorriu para mim assim que abriu a porta, mas seu sorriso foi rapidamente desfeito ao ver meu semblante. Chris perguntou se Benny estava bem e qual era o problema, respondi de um jeito mecânico, mas assim que ele me puxou para dentro de seu apartamento e me tocou, eu enfraqueci. Cerrei meus olhos e respirei fundo.

Precisava acabar com aquilo de uma vez por todas!

Dominei uma força, da qual eu nem sabia que tinha e me afastei de Chris, como se seu toque me queimasse. Quando abri meus olhos eu sabia que eu não estava mais com o olhar triste de antes, percebi isso claramente pela forma como

Christopher me olhou e logo franziu o cenho.

Eu sabia o que tinha que ser feito e como tinha que ser feito, mesmo que isso me matasse um pouco por dentro, disse:

— Então Christopher, foi divertido enquanto durou, mas acabamos por aqui.

Eu tinha sido dolorosamente dura, não apenas isso, brutal, cruel, horrível, desprezível...

Eu esperei Christopher discordar, discutir, gritar, brigar, xingar, até me mandar ir para o inferno, menos fazer o que ele fez a seguir: sorrir.

Não, ele não sorriu um daqueles sorrisos felizes, ele sorriu tristemente e me abraçou. Seus braços fortes passaram em volta de meu pescoço e cintura, cobrindo-me por inteira. Ele estava me protegendo, me acolhendo.

Eu estava tão sem reação que nem sequer o

abraçei de volta, mas isso não fez com que ele se afastasse, pelo contrário, ele me apertou mais.

Pela primeira vez em anos, eu queria chorar. Meus olhos estavam marejados, eu podia sentir. Eu não queria que ele fosse embora, eu não queria acabar com o que tínhamos, embora eu precisasse. Infelizmente!

A vida era assim mesmo: difícil para uns, pior para outros. Não tínhamos tudo o que queríamos e muitas vezes nem tudo o que precisávamos. Eu tinha tudo que eu precisava: dinheiro, um bom amigo e sucesso, mas não tudo o que eu queria.

Eu nunca pensei que eu, Agatha Lancellotti, um dia pudesse querer tanto uma pessoa, como eu queria Christopher.

Christopher era tão fodidamente perfeito, e tentador, que me fazia pensar em como pessoas

PERIGOSAS ACHERON

como ele e Benny ainda gostavam de mim. Logo eu que sempre fui tão errada...

— Por que não conversamos antes de qualquer atitude precipitada? — Chris se afastou de mim e me guiou até o sofá, onde ele se sentou ao meu lado, sem afastar suas mãos da minha.

Eu estava a ponto de desistir do que vir para fazer, me redimir, mentir a favor de nós, mas balancei minha cabeça para afastar qualquer possível recaída.

— Eu já estava com isso em mente há algum tempo. — menti afastando as mãos de Chris da minha e o olhei nos olhos dele, para ele acreditar em todas as minhas mentiras — Era óbvio que isso entre nós não duraria muito mais tempo, eu e você não somos compatíveis e nem um pouco parecidos...

— E isso não significa nada, Ruiva. — Chris

cortou-me.

— Para mim significa. Estava claro que depois da propaganda de preservativo e das de cueca, não teríamos mais nada que nos ligassem. Não temos porquê continuar.

— Não temos porquê continuar? — ele repetiu, como uma pergunta, o que eu tinha acabado de falar de uma maneira tão triste que me fez entristecer ainda mais.

— Não, Christopher! Por que continuaríamos? Essa história por si só é ridícula. — falei da forma mais impiedosa que eu conseguia.

Como se não me doesse, como se não fosse nada, como se eu não estivesse com o coração quebrado.

— Ridícula? — Chris levantou-se do sofá e começou a dar voltar na minha frente enquanto passava suas mãos pelo seu cabelo — Eu pensei

PERIGOSAS ACHERON

que você gostasse um pouco mais de mim, que tivesse alguma consideração comigo! Nunca esperei por isso vindo de você.

Ele não parecia irritado, parecia frustrado, triste, desolado, surpreso, abalado... Tudo, menos irritado. Seu tom de voz mal saia de um sussurro fraco, era audível graças a muita concentração.

Suas palavras eram como lâminas, que, mesmo sem querer, me cortavam. Lembrei vagamente de uma música, que dizia em algum momento a seguinte frase: "Cicatrices não saram quando você continua cortando".

Como na frase, eu não poderia mais cortar, deveria enfim me deixar sarar. Mas como, se tudo que eu mais queria nesse momento era continuar ao lado de Chris e dizer que tudo não passou de uma brincadeira sem graça?

Abri a boca para continuar com minha

estúpida atuação, quando Chris parou de dar voltas e me olhou profundamente nos olhos. Seu olhar âmbar naquele momento não era uma perdição e sim um olhar perdido. Meu coração falhou uma batida ao saber que aquilo era culpa minha.

— Por favor, vá embora!

Sai do apartamento de Chris com o nariz em pé, embora assim que ele fechou a porta atrás de mim tornei-me cabisbaixa.

Meu Chris, que não era mais nem um pouco meu, me odiava. E eu me odiava ainda mais.

PERIGOSAS NACIONAIS

L



I WAS ONCE POSSIBLY, MAYBE,
PERHAPSBOY KING

— Asking Alexandria

(EU ERA POSSIVELMENTE, TALVEZ,
UM REI COWBOY)

"Eu me vi ali esperando no acostamento

Me sobrando nada além de um saco para

PERIGOSAS ACHERON

cadáveres e as roupas que eu vestia

Sem nome, sem história

*Só um alvo na minha têmpora e um buraco
na minha cabeça*

Eu posso ter sido um dos reis

*Os restos de um menino do homem que eu
costumava ser*

Um macaco fantasiado de homem

*Eu fico aqui como se não valesse nada para
você*

Aumente meus ânimos e me veja ir [...]

*Cicatrizes não saram quando você continua
cortando"*

Quando Agatha saiu de meu

PERIGOSAS NACIONAIS

apartamento eu fiquei totalmente perdido.

Era engraçado como mesmo eu tendo a consciência de que Agatha nunca foi minha, eu sentia que havia a perdido. E era péssimo essa sensação!

Na manhã seguinte eu só acordei porque minha campainha tocava e descontroladamente.

Levantei da cama e vesti uma bermuda (só estava usando uma cueca) para ir atender a porta.

— Estou indo! — gritei caminhando até a porta.

Quando abri, meu sorriso, que antes estava morto, retornou de imediato.

— Surpreso? — meu pai disse, entrando em meu apartamento e me abraçando.

— Claro! Você nem me avisou que vinha!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Conversar com meu pai era simples, informal e apaziguador. Não havia isso de "senhor" com a gente. Conversar com ele, era como conversar com um amigo, tão tranquilo quanto conversar com Ian.

— Eu cheguei no domingo à noite, passei em um hotel e depois resolvi alguns problemas, ontem passei o dia todo descansando da viagem. — meu pai explicou, colocando uma mala (que eu ainda nem tinha visto) em um canto de minha sala.

— E não pensou em me mandar uma mensagem ou me ligar avisando?

— Sim, mas eu preferi não fazer isso.

Sorri mais amplamente para meu pai.

Meu velho tinha alguns imóveis, mas ele alugava todos. Sempre quando ele vinha para cidade ele ficava em meu apartamento, segundo ele, cortava muitos gastos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Se ele fosse ficar por poucos dias em um local, um hotel era o melhor. Se ele fosse ficar por mais de um mês era melhor alugar uma casa, mas muitas vezes ele alugava por um trimestre e ficava algumas semanas. Todos os seus imóveis já tinham inquilinos, e comprar para não alugar era perda de dinheiro para quem não tinha tanto assim.

Algumas vezes ele me perguntava se eu não aceitaria um novo apartamento, mas deixando claro que sempre que ele viesse à capital ele ficaria nele. Eu desconversava. Eu já estava pensando em me mudar para um apartamento maior, mas não queria que meu pai comprasse. Minha casa sempre estaria de portas abertas para ele, independente dele comprar ou não o apartamento. Eu iria me sentir morando novamente com ele, mesmo que ele mal parasse em casa.

E se eu por algum motivo não quisesse ele

PERIGOSAS ACHERON

em casa? Eu não poderia discutir, afinal, o apartamento seria dele e não meu.

Nunca me sentiria bem assim. Em breve, se as coisas continuassem andando da maneira que estavam, eu poderia financiar um novo imóvel. Que seria totalmente meu.

Meu velho se acomodou rapidamente em meu apartamento enquanto contava sobre sua viagem, suas mulheres, seus eventos, trabalhos, anúncios... tudo.

Eu amava isso de meu pai, como ele sempre respondia as coisas que eu nem sequer tinha perguntado. Era como se soubesse o que eu queria e precisava saber.

Estava feliz por ter ele ali, mesmo que em meu peito habitava uma dor aguda, nova. A dor de não apenas ser chutado, mas ser chutado daquela maneira, por uma mulher como Agatha. Uma

mulher que eu queria ficar por mais tempo.

Eu tentava não pensar em minha Ruiva, mas era como se houvesse um fio invisível que sempre fazia-me pensar nela.

Eu queria ter ouvido sua ira, sua grosseria, seu mal humor, porém não seu desprezo. A maneira como ela havia dito que nossa relação era "ridícula" doeu. Eu me senti sendo descartado, desprezado como um brinquedo que acabou a pilha e ninguém tem intenção de pôr uma nova.

Agatha não me deu muitas explicações, eu ainda achava que havia algo de muito errado. Ninguém acaba algo que está bem assim, do nada, sem um real motivo, só com a desculpa cruel de que era óbvio que não renderia mais nada.

Mesmo com muitas coisas sobre Agatha passando em minha mente eu não queria pensar nela, pelo menos não por algum tempo. Remoer

nossa conversa era um tanto doloroso e desnecessário. Eu precisava desligar meu cérebro desse tipo de coisa por hora.

Quanto mais eu tentava esquecê-la, mais eu lembrava dela.



O resto da semana passou rapidamente e quase mecanicamente se não fosse pela presença contínua de meu pai e de Ian em meu apartamento. Embora eu não mentiria, Agatha estava fazendo uma grande e dolorosa falta. Os dias estavam sendo mais difíceis do que eu poderia imaginar.

Não demorou muito para eu contar a meu pai toda minha "relação" com Agatha. Percebi que ele pareceu um tanto quanto chocado quando contei

PERIGOSAS NACIONAIS

tudo. Não entendi o motivo exato de seu choque, se era pelo fato que eu estava me "relacionando" com uma mulher mais velha ou se era porque eu estava mal por ela ter me chutado e sem raiva nenhuma, apenas tristeza.

Em um momento achei que meu pai esperava que eu não sentisse nada demais por Agatha e que esperava que eu estivesse puto da vida por ela ter sido tão grossa e sem mais explicações comigo. Cheguei a explicar para ele que ela sempre foi assim e não mudaria totalmente por mim (mesmo que ela nunca tinha sido tão grossa comigo, só sincera ao extremo).

Meu pai não compreendeu, ficava apenas mais escorregadio comigo, quase fugindo dos assuntos que envolviam à Agatha e sua agência. Em um dia eu questionei o porquê dele nunca ter me falando sobre a Hot Help e mais uma vez meu

PERIGOSAS ACHERON

pai foi escorregadio em sua resposta não muito clara.

Quando comentei que em breve eu iria procurá-la meu pai se sobressaltou, dizendo que eu não deveria fazer isso, depois, ao ver meu espanto, ele sacudiu sua cabeça e falou que ela que deveria me procurar, já que havia sido ela que tomou a decisão de terminar o que nem havia ainda começado.

Deixei o assunto Agatha de lado e decidi me focar na comemoração de formatura de Ian, afinal, independente dos meus problemas atuais, eu continuava bastante feliz por Ian.

Meu pai riu bastante quando eu contei sobre o caso não declarado de Ian e Júlia, e que chamaria Júlia para a comemoração de Ian. Melhor ainda, como seria muito em cima da hora, ela não ficaria em um hotel qualquer e também não havia espaço

PERIGOSAS NACIONAIS

para ela em meu apartamento, (já bastava dormir na mesma cama que meu pai), sobrava o cavalheirismo de Ian (eu sabia que ele tinha esse cavalheirismo em algum lugar dentro dele) para convidá-la para seu apartamento, onde, como o meu, só tinha um quarto e um sofá nada confortável.

— Eu não acredito! — Ian disse abraçando meu pai, quando descobriu na quinta-feira que ele tinha reservado para o sábado à noite, para sua comemoração de formatura, dez lugares em um dos melhores restaurantes da capital.

Até eu tinha ficado surpreso, mas a reserva era merecida. Ian merecia esse presente com tudo pago para ele. Claro que Ian ficou um pouco contrariado quando meu pai disse que estaria tudo por conta dele, mas no fim, sabendo Ian que não teria jeito, ele aceitou feliz.

PERIGOSAS ACHERON

Eu até pensei em convidar à Agatha, mas depois desisti, convidei Benny e Vicky, convidados dos quais Ian também conhecia e gostava. Não disse a ele que convidaria Júlia e ele não falou o nome dela em nenhum momento.

No fim as reservas ficaram para: eu, meu pai, Ian, Benny, Vicky, os pais de Ian e Júlia, sobrando apenas dois para quem Ian quisesse levar a mais. Ele colocou na lista o nome de uma mulher e de um de seus irmãos, (Ian tinha três irmãos, quatro com ele).

Pouco depois de eu mandar o convite para Benny e Vicky, Vicky confirmou sua presença, mas Benny me mandou uma resposta singela, dizendo que, infelizmente não compareceria, devido a um "probleminha" (segundo ele) de saúde.

Benny era o melhor amigo de Agatha, embora eu não acreditasse que ele recusaria meu

convite por causa dela, até porque meu convite envolvia Ian, uma comemoração para ele, e não para mim. Eu e Ian decidimos então que depois do jantar, domingo ou segunda, iríamos visitá-lo e ajudá-lo com qualquer problema de saúde que fosse. Ninguém mentiria com algo envolvendo saúde para recusar um convite informal.

Sobrava então mais uma reserva, da qual Ian rapidamente encaixou, colocando o nome de outra irmã sua que estava pela cidade a trabalho, algo que envolvia teatro.

Obviamente que para Ian ainda faltava mais uma reserva, que era a de Júlia, mas eu havia comentado vagamente que levaria uma mulher, Ian não discutiu, e nem perguntou quem era. Melhor.

Depois que eu, meu pai e Ian resolvemos tudo para o sábado, da roupa aos convidados, e Ian já tinha ido embora para seu apartamento, eu enfim

pude ligar para Júlia. Esperava que ela tivesse, no mínimo, dois dias de folga, pois só assim daria tempo para ela ir e voltar sem pressa.

Quando Júlia atendeu e depois de muita conversa com ela em alto-falante, para meu pai se manifestar também, ela pareceu uma mistura de surpresa por Ian e felicidade, depois disse que tentaria ir. Tentar já era um começo. Ela disse que tentaria trocar sua folga com uma colega. Eu expliquei que sua reserva já estava feita em seu nome, e disse o endereço do restaurante.

Esperava ansiosamente que ela fosse. Compreendia que sua nova vida como médica recém-formada era difícil, árdua e exaustiva, contudo, ela precisava em algum momento viver.

Todo mundo em algum momento precisava escapar da vida uniforme e viver, tentar viver bem, mesmo que a vida não fosse a mais maravilhosa de

PERIGOSAS NACIONAIS

todas. Viver bem não fazia mal a ninguém.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Extra

Hoje era um dia daqueles,

By Benny

Nunca tive uma terça-feira pior em toda minha vida quanto aquela que eu estava "protagonizando". Sim, eu estava protagonizando pela primeira vez e não de uma boa maneira.

Gostaria de protagonizar fazendo as pessoas rirem, mas eu acho que eu acabaria fazendo-as chorar. Não que eu quisesse fazer alguém chorar, muito pelo contrário! Eu detestava lágrimas. Eu ficava horrível quando chorava, meu nariz entupia e catarreava, e meus olhos ficavam vermelhos, minha pele era o caos quando essas malditas lágrimas resolviam descer. E quando começavam a

descer pareciam não querer parar mais. Felizmente, havia muito tempo que eu já não chorava.

Lembro das minhas lágrimas quando criança... Eram muitas! Porra de tantas lágrimas e motivos para chorar!

Meu pai batia em minha mãe. Espancava mesmo! E eu, filho único, sempre muito fraco e magro, não podia fazer nada. Ele parecia que queria que eu visse, que eu "aprendesse" como tratar "direito" uma mulher.

Falar "daquele homem" era sempre assim, cheio de aspas. Ele não merecia o título de pai.

Tudo já era ruim antes em casa, piorou quando minha mãe fugiu. Sim, ela fugiu e me deixou sozinho aos, sei lá, quinze anos, com aquele homem.

Ele quis me ensinar como "ser homem", vivia dizendo que era afeminado demais. Mal ele

PERIGOSAS ACHERON

sabia que eu, assim mesmo, "afeminado", poderia ensiná-lo a como ser um homem de verdade.

Suas lições começaram assim: um soco no braço para eu aprender a controlar a dor e não chorar. *Nunca chorar!* Homem para ele não chorava. Depois os socos começaram a espalhar para todos os lugares de meu corpo e com isso a dor era sempre maior, mas eu nunca poderia chorar.

Eu sempre soube cozinhar, para aquele homem isso prestava para fazer sua comida, mas era coisa de mulher, dona de casa que deveria fazer. Ele berrava ao dizer que quando eu me casasse minha mulher deveria fazer tudo para mim, como uma empregada e eu não iria ajudá-la, já que ela faria tudo por amor a mim.

Quando me assumi gay aos dezoito anos, levei mais uma surra de presente. E então eu aprendi a ser homem na visão daquele homem,

porque eu retribui. Eu bati em meu próprio pai.

Eu fugi de casa naquele ano, deixando ele sozinho com seu machismo e covardia. Eu sonhava em ser filósofo. Sempre gostei do que a filosofia e seus grandes nomes diziam. Eu me encaixava ali, mas não era o suficiente para viver.

No fim das contas a carreira que eu acabei entrando foi a de modelo. Jovem, bonito, estúpido, sonhador, eu era perfeito para os trabalhos que me eram proporcionados. E eu aceitei quase todos eles. Se eu não aceitasse, eu não teria dinheiro nem para comer.

Poucos anos depois recebi a notícia de alguém do meu antigo bairro que meu pai havia morrido de câncer, não fiz questão de saber qual, mas paguei seu enterro. Um enterro até digno demais para ele.

Em seu velório só tinha eu. Ele morreu sem

amor de ninguém, porque nunca cultivou nenhum.

Mais alguns anos se passaram e eu conheci a mulher da minha vida: Agatha. Naqueles tempos a conheci como *Siren*. Meu *baby* era linda, desde daqueles tempos. Carregava em seu olhar uma inocência sensual.

Eu sabia porque tantos homens a desejavam. Ela era a mistura perfeita de paraíso e inferno, de anjo e demônio.

"Baby", como eu comecei a chamá-la desde sempre, mudou bastante com o tempo, assim como eu, nossa inocência foi quebrada. Assim como eu, ela também era uma solitária. Filha única e sem pais, nós nos encaixamos de um jeito perfeito.

Agatha se tornou realmente a mulher da minha vida. Eu a defendi como um marido faria em diversas situações. De tanto que "aquele homem" me bateu, eu aprendi a rebater também, com isso,

defendi e bati por Agatha.

Ela merecia. Ela sempre mereceu.

Eu a amaria aonde quer que eu fosse e a defenderia até no inferno se ela precisasse de mim.

Agatha quis que eu fosse sócio de sua agência, mas eu não almejava isso. Afinal, eu quis por tanto tempo ser um filósofo, mesmo sabendo que não ganharia muito, então, repentinamente eu me tornei um modelo famoso, ganhei bem, ganhei mais do que eu precisava. Doei muito dinheiro, fui a diversos eventos filantrópicos, porém, infelizmente, alguns sonhos somos quase obrigados a deixá-los de lado, foi assim comigo em relação à filosofia.

Eu já tinha tudo que eu queria e precisava: uma boa casa, carro, amigos, sucesso, dinheiro, carreira.

Eu não queria mais do que eu poderia ter. E
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

eu me sentia velho para cursar agora filosofia e quem sabe ingressar nessa carreira, logo, acabei sendo realmente obrigado a deixar meu sonho de lado.

Hoje em dia eu tinha um sonho simples: de viver cada dia da melhor forma possível. E claro: nunca, nunca deixando de ler e estudar. Esse mundo das artes, livros, teatro, cinema, dança, me envolviam bastante, sempre tinha em minhas mãos um novo livro, um novo filme. Desse jeito eu levava minha vida, e nunca me queixava dela. Eu nem tinha do que me queixar; bem, não até hoje, nesta terça-feira de merda!

Enquanto eu esperava meu médico analisar todos os meus exames e me dizer qual era o problema — porque eu já podia pressentir que havia um — eu peguei uma folha de papel e uma caneta e comecei a rabiscar algumas coisas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu odiava hospitais! Por mim eu fugiria dali correndo agora como uma mulherzinha com medo de barata. Mas então eu olhava para o lado e via o rosto de meu baby me dando um sorriso encorajador fazendo seus olhos azuis brilharem.

Sua mão repousou na minha, me dando coragem. Por Agatha, eu teria coragem!

Para me distrair de tudo aquilo, voltei para meus rabiscos, com minha caligrafia não muito boa.

"Hoje era um daqueles dias, que, você é o protagonista, porém, você não queria ser.

Hoje era um daqueles dias, que, você tem que ser defendido, porém, você quer defender.

Hoje era um daqueles dias, que, você não sabe onde se meter, porém, sabe que tem que ir

PERIGOSAS ACHERON

para algum lugar.

Hoje era um daqueles dias, que logo você, que deixou de chorar pela dor física, tem vontade de chorar pela emocional.

Hoje era um daqueles dias, que, você sabia que, não era para levantar da cama, porém, você também sabia que os sonhos um dia acabam.

Hoje era um daqueles dias, que, você queria fazer todo mundo rir, porém, logo você tem vontade de chorar.

Hoje era um daqueles dias de dor, porém, você só queria amor.

Hoje era um daqueles dias, que, pareceu amanhecer triste com você.

Hoje era um daqueles dias, que, você queria consolar, não ser consolado.

Hoje era um dia daqueles..."

— Sr. Souza, — o médico me fuzilou com seu olhar, que me fez sorrir, não lembrava a última vez que alguém havia me chamado de "senhor", embora eu já fosse um homem de trinta e sete anos — não temos boas notícias sobre sua radiografia!

Para mim, parecia que tudo acabava assim: em dor, fosse ela física ou emocional.

LI



— *Não temos boas notícias sobre sua radiografia!* — foi o que o médico disse para Benny.

Involuntariamente meu coração se apertou em meu peito, podia até dizer que ele batia mais rápido, de uma forma quase desesperada pelo medo.

Era terça-feira, aquela da qual os resultados
PERIGOSAS ACHERON

de seus vários exames estavam enfim prontos. Por um momento egoísta eu desejei que os resultados tivessem demorado mais, para eu não necessitar ouvir aquela frase, de que tinha algo de errado com meu melhor amigo.

Meu querido Benny estava doente! Poderia ser uma gripe, mas eu estava com medo por ele, eu sabia o quanto ele odiava hospitais. Ele fazia de tudo para não ir, mesmo quando era necessário.

— Doutor, — Benny começou, retribuindo o olhar fuzilador do médico. Estávamos na sala do médico, eu e Benny sentados lado a lado, e o doutor do outro lado, os exames de Benny estavam espalhados na mesa. — pode ser direto! Eu não gosto de rodeios.

Esse era meu Benny, independentemente de qualquer situação, ele ria e era extremamente sincero, diferentemente de mim, ele nunca era

grosseiro, sempre acolhedor.

— Primeiro eu preciso saber se há em sua família algum problema hereditário. — falou o médico.

— Como por exemplo? — Benny parecia não tentar se abalar, embora eu soubesse que ele não sabia muito sobre sua família.

O médico hesitou, olhou para mim, depois para os papéis da radiografia em sua mão, respirou fundo e segundos depois voltou a encarar Benny.

— Como câncer, senhor Souza.

— Por favor, me chame de Benny.

— Então Benny, — corrigiu-se o médico — saberia me dizer se há ou já houve algum problema hereditário, como o câncer, em sua família?

— Não, eu não sei. — Benny respirou fundo e tossiu um pouco antes de completar — Mas meu

pai morreu de câncer.

— Qual?

— Eu não sei, eu não era próximo a ele.

O médico acenou como se entendendo tudo.

— Doutor, — falei pela primeira vez, fazendo tanto o médico, quanto Benny me encararem — qual é a má notícia na radiografia de Benny?

O médico mais uma vez hesitou.

Putaquepariu! Ele estava me matando!

— Por favor doutor, — Benny pediu — pode despejar tudo!

— Benny, — enfim o médico falou, olhando para mim brevemente, em seguida para meu amigo — sinto lhe dizer, mas constatamos em sua radiografia do tórax um tumor.

— Oh, — Benny riu como se aquela notícia
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não fosse nada demais — ainda bem que é um tumor, não dois.

Eu apertei a mão de meu amigo, da qual já estava segurando. Eu estava tão dormente que mal sentia sua mão na minha, porém naquele momento eu a apertei e ele segurou mais forte. Eu não sabia o que fazer, nem o que falar. Não sabia nem se deveria fazer ou falar algo.

Eu estava em choque e sentia pela mão fria de Benny que ele também, ele só não queria admitir.

— Tu-tumor? — achei minha voz para perguntar ao médico.

Benny riu um pouco mais, dessa vez foi um daqueles risos tristes, um daqueles risos que te fazem vontade de chorar. Seu riso soava quase como uma frase explícita daquelas de "só poderia ser comigo".

PERIGOSAS ACHERON

— Infelizmente sim.

— Então, é um...

— Câncer. — o médico interveio quando percebeu que eu não conseguiria completar, dizer aquela palavra doía — Câncer de pulmão.

Então a minha ficha caiu. Estava mais que claro o porquê da perda de peso de Benny, da tosse, da respiração com um pouco de falhas.

Benny tinha câncer!

— Constatamos que Benny tem o tipo de câncer de pulmão, CPC, ou seja, carcinoma de pulmão pequenas células.

— Qual o tratamento para esse tipo? — cortei-me e deixei o resto da pergunta no ar.

— O tipo CPC normalmente responde melhor à quimioterapia e à radioterapia. Isso se dá, parcialmente, porque o CPC frequentemente se

espalha muito cedo e esses tratamentos são melhores em atingir as células que já se deslocaram para outras partes do corpo. — o médico falava e falava, mas minha mente estava em outro lugar.

— Quimioterapia... — Benny disse de um jeito tão lento e triste que me doeu na alma.

O médico apenas assentiu.

— Sim, podemos fazer mais alguns exames para saber o grau da doença, se há risco dela se espalhar e começar a quimioterapia, se assim você preferir, o mais rápido possível.

— Eu não prefiro. — Benny me assustou a afastar sua mão da minha e levantar da cadeira abruptamente — Eu não vou fazer quimioterapia! — com isso ele saiu da sala, me desculpei ao médico e sai logo atrás de meu amigo.

Encontrei Benny indo embora, quase correndo do hospital. Puxei ele pelo braço, somente PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

assim ele virou-se para me olhar.

— O que é? — ele praticamente gritou e eu o abracei.

Benny não me correspondeu rapidamente, mas aos poucos, seus braços me apertavam.

— Não me diga que vai ficar tudo bem.

— Nem pensei em dizer isso. — respondi o que nos fez rir.

Não choramos, não fizemos nada além de sentir o outro.

Benny não era muito mais alto que eu, mas ele se abaixou para passar seus braços por minha cintura, como uma criança protegendo-se com a mãe. Eu nunca me imaginei como uma mãe, principalmente mãe de um homem de trinta e sete anos, mas naquele momento eu gostaria de ser tudo que ele precisasse.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Descansei minhas mãos em seu cabelo e acariciei, fazendo um cafuné, como imaginei que uma boa mãe faria.



Poucas horas depois eu e Benny estávamos deitados em minha cama comendo pipoca doce que Benny havia feito já que eu nem isso sabia fazer, embora ele tivesse uma boa mão para cozinha.

Era de tarde e eu tinha decidido que não iríamos trabalhar o resto da semana, eu já tinha deixado sob aviso para todos da agência e qualquer coisa poderiam me contatar pelo e-mail.

Benny disse que queria trabalhar e discordou da minha opinião, mas eu insisti tanto que ele aceitou. Eu não queria que ele se sentisse triste ou

PERIGOSAS ACHERON

sem necessidade, mas essa semana eu queria passar somente ao seu lado. Eu não insistiria sobre a quimioterapia, poucas coisas sabíamos sobre seu câncer, então, como o médico havia falado, Benny precisava fazer exames específicos sobre seu câncer, depois iniciar o tratamento.

Por enquanto eu deixaria meu amigo relaxar com suas ideias, sem nem tocar nesse assunto fatídico, embora eu, na próxima semana, teria que me tornar a amiga insuportável, daquelas que insistem mesmo, falam mesmo, brigam mesmo, para no fim, ele concordar. Fosse na marra ou não.

Benny, como eu, era muito vaidoso. Largar algumas das suas vaidades em nome da quimioterapia seria uma luta pessoal para ele. Eu o entendia, mas ele precisava lutar por sua saúde e largar de vez seu vício por cigarros, independente de sua opinião sobre os vícios, que não deveríamos

largá-los.

Eu ficaria ao lado de Benny 24h durante toda a semana se isso fizesse com que ele não fumasse, pois quando ele estava comigo, nos dias normais, ele fumava um ou outro cigarro. Hoje em dia, eu não deixaria ele fumar nem um.

Eu vigiaria sua vida, como uma mulher possessiva que eu poderia ser e vigiaria sua alimentação, como um mãe psicótica.

Em um momento da tarde falei com Benny sobre a "visita" inesperada de Christopher Stuart e me arrependi logo a seguir, Benny só faltou pular de minha cama querendo saber tudo com um ódio no olhar.

Benny detestava Stuart! Esse ódio havia sido um dos motivos que fez com que Benny se assustasse tanto ao saber que Chris era filho dele, depois Benny continuou mais chocado ao conhecer

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Chris e ver que ele era, em questão de caráter, diferente de seu pai.

Contei tudo para meu amigo que deitou-se totalmente na cama e fitou o teto.

— Vocês terminaram? — depois do que pareceu uma eternidade, ele enfim perguntou.

— Sim!

— E o que você está sentindo sobre isso? — esse era o meu Benny.

Hoje tinha acabado de tomar uma rasteira da vida, descobrindo que tinha um câncer, mas invés de chorar pelos cantos, ele me perguntava como eu estava me sentindo sobre um término.

— Eu não sei. — respondi sinceramente — Foi ontem, mas ele faz falta. A falta não é pelo tempo que estou sem ele e sim pelo tempo que vou ficar sem, é quase como se doesse pensando no

PERIGOSAS ACHERON

futuro.

— Você não pensa de forma alguma contar sobre tudo a ele? — Benny ficou de lado na cama, se apoiando com seu cotovelo para me fitar com aqueles olhos caramelos — Afinal, se o imprestável do Stuart disse a verdade, ele não se meterá se você contar e Chris aceitar ficar.

— Ele não aceitará ficar, você sabe.

— Não temos como saber, baby. Você não sabe o quanto ele gosta de você e...

— Gostar Benny! — intervim — Ouça o que você mesmo está me dizendo. Ele pode sim gostar muito de mim, mas é apenas isso: gostar. Isso não é o suficiente para fazer uma pessoa ficar depois de tudo que eu já fiz.

— Quem sabe ele não sente algo mais?

— Não o suficiente para ficar depois de todas

as verdades. Ele me odiaria mais... Pior, ele sentiria nojo de mim.

— Baby, — Benny passou sua mão em meu rosto, tão meigo que fechei meus olhos, descansando meu rosto em sua mão — o que você sente por ele?

— Eu gosto dele. — admiti.

— E essa falta?

Abri meus olhos e pude senti que estavam marejados, impressionantemente os de Benny também, mas seu sorriso estava ali: estampado e exibindo suas covinhas.

— Essa falta dói.

LII



*Não demorou para ser
sábado.*

Minha vida estava tão monótona sem Agatha que eu não via os dias passarem, sempre acabava fazendo o mesmo de antes dela: ia à academia, assistia inúmeros filmes e seriados, estudava para coisas das quais eu sabia que não me encaixava, (eu nunca me achava "encaixado" em algum lugar). A

única diferença era ter a presença contínua de meu pai em casa. O que era muito bom, como ele me animava e me puxava para sair, eu ia.

Nessa curta semana andando ao lado de meu pai, eu já havia conhecido uma série de novas pessoas e fechado alguns trabalhos. Eu tinha a consciência que o mérito não era meu, e sim por eu ser filho de quem era, o que me aborrecia um pouco, mas como eu não estava trabalhando, não recusava.

Eu, meu pai e Ian fomos os primeiros a chegar no restaurante, queríamos estar antes de todos. Logo os pais e irmãos de Ian chegaram juntos.

Bem, o restaurante era definitivamente de uma classe social da qual eu não estava muito habituado. Embora eu me vestia como se fizesse parte daquele mundo. Eu vestia-me com uma calça

PERIGOSAS NACIONAIS

social, sapato também social e uma camisa cinza, mais uma vez, social. Eu não era um fã de blazer e não necessitava disso, afinal, era um jantar informal.

Meu pai vestia-se a caráter. Com tudo social da cabeça aos pés. Diferentemente de mim, ele gostava de estar assim, era quase como sua segunda pele. E sua roupa estava sempre em harmonia com seu cabelo perfeitamente no lugar, enquanto o meu, não se encaixava em nada.

Ian estava provocando uma série de olhares, alguns de repulsa, outros de admiração. Muitos de admiração. Ele vestia-se com uma calça e sapato social, mas cobria seu peitoral com apenas um paletó, sem camisa por baixo, deixando à mostra sua pele negra e um pouco de seu peito, usando ainda uma gravata borboleta branca que em contraste com sua pele, chamava muita atenção.

PERIGOSAS ACHERON

— Só assim para não me confundirem com um garçom. — Ian comentou quando eu e meu pai rimos de sua escolha de roupa.

Algumas pessoas achariam que Ian queria chamar atenção, de fato ele queria, mas não de uma forma errada. Ian era um negro que vivia (e vivia bem) em meio a brancos, porém muitas pessoas ainda eram preconceituosas com sua cor de pele e seu jeito, algumas vezes, invasivo.

Eu o conhecia bem para saber que seu jeito era uma forma de mascarar todas as suas dores, não apenas pelo preconceito racial, mas por toda uma vida de altos e baixos.

Quando os pais e irmãos de Ian chegaram meu sorriso ampliou. Eles eram todos tão extrovertidos e comunicativos que era impossível alguém não gostar deles.

A mãe de Ian, Nany, era branca dos olhos

PERIGOSAS ACHERON

verdes, seu cabelo era castanho escuro (com alguns fios grisalhos) e ela vestia-se parecendo uma rainha.

O pai de Ian, Raj, (viera dele os genes indiano ou índio de Ian), era negro, com traços característicos e bastante expressivos. Seu cabelo parecia-se muito com o de meu pai: engomado perfeitamente no lugar. E ele também se vestia à altura.

Seu irmão, Uriel, (era o mais velho, com uns trinta anos), se parecia mais com sua mãe, porque era branco, embora seus olhos fossem negros e seu cabelo também. Ele era executivo, então, roupa social era realmente sua segunda pele.

Sua irmã, Yasmine, (ela tinha uns vinte e sete anos), era belíssima. Uma mulher de parar o trânsito. Ela era a mistura perfeita de seus pais: morena dos olhos verdes e do cabelo preto. Ela era

atriz e estava na cidade a trabalho, como Ian havia comentado. Ela vestia-se com um vestido longo das cores amarelo e azul, deixando seu tom de pele mais evidente.

Depois de Yasmine, vinha Ian de filho, com vinte e cinco anos, enfim vinha o caçula, com vinte anos.

Yasmine conversava muito comigo sobre sua profissão de atriz. Queria um dia eu falar sobre minha profissão com tanto amor quanto ela. Yas, como preferia ser chamada, até havia me chamado para ver um dos ensaios dela, que seria na semana seguinte, não confirmei nada, mas ponderei no assunto. Assim como eu, ela era viciada em filmes e seriados. Assunto entre nós não faltava.

Um pouco depois, Vicky chegou com seu jeitinho sem graça e educada de sempre. Ela estava linda, vestia-se com uma blusa de mangas

PERIGOSAS NACIONAIS

compridas e uma saia cintura alta, até seus joelhos.

No começo ela estava bastante sem jeito com todos, mas Uriel a envolveu com algum assunto. Não demorou para os dois entrarem em uma conversa paralela de todos.

Faltava apenas a tal da mulher que Ian havia convidado e Júlia. Eu estava receoso de Júlia não poder vir, embora ela não tivesse me mandado uma única mensagem para avisar que não viria, logo acreditei que ela estava para chegar.

Em um momento da conversa ouvi Vicky falar discretamente com Ian que Benny e Agatha estavam lhe desejando toda a sorte e determinação do mundo para sua nova carreira profissional, Ian riu, pediu para eles mesmo vierem falar, mas continuou rindo e avisou que não pararia de modelar, se tivessem trabalho para ele, ele aceitaria, tanto quanto modelo ou personal trainer.

PERIGOSAS ACHERON

Meu coração se apertou um pouco ao lembrar de Agatha, mas como Vicky estava falando tão discretamente, eu resolvi não me meter e não perguntar nada sobre ela ou a saúde de Benny.

Todos pediam apenas bebidas, esperando as duas outras convidadas para o jantar. Ian me perguntava quem era a minha e eu desconversava, quando perguntei quem era a dele, ele piscou ao dizer "uma qualquer".

MERDA! Duplamente merda! Eu nem sequer havia pensado que Ian levaria para seu jantar uma qualquer. Talvez meu "plano" não desse certo e meu pai tivesse que providenciar um hotel para ele, para Júlia dormir comigo, ou melhor, Júlia nos xingaria (a mim e a meu pai) enquanto nos mandava dividir o sofá para ela ficar com a cama sozinha.

Os minutos foram se arrastando entre

bebidas, (não alcoólicas e alcoólicas) e risadas quando finalmente a tal da mulher que Ian havia convidado chegou.

Fiquei um pouco decepcionado com Ian, ele poderia não ter trazido ninguém para um evento da importância que era para o próprio.

A mulher usava vestido vermelho sangue que terminava nas coxas, deixando o resto de suas pernas expostas e que continha um decote generoso até demais. Seu cabelo era de um loiro muito claro em contraste de suas sobrancelhas pretas.

Eu era um homem e tinha um pau que funcionava muito bem entre minhas pernas... Com isso, não negaria que a mulher era gostosa, não muito bonita, mas gostosa. Seu corpo era cheio de curvas e quase sem gordura.

A mulher foi apresentada a todos, nem fez questão de gravar seu nome, mas parecia que ela

PERIGOSAS ACHERON

havia gravado o meu, já que estava me chamando por "Chris" em diversas frases que ela direcionava para mim. Eu tentava me desviar ao máximo de seu flerte estranho, afinal, ela tinha ido ali por Ian. Yas era quem me socorria, e era com ela quem eu queria conversar.

A mulher batia suas unhas compridas na mesa provocando um barulho irritante. A mesa era de vidro e eu olhei para seu vestido, que havia subido um palmo, deixando quase sua calcinha à mostra. Quando levantei meu olhar, ela também me olhava.

Puta que pariu! Já estava ficando chato essa perseguição de olhares. Não me importei em ser pego no flagra, apenas dei de ombros e voltei toda minha atenção para Yas.

Eu pedi para pedirmos o jantar, já tinha desistido de Júlia aparecer. Estranho era que ela

PERIGOSAS NACIONAIS

não havia dado um sinal de vida e isso me preocupava. Tentei ligar para ela, e nada. Mandar mensagens e nada de resposta.

Quando o garçom estava dando as costas para nossa mesa, depois de ter anotado o pedido de todos, ela finalmente apareceu.

E Júlia estava linda, mesmo com um olhar cansado.

Seu cabelo estava preso em um coque mal feito, ela não usava um pingô de maquiagem, deixando suas olheiras visíveis. Em uma mão ela puxava uma mala, na outra uma bolsa. Ela vestia um sobretudo bege até os joelhos, (estilo detetive, mas em uma versão feminina), e uma sapatilha preta.

Entendi pela sua aparência e roupa que Júlia tinha vindo direto para o restaurante, sem nem parar em algum hotel para, no mínimo, um banho.

PERIGOSAS ACHERON

— Fica com ela! — Ian sussurrou (não tão baixo assim) para mim, pondo a tal mulher que ele havia chamado para se sentar ao meu lado, lugar que era de Júlia, deixando o lugar ao lado dele vago.

Ian estava claramente dispensando uma mulher, da qual ele teria certeza de sexo, por Júlia, que ele não teria certeza de nada, e nesse momento não estava em seus melhores dias em questão de aparência. Talvez o que Ian sentisse por Júlia não fosse tão pequeno quanto eu imaginava.

BÔNUS

Ian Abreu



*(Primeiro capítulo fragmentado do conto:
Ardor)*

Quando eu vi à Júlia Cortês entrando toda atrapalhada e bastante desarrumada, em comparação ao restaurante, eu não pude deixar de admirá-la. Ela estava linda, linda mesmo estando feia.

Sorri para mim mesmo, por dentro, eu não deixaria ninguém saber as merdas que eu estava

PERIGOSAS ACHERON

pensando, afinal, Cortês era só uma mulher e eu já estive com tantas, com ela não seria tão diferente.

Era óbvio que ela era especial, porém eu gostava de dizer a mim mesmo que não, no fim, ela sempre voltava para seu interior para salvar vidas como médica, mal sabendo ela, que ela estava acabando com meu coração.

Putá merda! Eu estava virando uma garota.

Rapidamente sussurrei para Chris, meu grande amigo, para ficar com a mulher que eu havia chamado para o restaurante. Eu sabia que ele terminaria à noite bem, se quisesse (e eu não me importaria) poderia fodê-la até não aguentar mais, por mim. Aquela era só mais uma.

Eu não era de levar mulheres para eventos, mas nesse em especial (além de não saber que Cortês viria) eu convidei a moça porque estava confiante que a comeria depois.

Mas agora que eu estava em pé, caminhando até Cortês e todos os meus pensamentos anteriores divagavam até desaparecem de minha mente. Eu só pensava em uma coisa: eu precisava com todas as minhas forças, ter aquela mulher, mesmo que fosse só por uma noite.

— Oi Abreu! — Cortês sempre me chamava pelo meu sobrenome, fazendo eu pegar essa mesma mania dela e nunca chamá-la como "Júlia".

Ela não fazia isso apenas comigo, ela chamava Chris, por Tyler, mas não era um uma forma formal de tratamento, pelo contrário, quando Cortês me chamava de Abreu era quase íntimo, sensual até.

Sua voz gostosa, baixa, quase um sussurro, soava como um anjo em meus ouvidos e causava um *ardor* em minha pele.

— Oi Cortês! — sem esperar mais eu a

PERIGOSAS ACHERON

abracei.

Sua figura pequena, magra, se encaixava em mim perfeitamente. Eu a escondia em meus braços em volta de sua cintura fina e ela não reclamava. Algumas vezes eu não tinha consciência da minha força, como agora, e estava simplesmente tirando Cortês do chão, fazendo-a largar sua bolsa e mala no mesmo.

Ela ria e batia fracamente com suas pequenas mãos em meus ombros. Eu não queria largá-la. Não ainda enquanto ela estava ao meu dispor. Pelo pouco tempo que durasse nosso abraço, eu poderia dizer que, nesse meio tempo, Cortês era minha, rápido ou não, mas Cortês era minha.

— Eu também estava com saudades... — ela estava séria, com sua cabeça em meu pescoço. Eu podia sentir sua respiração e eu não queria ir para lugar nenhum.

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando a coloquei no chão ela sorria para mim, daquele jeito meio infantil, meio inocente, meio sem graça e totalmente apaixonante. Meu sorriso foi o mais amplo e sincero do que eu dava em dias. Com Cortês eu não tinha dia ruim, sempre ficava de bom humor só ao vê-la sorrir assim para mim.

Eu nem sequer tinha reparado que todos da mesa, inclusive a mulher, estavam de pé. Aquela foi a primeira vez que Cortês me fez fazer uma "ceninha" e eu nem me importava.

Enfim vi que algumas outras pessoas também nos olhavam, algumas com nojo, afinal eu era um homem negro, abraçando uma mulher, que poderia ser confundida com uma garota, pequena, branca, loira. Deveriam achar que eu estava matando-a. Coitado de mim, que nunca em minha vida arranquei sequer um fio de cabelo de uma mulher...

PERIGOSAS ACHERON

Quer dizer, a não ser no sexo. No sexo tudo feito com consentimento de ambos era válido.

Não éramos e nunca seríamos o casal do século, nem casal éramos, mas se fôssemos, não seríamos o mais perfeito. Eu nunca quis ser perfeito, nem ela. Éramos apenas humanos, errados, diferentes e nada perfeitos.

Além dos olhares de nojo, haviam uns que sorriam com os olhos, pareciam que eles queriam levantar de suas mesas, aplaudir e assobiar nosso espetáculo. Mesmo que eu achasse que não tínhamos feito nada demais, mas quem poderia entender a mente alheia?

Por fim Cortês se afastou de mim, indo até a mesa, para abraçar Chris, seu pai e os demais. Elegantemente Cortês cumprimentou até mesmo a *não-mais-minha-acompanhante*, que retribuiu de um jeito azedo. Cortês já conhecia minha família,

mas de vista e rapidamente, nunca conversaram muito tempo. Minha irmã, Yasmine, logo se deu bem com Cortês, junto com Vicky.

As três, minha irmã, Cortês e Vicky, que não tinham nada em comum se deram muito bem e conversam como se já se conhecessem há anos.

Como eu havia empurrado a moça, da qual o nome me falhava, para o lado de Chris, Cortês obrigatoriamente sentou-se do meu lado.

Cortês colocou uma bolsa enorme no braço de sua cadeira, e deixou para eu empurrar sua mala. Sorri, levando sem discussão a mala para ela.



O resto do jantar foi ótimo.

Eu tinha me divertido bastante, e a tal mulher

PERIGOSAS ACHERON

não demorou muito para ir embora quando percebeu que não conseguiria nada com Chris. O mesmo estava conversando bastante com minha irmã.

Eu esperava que meu amigo não se interessasse por minha irmã, que continuasse fissurado por Agatha. Afinal, Yas o descartaria sem hesitar. Não somente Chris como qualquer homem na face da Terra.

Ela e meu irmão Uriel eram mais velhos, primeiro Uriel, depois Yas, enfim eu e o caçula. Sempre fomos muito próximos, mas depois que saímos de casa ficou um pouco mais complicado, porque cada um tinha uma profissão diferente e morava longe um do outro.

Na hora das despedidas meu coração só faltou sair do meu peito quando constatei que eu tinha, pela primeira vez, uma chance real com

PERIGOSAS NACIONAIS

Cortês. Uma chance de fazê-la ser minha, mesmo que na manhã seguinte ela fosse embora. Eu precisava dela. Eu precisava tê-la.

Meus pais foram embora para sua casa, que não era muito longe do restaurante. Minha irmã, (que não morava na cidade), iria ir para casa de meu irmão (que não era tão longe), meu irmão também deu uma carona à Vicky, (que morava perto), Chris obviamente ia para casa com seu pai, sendo assim sobrava: Cortês, que não poderia ir para nenhum hotel qualquer naquela hora.

Quando por fim só restava eu, Cortês, Chris e Christopher Pai, e todas as contas já tinham sido pagas, (pelos meus pais, junto com o pai de Chris, que insistiram não deixar Chris Pai pagar tudo sozinho), Cortês começou:

— Gente, eu sempre fico no mesmo hotel. Deixem de drama!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela tinha toda razão! Mulher inteligente me causava um pouco de medo. Sempre teria uma resposta na ponta da língua para você. Em momento nenhum você, sendo homem, se superaria em respostas como à mulher inteligente poderia dar.

Cortês, quando não ficava com Chris, sempre hospedava-se em um hotel pertinho de mim e Chris, ela só não tinha reservado seu quarto antes, porque, segundo ela, saiu do interior com pressa para pegar o ônibus da viagem e para não chegar muito tarde na capital.

Eu não tinha nada para perder com aquela mulher inteligente, que sempre teria uma resposta melhor que a minha, então, eu, tolo, idiota, ogro, brutamonte, fosse o que fosse, tentei:

— Se você pode ficar nesse hotel, pode também economizar e ficar em meu apartamento.

PERIGOSAS ACHERON

Cortês havia dito à Chris durante o jantar que iria ir embora no domingo à noite, sendo assim, ela só estaria na capital por uma noite. Uma noite era tudo que eu precisava com Cortês. Uma noite para tê-la por completo. Uma noite que eu poderia reivindicá-la como minha. Enfim uma noite. À Noite.

Para minha surpresa Cortês riu.

— Claro que sim!

— Cla-ro que s-sim? — gaguejei como o tolo que eu era. Tolo por ela.

— Sim Abreu, — Cortês deu um pulinho para conseguir bater na minha nuca com sua pequena mão, que eu, depois de deixá-la me "bater", se é que podia chamar aquilo de "bater", em seguida a peguei, segurando na minha — eu vou economizar e ficar em seu apartamento por essa noite.

PERIGOSAS NACIONAIS

Sua mão causava um *ardor* na minha.
Mesmo tão pequena ela me causava tantas
sensações e das mais diversas.

Ouvindo-a dizer "essa noite" tornava aquilo
quase como uma promessa não declarada.

Sim, Cortês, seria *essa noite*.

Só por uma noite.

PERIGOSAS ACHERON

LIII



O resto da semana se

arrastou, mas foi muito boa, apesar de todas as notícias ruins.

Eu e Benny saíamos para vários lugares que não íamos juntos há tempos. Besteiras como: fazer compras, cinema, restaurantes, até mesmo sorveterias. Malhamos juntos também, mas eu o impedi de queimar muitas calorias, não sabia o

PERIGOSAS NACIONAIS

quanto ele poderia e se poderia continuar fazendo exercícios pesados como estava. Felizmente ele não discutiu e ficou descansando.

Eu ficava com o coração apertado toda vez que Benny tossia ou sua respiração falhava. Ele não fumou um cigarro enquanto estava comigo. Decidi como uma mulher possessiva (da qual eu disse que seria) que ele viesse morar comigo e mais uma vez, surpreendentemente, Benny não discutiu, afirmou que queria mesmo ficar naquele condomínio, mesmo que tivesse que aguentar a mim de uma forma maternal, mas enquanto dizia, ele ria, me fazendo rir junto.

Mudamos nossa alimentação, embora fosse Benny que cozinhasse, mas mudamos. Ele estava comendo cada vez melhor, não havia fumado em dias, (o que era um milagre), nem deixei ele beber. Acompanhei todas as mudanças com ele, se ele

PERIGOSAS ACHERON

tivesse que só viver comendo sopa rala, eu viveria comendo sopa rala. Sobre o álcool Benny fez piada, disse que os pulmões já estava mal, só faltava o fígado, bati nele em meio a risos, só Benny para me fazer rir com humor negro de merda.

Uma coisa aconteceu na quinta de diferente, Benny recebeu um convite de Chris para ir à comemoração de formatura de Ian, disse Chris na mensagem que Ian havia escondido de todos que estava estudando, e agora estava se formando.

Benny respondeu singelamente, comentando que estava com um "probleminha" de saúde. Benny comentou a mim que Vicky ia, e então, em nome de Benny e eu, pedi para Vicky falar à Ian, discretamente, que nós desejávamos a ele toda sorte e determinação do mundo em sua nova carreira profissional.

Benny iria, se não fosse pela presença óbvio

de Stuart no restaurante. Era a cara dele reservar aquele restaurante, nem Chris, nem Ian iriam ter como reservar, praticamente em cima da hora, aquele restaurante de cinco estrelas, um dos melhores da cidade.

Ainda na quinta Ian me mandou um e-mail simplório, dizendo que eu poderia aparecer quando quisesse no restaurante, ninguém negaria um lugar a uma mulher como eu, palavras dele, não minha. Ian foi educado o suficiente para me mandar o endereço do restaurante, data e hora. Ele realmente esperava minha presença, não estava falando da boca para fora.

Eu gostava de Ian, era um daqueles raríssimos homens que você olhava primeiramente com receio por parecer sério demais, no entanto, ele abria um sorriso tão verdadeiro que você se enxergaria encantada. Difícil não gostar de pessoas

que sorriem com o coração, assim como ele.

Eu e Benny fomos a uma boate na sexta-feira. Curtimos, bebemos um pouco, rimos mais ainda. Era bom fingir que não tínhamos problemas. Era bom fingir que tudo estava bem, quando seu coração estava em pedaços por diversos motivos diferentes.

Na madrugada do final de semana eu trabalhei em assuntos pendentes da semana, mas dormia o suficiente para ficar com Benny bem disposta. Resolvemos não fazer nada demais, mas Benny queria se mexer, então limpamos toda minha casa ao som de uma música qualquer.

Foi um trabalho árduo. Eu não limpava minha própria casa há anos, mas no fim do dia eu estava acabada, com preguiça até de tomar banho.

Na segunda-feira eu não podia deixar de ir para a agência, estava amolecendo tanto que até

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com pena de Vicky (que estava trabalhando bastante ao enviar tudo que eu precisava ver e ajudar Jerry) eu estava.

Benny também queria trabalhar e eu não discutiria, porém ainda hoje eu deixaria o lado mulher possessiva para lá e atuaria com o lado mãe psicótica. Eu começaria a insistir a ele sobre sua saúde e tudo que precisávamos fazer. Achava que o próprio Benny estava me achando boazinha demais e eu poderia ser tudo, menos, boazinha.

Eu e Benny chegamos tarde na agência e saímos cedo. Não havia muito a ser feito e eu tinha trabalhado como uma escrava no final de semana, resolvendo coisas pendentes e adiantando outras.

Fomos e voltamos em meu carro. Quando chegamos em minha casa eu dei tempo suficiente para ambos tomarmos um banho, comermos e então eu começaria. Antes eu precisava ter forças,

PERIGOSAS ACHERON

para mim e para ele.

Benny estava com seu notebook no colo, no quarto de hóspedes, (um dos quartos que era mais dele que de "hóspedes"). Ele estava vestindo apenas uma bermuda. Meu amigo estava tão bonito, natural, forte, bronzeado. Seu cabelo estava bagunçado, sua barba começava a crescer, dando-lhe um ar um tanto sexy. Eu queria tanto que ele pudesse continuar assim, mesmo depois de começar a quimioterapia, mas eu não era mais criança para não ter consciência dos riscos.

Eu vestia uma short minúsculo e um blusão que terminava em minhas coxas. Meu cabelo estava uma bagunça mal arrumada em um rabo de cavalo. Essa conversa seria difícil, mas seria preciso. Era para isso que amigos serviam. Na saúde e na doença, como em um casamento. Era ainda mais sério, pois ambos sabiam disso, mesmo sem ser

preciso selar nenhum contrato.

— Benny, — disse enquanto tirava seu notebook de seu colo, já que queria toda sua atenção em mim — o que você vai fazer quanto à doença?

— Não está claro? — ele arregalou seus olhos caramelos para mim e eu coloquei seu notebook em outra extremidade da cama, afastando de ambos.

— Para mim não está nada claro. — disse de uma maneira quase fria.

— Baby, não vamos discutir sobre isso, ok? Eu decidi não fazer a *quimo*, pensei que você já tivesse entendido...

— Não! Eu não entendi assim. Você precisa começar a quimo e...

— Para quê, porra? — Benny me cortou

gritando — Para me sentir sem vivacidade, para minha autoestima cair totalmente, junto com todos os cabelos de meu corpo? Para que merda eu preciso fazer isso, se eu já sei onde acabará?

— Onde acabará? — eu disse de um jeito estridente — Eu não sei o quê você está vendo! Eu vejo a quimo como melhora, como solução, se você entregar tudo, você nem sequer terá chances de...

Viver. Era a palavra que estava engasgada em minha garganta, mas eu não conseguia falá-la em voz alta. Doía, doía mesmo, quase como uma dor física, um soco no estômago.

As lágrimas de Benny estavam visíveis e eu sabia que as minhas também. Há muito tempo eu não chorava, porém, naquele dia, eu não consegui me controlar.

Benny saiu de seu cantinho na cama e veio até mim, como se eu precisasse de consolo, não ele,
PERIGOSAS ACHERON

e me abraçou.

Deitamos na cama e ficamos abraçados por uma eternidade. Eu chorava, Benny também. Nossas lágrimas se misturavam tanto que não tinha como saber quem chorava mais.

— Eu provoquei isso... — Benny dizia com sua cabeça em meu pescoço, não via sem rosto, mas podia imaginar seus olhos fechados, como os meus estavam — Eu provoquei, eu sei... Não posso reclamar, foi bem-feito. Bem feito...

— Não! — puxei seu rosto com minhas mãos e o encarei cara a cara, fazendo-o abrir os olhos — Não foi bem-feito! Você vai melhorar, mas nunca mais vai fumar...

— Poxa vida! — Benny sorria enquanto suas lágrimas derramavam pela sua bochecha.

Limpei suas lágrimas e ele limpou as minhas. Ficamos assim: encarando o outro por horas,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

chorando de vez em quando, falando algumas besteiras e quando eu estava preste a dormir, Benny sussurrou em meu ouvido:

— Eu vou fazer a quimo. Por você, baby!

— Eu te amo tanto! — falei um pouco mais desperta, fitando aqueles olhos bonitos, aquele sorriso triste e aquelas covinhas encantadoras.

PERIGOSAS ACHERON

LIV



*Enfim o final de semana
havia acabado.*

Júlia foi embora no domingo à noite, embora eu não a vi no dia todo de domingo, só à noite quando ela me chamou para levá-la à rodoviária. Fui junto com meu pai levá-la e estranhamente Ian não foi. Júlia disse que ela mandou ele não ir, e eu tentei insistir até a rodoviária o que tinha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acontecido entre eles. Ela me disse apenas que foi algo de "só uma noite".

Eu não poderia discutir com isso, eles eram totalmente diferentes, e suas vidas era mais diferentes ainda. Porém, a linguagem corporal era universal. Se houvesse tesão, o resto seria arrumado e o diferente passaria a se tornar igual.

Ian não estava com a gente, mas em alguns momentos percebi Júlia distraída no seu celular, provavelmente falando com Ian. Ele não estava ali, mas se fazia presente da maneira que podia. Esse era meu amigo! Esperto!

Depois de Júlia viajar, eu e meu pai fomos jantar em um restaurante. Estávamos em meu carro, já que meu pai estava sem o dele. No restaurante meu velho insistiu no assunto Agatha e eu cortei, percebendo que eu não queria falar sobre ele mudou de assunto, falando sobre seus planos na

PERIGOSAS ACHERON

cidade.

Eu não aguentava mais dividir à cama com meu pai. E ele também não aguentava, então eu decidi algo que há muito tempo eu pensava: financiar outro apartamento. O meu era comprado, então eu poderia vendê-lo e usar o dinheiro para complementar o novo.

Quando falei sobre isso com meu pai, rapidamente ele entrou em contato com um corretor de imóveis. Era domingo à noite e o tal corretor deu atenção ao meu pai. Meu velho explicou-lhe minhas condições e preços e o corretor deixou alguns apartamentos reservados para nossa visita no dia seguinte.

No outro dia já fomos ver os apartamentos. Foi bastante cansativo, mas depois de vermos uns quatro não muito longe de onde eu morava, eu achei um perfeito.

PERIGOSAS NACIONAIS

Era perto da academia, mais perto do prédio de Ian, mais perto também de um dos shoppings e praticamente ao lado de um teatro. Eu nunca tinha ido em um teatro, sempre optava por cinema, mas lembrei-me de Yas e seu convite para ver seu ensaio e era, coincidentemente, naquele teatro.

Enfim, o apartamento era ótimo: três quartos, um banheiro e uma suíte, cozinha grande, sala maior ainda, uma pequena lavanderia, uma varanda na sala e outra no quarto da suíte. O prédio era tão bom quanto o apartamento. Um playground espaçoso, parquinho (não que fosse útil para mim), piscina, quiosque, salão de festas e academia, mas eu continuaria treinando na academia de fora.

Assinei todos os papéis necessários e aquela burocracia completa. Provisoriamente o apartamento já era meu, (no mesmo dia deposei o dinheiro para financiar o apartamento),

PERIGOSAS ACHERON

burocraticamente precisava ainda o selar o contrato no cartório, para ter valor fiscal e legal.

Eu não teria móveis para aquele apartamento, então, me pai cuidou também de contratar um design de interiores. Ele disse que isso seria por conta dele, e não reclamei. Sairia muito caro para eu comprar o apartamento e todos os móveis novos.

Coloquei meu apartamento antigo para vender ou alugar (preferiria vender, mas se eu tivesse uma boa proposta para alugar, alugaria), já queria as propostas, mesmo que ainda não fosse sair dele, embora meu pai estava apressando tudo.

Eu e meu velho ficamos o dia inteiro com o design, decidindo tudo. Eu só me prontifiquei para decidir mesmo sobre meu quarto e a sala, mas o resto dos cômodos eu deixei meu pai decidir, confiava em seu bom gosto.

O corretor de imóveis disse que eu poderia

me mudar em breve, mas eu só iria quando todos os móveis já estivessem perfeitamente colocados. Não sairia de meu apartamento, para ficar em outro incompleto.

Ainda na segunda, mais tarde, eu liguei para Ian, para lembrá-lo de irmos ver Benny, mas ele me disse que já estava para fazer isso e que Benny não estava em casa e sim na casa de Agatha.

Eu desisti de ir, mas pedi para ele perguntar se eu poderia visitá-lo algum dia da semana, Ian concordou e ambos ficamos preocupados com Benny. Se ele estava com Agatha, talvez fosse algo mais sério do que imaginávamos.

Sim, eu usaria a desculpa de ver Benny para ver também Agatha. Embora não fosse uma desculpa de verdade, eu queria saber como ele estava. Benny era sempre tão engraçado e alto-astrol, se ele estava com um "probleminha" de

saúde e eu pudesse ajudá-lo em algo, (mesmo que fosse só para fazer companhia), eu faria.

Na terça-feira marquei de encontrar Yas no teatro. Ela havia pegado meu número e disse que no dia que fosse para o ensaio me avisaria com antecedência, e hoje, ela iria.

Quando ela saiu de casa, eu sai também, ambos avisamos um ao outro. Ainda não estava tão perto do teatro, mas em breve ficaria. Meu pai não passaria essas noites comigo, o que seria ótimo, ele ficaria com alguma mulher, algum caso qualquer do qual eu não faria questão de conhecer.

Cheguei antes de Yas, e quando ela chegou meu sorriso se abriu facilmente. Ela estava linda com seu cabelo solto. Ela vestia-se com um short curto, mas não muito e uma camisa de mangas branca.

Eu vestia-me com uma bermuda jeans e uma

PERIGOSAS NACIONAIS

camisa de mangas curtas também branca. Como meu cabelo era curto demais para ser totalmente preso, mas comprido demais para deixar solto (caia muito em meus olhos), eu o preendi, deixando-o metade solto, metade preso.

— Você está bem diferente de sábado. — Yas disse com um sorriso brilhante.

Sorrisos sinceros eram coisa da família Abreu, só podia ser. Todos sorriam do mesmo jeito amplo e verdadeiro.

— Espero que eu esteja melhor. — respondi dando-lhe um abraço.

Eu já conhecia toda a família de Ian há alguns anos, mas nunca tinha tido muita intimidade com sua irmã, já que ela sempre morou longe.

Eu e Yas conversamos mais um pouco antes de entrarmos no teatro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acho que meu irmão, Uriel, ficou interessado naquela garota, à Victoria.

Arregalei meus olhos para ela.

— Sim, a Vicky! Ela é um doce de garota, mas tímida demais, recatada demais...

— Você não gosta das meninas recatadas, Chris? — a forma como Yas falou me fez rir, e ela me acompanhou no riso frouxo.

— Enfim, espero que ele não magoe a Vicky, ela é boa demais também.

— Não vai, Uriel não é como meus outros irmãos. Ele é o tipo de uma mulher só...

Rindo e conversando sobre os irmãos Abreu, entramos no teatro. E puta que pariu! O lugar era lindo!

Yas riu da minha expressão e ficou chocada quando disse que nunca havia entrado em um

PERIGOSAS ACHERON

teatro, mas tinha o *DRT* de ator. Era minha primeira vez e ela brincou dizendo que ficava feliz por me "desvirginar".

Yas era tão fácil de lidar quanto Ian. Ela era engraçada, bonita, simples, conversadora, meio maluca também.



Nunca me imaginei sendo um ator. Eu amava filmes e seriados, mas atuar não era algo que passava por minha mente. Apesar de eu ter o *DRT*, que era como um diploma de ator, o qual eu tinha após ensaiar teatro na infância e começo da adolescência, nunca pensei sobre como profissão. Era apenas algo que eu havia concluído na adolescência, junto com alguns cursos técnicos

aleatórios.

Pela primeira vez em minha vida eu me senti encaixado. Eu estava há dias procurando uma profissão da qual me encaixasse e me sentisse fazendo diferença, enquanto procurava e estudava algumas coisas das quais eu não gostava, eu assistia inúmeros filmes e alguns seriados, mas nunca imaginei que eu seria ator.

Estava sempre próximo a mim essa profissão, eu que nunca cogitei, antes de hoje.

Yas percebeu meu encanto ao teatro e todos os ensaios, ela me chamou para ensaiar também, brincando, eu fui, no fim gostei mais do que imaginava. E muito mais do que havia gostado na infância quando o fiz, por fazer.

O elenco da peça não estava completo e Yas perguntou se eu tinha intenção de tentar. Aceitei, meio receoso, mas não me custaria nada. No

PERIGOSAS NACIONAIS

mesmo dia o diretor da peça me disse que eu poderia me sentir como parte do elenco, como uma experiência, ele até me deu as falas. Meu papel era o antagonista, Yas e um homem eram os protagonistas e eu seria o amigo do rapaz.

Ensaíamos bastante durante o resto do dia, a peça seria apresentada em algumas semanas, por isso o elenco continuava incompleto, ainda faltavam muitas coisas e eu, felizmente, estava pegando tudo no começo.

Eu sabia que o cachê de um ator a cada peça era uma miséria, em comparação com o de um modelo, seja fotográfico ou de passarela. Eu não estava me importando com o cachê baixo, porque continuaria a trabalhar como modelo para compensar todos os meus gastos.

Eu queria apenas me sentir útil, mais do que um rosto bonito sem conteúdo.

PERIGOSAS ACHERON

Quando o ensaio acabou, convidei Yas para jantar e ela aceitou, como sempre, sorridente.

Yas era linda, mas não a via como nada além de uma amiga e algo me dizia que ela não daria nenhuma chance para mim, caso eu tivesse algum interesse “a mais”. Felizmente eu tinha apenas um sentimento fraternal com ela, muito longe do sexual, talvez fosse por ela ser irmã de meu melhor amigo.

Como sempre era ao lado de Yas, o jantar foi ótimo, não parávamos de falar por nenhum segundo e ela estava pasma por eu ter ido para visitar o ensaio e acabar parte do elenco. Ela me disse que os ensaios pela semana variavam, e me avisaria antes quando viesse a ter o próximo.

Deixei Yas na casa de Uriel, onde ela estava morando enquanto estava na cidade e depois fui para meu apartamento. Meu pai me avisou que não

viria por alguns dias, o que seria bom.

Depois de um longo banho, deitei em minha cama. Ainda não era muito tarde, mas o dia havia sido longo.

Mandeí uma mensagem para Júlia contando as novidades, sobre o teatro, comentei sobre Agatha, (Júlia ainda não sabia que tínhamos terminado há uma semana), a troca de apartamento e venda ou aluguel do velho, pedi para que quando ela pudesse, me ligasse.

Pouco depois de enviar a mensagem à Júlia, Ian me ligou, não ficamos muito tempo na linha, ele me disse o que eu precisava saber e o que fez meu coração falhar uma fodida batida.

— Agatha disse ontem que você pode ir visitar Benny em sua casa.

Eu não precisava ouvir mais nada, mas antes de desligar a chamada na cara de Ian ouvi ele dizer

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

algo como "e eu acho que você deve ir", peguei minhas coisas, (carteira, chaves do carro e do apartamento) e fui.

Não me importava se Agatha não queria ficar comigo, eu queria ficar com ela, mesmo que só fosse para estar perto sem poder tocá-la. Queria também ver Benny, esperava que não fosse nada muito sério, porém a forma como Ian falou que achava que eu deveria ir, me assustou um pouco.

Seria difícil, tentador ao extremo estar perto de minha Ruiva, (mesmo que ela não quisesse ser considerada minha), sem estar perto o suficiente, mas eu queria tanto vê-la que doía.

Eu sentia falta até mesmo de suas grosserias, ou melhor, sinceridades.

Meu coração batia cada vez mais rápido, enquanto eu chegava cada vez mais perto de minha Ruiva.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

LV



*Acordei com a campainha
tocando no andar de baixo.*

Benny levantou na minha frente, colocou uma camisa e foi atender, ele disse que se fosse Stuart, ele sairia dali desfigurado, aos risos me levantei e fui ao meu quarto trocar de roupa. Tirei meu blusão, trocando por um vestido curto de alças azul.

Era um pouco mais das 19h.

Depois de sair do quarto ouvi vozes, felizmente, o visitante não era indesejado.

Cheguei na sala e sorri.

Ian estava sentado no sofá ao lado de Benny, disse que veio para visitar Benny, já que ele havia dito que estava com o tal "probleminha de saúde". Benny, esquecido como sempre, riu, dizendo a mim que Ian tinha perguntado a ele, onde ele estava, e ele disse que estava comigo, então Ian avisou que viria e Benny esqueceu de avisar. Não me importei, rindo dei meus parabéns pela formatura.

Ian, como sempre, era um doce, sempre engraçado, divertido, sincero e educado. Era um pouco triste ver Ian, pois era impossível não lembrar de seu amigo.

Eu estava sentindo mais falta de Chris do que eu queria admitir. Era tão bom estar com ele. Eu estava tão acostumado a ter seus beijos e carinhos

nos fins de noite.

— Qual seu problema, Benny? — Ian perguntou ao meu amigo, me fazendo despertar de meus pensamentos.

Eu não sabia se Benny queria contar, fiquei calada com o coração na mão esperando sua resposta. Sentei-me no chão, próximo ao sofá.

Benny encarou Ian e respirou fundo algumas vezes, antes de dizer:

— Eu tenho câncer.

Fechei meus olhos, quando abri Ian estava com uma feição chocada, acho que ele esperava que Benny falasse que era uma piada. Como eu queria que fosse uma piada! Ian me olhou rapidamente e eu assenti tristemente.

— Qual câncer? — Ian fitava Benny.

— Pulmão. — Ian respirou fundo e abraçou à

PERIGOSAS NACIONAIS

Benny apertadamente, como se assim ele pudesse fazer um pouco de sua saúde transportar-se para meu amigo.



Ian ficou até mais tarde, assistimos filmes e comemos pipoca. Assim como eu, Ian não sabia o que fazer, pois não tinha o que fazer, porém sua presença foi essencial. Era bom saber que ele estaria por perto para o que Benny precisasse. E Benny precisaria.

Eu e Benny decidimos não falar nada na agência sobre sua doença, mas caso fosse perguntado, ele me disse que falaria a verdade, mas até o momento que Ian perguntou, Benny não sabia se queria falar aquilo ou não, mas mentir em uma

PERIGOSAS ACHERON

situação dessas era desnecessário. Infelizmente, em algum momento todos saberiam.

Antes de Ian ir embora ele perguntou, sem graça, para mim, se Chris poderia vir para visitar Benny, porque ele também estava preocupado e sem saber a magnitude do problema de saúde de Benny.

Eu pensei sobre aquilo em segundos, mas milhares de coisas passaram por minha cabeça.

- 1) Eu veria Chris, independente dele vir por causa de Benny ou não.
- 2) Eu não sabia quanta falta eu sentia dele.
- 3) Eu tinha um pouco de medo de como eu me portaria ao lado dele.
- 4) Ele estaria tão perto, mas eu tinha noção que, ao mesmo tempo, estaria longe.
- 5) Não tinha consciência se era correto ele vir

em minha casa.

E se o pai dele surtasse e contasse tudo?

6) Eu não tinha consciência se eu não surtaria com a presença dele e o agarraria, como uma louca.

7) Eu queria tanto vê-lo que doía.

Depois desses segundos, eu disse enfim, que sim, Chris poderia vir. Guardei para mim a parte de que eu queria muito que ele viesse.



Quando, na terça-feira à noite, depois de um longo dia de trabalho, a campainha tocou, meu coração deu um solavanco estranho, uma batida falha e eu sabia, sabia mesmo sem ver, que era Chris.

Eu estava vestindo o mesmo vestido azul do dia anterior, curto e de alças. Benny estava no banho e eu na sala, ou seja, eu ficaria sozinha com Chris por alguns minutos, provavelmente longos minutos.

Levantei-me do sofá e parei em frente à porta, respirando fundo e arrumando meu cabelo antes de abrir.

— Oi. — Chris parecia sem graça.

Ele estava lindo, como sempre. Mas ele estava mais bonito especialmente hoje. Seu cabelo estava solto e parecia molhado, sua barba também, parecia que ele tinha tomado um banho há pouco tempo e vindo correndo para minha casa. Ele vestia-se com uma bermuda jeans gasta e uma camisa azul de mangas curtas.

— Olá. — minha voz saiu baixa, sem graça.

— Ian disse que eu podia vir... ver Benny.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim. — foi tudo que eu consegui responder, antes de abrir mais a porta para dar passagem para ele entrar.

Chris acenou e entrou, ainda sem graça.

Eu pedi para ele sentar-se e ele obedeceu, ofereci algo e ele não quis nada, disse que Benny estava no banho, ele acenou. Me sentei ao seu lado e assim ficamos: um do lado do outro, mas com um lugar do sofá entre nós.

Eu estava me sentindo uma adolescente, daquelas que ficavam ruborizadas com qualquer coisa, que torciam para o garoto ter atitude, e quando ele tinha, ela se fazia de tímida, como se não quisesse, fazia charme. Quando iria atrás do garoto, o garoto estaria com outra, e ela choraria. Adolescentes eram muito iludidas, ainda bem que eu era uma mulher, porém, hoje eu mais parecia essas adolescentes iludidas e ruborizadas.

PERIGOSAS ACHERON

Revirei meus olhos e ouvi o riso de Chris. Não precisei olhar para ele para saber que ele sorria um daqueles seus típicos sorrisos presunçosos.

Quando olhei para ele, ele continuava sorrindo. E eu não lembrava quanta falta sentia de seu sorriso.

— Eu senti sua falta. — Chris disse na lata com todas as letras e eu gelei.

Engoli em seco, afinal não poderia dizer o mesmo, pois ele saberia que eu estava arrependida de minha atitude, mas eu não podia estar.

Eu não voltaria atrás, nem mesmo quando ele sorria daquela forma, nem quando ele falava aquela frase com todas as letras, nem mesmo quando ele deixava claro que me queria e não me odiava, nem quando ele se aproximou de mim e seu cheiro viril e delicioso preencheu minhas narinas.

— Chris... — comecei, mas fiz a besteira de

PERIGOSAS ACHERON

olhar para seu rosto.

Tão próximo e tão lindo. Simplesmente perdi tudo que eu pensava.

Chris colocou sua mão em minha nuca e sua boca em meu pescoço, fazendo sua barba roçar em mim, me dando cócegas. Senti ele cheirar minha pele.

— Senti falta de seu cheiro. — ele me cheirava mais forte dando ênfase a suas palavras — Falta de seu gosto. — Christopher me mordeu, bem de leve e chupou meu pescoço — Falta de você. — e então seu rosto se afastou de meu pescoço e sua mão virou, delicadamente, meu rosto, ficando cara a cara com o dele.

Chris não me beijou, mas colou sua testa na minha. Eu podia sentir sua respiração em meu rosto. Eu queria tanto me aproximar mais. Eu queria, mas eu não podia.

— Por quê, Ruiva? — falou manhosamente, usando o apelido, baixinho, rouco, sensual e ao mesmo tempo, triste.

— Porque foi preciso. — foi tudo que eu consegui dizer antes de me afastar e Benny aparecer na sala.

Preciso. Eu não sabia mais o que era preciso.

LVI



*Câncer. Benny tinha câncer
de pulmão.*

Quando ele me contou isso eu não acreditei, esperei que ele falasse que estava de brincadeira comigo, que ele estava ótimo, que sei lá, tudo menos câncer.

A semana passou de um jeito novo para mim. Eu estava vivendo dia após dia sem pressa. Durante

PERIGOSAS NACIONAIS

a semana houve mais um ensaio no teatro, meu pai não tinha ido em meu apartamento, continuava com um de seus casos, mas falava todo dia comigo sobre o novo apartamento. Eu não tinha um dia certo para me mudar, mas não demoraria.

Continuei indo à academia todo dia, encontrando Ian quase sempre, a única diferença em minha rotina era: Agatha.

Eu estava indo na casa de Agatha todo dia à noite, mas eu não tinha tentado mais nada, nem ela. Depois que ela havia me dito que "era preciso" e Benny apareceu na sala, naquela terça, eu não discuti. Eu queria tanto ficar perto dela, que qualquer tipo de proximidade que ela deixasse eu ficar, eu aceitaria.

Sim, eu tinha ficado fodido no dia que ela terminou comigo, dizendo-me que nossa relação era ridícula e estava fadada ao fim. Fodido ao

PERIGOSAS ACHERON

quadrado, ao cubo, enfim, muito fodido, com um pouco de raiva também, mas mais triste que tudo. Agatha me deixou na merda e não tinha consciência o poder de suas palavras. Porém, eu gostava muito dela e era egoísta ao ponto de não deixá-la se afastar.

Foda-se, se nossa relação era ridícula, mas eu a queria. Queria tanto que meu coração se apertava em meu peito toda vez que eu a via pela primeira vez no dia. *Sempre.*

Eu estava agindo como um adolescente cheio de hormônios e amores por uma mulher mais velha, sobretudo, no fim, era exatamente isso que eu estava me sentindo. Um adolescente de quatro por uma mulher impossível, como a professora, por exemplo.

Eu tinha contado à Agatha e Benny sobre ser ator e ambos adoraram a ideia. Benny ainda não

PERIGOSAS NACIONAIS

tinha começado os tratamentos, tinha ido fazer exames específicos, para depois começar os tratamentos. Eu ajudava Benny (algumas vezes Ian também ia) quando os exames o cansavam, algumas vezes, eles tiravam tanto sangue que Benny ficava cansado até para andar e eu o apoiava. Ele começou a chamar-me, a mim e à Ian, de “muletas vivas”, fazendo eu e Agatha rimos.

Quando Benny começasse a quimioterapia as coisas ficariam mais difíceis, eu sabia, mas eu, junto com Ian, iríamos estar prontamente próximos a ele, o apoiando o máximo que podíamos.



Mais alguns dias se passaram e eu já estava empacotando as coisas de meu velho apartamento

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para o outro, não levaria muito, apenas os utensílios diários, pessoais e roupas, de resto eu deixaria para alugar ou vender. Tinha ouvido algumas propostas de aluguel, mas não aceitei nenhuma. Estava sem pressa para alugar para qualquer um, quanto mais com meus móveis no apartamento, mesmo que eu não fosse mais usá-los ainda tinha um certo apego a eles.

Meu pai tinha ido ficar no novo apartamento, deixando meu quarto intacto, segundo ele. E eu acreditava, não teria porquê ele mentir. Eu estava ansioso para me mudar e mais ainda para a apresentação.

Júlia tinha me ligado uns dias atrás, contei-lhe tudo, desde Benny ao novo apartamento e apresentação da peça, ela disse que tentaria vir à capital o quanto antes, mas não dava certeza de nada.

PERIGOSAS ACHERON

Rimos ao lembrar que, há pouco tempo, Júlia tinha me dito que eu era um péssimo ator. Eu estava provando a ela e a mim mesmo o contrário. Pela primeira vez eu havia me encontrado em uma profissão, que não seria de todo ligada à aparência.

Na verdade, em pouco tempo ensaiando descobri que, atuar era desprender-se das aparências. O papel do qual eu fazia não era necessário nenhuma mudança em meu cabelo ou barba, apenas cortar um pouco, mas se eu continuasse nessa carreira teria que estar disposto a mudar.

Quando falei sobre Benny, ela se entristeceu, mesmo sem conhecê-lo direito, perguntou-me sobre o grau de seu câncer, eu não soube dizer, eu era péssimo para entender um terço do que os médicos diziam. Prontamente Júlia disse que se precisassem de uma médica, ela iria. Mas infelizmente ela

morava longe demais.

Perguntei sobre seu trabalho e pela primeira vez Júlia hesitou e arfou, cansada para falar sobre seu emprego. Não parecia que as coisas andavam bem e uma ideia maluca passou por minha cabeça, mas guardei-a para outra conversa.

Um pouco depois de falar com Júlia, liguei para minha tia. Morria de saudades dela e de meu tio. Conversamos por horas a fio e contei só as novidades boas: sobre ser ator, mudar de apartamento e de estar com meu pai por esses dias, falei até da formatura de Ian.

Me sentia cansado de tanto conversar quando desliguei a chamada.

Essas semanas sem poder tocar em Agatha estava me matando aos poucos. O pior era que eu não me sentia atraído por nenhuma outra mulher. Porra, Agatha tinha me castrado! Sentia-me

exatamente assim: um cão sarnento, engaiolado, encoleirado, esperando seu dono aparecer para abanar o rabo.

Não queria mais me sentir como aquele cão. Era uma sexta. Eu tinha dinheiro, um carro e uma boa aparência, só a última característica já era o suficiente para eu conseguir levar uma mulher para casa, ou no meu caso, um motel.

Antes de ir a uma boate, eu fui a um bar. E eu bebi muito. Muito mais do que eu estava acostumado.

Bebi por todas as minhas mágoas, raivas, amores, dores, frustrações. Bebi porque queria extravasar. Até mesmo um cara como eu tinha seus defeitos, um deles era não conseguir guardar nada. Eu soltava todos os meus pensamentos para os ventos, apenas para não guardá-los. Detestava não poder falar. Detestava mais ainda meu

PERIGOSAS NACIONAIS

cavalheirismo de merda que me fazia apenas olhar para Agatha, sempre tão linda, sempre tão sexy e sempre recuar.

Cavalheirismo era meu pau! Eu estava cansado de recuar para tentar ser sempre o bom moço e nunca invasivo. Eu queria acertar com ela, por ela.

Minha Ruiva, que já não era minha, era tão linda. Puta que pariu! Ela era a mulher mais linda que eu já conheci. E era linda quando acordava, sem maquiagem, com olheiras, cabelo bagunçado e roupa amassada.

Agatha tinha a língua mais afiada de todas. Ela não era o tipo de mulher boazinha, passiva, mansa. Pelo contrário, se ela não gostava, ela diria bem alto que odeia, e você, um fodido perdido, dando uma de cavalheiro, faria tudo de novo, somente para ouvi-la dizer em algum momento que

PERIGOSAS ACHERON

amou.

Eu estava fodidamente, perdidamente, dolorosamente, e muitos outros "mentes", mas principalmente: apaixonadamente apaixonado pela mulher mais sincera, linda, grossa, esnobe, rude, mal humorada, humilde, soberba, carinhosa, boa, má, esforçada, trabalhadora, fria, apaixonante, impassível, amável e tentadora que eu já conheci.

Peguei meu celular e liguei para quem podia me salvar, sem brigar e sem me achar um estúpido: Benny.

LVII



Eu estava com Benny quando seu celular tocou. Não vi quem ligou, mas fiquei bastante curiosa. Meu amigo começou a rir e resmungar concordância total à pessoa do outro lado da linha.

Era sexta à noite e eu já estava de pijama (um

blusão e calcinha), Benny também. Ele vestia apenas um short curto, rosa e tudo, mas depois de desligar à chamada, ele simplesmente começou a se arrumar e me disse que precisava resolver esse problema.

Benny estava reagindo bem as primeiras sessões da quimioterapia que tinha começado há dias. Seu câncer era de um alto risco, mas eu confiava arduamente na melhora de meu amigo. Ele tinha uma saúde de ferro.

— Precisa de ajuda? — perguntei já me levantado de minha cama, onde estávamos deitados.

— Não baby, vou e volto num pulo.

— Vai levar meu carro?

— Vou de táxi e volto de carro. — foi tudo o que Benny disse antes de me dar um beijo na testa e sair sem mais explicações.

PERIGOSAS NACIONAIS

Era fácil pegar um táxi por aqui, sempre havia muitos para uma sexta à noite, mas eu continuava sem entender essa saída repentina. Peguei meu celular e mandei uma mensagem para Benny avisar sobre qualquer problema, até mesmo indício de problema. Ele respondeu rapidamente para eu não me preocupar.

Em vão tentei não me preocupar, mas meu coração não batia regularmente. Falhava umas batidas, dava um solavanco em outras.

Inferno! Eu estava tendo um ataque de ansiedade ou o quê?

Deitei mais em minha cama, tentando dormir, mas não demorou muito quando uma buzina começou a soar. Levantei da cama com intenção de fechar a janela e vi o carro de Chris. Mas não era ele quem buzinava ferozmente.

Vesti um robe, me enrolei nele e fui até a

PERIGOSAS ACHERON

porta. O que eu vi não foi bem o que eu esperava: Benny dirigia e Chris estava parecendo dormir no assento do carona.

Receosa fui até o carro devagar.

— Leve o garoto para dentro. — Benny disse quase como uma ordem — Amanhã eu volto com o carro dele.

— O que ele tem? — uma preocupação começava a me preencher, depois sacudi minha cabeça — E para onde você vai? — questionei arqueando uma sobrancelha.

— Álcool. — única coisa que Benny respondeu, depois ao me ver séria, esperando mais completou — Eu vou ajudar outro! — imaginei que esse outro fosse Ian — Por que as pessoas me pedem conselhos amorosos quando eu nem namoro?

Sorri dando de ombros.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por que você mesmo não ajuda Chris, deixando-o na casa dele?

— Ele quis vir para cá.

— E eu continuo aqui. — Chris disse com sua voz sempre rouca e foddidamente sensual.

Benny queria me matar por deixar Chris e eu sozinhos. Não ficávamos a sós desde o dia que eu chamei nossa relação de ridícula.

Oh Chris, como eu gostaria de poder falar que não achava nossa relação ridícula, longe disso. Eu adorava o que tínhamos. Eu queria tanto poder ter mais dele. Queria poder reviver nossa última foda para fazê-la ser ainda melhor, se isso fosse possível.

Depois de mais algumas meias palavras Chris entrou comigo. Não precisou de ajuda para andar.

PERIGOSAS ACHERON

Entrou em minha casa meio bêbado, mas parecia que era a casa dele também, porque entrou tirando a camisa.

Não discuti, achei lindo quando ele deitou no sofá como se fosse o dono do mesmo, deixando sua camisa no colo. Seu peitoral estava como algumas semanas atrás: forte, definido, delicioso. Tentador.

Eu queria aquele homem na minha cama. Em cima de mim. Dentro de mim. Profundamente. Me preenchendo até eu não aguentar mais.

Christopher me pegou olhando para ele, e me deu um sorriso, dessa vez um sorriso de bêbado, doce e engraçado.

— Vou esquentar o café. — felizmente já tinha café pronto e como desculpa eu sairia da sala.

Não demorei muito para voltar com o café preto e um comprimido (para evitar ressaca) para Chris. Ele estava sentado, ainda sem a camisa,

PERIGOSAS ACHERON

passava as mãos no cabelo e respirava fundo, como se juntasse as melhores palavras para formular uma frase. Mas, no fim, ele não disse nada, além de um categórico "obrigado" depois que eu lhe entreguei o café e o remédio.

Christopher pareceu queimar a língua, deu uma pausa, e logo voltou a beber rápido, engoliu o remédio um pouco depois, sem nem perguntar para que servia, confiou em mim cegamente e eu adorei isso também.

— Você quer tomar um banho? — arrisquei para tentar quebrar o gelo, mas logo percebi que seria vista com milhares outras intenções maliciosas.

Eu tinha essas outras intenções? Não. Eu queria essas outras intenções? Eu implorava por elas! Sim, muitas e muitas vezes.

Chris me olhou de uma forma que eu não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

soube identificar. Era mágoa? Tristeza com certeza, e um misto, ali no fundo, de diversão e malícia. Enfim, Chris estava tão confuso quanto eu.

Eu queria tudo! Queria tudo que inclusive Christopher Tyler no pacote. Tudo que viesse de ruim e bom eu aceitaria.

Aceitaria se ele fosse mal humorado. Aceitaria se ele me xingasse agora. Aceitaria se ele quebrasse alguma coisa. Aceitaria se ele colocasse um som alto pela manhã. Aceitaria se ele detestasse os filmes que eu amava. Aceitaria se ele me mandasse calar à boca. Aceitaria se ele bagunçasse minha casa. Aceitaria se ele espremesse a pasta na metade. Aceitaria se ele deixasse a tampa do vaso aberta. Aceitaria seu ronco, indisposição, má educação, grosseria, frieza. Aceitaria até mesmo seu pai. Só não aceitaria que ele fosse embora.

Mas, tirando o último quesito sobre seu pai,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

meu Chris não fazia nada assim. Ele era o contrário daquilo. Mesmo que ele fosse daquela outra forma, que sua faceta de bom moço mudasse para bad boy, eu aceitaria. Restava saber se, ele me aceitaria também?

Pela primeira vez eu não me achei suficientemente boa para aquele garoto tão fodidamente perfeito.

Ele poderia ter ido para outro lugar, procurado outras pessoas, mas ele disse à Benny que queria vir para minha casa.

Ele estava colocando a xícara do café no chão e não deixava de olhar para mim.

Meu Chris, mesmo nessas semanas de "perto-longe", continuava sendo meu. Ele poderia não saber e não querer, mas ele era meu.

— Eu também senti sua falta. — admiti algo que ele havia dito há dias e eu não retribui.

PERIGOSAS ACHERON

Eu continuava em pé no meio da sala e nada mais precisou ser dito quando meu Chris levantou-se do sofá caminhando em minha direção. Ele me puxou, com uma mão na nuca, outra em minha cintura e me beijou.

Foi um beijo daqueles que vemos em despedidas e reencontros. Embora, nós não estávamos nos reencontrando e muito longe de nós nos despedirmos. Estávamos em nosso próprio mundo.

Seu beijo foi o mais tentador de todos. Era um daqueles beijos de corpo e alma, onde não era apenas a boca o protagonista. As mãos, as pernas, os braços, todo o corpo entrava em sintonia. Todo o corpo se envolvia.

Seu gosto era uma mistura de café, uísque barato e algo que era só dele, seu próprio gosto, como seu cheiro, que continha sua própria

fragrância.

Seu cheiro era um amanteigado interesse, que se misturava com o cheiro da bebida, como no gosto não saia, mas havia também seu próprio cheiro. Chris, especialmente hoje, tinha cheiro de sexo e seu próprio cheiro de homem viril.

Sua boca me dominava, seu corpo me empurrava para a parede. Passei minhas pernas por sua cintura e pude sentir perfeitamente seu membro ereto cutucando minha vagina pela sua bermuda jeans.

Seus movimentos se tornaram estocadas sobre a roupa, como uma promessa do que teríamos mais tarde. Meu robe rapidamente estava no chão, deixando-me com uma camisa comprida, mas fina e uma calcinha de algodão.

Chris era assim. Ele não precisava de autorização, ele vinha direto quando você abria

PERIGOSAS NACIONAIS

uma fresta.

Eu estava divagando para dizer o óbvio: eu estava, fodidamente, perdidamente, dolorosamente, e muitos outros "mentes", mas principalmente: apaixonadamente apaixonada pelo homem mais carinhoso, carismático, lindo, sensual, brincalhão, engraçado, besta, manhoso, mimado, orgulhoso, bom, humilde, calmo, inteligente, esforçado, maduro, enjoado, malicioso e tentador que eu já conheci.

PERIGOSAS ACHERON

LVIII



Muitas vezes, quando eu era moleque, eu pensava comigo o que eu queria naquele momento. Poderia ser das mais diversas besteiras, porém o que eu queria naquele exato minuto?

Se eu fizesse isso, naquele exato momento, eu diria que enfim eu não queria nada. Eu tinha literalmente em minhas mãos a mulher por quem eu era apaixonado e só ela, por si só, já era o que eu queria. Tê-la era almejar demais, ter mais que ela parecia impossível. Indesejável até. Afinal, para quê, eu queria mais, se já tinha tudo?

Beijei minha Ruiva como se minha vida dependesse disso. Beijei de todo meu coração, com uma paixão da qual estava presa há tempos. Eu necessitava daquilo. Seus toques, seus gemidos, suas frases entrecortadas, seus arranhões, enfim, tudo.

Eu necessitava de Agatha. Não qualquer uma, mas sim dela. Só dela. Esse havia sido o motivo que eu não consegui ir à boate e fiquei no bar bebendo mais do que eu aguentava. Eu não conseguiria foder outra mulher, tendo Agatha

fodendo com minha mente.

Só ao beijá-la toda minha bebedeira pareceu ter sido em um passado distante. Me sentia bem, melhor que bem, ótimo. Eu tinha tudo, naquele exato momento, que eu queria ter.

Segurei Agatha pelas coxas com minhas mãos, enquanto suas pernas estavam enroscadas em minha cintura e suas mãos em meu cabelo, puxando e acariciando.

Apertei as coxas de Agatha e com uma das mãos a segurei pela coluna, tirando-nos da parede e jogando-nos no sofá. Felizmente o sofá dela era grande e confortável.

Quando minha Ruiva estava deitada no sofá eu parei um momento apenas para admirá-la. Simplesmente linda. A mulher mais tentadora que eu poderia conhecer. E ela era minha. Inteiramente minha, mesmo que ela ainda não soubesse disso.

PERIGOSAS NACIONAIS

Agatha vestia uma camisa grande e uma calcinha. Seus cabelos estavam uma bagunça e seu olhar azul estava animal, selvagem, como queira dizer.

Despi primeiramente sua camisa, a minha já estava no chão algum tempo, jogando-a também no chão, talvez próxima da minha. Seus mamilos estavam duros, só por eu estar observando-a ela já ficava excitada e imaginei o quanto deveria estar molhada.

Não precisei imaginar muito. Tirei sua calcinha simples, que saiu fácil e joguei em qualquer lugar, sem nem olhar. Minha visão estava focada em sua genitália exposta, rosada e brilhante de seus sucos que escorriam. Como eu, Agatha deveria estar me esperando, nesse meio tempo afastados, ela deveria ter pensado em mim, como eu pensei nele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Minha Ruiva estava com seus joelhos flexionados, deixando sua vagina brilhante totalmente visível para mim. Ela estava mais linda do que eu imaginava. Seu corpo tão gostoso quanto antes, seus seios tão fartos e fodidamente perfeitos quanto antes, sua bunda tão dura, e ao mesmo tempo, tão macia, quanto antes.

Perfeita. Não havia palavra melhor para descrever essa mulher.

Mudei a posição dela, que nem discutia, deixando-a meio sentada, meio deitada no sofá e me ajoelhei na sua frente. Agarrei suas coxas torneadas e coloquei-as em meus ombros, sem demorar mais lambi toda sua fenda, provando seu gosto natural e provocando-a gemidos entrecortados e respiração irregular.

Depois de lambe-la sua fenda uma e outra vez, lambi seu clitóris, primeiro provocando-a mais

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

lentamente com movimentos de vai e vem, em seguida, fazendo como toda mulher gostava, movimentos circulares, devagar, sem pressa, rápido, selvagem.

Seu gosto era definitivamente minha bebida favorita. Eu não precisava tanto de água quanto eu precisava daquilo. Era a melhor coisa do mundo saber o quanto eu provocava à minha mulher.

Mulher que geme baixo, era uma graça. Mas mulher que geme alto, era tentador. Era uma sinfonia perfeita aos meus ouvidos. Era a música que eu ouviria mil vezes sem enjoar. Melhor era: mulher que geme alto, gritando seu nome. Nunca me importei tanto que alguém gritasse meu nome como Agatha.

Eu queria que ela falasse uma e outra vez, bem alto, "Chris, Chris, Chris", afinal não era um homem qualquer que estava fazendo isso a ela, era

PERIGOSAS ACHERON

eu. E eu queria ouvi-la me chamar sempre. Era revigorante para mim e meu pau concordava veementemente.

Continuei com os movimentos circulares com minha língua em seu clitóris. Não abandonando-a em nenhum momento. Ela gemia, miava, gritava, falava. Era perfeito. Eu sentia muita falta daquilo.

Apertei suas coxas em minhas mãos e soltei uma delas indo até sua entrada cada vez mais úmida. Enfiei dois dedos e olhei para cima, vendo-a arquear as costas, fazendo seus seios pularem.

Putá que pariu! Que visão do paraíso. Do inferno! *Eu sei lá...* mas que visão! Exclamações aos montes não eram o suficiente para descrever aquela cena. Aquela visão!

Gostaria de tirar uma foto mental, gravar aquilo em minha mente para sempre. Nunca perder

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a visão de seus seios fartos pulando enquanto ela jogava sua cabeça para trás, deixando a boca entreaberta para puxar o ar, seus cabelos cada vez mais bagunçados, caídos em seus ombros, em seu rosto.

Dei estocadas rápidas com meus dedos e acrescentei outro. Minha Ruiva jogou sua cabeça para frente, para me olhar, fazendo seu cabelo esconder metade de seu rosto, mas ela o jogou para trás. Depois colocou suas mãos em meu cabelo, puxando para frente, fazendo minha boca ficar mais próxima de sua vagina.

Afastei minha língua de seu clitóris para lambe toda sua fenda, sentindo seu gosto, e não me dando por satisfeito, tirei meus dedos de sua entrada, fazendo-a resmungar baixinho, mas chupei meus dedos, sentindo ainda mais seu gosto. Ela riu, selvagem, gostosa, tentadora.

PERIGOSAS ACHERON

Voltei a lambar seu clitóris e enfiei novamente meus três dedos dentro dela, procurando seu ponto G. Quando o achei Agatha gemeu alto, como se fosse a primeira vez.

— Chris! — era exatamente isso que eu queria ouvir — Chris! — meu pau latejava apertando no jeans da bermuda em concordância total — Chris! — minha Ruiva estava bem perto.

Mal ouvi alguns de seus palavrões e meu nome quando ela gozou. E devo dizer que foi uma cena maravilhosa. Parecia novidade, parecia que eu nunca a tinha visto gozar. Hoje parecia tudo uma novidade. Nós estávamos diferentes, restava eu saber o que mudava.

Agatha me olhou nos olhos segundos antes de gozar, mas quando o pico do prazer lhe atingiu, ela jogou sua cabeça novamente para trás, deixando para mim a fodida e sensual visão de seu cabelo,

PERIGOSAS NACIONAIS

pescoço, seios e barriga. E enquanto gozava ela gemia, respiração de um jeito sexy, gritava meu nome, alguns palavrões também. Era outra visão do paraíso.

Não parava de chupá-la enquanto ela gozava e segundos depois quando todos os seus espasmos passaram e o relaxamento lhe abateu, eu me afastei de sua vagina, de um jeito quase relutante, por mim ficaria por mais tempo.

Sentei-me no sofá ao lado dela. Minha Ruiva me olhou de um jeito diferente, quase manhoso, ela não era normalmente assim, era selvagem, mas adorei aquele seu olhar diferente.

Suas bochechas estavam rosadas, suas pupilas dilatadas fazendo seus olhos brilharem mais, seu cabelo uma bagunça sem fim, sua pele arrepiada, seu sorriso no rosto era pura satisfação e seus sucos sujavam até mesmo o chão e podia

PERIGOSAS ACHERON

apostar que o sofá também.

— Acho que é minha vez. — Agatha se aproximou de mim, beijando minha nuca.

Eu nunca fazia nada por ela esperando retorno. Fazia tudo por ela, porque queria, porque gostava de vê-la satisfeita. Mas eu amava ser satisfeito também. Por isso sexo era tão bom, agradava aos dois. Nem sempre a depender do casal, mas comigo não existia isso de: somente *eu* gozar, apenas *eu* sair satisfeito.

Gozar era o ápice do prazer, mas tudo que vinha antes era ainda melhor, porque era o complemento. Orgasmo era a cereja do bolo, o que fazia alguém ter um orgasmo era o elemento principal.

Quando perdi minha virgindade com Júlia, eu não a fiz gozar, éramos ambos tão inexperientes, mas me senti incompleto ao saber que ela poderia

PERIGOSAS NACIONAIS

ter gostado mais. Assisti milhares de filmes pornôscandidos de meus tios, pesquisei sobre diversas coisas, desde o sexo tântrico, à BDSM, à posições do Kama Sutra. No fim, não achei nada que prestasse de verdade.

Eu e Júlia transamos algumas outras vezes sem ela gozar. Júlia achava normal, ela dizia que para mulher era mais difícil mesmo. Logo eu pedi, um pouco envergonhado, que ela se masturbasse (eu sabia que ela nunca tinha se masturbado antes) e me dissesse como foi.

Júlia fez como eu pedi, e me disse que demorou bastante, mas conseguiu gozar. Fiquei um pouco triste por não ter sido eu a fazer isso por ela, mas pedi para vê-la fazer. Ela recusou, claro, éramos jovens e envergonhados (eu nem tanto), mas depois ela fez o que pedi. Na minha frente ela não demorou tanto para gozar. Vê-la gozar foi

PERIGOSAS ACHERON

surreal, bonito mesmo, sexy ainda mais.

Um dia tomei mais coragem e pedi para que ela me ensinasse, falando e se necessário me guiasse. Júlia fez e então eu enfim aprendi como fazer uma mulher gozar. Se eu não soubesse, eu precisava perguntar, pedir para ensinar não foi vergonha nenhuma, depois disso a fiz gozar facilmente. Com meus dedos primeiro, minha língua e finalmente com meu pau.

A boca macia de Agatha estava mordiscando e beijando meu pescoço enquanto suas mãos desciam para a braguilha de minha bermuda, sua outra mão estava em meu cabelo.

Fiquei de pé, para deixá-la tirar minha bermuda e cueca, depois sentei-me novamente. Queria ficar tão relaxado quanto ela tinha ficado. Adorava uma mulher de joelhos na minha frente, mas hoje eu queria poder enxergar seu rosto

enquanto me chupasse e não apenas o topo de sua cabeça.

Meu pau estava orgulhosamente ereto e minha Ruiva ao vê-lo gemeu em antecipação, sabendo que ele em breve estaria dentro dela.

Agatha primeiro sentou-se em meu colo, me fazendo sorrir. Se ela continuasse nessa posição eu enfiaria nela ali mesmo, sem esperar para mais nada.

— Eu — Agatha começou sorrindo, um sorriso selvagem, naturalmente dela — queria *provar* o quanto senti sua falta.

Não disse nada, mas peguei seu duplo sentindo no ar.

Sim, minha Ruiva, você podia "provar" o quanto quisesse para mim.

Agatha beijou meu pescoço, e eu estava bem

PERIGOSAS NACIONAIS

distraído, sentindo meu pau roçando sua barriga. Ela estava sentada em minhas pernas e quando se inclinava (como agora estava) meu pau roçava nela, tirando-me de qualquer coisa que eu pudesse pensar.

Seus beijos desceram devagar de meu pescoço, passando por meu ombro, omoplata, peito e parando um pouco acima de meu umbigo. Agatha saiu de meu colo e ficou de joelhos, como eu estava a pouco, entre minhas pernas. Então ela voltou a beijar minha barriga, parando para lambar meu umbigo, o que me fez arquear as costas, enviando-me arrepios por todo meu corpo.

Agatha sorriu, satisfeita por descobrir uma nova sensibilidade, e desceu novamente, parando para me infernizar um pouco acima de meu membro. Sem eu esperar ela lambeu devagar com movimentos circulares a minha glândula.

PERIGOSAS ACHERON

Seus movimentos eram leves, agonizantes e prazerosos. Uma de suas mãos cravou-se em minha coxa com suas unhas compridas e a outra segurou delicadamente meu membro. Ela me olhava como uma atriz de um filme pornô: se fazendo de inocente para depois acabar comigo.

E ela acabou.

Agatha enfim sugou minha glândula com sucções rítmicas, rápidas, prazerosas como o inferno. Gemi alto, tão alto quanto ela. Eu não tinha uma mulher me chupando assim desde o dia que terminamos, eu estava fodido, fraco, perdido. Eu estava com uma abstinência, mas não sexual, uma abstinência de Agatha.

Minha Ruiva continuou a sugar minha cabeça e aos poucos enfiá-lo mais fundo, cada vez mais fundo. Seus olhos não largavam os meus, suas unhas cravavam-se mais em minha coxa e sua outra

mão segurava meu membro de uma maneira sensual para cacete.

Agatha era completamente sensual. Não havia uma parte do seu corpo que não era sexy. Ela era o pacote perfeito de mulher: inteligente, linda e tentadora. E Agatha sabia como chupar. Porra! Agatha chupava bem para caralho.

Não que fazer um bom (no caso de Agatha ótimo) oral fosse essencial em uma mulher, mas ajudava muito. Uma mulher que não tinha nojo de chupar um pau e o engolia até onde aguentava sem pudores, era foda.

Como eu já disse antes: mulher boa era mulher sem vergonha. Sim, daqueles que eram respeitadas na rua, mas umas putas na cama. Qual o problema disso afinal?

Mulher gostava de sexo tanto quanto os homens. Mulheres, assim como os homens,
PERIGOSAS ACHERON

poderiam "pegar geral" e ainda se dar ao respeito. Sem qualquer *ismo*, mulher podia ser uma puta na cama, sem ser vulgar, ser sensual na rua, sem ser desrespeitada.

Agatha era esse tipo de mulher. O tipo perfeito de mulher. O tipo de mulher que não abaixava a cabeça, que fazia você abaixar. O tipo de mulher que não pedia, mandava, e você, tolo, obedeceria sem pensar duas vezes. O tipo de mulher que nunca era vulgar, mas era sensual para cacete. O tipo de mulher que inspiraria outras mulheres. Enfim, o meu tipo de mulher.

Com a mão que estava em meu pênis, minha Ruiva deslizou para minhas bolas, massageando, e com a boca chupou mais fundo meu membro.

Coloquei minhas mãos em seu cabelo, afastando-o de seu rosto. Eu queria ver o movimento de sua cabeça enquanto me chupava

profundamente.

Eu não fazia ideia de quanta falta eu havia sentido dela. Não só do sexo, mas da sua presença dessa forma, sempre imposta, quase dominadora, sensual e sexual toda dirigida para mim.

Agatha tirou sua boca de meu membro para lambar toda a extensão, sem tirar seu olhar azul brilhante do meu. Ela queria que eu visse tudo que ela fazia comigo. Eu não tinha intenção nenhuma de perder aquele show particular. Depois de me lambar, ela abocanhrou novamente quase todo meu pau e continuou com seus movimentos profundos.

— Ruiva! — dessa vez era eu quem gemia de prazer — Ruiva! — seus olhos estavam nos meus, profundos, azuis, brilhantes, selvagens, seu olhar por si só já me dava prazer — Ruiva! — suas mãos saíram de minhas bolas, e sua boca de meu pau rapidamente.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela chupou um de seus dedos e eu fiquei sem saber o que ela faria. Em seguida ela chupou profundamente meu membro, me fazendo esquecer de seu rápido abandono e com a mão (do dedo que havia chupado) voltou a acariciar minhas bolas, mas desceu, indo até meus a entrada de meu ânus.

Nunca uma mulher tinha me tocado em meu ânus, eu não tinha certeza se queria que ela fizesse, mas acabaria com todo o clima se mandasse ela parar.

Sem eu ter chance de recuar ela enfiou e tocou, onde eu teoricamente sabia, que era o ponto G masculino, na próstata. Não tive nenhuma reação. Meu corpo todo entrou num orgasmo celestial. Facilmente poderia descrever como o melhor de minha vida.

Eu gozei com meus olhos abertos, vendo-os de Agatha em mim. Ela não tirou sua boca de meu

PERIGOSAS ACHERON

pênis enquanto eu gozava e ela engolia sem discussão cada gota de meu sêmen.

Eu gozei meio falando seu nome, seu apelido, palavrões, gemidos, entre respirações oscilantes, numa mistura estranha de ótimo e maravilhoso.

Definitivamente eu não queria outra mulher que não fosse Agatha. Ela era tudo que eu poderia querer. Minha Ruiva tinha uma série de defeitos, mas suas qualidades ultrapassavam qualquer coisa.

— Ruiva, eu estou apaixonado por você. — disse no seco.

Afinal eu havia ido à sua casa para isso e era isso que eu faria, mesmo que isso fizesse ela se afastar de mim, eu precisava falar. Eu estava apaixonado por ela. *Muito*.

Agatha se afastou de meu pau, ainda ajoelhada me olhou, com os olhos arregalados,
PERIGOSAS ACHERON

assustada, chocada. Talvez eu não devesse ter sido tão direto, não depois daquele boquete, mas seu oral não tinha nada a ver com isso, eu já queria falar antes, mas ela não sabia disso. Não teria como saber...

— Chris... — ela começou e eu sabia que vinha bomba.

LIX



— *Ruiva, eu estou
apaixonado por você.* — Christopher

falou, assim na lata, no seco.

Me afastei de seu membro, embora continuei ajoelhada na sua frente. Meus olhos deveriam estar arregalados. Eu estava com uma mistura estranha de sentimentos. Meu coração praticamente explodia em meu peito.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Chris... — comecei, mas eu não sabia direito o que falar.

O que falar em um momento daqueles? Eu era apaixonada por ele? Sim e muito. Mas eu não diria, haveriam tantas consequências, tantos problemas, dramas, traumas passados e futuros para enfrentarmos e eu não sabia se nossa relação era tão forte para suportar tanta coisa.

Eu não era uma mulher cheia de demônios pessoais. Há tempos eu havia tentado afogar meus demônios, mas aprendi, que eles sabiam nadar. Aprendi então, aos poucos, a superá-los, mesmo sem saber direito como.

Chris talvez tivesse seus próprios traumas do passado, mas eles acabariam se tornando uma bola gigante de neve se fosse juntá-lo com os meus. Ele não aguentaria saber de tudo que passei e fiz. Ele iria embora no momento seguinte e eu perderia o

PERIGOSAS ACHERON

meu bom garoto.

Algo em minha mente queria deixá-lo me conhecer mais e então deixá-lo decidir se ia embora ou ficava comigo. Mas eu não queria arriscar. Eu não queria que ele fosse embora. Não queria fazer nada que fizesse ele ir. Não mais.

— Você não me conhece por completo. —
enfim completei, tentando deixar de lado toda minha besteira mental.

— Deixe-me conhecê-la então. — o modo como Chris disse, tão sincero, verdadeiro, calmo, enquanto acariciava meu rosto com uma mão, me fez concordar, mesmo eu não sabendo ao certo se deveria.

Fomos tomar um banho, na banheira de minha suíte.

Christopher massageou todo meu corpo, me fazendo relaxar, como se me amaciasse, tentando
PERIGOSAS ACHERON

me domar, para depois saber tudo de mim.

Estávamos deitados na banheira, um do lado do outro. Algumas coisas eu queria falar sem vê-lo de frente. Eu não falaria tudo, mas estava decidida a contar parte de minha história, se necessário algumas meias verdades.

— Você prefere que eu comece? — Chris sussurrou e eu o encarei, assentindo.

Talvez fosse mais fácil assim, se ele começasse. Eu poderia medir seus traumas aos meus e constatar se eles se tornariam ou não uma gigante bola de neve.

— Minha mãe se suicidou quando eu era criança. — *sim, com certeza, nossos traumas se tornariam uma bola gigantesca de neve.*

Não consegui deixar de olhar para Chris e fazer um cafuné em seu cabelo enquanto ele me contava tudo, ou o que eu achava que era tudo. Ele

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

me contou dos surtos de sua mãe quando achava que ele era seu pai, me contou quando ela ficava "bem" e o reconhecia ela se arrependia de tudo, mas não demorava muito para começar de novo. Ele me falou sobre seu pai, como sumiu quando ele mais precisava. Explicou que sua tia o criou, que ela achava que seu pai teve uma mulher na rua. Nessa parte eu gelei.

Ela falava quantos anos ele tinha na época e eu contava quantos anos *eu* tinha na época e batia. Eu conheci Stuart antes da mãe de Chris se suicidar. Ele estava comigo, talvez em algum momento que a mãe de Chris surtava. Ele estava sendo prestativo, atencioso comigo, quando deveria ser com seu filho. Mas eu não sabia nada disso dele, na época Stuart apenas sabia meu nome verdadeiro e meu apelido, e eu só sabia seu nome, o resto não era importante.

PERIGOSAS ACHERON

Agora tudo parecia ser importante.

Nossos traumas não se tornariam uma bola de neve gigante. Eles já eram.

Chris continuou me contando sobre sua vida e eu tentei prestar o máximo de atenção possível, mas meu coração batia de um jeito irregular. Ele contou-me rindo sobre Júlia, sua atual amiga, que foi, no interior, sua primeira namorada. Eu sorri, mas não conseguia disfarçar minha dor.

Depois de contar as coisas pesadas e terminar nas leves, Christopher sorriu, um daqueles sorrisos presunçosos, como só ele podia dar.

— Acho que é a sua vez. — disse-me.

Havia quase uma década que eu não contava minha história de vida para alguém. Quando abri a boca para contar, Chris segurou meu rosto delicadamente com suas mãos, beijou meu rosto por completo e se afastou, mas continuou com suas

PERIGOSAS ACHERON

mãos em meu rosto.

Por onde eu começo?

Comecei pelo óbvio: o fatídico começo.

— Minha mãe era emprega doméstica, antes de eu nascer, teve um caso com o padrão casado e quando contou da gravidez, obviamente, ele não acreditou nela. Demitiu minha mãe por justa causa e deu-lhe uma miséria de dinheiro que era para sustentar a mim, à bastarda.

— Ela então começou a se virar em mil para me criar. Minha mãe não tinha família, era mãe solteira e estava totalmente sozinha no mundo com um bebê que só fazia chorar e cagar.

— Nossa vida foi assim por um longo tempo, quando eu comecei a crescer e ficava algumas horas na escolinha ela ia trabalhar. Tínhamos o suficiente para moradia e comida. Eu não me queixava, entendia todas as dificuldades e sabia que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

minha mãe era orgulhosa demais para obrigar aquele seu patrão à fazer o teste de DNA e, na época, todos iriam insultá-la por ter se envolvido com homem casado, quanto mais o patrão. Afinal, onde se vende a carne, não se come o peixe.

— Minha vida mudou drasticamente para pior quando minha mãe morreu. Eu, jovem, inexperiente, humilde, idiota, estava sozinha nesse mundo. Não teria como pagar as contas e nem como comer.

Chris não tirava suas mãos e seus olhos de mim enquanto eu contava cada detalhe possível de meu passado para ele.

— Eu fui esperta, vendi todos os meus móveis desnecessários, deixando apenas: geladeira, fogão e cama. De resto vendi aos poucos, por um preço decente e comecei a procurar emprego, mas ninguém queria dar uma primeira oportunidade

PERIGOSAS ACHERON

para uma garota que só tinha o ensino médio.

— Meu desespero começou quando o dinheiro dos móveis estava chegando ao fim. Um dia eu fui encontrada por um olheiro de modelos e ele me levou para a agência que ele trabalhava. Era pequena, desconhecida e tinha um ar estranho, mas eu ganhava bem ao desfilar. Desfilei pouco, não tinha tamanho, nem corpo para isso, comecei a ser modelo fotográfica e rendi muito mais assim...

— Fiz várias propagandas, conheci algumas pessoas indesejáveis. — essa era uma das minhas "meias verdades", eu estava pulando várias coisas, ele ainda não poderia saber, talvez nunca precisaria saber — Em uma dessas propagandas conheci Benny e meu antigo marido.

— Eu e Benny nos demos bem de cara. Ele detestava meu ex, mas continuei com ele, mesmo Benny o odiando. Não demorou muito depois de eu

conhecer meu ex para largar o trabalho como modelo fotográfica. Benny era das passarelas, quase não tínhamos trabalho em comum.

— Meu ex me ajudou a abrir a agência e me ajudou com a clientela, já que ele era um empresário e tinha vários contatos. O sucesso começou cedo, Benny também largou as passarelas, focamos no mundo empresarial e meu antigo marido começou a se tornar o oposto do que era.

— Ele nunca me bateu, mas jogava na cara as coisas que eu tinha feito, me xingava, me humilhava, jogou na cara o dinheiro que tinha me dado para abrir a agência, as pessoas que tinha indicado... Enfim, em uma de nossas brigas, até Benny se meteu. Nunca vi meu Benny tão puto, eles brigaram feio, Benny me defendeu, bateu nele e tudo.

— Benny bateu em seu ex marido? — Chris

questionou.

— Ele bate e muito. Aprendeu cedo.

Chris acenou, quase como se soubesse o que eu queria dizer. Benny tinha aprendido cedo a bater, porque tinha apanhado muito de seu pai.

— No fim, eu e meu antigo marido terminamos depois dessa briga. Ele era daqueles filhinhos da mamãe, que nasceu em berço de ouro, mas não podia negar que ele sempre trabalhou na empresa de sua família, nunca foi preguiçoso. Enfim, depois disso ele e eu perdemos todo o contato, mas antes disso fiz questão de devolver cada centavo do dinheiro que ele me deu para abrir a agência.

— De lá para cá minha vida foi essa de trabalhar na agência, sair para eventos, festas ligadas à mesma e, vamos dizer que, minha vida social se tornou bastante limitada.

Depois que terminei meu monólogo, respirei fundo, dando ênfase que era o fim.

Pensei rapidamente sobre tudo que falei e sorri, dessa forma eu conseguia gostar da minha própria história. Dava a entender que eu era uma menina inocente e sozinha que cresceu na vida trabalhando duro e respeitosamente.

Pena que nem sempre foi assim e essa parte, Chris não precisava saber, que ele achasse que eu era apenas uma menina inocente e toda aquela merda que era a verdade, mas com partes ocultas.

Esperei que Chris falasse algo, suas mãos abandonaram meu rosto, mas seu olhar âmbar continuou fixo ao meu. Uma tristeza tomou meu peito e meus olhos ficaram marejados, eu podia sentir.

— Chris, — eu não podia terminar essa história assim, como fosse apenas de dificuldade e

PERIGOSAS ACHERON

superação, não depois dele ter me contado tudo — há coisas que eu não consigo contar, coisas no meu passado que eu fiz, pessoas das quais me envolvi, que eu não consigo nem pensar sem me achar suja,nojenta, pu-...

Christopher interrompeu a última palavra que eu ia dizer com um beijo. Um beijo carinhoso, um consolo. Sua língua tocava na minha de um jeito sem graça, como se estivesse me conhecendo agora, como se fosse o primeiro beijo.

Não percebi que meu rosto estava úmido pelas minhas lágrimas. Eu nunca chorava do nada, tirando o dia que chorei com Benny, não havia chorado há anos. Eu não era desse tipo de mulher que chorava sem motivo, mas hoje parecia que tudo estava saindo dos trilhos, fugindo das minhas mãos e eu não reclamava disso.

Nosso beijo foi molhado e salgado das

minhas lágrimas. Foi delicioso. Christopher era meu consolo, minha perdição, minha maior tentação.

— Você não me deve nada. — Chris se afastou de mim, mas continuou tão perto que eu sentia sua respiração em meu rosto.

Não Chris, eu não devia. — pensei.

Mas infelizmente ele só dizia isso porque não sabia o que era. Era fácil aceitar sem saber. Eu queria, juro que queria, dizer tudo, desde seu pai ao resto da história, porém eu não conseguia nem pensar naquelas coisas sem me entristecer por isso.

E ele o que acharia de mim? Ele me odiaria, faria o mesmo que meu antigo marido: me xingar, me humilhar. Eu não aguentaria passar por tudo aquilo de novo. Eu não aguentaria não ver mais seu olhar profundamente escuro me olhar de uma forma diferente da que me olhava agora. Eu não

suportaria!

Assenti meio sem jeito, sem saber o que dizer e o beijei. Eu não queria pensar sobre o passado, eu queria viver meu presente, pensando em um bom futuro. Eu ainda não saberia o que fazer sobre o pai de Chris, afinal ele não poderia descobrir de mim e Chris juntos novamente, mas eu não pensaria em nada disso agora.

Christopher retribuiu meu beijo vorazmente e ao mesmo tempo delicadamente, como se eu fosse frágil, de porcelana e a qualquer momento me desmontaria se ele me pegasse mais forte. Sorri com sua boca na minha. Eu não suportaria perder isso também, esse carinho, essas carícias.

Chris colocou sua mão em minha nuca, segurando meu cabelo com ele e puxando levemente para trás. Eu amava quando ele me segurava dessa forma: imponente, viril, carinhoso.

Deslizei minhas mãos (que estavam em meu colo) para seu corpo. Com uma delas segurei seu cabelo e com a outra passei em seu peito, sentindo seus gominhos.

Sem eu esperar Christopher me pegou e me pôs em seu colo. Ficamos cara a cara e por um tempo não fizemos nada, apenas nos olhamos. Havia algo diferente em nós, restava eu saber como nomeá-lo. Me mexi em seu colo e senti seu pau roçar minha entrada, como se já soubesse o caminho sozinho.

Gememos em antecipação. Chris encarava meus seios, (minha cintura para baixo estava coberta com espumas da banheira) e não deixou de segurar meu cabelo, pela nuca, quando sua mão livre apalpou um de meus seios e sua boca o outro.

Com a mão ele apertou todo meu seio, com a boca tentou chupá-lo por inteiro, mas acabou

desistindo e chupou meu mamilo, fazendo-me gemer. Sua boca era ótimo em qualquer parte do meu corpo. Sua mão depois de apalpar um pouco mais meu seio, beliscou fraco meu mamilo e depois o apertou entre os dedos, meu corpo todo arrepiou com seu toque.

Deixei minhas mãos em seu cabelo, como sempre fazia. Adorava seu cabelo comprido, às vezes rebelde, às vezes perfeito no lugar.

Chris mordeu meu mamilo e com a mão apertou mais o outro. Senti um pouco de dor, mas então, como se soubesse, ele chupou, fazendo movimentos circulares meu outro mamilo, e a mão foi para meu outro seio, também com movimentos circulares. Assim como sua boca, sua mão estava gelada, e meu corpo inteiro estava arrepiado.

Ele afastou sua boca de meus seios com um sorriso e um olhar selvagem. Esse garoto queria

PERIGOSAS NACIONAIS

acabar comigo! Com a mão que estava em meu seio, ele passou pela minha cintura, me elevando no ar e antes que ele me preenchesse, eu disse o que estava preso em minha garganta:

— Chris, eu também estou apaixonada por você. — então ele me preencheu profundamente, fazendo nós dois arfamos e gememos em uníssono.

E sem ele tirar seu típico sorriso presunçoso dos lábios.

PERIGOSAS ACHERON

LX



— *Chris, eu também estou apaixonada por você.* — Agatha me disse segundos antes de eu enfiar meu membro em sua entrada, arfamos e gememos juntos.

Eu sorria, não conseguia deixar de sorrir.

Nós nos olhávamos enquanto eu sincronizava

PERIGOSAS NACIONAIS

nosso ritmo. Eu não queria me esquecer nunca mais da sensação que era estar dentro de Agatha. Parecia que todo vez que transávamos era diferente e essa era a mais diferente de todas.

Talvez tenha sido porque nós contamos nosso passado um para o outro, mesmo ela deixando claro que havia coisas que ela não disse, mas, por hora, aquilo era o máximo que eu precisava saber.

Talvez tenha sido porque nós falamos que estávamos apaixonados, *talvez, talvez*. Mas o fato era que não era mais apenas uma foda qualquer, era algo mais.

Agatha colocou suas mãos em meus ombros, dando-se equilíbrio e assumindo nosso ritmo. Ela cavalgava ferozmente em mim. Nossos gemidos eram uma mistura, eu mais baixo, ela mais alto que eu.

PERIGOSAS ACHERON

— Oh! Chris! — como disse, isso era simplesmente sinfonia para meus ouvidos, do tipo que não enjoava.

Coloquei minhas mãos em suas coxas, dentro da água.

— Agatha! — foi minha vez de gemer seu nome.

Ela cavalgava cada vez mais rápido. Minha respiração estava pesada e entrecortada, a dela também.

Eu tinha sentindo muito a falta dela, mas tê-la ali, em meu colo, em meu pau, fazia eu lembrar-me o quanto eu senti falta disso: de tê-la por completo, de senti-la em torno de meu pau, de estar dentro dela.

Eu estava muito apaixonado pela minha Ruiva, daquele tipo de paixão com os pés no chão. Eu tinha plena consciência que não seria tudo flores

PERIGOSAS ACHERON

e que ela não era a mulher perfeita, tinha seus defeitos, e muitos deles, mas eu tinha aprendido a gostar dela assim: imperfeitamente perfeita para mim.

— Ahh! — minha Ruiva gemeu.

Ela me olhava nos olhos e eu podia gozar, agora mesmo, só por olhar seu par de olhos azuis brilhantes. Eu não conseguia deixar de admirar sua beleza. Ela era realmente uma raridade. Pouquíssimas pessoas eram ruivas, quanto mais de olhos azuis, como os dela. Ela era minha raridade, minha perdição, minha maior tentação.

Eu apertei mais suas coxas, enquanto ela cavalgava em meu colo. Era fodidamente sexy vê-la cavalgar enquanto seus seios pulavam juntos no ritmo.

Como sabendo o que me provocava, ela se aproximou mais de mim, colando seus seios em

PERIGOSAS ACHERON

meu peito. Suas mãos, que estavam em meus ombros, passaram pelo meu pescoço, me dando um quase abraço e sua bochecha estava junto a minha. Eu podia ouvir sua respiração forte, lufadas de ar e gemidos em meu ouvido, bem próximo e totalmente sensual.

Tirei minhas mãos de sua coxa e com uma delas repousei em suas costas, com a outra segurei seu cabelo e puxei para trás, trazendo sua boca de encontro para a minha.

Nosso beijo foi selvagem. Aquele tipo de beijo que era tão voraz que era como se estivéssemos transando com a boca.

Agatha não parava de cavalgar em mim, e com a mão que estava em suas costas eu segurei-a pelo quadril, ajudando com o ritmo. Mantendo-o rápido, voraz, selvagem, insano... Apaixonante.

Era como mesmo estando naquela posição,

fazendo o que fazíamos, ainda faltasse algo do outro, algo que tentávamos chegar a ele em meio ao sexo. Não faltava nada, eu sabia, mas era como se nem estarmos dentro um do outro fosse tudo, ainda tinha mais.

Estávamos totalmente entregues um para o outro, nossos corpos mais entregues ainda, faltava nossos corações. Eu estava entregue completamente, mas não tinha certeza se ela estava e achava que ela não tinha certeza se eu estava também, por isso estávamos em uma luta pessoal para alcançar o coração do outro. Ela tinha meu coração, mas talvez não fosse com palavras que ela teria certeza disso, talvez ela precisasse ver...

Puxei o cabelo de Agatha para trás, para ver novamente seu rosto. Ela estava rosada, linda, sensual como o inferno.

— Você é perfeita. — disse o que ela já

sabia.

Minha Ruiva não precisava dizer nada, eu não queria respostas. Queria só que ela soubesse o que achava, queria que ela acreditasse em mim, queria que ela soubesse que meu coração era dela.

Ela sorriu. Um sorriso que não precisava dizer mais nada. Um sorriso mostrando todos os dentes, sincero. Seus olhos sorriam junto com ela.

Sim, minha Ruiva era perfeita, perfeita com suas imperfeições, perfeita para mim.

— Chris! — Agatha colocou uma mão em meu rosto, deixando outra em minha nuca, uma das minhas mãos também voaram para seu rosto, sem tirar a outra de seu quadril.

Nosso ritmo não parava. Agatha continuava cavalgando em meu colo. A cena ainda era completamente sexual com seus seios fartos pulando enquanto ela cavalgava, mas algo em seu

PERIGOSAS ACHERON

olhar não deixava aquilo ser apenas sexo.

Era mais que puro prazer carnal. O que eu achei que faltava antes (coração) já não faltava agora.

Com aquele sorriso eu via, sentia, percebia, qualquer coisa, mas eu sabia que Agatha estava tão entregue quanto eu.

O incompleto em pouco tempo havia se tornado completo. Mais que completo. O encaixe perfeito. Minha Ruiva era meu encaixe perfeito, tanto no sexo, quanto na vida.

— Agatha! — gemi e ela me beijou.

Nosso beijo foi tão voraz quanto o outro. Suas mãos estavam segurando meu rosto, minha mão estava em sua nuca, outra ainda em seu quadril, comandando nosso ritmo frenético.

Era um beijo sincero, como aquele seu

sorriso, um beijo entregue à tentação, era a própria perdição. Nossas línguas dançavam sensualmente na boca do outro. Sua língua estava fria, seu gosto era doce. Naturalmente doce.

Eu não queria acabar com aquele beijo. Por mim continuaríamos a nos beijar sem pausas. Eu não queria sair dali! De fato era meu lugar preferido: o corpo de Agatha, principalmente tendo beijos como aqueles.

Puxei Agatha pelo cabelo, como eu sempre fazia, e mordisquei seu pescoço, roçando minha barba por ela, fazendo-a rir e gemer.

— Estou per-perto! — Agatha engasgou.

Eu também estava perto. Queria que gozássemos na mesma hora, como acontecia muitas vezes. Nossos corpos trabalhavam em sintonia até nesse momento.

Afastei minha boca do pescoço dela e a fitei,
PERIGOSAS ACHERON

querendo vê-la gozar. Era ainda mais linda enquanto gozava e sexy como o inferno.

— Chris! — ela gemeu quando eu comandeí nosso ritmo, dando estocadas quase brutais, selvagens.

Eu movia meu quadril para cima e para baixo, fazendo meu pau entrar e sair, então eu e Agatha entramos em harmonia. Eu elevava meu quadril para cima enquanto ela vinha para baixo, eu movia-me para baixo e ela também.

Nossa respiração acelerou em meio as nossas estocadas brutais, cada vez mais rápido, sem perder o ritmo constante e perfeito. Eu ofegava alto, Agatha gemia mais alto ainda.

Então eu senti o corpo de Agatha começar a amolecer e sua respiração ficar desenfreada, junto com seus gemidos. Ela estava prestes a gozar e a explosão maior de prazer veio a seguir, a dela no

PERIGOSAS NACIONAIS

mesmo momento que a minha.

Minha Ruiva não deixou de me olhar quando sua boca ficou entreaberta e até seus gemidos ficaram entrecortados. Ver uma mulher gozar era lindo, ver Agatha gozar era foda, vê-la gozar por mim, gritando meu nome, era a visão do paraíso.

— Chris! — realmente o paraíso. O melhor dos mundos.

— Agatha! — afinal não era só ela que gozava gritando meu nome.

Continuei com o ritmo das estocadas até sentir que todo meu gozo tinha cessado. Embora não tirei meu membro no segundo seguinte.

— Foi... — Agatha disse me abraçando, com meu pau ainda dentro dela, porém agora eu podia senti-lo amolecer.

— Foi? — provoqueei beijando seu ombro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não tenho palavras para descrever.

Eu ri, puxando seu rosto para o meu e beijando-a como se fosse a primeira vez.

Senti meu membro enrijecer novamente dentro dela. Nós sorrimos com ambas as bocas coladas um no outro. Nada mais precisou ser dito, só o que foi-se ouvido foi aquela sinfonia perfeita de gemidos, respirações rápidas, frases entrecortadas, lufadas de ar...



Eu e Agatha acordamos com uma leve batida na porta de seu quarto. Estávamos nus, sempre dormíamos assim. A noite passada não terminou na banheira, na verdade, exploramos a casa inteira (respeitamos apenas o quarto de Benny).

PERIGOSAS ACHERON

Agatha realmente provou o quanto sentia minha falta e eu não fiquei atrás. Fizemos algo além de sexo, não era totalmente carnal, havia alma, coração e paixão ali.

A batida se tornou persistente e Agatha levantou-se, vestiu um robe (eu continuei deitado, coberto com o lençol) e foi atender a porta. Perguntei se ela não preferia que eu fosse, mas ela disse que só tinha uma pessoa com a chave de sua casa e que bateria na porta do seu quarto daquela maneira: Benny.

Antes de Agatha abrir a porta vesti minha cueca e bermuda, (que eu tinha trazido para seu quarto na madrugada), e sentei-me na cama, vendo como minha Ruiva sorria ao ver seu amigo, que lhe retribuía o sorriso ainda mais amplo.

Benny apenas deu-nos um oi e mandou que fôssemos tomar café com ele, depois de nós nos

arrumarmos devidamente, palavras dele, não minha.

Depois de eu e Agatha termos tomado um banho e nos "arrumado devidamente" fomos até a cozinha, a qual estava com um ótimo cheiro. Para nossa sorte, Benny era um ótimo cozinheiro.

Ele estava ainda em boa aparência, infelizmente, em breve, ele já não estaria com tanto cabelo, talvez emagrecesse e ficava pálido. Uma coisa que Benny nunca perderia era seu humor.

— Pensei que nunca desceriam! — Benny resmungou arrumando a mesa com muitas coisas para comer; Ian amaria aquela mesa, toda saudável com frutas, suco natural, café, adoçante — Tenho algumas perguntas para Chris. — ele não me olhava, então não seria nada sério.

— Já estou curioso! — afirmei sentando-me em uma cadeira ao lado de Agatha que sorria.

E então Benny entrou em uma conversa inesperada: Júlia.

Ele perguntou-me se ela estava feliz morando e trabalhando no interior, respondi sinceramente tudo o que tinha conhecimento sobre minha amiga. Como se estivesse em minha mente Benny falou sobre meu apartamento.

Eu tinha pensado, recentemente, em uma ideia maluca envolvendo meu apartamento e Júlia. Em breve eu me mudaria e pensei que ela poderia alugá-lo para ela. Trabalho para uma médica era o que não faltaria em lugar nenhum.

Conversamos mais um pouco sobre e eu aceitei a difícil missão de adular e instigar Júlia ao máximo para se mudar *e* mudar com isso sua vida, radicalmente, vindo para a capital.

Benny disse que todo seu interesse em Júlia era por causa de Ian, na noite passada Benny tinha

ido à busca de Ian, como havia ido comigo, e Ian parecia estar tão mal quanto eu. Eu ri, seria típico de Ian esconder isso de mim, imaginando que eu contaria tudo à Júlia, e ele não estava errado.

Falamos sobre minha peça, que seria em breve e ambos, Benny e Agatha, concordaram veementemente que estariam no teatro por mim, me prestigiando brilhar, palavras de Benny mais uma vez.

Eu estava ansioso por isso, mesmo que meu personagem não fosse tão importante, era meu primeiro papel e seria importante para mim.

Nessas últimas semanas, além de ensaiar para a apresentação eu tinha trabalhado em alguns anúncios, propagandas e até desfiles, mas nenhuma dessas coisas me satisfazia de verdade, embora o dinheiro fosse muito bom.

Quando fitei Agatha, vendo seu sorriso

PERIGOSAS NACIONAIS

amplo, que era tanto direcionado para mim quanto para Benny, eu sorri. Sorri para os dois, e Benny nos fazia gargalhar quando ele contava uma de suas histórias loucas com naturalidade.

Quando Benny sorria, suas covinhas apareciam e seus olhos caramelos, brilhavam.

Quando Agatha sorria, seus olhos sorriam junto com sua boca, fazendo seu sorriso parecer maior.

Quando eu sorria, eu não sabia como eu ficava, mas agora eu sorria. Eu estava em sentido ali, com duas pessoas que eu gostava, feliz. Quase tão feliz quanto as pessoas nos comerciais de margarina.

A diferença da minha felicidade ao do comercial de margarina, era que a minha era real. E minha família mais real e imperfeita ainda.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

LXI



Quando Christopher sorria,

como aquele dia que Benny nos acordou e fez
nosso desjejum, era *quase* mágico. *Quase* porque
eu era velha demais para acreditar em toda essa
besteira de merda. Mas enfim, quando ele sorria,

PERIGOSAS NACIONAIS

olhando-me e olhando para meu amigo, sem nojo, sem preconceito, com afeto, meu coração batia mais rápido.

Seu sorriso transparecia verdade, uma quase pureza, um quase amor, uma total paixão. Ele era sempre tão calmo, sincero, doce, e seu sorriso expressava tudo que ele já era.

Alguns dias se passaram e tudo continuava perfeitamente bem. Pedi à Chris para ele não falar de nós para ninguém, além de Ian (deixando claro que seu pai não estava na lista) e ele concordou sem perguntar nada.

Estávamos muito bem, ele vinha à minha casa, me ajudava com Benny quando tinha sessão de quimo, dormia por aqui, ia aos seus

PERIGOSAS ACHERON

compromissos, saíamos juntos (quase sempre eu, ele e Benny, algumas vezes Ian) e assim seguia nossa vida sem rotina preestabelecida.

Um dia Chris me comentou que seu pai estava em seu novo apartamento e que ele estava ansioso para se mudar. Perguntei discretamente quando seu pai viajaria novamente e ele não soube me dizer. Meu coração dava solavancos toda vez que o pai de Chris era pronunciado.

Eu não queria perder o que estava criando com Chris e eu não podia contar toda a minha história. Ela o partiria ao meio e ele me odiaria não me dando chances para explicações. Eu não arriscaria.

Poucos dias antes da estreia da peça que Chris atuaria, ele avisou a mim, à Benny, à Ian (que já iria por causa de sua irmã) e à Júlia, obviamente seu pai deveria estar incluso, mas quando perguntei

sobre ele, Chris disse-me que ele não iria, trabalharia no dia.

Pensei o quanto seu pai era podre e egoísta que não recusaria um maldito trabalho, mesmo que o cachê fosse muito bom, para prestigiar seu filho em sua primeira, de muitas, peças.

Embora eu tenha ficado feliz, sendo assim, eu não seria a vaca podre e egoísta que deixaria de ir por algum trabalho importante. Claro que usaria um trabalho como desculpa para não encontrar seu pai no teatro. Se Stuart me visse nesse teatro, ele juntaria um mais um, que eu não tinha me separado totalmente de seu filho.

Quando o dia da grande apresentação de Chris ao mundo do teatro enfim chegou eu vesti um vestido vermelho provocante. Queria chamar atenção de Chris.

Meu vestido era de alças finas, decote

PERIGOSAS NACIONAIS

generoso, justo até a cintura, da cintura para baixo ele era solto, com algumas saias de cobertura, comprido e sem fenda.

Não fiz muito em meu cabelo, optei por uma trança bem-feita. Na maquiagem fui leve, embora eu tenha decidido um batom vermelho, invés de nude, em meus olhos não exagerei, sobra escura e delicada.

Perfume, colar, brinco, anéis e bolsa carteira, junto com um salto preto altíssimo, compunha todo meu visual.

A peça era para maiores de dezesseis, mas a estreia para maiores de dezoito. A estreia seria lotada, muitos do elenco eram conhecidos, haveriam olheiros, críticos de alta no teatro, analisando cada acerto e criticando cada falha.

Chris não falharia. Seu papel era de amigo do protagonista. O tal protagonista tinha uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

namorada, personagem de Yasmine (logo gravei o nome da irmã de Ian de tanto que Chris e o próprio Ian comentaram dela na vinda ao teatro) e essa namorada trairia o namorando, o personagem de Chris veria o ato e seu personagem ficaria entre o contar ao amigo que a mulher de sua vida o traiu ou não.

Enfim, uma besteira sem fim, até Chris concordava. Ele dizia-me que se o amigo, fosse realmente amigo, contaria sem pensar duas vezes. Mulheres tem aos montes, amigos tem poucos, palavras dele. Concordei. Ele tinha razão. Benny, por exemplo, depois de mim mesma, ele vinha em primeiro nas prioridades da minha vida.

Christopher tinha reservado lugares para seus convidados. Gelei quando me sentei logo atrás da cadeira que seria de seu pai, tinha seu nome escrito, o que me causava arrepios e me fazia engolir em

PERIGOSAS ACHERON

seco.

Eu fiquei entre Benny e Júlia, (Júlia conseguiu vim para prestigiar seu amigo), e logo descobri como ela era educada, inteligente, interessante e uma boa garota. Perfeita para Chris. A menina era fodidamente boa.

Benny conversava com Júlia se jogando em cima de mim, para poder cochichar para só ela e eu ouvirmos o que ele dizia. Júlia ria com Benny, como todos, mas ela o fazia rir também, não só a ele, a mim também. Além de todos os adjetivos que eu já tinha dado a ela, ainda faltava: engraçada.

Putá que pariu! Júlia era o tipo impossível de odiar. Como não amar? Ela tocava em todos com um toque quase salvador, sereno. Deveria ser algo que aprendeu com sua profissão de médica.

Ian havia se sentado um pouco longe de nós, mas não parava de olhar para onde estávamos, mais

PERIGOSAS ACHERON

precisamente para Júlia. Ele havia se sentado longe porque as reservas de sua cadeira era em nome de sua irmã e não de Chris.

Vi um casal, concluindo que Ian era a mistura perfeita de ambos, sentados logo à frente dele. Pelo visto os pais sentavam-se na frente dos demais convidados. Ao lado de Ian estava mais três pessoas, uma delas conhecida por mim: dois homens (que acreditei serem os irmãos de Ian) e uma garota.

Cutuquei Benny quando vi perfeitamente quem era a garota, e ela sorriu sem graça para nós. Era Victoria, e estava de mãos dadas com um homem, bonito e mais velho.

— Aquele é Uriel. — esclareceu Júlia — Irmão mais velho de Ian.

— E aquela é minha assistente. — disse rindo.

Nunca imaginei Victoria, tão tímida, se interessar logo por um homem mais velho que ela. Ela parecia fazer o tipo de menina que namorava com meninos de seu ciclo social. Mas isso não era da minha conta, contanto que não interferisse em seu desempenho profissional.

Os avisos de que a peça começaria a qualquer minuto foi soado. E logo após começou.

Me senti imersa aquele mundo paralelo e ainda mais apaixonada quando Christopher entrou em sua primeira cena. Ele era ótimo, melhor do que eu pensava. Ele merecia tudo de bom que a vida lhe proporcionasse. Cada aplauso, cada reconhecimento, cada elogio... *Tudo*. Chris merecia tudo.

A duração da peça seria um pouco mais de uma hora e depois nós iríamos para um restaurante prestigiar à Chris e à irmã de Ian, que como Chris,

arrasava. E ela era linda, uma beleza exótica de parar o trânsito.

Uma pontada de ciúmes me golpeou quando pensei em todo o tempo que Christopher passava próximo dela. Talvez próximo demais dela.

Meu ciúme adolescente foi posto totalmente no chão, quando eu, por alguma razão, olhei para o lado e encontrei os olhos azuis assassinos de Christopher Stuart.

LXII



A estreia da peça foi melhor do
que eu poderia pedir.

Nunca sido aplaudido, muito menos por tanta gente e todas de pé. Me emocionei como um fodido estúpido e procurei, sem sucesso, a pessoa que mais importante no meio de todas...

Agatha não estava no lugar que deveria estar.

Quando os aplausos terminaram eu sai correndo, com a roupa do personagem, para encontrá-la. Yas me achou antes, gritando e me abraçando feliz:

— Conseguimos! Fechamos aquele contrato!
— eu estava guardando essa notícia para mim.

Era o seguinte: se a estreia da peça lotasse a casa e fosse um sucesso, como foi, nós fecharíamos um contrato com uma turnê pelo país inteiro e se fosse bem-aceita no país, talvez sairíamos até para outros países que faziam fronteira.

Tudo estava perfeito. Perfeito demais.

Depois de me afastar de Yas, decidi trocar rapidamente de roupa, colocando uma skinny e um casaco de pano de botões. Eu estava totalmente desigual ao traje que deveria, mas não me importei, só queria encontrar minha dama de vermelho.

Minha Ruiva. Minha Agatha. Eu já podia
PERIGOSAS ACHERON

sentir sua falta, principalmente do seu corpo, depois de vê-la com aquele vestido.

Encontrei Benny com uma certa dificuldade, me desviei de várias pessoas que prestigiavam minha atuação, mesmo que tivesse sido singela. Meu coração batia mais forte, era quase como se eu soubesse que algo estava errado.

— Ela foi embora... — Benny disse quando perguntei um milhão de vezes sobre Agatha.

— Chaves! — quase gritei com ele.

— De onde porra? — ele rebateu.

— Da casa dela. Ela só pode ter ido pra lá e por coisa boa não foi. — Benny hesitou e eu, novamente, insisti muito até ele me dar o molho das chaves trêmulo.

Enquanto saía do teatro ouvi Júlia gritar algo como "cuidado" e "avise sobre qualquer coisa".

Típico dela. Eu sorria se meu coração não estivesse me dizendo que algo estava muito errado.



Longos minutos depois estacionei meu carro em frente à casa de Agatha. Eu estava tão ansioso para vê-la que não reparei um outro carro conhecido, além da Mercedes de minha Ruiva.

Em frente à porta dela bati uma vez, devagar, não toquei a campainha. Hesitante fui destrancar a porta, mas ela já estava destrancada. Um medo me dominou e eu entrei rapidamente na casa de Agatha sem me preocupar de ser invasivo demais.

Ouvi barulhos, gritos, vindo de seu quarto no andar de cima e com passos largos subi as escadas, cheguei até a porta, mas me detive ao ouvir meu

nome.

— Não conte ao Chris! — Agatha falava, com a voz embargada que parecia pelo choro e raiva — Não ainda! Deixe eu falar, deixe-me explicá-lo...

Pensei em invadir o quarto, perguntando o que eu deveria saber. Mas isso era tão fodidamente clichê.

Em todos os filmes o ator principal invadia o cômodo, querendo saber o que ele só descobria no final da história. Se eu invadissem o quarto naquele momento, talvez, eu me tornasse esse ator principal, que seria enrolado até o fim da história.

Decidi então ficar ouvido a conversa próximo a porta do quarto, que estava entreaberta, até quando fosse conveniente para mim.

— Não contar *Siren*? — a voz era reconhecível, dizia em escárnio.

Reconhecível demais. Era meu pai, eu não precisei analisar muito para reconhecer a voz de meu velho. Eu nem sequer sabia que eles se conheciam. Meu sangue começou a ferver. E eu não era esse tipo de cara que se estressava com qualquer coisa, mas saber que meu pai e Agatha se conheciam e esconderam isso de mim era revoltante.

Não parei para pensar nesse apelido pelo qual meu pai havia chamando-a. Continuei escondido.

— Por favor... — essa era Agatha e sua voz parecia mais de súplica que qualquer outra coisa agora.

— Meu filho tem que saber das coisas que você fez e ele decidirá se tem intenção de continuar com você ou não. — rebateu meu pai, a palavra que ele cuspiu a seguir não era um palavrão, mas a forma como ele falou foi tão grossa e rude, que até

eu preferia que ele tivesse xingando-a de vez —
Siren!

Não sei o que aconteceu, mas o barulho de algo batendo me fez entrar no quarto de Agatha em um rompante.

— Oi. — disse friamente, mas meu coração não estava tão frio quanto eu gostaria.

Agatha estava com as costas no guarda-roupa, o barulho que ouvi momentos antes, era, sem dúvida, de suas costas batendo, meu pai deveria tê-la empurrado.

O rosto dela não estava dos melhores também. Agatha chorava e muito. Era nítido. Sua maquiagem sujava suas bochechas, elas estavam pretas, deixando-a com um semblante ainda mais desesperador. Seus braços estavam enrolados em si mesma, como se seu corpo todo doesse. Eu esperava que meu pai não tivesse feito nada

realmente grave com ela, além de obviamente empurrá-la.

Meu pai por sua vez estava com uma expressão fria e aparentemente feliz. Ele parecia querer todo aquele drama, toda aquela cena. Ele estava de frente para Agatha, mas não perto.

— Chris... — Agatha sussurrou meu nome e dessa vez não soou como uma sinfonia perfeita.

Era o som mais triste que eu poderia ouvir nesse momento.

Agatha chamava meu nome enquanto chorava. Eu nunca a tinha visto chorar daquela forma tão desesperada. Ela parecia realmente acabada, triste, mas ainda havia nela aquele ar da mulher tentadora que conheci. Ela ainda era minha dama de vermelho. Continuava linda, mesmo claramente não estando.

— Então Siren, acho que agora você tem que
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

começar à explicá-lo. — meu pai falou tão friamente que mal o reconheci.

Ele sentou-se na beirada da cama de Agatha e fitou-a, esperando ela começar suas declarações. Encarei-a também, vendo aqueles olhos azuis fixos em mim, mas eles não brilhavam.

— Primeiro, que porra é essa de Siren? — perguntei sem saber direito a qual dos dois, mas meu pai foi o primeiro a falar.

— Esse era o apelido de Agatha quando ela era...

— Cala a porra da boca! — Agatha cortou-o e rindo ele se calou — Por que você ainda está aqui? Por que você não vai logo embora?

— Quero ouvir você falando ao meu filho à verdade, então vou ficar.

— De onde vocês se conhecem finalmente?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— indaguei olhando para os dois.

— Chris, — Agatha me fez olhá-la — eu vou te explicar tudo. Só por favor, tente me entender...

— Papo furado. — meu pai bufou.

— Cala a porra da sua boca, já disse! — Agatha rebateu — Você nem poderia ter entrado no condomínio em primeiro lugar.

— Vou calar Siren... — meu velho sorria de um jeito demoníaco.

Agatha balançou sua cabeça e me fez olhar para ela, dessa vez sem desviar meu olhar. Mesmo que tentasse olhar para outra coisa, eu não conseguia. Meu foco estava totalmente em seus olhos tristes.

— Eu vou te explicar tudo. Basta prometer que me ouvirá até o fim, certo? — eu apenas assenti e me sentei no chão, quando ela também se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sentou. — Depois que minha mãe morreu e eu comecei a modelar, naquela agência que te contei, as coisas não foram sempre simples. Eu ganhava pouco, muito pouco até mesmo para comer.

Sua voz oscilava e se arrastava em alguns momentos, mas era perfeitamente audível. Eu gostaria que não fosse tão audível assim. Gostaria, sinceramente, de não ouvir sua história, de não saber das coisas que ela ocultou, mas, ao mesmo tempo, eu tinha noção que precisava ouvir cada palavra do que ela me dizia.

PERIGOSAS ACHERON

LXIII



Depois que vi Stuart no teatro, eu simplesmente fugi dali, não vendo o fim da peça e nem a Benny dei uma explicação. Simplesmente fugi.

Stuart veio atrás de mim, mas eu, estúpida, achei que ele não conseguiria entrar em meu condomínio, então eu não fiz questão de apenas

PERIGOSAS NACIONAIS

rodar pela cidade com minha Mercedes, fui direito para minha casa. Stuart havia subornado a portaria para entrar no condomínio. Portaria que seria em breve demitida.

Tentei correr para dentro de minha casa, mas ele segurou a porta com um pé, entrou e bateu ela, sem trancar. Mais uma vez tentei fugir, indo ao meu quarto e ele veio atrás, mais rápido do que eu imaginava.

Suas ameaças foram as mesmas, mas mais pesadas, carregadas com ódio. Eu chorei, implorei, supliquei para ele me dar mais tempo que eu contaria para Chris de uma maneira mais delicada.

Supliquei pedindo até mesmo "por favor", Stuart foi impassível em suas palavras. Eu pedia próxima a ele, com o rosto borrado pelas lágrimas e ele me segurava pelos braços, talvez marcando-os. Ele me xingou de "Siren" com tal agressividade

PERIGOSAS ACHERON

enquanto me empurrava como lixo para trás, fazendo minhas costas chocarem no guarda-roupa.

Não tinha doido tanto, minha dor emocional era maior, maior ainda se tornou quando Chris entrou, dizendo um "oi".



Agora eu estava sentada no chão de meu quarto, contando lentamente minha fatídica história de vida para Chris. Dessa vez a história real, sem omissões, apenas evitaria propositalmente certas palavras dolorosas.

— Foi assim por um período: pouco dinheiro, pouca comida. Eu era nova demais, inexperiente demais e eles não acreditavam que eu estava inteiramente madura para ganhar mais por

meios "alternativos". Embora eu soubesse que muitas garotas da minha agência ganhavam muito mais que eu, eu só não sabia como.

— Eu tive alguns namorados e tudo mais, não era uma total inexperiente. Então nesse época eu conheci seu pai, ele era de outra agência. Uma boa, reconhecida. Nós nunca tivemos nada, além de uma parceria estranha. Ele disse que eu tinha que adotar um nome, no fim, ficou "Siren".

— Seu pai me deu... possibilidades... de ganhar mais dinheiro. Eu precisava apenas sair com alguns CEOs, como acompanhante em eventos. Eu juro que não fazia nada além disso. Eu era jovem e estúpida, confiei em seu pai e como precisava de dinheiro, eu aceitei e sai.

— Era óbvio que eles queriam mais que uma companhia, mas eu me recusava a ceder. Um dia eu conheci um homem, ainda estúpida, eu me

PERIGOSAS NACIONAIS

apaixonei rapidamente, acabamos transando mais rápido ainda e ele desapareceu. Surtei um pouco, seu pai estava do meu lado, fingindo ser meu amigo, fingindo me apoiar e eu acreditei, confiei nele.

— Por causa dos CEOs dos quais eu saí, como acompanhante, eu estava ganhando o suficiente para me manter bem, mas reparei que depois daquele homem pelo qual me apaixonei, eu estava com muito mais na conta do que o esperado. Melhor para mim, afinal dinheiro era sempre bom.

— Continuei saindo com alguns CEOs como acompanhante, já não era mais modelo de passarela, apenas fotográfica. Conheci alguns homens, me envolvi, e o dinheiro em minha conta só aumentava. Tudo corria bem, bem demais... Um dia eu descobri que todos os homens, contando a partir daquele que eu me apaixonei e sumiu, tinham

PERIGOSAS ACHERON

pagado para seu pai antes de me ter, digamos, por "completo".

— Depois que eu descobri isso, eu não fiquei abalada. Eu não senti nada. Eu já tinha feito, afinal das contas. E eu continuei fazendo. Se algum desses CEOs, que eu era apenas acompanhante, tentasse algo comigo, eu odiaria, sentia nojo deles, mas quando acontecia de uma maneira “artificial” demais, fingindo ser totalmente natural, eu acabava me entregando.

— Com os CEOs, dos quais eu era apenas acompanhante, eu continuei a ser apenas isso, mas continuei saindo, fingindo ser natural com aqueles outros CEOs, filhos de CEOs, enfim, todos os grandes magnatas ou filhos do mesmo. Eles não sabiam que eu sabia, e eu fingia não saber.

— Conheci meu ex marido enquanto eu ainda fazia isso, mas com ele foi diferente dos

outros. Seu pai não o conheceu. Acreditei que enfim não era mais artificial. Benny me conheceu nesse período também. Ele me aceitou, mesmo sabendo o que eu fazia. Meu ex marido também demonstrou me aceitar. E isso me fez me apaixonar mais por ele, por ele eu abandonei a carreira de modelo e todos os homens. Principalmente seu pai, meu antigo marido fez questão de deixá-lo entender, bem claro, que nunca mais eu e ele nos veríamos.

— Não demorou muito para meu ex marido mudar ou eu que fingia não ver, mas eram ainda em pequenas coisas, pequenos gestos. Que eu fingia não incomodar, mas incomodava. Depois de casada ele mostrou sua verdadeira faceta completamente. Ele me xingava constantemente, humilhava-me de diversas formas possíveis.

— Eu não queria mais ser conhecida como à

Siren. Eu não queria que você me visse como uma puta, ninfomaníaca, nada disso... Eu queria que você me olhasse com todo aquele carinho que sempre me olhou. Eu queria... quero... ser à sua Ruiva, nada mais. Eu...

— Eu entendi. — Chris interveio, deixando-me entre o choque e a felicidade.

Será que ele realmente entendia?

LXIV



— *Eu entendi.* — disse e

tanto meu pai quanto Agatha pareceram chocados.

— Você entende ela ter se prostituído? —
meu pai perguntou no seco.

Prostituído.

Agatha não havia falado essa palavra em
nenhum momento e percebi que ela quase

espumava de ódio para meu pai, com razão. Tudo que ela havia falado foi bem elaborado, evitando certas palavras, no fim, acabava com uma palavra nojenta em minha mente: prostituição. E meu pai havia sido o aliciador.

— Você deveria ter ido embora! Eu já proibi sua entrada duas vezes! — Agatha berrou para meu velho.

— Parece que vai ter que proibir uma terceira... — ele começou, mas o cortei com um soco em seu fodido nariz empinado.

Eu tinha me levantado tão rápido do chão e socando-o que ninguém, nem Agatha, esperava por aquilo. Meu soco foi tão forte que rapidamente seu nariz começou a sangrar e meus dedos latejaram.

Meu pai não reagiu, colocou a mão em seu nariz, tentando em vão parar o sangramento. Seu olhar estava fixo no meu e ele não demonstrava

nada. Parecia até compreender meu soco.

— Eu entendo, entendo tudo, mas não significa que aceito. — disse, olhando para Agatha também, depois falei apenas com meu pai — Eu deveria ter reagido bem antes, no momento que minha mãe surtou, chamando seu nome e me confundido com você, mas eu te aceitei e nunca imaginaria que enquanto eu sofria calado, você aliciava uma garota dez anos mais nova que você.

— Filho...

— Eu não sou seu filho! — intervim — Eu posso me parecer com você por fora, mas meu interior não é apodrecido como o seu. Eu não quero ser considerado seu filho! Tenho vergonha de mim mesmo por ter o mesmo nome que você. Você é um porco!

Ele, Stuart, (eu me recusaria à chamá-lo de "pai"), abriu a boca e antes que ele viesse a dizer

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

qualquer coisa, eu o segurei pelo colarinho e fui o empurrando para fora da casa de Agatha.

— Não quero você em meu novo apartamento! — Stuart se afastou de minhas mãos e caminhou sozinho até a porta, mas ainda me olhava — Pode me dizer o quanto gastou nos móveis novos que eu te devolvo cada centavo.

— Não precisa. Foi um presente...

— Não importa! Não quero saber. Saia de meu novo apartamento, quando eu me mudar, se quiser ficar com o velho, faça bom uso. — empurrei ele porta afora.

Mas antes de bater à porta, ele gritou:

— Ela não é a melhor escolha! Ainda vamos conversar.

Sim, ele ainda era meu pai e, com certeza, ainda iríamos conversar, mas não tão cedo. Eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tinha tomado uma decisão que poderia mudar minha vida e eu seguiria com ela.

Quando me virei, depois de fechar a porta, Agatha me olhava, em uma extremidade da sala. Ela não se aproximou de mim, mas seu olhar parecia querer vir correndo.

— E então? — ela perguntou com a voz trêmula.

— Tomei uma decisão.

— Qual seria?

— Eu vou viajar com o elenco do teatro em alguns dias. — era isso, um semestre longe de casa, afinal, eu precisava refrescar a mente depois de tudo.

— E quanto tempo dura sua viagem? — Agatha parecia não querer demonstrar emoção, mas sua aparência não estava em contraste com sua voz

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tentando ser firme e seus olhos vermelhos, com bochechas manchadas de sua maquiagem.

— Seis meses.

— Seis meses. — ela repetiu baixinho, para si mesma.

— A estreia foi um sucesso, então fechamos um contrato para viajarmos por seis meses pelo país.

— Quando você ia me contar?

— Quando desse certo e quando eu decidisse ir.

Depois de um longo tempo de silêncio, Agatha repetiu:

— E então?

— Então? — repeti, caminhando até ela.

— Como ficamos?

PERIGOSAS ACHERON

Balancei minha cabeça negativamente e ela entendeu.

Nós não "ficávamos". "Nós" nem sequer existiria mais. Aquele era o fim e finais infelizes eram dolorosos.

Você assistia a um filme, lia um livro e quando o final era feliz, você dizia que era clichê, quando era infeliz, você dizia que era ruim. Enfim, eu sempre gostei de finais clichês, porque os infelizes, doíam. Como esse me doía. Mas esse era o fim de um relacionamento de minha vida, não um filme ou um livro que podemos apagar e escrever de novo.

Minha história acontecia em tempo real. Não eram palavras escritas ou um roteiro premeditado.

Eu estava bem perto de, até então, minha Ruiva. Ela sorriu e seus olhos brilharam, mesmo sob toda a vermelhidão das lágrimas que teimavam,

mesmo agora, a cair.

Eu sorri, meu sorriso largo de sempre, e senti meus olhos marejados. Não demorou muito para senti-las descerem pelo meu rosto.

Agatha se aproximou mais de mim, deixando seus seios, sobre o vestido, roçando em mim. Ela era sempre tentadora. *Sempre*. Ela colou sua testa na minha e ficamos assim por um tempo: ouvindo a respiração do outro.

Nossos lábios estavam perto e eu não me segurei e a beijei.

Era um beijo de despedidas no final das contas. Tinha todo aquele desespero, luxúria, paixão, dor, saudade, tristeza... Tentação. Era um beijo tentador. O beijo mais tentador que eu já havia dado em toda minha vida.

As mãos de minha Ruiva foram para meu cabelo, uma das minhas para sua nuca enquanto a

PERIGOSAS ACHERON

outra segurava-a pela cintura. Nenhum de nós queria parar. Seu gosto era salgado pelas lágrimas, mas amanteigado com seu próprio sabor.

Quando nos afastamos, quase sem ar, sorrimos. Estávamos, como sempre, na mesma sintonia, com nossos sorrisos amplos, olhos brilhantes, pupilas dilatadas, bochechas manchadas por lágrimas e maquiagem.

— Quando você voltar, se quiser me procurar, você sabe onde eu estarei. — Agatha disse.

Sim, eu saberia onde achá-la, mas não saberia se até lá eu queria encontrá-la. Eu precisava dessa viagem, que afinal, nem era de tão longo prazo assim.

— Não precisamos perder o contato. Há Benny, aposto que Ian estará sempre ajudando.

Ela assentiu. Eu assenti.

PERIGOSAS NACIONAIS

Era o fim afinal.

Dei um beijo em sua testa e sai de sua casa. Falhei na missão de não olhar para trás, eu olhei e a vi ali na porta, olhando-me partir.

Ela acenou e sorriu tristemente.

Ironia vê-la em um vestido vermelho, tão excitante quanto o da primeira vez que a vi. Não que aquela fosse a última, mas seria por algum tempo.

Ela continuava linda. Tentadora.

Minha Ruiva, ou melhor, Agatha, era a mulher mais tentadora da qual já conheci. E eu estava me despedindo dela.

Quase tive certeza de ouvi-la dizer o mesmo sobre mim.

Que eu, Christopher, era o homem mais tentador do qual ela já conheceu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fim do livro Tentador.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Devastador

PERIGOSAS ACHERON

Sinopse: Devastador

Após Tentador.

Depois de meses, Christopher retorna para a capital, encontrando Agatha. Se um dos dois acreditava que com o passar do tempo o que sentiam antes esfriaria, estavam enganados. Estão além de tentados, devastados pelo outro.

No entanto, é além de um mero desejo. É além da tentação. Se rendem a paixão e logo descobrem que há um segredo. Christopher guarda um segredo que mudará a sua vida, o seu futuro.

Agatha terá que decidir se o que sente por Christopher é forte o bastante para fazê-la arcar com as consequências futuras. Seu segredo a abala, mas será que a desestabiliza?

Além disso, o seu passado também bate à sua

PERIGOSAS NACIONAIS

porta, a amedronta demonstrando que mesmo as mulheres mais fortes, também têm seus medos.

“Devastador” é a sequência final de “Tentador”. É sobre o amor, a paixão em seu ápice e, principalmente, sobre amadurecimento.

PERIGOSAS ACHERON

I

Agatha

Era fim de tarde e eu estava

com um taco de beisebol na mão.

Vestia nada além de uma camiseta folgada e uma calcinha de algodão quando ouvi um barulho no andar de baixo em minha casa.

Benny estava no hospital e eu estava sozinha, ele não voltaria por agora, logo eu não hesitei em vestir um roupão, pegar um taco de beisebol no quarto dele e descer devagar as escadas para imobilizar o invasor.

A única luminosidade em minha casa era da rua, já que eu não ligava as lâmpadas tão cedo, porém, o dia de hoje nublou e escureceu mais rápido do que de costume.

Com passos lentos desci todo o lance de escadas e encontrei um olhar escuro em minha sala.

Apenas Benny tinha as chaves de minha casa, por, obviamente morar nela, mas antes disso o mesmo já as tinha. Logo não era de se esperar que eu gritasse e levantasse meu taco no ar ao encarar o invasor em questão.

Antes de meu taco acertar sua cabeça ele o pegou com uma mão e acedeu à luz da minha sala, sorrindo e estendendo os braços em sinal de rendição.

Um sorriso frouxo, que fazia seus olhos brilharem.

Em um segundo o taco já estava no chão,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

longe de mim e eu cruzava meus braços, sem saber o que fazer.

Eu abria minha boca, mas não sabia por onde começar. Eu dava um passo à frente e recuava dois. Eu não sabia, nem sequer, quais movimentos tomar.

Ele apenas riu, mas parecia tão sem jeito quanto eu.

Gesticulando para o taco no chão, comentou:

— Bom saber que você está preparada para tudo!

Eu sorri de volta.

— Espero não precisar usar novamente. — rebati.

Ele abaixou seus braços e sacudiu um molho de chaves na minha frente.

— Desculpe sobre isso, eu acabei ficando

PERIGOSAS ACHERON

com as chaves de Benny, há algum tempo. Como você não ouviu à campainha, mas eu vi seu carro, resolvi entrar. Sinto muito!

Assenti, mas queria mesmo era saber o motivo dele estar ali.

Ele passou a mão pelo seu cabelo e eu enfim, deixei-me analisá-lo, como há quase oito meses não fazia.

E ele estava tão diferente.

Christopher Tyler, meu antigo Chris estava na minha casa depois de quase oito meses! Seu cabelo estava mais curto, *muito mais curto*, mas sua barba permanecia em seu rosto, no entanto, também muito melhor aparada. Ele vestia uma calça skinny e uma camisa de mangas folgada em seu corpo.

Suspirei feliz em reconhecer que seu estilo continuava o mesmo, mesmo seu olhar estando mais amadurecido e seu cabelo cortado.

Eu adoraria dizer que eu não sentia absolutamente nada por aquele garoto parado a menos de um metro em minha frente. Adoraria descrever que havia um outro homem em minha vida ou que, até mesmo, ele estava em meu quarto. Adoraria comentar que eu não sentia falta nenhum de Chris ou que seus olhos negros não me remetiam a nada.

Eu não somente adoraria, como amaria descrever o irreal.

Mas o real era estúpido demais para eu falar de uma única vez. O real era que, simplesmente, eu estava trêmula da cabeça aos pés e não tinha uma fodida noção do que fazer sobre o garoto em minha casa.

Era ali meu Chris, o garoto que eu havia me apaixonado de maneira tão intensa, tão real, tão insana. Era ali na minha frente o garoto que sabia

PERIGOSAS NACIONAIS

de toda a minha vida. Era ali na minha frente o garoto que era um homem. O tipo homem-moleque eu nunca pensei que fosse me interessar tanto quanto me interessassei. Era, ali na minha frente, o garoto que tinha me dado um “até logo” com cara de “adeus” para ir fazer uma turnê nacional com sua peça de teatro. Duraria um semestre e ele estava ali em quase oito meses.

Não me interessava pensar que ele demorou mais tempo para vir até mim, somente me interessava o fato de que ele estava ali. E eu não sabia o que fazer.

Poderia abraçá-lo? Beijá-lo e fingir que os oito meses nunca existiriam e que, nesse meio tempo, nós não havíamos nos envolvido com mais ninguém? Quando, obviamente, haveria acontecido? Poderíamos fingir que os oito meses não mudaram em nada? Fingir que nossas

PERIGOSAS ACHERON

ambições, desejos e dia a dia ainda eram os mesmos? Poderíamos fingir que não conhecíamos bem o outro?

O que poderíamos fingir, quando, nada mais sobre o outro era uma novidade, desde o sexo ao passado tempestuoso?

No entanto, aqueles quase oito meses eram uma lacuna. Não mantivemos contato. Eu sabia que Chris falava com Benny, mas não comigo; Ian e Júlia tornaram-se frequentes tanto em minha vida quanto de meu amigo, mas eu não sabia sobre Chris. Evitava saber.

Percebi ele engolir em seco e educadamente colocou as antigas chaves de Benny no braço do sofá.

Chris sorriu e passou, novamente, suas mãos em seu cabelo.

— E então, como você vai, *Ruiva*?

Eu sorri de volta e respirei aliviada quando constatei que não fingiríamos sobre nada, porque não tentaríamos recomeçar, embora, continuaríamos.

Porém, eu não soubesse dizer se continuaríamos nossa relação ou apenas continuaríamos a não fingir.

Descruzando meus braços eu respondi tranquilamente:

— Muito trabalho. E você?

Ele sorriu largamente relaxando seus braços e ficando tão tranquilo quanto eu estava.

Merda!

Ele continuava lindo com seu sorriso presunçoso e a minha constatação era óbvia: quase oito meses não mudaram nada. Eu continuava sentindo tudo e mais um pouco por Christopher

PERIGOSAS NACIONAIS

Tyler.

Porém, agora era pior, além de *tentador*, o garoto era *devastador*.

PERIGOSAS ACHERON

II

Christopher

Além de tentadora, a Ruiva era devastadora. Principalmente por vestir um roupão, que por mais discreto que ele fosse, eu imaginava o que ela teria — ou não teria, por baixo.

— O mesmo. — eu respondi — Nunca conheci tantos estados como nesses últimos meses.

— Chris-Christopher, — ela se corrigiu no último momento — eu gostaria de conversar com PERIGOSAS ACHERON

você, mas...

— O que eu estou fazendo aqui?

Riu e acenou, balançando seu cabelo ruivo. Ele, por sua vez, estava numa confusão, mas ainda assim, eu achava que estava pendendo por sexual.

Encarei meu relógio de pulso ao comentar:

— Não achei que era tão tarde e resolvi vim depois de passar no hospital.

Agatha assentiu, parecia não ter ou não querer falar. Deixou o taco de beisebol no chão, em um canto em pé da parede e se abraçou. Seu roupão não era fino ou excessivamente sensual, mas entrava em contraste com a sua pele bronzeada.

— Há quanto tempo você voltou para a Bahia? — ela queria saber.

— Poucas semanas. Estou voltando a me estabilizar, arrumando algumas coisas em meu

apartamento.

— *Aquele* apartamento. — não sabia se tinha a intenção de falar em voz alta, mas falou, em um sussurro.

Aquele apartamento, fazendo referência ao que meu pai tinha me dado. Sobre ele, era uma longa história.

Oito meses não era tanto tempo, era? Eu tentava raciocinar se o tempo passado realmente havia feito diferença entre nós. Eu sabia que havia feito diferença sobre mim. Eu tinha amadurecido e me encontrado. Na verdade, ainda me encontrava em um estágio de aprendizado, porém boa parte dele já havia sido completa. A grande questão que atormentava minha mente há alguns meses tinha sido resolvida.

Eu sabia o que eu queria fazer. Não teria problema em ainda “servir” como modelo, mas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

esse não era o meu atual foco mental. Modelar realmente não era algo que eu me via fazendo por muito tempo, mas sim ocasionalmente, quando desse, quando aparecesse a oportunidade e não procurar por ela.

Era deprimente não passar em seleções porque você não tinha o perfil de uma empresa. Quem definia esse perfil? Os donos da mesma. Por que eu não passava? Meu cabelo era comprido demais. Minha barba também. Meu corpo não era tão forte quanto eles queriam, eu não media quase dois metros.

Mas eu deveria admitir mentalmente que o pior deveria ser para Ian, meu melhor amigo. O porquê de ele não ser selecionado para muitas campanhas? Ele não era branco. Entrelinhas as empresas admitiam que não queriam contratar um homem negro.

PERIGOSAS ACHERON

Soprei o ar e balancei minha cabeça. Atuar era o meu lugar. Claro que eu não seria hipócrita em não admitir também que a imagem importava, mas não era o único critério.

— Ótimo, ótimo. — a Ruiva falou e caminhou em direção a sua cozinha, apontando para eu segui-la — Você deve estar com sede.

— Sim, claro. — Eu nunca pensei que seria constrangedor estar na presença de Agatha.

— Água, suco ou... não sei? — Ela abriu a geladeira.

— Água está ótimo.

Ela estava de costas para mim e se fosse uma outra ocasião ou outro momento, eu me aproximaria e colocaria minhas mãos em volta de sua cintura, porém me contentei em me manter próximo da pia, em um lugar não tão distante, tampouco próximo dela.

Após um momento, com a água em um copo, ela se virou e caminhou alguns passos até mim, me estendendo o copo. O peguei com incerteza, sentindo os dedos dela roçarem no meu.

Engoli em seco e me senti um idiota. Idiota por me preocupar tanto com um toque ingênuo de seus dedos com os meus e idiota por continuar próximo de uma pia. Logo eu, que já tinha visto aquela mulher de todo o jeito possível, em toda a posição possível, estava tenso com um toque de seus dedos.

Bebi alguns goles de água imaginando o sabor de seu líquido. Parecia que havia décadas que não a sentia, que não a provava.

— Você está bem? — perguntei e me senti ainda mais idiota.

Afinal, que porra de pergunta era essa?

— Estou. — Agatha olhou para o chão e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

trocou o peso de seus pés — Como está o trabalho?

— Promissor. Começaremos uma nova peça.

— Uau. Sério? — Eu assenti e ela continuou:
— Sobre?

— Você vai achar que é uma loucura sem fim.

Agatha riu.

— Poucas coisas me surpreendem.

— Tem certeza? — Eu bebi o resto da água e lavei o copo de uma vez ao continuar: — É sobre a vida e a morte, representadas como pessoas, entidades, ainda não sei bem. Será uma comédia, mas será um pouco triste também.

A Ruiva continuou rindo.

— Será um tipo de *dramédia*.

— Sim, uma *dramédia* de vida real.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vida real, huh?

— É. O slogan será algo como “todo mundo já experimentou a morte”.

— Polêmico. Eu gostei.

— Demais, né? Estou realmente animado.

Ela sorriu e eu engoli em seco. Seus olhos azuis brilharam. Agatha era a mulher mais bonita que eu já tinha visto em toda minha vida. Mas a beleza externa dela não era tudo. Em resumo: era claro que ela era gostosa, porém ela também tinha uma personalidade excitante.

Eu não tinha percebido quanto falta sentia dela, até estar com ela. Queria que ela risse, gargalhasse alto, falasse os palavrões de sempre, despenteasse seu cabelo, acordasse nua — de roupa e de maquiagem.

— Eu... — comecei — tenho que ir. —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Passei uma mão em meu cabelo. — Só quis dar um oi e avisar que estou por aqui para o que você... *Benny*... precisar.

— Claro. Claro. — Me acompanhou até a porta, a abrindo para mim.

Coloquei um pé para fora, mas queria me despedir. Só não sabia como. Beijaria no rosto? Um abraço? Um aperto de mão? Nada parecia o suficiente.

Abri meus braços. Ela estendeu uma mão. Estendi a minha. Ela abriu seus braços.

Estava aliviado.

A Ruiva — minha Ruiva — *sente o mesmo que eu*, pensei.

No fim, a puxei para um abraço. Sentia a sua respiração entrecortada em meu ombro e tentei controlar a minha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Meus braços passavam por sua cintura e o tanto de pano em seu hobby atrapalhava que eu pudesse senti-la, mas o meu rosto encostava no dela e sentia seu cheiro. Suas mãos passavam por meu pescoço e tocava em minha pele. Não era muito para o que já tivéssemos, mas, naquele momento, eu acreditava que era o máximo que poderíamos ter.

Não a culpava de nada, apenas sentia que eu ainda precisava de um tempo. Não podia pular de volta para a sua cama — ou levá-la para a minha — e, no fim, precisar novamente fazer uma viagem de meses. Não podia complicar com meus sentimentos. Muito menos com os dela.

Contudo, ao me afastar de seu abraço, a minha constatação era óbvia: quase oito meses não mudaram nada. Eu continuava sentindo tudo e mais um pouco por Agatha Lancellotti.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

III

Agatha

Depois que Chris foi

embora, eu continuei encarando a porta. Não sabia explicar meu sentimento, uma parte de mim queria correr atrás dele; a outra, consciente, se mantinha no lugar.

No fim, suspirei e corri atrás de meu celular, ligando para Benny.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Benny Benny Benny. — falei, sem pausa, quando ele atendeu.

— Que foi, mulher?

— Chris. Ele veio aqui em casa.

— *Ah*. — Meu amigo foi seco.

— Por favor, Benny. — Revirei meus olhos.

— O quê?

— Quero empolgação.

— Só me empolgarei quando você me contar os detalhes sórdidos, *baby*.

— Não há detalhes sórdidos. Ele apenas veio e foi.

Imaginava meu amigo colocando uma mão em sua testa e me xingando tão baixo que pelo celular, eu não ouviria.

— Eu não quero ouvir história de

PERIGOSAS ACHERON

adolescentes. Sou um homem de quase quarenta anos. — ele falava tão sério, que, se alguém que não o conhecesse o ouvisse, acreditaria; mas quando continuou, era o meu Benny: — Quero saber de sexo selvagem, *A-ga-tha!*

— Por que você falou meu nome assim, *Benny?*

— Não sei, *A-ga-tha*. Achei propício.

Eu gargalhei.

— Meu Deus, eu te amo.

— Eu sei. Agora me conte cada detalhe.

— Não há muito para contar.

— Se não há muito significa que há alguma coisa.

Ri e acenei, mesmo que ele não me visse. contei o pouco do que tinha acontecido e era claro que o comentário de Benny só poderia ser:

PERIGOSAS NACIONAIS

— É isso? Você me liga enquanto eu estou em meio a uma coleta de sangue para isso?

— Você queria saber.

— Não isso. — Percebi que ele segurava seu riso. — Qual o fim da história? Vai segui-lo?

— Você acha que eu deveria?

— Você está pensando mesmo em segui-lo?

— Não — rebati. — Claro que não.

— Você estava.

— Talvez... Um pouco.

— Baby, vá.

— Atrás dele?

— Vocês precisam conversar como adultos. Precisam decidir o que vai acontecer com vocês daqui para frente.

— Mas eu não sei se estou preparada para

PERIGOSAS ACHERON

ouvir que não vai acontecer nada. Que ele se envolveu com outra pessoa ou está com outra pessoa.

— Foram só oito meses, não oito anos. Você está criando um temporal.

Uma música de *Pitty, Temporal*, surgiu a minha mente.

Se o tempo hoje vai depressa

Não tá em minhas mãos

Cada minuto me interessa

Me resolvendo ou não

— Você tem razão...

— Sempre tenho. — Riu.

Parágrafos aleatórios da música saltavam

pela minha mente.

Chega simples como um temporal

(Os medos e as armas)

Parecia que ia durar

(Os medos e as armas)

Tantas placas e tantos sinais

Já não sei por onde caminhar

— Eu tenho que desligar. — disse, já desligando.

Benny poderia dizer que eu era uma péssima amiga naquele momento, mas ele ainda me agradeceria. Às vezes ele dizia que não queria que eu estivesse no hospital com ele, porque ele não queria que eu o visse fraco. Porém, o que ele não

PERIGOSAS NACIONAIS

entendia era que eu nunca o vi fraco. Benny era a minha cara metade; enquanto eu me sentia fraca, ele era a minha força. A minha personificação de força humana.

Agora era o meu momento de ser a força dele.

Seriam dois coelhos em uma cajadada só.

Saí correndo de minha casa, me abraçando, para o nó precário que tinha dado em meu hobby não saísse.

Chris ainda não tinha partido com seu carro. Ele morava próximo do centro de Salvador já eu, em Vilas do Atlântico, um bairro no município de Lauro de Freitas, região metropolitana da capital baiana. Com isso, não morávamos tão perto em um dia de trânsito intenso.

Ele franziu seu cenho e desceu de seu carro quando me viu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Aconteceu alguma coisa? — E tocou em seus bolsos. — Eu esqueci alguma coisa?

— Não, — Umedeci meus lábios. — é que Benny odeia que eu vá vê-lo no hospital.

— E? — Novamente ele franzia seu cenho, tentando entender meu raciocínio.

— Ele precisa passar a noite no hospital hoje e está sozinho. Eu sei que talvez seja pedir muito, mas se eu for com você, ele não discutirá comigo por horas — brinquei e me fiz de boba quando dei de ombros. — Ele achará que estará servindo de cupido.

Engoli em seco enquanto trocava o peso dos pés ao vê-lo sorrir presunçosamente ao passar sua mão em seu cabelo. Chris se aproximou e seus olhos negros cravaram nos meus. Segurei meu ar.

— Ele achará que você o estará usando para ficar próxima a mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Soltei meu ar e abri minha boca, tentando falar alguma coisa inteligente e inteligível.

— É. Ele achará. — Sorri.

— E duvido que ele se incomode com isso.

Eu ri.

— Com certeza, não. Não disse que vai se achar um cupido?

Chris assentiu, também sorrindo.

— Vamos. — Maneou sua cabeça em direção ao seu carro.

— Melhor irmos separado...

— Eu te trago de volta. — Chris sorria. — Não se preocupe.

— Certo. — Aceitei e dei um passo à frente, no entanto, parei, me olhando de cima a baixo. — Acho que preciso me trocar.

PERIGOSAS ACHERON

— É, talvez seja bom. — Ele ria e eu sentia vontade de batê-lo, mas não o fiz, apenas dei a volta e entrei em minha casa com Chris ao meu encalço.

Era estranho, mas ao mesmo tempo era tão comum, tão natural saber que os passos que me seguiam eram dele. Que o cheiro que estava no ar, era dele. Que o riso baixo, presunçoso, era dele.

Era bom estar na presença dele.

— Se você quiser comer alguma coisa enquanto eu subo... — Apontei em direção a cozinha enquanto caminhava para a escada. — Fique à vontade.

— Tudo bem. — Ele ainda sorria como se soubesse todas as respostas.

Não duvidava que ele estivesse pensando que já conhecia toda a minha casa muito bem, sem eu ter a necessidade de apontar para ele qualquer

PERIGOSAS ACHERON

direção. Eu tinha feito algumas mudanças e poucas reformas em minha casa ao decorrer dos últimos meses, mas nada muito grande, apenas colocar um móvel, tirar outro. Nada que o fizesse se assustar com a diferença.

Subi com certa pressa em direção ao meu quarto e me deparei encarando minhas roupas. Há muito tempo eu não me preocupava qual seria a minha roupa da noite ou do dia. Não que eu tivesse diminuído a minha vaidade, apenas não me sentia tentada a buscar por uma peça diferença das quais já estivessem mais próximas a mim.

Porém, agora, eu as olhava. Tinha que pensar que dormiria no hospital e Benny não era uma pessoa de conversa e cama. Era muito provável que ele quisesse que Chris e eu andássemos por todo o hospital com ele enquanto ele nos apresentaria a todos que já conheceu apenas nessas últimas horas.

PERIGOSAS NACIONAIS

Um macacão. Decidi por um macacão preto de alças finas e bocas largas. Era confortável e ao mesmo tempo discreto, também bonito. No último momento peguei apenas minha bolsa e um casaco de pano fino para, no ar condicionado do hospital, proteger meus ombros.

Desci as escadas ao compasso que prendia meu cabelo de qualquer jeito com uma presilha.

Encontrei o garoto bebendo mais um copo de água na cozinha.

— Vamos? — questionei.

Ele levantou seus olhos em minha direção e, como da primeira vez, lavou o copo antes de colocá-lo na pia.

— Vamos. — confirmou.

PERIGOSAS ACHERON

IV

Christopher

Evitei olhar para Agatha de

cima a baixo. Porém, o fato de eu não a ter

olhado de cima a baixo não fazia com que não

tivesse absorvido como ela estava. Cada detalhe.

Cada detalhe que conseguia olhar em segundos.

Cada detalhe que guardei para mim como se tirasse

uma fotografia.

Quando ela apareceu na entrada da cozinha e a olhei, pensei que estivesse de vestido, mas reparei que era um macacão. Alças finas o suficiente para eu me imaginar quebrando-as. Não usava um decote muito exposto, apenas me dava um vislumbre da inclinação entre seus seios.

Deixei que ela andasse na minha frente para que eu pudesse olhar para a sua bunda balançar a cada passo seu. Gostaria que a Ruiva estivesse usando saltos altos para seu balançar ser mais intenso, porém, mesmo com uma sandália baixa, seu rebolar era excitante.

Ela abriu a porta para eu passar primeiro e me senti incomodado em não ser a pessoa que tranca a sua casa, mas, devido aos meses passados, entendia a sua educação de me mandar passar na

frente.

Contudo, pude abrir a porta de meu carro para Agatha entrar. Acenou, me agradecendo ao subir. Nesse momento gostaria que meu carro não fosse um rebaixado popular e sim uma alta caminhonete.

Dei a volta rapidamente e entrei no carro. De Vilas do Atlântico para o bairro de Brotas, em Salvador, seria algo em torno de vinte quilômetros, por isso, acelerei. Era verdade que eu tinha vindo do hospital há pouco tempo, mas não me incomodava em voltar, mesmo sentindo que, na verdade, Agatha estava mesmo usando Benny para me manter mais próximo dela.

— Você pode ir embora quando quiser, okay? — ela falou — Eu sei que você falou que veio do hospital e...

— Não se preocupe. — Sorri. — Se eu me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cansar, prometo te deixar lá e ir para minha casa.

— Certo. — Agatha acenou.

Eu apenas ri.

— No que você está pensando? — ela me perguntou um momento depois ao perceber que eu sorria.

Maneei minha cabeça de um lado para o outro.

— Nada importante. — Mas eu ria. — Nada.

— O quê? — Agatha bateu em meu braço e também ria, aquele tipo de riso que acompanha o seu, mesmo quando não sabe o motivo pelo qual você ri.

— Estou pensando em Benny.

— O que *ele* fez dessa vez?

— Não ele, eu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que *você* fez dessa vez? — ela se consertou.

— Admiti que achava que ele estaria careca.

— Meu Deus, Chris! — De canto de olho a vi colocando uma mão em seu rosto. — O que ele disse?

— Me explicou didaticamente sobre uma touca ou algo do tipo que ajuda com que o cabelo não caia e disse que eu estou ‘fora da realidade’.

— Ele tem razão.

— Para mim, isso era novidade.

— Está bem, — Mesmo que eu não olhasse para ela, notei que ela virou seu rosto para olhar diretamente para mim. — eu também não sabia.

— Viu? Isso é novidade para nós.

— Horrível, não é? Só nos preocupamos com a realidade que vivemos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, conversei exatamente isso com ele. Um dia mesmo, Júlia me disse que no bairro que ela se mudou, lá em Vitória da Conquista, está com vários buracos. Eu me importo por ser ela, mas não pesquisaria para saber onde tem asfalto esburacado porque não passo por ele.

— É. Você só se importa quando passo por isso e realmente sente, se não, você não tem acesso a tal informação, como o asfalto esburacado, por exemplo.

— Exatamente.

— E como está Júlia, por sinal?

Minha melhor amiga, Júlia, provavelmente estava melhor que eu.

— Você não teve contato com ela?

— Um pouco. Sei que ela está entre Vitória e Salvador, Salvador e Vitória.

PERIGOSAS ACHERON

— Sim, por causa de Ian. Acho que eles decidiram que agora não é o momento para nenhum dos dois dar o veredito final de onde vão morar.

— Ian morando em Salvador e ela em Vitória complica um pouco.

— Muito. São, sei lá, seis horas de viagem. Não é como se ela pudesse vir quando quisesse também pelo trabalho.

— Vantagem que ela pode fazer alguns turnos e ficar alguns dias sem precisar ir trabalhar.

— Verdade, mas deve ser cansativo.

— Com certeza.

Houve um momento de pausa e eu emendei logo com uma pergunta:

— Como você acha que Benny está lidando?

Seu suspiro foi tão intenso que eu o ouvi.

— Eu não entendo nada de câncer, por mais
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que eu pesquise, por mais que eu o ouça falar. Parece sempre para mim, técnico demais. Porém, pelo que o médico me diz, Benny está em uma situação estável. E, pelo que sinto de Benny, ele está... *bem*, na medida do possível.

— Ele é do tipo que procura uma boa perspectiva em uma situação ruim?

— Exatamente. Ele é esse tipo de pessoa. Às vezes acho que ele lida com isso melhor do que eu...

— Ou demonstra lidar melhor do que você.

De canto de olho a vi acenando e repetiu minhas palavras.

— Ou demonstra lidar melhor do que eu.



PERIGOSAS ACHERON

No hospital, deixaram que Agatha e eu entrássemos no quarto de Benny. O encontramos deitado na cama, como se estivesse fazendo uma estrelinha em um chão de neve.

— O que é isso, senhor? — Agatha brincou.

Apenas nesse momento Benny percebeu nossa presença e se sentou na cama. Ele tinha emagrecido, era claro em sua fisionomia, porém, eu poderia admitir que o homem continuava bonito. Eu sentia a esperança que emanava dele, a sua presença que nada era triste ou monótona.

Ele nos olhou com um cenho franzido, mas, após uma fração de segundo, sorriu.

— Vocês aqui!

— Nós aqui. — Agatha comentou caminhando em direção a ele.

— Baby, — Benny olhava para a sua amiga

PERIGOSAS NACIONAIS

— você não veio para dormir? Diga que não.

— Vim sim.

Ele revirou seus olhos.

— Não são nem sete horas da noite. O que diabos vamos fazer a partir de agora até amanhã?

— Nada? Não me interessa. — Ela sorria.

— Mas me interessa. Odeio pessoas entediadas do meu lado.

— Podemos ver filmes. — eu dei a ideia, inclinando minha cabeça em direção a televisão.

— Você também vai ficar? — Benny me encarou.

A Ruiva respondeu por mim:

— Não, ele apenas veio para me dar uma carona.

— Eu vou ficar por alguns minutinhos. —

PERIGOSAS ACHERON

menti, não tinha nenhum problema em ficar por algumas horas.

Afinal, eu me colocava no lugar dele. Era Benny quem estava saturado e cansado de estar dentro de um hospital. Não seria eu quem me estressaria de ficar por algumas horas.

— Certo. — Benny respondeu olhando de mim para Agatha — Mas não assistiremos a nenhum filme, muito deprimente. Vamos socializar!

— Benny, — Agatha começou — estamos em um hospital.

— Exatamente, um hospital, não um necrotério. *Vamos socializar!* — E se levantou da cama, não esperando pela ajuda de ninguém.

— E por que você vai passar a noite no

PERIGOSAS NACIONAIS

hospital? — quis saber enquanto caminhávamos para onde eu não sabia direito.

— Exames, resultados, mais exames. — Ele deu de ombros — Os médicos acreditam que eu me alimento mal, por isso me dão suplementos e cálcios.

— É sério?

Ele acenou.

— Não acontece todo dia, mas é sério.

Eu ri.

— Tem que se alimentar direito.

O homem me olhou fixamente.

— Vai me passar uma lista de comidas nutritivas também?

— Quem fez isso? — eu ainda ria.

— Seus amiguinhos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Júlia e Ian?

— Quem mais seria?

Nesse momento, até Agatha riu.

— Que mal humor.

— Apenas verdades. — Benny piscou para mim, como se me mostrasse uma piada interna apenas nossa. — Vamos conhecer as crianças.

O próprio pareceu uma criança ao pegar na minha mão e de Agatha nos direcionando para uma ala infantil.

PERIGOSAS ACHERON

V

Agatha

Engoli em seco ao

entrarmos na ala infantil. Não era

sombria ou cinzento, como eu, em um clichê

ambulante, imaginava. Era viva. Muito viva. Havia

cores pela parede de inúmeros desenhos e marcas

de mãos espalhadas por todos os cantos.

Algumas crianças estavam sujas pelas cores, as fazendo parecer um mini arco-íris; outras, corriam; mas, uma certa quantidade delas, estavam deitadas, porém nada tirava o largo sorriso de seus rostos.

— Você vem sempre aqui? — perguntei a Benny que me olhou com um sorriso.

— Se você fosse um cara, perguntaria se está dando em cima de mim, assim, tão descaradamente. — E gargalhou da sua própria piada idiota, no entanto, ficou sério de um momento para o outro — Infelizmente você não é um cara. Mas, te respondo mesmo assim: sim, venho sempre que fico para dormir por aqui.

— Por que você não me chamou para vim antes?

Benny deu de ombros.

— Você nem gosta de crianças.

— Mas aqui é diferente — sussurrei.

Ele abaixou seu tom de voz:

— Por quê? Porque elas têm câncer?

Não o respondi, apenas abaixei minha cabeça, envergonhada. Percebi que Chris ouviu nossas trocas de frases, porém não se intrometeu, apenas deu um passo à frente e começou a conversar com as crianças antes que eu sequer tivesse tempo de dar-lhes um olá.

Era claro que oito meses não era tempo o suficiente para mudar uma pessoa. Talvez se fosse dois meses a mais, sim. Seria tempo o suficiente para um nascimento. No entanto, oito meses apenas um prematuro, sendo assim, eram só oito meses.

Por isso, não diria que o tempo fazia diferença na forma como Chris reagia. Pelo contrário. Parecia que eu o tinha visto há oito dias. Ele era o mesmo garoto conversador de sempre, até

PERIGOSAS ACHERON

com os pequenos.

Eu, por outro lado, não soube o que fazer quando uma das crianças se aproximou de mim. Com suas mãos sujas de tinta, tocou na bainha de meu macacão e sorriu.

— *Brincá?* — à sua maneira me perguntava se que queria brincar com ela.

Benny falou no meu ouvido.

— Elas não quebram, baby. Pode tocar.

E me deixou, assim, sem mais nem menos ele se afastou de mim, me deixando com a menina. Me ajoelhei à sua frente e sorri.

— Brincar de quê?

Ela deu um pulinho e levantou suas mãozinhas.

— *Pintá!*

— Okay, vamos pintar. — Olhei de um lado

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para o outro, vendo um Chris que já brincava com as crianças, mas, de canto de olho me olhou e piscou.

— Vai ficar tudo bem. — ele sinalizou.

Eu balancei minha cabeça de um lado para o outro e apesar de estar com a criança há menos de um minuto, já me sentia sem jeito algum.

A pequena pegou na minha mão como se já me conhecesse e me puxou para o fim da ala infantil, me mostrando sua cama e a parede completamente suja ao lado da cama.

Enquanto a menina tentava me puxar para me fazer misturar as tintas que ela tinha sobre um recipiente no chão, me virei para Benny que nesse momento estava próximo de mim.

— Por que elas se aproximam *assim*?

Meu amigo revirou seus olhos, mas ria.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Isso se chama espontaneidade, baby.

— Eu sei, são crianças, mas...

Ele riu.

— Elas estão acostumadas com visitas. Sabem que são... digamos assim, para elas.

— Entendi. — Mas franzia meu cenho e finalmente me sentei no chão, sem jeito e tentei não pensar muito enquanto brincava com a menina.

Crianças pareciam viver em um mundo à parte, mesmo com a doença, não choravam e não reclamavam. Pelas horas que passamos na ala infantil junto com outros adultos que vez ou outra apareciam, percebi que eles, os pais, eram mais tristes que seus filhos.

Eu entendia também que, afinal, os pais entendiam da seriedade da doença de seus filhos enquanto os pequenos, não supunham. Porém,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mesmo assim, elas sentiam. Nem todas as crianças da ala infantil estavam aparentemente bem como a garotinha que brincava comigo. Algumas estavam deitadas e não se levantavam.

A menininha que ainda me puxava de um lado para o outro, ainda tinha seu cabelo. As únicas marcas claras de que ela não estava bem, era de uma tirinha em volta de seu pulso, como havia na identificação para bebês e das marcas de pontos em suas palmas e veias.

Mesmo assim, a pequena conversava e brincava como se nada tivesse acontecido.

— Porque para ela nada aconteceu. — Benny falou e eu notei que tinha falado em voz alta, ainda bem que era em voz alta apenas para ele ouvir.

— Como assim? — O olhei me afastando um pouco das crianças e pegando um copo d'água descartável.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nós sabemos que ela está dentro de um hospital com uma doença séria. Ela também sabe que está no hospital, mas ela não tem noção da doença e seu estágio, ainda bem, não é dos mais graves. Não sente tanta dor ou qualquer coisa.

— Você acha então que as crianças são ignorantes?

Nesse momento Chris também se aproximou.

— Não ignorantes, Ruiva. — Chris acenou. — Inocentes. Ingênuas. Elas não precisam de muito para serem felizes.

— Um dia nós também fomos assim. — Benny completou.

Dei de ombros. Não entendia como aqueles dois gostavam tanto de crianças. Eu não tinha nada contra elas, tampouco tinha a favor. Muito disso se dava diante ao fato de que eu não tive uma infância comum.

PERIGOSAS ACHERON

Quando a menina correu novamente até mim, eu me inclinei para ela, não conseguia ser grossa com uma criança e no fim acabei me vendo fazendo tudo que a menina queria. Talvez não fosse grosseria se eu admitisse a ela que estava cansada para brincar, mas se nem mesmo ela estava cansada, eu não era quem reclamaria.

Com isso, passei as próximas horas brincando com algumas crianças desconhecidas.

— Se divertiu? — Benny quis saber quando fomos para a praça de alimentação do hospital.

— Estou cansada. — Arfei.

— As crianças estão melhores que você. — Chris brincou.

— É verdade, Agatha. Você está só o caco.

— Muito obrigada. — Sorri.

Ambos riram da minha expressão e Benny

levantou suas mãos.

— Só falo verdades.

— Mas... — Balancei minha cabeça de um lado para o outro — essas crianças, meu Deus, não param.

— Crianças são crianças.

— Nunca tive contato com nenhuma.

— Sério? — Dessa vez foi Chris quem quis saber.

— Nunca precisei. — Dei de ombros — E você, filho único, por acaso já teve contato com alguma?

— Antes de vim para a capital eu trabalhava como babá.

— Babá? — Benny gargalhou — Chris babá.

— É sério, rapaz. É tão difícil acreditar? Eu queria ter algum dinheiro e me virava como babá.
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Minha tia às vezes me ajudava, mas, na maioria, era só eu e meu instinto.

— Como alguém deixava você cuidando de uma criança só com ‘seu instinto’? — questionei.

— Eu sei lá. Era confiável. — Ele riu, mas continuou: — Sabia me virar.

Continuei rindo, porque mesmo que eu não cuidasse de uma criança sabia que era mais do que saber se virar.

Deixamos aquele assunto de lado por um momento quando comemos um pouco.

PERIGOSAS ACHERON

VI

Christopher

— *Acho que vocês*

deveriam ir embora. — Benny abaixou seu

tom de voz, já em seu quarto.

Agatha tinha ido ao banheiro.

— Não se preocupe. Podemos dormir aqui sem problemas.

— Há problemas sim. Acha que o hospital é motel? — Eu ri. — O hospital não deixará que os

PERIGOSAS NACIONAIS

dois durmam aqui de toda a forma.

— Sei — comentei.

— Chris, — Ele encarou a porta com receio de que Agatha aparecesse. — eu não quero que vocês durmam aqui.

— Por quê, cara? — Cruzei meus braços e me sentei em uma cadeira de plástico no quarto.

— Não quero vocês aqui. — enfatizou — Eu amo Agatha, é verdade. Mas não gosto quando ficam ao meu redor. Eu ainda não preciso que vocês limpem minha bunda.

— Espero que nunca precisemos fazer isso. — Gargalhei e Benny revirou seus olhos enquanto passava uma mão em seu cabelo.

Ele continuou me encarando.

— Posso contar com você para arrastá-la para fora daqui?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não se preocupe. — pisquei.

Em menos de um minuto, Agatha voltou.

— Por que vocês estão me olhando com essa cara? — ela comentou assim que colocou o pé para dentro do quarto e nós dois a olhamos.

Eu comecei:

— É que eu estava falando com Benny sobre que por mais que nós gostaríamos de dormir aqui com ele, não poderemos.

— Por quê? — Ela ainda fazia uma careta.

— O hospital não vai deixar. Às vezes temos que persuadi-los para deixar uma mulher com um homem.

A Ruiva sorriu e apontou para Benny.

— Mas Benny é gay.

— Mas eles não sabem disso...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Chris, — ela me cortou — eu sei o que você está tentando fazer: me puxar para fora daqui. Mas eu já dormi aqui antes e não tive problema nenhum.

— Porém, — Me levantei. — parece que as regras mudaram.

— Assim de uma hora para outra? Não tem lógica, Chris.

— É, baby, — seu amigo interveio — regras de hospital mudam toda hora.

— Parem com isso. — Ela levantou suas mãos — Não sou idiota. Sei que isso não pode acontecer, mas sei que vocês estão com algum complô. Provavelmente *você* — Ela apontou para Benny antes de continuar: — pediu para ele me tirar daqui porque não quer companhia e não queria me falar de uma vez isso.

Seu amigo franziu seus lábios.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não é bem assim.

— É totalmente assim. Sei que você é individualista. — Ela seguiu em direção a sua bolsa. — Estamos saindo.

— Você não vai se estressar comigo, vai?

Agatha deu dois passos em direção a porta e virou sua cabeça encarando o homem que já estava deitado na cama.

— Não. Claro que não. — Porém ela apenas lhe deu um meio sorriso e saiu do quarto.

Acenei para Benny e a segui, correndo. Deixei que ela andasse uns passos a minha frente e a vi encarar seu celular e sorri enquanto balançava sua cabeça de um lado para o outro. Ao me ver mais próximo, guardou seu celular e me encarou.

— Desculpe, — comentou — te fiz perder seu tempo.

PERIGOSAS ACHERON

— Não me fez perder nada. — confirmei e inclinei meu braço para ela.

Ela passou sua mão pelo meu braço e caminhamos em direção a saída do hospital. Antes, eu achava que Agatha estava usando Benny como desculpa para ficar mais tempo ao meu lado; agora, eu acreditava que Benny estava usando Agatha para fazer com que nós fiquemos mais tempo a sós um com o outro.

No estacionamento, antes de chegarmos até meu carro, decidi arriscar:

— Ele fez uma cena, não foi?

— Benny? — Acenei confirmando e a Ruiva sorriu. — Não exatamente. Ele realmente prefere ficar sozinho.

— Mas?

— Mas me mandou uma mensagem assim

que saímos de seu quarto.

— Que foi?

— “Você me deve uma.”

Eu gargalhei. Benny sendo Benny.

— Já que ele está fazendo um favor para a gente, acho que podemos ir para algum lugar, não é?

— Chris...

— Agatha... — brinquei — Podemos só sair por aí e comer alguma bobagem em algum lugar. Sei que você não deve estar nem com fome agora, mas podemos, sei lá, caminhar por uma das praias de Vilas.

Percebi que ela engoliu em seco e quando eu abri a porta do carona, ela entrou sem hesitar. Corri para entrar de uma vez no banco do motorista e liguei o carro. Antes que desse partida, Agatha

colocou uma de suas mãos em meu pulso.

A olhei esperando que ela falasse.

— Sobre antes...

— Antes? — Franzí meu cenho.

— Antes de você viajar.

Abri minha boca e fechei. A Ruiva pareceu respirar fundo.

— Eu queria conversar sobre.

— Eu estou bem. — a confirmei — Se você quiser conversar sobre isso, eu conversarei. Mas estou bem, te respeito e acredito que não sou ninguém para aceitar o seu passado.

Agatha tinha feito o que ela fez. Tinha passado pelo que ela passou. E eu não precisava pensar mais sobre isso. Ela não estava comigo, mas se voltássemos a ter algo, eu queria que fosse um recomeço. Isso não significaria que eu esqueceria o

que tinha acontecido, eu me lembraria, apenas não pensaria mais nisso.

A Ruiva. *Minha* Ruiva sorriu.

— Eu não quero mais conversar sobre isso.

— Tem certeza?

— Tenho — ela não hesitou em sua resposta.

— Podemos recomeçar?

— Por mim, sim. — também não demorei ao respondê-la.

Agatha olhou para o porta-luvas do carro, depois novamente para mim.

— Então como faremos?

— Nós não precisamos fingir que não nos conhecemos. Eu quero ainda me lembrar de como é conhecer você, desde seu gosto ao seu jeito. Eu apenas não quero que precisamos nos basear no agora sobre o que aconteceu ou deixou de

acontecer.

— E com isso? — Ela inclinou sua cabeça.

— E com isso, como estamos recomeçando, acho justo que nós possamos sair para jantar.

Agatha riu e assentiu, no entanto, antes que eu desse a partida, ela se inclinou em minha direção.

— Podemos recomeçar de um segundo encontro?

— O que você quer dizer com isso?

— Que teremos um pouco mais de intimidade.

— E? — Eu sorria, mas estava parado, esperando que o primeiro movimento fosse dela.

— E como é nosso segundo encontro do recomeço, sentimos falta um do outro...

— Claro, hipoteticamente.

— Isso, hipoteticamente sentimos falta um do outro e como qualquer casal sadio em um segundo encontro, nos nós beijamos.

— Ainda pela hipótese? — brinquei.

— Não mais pela hipótese.

E foi Agatha quem se aproximou de mim, quebrando qualquer distância entre nós dois e me beijando de uma vez.

Não poderia mentir que em oito meses não provei outros lábios. Experimentei alguns. Porém, poderia afirmar que nenhuma foi Agatha. Nenhuma tinha o mesmo sabor, a mesma doçura, a mesma tentação.

Nenhuma me devastava.

VII

Agatha

*Beijar Chris não era como
beijar qualquer homem.* Não era pelo
prazer, não era pelo desejo. Era de dentro para fora
e de fora para dentro. Era intenso. Mexia dos meus
pés à cabeça.

Sua língua não era invasora, pedia passagem
e ao perceber que minha boca se abria mais para

PERIGOSAS NACIONAIS

ele, ele chupava meus lábios, às vezes mordiscava. Seus dedos se entrelaçaram em meu cabelo, puxando mais meu rosto para ele, meu corpo se inclinava mais para ele, minhas mãos se apoiavam em seu corpo e eu não sabia se tentava respirar, se tentava tocá-lo, se tentava subir sobre ele ou se simplesmente tentava me parar.

Acabei me afastando, não demais, apenas o suficiente para respirar um pouco e olhar para os olhos escuros de Chris.

— Praia? — Sorri.

Ele manteve seus olhos abertos apenas por pouco tempo e os fechou novamente, suspirando.

— Sim, praia.

Finalmente ele deu partida no carro e no meio do caminho, eu decidi saber:

— Quer me contar?

PERIGOSAS ACHERON

— O quê?

— Sobre você nesses últimos meses.

Percebi o seu suspiro, mas, dessa vez, diferente. Era de exasperação.

— Não quero ser hipócrita com você, Ruiva.

— Então não seja.

Ele não me olhava, mas falava sério. Olhei para seus dedos cerrados no volante, mas apesar disso ele não me parecia tenso, parecia em um misto de cansaço e diversão. Sim, diversão. Talvez ainda estivesse sobre a ótica de nosso beijo.

— Nem quero mentir. — ele completou.

E eu me repeti.

— Não seja.

— Certo. — Acenou. — Verdade, verdade: me envolvi com outras pessoas, mas... Nada comparado a você. Não quero que pareça uma
PERIGOSAS ACHERON

mentira estúpida apenas porque estou do seu lado. Não quero exagerar também ao dizer que não dormi pensando em você. Mas pensei demais em você, em tudo relacionado a você.

Eu ri.

— Eu sei que sou única, Chris.

Mas ele continuou sério.

— Não é nem apenas isso. Todas as pessoas são únicas, mas você é simplesmente você.

Dessa vez, gargalhei.

— Porque sou única como todas as pessoas do mundo.

— É, mas ainda assim é além disso. Estar com você é diferente de estar com outra qualquer pessoa única no mundo.

Engoli em seco. Era uma das melhores coisas que eu já tinha ouvido em toda minha vida.

PERIGOSAS NACIONAIS

Simples, mas bonito. Benny me dizia com certa recorrência que me amava, mas além dele ser meu melhor amigo, o seu “eu te amo” e às vezes seu explícito “eu preciso de você” era isso. Não havia entrelinhas em seu amor, era amor e ponto. Não havia entrelinhas em seu precisar de mim, ele precisava e ponto.

Mas com Chris era diferente porque havia entrelinhas.

Ele dizia que era diferente estar comigo e não era simplesmente isso e ponto. Era mais. Eu apenas não sabia expressar em palavras, precisava que ele me dissesse, mas ele não me dizia, se calou.

Sendo assim, eu também falei, admitindo.

— Comigo acontece o mesmo. Você é diferente...

Ele ri e balança sua cabeça de um lado para o outro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não tenho certeza se gosto de ser apenas diferente.

— Diferente de todos que eu já conheci soa melhor para você?

— Sim, muito obrigado. — Ele sorria.

— Chris... — comecei.

— Diga.

— Eu aceito que possamos recomeçar com calma, mas não tenho certeza se eu estou tão calma quanto antes.

— Sobre o que exatamente?

— Sobre nós. Sobre nos definirmos. Eu sei, ainda nem recomeçamos e eu já estou neste assunto, mas é que eu percebi que muita coisa não foi dita e talvez se fosse, nós evitaríamos tanta coisa...

— Eu entendo você, Agatha. E concordo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Acho que deixamos levar demais.

Acenei e continuei:

— Não quero que pense que eu pretendo nos definir agora ou que após a primeira transa de recomeço já o pedirei em casamento, mas é que quero que as cartas estejam sobre a mesa.

— Novamente, eu concordo — ele falou. — Podemos fazer um trato. Parece idiota, mas acho que dará certo...

— Estou disposta a ouvir.

— É simples. Falar a verdade.

— Mas nós já falamos a verdade, sempre, eu presumo.

— Mas suponho que não falamos sobre todos os nossos sentimentos. A partir de agora podemos falar?

— Despejar tudo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Despejar tudo.

— Por mais que doa? — insisti, mas não tinha certeza sobre o que poderia falar para ele que faria doer, nem o contrário.

— Por mais que doa. — Ele riu — O que vocêalaria para me deixar tão dolorido?

Eu também ri.

— Não tenho certeza...

— Espero que nada. — Ele tirou suas mãos do volante por uma fração de segundo. — Então, trato feito?

— Trato feito.

Não poderia ser ruim. Não teríamos nada a esconder. Nunca tivemos. Às vezes, apenas, evitávamos dizer sobre nossos sentimentos, no entanto, pelo que eu sentia por ele e não falava sobre, sabia que era uma questão de

PERIGOSAS ACHERON

autopreservação e não de timidez.

Eu não poderia dizer agora, por exemplo, que continuava me sentindo apaixonada por ele? Poderia? Afinal, o trato contava a partir de agora, mas agora, neste exato momento, eu não me sentia apaixonada. Ou será que sentíamos a paixão por todos os minutos do dia?

Eu estava divagando. Apenas não queria dizer que estava apaixonada. “Estava” não seria a palavra apropriada. *Continuava* sim.

Continuava apaixonada por Chris e não sabia o que dizer. Ou como dizer. Acabei de selar um trato e acabei por não cumpri-lo. Falaria tudo que passasse em minha mente a partir de agora, menos sobre a paixão. Ainda não isso.



PERIGOSAS NACIONAIS

Fomos à praia. Acreditava que nunca tínhamos ido. Apenas andávamos pela região próxima de minha casa, calados, sem dar as mãos, mas lado a lado. Não poderia saber se ele ouvia a minha respiração, mas eu ouvia a dele. Ocasionalmente sua respiração era abafada pelo som do mar ou das pessoas passando ao redor, mas a praia estava vazia o suficiente para passarmos longos minutos como se estivéssemos sozinhos.

Às vezes andávamos pelo calçadão, outras vezes passávamos pela praia, sentindo a areia em nossos pés. Era revigorante e ainda mais por não sentir que precisava falar alguma coisa a todo o momento. Não era constrangedor continuar em silêncio. Não era constrangedor por causa de Chris. Todo o momento com ele era natural, tanto a ida para um hospital quanto o caminhar pela praia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Seu braço roçou no meu e eu o olhei. Seus olhos escuros brilhavam e ele sorria, aquele sorriso presunçoso, mesmo quando parecia não haver motivo para isso.

— Eu sentia a sua falta — ele admitiu.

Era pelo nosso trato.

— Eu também sentia a sua. Muita.

Para mim, não era pelo trato, era porque eu precisava dizer.

Paramos de andar e nós nos olhamos. Não sabia mais o que dizer, não sabia se qualquer palavra naquele momento era o suficiente para tudo que eu sentia.

No fim, me resumi ao carnal, já que ainda estava em um debate interno em meu subconsciente.

— Vamos para minha casa?

PERIGOSAS ACHERON

— Vamos. — Ele já sorria.

Em minha casa, após descermos do carro, não nos demos muito tempo após eu conseguir achar a chave para abrir a porta. Não tentávamos nos beijar com calma, como o recomeço dava a ideia. Eu não pensava em jantar romântico a luz de velas. Não agora, não ainda.

Agora, eu queria que ele batesse a porta da minha casa como bateu, sem jeito, porque estava desesperado demais para tirar sua camisa sobre sua cabeça e puxar sua calça para baixo. No entanto, ela se enrolou em seus pés, ainda calçados e eu ri.

— Chris... — Não sabia se deveria dizer para ele ter calma, porque eu não tinha, sendo assim, deixei no ar.

— Agatha... — Foi como uma resposta, mas também ria de si mesmo quando finalmente tirou seus sapatos e sua calça.

Chris estava de cueca no meio da minha sala e eu me senti tragada para os meses anteriores, para mais longe que isso, para as primeiras vezes que o vi. Era tão sexy, tão vil... Tão tentador que me fazia estremecer pelo desejo que eu tentava reprimir.

No entanto, era claro que não tinha passado tempo o suficiente para ele estar diferente das primeiras vezes o vi, porém, os meses que *não o vi* mudaram a forma como o encarava agora.

Era como se ele estivesse novo para mim. Diferente, mesmo que não.

Demorei alguns segundos para entender que a diferença não era como ele estava, mas como eu o olhava. Porque eu sentia mais do que já tinha sentindo. Nunca tinha sentindo tanta falta quanto naquele momento.

Estar com ele em minha sala enquanto tirávamos a roupa não matava a minha falta, a

PERIGOSAS ACHERON

sufocava mais.

Felizmente eu sabia como fazê-la passar.

Chutei meus sapatos para longe e me despi daquele macacão. Precisávamos tomar um banho pelas horas que tínhamos passado no hospital. Precisávamos lavar nossos pés e mãos por termos tocado na água e areia da praia. Porém, no instante que sua boca encontrou a minha, eu sabia que tudo o que precisava era ele.

VIII

Christopher

*Beijei minha Ruiva como se
minha vida dependesse disso.* E eu sabia
que aquela não era a primeira vez que eu a beijava
sentindo o que sentia naquele instante. Não era a
primeira vez, tampouco seria a última que a beijaria
de todo meu coração e paixão.

Eu necessitava daquilo. Seus toques, seus gemidos, suas frases entrecortadas, seus arranhões. Eu sentia a sua falta. E era ainda mais esmagador quando a tocava. Era a realização materializada do que meu coração, inconsequente, não saberia descrever muito bem.

Falta. Fome. Desejo. Desespero.

Eu necessitava de Agatha.

No meio de sua sala, eu ainda vestia minha cueca e ela seu lingerie em um tom de marrom-escuro, entrando em contraste com sua pele clara.

— Coloque seus saltos — pedi, gesticulando para os saltos deixados ao lado do sofá.

Ela tinha passado o dia de rasteiras, mas aqueles saltos me levavam para um outro momento de nossos encontros. Os mais intensos.

Agatha os calçou sem hesitar e sorriu de

canto para mim.

— E agora? — questionou.

Meu Deus! Pensei devido ao pulsar constante em minha cueca.

— Sente-se.

Quando ela se sentou no sofá, eu não aguentava mais me controlar e simplesmente me ajoelhei entre as suas pernas.

Segurei Agatha pelas coxas com minhas mãos, enquanto suas pernas enroscavam-se em minha cintura e suas mãos em meu cabelo, puxando e acariciando.

Reparei nela, por completo. Seu cabelo estava uma bagunça e seu olhar azul estava animal, selvagem.

Despi primeiramente seu sutiã — com um pouco de esforço ao passar minhas mãos por suas

costas naquela posição. Seus mamilos estavam duros, só por eu estar observando-a ela já ficava excitada e imaginei o quanto deveria estar molhada.

Não precisei imaginar muito. Tirei sua calcinha, que saiu fácil e joguei em qualquer lugar, sem nem olhar. Minha visão estava focada em sua genitália exposta, rosada e brilhante de seus sucos que escorriam. Como eu, Agatha deveria estar me esperando, nesse tempo afastados, ela deveria ter pensado em mim, como eu pensei nele.

Minha Ruiva estava agora com seus joelhos flexionados, deixando sua vagina brilhante totalmente visível para mim. Ela estava mais linda do que eu imaginava. Seu corpo tão gostoso quanto antes, seus seios tão fartos e perfeitos quanto antes, sua bunda tão dura, e ao mesmo tempo, tão macia, quanto antes.

Perfeita. Não havia palavra melhor para

descrever essa mulher.

Mudei a posição dela, que nem discutia, deixando-a meio sentada, meio deitada no sofá. Coloquei suas coxas em meus ombros, sentindo a ponta de seus saltos baterem em minhas costas, sem demorar mais lambi toda sua fenda, provando seu gosto natural e provocando-a gemidos entrecortados e respiração irregular. Sabia também que minha barba raspava em sua pele, a fazendo arrepiar.

Depois de lambe sua fenda uma e outra vez, lambi seu clitóris, primeiro provocando-a mais lentamente com movimentos de vai e vem, em seguida, fazendo como toda mulher gostava, movimentos circulares, devagar, sem pressa, rápido, selvagem.

Seu gosto era definitivamente minha bebida favorita. Eu não precisava tanto de água — ou de

café — quanto eu precisava daquilo. Era a melhor coisa do mundo saber o quanto eu provocava à minha mulher.

Continuei com os movimentos circulares com minha língua em seu clitóris. Não abandonando-a em nenhum momento. Ela gemia, miava, gritava, falava. Era perfeito. Eu sentia muita falta daquilo.

Apertei suas coxas em minhas mãos e soltei uma delas indo até sua entrada cada vez mais úmida. Enfiei dois dedos e olhei para cima, vendo-a arquear as costas, fazendo seus seios pularem.

Dei estocadas rápidas com meus dedos e acrescentei outro. Minha Ruiva jogou sua cabeça para frente, para me olhar, fazendo seu cabelo esconder metade de seu rosto, mas ela o jogou para trás. Depois colocou suas mãos em meu cabelo, puxando para frente, fazendo minha boca ficar mais

próxima de sua vagina.

Afastei minha língua de seu clitóris para lambar toda sua fenda, sentindo seu gosto, e não me dando por satisfeito, tirei meus dedos de sua entrada, fazendo-a resmungar baixinho, mas chupei meus dedos, sentindo ainda mais seu gosto. Ela riu, selvagem, gostosa, tentadora.

Voltei a lambar seu clitóris e enfiei novamente meus dedos dentro dela, procurando seu ponto G. Quando o achei, Agatha gemeu alto.

— Chris! — era exatamente isso que eu queria ouvir — Chris! — meu pau latejava apertando na cueca — Chris! — minha Ruiva estava bem perto.

Mal ouvi alguns de seus palavrões e meu nome quando ela gozou. E devo dizer que foi uma cena maravilhosa. Parecia novidade, parecia que eu nunca a tinha visto gozar. Hoje parecia tudo uma

PERIGOSAS ACHERON

novidade. Nós estávamos diferentes, restava eu saber o que mudava.

Não parava de chupá-la enquanto ela gozava e segundos depois quando todos os seus espasmos passaram e o relaxamento lhe abateu, eu me afastei de sua vagina, de um jeito quase relutante, por mim ficaria por mais tempo.

Sentei-me no sofá ao lado dela. Minha Ruiva me olhou de um jeito diferente, quase manhoso, ela não era normalmente assim, era selvagem, mas adorei aquele seu olhar diferente.

Suas bochechas estavam rosadas, suas pupilas dilatadas fazendo seus olhos brilharem mais, seu cabelo uma bagunça sem fim, sua pele arrepiada, seu sorriso no rosto era pura satisfação e seus sucos sujavam até mesmo o chão e podia apostar que o sofá também.

— Acho que é minha vez. — Agatha se

aproximou de mim, beijando minha nuca.

Eu nunca fazia nada por ela esperando retorno. Fazia tudo por ela, porque queria, porque gostava de vê-la satisfeita. Mas eu amava ser satisfeito também. Por isso sexo era tão bom, agradava aos dois.

A boca macia de Agatha estava mordiscando e beijando meu pescoço enquanto suas mãos desciam para a braguilha de minha bermuda, sua outra mão estava em meu cabelo.

Fiquei de pé, para deixá-la tirar minha cueca, depois sentei-me novamente. Queria ficar tão relaxado quanto ela tinha ficado. Adorava uma mulher de joelhos na minha frente, mas hoje eu queria poder enxergar seu rosto enquanto me chupasse e não apenas o topo de sua cabeça.

Meu pau estava orgulhosamente ereto e minha Ruiva ao vê-lo gemeu em antecipação,

PERIGOSAS ACHERON

sabendo que ele em breve estaria dentro dela.

Agatha primeiro sentou-se em meu colo, me fazendo sorrir. Se ela continuasse nessa posição eu enfiaria nela ali mesmo, sem esperar para mais nada.

— Eu — Agatha começou sorrindo, um sorriso selvagem, naturalmente dela — queria *provar* o quanto senti sua falta.

Seus beijos desceram devagar de meu pescoço, passando por meu ombro, omoplata, peito e parando um pouco acima de meu umbigo. Agatha saiu de meu colo e ficou de joelhos, como eu estava a pouco, entre minhas pernas. Então ela voltou a beijar minha barriga, parando para lambar meu umbigo, o que me fez arquear as costas, enviando-me arrepios por todo meu corpo.

Agatha sorriu, satisfeita por descobrir uma nova sensibilidade, e desceu novamente, parando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para me infernizar um pouco acima de meu membro. Sem eu esperar ela lambeu devagar com movimentos circulares a minha glândula.

Seus movimentos eram leves, agonizantes e prazerosos. Uma de suas mãos cravou-se em minha coxa com suas unhas compridas e a outra segurou delicadamente meu membro.

Segurei minha respiração sabendo que ela acabaria comigo. Me destruiria, se quisesse. Me devastaria, se quisesse. Eu era dela. Entregue.

Agatha sugou minha glândula com sucções rítmicas, rápidas, prazerosas como o inferno. Gemi alto, tão alto quanto ela.

A Ruiva continuou a sugar minha cabeça e aos poucos enfiá-lo mais fundo, cada vez mais fundo. Seus olhos não largavam os meus, suas unhas cravavam-se mais em minha coxa e sua outra mão segurava meu membro de uma maneira

PERIGOSAS ACHERON

sensual para cacete.

Com a mão que estava em meu pênis, minha Ruiva deslizou para minhas bolas, massageando, e com a boca chupou mais fundo meu membro.

Coloquei minhas mãos em seu cabelo, afastando-o de seu rosto. Eu queria ver o movimento de sua cabeça enquanto me chupava profundamente.

Eu não fazia ideia de quanta falta eu havia sentido dela. Não só do sexo, mas da sua presença dessa forma, sempre imposta, quase dominadora, sensual e sexual toda dirigida para mim.

Agatha tirou sua boca de meu membro para lambe toda a extensão, sem tirar seu olhar azul brilhante do meu. Ela queria que eu visse tudo que ela fazia comigo. Eu não tinha intenção nenhuma de perder aquele show particular. Depois de me lambe, ela abocanhrou novamente quase todo meu

pau e continuou com seus movimentos profundos.

Ela chupou um de seus dedos e eu fiquei sem saber o que ela faria. Em seguida ela chupou profundamente meu membro, me fazendo esquecer de seu rápido abandono e com a mão, do dedo que havia chupado, voltou a acariciar minhas bolas, mas desceu, indo até meus a entrada de meu ânus.

Sem eu ter chance de recuar ela enfiou e tocou, onde eu teoricamente sabia, que era o ponto G masculino, na próstata. Não tive nenhuma reação. Meu corpo todo estava preste a ter um orgasmo celestial. Eu podia sentir vindo.

Tentei me afastar, para gozar fora de sua boca, mas ela me encarou.

— Exames? — Não era uma pergunta sexual, mas necessária.

— Em dia. — Sorri tranquilo, quanto a isso, nunca mentiria. Até mesmo para o teatro eu
PERIGOSAS ACHERON

precisei apresentar exames para comprovar que não tinha nenhuma doença que fosse possível a ser transmitida pelo beijo.

— Remédio também. — Ela piscou, falando sobre si mesmo, e voltou a me chupar.

Eu gozei com meus olhos abertos, vendo-os de Agatha em mim. Ela não tirou sua boca de meu pênis enquanto eu gozava e ela engolia sem discussão cada gota de meu sêmen.

Eu gozei meio falando seu nome, seu apelido, palavrões, gemidos, entre respirações oscilantes, numa mistura estranha de ótimo e maravilhoso.

E conseguiu ser ainda melhor quando ela sentou sobre mim e eu a abracei. Nossos corpos se transformaram, naquele abraço, uma mistura de suor, tesão e falta, a falta que estávamos suprimindo do outro. Nada mais nos dividia. Nada

estava entre nós.

Dessa vez, gemíamos em uníssono enquanto ela decidia o nosso ritmo. Suas mãos cravaram em meus ombros. Sua boca em minha bochecha, me fazendo escutar a sua respiração e gemidos bem próximo de meu ouvido. Não havia outro som em sua casa sem ser o que nós produzíamos.

Era como se o mundo tivesse pausado por nós, para nós. Não era tão tarde, mas parecia que todas as pessoas dormiam, apenas nós acordados.

O mundo estava em completo silêncio para nós.

Enquanto Agatha fazia seu movimento como queria e eu inclinava minha cabeça no encosto do sofá, eu sentia tanto o prazer emanar por todo o meu corpo quanto o desejo por ela crescer — se era possível.

Meu coração batia depressa. Pulsava.

Finalmente sentia que a falta que eu sentia por ela estava sendo exteriorizada, mas ainda não era o suficiente. Eu precisava mais dela. Ela era meu vício.

A abracei mais forte e com uma mão segurei seu rosto, a beijando enquanto gozava.

IX

Agatha

Não dormimos tão tarde

naquela noite, por já termos começado cedo,

sendo assim, eu acordei após alguns raios do sol

invadirem a fresta da janela. Me remexi em minha

cama, não me esquecendo por nenhum momento

que tinha ido dormir com um homem, logo o

PERIGOSAS NACIONAIS

procurei pela cama e quando não o senti ao meu lado, abri meus olhos devagar.

Não foi difícil me acostumar com a claridade, já que, na verdade, não estava tão claro assim. Passei uma mão por minha testa e percebi que eu estava suando, esse deve ter sido o maior motivo para acordar, esqueci de ligar o ar condicionado.

Pulei da cama — ou tentei. Não tinha trazido meu celular para o quarto, mas meu relógio ao lado da cama me indicava que beirava às seis da manhã. Listei mentalmente meu plano matinal.

- a) Me arrumar o mais rápido possível.
- b) Ir ao hospital.
- c) Trazer Benny para casa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- d) Chamar alguém para cuidar dele, da casa, da comida, enquanto eu ia trabalhar.
- e) Meu Deus, e Chris! Eu precisava inclui-lo.

Respirei fundo. Ainda era quase seis da manhã. Não havia motivo para desgaste mental. Uma coisa de cada vez.

A primeira, um banho. A segunda, uma roupa, já para pegar Benny no hospital e trabalhar. A terceira, tomar nem que fosse um gole de café.

Enquanto descia os degraus olhava para os lados, procurando por Chris. Não gritei seu nome do quarto, porque supunha que ele já tinha descido, porém, ao descer as escadas e não o vê-lo, mas ouvir um barulho vindo da cozinha, o chamei.

— Chris?

— Não.

PERIGOSAS ACHERON

Primeiro, parecia uma piada dele, mas eu conhecia bem aquela voz para saber que realmente não era Chris. Desci os degraus com pressa e encarei meu amigo sentado em uma cadeira e bebendo seu café com toda a calma do mundo.

— Benny!

— Baby!

— O que você está fazendo aqui? Eu iria te buscar no hospital e...

— Chris fez isso antes. Parece que ele madrugou. Ele disse que te ligaria mais tarde.

— Que estranho. — Massageei minhas têmporas, não me lembrava de um dia sequer que Chris acordou tão mais cedo que eu.

— Também achei, parecia com pressa.

— Pressa? Às, o quê, cinco da manhã?

— É, pelo visto. — Meu amigo bebeu um

longo gole do café e inclinou a xícara na minha direção. — Beba, você precisa beber.

— Pare de falar como se fosse bebida alcoólica. — Mas ri. — É só cafeína.

— Você precisa disso também.

— O quê? Álcool?

— Claro, por que não? É sempre bom.

— Benny, você às vezes fala como um alcoólatra.

— Não, baby, câncer no pulmão já é o suficiente para mim. No fígado não aguentaria.

Não sei porque, mas mesmo com essa piada maldita, Benny me fez rir.

Passei pelo menos cinco minutos conversando trivialidades com Benny, até entrar no assunto que ele detestava:

— Vou chamar alguém para cuidar da casa e
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de você.

— Não, nem pensar, Agatha.

— Benny, você precisa e a casa também.

— Tudo bem, chame uma diarista, mas não uma enfermeira.

— Precisamos dos dois.

— Não precisamos não.

Eu suspirei e me inclinei para a pia, pensando no que diria para fazê-lo mudar de ideia.

— Benny... — Mas não achei palavras.

— Não, somente não.

Suspirei novamente.

— Tudo bem, só a diarista.

— Agradeço.

— Como está se sentindo? — Me virei para ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Meu amigo me encarou.

— Estou bem, não se preocupe.

Mas ele parecia mais magro, mais cansado. Benny estava abatido, no entanto, havia coisas das quais mesmo os melhores amigos não poderiam dizer um para o outro.

— Você está ótimo.

— Eu sei. — Fiz Benny sorrir.

Antes que eu saísse de casa, ele começou:

— Você achou que Chris estava diferente?

Calcei meu sapato na sala e franzi meu cenho.

— Não. O mesmo de sempre.

— Ele dormiu aqui, não foi?

Sorri de canto enquanto Benny se sentava no sofá da sala.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, dormimos juntos e decidimos ser sincero um com o outro.

— Bom, acho que ele já não está sendo completamente sincero.

— Por que diz isso?

— Não sei, pressentimento.

— Não, não é possível. Ele está igualzinho como antes.

— Sei lá. — Deu de ombros. — Se você diz...

— Tenho que ir trabalhar.

— Tem certeza que não quer me ajuda?

— Faça ao menos uma coisa que eu te peço e não trabalhe, certo? Só aproveite seu dia.

— Não sei aproveitar meu dia sem trabalhar, baby.

PERIGOSAS ACHERON

Rosnei, brincando. Me levantei do sofá com pressa e praticamente corri para fora da casa, antes que Benny se grudasse em meu colo e não me deixasse ir trabalhar sem ele.

No trabalho, tudo correu bem. Entrevistas para alguns novos funcionários. Reunião com possíveis contratos. Almoço rápido. Jerry e suas maravilhosas fotos. Contato com outros fotógrafos. Outros modelos.

Porém, mesmo com tudo na medida do normal, eu não conseguia deixar de pensar em Chris. Não exatamente nele, mas, principalmente no que Benny havia falado dele.

Não havia estranhado nada. Nada. Ele continuava delicado. Gentil. Inteligente. Delicioso. Não havia uma fração dele que estava agindo estranha. Pensei até mesmo em uma trivialidade se, quando estávamos na praia, ele tinha olhado para

outras mulheres ou estava passando tempo demais no celular e eu não reparei, porém... *Não*. Nem mesmo isso. Chris era só respeito.

Finalmente tirei essa maldita ideia da cabeça e confiei plenamente nele. O que eu sabia que era um perigo. Não por ele ser quem era, muito pelo contrário, mas por eu ser quem sou. Eu não diria que eu tinha um dedo podre, mas, provavelmente, tinha a mão inteira.

Escolhi um relacionamento com um homem mais novo e filho de um antigo conhecido que me aliciou para um mundo completamente depravado. Ao menos, dormia tranquila ao saber que não tinha me envolvido fisicamente com o pai de Chris. Essa dor eu não carregava. Carregava “apenas” a dor de saber que seu pai estava comigo, enquanto sua mãe estava sofrendo de depressão intensa.

E, depois do Chris-pai e antes de Chris-filho,

PERIGOSAS NACIONAIS

havia meu marido. Meu *ex* marido. O homem que disse que me aceitava com todo o meu passado. O homem que disse que me amava. O homem que dizia me respeitar.

Mas não essas as primeiras pessoas que decepçionavam? Não são essas as primeiras pessoas que machucavam?

Ele me machucou. Me machucou todas as vezes que me chamava de puta, de vadia, que gritava que eu precisava dele e de que sem ele, eu não seria nada.

Chris apenas não sabia dos detalhes mais a fundo. Eu havia mentido, preferi omitir certos acontecimentos. Poucos sabiam. Somente Benny que tinha me conhecido nesse período. Benny não só sabia, como tinha visto. Como tinha me defendido.

Agressões físicas.

PERIGOSAS ACHERON

Aprendi com a vida que todas as pessoas têm um extremo e esse extremo normalmente é sempre aumentado para um outro nível.

Quando meu ex marido me xingou de puta pela primeira vez, eu — logo eu — chorei. Esse era meu extremo, o xingamento. Mas quando ele me bateu pela primeira vez, eu criei um novo extremo. Então, quando ele me xingou uma outra vez, eu já não me importava. As palavras já não doíam tanto quanto os tapas.

Meu extremo se intensificou. As palavras que um dia me fizeram chorar, me faziam rir. Os tapas que me faziam estremecer, me fizeram calejar. Eu estava me acostumando com o pior cenário possível. Meu extremo estava indo longe demais.

Felizmente, eu estava longe desse tipo de realidade e sabia que não era nada sobre isso ao qual Benny estava falando. Chris nunca

demonstrou qualquer traço de agressividade ou possessividade. Mas, ainda assim, minha mente estava martelando com a ideia solta por meu amigo.

Suspirei e no fim da tarde, mandei uma mensagem para Chris, perguntando se poderíamos nos encontrar em minha casa, o convite estava aberto para Ian também. Não comentei Júlia já que não sabia se ela estava ou não por Salvador.

Mandei uma mensagem para Ian também e ele me respondeu mais rápido que Chris, confirmando que estaria em minha casa à noite.

Quando cheguei em casa, Benny encontrava-se deitado no sofá.

— Tudo bem? — perguntei.

— Sim — ele foi vago.

— Como foi seu dia?

— Péssimo, um tédio. E o seu?

— Trabalho. — Dei de ombros e tirei meu celular da bolsa, colocando sobre a barriga despida de Benny. — Se Chris ligar, me avise. Vou tomar um banho.

— Ian está vindo?

— Sim... Ele falou com você?

— Me ligou mais cedo, disse que você convidou para jantar.

No primeiro degrau, me virei para olhá-lo.

— Fiz mal?

— Não... — ele estava divagando — Só estou desanimado.

Voltei para onde meu amigo estava e beijei sua testa. Vê-lo triste, me deixava triste.

— Vá logo tomar seu banho. — Ele sorria enquanto me mandava subir com um aceno de mão.

Dei um leve tapinha em seu ombro e subi

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para meu quarto.

PERIGOSAS ACHERON

X

Christopher

Vi a mensagem de Agatha

um par de horas depois de ela ter sido enviada. Nesse momento acreditava que ela já estava em sua casa e como evitava passar o tempo na minha, saí dela o mais rápido possível e peguei meu carro.

PERIGOSAS NACIONAIS

Antes de dar a partida mandei uma resposta para a Ruiva dizendo que estava a caminho.

Com a ajuda do trânsito livre, em quase meia hora já estava dentro de seu condomínio. Ter acesso livre a ele era uma boa maneira de poder fazer surpresas. Porém, naquele momento de minha vida eu não queria surpreender ninguém, muito menos ser *mais* surpreendido.

Toquei à campainha da casa de Agatha e esperei menos que um minuto para a porta ser aberta.

— *Demorô!* — Era Ian.

— Como você chegou antes de mim? Nem tive tempo para te convidar.

Ele piscou e abriu mais a porta para eu passar.

— Já sou da casa.

PERIGOSAS ACHERON

— Quê? — O encarei e ele riu.

— Converso com Agatha também. Ela provavelmente copiou e colou a mensagem que mandou primeiro para mim, depois enviou para você.

Revirei meus olhos e balancei minha cabeça, em um bufo.

— Ainda bem que não chegou tão tarde. — Agatha saiu da cozinha naquele instante, passando suas mãos na calça que vestia.

— Você está cozinhando?

Ela riu.

— Não querido, colocando simplesmente no prato.

Eu dei risada. Certas coisas não mudavam. Eu também não tinha qualquer intenção de esperar por mudança. Gostava dela exatamente assim, sem

saber fritar um ovo direito. Eu, nos últimos meses, tinha piorado — se fosse possível — meu desempenho na cozinha. Depois de passar de hotel por hotel, comendo sempre em restaurantes e lanchonetes no fim da estrada, não poderia esperar de mim mesmo qualquer habilidade adquirida nos últimos meses. Muito pelo contrário.

Eu estava pior na cozinha do que nunca estive.

— Pediu o quê? — Tirei de meus pés meu sapato, preferindo andar descalço e caminhei em direção a cozinha.

— A diarista fez. — Benny que encarava seu prato, falou.

— Por que essa cara? — quis saber e olhei para seu prato também.

— Porque está lindo. Nunca vi um filé à parmegiana tão bonito. E eu nem sou tão fã de PERIGOSAS ACHERON

carne.

— Parece muito bom mesmo.

— Por que essa cara? — Agatha repetiu a minha pergunta, porém, a direcionava para mim.

— Comi há pouco tempo.

— Mas eu te convidei para jantar... Não disse?

Percebi que ela estava procurando seu celular no bolso de sua calça.

— Convidou — avisei. — Mas eu só vi sua mensagem há pouco tempo. Foi um dia corrido.

— Ah. — Agatha sorriu. — Tudo bem. Você ainda pode beber alguma coisa e comer depois, se quiser.

Ian quem fez todos rirem quebrando qualquer possível gelo:

— Esse pessoal do teatro é meio medieval.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Só por que não olho para meu celular a cada segundo? — questionei.

— Exatamente! — Ele apontou para mim — Quem não mexe em seu celular a cada segundo?

Rimos. Ian tinha esse poder de mudar o clima do ambiente. Mas, não deixei de notar quando a Ruiva trocou o peso de seus pés e os encarou por um segundo. Estava pensativa e, pela primeira vez, eu esperava que ela não estivesse pensando em mim.



Era quase dez horas da noite quando Ian foi embora. Benny perguntou se Agatha e eu não iríamos querer que ele fosse dormir e a Ruiva riu, dizendo que não precisava. Sendo assim, ele

PERIGOSAS ACHERON

aproveitou para a deixa para colocar um filme.

Eu já estava piscando de sono. Tinha acordado mais cedo que o normal. Resolvi alguns problemas, passei no teatro com Yas, irmã de Ian. Depois em algumas agências de publicidade. Não estava desesperado para conseguir um anúncio, mas queria me manter o máximo de tempo possível fora de casa. Yas também dizia para um ator, o máximo de experiência na vida, era bom. Ela não colocava em argumento nada épico ou aventureiro, às vezes as menores coisas, como ir comprar pão e reparar em como as pessoas andavam e falavam, trejeitos, gírias.

Para Yas a vida era um enorme laboratório todos os dias, a toda a hora.

— Como foi seu dia? — Agatha sorria quando colocou uma mão em meu ombro.

— Cansativo. E o seu?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Trabalho e trabalho. Você ainda pretende trabalhar como modelo?

— Sim, hoje mesmo foi para algumas agências, fiz alguns ensaios. Não sei se me chamarão, mas não quero ficar parado.

— É bom, mas como você não tem agente, só precisa ter mais cuidado com as campanhas que modelar.

— É... — Acenei. — Não quero que a minha imagem seja desgastada por nada muito estúpido, nem mal falada.

— Não ser mal falado é para poucos. — Benny falou calmamente em meio as almofadas que tinha jogado no chão.

— Você foi muito mal falado ao longo da carreira, Benny? — perguntei.

Ele riu por um momento. E, no outro, se

PERIGOSAS ACHERON

manteve em silêncio, quando acreditava que ele não diria nada, falou:

— Muito. Principalmente quando uma agência me convidou para ser um ator pornô gay.

Eu não sabia se era piada, não parecia, mas, mesmo assim, eu gargalhei. Agatha deu um tapa em meu ombro e eu continuei rindo até conseguir respirar fundo o suficiente para falar.

— Você aceitou?

— Por favor, Chris. — Percebi Benny revirando seus olhos, mas riu um pouco.

— Eu apoiaria. — Agatha brincou.

— Até você! — Benny se inclinou e a fuzilou com seu olhar.

— Mas é verdade.

Benny me encarou logo depois.

— É mentira dela.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Claro, porque se você não falasse eu juraria que Agatha te apoiou para ser uma estrela pornô.

Ele riu e balançou suas mãos, como quem dissesse que tinha desistido de nós dois.

— Imagine como seria a reação das pessoas quando eu contasse a profissão de meu amigo. “Ele é só uma estrela do pornô gay”.

— Eu riria, — respondi a Ruiva — acharia que você está brincando com a minha cara.

— Provável. — Ela sorriu. — Não é uma coisa que ouvimos todo dia.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa referente ao assunto, meu celular vibrou em meu bolso e eu encarei as horas em meu relógio.

— Tenho que ir para casa... Já está tarde.

— Tarde? — A Ruiva riu. — Para quem?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tenho que acordar amanhã muito cedo.

— Enquanto falava, já me levantava.

— Não quer dormir aqui?

— Não, é melhor eu ir. Mas posso passar em sua agência amanhã de manhã?

— Claro. — Ela acenou. — Amanhã então.

— É um encontro. — Me despedi a dando um beijo no canto de sua boca e passando uma mão no cabelo de Benny, para pirraçá-lo.

PERIGOSAS ACHERON

XI

Agatha

Assim que Chris saiu,

Benny se sentou sobre as almofadas e

continuou me encarando por um longo momento
enquanto eu trancava a porta.

— O que é? — questionei — Diga de uma
vez!

— Você o achou diferente também, não
achou?

PERIGOSAS NACIONAIS

Balancei minha cabeça e me sentei no sofá, colocando minhas mãos sobre meu colo.

— Ele não estava assim ontem. Estava realmente presente. Não apenas fisicamente, mas emocionalmente. Hoje ele parecia... distante.

— É exatamente o que eu senti quando ele foi me buscar — meu amigo falou. — Estranhei de início ele ter deixado você sozinha para ir até o hospital. Depois estranhei ainda mais ao saber que você ainda dormia.

— Você acha que ele está se esquivando de mim?

— Não, não tem qualquer lógica. Se não, ele não teria vindo aqui só para trazer a minha chave que estava na sua mão.

— É verdade. — Suspirei. — E o que você acha que pode ser?

PERIGOSAS ACHERON

Meu amigo dessa vez não olhou para mim. Seu olhar escapou para o chão e para a televisão desligada.

— Benny, só me diga! Você acha que olha para mim pensando no meu passado?

— Não... — Ele se levantou. — Ele é bom demais para isso.

— Então me diga de uma vez o que se passa pela sua cabeça.

Dessa vez meu amigo me encarou fixamente antes de despejar, como um jato:

— Já pensou na hipótese de que ele pode ter outra pessoa?

Primeiro, eu ri e repeti a frase que ele já tinha dito há minutos:

— Ele é bom demais para isso.

Segundo, eu parei de rir e pensei,

simplesmente pensei a respeito.

— Chris com outra pessoa?

— É o clichê. — Meu amigo não ajudava em nada. — Ele te quer o suficiente para estar com você, mas tem medo de largar a outra pessoa.

— Medo? Não, isso não faz o perfil de Chris.

— Ter medo ou ter outra pessoa.

— Os dois, eu acho. Principalmente ter outra pessoa.

— Pergunte a ele.

— Quê?

Ele se sentou ao meu lado e falou:

— Amanhã quando ele for para a agência pergunte a ele se ele tem outra pessoa.

— Mas se ele tiver, ele não me falará.

— Mas ele sendo quem é não conseguirá

responder sem hesitar. — Ele me encarou com um sorriso, como se tivesse me dado a ideia do século — Quando Chris já mentiu?

— Mas agora você acha que ele está me traindo. Quem trai, mente.

— Você já configura como traição?

— Claro que é! — Me levantei do sofá e controlei a minha respiração.

O que passava pela minha cabeça era que talvez ele não estivesse me traindo, mas traindo alguém, comigo.

Não, não pode ser; pensei.

— Desculpe, baby. Você tem razão. Se ele estiver com outra pessoa, ele está te traindo. O mínimo que ele tinha que fazer é ter admitido que estava com alguém, mesmo que não fosse sério.

Eu me sentia pequena. E eu detestava me

PERIGOSAS NACIONAIS

sentir assim. Sentia que tinha entregado meu coração e agora ele poderia fazer o que fosse com ele, inclusive esmagá-lo.

Eu teria que confiar em Chris, mas eu precisava perguntar a ele.

Olhei para meu suporte ainda sentado no sofá.

— Pode dormir comigo esta noite?

— Adoro quando você precisa de mim. — E se levantou, me abraçando apertado.

Agora, eu me sentia uma completa egoísta. Benny estava doente e precisando de mim firme, porém, eu quebrava e me apoiava nele.

Depois que eu tomei um banho e encontrei ele jogado sobre minha cama, senti como se ele lesse meus pensamentos quando bateu no espaço vago da cama e repetiu:

PERIGOSAS ACHERON

— Adoro quando você precisa de mim.

Repetiu porque sabia que eu precisava ouvir de novo. Repetiu porque sabia que eu precisava acreditar nisso.

Me deitei na cama de barriga para cima e encarei o teto, um trecho de uma música dos *The Beatles* surgiu em minha mente. A música era *If I Fell*.

Se eu confiar em você

Oh, por favor

Não corra e se esconda

Se eu amar você também

Oh, por favor

Não fira meu orgulho como ela

Engoli em seco e senti a mão de Benny apertar a minha.

Pois eu não poderia aguentar a dor

E eu

Ficaria triste se nosso novo amor

Fosse em vão

Uma coisa eu colocava em mente: amanhã eu acordaria melhor. Independente do que Chris me respondesse, eu me manteria firme. Por mim e por Benny.

Eu não era como a música dos *The Beatles*. Eu aguentaria a dor. Eu tinha o meu extremo. E ele era muito maior do que uma simples traição.

Fechei meus olhos e foi como tomar um tapa. Não de Chris. Nunca dele. Do passado. Lembrava PERIGOSAS ACHERON

da dor estalante do tapa, de meu corpo não se sustentar direito em pé, das minhas lágrimas, dos meus gritos.

Era dor demais e eu achava que não suportaria, que não era forte o suficiente, que quebraria. Ou pior, que aceitaria aquilo como minha nova normalidade.

Mas eu consegui abrir a minha empresa. A minha agência *Hot Help* funcionava por uma coligação de funcionários. Eles eram essências também. No entanto, o começo da agência só aconteceu por mim — e pelo homem que já roncava ao meu lado, tanto que a sua mão já não segurava a minha com firmeza.

Eu consegui. Consegui ainda mais quando devolvi cada centavo para o mesmo homem que me fez sofrer tanto. Era complexo e paradoxal. O mesmo homem que tinha me feito sofrer, tinha me

dado a possibilidade de conquistar um dos meus maiores orgulhos na vida.

Porém, não o colocava nesse patamar. Ele não merecia. Era bem possível que Benny tivesse conseguido um empréstimo apenas para nós abrirmos a agência. Eu conseguiria sem *aquele* homem.

De olhos fechados, suspirei.

Eu conseguiria. Mesmo tendo o coração esmagado. Eu viveria.

XII

Christopher

*Acordei mais cedo que o
necessário e fiz um café da manhã.* Ou

melhor, fiz o café da manhã, com tudo que eu tinha
direito, mesmo que eu, na verdade, não fosse comer
nada.

Saí de casa após tomar apenas um café e
comer metade de um pão. Era a refeição mais

importante no dia, mas naquele momento eu só queria passar mais tempo afastado de minha própria casa. Mesmo decorada, mesmo como eu queria, ainda estava errado. Não estava *exatamente* como eu queria.

Com isso, eu preferia me afastar.

Trabalhei. Estava fazendo um pouco de tudo para ajudar o teatro que já tinha me apresentado há alguns meses. Não queria me manter parado e por isso ajudava nas menores coisas possíveis, fosse de pintar a mudar o que quer que fosse de lugar enquanto o roteiro estava em desenvolvimento.

Ao mesmo tempo estava animado que teria Agatha nesta manhã. Eu sabia que ela não gostava de flores, por isso lhe comprei um cacto e um café preto. Mas, levei também comigo, uma rosa simples.

Fui tão bem recebido como sempre na

PERIGOSAS NACIONAIS

agência. Jerry, o fotógrafo, conversou comigo por um momento. Ele se mostrava preocupado com Benny, mas também confiante. Subi as escadas para a sala de Agatha sem companhia e encontrei Vicky teclando em seu computador.

— Bom dia, Vicky! — a cumprimentei, esticando a rosa para ela.

Estava com o cacto preso em meu antebraço e a rosa em meus dedos, enquanto, na mão livre, levava o café.

— Bom dia. — Ela acenou, me cumprimentando de volta e se levantando de sua cadeira. — Para mim?

Sua mão em seu peito, me fez rir.

— Uriel não está te dando flores? — brinquei, implicando sobre o irmão de Ian que estava em um relacionamento com Vicky.

PERIGOSAS ACHERON

— Se eu pedir. — Ela sorriu e abaixou seu rosto, tímida.

— Pedir por flores não é o mesmo que receber sem pedir.

Ela continuou rindo.

— Como você poderia saber?

Eu gargalhei.

— Suponho, espertinha. — Pisquei e continuei inclinando minha cabeça para a porta que me distanciava da Ruiva. — Agatha pode me receber?

— Pode sim, — Sorria. — mas cuidado, ela pode estar em alguma ligação.

Assenti.

— Entendido!

Bati duas vezes na porta com a mão que segurava o cacto e a abri de uma vez, logo em
PERIGOSAS ACHERON

seguida.

— Agatha? — falei baixo, com receio de que ela estava em alguma ligação, como Vicky tinha me alertado.

No entanto, ela estava como Vicky: teclando em frente a uma tela de seu computador. Ela levantou sua cabeça em minha direção e sorriu, mas não mostrou seus dentes.

Me aproximei de sua mesa com um sorriso, mas, diferente do dela, eu sorria de verdade. Coloquei o copo de café sobre a sua mesa e empurrei em sua direção, já o cacto estendi para ela.

— Um cacto? — Ela levantou uma sobrancelha.

— Eu sei que você não gosta de flores.

— Eu acho que nunca disse que não gosto.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Se não disse, eu supus.

Ela se levantou e pegou o cacto em minhas mãos.

— Posso perguntar por que um cacto?

Dei de ombros.

— Flores dão trabalho; cacto, não.

— Obrigada.

Agatha abraçou o jarro com o cacto, tendo cuidado para não se cortar e o colocou em uma das janelas de sua sala, onde havia um espaço para se sentar.

— Café também? — Gesticulou para o copo fechado.

— Sim, café preto. — Passei uma mão em meu cabelo, envergonhado. — Não me lembro nem se você toma café, mas comprei um preto.

Ela balançou sua cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acho que não falamos sobre isso, mas eu já tomei café com você. Preto, sempre preto.

— Café é maravilhoso demais, não é? — falei, aleatório, mas não tanto.

— Você ainda não tomou?

— Só um pouco, em casa.

— Quer metade do meu?

— Não... não precisa.

Minha Ruiva sorriu novamente.

— Vou pegar as xícaras. — E pegou duas xícaras em uma prateleira que eu nunca tinha visto antes em sua sala.

Ainda bem que eu tinha comprado uma caneca grande para ela, porque, ao dividir o café em duas xícaras, ainda sobrou na caneca.

Nós nos sentamos na varanda e Agatha encarou a sua xícara por um longo momento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está achando que eu te envenenaria?

Ela sorriu, mas parecia triste. Estava me sentindo incomodado com a sua expressão, no entanto, respirei fundo e engoli para mim, talvez fosse algo relacionado ao trabalho.

— Nunca. — E suspirou — Você é bom demais para isso.

— Que bom. — Eu gargalhei e franzi meu cenho.

Em um segundo eu pensava que não iria me intrometer perguntando, no outro, eu já estava perguntando:

— Aconteceu alguma coisa? — Estávamos sentados lado a lado em espreguiçadeiras e eu me aproximei dela. — É com Benny?

— Não, não. Ele está bem, na medida do possível, claro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então?

— Precisamos conversar. — Percebi seu outro suspiro e como ela segurava a sua xícara, deixando seus dedos apertados em volta dela. — É sério.

— Suponho que sim, você nunca falou assim.

Ela acenou e bebeu um longo gole de sua xícara. Esperei para que começasse a falar e quando não aconteceu, me adiantei:

— O que houve?

— Eu preciso que você seja sincero comigo.

— Eu sempre sou — falei.

Eu nunca vi Agatha daquela maneira, olhando para os lados e buscando as suas palavras. Ela normalmente era incisiva, direta. Notei o seu milésimo suspiro e ela bebeu o resto de seu café antes de se levantar da espreguiçadeira, se

PERIGOSAS ACHERON

inclinando ao muro e me olhando nos olhos.

Em um segundo. Apenas um segundo e ela mudou de expressão, de postura. Em um segundo Agatha estava inclinada no muro como se necessitasse de uma muleta, no outro segundo ela estava com suas costas eretas, me fuzilando com seu olhar azul.

Eu não fazia ideia como uma mulher tão linda, conseguia aparentar tanta dureza. Por muito anos eu assimilava a beleza a um certo tipo de vulnerabilidade, fragilidade. Não a fragilidade da mulher, mas a fragilidade de seu espírito, tendo — muitas vezes — facilidades simplesmente por sua aparência. Já a vulnerabilidade em um meio social ou em um relacionamento.

O quanto alguém se aproxima de você por sua aparência? Essa era uma das questões que eu conversava com Júlia. Ela sempre teve ideais muito

além de um típico estereotipado de ‘menina-do-interior’.

Em uma de nossas conversas, ela me disse certa vez algo que não fugiu de minha mente. Era algo que a própria tinha ouvido do pai. Em um telefone sem fio, a mensagem veio até mim com resquícios da música de *Legião Urbana*, *O Descobrimento do Brasil*.

Será que você vai saber

*O quanto penso em você com o meu
coração?*

Era isso. Apenas esse trecho da música separava quem continuava com uma mulher — ou até mesmo um homem — apenas por sua aparência. Julgar pessoas que se aproximavam das outras pela

aparência me soava até mesmo bobo, já que, infelizmente — ou não — era, em sua maioria esmagadora das vezes, normal. Agora, quem continuava com uma pessoa pela sua aparência era uma história diferente. E nessa história o trecho da música se encaixava.

Eu pensava em Agatha no físico, no toque, no tato. Eu pensava, neste exato segundo, em puxar o seu vestido marrom, em um tom de café, com os meus dentes.

No entanto, eu também pensava nela com o meu coração. De fazê-la doer a cada batida mais rápida, a cada batida desesperada. Principalmente aquelas batidas das quais eram de falta, falta dela, do toque dela, da presença dela, dos sorrisos dela.

— Você está me traindo? — Ela levantou um dedo antes que eu pudesse responder. — E antes que você diga que não temos um relacionamento

sério, eu acredito que o que já temos é o suficiente para caracterizar como sério.

Eu engoli em seco.

— Ruiva...

— Não me venha com essa. — Outro dedo levantado, mas não era como se ela o quisesse direcionar em minha direção, mas como quem quisesse apenas colocar mais um ponto a questão. — Seja direto, Chris. É uma pergunta de uma resposta só: sim ou não.

— Agatha... — Tentei novamente.

Como eu poderia explicar para ela? Como ela poderia me entender?

XIII

Agatha

— *Agatha...*

— Sim ou não — repeti.

Era simples, não era? Era apenas dizer que sim, estava com outra pessoa. Ou não, não estava com ninguém.

— Não — ele foi enfático, porém, quebrando meu coração em pedaços, continuou: — mas...

— Mas o quê?

— Mas... — Ele passou uma mão em seu cabelo, mais bagunçando-o que o arrumando.

— O quê? — praticamente gritei.

— Eu estou... grávido.

Eu abri minha boca. Primeiro para gritar, depois para questionar, por fim, a fechei e respirei fundo, pensando.

Ainda segurava a xícara e a coloquei sobre a espreguiçadeira, como ele tinha feito depois de se levantar. Passei minhas mãos em meu vestido e o encarei.

— Do que você está falando?

— Grávido. Não é isso que os homens dizem quando estão esperando um filho?

— Não. — Balancei minha cabeça achando que ele estava brincando comigo. — Grávida. É isso que *as mulheres* dizem quando estão esperando um filho.

— Mas o que os homens devem dizer quando

engravidam uma mulher?

Dei de ombros.

— Que vão ser pai? Que estão esperando um bebê?

— Em resumo: grávido. — Chris bateu uma mão na outra. — Eu estou grávido. Eu vou ser pai. Eu engravidei uma mulher. Eu estou esperando um bebê. Ela, eu. Tanto faz.

— Você vai ser pai? — Nesse momento a ficha começava a cair.

— Sim — ele confirmou.

— Pai. — Me virei e encarei os carros que passavam distante de nós, indo, provavelmente em direção a Salvador. — Christopher será pai.

— Sim — repetiu. — Eu vou ser pai. E ela está dormindo na minha casa.

Novamente olhei para ele.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quantos meses?

— Seis ou quase. Ela fala em semanas, me confunde.

Acenei.

— É, as grávidas têm essa mania. Ainda não entendi porquê.

— Verdade. Eu sei lá quantos meses são vinte e duas semanas.

Eu ri, sem humor.

— Quase seis meses.

— Aparentemente, sim. — Ele também riu.

— E ela está na sua casa?

Chris se aproximou de mim e estávamos a um palmo de distância nesse momento.

— Eu descobri há pouco tempo. Voltei para Salvador há quase dois meses e há mais ou menos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um, ela bateu na minha porta. Não sei como me achou, só sei que agora está lá. Não quis te procurar antes porque achei que ela queria me enganar, eu sei lá.

— Mas?

— Mas graças a ciência é possível fazer o teste de DNA antes do nascimento e sim, é meu filho.

— Então, deixa eu ver se entendi: há uma mulher, grávida de seu filho, há quase um mês em sua casa?

— Sim.

— E você quer que eu acredite que vocês não têm qualquer tipo de envolvimento?

— Não temos — ele foi duro. — Não quero que você *acredite* em mim, quero que você *saiba*. Não temos. Eu mal fico em casa, porque quando ela

PERIGOSAS ACHERON

está nela sinto que não estou de verdade em minha casa. Mas temos contato, é claro. A levo para exames, estou sempre do lado quando tem enjoos e desejos e meu celular está sempre ligado para ela.

Acenei.

— E o que vai acontecer depois?

— Como assim?

— Quando o bebê nascer.

— Ela não quer ser mãe. — Chris deu de ombros, como se fosse óbvio. — Mas ela também não queria abortar. Ela acha que se abortar, Deus não a concederá mais a possibilidade de ser mãe um dia. Porém, agora, ela recusa criar essa criança.

— E o que isso significa?

— Que eu vou ser pai solteiro.

— Você está brincando, certo? — Riu. — Tudo isso é uma piada?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Infelizmente, não. Ela até já aceitou assinar os documentos que nega a sua maternidade no futuro. Isso dá brecha para que ela, *um dia, quando quiser*, veja a criança, mas não poderá interferir na criação, nem contar que é a mãe, caso eu não tenha falado sobre.

— Ela é como um pai que abandona o filho para a mãe criar sozinha.

— Não — Chris a defendeu de imediato. — Ela tem todo o direito de não querer ser mãe, Agatha. Ela não concorda com o aborto, tampouco quer criá-la. Ela viu minha casa, viu a estrutura que tinha, conversamos de verdade. Disse até que me ajudaria financeiramente, se eu precisasse.

Ele deu um passo para trás e encarou o céu sobre nós antes de olhar para mim. Seu olhar negro parecia querer me dizer tantas coisas, coisas das quais eu não sabia interpretar.

PERIGOSAS ACHERON

Continuou após um momento:

— Eu vejo como ela se importa com a sua gravidez. Como cuida da sua alimentação, atividades físicas, sono. Não é relapsa. Mas também não toca em sua barriga com amor, não se importa quando chuta, não pensa em dar um nome.

Eu assenti.

— Claro. Você aceita essa situação e acredita nela.

— Você não a conhece. Ela é... genuína.

— Genuína, — repito — que lindo.

— Você não a conhece — ele quem repete dessa vez.

— Você acha completamente natural uma mulher grávida bater à porta de sua casa e pedir abrigo, falando até que ajuda financeiramente com o bebê, mas não quer contato com ele? Você acha

normal? Acha que ela não tem nada a esconder? Acredita mesmo nela?

— Sim. — Ele bate em seu peito. — Eu, diferentemente de você, acredito nas pessoas. Eu vejo sinceridade nela. Ela não quer ser mãe. Qual a dificuldade de você entender isso? É bem provável até que ela tenha muito mais dinheiro que eu. Também não é sobre interesse.

— Claro... Claro que você, o ingênuo Christopher, acredita nessa história!

— Porque não tem o que desconfiar, Agatha! — Ele não altera o seu tom de voz, mas a firmeza dela. — Ela só não quer ser mãe, porra! A família dela provavelmente deserdaria se soubesse que ela está grávida.

— Piorou. — Bati palmas. — Ela diz que está sem ver os pais?

— Ela sempre viajou muito. Nunca foi
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

anormal ficar mais um ano sem vê-los.

— Será super natural ela os ver depois do parto. Estará igualzinha. É claro.

— Esse será um problema dela, não meu. O meu é confiar nela e cuidar dela e do bebê.

— Meu Deus! — Eu andei pela varanda. — Você acredita que ela irá embora depois que parir! Ela deve ser uma qualquer que quer se encostar em sua casa, em você.

— Você não a conhece! — Chris caminhou atrás de mim.

— E nem quero.

Ele tocou em meus braços, me virando para olhá-lo.

— Por que você não a leva para a sua casa? Por que não a conhece? — sugeriu — Tenho certeza que você entenderá sobre o que estou

PERIGOSAS ACHERON

falando.

— Levar uma grávida para a minha casa?
Uma grávida que não é um problema meu?

Chris tirou suas mãos de mim como se eu queimasse.

Seu tom de voz continuou firme, mas baixo quando disse:

— Eu vou ser pai, Agatha. Ela está esperando um filho meu.

E eu entendi o que ele queria dizer.

De certa forma, era um “problema” meu. Se eu quisesse continuar com ele, aquilo era sobre mim também.

XIV

Christopher

Eu sabia que Agatha era o tipo de mulher culta. Mas, mesmo uma

mulher culta poderia querer me dar um tapa na cara. E eu esperei por isso. Achava qualquer tipo de agressão extremamente desrespeitosa, mas, a depender de seu tapa, eu aceitaria. Talvez não fosse

para fazer doer, apenas para extravasar.

Mas isso não aconteceu. Nem mesmo após eu dizer que seria pai. Deixei subtendido que aquilo seria um problema dela também. Era sobre ela também. A não ser, claro, que ela não quisesse que fosse. No entanto, não haveria outra saída senão tomarmos caminhos diferentes. Até este momento eu estava evitando o assunto, já que não sentia a necessidade de falar sobre quando o bebê ainda não tinha nascido.

Mas ele nasceria. E eu seria pai. Teria que arcar com isso.

— Eu aceito — a Ruiva finalmente disse.

— Aceita?

— Aceito que ela fique alguns dias na minha casa. — Deu de ombros. — Vou trabalhar em casa nesta semana de toda a forma, já que Benny ficará

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

em casa, acho importante que tenha sempre, ou quase, alguém com ele.

— Você tem certeza? Cuidar de Benny e dela não será demais para você?

— Eu não vou precisar limpar a bunda de ninguém. — Sorriu sem humor. — No máximo, segurar um cabelo na hora do vomito.

— Ela não passa muito mal. Te juro. Às vezes tem desejos, só.

— Não se preocupe. Quanto a desejos ligarei para você resolver.

Eu sorri e levantei minhas mãos.

— Sem problemas, resolvo! Se você quiser, posso dormir na sua casa também...

— Não — ela foi pragmática. — Nesses dias tudo que eu preciso é apenas conhecê-la.

— Tudo bem. — Acenei. — Como você

PERIGOSAS ACHERON

quiser.

A Ruiva também acenou e eu acreditei que ela fosse mudar de opinião e me mandar embora, mas o que ela fez me pegou desprevenido. Ela encarou o chão e sua voz, sempre tão segura de si, parecia quebrada e vulnerável.

— Eu quero confiar em você.

Agarrei suas mãos e beijei os nós de seus dedos.

— Você sempre poderá confiar em mim.

Coloquei suas mãos em minha cintura e toquei em seu rosto, beijando sua bochecha, seus olhos, seu nariz, seu sorriso, sua boca, seus lábios que fechavam-se e abriam-se para mim.

Suas mãos deslizaram de minha cintura para minhas costas, levantando minha camisa, puxando-a para fora de meu corpo. Eu ri e a puxei para

longe, jogando-a sobre a espreguiçadeira.

Com uma mão entrelacei em seu cabelo e quebrarei qualquer espaço que ainda havia entre nós.

O beijo que ela me deu não foi desesperado. Foi lento. Como se fosse o nosso primeiro, como se estivesse me conhecendo melhor.

Sua varanda não era completamente exposta, mas, mesmo assim, a puxei para a espreguiçadeira, para nos escondermos um pouco que fosse de qualquer curioso.

Lambi meus lábios para seu vestido e o puxei para fora de seu corpo antes de deitá-la na espreguiçadeira. Ela não usava sutiã, apenas uma fina calcinha e, ainda, seus saltos. Como sempre, altos. Dessa vez, não vermelho; preto.

A beijei. De seus pés até seu pescoço, raspando minha barba em sua pele, a vendo arrepiar

PERIGOSAS ACHERON

no percurso, a ouvindo gemer baixo, no percurso.

Seria possível eu me apaixonar mais? Seria possível meu coração bater mais rápido do que batia?

Não demorou muito para eu estar nu sobre o corpo de Agatha. Eu não podia esperar muito. Eu queria estar dentro de minha Ruiva o mais rápido possível.

Passei minha barba no pescoço de Agatha por mais um momento enquanto puxava sua calcinha. Apoiei minhas mãos na espreguiçadeira e após senti-la úmida em meus dedos e provocá-la por mais um momento, a penetrei, devagar, sentindo-a aos poucos, fazendo-a se acostumar comigo aos poucos. Ambos gememos como se fosse nossa primeira vez juntos. Gemíamos como se a sensação do corpo do outro fosse novidade.

Nossos corpos se encaixavam perfeitamente,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

como se fôssemos feitos um para o outro. O prazer que eu sentia estando dentro de Agatha era indescritível e surreal.

Eu saía e entrava nela rapidamente, fazendo a espreguiçadeira sair do lugar.

Agatha controlava seu gemido enquanto eu me mexia sem dar um segundo para nós. Nossas respirações estavam irregulares, mas não cansadas. Nós nunca ficávamos cansados do outro.

— Oh! — Agatha cravou suas unhas compridas em meu ombro, em seguida desceu uma delas para minhas costas, arranhando bastante, com certeza deixando marcas.

Ela levou sua outra mão ao meu cabelo e puxou.

— Puta que pariu, Ruiva! — disse entre gemidos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Chris... — Agatha prolongava meu nome enquanto gemia.

Eu grunhi de um jeito um pouco selvagem demais e Agatha riu, sem deixar de gemer e rebolar seu corpo delicioso embaixo do meu.

Mordisquei sua orelha e rocei minha barba por todo seu pescoço, me lembrando que ela sentia cócegas por essa região. Sorri ouvindo Agatha meio gemer, meio rir, em seguida soprei em sua orelha e passei minha língua por ela, dessa vez Agatha parou de rir e senti seu corpo arrepiar.

Eu não parava em nenhum momento de dar fortes estocadas em minha Ruiva, a espreguiçadeira mexia junto, cada vez mais alto e nossos corpos eram uma mistura intensa de suor, espasmos, prazer e pura satisfação.

— Agatha... — Eu não estava muito longe de gozar e ela parecia que também não.

PERIGOSAS ACHERON

Beijei a bochecha de minha Ruiva, sua mão que estava em meu cabelo acariciou minha barba. Eu não sabia como ela conseguia ser tão sensual e ao mesmo tempo tão carinhosa.

Minhas mãos, que antes, passeavam pelo corpo de Agatha, me deram apoio ao lado de sua cabeça. Eu queria vê-la gozar.

Ela me olhava, mesmo aproveitando sua própria onda de prazer ela parecia que me invadia com seu olhar azul. Ela não abandonou o meu olhar em nenhum instante, parecia que sabia que eu não queria que ela fizesse.

Eu senti o orgasmo me abater quase em sincronia com o orgasmo dela. Ainda assim, não deixava de olhar atentamente para Agatha enquanto ela me fitava e deixava sua boca semiaberta para depois morder seu lábio inferior.

Ainda curtindo meu prazer e a visão de

PERIGOSAS ACHERON

Agatha ter o dela, eu me deitei sobre seu corpo, sem tirar meu pênis de dentro dela. Eu queria estender o máximo de tempo possível dentro de minha Ruiva. Era tão bom estar dentro dela. Ela era quente, confortável e se ajustava perfeitamente em mim.

Agatha descansou suas duas mãos em meu cabelo e eu, mesmo sem querer, me retirei de dentro dela, contudo, continuei deitado sobre ela, tentando não pesar muito.

Depois de um tempo na mesma posição, eu saí de cima de Agatha e me deitei ao seu lado, no pouco espaço que era possível. Ela rapidamente descansou sua cabeça em meu peito e eu a abracei.

Agatha estava com sua cabeça exatamente sobre meu coração, e eu sabia que ele estava batendo rápido e irregular. Era sempre assim quando eu estava na presença dela. Meu corpo,

PERIGOSAS NACIONAIS

mais precisamente meu coração, não me obedecia. Ele batia quase como se eu tivesse a ponto de ter um infarto a qualquer momento.

Sorri e acariciei o cabelo bagunçado de minha Ruiva. Ela parecia sentir meu sorriso, porque virou sua cabeça para me olhar e o retribuiu.

— Eu senti sua falta. — admiti.

— Eu também — me respondeu, mas havia alguma tristeza em sua voz, como se ela não quisesse ter que admitir que sentiu a minha falta ou que ela não queria tê-la sentido.

No fim, era claro que não perguntaria sobre. Apenas acenei e sorri.

Um passo de cada vez; Pensei.

PERIGOSAS ACHERON

XV

Agatha

*Benny me olhou com sua
testa franzida, em dúvida.*

— Você vai aceitar a amante de Chris em sua casa? — Ele gesticulou ao redor. — Em nossa casa?

Era fim de tarde e eu já estava em minha casa. Depois de um banho, conversava com Benny em seu quarto sobre algumas mudanças.

— Ela não é a amante, Benny. Pare com isso.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como você pode ter a certeza absoluta que ele não está mentindo para você?

— Eu quero acreditar nele. É de Chris quem estamos falando.

Meu amigo balançou sua cabeça de um lado para o outro.

— Não sei... Desconfio de todos. A amante está com quantos meses mesmo?

— Pare de chamá-la de amante.

— E qual o nome dela?

— Eu não sei, merda!

— Certo. — Acenou. — A amante está com quantos meses mesmo?

Revirei meus olhos.

— Quase seis.

— Então ela estava sem te ver há dois meses

PERIGOSAS ACHERON

ou algo assim?

— Tínhamos terminado — enfatizei. — Se é sobre isso que você está calculando. Não tinha nada de errado nele transar com a menina.

— Claro, também não imaginaria que ele se manteria no celibatário por você... Mas não sei.

— Não sabe o quê? — praticamente gritei.

— Não poderia ter feito com camisinha?

— Vai que a menina se tornou um caso recorrente?

Dessa vez ele me encarou com seus olhos ainda mais arregalados.

— E você está aceitando um caso dele dentro de sua casa! Grávida.

Suspirei.

— Estou tentando ser racional. Por favor, pare de encher a minha cabeça. — Passei as mãos

PERIGOSAS ACHERON

em meu cabelo, tentando respirar fundo e me concentrar na loucura que já tinha aceitado.

— Tudo bem. — Ele bateu sua mão na minha enquanto estávamos sentados na beirada de sua cama. — Eu apoio você nisso.

— Não quer me chamar de louca?

— Você foi louca, baby — confirma minhas suspeitas. — Você nem gosta da ideia de bebês, nem de mulheres grávidas, nem de enjoo, nem de...

— Eu entendi.

Ele riu.

— Mas eu te apoio. Talvez seja mesmo racional conhecê-la...

— Obrigada — sussurrei.

E ele continuou:

— Pensaremos que ela é uma amiga nossa, grávida, que precisa de ajuda. Não alguém que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

transou com seu Chris sem camisinha e engravidou dele e...

— Benny!

— E sabe como ele é no sexo. Já o beijou. Fez tudo...

— Benny! — Tampei meus ouvidos e bati no ombro dele, o homem só fez rir, me irritando mais.

— Parei! — Me olhou sério, mas em sequência: — Será que ela gemeu o nome dele?

— Benny! — gritei e meu amigo me abraçou, gargalhando.

— Quando conheceremos a amante?

Suspirei e dando-me por vencida, falei:

— Ainda hoje.



PERIGOSAS ACHERON

Estava arrumando um dos quartos para a garota, com Benny a tiracolo quando ele perguntou:

— E já sabemos a aparência da garota?

— Não, não sabemos.

— Já sabemos a idade?

— Imagino jovem.

— Você é jovem. Eu sou jovem.

Revirei meus olhos.

— Não jovem mais de trinta ou beirando aos quarenta. Jovem vinte e poucos.

— Sou tão jovem quanto ela.

Ri.

— Já sabemos se vamos odiá-la?

— Não vamos.

— Por quê? *Pelo que sabemos*, — ele ironiza

PERIGOSAS NACIONAIS

— ela transou com seu Chris.

— Pare de me lembrar disso. — Novamente passo minhas mãos pelo meu cabelo. — Mas vamos tratá-la bem. Não temos motivo para odiá-la.

— Não? — Riu.

— Benny... De novo?

— Certo, me desculpe. É lógico que não tratarei mal a menina.

— Que bom. — E voltei a arrumar o quarto, trocando os lençóis da cama.

— Então ela não quer ser mãe?

— Não...

— E vai deixar o bebê com Chris?

— Ela não quer abortar.

— Boa menina.

— Por não querer abortar? — questiono.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não entro nesse mérito, apenas no que ela tem atitude para decidir deixar seu filho.

Tentei não suspirar profundamente, no entanto, escapou no momento que eu dobrava outros lençóis.

— O que foi isso?

— O quê? — perguntei.

— Esse suspiro aí.

— Não sei... Não sei se confio que ela deixará mesmo a criança para ele.

— Ela não assinou um documento lá?

— Assinou, segundo Chris. Mas quem me garante que em alguns meses ela não reaparece e diz que quer o bebê ou quer pensão? Com certeza, terá a possibilidade de se julgar, agora, frágil ou vulnerável. Eu sei lá.

— E o que Chris diz sobre isso?

PERIGOSAS ACHERON

— Que confia nela, simplesmente.

— Veremos. — Benny riu e finalmente me ajudou com o quarto.

Em um par de horas, a campainha de minha casa tocou. Eu vestia apenas uma camiseta surrada e preferi colocar um short simples, prendendo meu cabelo, em seguida.

Benny, que vestia apenas uma cueca, vestiu uma bermuda e camiseta e resmungou.

— Na minha própria casa terei regras de vestimentas.

Apenas o encarei e ele levantou seus braços. Caminhou do meu lado enquanto descíamos os degraus. Parei em frente a porta e suspirei. Benny, ao meu lado, segurou minha mão.

— Seja firme — murmurou.

Eu abri a porta e mesmo que Chris sempre

fosse o foco de minha visão, eu, dessa vez, encarei uma menina.

De início, era o que eu pensava. Não poderia ter mais do que vinte e poucos anos. Não beirava aos trinta em nenhum lugar do mundo. Seu cabelo estava preso por traças laterais, a deixando com a aparência ainda mais jovial. Era em um tom de castanho-escuro com mechas aloiradas. Ela parecia um pouco como Júlia. Talvez esse fosse o tipo de Chris. Meninas de seus vinte e poucos anos, loiras, com aparências de meigas, ingênuas.

Engoli em seco, porque não mentiria que internamente eu esperava que ela não fosse atraente. Ela poderia ter algo errado, não podia? Uma falha no cabelo, no dente, na perna? Qualquer coisa que eu, ingenuamente, acreditasse que tinha ‘melhor’ que ela.

Um pensamento horrível. Era verdade. Mas,

PERIGOSAS NACIONAIS

era sincero também o que pensava e não conseguia controlar. Eu queria me sentir melhor que aquela menina para me sentir melhor comigo mesma. Somente assim me tranquilizaria — ou acharia que estava tranquila.

No entanto, a menina não tinha falha em lugar nenhum. Seus olhos eram grandes, em um tom de castanho-escuro como seu cabelo. Podia ter certeza que eles ficariam em um tom claro, se passasse uma fresta de luz.

Sua pele, levemente bronzeada, sem exagero, sem parecer superficial.

Ela sorriu e eu vi o piercing na sua gengiva.

— Prazer, Soraya; mas podem me chamar de Pri.

Sua mão estava estendida e eu a encarei por um momento, Benny quem a pegou na minha frente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Olá, Soraya. Sou Benjamin. — Ele não disse que poderia o chamar de Benny, sabia que estava fazendo isso por mim, evitando cordialidade a mais com a garota.

Eu peguei em sua mão em seguida. Era macia, delicada como ela parecia.

— Agatha. — Foi tudo que disse.

— Certo. — Chris sorria. — Não vão nos convidar para entrar? — A alça de uma bolsa estava em seu ombro e ele puxava uma mala com a mesma mão.

Percebi que Chris não tocava nela, a sua mão livre estava dentro de seu bolso e isso me deixava mais confortável. Porém, eles pareciam um casal. Não apenas por ele segurar a bolsa e mala, mas porque simplesmente pareciam. Me perguntava se, algum dia, nós pareceríamos um também — ou se já tínhamos parecido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Claro. — Eu sorri, internamente eu confirmava que não os estavam convidando, mas conclui dizendo: — Podem entrar.

Chris colocou a bolsa sobre a mala e a mala em um canto da sala, próximo do sofá. Após isso se aproximou de mim e me deu um frágil beijo em meus lábios. Tentei reparar na reação da menina, mas ela encarava seus próprios pés enquanto tirava seus sapatos.

— Não precisa. — Benny gesticulou para os sapatos dela.

— Que isso, estão sujos. — Ela tinha uma voz fina, não enjoativa e não como uma princesa da Disney, apenas talvez se elas crescessem. — Trouxe pantufas. Trouxe três pares, — Ela olhou para mim e Benny — caso vocês queiram.

Meu amigo franziu seus lábios. Sabia que ele estava segurando seu riso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu adoro pantufas — admitiu e eu o olhei, de cenho franzido, não poderia perdê-lo para a menina que lhe traz pantufas.

Chris me abraçou e eu me distrai com ele e seu cheiro. Sussurrou em meu ouvido:

— Você vai gostar dela.

Acenei, mas não tinha tanta certeza sobre isso.

PERIGOSAS ACHERON

XVI

Christopher

Soraya não era santa.

Nem era uma meiga menina que levava

de presente pantufas. Porém, ela também não era

arrogante ou enjoada. Era o tipo de pessoa que se

tivesse com internet e uma tomada, ela não

desgrudaria de seu celular e não seria nenhuma

perturbação.

Por isso, eu quis que Agatha a conhecesse e tirasse de sua mente que Soraya e eu tínhamos algum nível de caso. Era mesmo irracional para qualquer pessoa uma mulher e um homem dentro da mesma casa, porém, eu mal ficava em minha casa e agora, que ela estaria na casa de Agatha por alguns dias, me sentiria melhor em passar alguns momentos de bobagem em minha própria, coisa que não fazia desde o dia que Soraya apareceu.

Ela não queria ser um aborrecimento para mim, mas eu acreditava que precisava estar do lado dela. Sua barriga parecia crescer muito mais a cada dia e o bebê já chutava. Além de tudo, ela precisava se alimentar bem e ir ao médico. Eu a levava e fazia sua comida, já que ela mal fritava um ovo.

— Você cozinha? — Por coincidência essa

PERIGOSAS NACIONAIS

foi a primeira pergunta que Benny fez a Soraya.

— Nada. — Ela estava sentada no sofá, já calçada com suas pantufas. — Sei fazer sucos.

Agatha riu, mas não falou nada.

— Mas uma que não cozinha! — Benny continuou. — E no que você trabalha?

Agatha e eu preferimos sentar no chão, enquanto Benny estava no sofá.

— Sou modelo.

A Ruiva me olhou e eu dei de ombros.

Seu amigo não foi mais óbvio:

— Claro que é — murmurou. — E continua trabalhando?

— Não, por causa dele... — Inclinou sua cabeça em direção a sua barriga.

— Você se incomoda por estar grávida?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É um sentimento conturbado. — Soraya me olhou brevemente. — Eu não quero mal para o bebê, mas também não me sinto mãe.

— Dele? — Agatha murmurou para mim.

— Não, não sabemos o sexo. Mas ela sempre se refere a barriga, como ‘o’ bebê. Logo, ele.

Ela assentiu, mas percebi que evitava ao máximo falar. Em um momento enquanto Soraya conversava com Benny, Agatha se levantou e foi para a cozinha, a segui e a abracei por trás.

— Se for muito difícil para você, eu volto agora com ela.

— Não. — Ela foi firme. — Eu quero que ela fique. — Agatha se virou para me olhar nos olhos e os seus brilhavam. — Eu acho que será pior vê-lo voltar com ela. Minha mente criará histórias demais.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Acenei e segurei seu rosto.

— Só confie em mim. Pense que eu não faria nada para lhe machucar.

— Nem mesmo antes de bater a minha porta?
— ela questionou.

— O quê?

— Nem mesmo antes de bater a minha porta você se envolveu com ela? Já que me disse que ela está em sua casa há mais ou menos um mês.

— Não, Agatha. Nós só tivemos um caso, de uma noite.

— Um caso?

— Sim — a confirmei.

— E nessa única vez você a engravidou?

Suspirei.

— Se você não acredita em mim, eu sinto

PERIGOSAS ACHERON

muito, mas é a verdade.

— Eu já disse que quero acreditar.

— Querer e acreditar são coisas diferentes.

— Mas já é um começo. — Ela se afastou de mim, caminhando em direção a sua geladeira. — Eu preciso me adaptar a essa nova realidade, só isso.

Assenti.

— Tudo bem, não irei te pressionar

E voltei para sala com minha mente distante demais.

Porém, no momento que observei Benny e Soraya na sala, ainda sentados no sofá, eu não sabia se ria ou se me assustava. Eles riam. Na verdade, riam era eufemismo. Eles gargalhavam, ao ponto de se bater um no outro.

— O que aconteceu aqui? — Agatha

PERIGOSAS NACIONAIS

sussurrou ao meu lado.

— Eu não faço ideia. — A puxei pela mão.
— Acredito que eles ficarão bem juntos. — E a puxei, subindo os degraus.

Ela não hesitou em me acompanhar, mas parecia um pouco mais rígida.

Em seu quarto, ela se deitou, deixando suas pernas para fora da cama.

— Quero que você conheça meu apartamento — falei. — Você vai adorar...

— Você não me falou nada sobre seu pai. — A Ruiva foi direta.

Suspirei e me sentei na beirada da cama.

— Não há o que falar.

— Como não?

Eu não olhava para ela. Ela não olhava para mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não falo com ele há meses. Nós conversamos, afinal ele é meu pai, mas não nos encontramos.

— E sua tia, como vai?

Sorri.

— Mesmo eu tendo passado em Vitória antes de vir para Salvador, ela não para de falar que sempre minha falta.

Agatha ri.

— Você é inesquecível.

— Eu sei. — Me deitei do lado dela e encarei o teto, como ela.

De maneira discreta, encostou sua cabeça em meu ombro.

— Você me odeia, não odeia? — questionei.

— Acho que seria impossível. — Mas ela não falou com humor, parecia triste.

PERIGOSAS ACHERON

Quando a olhei mudei de opinião. Agatha não parecia triste. Tristeza seria uma melhor expressão. Ela parecia cansada, como quem desiste de uma situação.

Será que está pensando em desistir de mim?
Pensei. *Será que pensa que eu não valho tanto esforço?*

— Você me culpa por isso? — murmurei, minha voz estava sem fôlego.

— Não é isso, Chris...

Me sentei e ela fez o mesmo, também me olhando.

— Então o que é?

Agatha abriu a boca, mas não disse nada. Sendo assim, eu concluí:

— Você me culpa, Você pensa que eu poderia ter evitado.

— Chris, eu tenho mais de trinta e não tenho um filho. Eu consegui evitar.

— Logo, se você conseguiu evitar, eu também deveria...

— Não deveria, conseguiria, sim! — Ela se levantou do sofá e caminhou pelo quarto, sem propósito.

— Mas eu não consegui evitar — digo. — E agora eu serei pai e vou arcar com isso.

— Mas eu não serei mãe!

Franzi meu cenho.

— O que você quer dizer com isso? Que você queria ser?

— Não, — ela praticamente gritou — que eu não serei, que você sim, não eu.

Eu acenei.

— Ótimo, Agatha! O “problema” não é seu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu entendi. Por que não falou isso antes para que eu nem sequer a trouxesse para a sua casa, porra? — Me virei de costas, a ponto de sair do quarto e levar Soraya embora, ela não precisava passar por isso em estar em uma casa onde não era bem recebida, ainda mais, grávida de meu filho.

— Não! — Agatha segurou meu braço e eu parei de caminhar, a olhando. — Eu quero que ela permaneça aqui por alguns dias. Acho que será bom para Benny também.

— Ótimo... agora você está dizendo que Soraya servirá de distração para seu amigo?

— Merda, *nosso* amigo, porra! — soltou — E sim, é tão mal assim eu pensar que ele precisa se distrair? Ele não quer aceitar uma enfermeira, mas talvez, com ela, aceite e mesmo que não aceite, ao menos sua mente fugirá da ideia de que ele tem câncer a todo o momento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você quer isso para ele ou para você? —
questionei puxando meu braço para mim — É você
ou ele quem precisa de uma distração para não
pensar no câncer?

Ela fechou seus olhos por um momento e
respirou fundo.

— Por favor, a deixe por alguns dias. Só isso
que te peço.

— Se ela me ligar...

Não precisei completar, já que ela mesma
falou:

— Você pode vim buscá-la quando quiser.
Ela não terá reclamações sobre mim, eu prometo.

Eu acenei. Confiava em Agatha.
Diferentemente do sentimento dela para mim, eu
confiava nela completamente. Não diria cegamente,
mas diria que não tinha dúvidas sobre o seu caráter.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Com isso, se ela falava que Soraya não teria reclamações sobre ela, Soraya não teria.

PERIGOSAS ACHERON

XVII

Agatha

*Eu pensei em não ir
trabalhar no dia seguinte, mas* fui.

Precisava fazer minha mente distrair.

— Está tudo bem, Victoria? — perguntei assim que cheguei à agência.

— Sim, sim, senhora. — Mas sua expressão dizia outra coisa.

Ela estava sentada, se escondendo atrás da

tela de seu computador. Sua cabeça apenas tinha levantando para me cumprimentar, mas seus olhos pareciam marejados.

— Tem certeza?

Minha secretária sorriu.

— Tenho. Desculpe te preocupar.

Às vezes ela era tão boa que me assustava.

— Não precisa se desculpar — murmurei e entrei em minha sala, fechando a porta atrás de mim.

Não tinha ido para a agência tão cedo, sendo assim, não pensei que incomodaria ao ligar para ele. Deixei minha bolsa sobre um sofá e tirei meus saltos, caminhando pela sala com meu celular grudado ao meu ouvido.

— Alô?

— O que seu irmão fez a minha secretária?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Soltei de uma vez.

— Meu irmão? Secretária? Que porra?

— Vamos, Ian, não se faça de desentendido.

— Uriel? Vicky?

— Isso — disse. — Que eu saiba só Uriel está com minha secretária.

Ele riu.

— Bom dia para você também.

— Adiante — fui ríspida e não me importava.

— Nada, meu irmão é o melhor.

— Você não o está defendendo?

— Não. Eu juro que ficaria do lado de Vicky se ele tivesse sido um sacana. — Pausou por um momento, mas logo continuou: — Será que não foi apenas uma briguinha?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, a minha secretária não é frágil assim.

— E me lembrei: — A única vez que ela demonstrou algo parecido com um choro foi quando Benny foi diagnosticado com câncer.

— E ele como está?

— Bem... — Bati minha mão em minha testa. — Ah... merda!

— O quê?

— É provável que Benny tenha ligado para ela. Ela sempre fica sensível com isso.

Ian riu.

— Benny fazendo alguém chorar?

— Pois é.

— E como estão as coisas?

— Ian, não tem tantos dias assim que não nos vemos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele riu.

— Eu sei, mas agora a situação mudou um pouco...

Me sentei em minha cadeira e a girei, como uma criança. Era claro que Chris tinha conversado com ele.

— É.

— E como está?

— Passei a noite trancada em meu quarto, acordei cedo e fiquei ziguezagueando na rua até chegar a agência.

— Não duvido.

— Não duvide — rebati.

— Então você ainda não teve contato com Soraya?

— Não.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Terá?

— Não tenho certeza.

Eu estava preste a me despedir, quando ele falou:

— Ele ficaria com você.

— O quê?

— Chris ficaria com você se você estivesse grávida.

— Mas eu não estou para você ter certeza disso — avisei.

— Ele aceitou que Soraya, uma total desconhecida, ficasse alguns dias em sua casa até ter o resultado do teste de DNA. Você acha que ele te dispensaria?

Repeti:

— Mas eu não estou para você ter certeza disso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas eu tenho certeza sem você precisar estar grávida — ele enfatizou. — Ele ficaria do seu lado, ele te apoiaria. Ele cuidou de Soraya mesmo sem ter certeza da paternidade, depois, continuou cuidando e aceitou a decisão dela.

Seria tão fácil parar de ouvi-lo. Seria tão fácil desligar a chamada. No entanto, eu mantivesse o celular grudado a minha orelha.

— Merdas acontecem, Agatha — falou. — Digo, sobre não usar camisinha, mas agora ele terá um filho... E ele será o melhor pai possível.

— Eu sei disso — sussurrei. — Eu sei. Eu só não sei se eu estou preparada para isso.

— Eu posso ser ainda mais sincero?

— Seja, Ian.

— Se você não consegue lidar com isso, é melhor você se afastar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Engoli em seco, porque sabia que era a verdade.

— Eu... eu preciso desligar.

— Tudo bem — ele falou, — e me desculpe se eu fui rude.

— Não se desculpe — disse antes de desligar a chamada.

Encarei meu celular por um longo momento. Ele tinha razão. Era a mesma coisa que Chris já tinha me dito. Que eu não precisava ter esse “problema”, mas que se eu quisesse permanecer com ele, precisaria.

Eu não sabia se aguentava uma mulher grávida do homem ao qual eu era apaixonada. Mas, havia uma outra questão que Ian estava certo, mesmo que eu não estivesse grávida para ter a certeza absoluta, Chris ficaria do meu lado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele aceitaria meu bebê, mesmo sendo filho de um outro homem. Ele me aceitaria completamente. Mas eu não sabia se conseguia aceitá-lo.

Engoli em seco e me levantei da cadeira, com o celular ainda em minhas mãos. Não esqueci de pegar minha bolsa no meio do caminho e assim que sai de minha sala, Victoria continuava com a mesma expressão triste.

— Agora é sério — falei. — Preciso saber o que está acontecendo com você.

— Não é nada.

— Victoria!

Ela suspirou e se deu por vencida quando me respondeu:

— É Benjamin. Ele me fala algumas coisas que me fazem rir e chorar ao mesmo tempo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que ele disse? — Eu sabia que às vezes ele ligava para conversar com ela, fosse para saber sobre o trabalho enquanto eu não contava nada ou para falar de si mesmo, sendo assim, não estranhava ela falar sobre ele, apenas ela se referir a ele, comigo, como Benjamin.

— Sobre a vida — ela foi vaga e entendi que era algo privado ou ela simplesmente não queria me falar sobre.

Acenei.

— Ele filosofa com você?

Ela deu de ombros.

— Às vezes.

— Benny te ligou quando?

— Hoje, senhora.

— Venha. — Gesticulei para ela se levantar.

— Vamos para minha casa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por quê? Algum problema?

— Se Benny te ligou filosofando ele só pode estar mal.

Victoria desligou seu computador e se levantou, já com seu celular em mãos.

— Posso reagendar tudo para amanhã?

— Ou hoje, a partir das quatro horas da tarde. Vou estender meu expediente apenas hoje.

— Certo, senhora.

PERIGOSAS ACHERON

XVIII

Christopher

*Encarei meu celular, mas
ninguém me ligava.*

— Relaxe, homem! — Ian me falou em um fim de tarde.

— Soraya disse que me ligaria.

— Se ela não ligou ainda, é porque nada aconteceu. — Ele estava em minha casa, já que estava se sentindo entediado na sua sem Júlia que tinha ido viajar para Vitória para organizar algumas coisas.

Acreditava que ela moraria, em poucos dias, de vez em Salvador.

— É, é verdade. — comentei me deitando em meu sofá.

Ian estava em um canto no chão. Não entendia porque a maioria das pessoas que eu conhecia, inclusive eu, acabávamos sentados no chão.

— Você não tem que trabalhar ou algo assim? — perguntei para Ian.

— Calma porra, estou fazendo meu espaço.

— Significa que você não fez porra nenhuma hoje?

— Não é isso. — Ele me encarou, sabia que me chutaria se estivesse perto, mas, felizmente, a minha casa já não era tão apertada assim. — Muitas pessoas que dou aula preferem fazer academia pela

PERIGOSAS NACIONAIS

manhã, então fico livre por volta das três... São exatamente cinco agora. Me deixe descansar em paz.

Eu ri.

— “Dou aula”. Você é personal, não professor. — Eu completaria com um *se coloque em seu lugar*, mas já ria.

— Não posso dizer que dou aula?

— Se tivesse feito uma licenciatura, talvez.

— Preconceito da porra. Personal é menos professor?

Dessa vez, eu gargalhei.

— Com certeza, é menos.

Ele bufou, mas admitiu.

— Tá, tá. Até porque se eu fosse médico como Júlia, não ia querer que um educador físico se chamasse de “doutor”.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sei lá, — Dei de ombros. — já que se você fizer, um dia, um doutorado, você é um doutor.

— Dr. Prof. Ian — Ele riu, — gostei.

— Só será professor com uma licenciatura.

— Mas será que se eu fizer mestrado já não posso dar aula?

— Eu sei lá. Nunca nem fiz faculdade — brinquei.

Ele riu.

— É verdade. — E, do nada, completou: — Sabia que um dentista é doutor nos Estados Unidos? Odontologia é uma área da medicina lá.

— Eu nem sabia que dentista não era um doutor aqui.

Ian gargalhou e meu celular finalmente tocou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Era uma mensagem. Simples e direta de Soraya.

— O que foi? — Ian perguntou enquanto me viu encarando a tela do celular.

— Tudo bem.

— Tudo bem o quê?

— Tudo bem. Foi o que Soraya me mandou na mensagem.

— E está com essa cara por quê?

— Você acha mesmo que está tudo? — eu questionei.

— Ela disse que está, não disse?

— Mas pode não estar.

— Puta que pariu, Chris. Ela diria que não está bem, se não estivesse.

Engoli em seco.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não sei... Não estou com uma impressão boa.

— Eu também não estaria — Ian murmurou.

— Por quê?

Ele me encarou, rindo.

— Chris, há duas mulheres que se relacionaram com você na mesma casa. Em que universo isso daria certo?

— Não é bem assim.

— Como não?

— Às vezes, mesmo que tenhamos tido algum envolvimento com alguém, é possível construir uma nova relação.

— Falou bonito apenas para dizer que você pode ser amigo de sua ex?

— Quase isso. — Riu.

PERIGOSAS ACHERON

— Não poderei discordar, já que você e Júlia são amigos.

— Pois é.

— Mas que é estranho, é.

— É estranho nós sermos amigos?

— Estranho vocês conseguirem.

Eu continuei rindo e segurando o celular.

— Vou perguntar se ela está bem mesmo.

— Não... Não. — Ele pegou o celular de minha mão. — Deixe isso para lá. Vamos para a academia.

— Por quê?

— Socializar. Espairar. Malhar porra!

Balancei minha cabeça, mas finalmente me levantei. Precisava mesmo deixar a situação Soraya-Agatha, Agatha-Soraya e bebê um pouco de

lado.

No entanto, o próprio Ian foi o primeiro a trazer tudo que eu não queria pensar à tona.

— Já contou para seu pai?

— O quê? — Eu me deitei no tatame para fazer abdominais e nem via onde estava Ian, apenas reconhecia sua voz e como era noite, a academia não estava com seu som tão alto.

— Sobre você ser pai.

— Futuro pai — o corrigi. — Não, não falei e não irei.

— Por quê? Queira ou não, ele é seu pai.

— Não, Ian. — Eu estava fazendo a minha longa série de cem abdominais com uma pausa, mas respondê-lo, fazia minha respiração entrecortar. — Eu quero fazer tudo isso sozinho. Vou decorar o quarto com minhas próprias mãos e

PERIGOSAS NACIONAIS

gastar o meu próprio dinheiro.

Não o vi, mas se visse, tinha certeza que ele estava acenando.

— Vou te ajudar.

— Eu sei. Já estava contando com você. —
Ri e mudei de assunto.

Não era que eu não queria que meu pai visse meu futuro filho, seu primeiro e único neto legítimo, era apenas que *agora*, não.

PERIGOSAS ACHERON

XIX

Agatha

Dirigi no limite, mas não conseguia tirar minha cabeça de Benny.

— Ele deve estar bem. — Victoria parecia saber o que eu pensava.

— Benny tem essa mania de escrever quando está mal. Seja fisicamente ou psicologicamente — admiti. — Ele não quer falar comigo sobre o que está sentindo. Nunca quer me preocupar e, no fim,

eu me preocupo ainda mais.

Suspirei. Não estava falando sobre isso com ninguém, não queria sobrecarregar ninguém com os meus sentimentos e nem queria que ninguém soubesse que eu estava como estava. Preferia que achassem que tudo estava bem e que eu era forte o suficiente para não me preocupar com nada.

Engoli em seco e percebi que meus nós dos dedos estavam ainda mais brancos pela forma como eu segurava o volante.

Mas, internamente, eu sabia que a minha força não estava entrelaçada com o fato de eu não me preocupar com nada. Na verdade, isso seria insensibilidade. E eu estava cansada de fingir que era insensível. Eu sentia. E agora eu sentia muito de tudo, principalmente por Benny.

— Ele vai passar por isso. — Victoria segurou meu pulso com sua mão fina, tão delicada

PERIGOSAS NACIONAIS

que mesmo sem se mexer parecia uma carícia.

— Eu não sei como seria a minha vida sem ele. — Eu não aguentava mais fingir que estava segurando o mundo inteiro. Na verdade, eu estava desmoronando, aos poucos. — Eu não sei, Victoria!

— Você não vai precisar saber! — Ela falava o que eu queria ouvir. — Tenho certeza que vocês dois estarão velhinhos um ao lado do outro.

Meus olhos estavam marejados.

— Eu acho que estou sendo tão egoísta. Eu não consigo parar de pensar em como eu vou ficar sem ele e não como ele está.

Conseguia dirigir com normalidade, mas meus olhos ardiam como

— É normal, Agatha. Apenas ter consciência disso já quer dizer muita coisa. Você não é egoísta.

PERIGOSAS ACHERON

Você está sofrendo.

Estacionei a minha Mercedes e respirei fundo, tentando conter as lágrimas que rolavam dos meus olhos. Victoria não me julgava. Nunca parei para pensar em como ela reagiria em uma situação dessas, porque nunca achei que eu estaria em uma situação dessas. Porém, agora, pensando, eu supunha que ela ficaria tímida, mas, ela desafivelou seu cinto e me puxou para um abraço.

O meu cinto ainda estava entre nós e o retirei, aceitando o abraço dela. Victoria não falou nada, nem eu. Eu apenas deixei as lágrimas rolarem por um momento.



Cheguei em minha casa em menos de meia

PERIGOSAS NACIONAIS

hora. Assim que abri a porta olhei de um lado para o outro e não encontrei nada incomum. Deixei minha bolsa sobre o sofá e meus saltos na sala. Com Victoria ao meu lado subi as escadas e segui direto para o quarto de Benny.

Quando a porta foi aberta, estranhei. Ele também não estava no quarto, mas, logo em seguida, ouvi um barulho vindo do banheiro. Corri para ele, escancarando a porta que já estava entreaberta.

Não tive muito tempo para registrar a cena. Benny vomitava no vaso e a menina, Soraya, vomitava dentro do box.

— Meu Deus! — Victoria falou e felizmente foi mais rápida que eu enquanto se ajoelhou para ajudar Soraya.

Eu me ajoelhei ao lado de Benny de um modo retardatário e tomei em seu cabelo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que houve?

Ele me encarou depois de cuspir no vaso.

— Eu comecei a vomitar e Soraya, aparentemente, tem um estômago fraco.

— Claro. — Acenei, não sabia se ria ou se chorava. — Ela vomitou após você vomitar.

— Exatamente. — Soraya quem confirmou, sentada para fora do boxe, depois de a ajuda de Victoria.

Seu vomito descia pelo ralo do banheiro. Felizmente, eu tinha trocado todos os ralos, deixando-os maiores do que os tamanhos convencionais para que o cabelo descesse de uma vez e não se transformasse em um bolo maldito.

Victoria não teve nojo em se inclinar no boxe e abrir o chuveiro, deixando o vomito desaparecer com a água. Benny fechou a tampa do vaso e eu dei

PERIGOSAS ACHERON

descarga quando ele se sentou no chão.

O banheiro não era muito grande, mas o suficiente para quatro pessoas sentarem no chão sem suas pernas se esbarrem *demais* umas nas outras.

Eu me sentei entre Benny e Soraya. Ele encostado no vaso sanitário; eu, meio inclinada no vidro do boxe e meio na parede; ela, com as costas grudadas no vidro e suas pernas encostadas nas minhas.

— Vocês estão bem? — perguntei olhando de Benny para a menina e da menina para Benny.
— Quer que eu os leve para o hospital?

— Não — Soraya foi a primeira a responder.
— Não quero ir para o hospital mais do que o necessário.

— Também, baby. — Benny colocou uma mão em minha perna. — Eu só quero tentar
PERIGOSAS ACHERON

cochilar um pouco.

Suspirei.

— Mas, se amanhã um de vocês dois passarem mal, irão para o hospital — falei. — Com o consentimento ou não.

— Tudo bem. — Benny sorriu para mim.

— Tudo bem para mim também — a menina confirmou.

— Victoria, — Olhei para a minha secretária. — ajude Benny.

Ela não hesitou em se levantar e ajudar meu amigo a lavar seu rosto e se deitar. Por um momento ficamos apenas Soraya e eu no banheiro.

— Você está se sentindo bem mesmo? — questionei.

Ela acenou.

— Estou bem... De verdade. — E riu. — Mas
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não consegui me segurar quando ele começou a vomitar.

Me levantei e a ajudei em seguida.

— Eu também tenho um sério problema com vomito alheio, mas acho que é pior com sangue.

— Eu detesto sangue.

Parei atrás dela na pia e quando percebi que ela estava estável o suficiente a soltei, deixando-a escovar seus dentes e lavar seu rosto em paz. Havia uma escova ainda na embalagem sobre a pia que ela usou.

— Sangue é péssimo. — Fiquei parada entre o quarto e o banheiro.

— O pior é que eu aguento ver qualquer cena pesada — comentou. — Um dia vi um homem morto na estrada. Nem hesitei.

Ela tinha um humor negro estranhíssimo,

PERIGOSAS ACHERON

mas ri.

— Eu também não tenho problema em ver mortes, mas sangue? Uma gota alheia é o suficiente para eu ter enjoo.

Soraya lavou seu rosto por uma segunda vez e saiu do banheiro.

Finalmente percebi que tanto Benny quanto Soraya estavam seminus. Benny apenas com uma bermuda e Soraya vestia um sutiã de pano e uma saia de pano que terminava acima de seus joelhos.

Sua barriga estava nua e eu poderia dizer que não estava bonita, porém, u mentiria. A menina parecia que nasceu para ser mãe — ao menos, grávida. Seu corpo continuava magro, ela não parecia ter engordado mais de dez quilos com a gravidez. Sua barriga estava lindíssima.

Eu imaginava que as grávidas não gostavam que qualquer um tocassem em suas barrigas, afinal,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ela não era uma propriedade pública, no entanto, eu estava com vontade de tocá-la.

Benny se deitou em sua cama e cobriu seu rosto com seu braço. Victoria se sentou apenas da beirada.

— Aceitava até uma ressaca hoje!

Soraya riu e se deitou do lado de Benny.

— Vocês estão mesmo bem? — perguntei pela milésima vez.

Soraya riu ainda mais. Notei que ela só fazia rir.

— Nós vomitamos como amigos que dão risada dá risada do outro.

Eu revirei meus olhos.

— Ele vomitou, você vomitou, ele vomitou porque você vomitou — comentei, entrando na brincadeira.

PERIGOSAS ACHERON

— Exatamente! — Benny gargalhou.

Eu me dei por vencida e me sentei na beirada aposta a que Victoria estava. Suspirei e deitei minha cabeça nas pernas de Soraya. Meu dia estava cada vez mais estranho, no fim, em vez de chorar, eu ri.

XX

Christopher

Deixei passar alguns dias sem ver Agatha ou Soraya, falei apenas pelo celular com as duas. Eu estava tentando relaxar com a situação, mas precisa vê-las.

Liguei para Agatha que me atendeu no terceiro ou quarto toque.

— Como está?

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu sorri.

— Bem... E você?

— Bem.

— Aconteceu alguma coisa que eu precise saber?

— Não. Nada.

— Soraya só me diz que está bem — comentei.

— Mas ela está.

— Só isso? Nenhum enjoo, nenhum desejo?

— Nada que você tenha que se preocupar.

— Então houve?

— Não, Chris. Está tudo bem.

— Certo. — Acenei, mesmo que ela não visse. — Daqui a alguns minutos vou pegá-la para uma consulta, certo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu posso levá-la.

— De verdade?

— Sim.

— Agatha...

— De verdade Chris, posso levá-la.

— Nos encontramos no hospital — disse, não deixando margens para que ela pensasse que não iria aparecer.



— Seis meses — falei, um tanto quanto estupefato enquanto saíamos do hospital.

Toquei na barriga de Soraya que tinha me avisado que ele estava chutado.

— De tanto que vocês falam sobre “ele” —

PERIGOSAS ACHERON

Agatha começou. — tenho a ligeira impressão que nascerá uma menina.

Eu ri.

— Para mim, tanto faz. Já sabemos que ele está saudável.

— Isso é verdade. — Ela andava em meu lado esquerdo enquanto Soraya estava em meu direito.

Como sempre, Soraya parecia alheia àquele assunto. Eu sabia que ela se importava com a saúde da criança e com a sua, era claro. No entanto, ela não demonstrava nenhuma intenção de tentar descobrir o sexo — ou sequer se importar.

Eu tocava em sua barriga coberta e ela deixava, mas a própria não a tocava, a não ser que fosse com a intenção de a segurar pela dificuldade que tinha de se mexer. Às vezes, eu tinha medo de que ela achasse que aquele bebê era um fardo ou

PERIGOSAS ACHERON

que, após dar à luz, sofresse de depressão pós-parto, por isso, eu tentava animá-la, nunca focando o assunto apenas sobre o bebê.

— Já pensa em um nome? — Agatha falou comigo e era estranho não incluir Soraya nessa equação, porém, era melhor assim.

Eu seria um pai solteiro. Essa criança não teria nenhuma mãe no documento. Só eu. E isso teria que ser o suficiente já que era o máximo que eu poderia dar.

— Para menino, sim. Para menina, não faço ideia. — E a olhei, dando de ombros. — Deixo para você escolher.

Eu acompanhei cada ação dela. Primeiro, Agatha sorriu como se não fosse grande coisa. Depois, ela franziu seu cenho. Ela até mesmo parou de andar por um segundo, antes de balançar sua cabeça e seguir adiante, como se não tivesse me

ouvido bem.

Foi uma melhor reação do que eu imaginava. Eu não sabia o que esperar do futuro. Todo dia eu pensava que Agatha me deixaria. Ela nunca comentou de filhos comigo. Eu supunha que eu nem gostava de crianças. Sendo assim, aqui estava eu, a forçando em uma situação da qual ela não queria estar.

Porém, eu a deixava ir. Ela aceitou manter Soraya alguns dias em sua casa. Eu a levaria em um piscar de olhos se ela pedisse, mas, hoje, eu via que ela mantinha algum cuidado sobre Soraya, não a olhava com desprezo e melhor: não tentava fingir que ela não estava presente.

Eu poderia dizer, com todas as letras, que Agatha estava se tornando mais sensível. Eu amava cada pedaço de sua sensibilidade ainda camuflada com seu jeito impassível, inalcançável.

Eu... amava.

— Em que carro eu vou? — Soraya perguntou.

— O meu. — Gesticulei para o meu carro, queria conversar um pouco com ela antes de levá-la para a casa de Agatha.

— Eu sei o que você está fazendo, Chris. — Agatha me encarou e deixamos que Soraya andasse a nossa frente.

— O quê? — Coloquei uma mão sobre meu coração.

— Você está querendo conversar com ela longe de mim.

— Não é nada disso...

Ela colocou suas mãos em sua cintura e arqueou uma sobrancelha. Seu cabelo estava amarrado em um rabo de cavalo e seus olhos

pareciam mais escuros.

A calça que vestia se ajustava perfeitamente em seu corpo, a abraçando, a agarrando como eu gostaria de estar. Sua camisa de mangas curtas tinha um tom de azul, parecido com seus olhos.

— Você não confia em mim? — Eu demorei para entender o que os seus lábios diziam, estava apenas o admirando.

— Confio — disse, lentamente. — Só preciso conversar com ela também.

Minha Ruiva suspirou e antes que se virasse no caminho de seu carro, eu segurei seu pulso e me aproximei. Passei meu nariz pelo seu pescoço e subi por ele, aspirando o seu cheiro no percurso. Grudei minha boca em sua orelha.

— Precisamos ficar a sós.

— Quer conversar comigo também? — ela

pirraçou.

— Não, com você nada de conversa.

Seu riso foi fraco, mas delicioso, do tipo que sabia que provocava, dilacerava, destruía.

XXI

Agatha

Chris prometeu que passaria alguns dias sem aparecer. Foi um pedido, subliminar, meu. Eu precisava que ele se afastasse por um momento para eu me conectar a menina.

Não era que eu queria ser amiga dela. Não era que eu queria gostar dela. Era apenas que eu

precisava confiar nela, como Chris demonstrava confiar. E, confiar nela com ele ao lado, seria complicado. Seria como ler um livro com apenas um ponto de vista. Eu nunca saberia o que estava acontecendo com os outros e o que os outros sentiam, apenas o que o protagonista imaginava.

Sendo assim, eu precisava afastá-lo para ter a minha própria visão e opinião sobre ela. Sem falso moralismo, sem exagero.

Estávamos sentadas no sofá, assistindo a um filme que Benny tinha escolhido, no entanto, meu amigo já dormia sobre as almofadas no chão, com a boca aberta, babando.

Soraya riu baixinho enquanto encarava Benny e comentou:

— Ele parece bem.

— Sim, acho que sim... — Me consertei: —
Espero que sim.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Câncer é uma vadia — ela falou.

— A pior — concordei.

— Eu perdi a minha mãe para ele. Leucemia.

— Sinto muito — falei o clichê. — Posso te perguntar uma coisa bem pessoal?

Ela me encarou.

— Você pode me perguntar qualquer coisa, apenas não espere que eu responda tudo.

Eu sorri.

— Justo. Eu pergunto e você decide se responde. Certo?

— Certíssimo.

— É por causa de sua mãe que você não quer ser uma?

Soraya nem hesitou.

— Eu seria uma ótima mãe. Eu só não quero.

PERIGOSAS ACHERON

Não agora. Não é o momento da minha vida. Essa criança não merece a minha falta de amor e dedicação.

— Como você já sabe que não a amará e não será dedicada?

— Quando minha mãe morreu eu tinha uns dez anos. Ela me falava sobre a sua gestação. Agatha, ela falava suspirando, como se estar grávida fosse incrível, como se houvesse sido a melhor fase da vida dela. Meu pai é um ótimo pai e imagino que sempre foi um bom marido, o que ajudou, mas... Eu não sinto um terço do que ela dizia sentir.

Soraya olhou para Benny, mas quando percebeu que ele continuava dormindo, continuou falando:

— E eu não quero sentir. Eu não quero ser mãe agora. É tão horrível assim?

Deixei o ar escapar de meus lábios.

— Não, não é.

— Isso é o que você verdadeiramente pensa?

— Sinceramente, Soraya? — A encarei. — Agora, é. Estou cansada de desconfiar de tudo. — Eu poderia estar me abrindo para ela, porém, eu continuava sendo exatamente quem era e não me interessava que ela estava grávida quando completei, encarando-a em seus olhos. — Mas, se você voltar, quando o bebê já for uma criança crescida, eu juro, que acabo com a sua carreira e qualquer coisa que você tenha construído. Quando você for embora, você terá que ir de vez. Está me entendendo?

Ela pareceu engolir em seco.

— Eu vou de uma vez. Confie em mim. Eu não reaparecerei.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você tem todo o direito de ficar com essa criança, se quiser. Tem todo o direito de vê-la por vários dias da semana, se quiser. Mas se abdicar disso, você não terá nada.

— Eu não quero nada.

— Você assinou alguns papéis, não é?

— Assinei. Você pode pedir para Chris para ver.

Acenei.

— Eu não tenho nada contra você, Soraya. Também não quero ter.

— Eu entendo, Agatha. Eu realmente entendo você. — Ela sorriu. — Você ainda nem é mãe, mas já está defendendo a sua cria. Exatamente como a minha mãe faria.

Não a respondi. Não sabia o que dizer, afinal, não estava dizendo aquilo pelo bebê. Era por Chris.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu estava pensando em Chris.

Soraya fez uma careta, enrugando seu nariz.

— O que houve? — questionei, me aproximando ainda mais dela.

— Desejo. — Ela me encarou, como se estivesse com vergonha.

— Você só está falando isso para eu sair desesperada para comprar o que você deseja, é isso?

Ela sorriu.

— Gostaria. Mas estou com essa vontade maldita de comer abacaxi.

— Eu tenho abacaxi. — E, por isso, não precisei ir para nenhum lugar para comprar nada, apenas descasquei um abacaxi, às mais de meia-noite.

PERIGOSAS ACHERON



— Oi. — Eu sorri, encarando Chris que já tirava sua camisa e caminhava em minha direção.

— Olá, senhorita.

Ele me pegou pela nuca, me puxando em sua direção, grudando meu corpo com o dele, chupando meu lábio inferior.

Benny tinha puxado Soraya para irem a casa vizinha, fazer sabe-se lá o quê. Eu não quis saber, não me interessava, apenas que eles deixassem a mim e Chris um pouco a sós, como precisávamos ficar.

— Eles vão demorar? — Chris questionou em minha orelha.

— Por mim, passariam a noite fora.

Eu já me sentia como se houvesse um bebê

na casa e que estávamos com medo dele acordar, chorando, desesperado. Eu estava tentando aguentar essa situação. Eu estava tentando não me desesperar.

Especificamente hoje, eu estava melhor do que em qualquer outro dia. Especificamente hoje, eu estava bem.

Não pensava no bebê que viria. Não pensava na doença de Benny. Não pensava em Soraya.

Pensava em mim. Pensava em Chris. Pensava em nós.

O beijei, como se minha vida dependesse disso. O beijei, como se estivesse desesperada por isso. O beijei, querendo dizer mais do que realmente dizia.

Eu estava completamente entregue a ele. Passei uma de minhas mãos em sua nuca, sentido seu cabelo liso embarçar um pouco entre meus

PERIGOSAS ACHERON

dedos.

Dessa vez o beijo de Christopher foi calmo, mas com a mesma paixão de sempre; desejo de sempre.

Ele puxou minha camisa para fora de meu corpo e encarou a minha cintura para baixo. Eu vestia uma calça e usava saltos discretos. Chris umedeceu seus lábios e abriu a minha braguilha, puxando minha calça para o chão.

— Não quer tirar uma foto? — brinquei quando ele me encarou apenas de lingerie e salto.

— Posso? — Seus olhos âmbar, escuros, me encararam brilhando e ele parecia um menino, daquele seu jeito de sempre de moleque-homem, homem-moleque.

Era lindo. Christopher Tyler era um homem tão lindo, tão gostoso.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você é perfeita. — Ele beijou meus seios enquanto tirava meu sutiã.

Eu não me sentia linda — muito menos perfeita — mas ele me fazia sentir. Durante esse período Benny doente e Benny no hospital, eu não me cuidava tanto quanto antes. Achava que tinha engordado, mas não queria encarar uma balança. Percebia o peso de meus seios mais para baixo, junto com a minha bunda. Via as marcas de minha pele com mais saliência e exibição do que nunca antes...

Porém, Chris falava que eu estava linda. E não era porque ele falava que eu acreditava. Era porque ele acreditava que eu acreditava. Era porque seus olhos brilhavam que eu acreditava. Era porque ele me fazia sentir amada e quando eu me sentia amada, eu não me importava com números, com marcas, com idade.

PERIGOSAS ACHERON

Em um piscar de olhos, eu estava sem minha calcinha, mas ainda calçava meus saltos. Ele me empurrou com cuidado para a cama e retirou a sua própria roupa.

Antes que Christopher ficasse em cima de mim, eu me pus em cima dele, fazendo nós dois rimos, porque ele era bem mais forte que eu, e quando eu o empurrei para ele ficar deitado embaixo, nenhum milímetro dele saiu do lugar. Ele enfim me obedeceu, deixando-me montar dele.

— Ruiva, Ruiva. — Christopher brincou e colocou suas mãos em meus quadris.

Com um movimento rápido coloquei seu pênis em minha entrada e parei, fazendo Christopher mexer seus quadris atrás de mais. Bati em seu ombro para ele parar e rindo ele obedeceu novamente. Devagar, como ele fez comigo, fui deixando ele entrar, sentido cada centímetro dele

em mim.

Meu corpo já o esperava. Já o queria. Já o desejava.

Coloquei minhas mãos em seus ombros e fui me mexendo aos poucos. Ele não tirava suas próprias mãos de meu quadril e tentava decidir nosso ritmo, mas eu batia em seu ombro e ele parava, rindo e gemendo.

Soltei um longo suspiro quando senti que já tinha o máximo dele dentro de mim naquela posição, mas eu sentia que havia mais e eu queria tudo dele. Comecei a rebolar em cima de Chris e ele gemeu forte. Um gemido rouco irresistível que me fez gemer também.

Abaixei mais meu corpo, deixando meus mamilos roçarem seu peito, e minha boca tocando seu pescoço. Me mexi para frente e para trás fazendo a cama ranger ao sair um pouco de lugar.

— Agatha! — sua voz era irresistível fazendo meu corpo inteiro estremecer.

Christopher me segurou pelo cabelo, tirando ele de seu rosto e eu lambi seu pescoço, sentindo seu gosto e cheiro viril, salgado de suor. Ele estremeceu por causa de minha língua e eu aproveitei a deixa e mordi seu pescoço, sabendo que meu ato deixaria marcas. E essa era a minha intenção: deixar marcas visíveis em Christopher.

Enquanto eu mordida seu pescoço, sentia a sua barba roçar de leve meu rosto, me fazendo estremecer.

Cravei minhas unhas em seu ombro e ele apertou meu quadril levemente, ao mesmo tempo que puxava meu cabelo, trazendo meu rosto ao dele e me beijando.

Eu desacelerei quando senti a língua fria de Chris em minha boca, tocando e excitando a minha

PERIGOSAS ACHERON

própria língua.

Chris não deixou nosso ritmo morrer, ele levantou um pouco meu quadril e meteu fundo, duro e rápido em mim, me fazendo gemer em sua boca de surpresa e de puro prazer.

Me afastei de sua boca e ainda com minhas mãos em seus ombros o apertei um pouco mais, e em seguida as pus na lateral de sua cabeça, me dando estabilidade para assumir o ritmo, fazendo Chris parar de se mexer e me deixar fazer o que quisesse. Eu estava adorando a liberdade que ele me dava. Ele não se importava em me dar espaço, ele simplesmente dava, sem tentar assumir como um Neandertal faria.

Gememos juntos quando meu ritmo se intensificou. Fiquei sentada em Chris, com minhas mãos agora em seu abdômen, se eu estava pesando ou doendo nele, ele não se pronunciou. Eu

acelerava mais e mais.

Eu estava cavalgando em Chris sem nenhuma inibição, enquanto meus seios saltitavam com meu ritmo constante. As mãos dele, que estavam agora espalhadas no lençol de sua cama, vieram para meus seios, apalpando eles de uma forma maravilhosa.

— Chris! — gemi alto.

Joguei minha cabeça para trás, sem diminuir meu ritmo e me deixei levar sentindo cada centímetro do membro de Chris me preencher e foder com meu corpo e mente.

— Agatha! — Chris gemeu meu nome com aquela sua voz rouca, e inacreditavelmente eu senti meu corpo esquentar ainda mais. — Foda-se mulher! Você é perfeita! Perfeita!

Seus olhos entravam em mim. Só seu olhar já fodia meu sistema. Aquele olhar negro, do qual mal

PERIGOSAS ACHERON

se notavam as íris pela luz que invadia o quarto. Seu olhar me comia. Eu sentia que ele entrava em minha alma, me investigando, me explorando, me conhecendo.

— C-chris... — Pronunciei seu nome entre gemidos e engasgando, quando Christopher pegou meus mamilos entre seus dedos, fazendo todo meu corpo se arrepiar ao seu toque e aperto.

Christopher largou um de meus seios e pôs sua mão em meu quadril, me levantando um pouco e como havia feito antes, penetrou fundo em mim, fazendo eu sentir o que faltava de seu pau.

Ele se encaixava perfeitamente em mim, seu membro entrava e saía me causando uma onda de espasmos, seguido por outra de relaxamento e prazer.

— Oh! — gemi alto e Christopher não ficou para trás, seu gemido foi gutural.

— Caralho, Ruiva! — Christopher deixou seu corpo desabar na cama, e eu voltei a cavalgar em cima dele.

A cama rangia e eu senti minhas paredes internas se apertarem em torno do membro de Christopher. Ele colocou ambas mãos em meus quadris e quando eu enfiei fundo nele para dentro, ele fez o mesmo no sentido contrário, fazendo nós dois gemermos juntos enquanto gozávamos.

XXII

Christopher

Permaneci deitado ao lado de Agatha na cama, antes de criar coragem e me levantar de uma vez, a puxando para o banheiro junto comigo.

Ela estava mole e sorria. A puxei pela cintura e ainda rindo, ela aceitou me acompanhar. Entramos no banheiro e fechamos a porta, para abafar qualquer som que viesse do lado de fora.

Abri a torneira do chuveiro o máximo possível e quando a água estava morna, molhei minha cabeça e fechei meus olhos. Senti as mãos de Agatha em meus ombros e quando abri meus olhos, a vi ainda mais próxima, também colocando sua cabeça embaixo da água.

Era como se aquilo fosse algum tipo de ritual de passagem para melhor. Uma fase. Era uma fase que estávamos passando, que aguentaríamos juntos. No entanto, eu precisava ouvir as palavras.

— Você estará do meu lado? — questionei
— Porque se não quiser ficar, eu te entendo. É demais, eu sei e...

Minha Ruiva colocou uma mão em minha boca e eu franzi meu cenho pela água que atrapalhava minha visão.

— Eu ficarei do seu lado.

Me afastei do foco da água e segurei o rosto
PERIGOSAS ACHERON

de Agatha, encarando aqueles lindos olhos.

— Eu sou completamente apaixonado por você.

Ela sorriu.

— Eu sei.

— Eu te amo, você sabe?

Agatha ainda sorria convencida, no entanto, não me respondeu. Abriu sua boca e fechou.

— Não, não sabia. — Foi o que ela disse, no fim, com um sorriso singelo em seus lábios.

— Eu te amo — falei novamente, sem deixar de segurar seu rosto.

Ela acenou e a beijei antes que ela me respondesse com um “obrigada” por não saber o que dizer. Quando se dizia “eu te amo” não se esperava uma resposta. Ao menos era assim que eu pensava. Era o que minha mãe dizia.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu sabia que minha mãe era um caso à parte, já que ela tinha deixado de se amar para amar meu pai, no entanto, eu não desprezaria tudo que foi dito por ela. Mesmo que ela o amasse demais e se amasse de menos, eu ainda guardaria o que ela me disse sobre o amor.

Para ela, o amor não era esperado, era sentindo sem maldade, sem preconceito. Eu pensava o mesmo. Eu amava Agatha e não a escolhia amar ou não esperava que ela se declarasse por mim, mas eu precisava dizer o que sentia.

Meu amor era sobre o que eu sentia por ela e não se ela sentia por mim.



Soraya e Benny voltaram tarde.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que as crianças aprontaram? — brinquei, na sala, enquanto Agatha estava na cozinha.

— Conhecendo as redondezas. — Soraya piscou.

— Meu Deus, você é uma mulher grávida — comentei.

— Ela não está morta — Benny a defendeu. — Nem eu. — E riu, parecendo mesmo uma criança.

Soraya se sentou em uma cadeira reclinável e Benny do meu lado. Ele suava.

— Você está bem? — cochichei para Agatha não me ouvir e passei uma mão em sua testa.

A expressão de Soraya também mudou quando olhou para ele. Benny nunca foi um homem acima do peso para ter muitos quilos para perder

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sem afetar a sua aparência, mas, agora, especificamente hoje, ele parecia algo em torno de dez quilos abaixo de seu peso.

Seu rosto era o primeiro a se afetar. Ele não conseguia mais ter barba, ela simplesmente não crescia, deixando o seu rosto liso e, pelo peso, muito magro, com cavidades próximas aos seus olhos.

— Merda! — ele resmungou.

— O que foi? — Toquei em seu ombro no momento que ele tocou em sua barriga, fazendo uma careta.

— Merda merda merda merda... — Ele continuou xingando, sem pausa e se levantou do sofá correndo em direção ao banheiro.

Fui atrás dele junto com Soraya.

— O que está acontecendo? — Agatha veio

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

logo atrás no momento que a porta do banheiro se fechava em nossos rostos.

Eu não precisei respondê-la para ela entender.

— Benny... — Ela correu até a porta, a batendo. — Você está bem? Precisa de mim?

— Saiam daqui! — ele gritou — Me deixem em paz!

— Benny, você está bem? — Agatha continuou.

— Por favor, baby... Se afaste!

— Eu posso ajudar, me deixe ajudar...

Tentei puxar Agatha, mas ela recuou meu toque. Dei um passo para trás e Soraya deu dois. Não era que Agatha não obedecia o desejo de seu amigo e nós sim, era que ela sentia muito mais preocupação do que nós. Por mais que eu gostasse

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de Benny, eu não o amava como Agatha, e Soraya muito menos.

Nós nunca poderíamos julgá-la parada em frente a porta do banheiro e batendo inconsequentemente.

— Benny... — falou mais uma vez.

— Agatha, me deixe! — ele gritou forte e um estrondo em sequência foi ouvido.

Queria que fosse uma trovoada avisando da chuva, mas era a barriga dele.

Engoli em seco. Se fosse qualquer outro momento, seria uma piada. No entanto, era um tipo de ápice ao contrário. Era a fossa declarada. A merda exaltada. Literalmente — infelizmente.

Agatha deu um passo quase imperceptível para trás e nós três ouvimos o choro de Benny dentro do banheiro.

PERIGOSAS ACHERON

Meu coração se partiu e eu imaginava que Agatha não se importaria de ficar ao lado dele, chorando com ele, o apoiando. Provavelmente, era ainda pior para ela saber que não poderia ajudá-lo.

Ela não o tinha colocado em uma situação constrangedora porque simplesmente não poderia imaginar o que estava acontecendo, era pura e simples preocupação, no entanto, eu me sentia desconfortável por ela também.

Percebi que Agatha começou a se tremer e quando eu me aproximei, tocando a sua mão, ela não se esquivou, apenas me segurou forte, apertando.

Soraya se afastou, nos dando privacidade e eu puxei Agatha para nos sentar afastados da entrada do banheiro, dando privacidade para Benny também.

Nos sentamos no chão, voltados para o

PERIGOSAS ACHERON

quintal praticamente abandonado de sua casa. Não a abracei. Ela não chorou. Apenas encaramos um pedaço da grama do quintal e eu olhei para o cacto deixado ali, o meu presente para ela, provavelmente já esquecido.

— Vamos plantar flores — falei e nem eu mesmo sei o porquê.

Extra

Benny

Sentado no vaso, me senti

humilhado. Estar como eu estava me remetia a

uma passagem de *Ensaio Sobre a Cegueira* onde o

oftalmologista precisava de sua mulher para limpá-

lo quando ele já não enxergava e não achava

nenhum papel higiênico.

PERIGOSAS NACIONAIS

Aquela cena demonstrava a degradação do ser humano e, além disso, como éramos frágeis e, às vezes, necessitávamos de um outro alguém. Éramos seres incompletos, pequenos, frágeis demais mesmo em nosso habitat natural.

Eu me sentia assim.

Frágil demais. Quebrado demais.

Eu nem sequer podia fazer uma refeição completa, evitando exatamente isso. Passava o dia com algo em torno de seis refeições pequenas, necessárias, mas nunca pareciam o suficiente.

Estava em uma situação ridícula, onde era controlado e não controlava meus sentidos. Às vezes, eu fechava a porta de minha suíte para vomitar sem ser ouvido; outras vezes, como hoje, meu estômago mandava em mim; em mais umas eu sentia uma fadiga absurda, como se minha vida estivesse sendo consumida de mim, aos poucos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Talvez eu fosse um completo exagerado. Porém, não mentia sobre o cansaço que sentia. Ele me consumia. Eu sentia como se meu corpo não me aguentasse mais e eu me desculpava comigo mesmo. Me desculpava por estar fazendo aquilo comigo. Me desculpava por não aguentar. Me desculpa por não ser forte o suficiente. Me desculpa por, algumas vezes, sentir falta de tragar meu velho cigarro. Me desculpava por tudo.

Às vezes, eu chorava. E me desculpava por chorar.

Eu estava uma completa tragédia. Bagunçado, cansado, me sentindo humilhado por uma dor de barriga mais forte que eu.

Agora, era um dos momentos que eu chorava. Não conseguia controlar as lágrimas que desciam do meu rosto e me sentia péssimo por elas. Quando eu saísse do banheiro, meu rosto estaria

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vermelho e provavelmente inchado, não deixando que eu fingisse que não chorava.

Não teria desculpas para a minha aparência e não sabia se, nesse ponto, queria ter.

Sendo assim, quando sai do banheiro após um banho e usei uma toalha que provavelmente tinha sido esquecida naquele banheiro onde ninguém tomava banho, caminhei em direção ao quintal encontrando Agatha e Chris cuidando do jardim.

Eu nem sabia que Agatha tinha jardim.

— O que vocês estão fazendo?

Ela levantou seus olhos em minha direção, no entanto, diferente do que eu pensava, não se levantou correndo para saber como eu estava, apenas sorriu.

— Cuidando das plantas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você nem gosta disso — comentei.

— Não custa começar um hobby novo. — Chris deu o seu sorriso descompromissado de sempre e foi ele quem andou em minha direção e passou um braço por meu ombro. — Você está bem?

— Estou — respondi tão baixo quanto ele perguntou. — Quero ajudar nesse jardim aí.

Chris bateu em meu ombro e me puxou para o jardim. Felizmente, nem um dos dois perguntaram mais nada e me deixaram ajudar como eu podia. Pouco tempo depois, Soraya apareceu e jogou algumas almofadas no chão antes de se sentar. Ela tomava um sorvete e sorria.

Gesticulei para ela.

— Você deveria nos ajudar!

— Estou impossibilitada. — Ela me deu

PERIGOSAS ACHERON

língua.

— Por que está grávida?

— Porque estou tomando sorvete.

Eu ri e me sentei na grama. Era claro que Agatha não a adorava, nutria apenas um respeito por ela esperar um filho de Chris, porém, eu não me mentiria em dizer que nos últimos dias ela tinha sido uma das minhas melhores companhias.

Não era como se ela me entendesse, mas o fato que ela me contou de a mãe dela ter morrido com câncer fazia com que ela não me visse como um coitado e não me tratasse de maneira diferente. Eu continuava o mesmo e me sentia o mesmo com ela.

Era uma boa garota que não causava problemas ou transtornos, mas eu tinha que estar ao lado de Agatha e entendia que era melhor que ela desse à luz o quanto antes e fosse embora.

PERIGOSAS NACIONAIS

Minha amiga colocou sua mão em meu braço e eu a encarei com o cenho franzido.

— Me desculpe — ela me disse, em um sussurro.

— Não há porquê.

Ela abriu sua boca, mas antes que falasse qualquer coisa apontei para uma parte da grama que cavávamos.

— Vamos continuar cuidando apenas disso, certo?

Agatha entendeu. Entendeu que eu não queria conversar. Entendeu que, naquele momento, eu preferia fazer alguma coisa do que pensar em coisas demais.

Estávamos cuidando do jardim com o que tínhamos na casa. Ao menos hoje eu tinha algum propósito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Hoje eu estava vivo. Hoje eu estava em pé. A minha existência importava e não a usaria para chorar.

PERIGOSAS ACHERON

XXIII

Agatha

No dia seguinte, eu estava em pé o quanto antes. Benny tinha uma sessão de quimioterapia e precisaria de mim. Por isso, me levantei antes de todos para adiantar tudo.

Nunca fui a pessoa mais pontual do mundo, no entanto, naquele dia sentia que precisava ser. Fiz o café e coloquei algumas coisas prontas sobre a mesa. Nesses últimos dias eu estava tentando

cozinhar. Ontem, eu estava na cozinha antes de ouvir Benny e Soraya chegarem. No entanto, o bolo que estava tentando fazer, solou.

Hoje, me contentava apenas em fazer o café e cuidar de arrumar a mesa.

Chris foi o primeiro a levantar e quando me encontrou na cozinha, ainda fazendo o café, me deu um beijo no ombro.

— Você levantou tão cedo...

— Você nem sentiu minha falta ao seu lado.

— Senti. Claro que senti. — Eu ri e ele continuou: — Qual a ocasião especial?

— Quimioterapia — comentei.

— Ah. — Foi tudo que Chris falou por um momento, me apertando em volta de seus braços antes de dizer: — Ele vai conseguir.

Era uma fala genérica, que eu acreditava que

dizia mais do que ele vai conseguir hoje e sim que ele vai conseguir vencer, de modo geral.

— Vai — foi o máximo que consegui responder antes que Benny aparecesse na cozinha.

— Baby fazendo café! — observou — Está congelando no inferno!

Revirei meus olhos e me afastei do abraço de Chris.

— Eu faço um bom café. Me respeite!

— Será? — Meu amigo arqueou uma sobrancelha.

— Você já experimentou... Está inventando que história?

Benny riu.

Soraya que eu só percebi naquele momento, murmurou, de maneira educada, aparentemente sem querer se meter na minha conversa com meu

PERIGOSAS NACIONAIS

amigo:

— Sempre tive a ideia que o inferno já é gelado.

Mesmo falando baixo, Chris também a ouviu.

— Inferno gelado? Por quê?

— Você já parou para pensar que a única coisa que falamos mal sobre o calor é o do sol? Mas, de resto, ele normalmente é bom. Ele é aconchegante, é “quentinho”. Já o frio é sempre pejorativo. Até dizer que uma pessoa é fria é ruim.

— Tem lógica. — Benny levantou um dedo apontando para a garota e caminhou em minha direção aceitando o café que eu colocava em uma caneca.

— O inferno é congelante — Chris começou — e o céu é aconchegante.

PERIGOSAS ACHERON

— Meu Deus. — Benny quase cuspiu seu café. — Isso tudo para rimar, pobre Chris?

Chris riu e estendeu seus braços.

— Foi sem querer.

— Tem lógica mesmo — comentei. — Mas acho que a ideia de inferno quente e céu gelado é apenas por alguma teoria das cores. Vermelho tanto pode ser paixão, quanto intensidade, maldade. O gelo é transparente, mas pode ser descrito também como o branco da pureza.

Soraya colocou uma mão em seu queixo.

— É... agora você acabou com minha teoria.

E riu. Nem sua voz nem sua postura demonstravam tensão ou irritação.

Merda! Chris tinha razão. Ela era genuína.

Não demoramos muito na cozinha, o
PERIGOSAS ACHERON

momento de conversa foi apenas para relaxar um outro que viria e todos nós sabíamos.

Benny, dessa vez, não deixou que eu estivesse com ele na quimioterapia e preferiu ficar sozinho. Admiti que a única coisa que fez a minha mente tranquilizar e sair um pouco do foco Benny-químio-e-doença foi Soraya.

Chris teve que trabalhar em algumas coisas relacionadas ao teatro e me deixou sozinha com a menina. Sendo assim, nós não tínhamos nada para fazer. Porém, eu não a deixaria estragar meu dia e fui trabalhar, junto com ela. Não queria que ela ficasse sozinha, mesmo que dissesse que estava bem para seus seis meses.

Mesmo que seis meses não fossem oito, eu ficava preocupada. Eu nunca tive contato com uma mulher grávida para saber o seu nível de estabilidade e força. Achava, sinceramente, que

Soraya era de porcelana e por isso tinha mais cuidado do o necessário, mas, a própria, ou não se importava ou fingia não perceber.

Estava destinada a trabalhar apenas por poucas horas na manhã, mas, a única coisa que eu não tinha pensado era o que diria quando vissem Soraya. Seria sincera e falaria que ela esperava um filho de Chris? Mudaria de assunto? Mentiria? E quando me vissem com o bebê? Alguém me veria com o bebê?

— Que linda! — Jerry, o fotógrafo, foi o primeiro a vê-la.

— Obrigada. — Soraya sorriu e piscou enquanto apontava para a barriga. — Está falando dela, não é mesmo?

Jerry, levemente histérico como só ele poderia ser, gargalhou.

— Não, de você, boba. Dela também. Que
PERIGOSAS ACHERON

barriga linda.

— Obrigada e obrigada. — Soraya acenou.

— Veio para uma sessão de fotos? — Bateu palmas, provavelmente já animado, já que nunca tínhamos fotografado uma grávida na agência.

— Não, Jerry — intervim.

— Mesmo, Agatha? — Ele fez um beicinho.

— Mesmo. — Eu sorri e coloquei uma mão em seu ombro, o consolando.

— Má.

Ele revirou os seus olhos enquanto deu as costas para nós, não sem antes, era claro, acenar sorrindo para Soraya e sua barriga. Quando subimos, Victoria não esboçou nenhuma reação ao ver a menina do meu lado.

Após ela ter visto o vomito de Soraya acreditei que nada era mais justo do que contar que

ela esperava um filho de Chris, sendo assim, a minha secretária era a única pessoa na empresa que sabia sobre essa confusão.

— Bom dia, senhoras — foi tudo o que ela disse, me dando mais certeza sobre o porquê de tê-la contratado.

A menina era boa! Discreta, sensível, na medida certa.

— Bom dia, Victoria. — Acenei e abri minha sala.

— Comigo — Vi Soraya colocar sua mão sobre seu peito. —, só você mesmo. E obrigada por aquele dia.

— Que dia? — Victoria coçou sua cabeça e a outra menina sorriu.

Em seguida, Soraya acenou.

— Bom dia.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela entrou em minha sala e eu encostei a porta.

— Pode se sentar onde quiser. — Gesticulei para o sofá e a espreguiçadeira na varanda.

A menina se sentou no sofá e tirou seus sapatos. Seus pés estavam um pouco inchados. Ela os massageou.

— Tudo bem por aí? — quis saber.

— Tudo tranquilo.

— Quer alguma coisa? Água, suco?

— Não, obrigada.

Soraya praticamente se deitou no sofá e pela primeira vez que eu vi, tocou em sua barriga.

— Está se sentindo bem mesmo?

Ela acenou.

— Acho que você deveria comprar umas

PERIGOSAS ACHERON

roupas do bebê.

— Nem sabemos o sexo ainda.

— Pode comprar branco, amarelo... Sei lá. —
Deu de ombros. — Hoje em dia a cor também não
define tanto assim.

— Convenhamos, bebê é tudo igual. Se eu
colocar uma roupa rosa em um menino, juraram
que é uma menina. Vai ser confuso.

Ela riu.

— E você se importa com o que as pessoas
dizem?

Bem pensando. Não a respondi, mas acenei
de um lado para o outro.

— Depois de trabalhar por algumas horas,
iremos sair.

Soraya bateu palmas.

— Ótimo.

Agora, achava que ela estava em um complô junto com Benny para simplesmente para me tirar dos pensamentos do momento.

Se fosse isso, eles estavam conseguindo.

XXIV

Christopher

Menti para Agatha ao dizer

que ia trabalhar. Na verdade, eu

acompanharia Benny para o hospital. Ele tinha pedido para eu ir com ele, mas sem Agatha.

— Quando voltarmos, — eu comecei no caminho para o hospital — vou contar para Agatha que te levei para o hospital.

— Meu Deus, Chris. Você não consegue

guardar um segredo?

— Isso não é um segredo, é uma mentira.

— Você não mente?

— Não que eu me lembre.

Ele riu.

— Como assim? Você não se lembra de suas mentiras?

— Sei lá. — Dei de ombros. — Às vezes, eu falo que já estou saindo de casa, mas ainda estou deitado sobre a cama.

— Isso não é mentira. É sobrevivência básica.

— Sobrevivência básica? — Eu gargalhei e parei no sinal vermelho, encarei Benny que estava praticamente deitado no banco do carona. — Está se sentindo bem?

— Só cansado...

PERIGOSAS NACIONAIS

Perguntaria cansado de quê, no entanto, diante a situação atual, era lógico que ele estava mesmo cansado. Imaginava como era ter câncer e não o queria perguntar e soar insensível ou preconceituoso de alguma coisa. Porém, a dúvida passava por minha cabeça.

Será que havia manhãs que ele acordava bem, como se não houvesse nada de errado? Será que ele sempre se sentia meio mal? Será que quando ele sentia algum efeito colateral ele sempre sabia que era um efeito colateral?

— *Você* está bem? — Benny colocou uma mão em meu ombro e arranquei o carro quando o sinal abriu.

— Só... pensando.

— Certo... — Percebi que ele se mexia sem jeito dentro do carro. — O que é que você quer perguntar?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Só estava pensando em como você se sente.

— Estou bem, Chris. — Consegui ouvir o seu suspiro e olhando rapidamente para ele o vi passando sua mão em seu cabelo. — Eu não aguento mais responder isso! Eu não aguento mais que todo mundo a todo o momento querendo saber sobre mim.

— Só estamos preocupados, Benny.

— Eu também estou. Eu sou um homem adulto... Não sei se você ou alguém vê isso, mas eu sou. E eu sei sobre as minhas responsabilidades e eu também tenho meus medos.

Engoli em seco.

— Mas o que eu queria saber era como você se sentia de verdade.

— De verdade? Não é como todos querem

PERIGOSAS ACHERON

saber?

— Não sei... Algumas pessoas, não Agatha é claro, mas algumas só querem saber porque acham que devem saber ou devem perguntar.

— A maldita educação.

— É, a maldita educação que faz com que as pessoas sejam curiosas demais.

— Como eu estou, não é? — Ele parecia cuspir as palavras. — Eu estou cansado e me sentindo péssimo. Eu não estou gripado, não estou simplesmente ‘doente’. Eu estou com câncer. Às vezes eu levanto pensando que hoje eu posso morrer, do nada, mas você também pode. Isso não é mais uma sentença de morte, mas a forma como as pessoas olham para mim, a forma como me tratam, parece que sim.

— Benny... — Eu tentei falar que se ele não quisesse falar, não precisaria, mas não tive tempo,
PERIGOSAS ACHERON

ele falava.

— Se você hoje quer reclamar comigo de alguma coisa... Sei lá, porque deitei a toalha sobre o sofá, porque não dei descarga... qualquer coisa... você deixa de falar simplesmente porque eu sou o coitado que tem câncer. Se for para me odiar hoje, se for para me xingar hoje, por favor, não evite. Eu não quero que ninguém me veja como um pobre coitado. Isso sim é enlouquecedor. Isso sim que me tira do sério. Às vezes mais do que uma diarreia ou fadiga ou vomito ou sei lá mais que porra acontece.

Ele suspirou por um momento apenas para continuar:

— Eu amo Agatha. Demais, meu Deus! Mas o que antes ela não fazia, ela está começando a fazer. Ela se preocupa demais e não é saudável nem para mim, nem para ela.

— Você tem razão — comentei.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu vou sobreviver, Chris. Eu não sei por quantos anos, é claro. Mas eu vou. Tem pessoas que vivem com câncer por anos a fio. Deve ser difícil, é claro. Eu já tenho mais de oito meses nessa batalha, mas eu vou sobreviver.

Não sabia o que dizer além de:

— Eu sei que você vai.

— Obrigado pela consideração. — Ele novamente riu como se não tivesse dito nada do que disse anteriormente. — Agora, por favor, ligue o som do carro e mude de assunto.

— Você que manda.

Liguei o som e no hospital liguei para Ian. Não tinha ninguém melhor para mudar o astral de alguém do que ele.

PERIGOSAS ACHERON

XXV

Agatha

Fui arrastada para um shopping e nunca entrei em tanta loja de bebês como naquele dia.

Na primeira loja, acharam que Soraya e eu éramos namoradas; na segunda, irmãs; na terceira, perguntaram; na quarta, duvidaram; na quinta, amigas; na última, não falaram nada.

— Há alguns anos eu trabalhei — comecei para Soraya enquanto caminhávamos pelo shopping

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— para uma loja de roupas e, infelizmente, era exatamente igual. Nós sempre queríamos saber o que as pessoas que entravam na loja eram.

— Vocês julgavam as pessoas. — Soraya ria.

— Não julgávamos. Pré-julgávamos.

— Isso existe?

— Claro que existe... Eu acho. Deve ser algo como o pré-conceito que damos as pessoas antes de as conhecer.

— É, tem lógica. Mas por quê?

— Por que fazemos isso? — Ela acenou e eu continuei: — Porque somos humanos. Humanos tem pré-conceitos.

— Tem pessoas que não.

— Acho que todo mundo é um pouco curioso.

— Depende do nível. Às vezes usam da
PERIGOSAS ACHERON

curiosidade para serem preconceituosos de alguma maneira — ela disse e eu maneei minha cabeça de um lado para o outro.

Eu segurava algumas sacolas de roupas. Não quis comprar mais do que o necessário já que além de Chris não querer saber o sexo, eu não sabia se ele gostaria quando visse a quantidade de coisas que eu comprei sem ele.

— É, tem lógica — repeti o que ela tinha dito e encarei meu relógio.

— Preocupada com Benny?

— Um pouco, mas sinto que ele está bem. — Passei uma mão em meu cabelo enquanto as sacolas escorriam pelos meus braços com suas alças. — Primeiro acreditei que Chris iria trabalhar, mas pensando um pouco, acho que ele não só levou Benny para o hospital, mas pelo visto ficou por lá.

— E isso te incomoda?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não — admiti. — Foi bom passar o dia com você. — Encarando a sua barriga questionei: — Posso?

Ela entendeu e assentiu, confirmando. Toquei em sua barriga por mais tempo do que pensava em fazê-lo. Eu acreditava que nunca tinha tocado em uma barriga de grávida antes. Era dura e o bebê nesse momento, chutava. Era incrível, melhor do que eu tinha pensado.

— Eu logo, logo vou embora, Agatha — ela me disse, me olhando.

Estávamos caminhando devagar para a praça de alimentação, para comermos alguma coisa antes de irmos embora.

— O que você quer dizer com isso?

— Que em mais ou menos três meses você não terá que se preocupar comigo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Só com um bebê.

— Só com um bebê — ela concordou.

Nós nos sentamos em uma mesa e eu coloquei todas as sacolas em uma cadeira separada.

— Eu não te detesto, Soraya — fui sincera.
— Apesar de tudo, eu não te detesto e não tenho qualquer intenção de te desrespeitar. Mas, sinceramente? Eu nem sei se eu espero que esses meses passem tão rápido assim.

— Você não sabe se quer ser mãe?

— Eu nunca quis ser mãe — outra admissão, essa mais pesada.

— Mas você ama o Chris — pela primeira vez eu reparei em seu sotaque meio carioca e a sua mania de linguagem ao usar o artigo antes de um nome.

— Sim — mais uma admissão, essa mais

PERIGOSAS ACHERON

leve.

Percebi que era fácil conversar com Soraya exatamente porque ela iria embora. Ela era como uma desconhecida, da qual eu poderia conversar e dizer qualquer coisa sobre a minha vida, no entanto, ela não teria tempo para me julgar porque estaria longe demais em breve.

— Me pai virá me buscar depois do parto —
Soraya também soltou sua própria admissão.

— Você então contou de sua gravidez?!

— Pois é, contei. Ele quis me xingar, me chamar de irresponsável, idiota, mas percebi que no fim engoliu suas palavras e percebeu que o amor que sentia por mim era maior que a sua vontade de me deserdar.

Soraya encarou as sacolas antes de continuar e gesticulou para a sua barriga:

PERIGOSAS NACIONAIS

— Apesar disso, eu acredito no amor. Acredito que ele supera algumas coisas.

Eu ri.

— Você seria a puta em qualquer outro contexto.

A própria, com seu humor estranhíssimo, também riu.

— Em outro e neste contexto também. Mas, às vezes, o amor dá oportunidade para que as pessoas possam enxergar as outras pessoas a sua volta como elas realmente são e não sempre como pedras pelo caminho... Ainda bem que você não me viu como uma pedra.

— Você está apenas se chamando como pedra para não falar puta?

Ela gargalhou.

— Me deixei me chamar de pedra!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Puta é mais clássico e direto ao ponto.

— Ofensivo.

— Clássico.

E passamos o resto da tarde sem eu saber definir se era boa, ruim ou constrangedora.

Quando voltamos para a minha casa, não encontramos ninguém nela e eu decidi ligar de uma vez para Benny.

— Ainda no hospital — ele me disse, assim que me atendeu no terceiro ou quarto toque.

— Com Chris?

Ouvi o seu suspiro profundo.

— Ele foi trabalhar.

— Claro.

— Ninguém te engana?

Eu ri.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sei que ele não te deixaria no hospital sozinho.

— É, é verdade. Sim, estou com Chris e Ian.

— Bem acompanhado então — falei. — Suponho que não está precisando de mim.

— Não se preocupe — foi a sua forma de dizer não, que não precisava de mim.

— Você já sabe o que eu vou fazer sem você, não é?

— Se eu fosse você, eu encheria a cara; mas você sendo você, eu diria que você colocará um filme triste para chorar pela minha falta.

Eu gargalhei.

— Ainda bem que eu sou mais você do que essa versão que você fez de mim — disse e continuei: — Na verdade, acho que você é a minha versão masculina... Gosta até de homem também!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Dessa vez, ele quem gargalhou.

— Se embebede por mim, baby.

Eu sorri, mesmo que ele não visse.

— Beberei.

Ficamos por um momento na linha, ouvindo a respiração do outro.

— Eu estou bem, Agatha. Eu estou bem.

— Eu sei. — Eu queria acreditar.

PERIGOSAS ACHERON

XXVI

Christopher

Oito meses. Soraya estava

com oito meses. Ela continuava falando pelas semanas, porém eu nunca conseguia fazer a conta rápida o suficiente, sendo assim, no fim, ela apenas me dizia quantos meses — como se eu não soubesse.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Precisamos conversar — eu falei com Agatha, no jardim de sua casa, que, dessa vez, parecia um jardim de verdade.

— Nunca é coisa boa...

Eu sorri.

— Não é uma coisa ruim também...

— O que é?

— Eu preciso organizar o quarto do bebê.

— Sim...

— E eu preciso saber onde fazer isso. — Eu estava sentado, no meio da grama e ela de joelhos, cortando algumas ervas daninhas.

Seu olhar subiu para encarar o meu.

— Como assim?

— Eu preciso saber em qual casa, Agatha. Eu já não durmo na minha há semanas e Soraya dará à

PERIGOSAS ACHERON

luz em menos de um mês.

Ela acenou.

— É verdade. Acredito que é o momento certo.

— Para quê? — Franzia meu cenho.

— Para morarmos juntos, Chris. — A Ruiva balançou sua cabeça por um momento. — Aceita morar comigo?

— É sério?

— Sim, eu, você, um bebê e Benny... Se não é a família perfeita?

Eu gargalhei e a abracei. De joelhos, ela caiu sobre meu colo.

— Você está falando sério?

— Sim, Chris. Deveríamos.

Agatha se sentou em meu colo e nós

PERIGOSAS NACIONAIS

estávamos uma mistura de grama e sujeira.

— Sabe o que deveríamos fazer hoje? —
questionei, a apertando entre meus braços.

— O quê?

— Um jantar.

— Com Benny indo e vindo para o hospital e Soraya com oito meses?

— Ian e Júlia dão conta. Um educador físico e uma médica. Perfeito, estamos bem!

Ela riu.

— Tem certeza que eles aceitarão?

— Não tem por que não aceitar. Nem Benny ou Soraya são bebês, não darão trabalho. Ian e Júlia irão basicamente assistir filmes e pensar em transar em nosso quarto.

— O quê? — Ela praticamente gritou e eu gargalhei.

PERIGOSAS ACHERON

— Babás de filmes são sempre inconsequentes assim.

— Felizmente confiamos neles, não é?

— Claro, claro. — Eu pisquei e Agatha deu um tapa em meu ombro.

Agatha trabalhou ao longo do dia e eu ensaiei para uma peça que aconteceria em alguns meses. Meu personagem não era o principal, então eu não tinha muitas falas, com isso, em meio ao desenrolar das situações eu consegui gravar todas as minhas poucas falas e ainda consegui um trabalho em uma agência.

Nesse momento, não poderia desperdiçar nenhum trabalho. Precisava pensar no bebê.

No fim da tarde estava livre e tinha marcado com Agatha em minha casa em um par de horas,

porém, eu não tinha feito jantar algum, mas, a minha geladeira e despensa estavam cheias.

Pesquisei algumas receitas simples na internet e tentaria fazê-las. Hoje seria um dia especial, não poderia cozinhar qualquer coisa e nem pedir qualquer coisa. A casa estava limpa, mas eu aproveitei para varrê-la mais uma vez.

Agatha já tinha a visto, no entanto, foi apenas por um momento. Não queria que ela tivesse uma má impressão da minha casa. Ri comigo mesmo, enquanto colocava uma toalha de mesa sobre a própria.

Não deixava de cuidar da cozinha. Ocasionalmente, olhava o relógio. O porteiro já estava ciente da visita de Agatha, sendo assim, a qualquer momento a campainha poderia tocar.

Eu queria ter uma flor para a dar, mesmo que ela não gostasse de flores, mesmo que fosse

puramente simbólico.

Enquanto terminava de cozinhar sem jeito e pensava na flor que não tinha, a campainha tocou.

Eu vestia apenas uma bermuda quando abri a porta e encarei a Ruiva. Ela usava um de seus típicos saltos altos, mas, diferentemente de outros momentos, vestia um short jeans em um tom de marrom e uma camisa de mangas compridas que estava modelando seu corpo.

— Gostei dessa camisa. — E passei minhas mãos em meu corpo.

Ela revirou seus olhos.

— *Collant* ou *body*, querido.

— Não é uma camisa de todo o jeito?

— *Collant* é *collant*.

— E esse short é uma bermuda? — Eu pisquei e ela voltou a revirar seus olhos.

— É um short.

— Você não tem muitos.

— Não uso muitos.

— Por quê? — Ela entrou em minha casa e eu tranquei a porta.

— Porque não tenho momentos propícios para usar shorts curtos.

— Não é tão curto assim... — comentei enquanto ela deixava sua bolsa sobre meu sofá e seguia para a cozinha, balançando sua bunda no percurso.

— O que você define como curto?

— Mostrar pouca da bunda.

Ela virou sua cabeça para encarar sua bunda, mas seu short estava praticamente na metade de suas coxas.

— Não se preocupe — comentei —, se
PERIGOSAS ACHERON

estivesse mostrando sua bunda, eu diria que você está gotosíssima.

Minha Ruiva sorriu enquanto prendia seu cabelo.

— E agora, não estou gotosíssima?

Me aproximei e passei uma mão em seu quadril, a puxando mais para mim. Cheirei seu pescoço e inalei seu cheiro.

— Gotosíssima — a confirmei.

— Sim, — Ela me empurrou para trás, mas ainda continha um sorriso em seu rosto. — o que temos para comer?

Depois de jantarmos e descansarmos dele, mostrei a Agatha todo o apartamento.

— É bem bonito.

— Demais, não é? — Passei uma mão na

PERIGOSAS ACHERON

outra.

Ela encarou a minha cama.

— Você tem certeza, Chris?

— De quê? — Coloquei minhas mãos em sua cintura e me aproximei por trás, sentindo seu cheiro.

— De ir morar comigo. Você gosta daqui, não gosta?

— Amo meu apartamento — afirmei e a virei para mim —, mas amo ainda mais você e meu futuro filho. Eu preciso dar uma estabilidade para ele, emocional, financeira.

— E vai suportar viver em outro lugar, se não o seu apartamento? Viver com Benny também?

— Eu adoro a sua casa. É um pouco mais longe do teatro, mas eu tenho carro e é caminho do hospital. Claro que quero que Benny se livre desse

maldito câncer, mas enquanto ele a tem, posso ajudá-lo. O adoro, você sabe.

— Mas morar com ele pode ser demais para você...

— Benny é um cara tranquilo. Tenho certeza que se eu falar para ele me dar um tempo, ele me dará sem se sentir magoado.

Ela riu e maneou sua cabeça de um lado para o outro.

— É, ele não é muito sensível quanto a isso.

Acompanhei seu riso.

— Viu? Ele é tranquilo, eu sou ótimo, você é minha mulher e em breve teremos um bebê... Tudo perfeito.

Nesse momento, ela gargalhou.

— Você fala como se eu fosse dar à luz.

Minha Ruiva se sentou na cama e me sentei

PERIGOSAS ACHERON

ao seu lado.

— Eu sei que isso tudo é demais para você também, mas você já sabe o que penso, não é? Você tem toda a liberdade para dizer que não aguenta mais. Eu sei que o filho não é seu, porém se você permanecer junto a mim é natural que ele cresça o vendo como uma mãe.

— Eu sei — ela admitiu. — Mas se estou o convidado para morar comigo e ter um quarto para a criança, é porque estou disposta a tentar. Desculpe Chris, mas não posso prometer que aceitarei viver assim para sempre, não o estou pedindo em casamento, não é até que a morte nos separe, no entanto eu entendo a responsabilidade de agora e a aceito.

— Tudo bem, Agatha. — Acenei e olhei ao redor. — Acho que, de toda a forma, arrumarei um quarto para o menino.

Ela não pareceu ofendida, apenas comentou com um riso:

— Nascerá uma menina.

— Já disse que pode ser também...

— Sei. — Fez um beicinho.

— Juro!

— Não tem preferência para um menino?

— Acredito que é mais simples, mas não tenho preferência.

— Mais simples a criação? — Eu acenei confirmando e ela continuou: — A de uma menina pode ser simples também. É você quem define a criação de seu filho.

— Mas menino não menstruará.

— Não é tão complexo assim, Chris. Acontece uma vez por mês, em um período de uma semana.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não sei se sei explicar isso para uma menina. — Segurei seu rosto. — Ainda bem que você está comigo, não é?

Minha Ruiva sorriu.

— Maneire a pressão para mim. Eu sou um desastre com crianças.

— Tudo bem, eu também sou.

A beijei, querendo deixar aquele assunto de lado. Não precisávamos conversar mais sobre isso, afinal, viveríamos essa realidade em breve e mesmo que Agatha não estivesse ‘me pedindo em casamento’, como ela falava, ela estava comprometida a tentar, já era um começo.

Não era juras de amor. Era de realidade. Era do que ela poderia dar, do que tentaria dar. E eu aceitava. Aceitava como se fosse um pedido de casamento. Aceitava como se fosse juras de amor eterno, porque, para mim, era melhor que isso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Era verdadeiro. Era real.

PERIGOSAS ACHERON

XXVII

Agatha

Seu beijo me distraiu de qualquer amenidade que eu pudesse vir a pensar. Com ele, com o toque de seus lábios, eu pensava apenas no momento, no desejo que sentia por ele, no amor.

Eu estava além de apaixonada por Christopher Tyler, o garoto dos olhos âmbar, tão

PERIGOSAS NACIONAIS

escuros que pareciam a todo o momento desvendar a minha alma. Eu já não conseguia negar. Eu queria negar?

Deixei minhas mãos repousarem em seus ombros largos, apertando um pouco com minhas unhas. Sem eu perceber direito ele afastou sua boca da minha e já estava puxando o meu short para baixo, me deixando, como sempre, exposta para ele, enquanto ele continuava parcialmente vestido.

Ele jogou meu short em algum canto de sua sala, e olhou para todo o meu corpo com aquele seu sorriso presunçoso.

Agora eu estava apenas com meu *body* e um salto alto. Devagar, beijando cada parte do meu corpo, ele me despiu do *body*.

Eu estava completamente nua na frente daquele garoto, com minhas pernas o puxando para mim.

PERIGOSAS ACHERON

Beijei seu pescoço e Christopher gemeu, suas mãos apalparam minha bunda. Dessa maneira, ele me colocou no meio de sua cama e se afastou de mim para tirar sua única peça de roupa.

Christopher não deixou de me olhar enquanto tirava sua bermuda, devagar, descendo o zíper em uma lentidão de outro mundo. Seus olhos pretos me levavam à outra dimensão. Mordi meu lábio inferior e me levantei da cama. Eu podia imaginar que meu olhar estava completamente devasso. Chris parou de abrir seu zíper, afastados suas mãos do mesmo, quando eu me ajoelhei na frente dele e eu mesma terminei de abrir aquele bendito zíper.

Sua bermuda veio ao chão em segundos, e suas pernas afastaram a bermuda para longe, deixando-o sem nada. Me levantei um pouco e beijei seu pescoço, ele estremeceu e colocou suas mãos em meu cabelo, enquanto fazia um tipo de

PERIGOSAS NACIONAIS

cafuné. Sentia falta desse seu toque misto. Amor com tesão.

Beijei mais um pouco seu pescoço e o mordisquei, descendo para seu ombro e fazendo o mesmo. Sem pressa alguma fui descendo, beijando e lambendo seu corpo pelo caminho. Chris gemia baixinho o que me deixava ainda mais excitada.

Beijei seu peito, depois os gominhos de sua barriga. Passei minhas mãos nas suas costas o arranhando enquanto descia pelo seu corpo delicioso.

Enfim cheguei ao querido 'caminho da felicidade', com uma leve penugem que eu já estava acostumada, da qual eu passei meus dedos e que, com certeza, aquele "caminho" seria meu maior prazer do dia.

Tirei uma das minhas mãos que estavam em suas costas e me ajoelhei novamente no chão.

PERIGOSAS ACHERON

Seu membro estava totalmente ereto, como eu podia imaginar. Chupei sua glândula e Christopher gemeu mais alto dessa vez. Segurei sua bunda com uma de minhas mãos e com a outra massageei suas bolas.

Depois de chupar um pouco mais sua cabeça, enfiei tudo em minha boca.

— Ruiva! — Christopher gemeu e se eu não estivesse com seu pau todo em minha boca, eu riria.

Continuei nesse processo, o levando todo e saindo, chupando como sabia, como sentia que ele correspondia mais. Aumentava meu ritmo e diminuía. Chupava sua glândula tanto quanto a lambia. Ele, por sua vez, estremecia.

Suas mãos afagaram meu cabelo, me afastando delicadamente de seu membro. Continuei de joelhos, até Chris pegar meus cotovelos e me levantar, deitando-me novamente no meio da cama.

— Ruiva... — Parecia que ele não havia passado nem um dia distante de mim, porque me lembrava dele sorrir exatamente daquela maneira, mexendo o cabelo exatamente daquele jeito, assim, tantas outras vezes antes.

A sua forma de falar, mesmo tão parecida com outras tantas vezes, me causou um ardor ainda maior entre minhas pernas com o pensamento dele dentro de mim, sem nada que nos dividisse.

E como se estivesse em minha mente, ele sorriu de canto, presunçoso e delicioso...

Devastador.

XXVIII

Christopher

*Desci minha mão para entre
suas pernas, a sentindo úmida, já
esperando por mim.*

Com isso, sem esperar mais eu enfiei meu pau em sua entrada. Gememos em uníssono quando eu aos poucos comecei a colocar mais e mais. Ela era perfeita. Completamente. Nossos corpos se encaixavam de um jeito surreal.

Eu podia dizer que eu fervia. Ela me

PERIGOSAS ACHERON

devastava. Seu corpo era tudo que eu precisava e tudo que eu queria.

Apoiei meus cotovelos na cama e Agatha enfiou seu salto em minha bunda, salto do qual eu tinha esquecido que existia. Mas foi bom *pra* caralho senti-lo em mim. Eu sabia o quanto saltos poderiam ser sensuais, mas usando daquela forma era ainda mais. Já tinha me esquecido daquela sensação de seus saltos, da presença deles daquela maneira.

Comecei a mexer com mais rapidez e degustando cada segundo de seu corpo. Agatha arranhou minhas costas com suas unhas e gemeu um claro pedido de mais.

— O que você quer, Ruiva? — sussurrei diminuindo o ritmo e fazendo Agatha se remexer embaixo de mim.

— Rápido Christopher! — ela pediu — Me
PERIGOSAS ACHERON

foda rápido!

Sorri e meti o máximo que conseguia dentro dela. Ainda faltava mais, então segurei uma coxa de Agatha e levantei um pouco mais, enfiando o resto sem pressa, para sair e entrar fundo novamente.

Agatha gemia sons irregulares e eu não ficava atrás. Meu gemido saiu entrecortado e gutural quando eu comecei a foder o mais duro que podia naquela posição e a cama começou a ranger.

— Deus! — Minha Ruiva estremecia.

Eu esquentava, fervia, ardia. Qualquer coisa relacionada ao fogo tinha a ver com aquela sensação de senti-la por completo.

Agatha continuou com suas mãos em minhas costas. Amanhã eu teria marcas vermelhas provocadas por suas unhas. Me inclinei mais, deixando meu corpo sobre o de Agatha enquanto

PERIGOSAS ACHERON

me mexia. Nossos corpos eram uma mistura inebriante de prazer e suor.

Senti os mamilos duros de Agatha roçarem meu peito com os movimentos que fazia. Era uma delícia senti-la tão perto de mim.

Agatha se remexia embaixo de mim, mas eu não dava muita oportunidade para ela se mexer porque eu estava dando estocadas rápidas. Ela gemia, estremecia, me arranhava, chamava meu nome, sussurrava coisas incoerentes e voltava a fazer tudo de novo.

— Foda! — Eu tinha plena consciência de que tudo que eu dizia era, de certa forma, incoerente, mas eu não estava sendo completamente coerente desde o primeiro dia que eu a conheci.

A cama não parava de ranger e nós não parávamos de gemer. Minhas estocadas se tornaram

cada vez mais frenéticas e nossos gemidos se misturavam quase em um só.

— Christopher! — ela praticamente gritou fazendo todo meu corpo estremecer ao ouvi-la gritar meu nome.

Coloquei uma palma na cama e outra na coxa de Agatha, me dando mais espaço para tirar e penetrar toda minha extensão novamente. Os seios de Agatha balançavam com meus movimentos e eu abaixei minha cabeça, abocanhando um de seus mamilos, que em meus lábios ficaram ainda mais duros.

Chupeí seu mamilo e o mordisquei, deixando minha barba roçar em seu seio, Agatha colocou uma de suas mãos em meu cabelo que estava espalhado, e o puxou de leve, me fazendo gemer em seu mamilo, mas sem tirar minha boca dele.

Eu não demoraria muito mais e achava que

PERIGOSAS NACIONAIS

Agatha também não. Mordi um pouco seu mamilo e fui até o outro, sem negligenciar nada referente a seu corpo.

Ela gemeu em meio ao seu corpo que estremecia e, pouco depois, quando parei de chupar seu mamilo, senti que meu clímax estava bem mais perto do que gostaria, porém, essa noite estava apenas no começo.

— Ruiva! — Gemi sem parar de dar rápidas estocadas.

— Christopher! — Mesmo já tendo atingindo o seu próprio clímax, Agatha gemeu entre sussurros e respirações ofegantes.

Minha respiração entrecortada se tornou sem fôlego e deixei meu corpo deitar sobre o dela enquanto aproveitava a minha própria onda de prazer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

XXIX

Agatha

Trinta e seis semanas.

Exatamente nove meses. Eu encarava

Soraya e sua enorme barriga.

— Tem certeza que você não sente nada?

Ela sorriu e eu afofei as almofadas embaixo de suas pernas.

— Não, nada diferente do usual. Além de muito peso. Deus, como é difícil andar!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não se incomoda em ter engordado?

— É por uma boa causa, então não me incomodo.

— Isso é bom. — Acenei e encarei minhas unhas. — Apesar de tudo, nenhum de nós quer seu mal.

— Eu sei, Agatha. Se quisessem isso, eu tenho certeza que não estaria mais aqui há muito tempo.

— É verdade — comentei me ajustando ao lado dela no sofá. — Em alguns dias, hospital.

— É, hospital... Será que meu período está normal?

— Período de quê?

— Para o parto.

— Eu pesquisei na internet sobre isso, você não? — Era uma retórica, sendo assim, continuei:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— De acordo com a Organização Mundial de Saúde, a data provável do parto é calculada para quarenta semanas após o primeiro dia da última menstruação. Um bebê que nasce antes de trinta e sete semanas é considerado prematuro e, após a quarenta e dois, pós-termo.

— Meu Deus. Você gravou o que leu da internet?

— Sim. — Dei de ombros, mas sorri. — Acredito que ele nasce em trinta e sete certinho.

— Ele?

— Só modo de dizer. — Levantei meus braços.

— Sério? Não pensa que é ele?

— Não tento pensar sobre isso. Agora estou focada em organizar seu parto.

— Não está tudo certo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está, mas nunca confio plenamente em algo que não é feito por mim.

Soraya riu alto.

— Eu, que sou eu, não estou com medo.

— Nenhum pouco?

Franziu seu lábio.

— Não exatamente. Acredito que sentirei mais no momento, ainda parece distante demais, mesmo com essa barriga.

Eu sorri.

— Tudo ficará bem. — Queria acreditar no que eu mesma dizia.

Soraya acenou e sobre ela eu não me preocupava. A sua gravidez estava tranquila. O bebê estava saudável e ela tanto quanto. Porém, o que me levava a pensar era exatamente o depois. Como eu reagiria quando o bebê nascesse? Será

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que eu saberia sequer carregá-lo? Será que eu me sentia bem em ter aceitado Chris em minha casa junto com um bebê que não era meu filho? Será que eu estava fazendo certo? Será que eu estava colocando a minha relação com Chris a risco?

Eu deveria ter feito algum curso para aprender a colocar fralda! Deveria ter lido livros sobre como ser uma boa mãe — madrastra; eu sei lá. *Alguma coisa!* Eu não me sentia preparada para isso.

Eu tinha conseguido criar uma agência de modelos do zero a estabilidade. Conseguia ter uma boa renda fixa em um trabalho que não era estável para a maioria dos meus concorrentes. Conseguia pagar um salário de alguns funcionários fixos. Conseguia pagar a alguns prestadores de serviços.

Consegui até mesmo estabilizar o meu emocional depois de todo o meu casamento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

No fim, eu consegui muitas coisas, eu sabia que sim. Porém, somente em pensar em colocar o bebê em meu colo, eu me sentia errar. Havia como errar em carregar no colo? Provavelmente. E eu não sabia qual seria meu erro.

Cuidar de números, funcionários e contratações era simples, objetivo e estatístico. Cuidar de um outro ser humano? Esse seria meu maior desafio.

— Você está bem? — Soraya colocou uma mão em minha testa. — Está suando frio.

— É só...

— Nervoso? — Ela completou quando eu não conseguia.

— Um pouco de tudo. Acho que estou hiperventilando.

A menina riu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo bem, é natural a tensão antes de ser mãe. Às vezes, o melhor a fazer é respirar fundo.

Eu a encarei, acreditando que ela estava brincando comigo, porém, quando a vi de olhos fechados e realmente respirando fundo, estranhei.

— Você está falando sério?

Ela abriu só um olho.

— Você acha que não? Agatha, você não tem noção de quantas vezes me falaram isso. Detalhe: eu não tinha pedido a ajuda de ninguém. Acho que as pessoas pensam que todas as grávidas são loucas e necessitadas de atenção e ajuda.

— Não tenho como saber qual é esse sentimento. Normalmente as pessoas não se sentem à vontade comigo, então, nunca falam demais.

— Você tem sorte. Elas não te incomodam.

— Realmente, tem sua vantagem...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas, — Ela levantou um dedo. — estou falando sério sobre respirar fundo. Ajuda, de verdade. Nem tudo que essas pessoas aleatórias falam é mentira.

— Tá de brincadeira que você quer que eu comece a respirar fundo em um dia completo de caos e trabalho com Chris levando Benny outra vez ao hospital sem mim?

— Sim. Respire. Fundo.

Pensei em discutir ou levantar e ir para o meu quarto, mas lembrei de meu combinado com Chris; eu cuidaria de Soraya e ele de Benny. Porque quando fosse o período de parto, ele ficaria com ela e qualquer coisa que Benny precisasse ficaria por minha conta.

No fim, respirei fundo, porém, em meu terceiro suspiro para eliminar a tensão, Soraya gritou e segurou minha mão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Minha bolsa estourou!

PERIGOSAS ACHERON

XXX

Christopher

Os resultados dos testes de Benny não apresentaram nenhuma melhora. Ele continuava com câncer e continuaria fazendo os exames e a quimioterapia.

Dentro do hospital, esperei que ele esbanjasse alguma expressão, mas ele continuou sério. Na verdade, eu acreditava que nunca o tinha visto tão sério. Não era uma expressão que

PERIGOSAS NACIONAIS

demonstrava tristeza, era uma expressão que não demonstrava nada.

Seus ombros estavam rebaixados, mas sua cabeça tinha postura, ele encarava pontos fixos a sua frente enquanto caminhava.

Poderia dizer que ele carregava a dor do mundo. Nunca pensei que veria alguém carregar tanto peso como ele. Nunca pensei que era possível carregar tanto peso.

Fora do hospital, ele caminhava encarando o céu. Não falava nada, continuava sem demonstrar nada.

Não o perguntaria se ele estava bem, mas o que eu faria então? Nada? Me manteria a segui-lo até o carro?

— Eu quero Agatha. — Foi o que Benny falou assim que deixou de olhar para o céu e me encarou.

PERIGOSAS ACHERON

Eu o entendia, de certa forma. Ele sabia que eu não poderia ajudá-lo nesse momento, mas ela sim. Seja pela sensibilidade, seja pela amizade deles. Eu não deveria estar com ele naquele dia, para aquela notícia.

— Tudo bem. — Acenei e já não sabia como completar aquilo.

Ofereceria um abraço? Deixaria que ele me socasse para esbravejar? Gritaríamos assim que entrássemos no carro?

Pois é. Talvez Agatha soubesse o que fazer; eu, por outro lado, não fazia ideia.

— Queria te ajudar — admiti assim que nós nos aproximamos do carro. — Queria saber o que fazer. A cada passo que dou penso em como te ajudar, em como mostrar alguma cumplicidade.

Ele parou de andar e eu também. Me encarou, mas não sorria. Eu olhava para o resto do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Benny de sempre. Uma versão obscura daquele homem sempre tão alegre.

— Chris, você está no hospital comigo há mais de três horas.

— E daí? — Abri meus braços.

— Algumas pessoas não esperariam nem três minutos. — Ele franziu seus lábios e bateu em meu ombro. — Eu sei que você se importa comigo. Eu sei que você quer me ajudar, você já está ajudando. É só que agora... exatamente agora, eu preciso da minha melhor amiga e não de seu futuro marido.

Eu sorri pelo “futuro marido”, mas disse:

— Você não me considera seu melhor amigo?

Consegui tirar um esboço de sorriso de Benny e ele voltou a andar. O acompanhei mais leve e ao mesmo tempo mais pesado. Mais leve por

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ele também entender que eu não poderia ajudá-lo, mais pesado por sentir a minha impotência.

Em meu carro, ficamos em silêncio, apenas ouvindo as músicas aleatórias. Não era como se desfrutássemos da companhia do outro. Era como se não tivéssemos saída e tivéssemos que aceitar a existência do outro.

Tentei dirigir um pouco mais rápido, para que pudéssemos chegar o mais rápido possível na casa de Agatha.

No meio do caminho, a música no rádio foi cortada pelo som do meu toque do celular conectado ao meu carro.

Benny o atendeu e colocou no viva-voz.

— Está no viva-voz, baby — falou.

— Chris está aí? — Sua voz soava abafada, rápida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estou... O que houve?

— Soraya. Soraya.

— O que com Soraya? — questionei.

— Agatha? — Benny interveio quando ela não respondeu de imediato.

— Soraya.

— O quê? — gritei.

— A bolsa dela estourou! Estou a levando ao hospital.

— Calma! — Benny falou quando eu arregalei meus olhos. — Encoste!

— O quê? — Agatha e eu perguntamos ao mesmo tempo.

— Encoste, Chris. O carro!

Eu encostei e Benny puxou seu celular de seu bolso traseiro. Em poucos segundos me deu e

PERIGOSAS ACHERON

apontou para o meu cinto de segurança ainda afivelado.

— Eu dirijo!

— Quê?

— Não quero um homem enlouquecido dirigindo. Prezo pela minha vida.

Mesmo naquele momento, eu ri e saí do banco do motorista, pulando para o carona quando ele saiu do carro e deu a volta. Rapidamente ligou o carro novamente e para o meu celular, com Agatha, falou:

— Está me ouvindo, Agatha?

— Estou.

— Chris, leia o site para ela.

— Que site? — Eu o encarei e ele gesticulou com sua cabeça para a minha mão que estava com seu celular antes de voltar a sua atenção completa

para o trânsito.

— Certo... Lá vai: *Quando a bolsa do líquido amniótico estourar, o que se deve fazer é não entrar em pânico, limpar-se, colocar um absorvente noturno, ligar para o médico e ir para a maternidade, pois tudo indica que o bebê vai nascer.*

— Okay — Agatha parecia ofegante. —, estou voltando para dentro de casa e pegando mais coisas. Soraya está indo para o banheiro.

— Continue, Chris — Benny mandou.

Eu ri, mas continuei, estava me acalmando enquanto lia, mas ao mesmo tempo, estava tenso por não estar com Agatha e Soraya.

— *O absorvente vai ajudar os médicos a perceber a coloração e a quantidade de líquido amniótico perdida, avaliando se há algum risco para a mulher ou para o bebê.*

— Mais alguma coisa? — Benny questionou.

— Deve-se buscar ajuda médica urgente quando a bolsa rompe antes das trinta e sete semanas de gestação...

Eu prendi meu ar.

— Ela tem menos de trinta e sete.

— Calma, Chris! — dessa vez era Agatha quem falava — Ela tem trinta e seis e mais alguns dias quebrados, para os médicos deve valer como trinta e sete.

— É verdade.

— Está tudo bem. — Benny parou em um sinal vermelho e colocou uma mão em meu ombro, o batendo.

O encarei.

— Obrigado.

— Ao dispor. — Ele riu e continuou com
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Agatha: — Para que hospital nós vamos?

PERIGOSAS ACHERON

XXXI

Agatha

*Tínhamos chegado ao
hospital sem desespero.* Chris e Benny

chegaram antes de mim e Soraya porque já estavam mais perto do que nós. Sendo assim, Chris acompanhou Soraya junto com os médicos para uma sala a parte que era proibida a entrada de

PERIGOSAS NACIONAIS

peessoas que não fossem parentes da grávida.

Benny e eu nos sentamos na recepção e encaramos o ambiente ao redor.

— Acho que Chris dirá que você não preciso ficar por aqui — eu disse a Benny. — Não queremos que você fique mais tempo do que o necessário em um hospital.

Ele acenou.

— Eu sei. — Mas não saiu do lugar.

— Benny — retomei —, eu posso ir com você para casa, se quiser.

— Agatha, — Ele me encarou. — eu quero ficar.

— Me desculpe, está bem? — disse — Estou tão cansada com tudo isso que eu estou superprotetora, como se você fosse uma criança.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Percebi. — Ele sorriu.

Coloquei minha cabeça sobre seu ombro e admiti:

— Estou com medo do depois.

— Você vai se sair bem. Você será uma ótima mãe. Veja como cuida de mim? — Gargalhou e eu não consegui deixar de acompanhar seu riso.

Meu amigo passou seu braço sobre meu ombro e eu me senti protegida.

— Eu não sei se eu quero ser mãe. Essa é a questão.

— Eu entendo, baby. — Ele inclinou sua cabeça e eu levantei a minha para conseguir olhá-lo nos olhos. — Mas você será. Você entende que você será?

— Eu sei...

PERIGOSAS ACHERON

— Acredito que o primeiro ponto é admitir que você ama Chris e que você aceita essa criança, porque você o aceita.

— Eu sei... — repeti.

— E convenhamos? Eu tenho certeza que ele te aceitaria grávida de outro.

— Ian me falou a mesma coisa.

— E o que você disse?

— Que eu não estou grávida de outro para ele ter tanta certeza disso.

— É uma verdade, mas nós, às vezes, temos certezas de coisas das quais ainda não aconteceram. Sabe por quê?

— *Ahn?*

— Acho que é como a matemática. Você não precisa saber todas as equações do mundo para ter todos os resultados, às vezes você precisa apenas

PERIGOSAS NACIONAIS

do básico e um pouco além disso para ter a lógica.

— Por favor, Benny. Fale como um humano da vida real!

Ele riu.

— Eu sei que você será uma boa mãe, porque você é uma boa amiga.

— Mas ser mãe e ser amiga é tão diferente!

— Pode ser, mas acredito que há muitos traços de uma amiga em uma mãe.

Pensei na minha mãe. Sentia falta dela, mas parecia que ela tinha partido em outra realidade, quando eu era uma outra Agatha. Imaginei como seria minha vida se ela estivesse aqui. Imaginei se ela sentiria orgulho de mim. Ela gostaria de Benny? De Chris? Ela acharia uma loucura eu ter deixado Soraya em minha casa? Ela aceitaria as escolhas que eu fiz, os erros que passei?

PERIGOSAS ACHERON

O que minha mãe pensaria de mim, afinal?

— Vamos ficar por aqui em algumas horas, você sabe, não é? — perguntei a Benny que acenou e se ajustou ainda mais no banco, praticamente se deitado.

— Estou me preparando psicologicamente para isso. — Riu. — Mas, sinceramente? Acho que já me acostumei.

— Não deveria. Sempre é ruim.

— Eu sei bem.

— Falando nisso, como foi hoje? Alguma novidade?

— Não — ele disse. — Tudo na mesma.

— Você não iria pegar os resultados de alguns exames?

— Fui.

— Então?

Benny suspirou pensadamente.

— Benny!

— O quê? — Ele parecia cansado.

— Qual foi o resultado? O câncer está em remissão?

Ele continuou me olhando por tanto tempo que eu achava que a cada segundo ele queria me dizer uma coisa diferente ou fazer alguma coisa diferente.

No fim, eu o abracei. Eu tinha feito uma pergunta idiota. Se ele não queria dizer em alto e bom tom o que tinha acontecido, era claro que a resposta não era boa. Benny tinha essa teoria de que quando uma coisa era falada em voz alta, a tornava mais real.

Ele aceitou o meu abraço e deitou sua testa em meu ombro. Normalmente nós chorávamos

PERIGOSAS NACIONAIS

juntos, alto e levemente desesperados quando estávamos bêbados. Mas, hoje era diferente. Era pra ser um dia feliz.

Sendo assim, seu choro foi baixo, quase fungando, envergonhando por fazê-lo. Era um choro com vergonha. Todo o corpo de Benny tremia e eu não conseguia não chorar também.

Provavelmente permanecemos assim por longos minutos, até cansarmos o suficiente para inclinarmos na cadeira, a usando como cama ou poltrona. Gostaria de ter um lençol para nos cobrir e fingir que ele era poderoso para nos cobrir do resto do mundo também.

Mas éramos visíveis. Por bem ou por mal, éramos visíveis. Depois de permanecermos praticamente deitados na cadeira, Benny e eu fomos para respectivos banheiros e eu lavei meu rosto, tentando diminuir a minha aparência

PERIGOSAS ACHERON

vermelha pós-choro.

Quando saí do banheiro, o encontrei na cadeira e eu rosto já parecia melhor que o meu. Me sentei ao seu lado e voltei a colocar minha cabeça em seu ombro.

Pouco depois disso, Ian apareceu e esperou junto conosco o nascimento do primeiro — e possivelmente único — filho de Chris.

XXXII

Christopher

Eu não queria contar para ninguém, mas meu desejo era que fosse uma menina. Não que eu me decepcionaria se fosse um menino, porém, me imaginava lidando melhor com uma garotinha do que com um garoto.

Eu tinha falado para Agatha exatamente o contrário. Precisava me contradizer. Eu até mesmo

PERIGOSAS NACIONAIS

tinha sonhado com uma bebê na última noite — ou na penúltima. Se era o que aconteceria ou simplesmente meu desejo materializado em sonho, eu não teria como saber até o momento que o médico falasse qual era o sexo.

Soraya apertava minha mão, quase torcendo meus dedos dentro da sala de parto e me xingava. Recorrentemente me xingava.

Eu não conseguia descrever bem aquela sensação proveniente das horas do parto; uma parte de mim achava que as horas haviam disparado; outra parte acreditava que tinha se rastejado.

Por mais que eu quisesse ver o bebê, mais parecia que o tempo demorava a passar. No entanto, em determinados momentos, mais vontade eu tinha que o tempo demorasse, e ele parecia acelerar. Não estava com medo, estava ansioso, tenso, um misto de sensações.

PERIGOSAS ACHERON

Eu seria pai. Não foi esperado ou sequer querido, porém, nos últimos meses eu não conseguia parar de pensar em outra coisa sem ser em minha futura paternidade.

Não tinha falado com meu pai e não sabia quando falaria sobre. A única pessoa da minha pequena família que sabia sobre o bebê, era a minha tia e, em consequência, meu tio. Eles não poderiam estar comigo naquele momento, mas eu não duvidava que o quanto antes viriam para Salvador. Minha tia detestava viajar, mas dessa vez ela teria um bom motivo.

A mão de Soraya na minha se tornou mais frouxa e eu encarei o ponto que ela encarou. Fora da sala de parto, havia uma pequena janela de vidro, obviamente dando para ver a sala, mas era claro que apenas pessoas autorizadas poderiam estar nela e como só permitiam parentes e os pais

do bebê, eu era o único autorizado.

— Quem é aquele?

Encarei o homem fora da sala e já estava preste a sair dela, o mandando embora quando Soraya agarrou novamente minha mão com a maior força que era possível naquele segundo.

— Meu pai.

Me contive e encarei o senhor com outros olhos. Acenei e ele não correspondeu. A todo o segundo ele olhava apenas para Soraya. Não sabia se ele queria matá-la ou estava desesperado pela falta que sua filha deveria fazer. Eu somente não esperava que aquele homem fosse um problema na paternidade completa de meu bebê.

Soraya deu um grito agudo e sua mão tanto apertou a minha quanto enfraqueceu seu aperto em questão de segundos. Encarei as mãos do médico e me foquei nelas até perceber que elas não estavam

PERIGOSAS ACHERON

vazias.

— É um menino! — gritou.

Já não me interessava a minha vontade de ter uma menina. Eu só pensava no meu menino.

Era um menino!

Eu era pai de um menino.

Meu Deus, eu sou pai!



O médico, como de praxe, fez menção de entregar o bebê para Soraya, no entanto, ela negou e apontou para mim.

Eu fui o primeiro a carregar meu filho nos braços. Era de se esperar seu tom de pele tão branco e seus olhos tão negros. Ele tinha um pouco

PERIGOSAS NACIONAIS

de cabelo, ralo e tão negro quanto seus olhos. Imaginava que, por causa de mim e de Soraya, seu cabelo seria extremamente loiro e aos poucos escurecesse, mas eu não duvidava que o contrário também acontecesse.

No demais, eu não teria como dizer que era parecido com nada. Bebês, para mim, não se pareciam com nada. E, por isso, o encarei por um longo momento, até uma das enfermeiras o pegar de volta e levar para a incubadora, não sem antes perguntar se Soraya queria carregá-lo, ela negou.

Com certeza Benny ou Ian brincariam que olhei para o menino para que não o trocassem na maternidade.

Levaram Soraya para um quarto, onde ela pediu para que eu não a acompanhasse, já que provavelmente seu pai gostaria de falar com ela a sós.

PERIGOSAS ACHERON

— Onde eu posso ficar com o bebê? —
perguntei a uma das enfermeiras.

— Como?

— A mãe precisa de um momento com seu pai, então gostaria de ficar em outro quarto com o bebê — comentei, ingênuo. — Ele será logo retirado da incubadora, não?

— Ele não foi para a incubadora, querido. Incubadora é para os prematuros.

— Então?

— Berço aquecido. — Ela sorri, provavelmente está acostumada em explicar sobre o passo a passo e continuou falando enquanto saímos da sala: — Logo que o bebê nasceu, o obstetra o entregou para o pediatra que aspirou as secreções da boca e narinas, limpando a passagem de ar para que possa respirar sozinho pela primeira vez. Certo?

Acenei e ela continuou:

— Depois é feita a ligadura do coto umbilical e, no primeiro minuto de vida, o Teste de Apgar, repetido no quinto minuto e até no décimo de acordo com a necessidade do bebê.

— Isso eu sei — falei mais confiante. — É para avaliar o monte de coisa.

Ela sorriu.

— Exatamente, avalia o ‘monte de coisa’ necessária. Como a mamãe pediu para não o levar a ela, nós não o levaremos para mamar e sim para uma sala para ter um banho, medir peso e altura, tamanho do tórax, crânio do bebê e ainda ele recebe uma dose de vitamina K para prevenir a doença hemorrágica do recém-nascido.

— A amamentação é necessária demais?

A enfermeira parecia não querer confirmar

completamente para não demonstrar sua opinião contrário a Soraya, no entanto, soltou, em uma maneira didática e imparcial:

— A amamentação na sala de parto acelera a saída da placenta e aumenta o vínculo mãe e filho.

Não poderia dizer a ela que não queríamos vínculo.

— Ela pode “retirar”, sei lá, o leite e entregar?

Ela não era muito expressiva, provavelmente nunca tentando demonstrar opinião, com isso, continuou em cima do muro.

— Sim, acredito que é possível.

— Mais alguma coisa? — queria saber tudo.

— Depois o bebê vai para o berço aquecido para observação por meia hora. A pediatra avalia novamente e outra enfermeira veste e coloca a

PERIGOSAS NACIONAIS

pulseirinha de identificação. O bebê então é levado para o berçário ou o alojamento conjunto com a mamãe, dependendo da própria escolha da mãe.

— O berçário. Ele ficará no berçário. Posso pegá-lo?

— É só pedir para uma enfermeira dentro do berçário que ela te auxiliará. — Acreditava que essa era a sua forma de dizer não.

— Muito obrigado! — queria dizer que ela era muito paciente, mas não queria me desesperar demais.

— Por nada, querido.

— Qual seu nome?

Eu precisava saber o nome dessa mulher tão paciente junto com o do médico responsável pelo parto.

— Elizabeth. Elizabeth Campos.

PERIGOSAS ACHERON

— Você é?

— A pediatra.

— Lisa ou Beth?

Ela sorriu e me direcionava para uma sala que eu trocava de roupa.

— Lisa.

— Prazer, Lisa. Se eu tiver outro filho, irei procurar pelo seu atendimento. — Não sabia se o certo era “atendimento”, mas não diria que iria procurar por ela, poderia soar íntimo, sem querer, demais.

— Agradeço. — Ela acenou e se despediu com um aceno quando eu entrei na pequena sala.

Apesar de conversar com a pediatra, a minha mente repetia uma e outra vez: *Eu sou pai!*

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

XXXIII

Agatha

*Era um menino. Um lindo
menino branquíssimo de olhos negros.*

Gostaria de dizer que era parecidíssimo com Chris,
mas não sabia ao certo. Bebês eram todos iguais.

Como dizia Chris, não se pareciam com nada.

— É lindo o bolinho. — Ian se esforçava
para enxergar praticamente além do vidro que nos

separava do berçário.

— Não chame meu filho de bolinho — Chris rebateu.

— Bolinha.

— Também não.

— Ele já tem um nome?

— Ainda não.

— Vou chamar de bolinha então.

— Sacana!!

Eu ri pela brincadeira idiota dos dois, no entanto também me esforçava para enxergar o bebê. Benny estava calado, mas parecia absorto pela quantidade de vida que encarávamos todas em um mesmo ambiente.

— É lindo — foi o que ele disse no fim.

— É verdade — foi tudo que consegue

responde.

— É meu filho — Chris disse, todo orgulhoso e apertou minha mão na sua. — Meu filho.

Eu entendia que ele queria dizer mais com isso, porém, deixou no ar e eu não questionaria sobre. Apertei sua mão na minha e sabia que a nossa vida mudaria. Continuava não me sentindo preparada, mas aceitava.

— Quando poderemos o levar para casa? — Benny parecia mais animado com todo aquele sopro de ar fresco.

— Esqueci de perguntar isso para Lisa. — Chris bateu em sua própria testa.

— Lisa? — Eu o encarei com a testa franzida e Ian gargalhou.

— A pediatra.

— Por que você sabe o nome da pediatra?

— Perguntei do médico também. Eles cuidaram do meu filho, Agatha!

Eu soltei o ar em um sopro, mas foi Benny quem falou por mim:

— Christopher é tão estranho.

— Eu? — Meu garoto colocou a sua mão em seu peito, rindo.

— Verdade... Estranho! — Ian entrou na brincadeira e eu revirei meus olhos, mas sem deixar de olhar para o menino.

Mais um homem em minha vida.

Sorri e engoli em seco. Meus olhos se encheram de lágrima, mas eu não sabia exatamente o porquê.

— E Soraya? — finalmente perguntei.

— Seu pai apareceu — Chris começou —,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

está na sala com ela. Nem sei se ela irá querer nos ver.

— Acredito que sim — afirmei. — Nem que seja para só nos despedirmos.

— Eles precisam coletar algum leite dela. — Chris riu. — Nunca pensei que diria essa frase.

Eu sorri e toquei em meus próprios seios, os quais nunca dariam mama.

— Licença, meninos — falei enquanto já me distanciava.

Em poucos passos, Chris já estava ao meu lado.

— Ei... Precisamos conversar.

— Sobre?

— Padrinhos.

— Padrinhos... — repeti, refletindo. — O que você quer dizer exatamente com isso?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu olhava para os lados ao caminhar, querendo ver algum banheiro onde eu pudesse entrar.

— Precisaremos de um, não é?

Paramos em uma inclinação do corredor.

— E uma madrinha.

— É, isso — ele falou. — E aí?

— E aí o quê, Chris?

— Precisamos escolher.

Eu ri.

— Você é o pai...

— Agatha, por favor... — Seu sorriso não era presunçoso dessa vez, e sim, sem graça.

Mesmo preocupado, Christopher continuava com sua aparência impecável o que beirava ao meu incomodo. Seus olhos não estavam fundos por uma

PERIGOSAS ACHERON

semana conturbada de trabalho e preocupação da vida futura. Seu cabelo estava com a aparência de bem lavado e suas roupas não estavam amassadas.

Apenas sua barba. Sua barba era a única coisa que o deixava desarrumado. Ela não estava bem-feita, com isso, queria dizer que não estava bem aparada, já que ele nunca a deixava completamente feita. Os seus fios estavam tortos, um maior do o outro, o deixando um pouco desleixado.

Toquei em sua barba, tentando o ajeitar, o máximo que conseguia.

— Tudo bem, querido. Quem você pensa em chamar para ser padrinho?

Ele sorriu, dessa vez, aliviado e pegou a minha mão na sua, beijando a sua palma.

— Pensei que você poderia escolher. Para mim, é complicado.

— Não sabe escolher entre Ian e Benny?

— Não quero escolher, mas você sabe que naturalmente escolheria Ian.

Eu acenei.

— Entendo, mas e a madrinha?

— Eu não tenho outras amigas além de Júlia e atualmente Yas, irmã de Ian. Mas você mal conhece Yas e acho que chamar Júlia seria muito estranho.

— Por quê? — Ri, já querendo saber se ele pensava o mesmo que eu.

— Não sei se seria legal chamar minha ex-primeira-namorada para ser madrinha do meu primeiro filho.

— Sem contar que seu primeiro filho não é com a sua atual namorada.

Ele gargalhou e balançou sua mão em minha

direção.

— Me desculpe...

— O que eu posso fazer?! — brinquei, também rindo.

— Mas, sério. — Ele respirou fundo antes de continuar: — O que vamos fazer?

— Você quer que eu seja mesmo sincera?

— Por favor!

— Eu não o batizaria. Imagino que a sua tia seja religiosa e se você comentar sobre, ela me odiará, mas o menino no futuro pode decidir sobre sua religião ou falta dela. Ian e Benny estarão ao redor da vida dele, independente de serem padrinhos ou não.

— É, você está certa. Ele não precisa disso agora.

— Chris...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim?

— Isso é realmente o que você quer ou apenas está concordando comigo?

— Você quer que eu seja mesmo sincero?

Eu ri e acenei.

— Por favor! — repeti o ele disse, como ele tinha feito.

— Eu queria uma menina, mas ele é um garoto tão lindo. — Christopher ainda segurava minha mão e me puxou para um abraço, cheirou meu pescoço, me fazendo cócegas com sua barba. — Eu sou pai, Ruiva!

Com isso, eu entendia. Ele não se importava com batizado ou não. Tudo que ele queria era estar com seu filho.

— É realmente incrível.

— Nós somos pais. — Ele me incluiu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas eu não tinha certeza se me sentia uma.

— Eu tenho um nome meio louco para o ele.

— Ele segurou meu rosto e seus olhos negros brilhavam.

— Qual?

— Benjamin Salvador.

Engoli em seco.

— Benjamin?

— É um nome muito bonito — falou como se não fosse grande coisa. — E podemos chamá-lo de Ben.

— Por que Salvador?

— Podemos chamá-lo de Sal.

Eu gargalhei.

— Isso não tem muita lógica.

— Soa legal, Ruiva.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Certo garoto, — Há algum tempo eu não o chamava em voz alta de “garoto”, provavelmente estava perdendo o costume. — mas Salvador parecerá um sobrenome.

— É intencional.

— Por quê?

— Não sei se darei meu sobrenome a ele.

— Como?

— Não quero que ele tenha o nome Stuart.

Umedeci meus lábios e mordisquei o meu inferior antes de falar:

— Hoje em dia você já pode dar o nome de sua mãe para ele.

Christopher Tyler sorriu.

— Vou aproveitar esse momento para encurtar meu nome.

PERIGOSAS ACHERON

— Encurtar?

— Você sabe que meu nome é Christopher Tyler Menezes Stuart Júnior? Nem teria lógica ter o Júnior se tenho Menezes que meu pai não tem. — Ele balançou sua cabeça. — De todo modo, eu tenho dois nomes e dois sobrenomes... E que porra é o Júnior? Nem sei.

— E quer retirar o Júnior então?

— Quero ser apenas Christopher Tyler Menezes.

— Você tem certeza?

— Tenho. Não é somente por causa de meu pai, é que não gosto desse nome gigantesco. É péssimo.

— Não sei se é tão fácil assim “encurtar”.

— Descobrirei, mas é provável que seja. — E deu de ombros. — Meu pai sempre me

abandonou mesmo.

— Chris... — Queria que ele conversasse sobre isso, sentia que aquilo sobre o seu pai estava o deixando fora de lugar.

No entanto, ele me cortou, sorrindo e agarrando meus braços.

— Benjamin Salvador?

— Benjamin Salvador — concordei.

— Benjamin Salvador Lancellotti Menezes.
É um outro nome gigantesco... *Tadinho!*

E riu. Não queria dizer que não tinha certeza que o bebê levasse meu nome. No entanto, não disse nada.

XXXIV

Christopher

Preferi não contar sobre o nome do bebê ainda. Antes, nós nos despediríamos de Soraya.

Na verdade, assim que autorizaram que três poderiam entrar no quarto de Soraya; Agatha, Benny e eu fomos, ainda acreditando na possibilidade de ela passar alguns dias conosco antes de ficar com seu pai.

— Não se preocupem — foi a primeira coisa

que ela disse —, vou ficar com meu pai. Ele alugou uma casa para nós passarmos um tempo até eu me sentir melhor e voltarmos para nossa cidade. Enquanto as minhas coisas na casa de Agatha, ele irá buscá-las por mim, se não for nenhum incômodo.

— Não será — Agatha comentou. — Deixarei as suas coisas organizadas.

— Você está se sentindo bem? — já Benny quis saber.

— Estou... — Ela sorriu. — Obrigada, estou.

— Seu pai entendeu essa situação? — queria saber.

— Não completamente, mas ele sabe que nós não poderíamos criar um bebê e que isso é o melhor a ser feito.

— É muito... *contemporâneo* da parte dele

entender isso — brinquei, rindo.

Soraya continuava sorrindo.

— Sim, bastante ‘contemporâneo’.

— E agora, Soraya? — Me inclinei na direção dela, segurando sua mão.

Ela apertou a minha também. Dessa vez, não com tanta intensidade quanto no parto, mas com sutileza. Seus olhos estavam fixos no meu. Era um momento nosso, particular. Tínhamos dado vida a uma criança, apesar de tudo.

— Christopher, eu penso que o mais certo, em respeito de tudo e todos, é que nós não tenhamos mais contato.

— Concordo. — Acenei.

— Mas, antes de continuar... Como ele é?

— Lindo, Soraya... Saudável, grandão!

— Fico feliz. — Seus olhos estavam

PERIGOSAS ACHERON

marejados. — Agora, Chris...

— Contato. Nenhum. — Meio sorri, meio balancei minha cabeça, sei lá porquê.

— Não quero saber nem o nome dele. Prefiro que seja assim.

— Tudo bem. — Continuei assentindo.

— Se não incomodar, — Ela olhou para Benny. — quero apenas poder continuar falando com Benny.

— Eu sou um homem crescido — ele respondeu. — Entendo a situação, mas eu respondo por mim mesmo. Não vai me incomodar.

— Obrigada. — Lágrimas escorriam de seus olhos, devagar.

— Gostei de te conhecer, menina. — Benny agarrou a mão livre dela e aquela era a primeira vez que eu me dava realmente conta que ele era um

homem mais velho, no mínimo mais de dez anos do que eu.

— Também — Soraya disse.

Agatha interveio no momento que as nossas mãos se desentrelaçavam:

— Você realmente não quer saber nada sobre?

— Não. É melhor para todos.

— Nem mesmo o nome?

— Nem mesmo isso.

Minha Ruiva me olhou, eu não sabia se ela esperava que eu dissesse algo sobre ou se confirmasse para ela. No fim, balancei minha cabeça em sua direção. Ela sorriu.

— Eu não sei o que Chris pensa — Benny pontuou —, mas acho que é mais saudável assim.

Suspirei tirando um peso de meus ombros.

Há todo o momento eu pensava se Soraya iria querer saber demais sobre o menino ou talvez, no último momento, desistir de me dar a guarda total, mas ela parecia convicta com sua posição e não querer saber o nome do menino, me deixava ainda mais aliviado.

— Eu também concordo.

— Acho que é isso. — Soraya franziu seus lábios. — É o nosso adeus, pessoal.

— É o nosso adeus — repeti, mas havia um aperto em meu peito.

Não, eu não sentiria falta de Soraya. Não, eu não a queria como mãe de meu filho ou presença. Apenas que era um fato consumado que ela sempre seria a primeira mulher que deu à luz ao meu primeiro filho. Ela sempre seria a mãe biológica, por mais que não houvesse amor, sequer convívio.

Eu não a julgava por deixá-lo. Nunca a

PERIGOSAS ACHERON

julgaria. Ela foi, do início ao fim, honesta comigo. Admitiu que não queria aquela criança, mas cuidaria dela, como possível, como necessário.

— Obrigado — eu sussurrei enquanto me inclinava para um abraço.

Nos últimos meses, eu mal tinha encostado nela. Apenas, ocasionalmente, em sua barriga, fosse para acariciá-la ou ouvir os batimentos do bebê ou senti-lo chutar.

Sempre me lembraria, da primeira vez que ela me disse que o bebê chutou. Foi antes de eu contar a Agatha sobre, apenas algumas noites antes.

Eu provavelmente estava no milésimo sono quando a porta do meu quarto começou a ser, praticamente, esmurrada. Como eu já estava habituado com a presença dela naquela altura, apenas me levantei nas pressas e peguei a camisa

PERIGOSAS ACHERON

que deixei sobre uma cadeira ao lado da cama, pensando exatamente caso ela precisasse de mim, tanto que, eu vestia uma bermuda.

Abri a porta desesperado e ela levantou suas mãos.

— Não é nada grave.

— Porra, que susto! — Passei as minhas mãos em meu cabelo. — O que foi? Desejo?

— Não... é que... ele está chutando.

Esfreguei meus olhos, como se esfregasse meus ouvidos, já que a minha intenção era ter a certeza que escutei o que escutei. Porém, pedir coerência a um homem que logo, logo descobriria que era algo em torno das três da manhã, era inconcebível.

— Desculpe... — Soraya começou — Você não quer saber, é idiotice...

Segurei seu pulso com cuidado enquanto ela fazia menção de se virar e apontei para a sua barriga.

— Posso?

— Claro. — Seus lábios estavam franzidos, timidez ou não, eu não sabia definir.

Nós já tínhamos tido uma noite, era verdade. Mas era uma noite completamente casual, onde mal se perguntava o nome. Foi sem vergonha, mas também sem luz. Agora, era diferente. Não porque estava claro, não porque estávamos completamente sóbrios, mas porque o momento era outro.

Com a permissão dela, me ajoelhei e coloquei minhas mãos em sua barriga. Senti os chutes ocasionais, mas incríveis. Acaricieei sua barriga por um outro momento e se ela fosse minha mulher, a beijaria.

Não negaria, gostaria que ela fosse minha
PERIGOSAS ACHERON

mulher. Não ela, exatamente. Não Soraya. Mas gostaria que a minha mulher fosse a mãe de meu filho.

No entanto, eu encarava a realidade de olhos abertos e engoli minhas vontades para o que de verdade acontecia.

Minha mulher não era a mãe do meu filho primogênito, porém, eu tinha que aceitar e pensar que estava tudo bem. Eu esperava que eu tivesse uma vida longa — e prospera — apenas para encher o mundo de Christophers junto com a minha mulher. Junto com Agatha. E se ela não quisesse, eu teria que aceitar que estava tudo bem também.

— É incrível — disse, ainda oscilando entre colocar minha orelha em sua barriga e passar minhas mãos.

— Pensei que você gostaria de sentir, ouvir...

não sei.

Ela riu. Eu ri também.

— Não era o meu desejo — Soraya admitiu —, mas estou feliz que ele terá uma boa família. E quem diria, é realmente um menino!

— Pois é. Um garotão. — Sorri, bobo.

— Só tenho um último pedido — me disse.

— Qual?

Umedeceu seus lábios e encarou para todos os cantos da sala. Suas mãos já não estavam entrelaçadas com as de Benny e sim sobre seu próprio colo.

— Meu pai disse que era bom escrever sobre os meus sentimentos e que, caso vocês queiram dizer para ele que ele teve/tem, não sei, uma mãe biológica, poderiam entregar a minha carta para

ele... Não tenho a intenção de provocar nele alguma vontade de me conhecer no futuro ou dar uma dica da minha existência em algum lugar, é apenas uma carta profunda para que ele, em momento nenhum, se sinta infeliz ou desprezado pela minha ausência.

— Vemos nas histórias isso a todo o momento — Benny falou. — Garoto cresce e procura os pais biológicos depois de ter sido bem criado pelas adotivos... Uma loucura.

— Também acho — Soraya concordou —, mas não sabemos o que se passa na cabeça dessas pessoas.

Ela pegou a carta embaixo do travesseiro e eu a peguei de suas mãos. Encarava seus olhos a dizer:

— acredite, se falarmos sobre isso algum dia, daremos a sua carta.

— Todos vocês podem lê-la, se quiser.

— Está tudo bem, Soraya. — Agatha sorria ao tranquilizá-la. — Confiamos em você.

Dessa vez foi ela quem disse em um fiapo de VOZ:

— Obrigada.

As despedidas foram feitas em seguida e enquanto saíamos daquela sala, eu sentia que eu nunca mais veria Soraya. Esperava, de todo o meu coração, que ela vivesse bem e que não se culpasse pela sua atitude.

Eu não a culparia. Nunca a culparia.

Extra

Soraya

Meu pai me dizia que

Soraya significava princesa, brilhante,

luminosa, estrela da manhã ou ‘a que é como as

Plêiades’. Era claro que eu o tinha perguntado que

diabos era Plêiades, no entanto, ele explicou

brevemente que eram um grupo de estrelas na

constelação do Touro.

Não fazia ideia aonde era a constelação de Touro, mas parecia legal. Principalmente para uma Soraya de seus dez anos.

Em algumas pesquisas em sites muito confiáveis que diziam para ‘descobrir o significado de seu nome e o que ele dizia sobre a sua personalidade’, eu descobri que, na língua persa este também era o nome atribuído ao planeta Vênus, podendo também significar o tal "estrela da manhã".

Ótimo. Lindo. Maravilhoso. Mas não significava nada. Não mudaria em nada a minha vida e a forma como eu atualmente me via.

Eu não era ‘preciosa’ e eu sentia que meu pai também não me achava mais a sua ‘princesa’. Eu sabia que a partir da minha atitude a nossa

PERIGOSAS ACHERON

interação também mudaria. Acreditava fervorosamente que ele me odiaria.

Receber o seu abraço após o parto, me ajudou. Acalmou minha alma, mesmo assim, me deixou triste. Era o tipo de situação que queríamos imaginar que não seria como nossas expectativas já tão baixas.

— Você me odeia? — perguntei.

— Não, — Aquilo me acalmou para, em seguida, me desesperar: — tampouco me orgulho.

Eu sou uma péssima filha; Pensei. Ele nunca vai me olhar como antes; Concluí.

Entretanto, parecia que eu estava certa, já que, meu pai encarou o chão ao dizer:

— Pode dizer aos seus... ao... a eles... que você ficará comigo.

Acenei. Era provável que meu pai pensava

PERIGOSAS NACIONAIS

que eu desistira daquela loucura de entregar o bebê. Era provável que ele supunha que a conversa que tivemos no celular, era mentira e que não estaria grávida e entregando o bebê para o pai sem querer participar da criação.

Mas ele viu quando eu neguei carregá-lo. Ele via o meu quarto vazio e ouviu quando eu falei para a enfermeira para não trazer o bebê para mim.

— Você sabe que eu não posso viajar de imediato...

— Eu sei, Soraya. Já cuidei de uma mulher grávida. — Continuava sem me olhar. — Aluguei uma casa — resumiu.

— Certo — murmurei, envergonhada.

— Você deveria escrever.

— Escrever?

— Escrever para o bebê.

PERIGOSAS ACHERON

— Não sei se os pais irão querer dar algo meu para ele.

— Você pergunta, ué. — Me encarou brevemente. — Escreva para essa criança não crescer pensando que você a abandonou sem consciência ou por ódio a ela.

Pegou uma folha de papel que estava perdida em uma bancada ao meu lado e tirou uma caneta de seu bolso. Ainda me deu a minha ficha médica que era levemente grosseira, o suficiente para eu escrever sobre um apoio.

— Não sei o que dizer... — Olhava para o papel em branco.

— O que você sente? Pense em uma criança crescida, consciente e sobre as dúvidas que ela terá sobre seu abandono e a resposta.

Assim, simplesmente, ele se sentou em uma cadeira e tirou um livro de bolso de, *bem*, seu PERIGOSAS ACHERON

bolso.

Meu pai tinha de um tudo em seu bolso. Era um senhor bonito, além das marcas da idade, tinha as marcas da tristeza. Olhos fundos, salientando-se ainda mais pelos óculos de aros finos, mas de grau elevado.

Sua postura nunca era como a atual. Ele era mais relaxado que aquilo e mais sensível que isso. Sem dúvidas, também mais gentil. Mas eu não poderia pedir normalidade diante do momento. Eu teria que aceitar as consequências de minhas ações.

Por isso também, aceitei o seu conselho empurrado e comecei a escrever para o garoto.

Encarei o papel sem saber o que dizer, sabe por quê? Porque eu não tinha o que dizer. De certo, ainda não tenho. Não me parece justo que eu tenha que lhe dizer algo. Me parece mais aceitável

PERIGOSAS ACHERON

que você sinta o que quiser sobre mim e que tudo que você sentir que é justo, não o que eu tenha a dizer.

Não tenho intenção de colocar palavras a minha defesa. Por sinal, penso que você estará melhor sem mim. Você tem uma mãe. Antes mesmo de nascer, você já tinha uma mãe que não era eu.

É claro que no momento ela não teve consciência disso e nem percebeu, mas eu sentia que o coração que batia dentro de mim estava ligado a mulher que te olhava, de fora.

Eu sabia que ela tinha vergonha de te tocar ao tocar em minha pele, mas após a primeira vez que ela colocou sua mão sobre minha barriga e te sentiu, fez isso outras vezes, já sem vergonha.

O toque dela acalmava você. Você chutava muito e eu não comentava que às vezes doía, mas quando ela tocava, acalmava. Você não parava,

mas se tranquilizava, como se sentisse a presença dela.

Ela é a sua mãe. Eu fui apenas um tipo de receptáculo.

Mas eu sei, eu sei de todo o meu coração que não é assim que as pessoas me enxergaram e enxergarão, caso um dia eu comente sobre isso para mais alguém.

Sei que você também não deve me enxergar assim. É natural, caso você sinta raiva de mim. É natural que você me despreze. É natural...

Só quero que você saiba que eu nunca te desprezei. Mas não posso mentir para você, nunca me senti sua mãe. Me desculpe.

Quero que saiba também que eu não te deixaria com qualquer um. Te deixei com Christopher porque percebi que ele cuidaria de você de verdade e tinha uma boa família ao seu
PERIGOSAS ACHERON

redor para apoiá-lo. Se não fosse isso, eu daria um jeito. Você viveria, acredite. Eu aprenderia a te amar. Eu tenho certeza que te amaria.

Mas, me desculpe quando eu admito que não me sentia preparada para tentar.

Sinceramente? Acredito que você terá uma melhor vida sem mim. Você será amado, tenho certeza. Você é amado.

Gostaria de brincar e dizer “use camisinha”, mas tenho certeza também que você é uma dádiva para seu pai. Não sei se você se tornará uma pessoa religiosa, ou, ao menos, crente. Mas se for, ambos sabemos que nosso Deus escreve certo por linhas tortas.

E se você não acredita nisso, tudo bem. Pense que o destino — universo, determinismo que seja —, às vezes nos prega peças e foge de nossas forças.

*No demais, obrigada por ter me tornado uma
mulher mais madura, mais sábia e mais
responsável.*

XXXV

Agatha

*Não precisamos de mais do
que um dia para* levarmos o pequeno Ben —
ou seria melhor chamá-lo de Sal? — para casa.

Ian foi o mais ágil de nós, e apesar de termos nos lembrado de tudo, desde de roupa a brinquedos e mil e uma fraldas, não nos lembramos da cadeirinha do bebê para ser colocada no carro.

— Não sei porque — Ian quem falava enquanto colocava a cadeirinha encaixada em meu
PERIGOSAS ACHERON

carro — tentam enfiar goela a baixo tantas cores para nós. A primeira coisa que a mulher me perguntou era se era menino ou menina.

— O que você respondeu? — Benny também o ajudava, já Chris e eu apenas o olhávamos.

O bebê estava no colo de Chris. Todo enrolado com as roupas que eu trouxe na hora do parto.

— Que era recém-nascido... — Ria Ian. — Mentira da porra, tinha nem sete meses ainda. Mas para que saber se é menino ou menina? Porque, para ter lógica, essa cadeirinha tem que ser funcional, não estilizada.

— Hoje em dia querem enfiar mesmo cor em tudo — Benny concordava. — Aconteceu o mesmo comigo quando fui comprar uns travesseiros que ficam ao redor do berço.

— Eu vi uns bonitinhos, mas achei que não

PERIGOSAS ACHERON

serviriam e...

E continuaram falando, mesmo depois de colocar a cadeirinha cinza em meu carro. Eu ri e agradei a Ian, o mesmo fez Chris.

— Só não xingo por estamos na presença de uma criança — brincou a colocando na cadeirinha.

— Quem dirige?

— Eu — respondi. — Pode ficar com ele aí atrás.

— E meu carro?

— Benny dirige e Ian continua no dele — raciocinei.



No fim, deu tudo certo e já estávamos no quarto da criança. Chris era o único que tinha

PERIGOSAS ACHERON

passado álcool e gel em suas mãos e antebraços, por isso, o único que carregava o pequeno.

Benny foi para o seu quarto tomar um banho e Ian usava o banheiro debaixo.

— Você não o quer? — Chris inclinou a criança em minha direção.

A todo o momento, ele dormia. Não sabia se era natural e isso me preocupava. Soraya tinha dado um pouco de leite e o hospital também. Os próximos dias seriam com doações de leite do hospital. E talvez eu pudesse pedir a Benny para se encontrar com Soraya e nos trazer leite.

Assim como Chris, esse era o tipo de coisa que eu nunca achei que diria ou sequer pensaria.

— Não limpei minhas mãos...

— Aqui tem álcool e gel.

Chris balançava o bebê pelo quarto e eu

PERIGOSAS NACIONAIS

suspirei ao encaminhar em direção ao álcool e gel sobre uma penteadeira. Não os usei, apenas os encarei.

— Minha roupa continuará suja... Melhor eu ir tomar um banho antes.

Ele me encarou e sorriu, sem humor.

— Tudo bem, Agatha.

Corri para meu quarto e me senti uma idiota. Eu tinha medo! Merda, eu tinha medo! Não poderia admitir de uma vez? Chris não teria como senti-lo. Ele não estava em minha mente para saber que não era que eu não queria tocar no bebê, era que eu estava completamente tensa.

Tomei um banho rápido, apenas para ficar realmente asséptica e colocar uma roupa limpa. Quando cheguei ao meu quarto, Benny já carregava o bebê.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Chris foi para o meu banheiro quando eu cheguei — comentou, falando baixo.

Ele estava sentado no chão, com as costas grudadas no berço.

— Ele é bem quieto, não é? — falei, me sentando ao seu lado.

— É, é. Daqui a pouco abre o berreiro.

— Verdade...

— Baby, — Meu amigo me encarou. — acho que ele tomou o seu lugar. Ele é meu novo baby.

— Pensei que sempre seria o seu.

— Com ele você não tem muito espaço.

Eu gargalhei e fingi bater em seu ombro.

— Sabe... — começou Benny — se você está tensa, acho que tem que falar com Chris. Ele disse que você nem o carregou ainda.

PERIGOSAS ACHERON

— Não, não o carreguei.

— Quer agora?

Engoli em seco e assenti. Meu amigo o passou para mim. Percebi, de canto de olho, quando Chris e Ian se encontraram no corredor e começaram a conversar, porém, foquei-me no pequeno em meus braços.

Meu coração disparou. Eu nunca tinha me sentindo daquela maneira. Seu pouco cabelo estava lambido de tão fino que era. E era tão escuro! Com certeza seu cabelo clarearia, assim como sua pele tão branca adquiria com o tempo alguma tonalidade.

— Olá, pequeno — murmurei com medo de acordá-lo. — Bem-vindo ao mundo. Eu sei que ele é complicado, mas nós vamos cuidar de você.

Chris se sentou ao meu lado.

PERIGOSAS NACIONAIS

— É, o mundo é meio zoadado — ele brincou.
— Mas não se preocupe com isso ainda.

Eu sorri e o beijei brevemente antes de beijar a testa do pequeno.

— Não, não mesmo — concordei com Chris.
— Você será amado.

— Você é amado, — ele me corrigiu e completou — Benjamin Salvador.

— Benjamin? — meu Benny arregalou seus olhos, mas tentou não aumentar seu tom de voz.

— Salvador? — Ian brincou, como se esse fosse seu nome de alguma maneira, o que não era. Em seguida, também se sentou no chão.

— Pois é — Chris sorriu. — Foi mal, Ian. Não queria homenageá-lo com seu nome...

— Beleza, — O homem sorria. — Benjamin é bem melhor que Ian também.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Errr... — Christopher fez um som engraçado, concordando. — Não sou fã de nomes tão curtos. Três letras será o apelido do pequeno Ben ou Sal, ainda estamos nos decidindo.

— Acho que é melhor apelidarmos de Sal — apesar de Benny falar com naturalidade, seus olhos estavam marejados.

— Por que ele é branco pra caralho? — Ian riu da sua própria piada.

— Meu Deus, Ian! — Benny também riu, mas discordou: — Pensei em Sal porque ele é essencial para a vida.

Ian fez um beicinho.

— Nosso pequeno Cloreto de Sódio!

Meu amigo ainda ajudou:

— Nosso NaCi-zinho.

Eu coloquei uma mão em minha boca,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tentando conter a minha risada. Não sabia se eu conseguia defini-los como inteligentes o suficiente para saber sobre bases químicas ou se os achava uns idiotas.

No fim, preferi acreditar que eles eram uns idiotas inteligentes.

— Jesus! — Chris balançou sua cabeça, desacreditado, mas era claro que assim como nós três, sorria.

Como não? Benjamin Salvador tinha nascido. Saudável, perfeito. Um sopro de ar fresco.

PERIGOSAS ACHERON

XXXVI

Christopher

Sal começou a chorar e

Agatha rolou na cama batendo sua mão

em meu peito.

— É a sua vez.

— Fome?

— Fralda pro-provavelmente... — Seu sono era tanto que ela gaguejava. — Já dei papinha há poucas horas.

PERIGOSAS NACIONAIS

Era claro que Agatha e eu tínhamos voltado ao hospital algumas vezes com Sal, porém preferimos procurar todas as assistências necessárias em volta de Lauro de Freitas, em vez de irmos, todas as vezes, no centro de Salvador.

No entanto, antes de conhecermos os médicos e melhores — se não, únicos — centros de atendimento de Lauro especializados em áreas diferentes da pediatria, ainda fomos para Salvador. Voltei a encontrar a pediatra que estava no parto de Sal e a apresentei a Agatha.

Ela tirou todas as nossas dúvidas do momento e a mais importante sobre mama e alimentação. Com ela, concluímos que bebês que tomavam leite artificial já poderiam comer a papinha depois algum suco e frutas, isso por volta dos três a quatro meses.

Sal já tinha completado seis meses.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que houve, garotão? — O carreguei, tirando do berço e rapidamente senti o fedor forte. — Jesus, como você consegue produzir algo tão fedorento? Você é minúsculo!

Ele continuava chorando com seus olhos apertados e as lágrimas rolavam compulsivamente. Eu já o trocava em pouco tempo e depois de jogar a sua fralda no lixo, repeti algumas vezes mentalmente que deveria jogá-la no lixo assim que o sol raiasse. Houve um dia que Agatha esqueceu de jogá-lo no sábado, com isso, tivemos que colocá-lo na varanda no domingo para colocá-lo fora de casa, esperando o carro do lixo, apenas na segunda.

Mesmo que o lixo estava, teoricamente, fora de casa, ele fedeu. O quintal ficou empestado com o fedor do cocô do dia todo de sábado e do de domingo. Eu até tinha perguntado a pediatra se era

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

normal o bebê fazer tantas necessidades sendo que comia um pouquinho. Percebi que a mulher segurou seu riso antes de confirmar que era normal.

Sal sempre parava de chorar quando nós o colocávamos talco. Às vezes, ele ria. Um riso banguela e muitíssimo engraçado para todos que viam. Nós ríamos com ele e por ele.

O coloquei de volta no berço e ele voltou a chorar.

Bocejei.

— O que foi, menino? — O peguei de volta e ele parou.

Esperei cinco minutos ou mais antes de colocá-lo de volta no berço e ele voltou a chorar. O peguei e o mesmo aconteceu.

— Tudo bem, já entendi — falei com ele e me sentei em uma cadeira de balanço.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu sempre achei cadeiras de balanços ridículas e desconfortáveis. Agora, eu estava em uma delas com meu filho em meus braços. Me balancei e ele dormiu em meu peito. Eu vestia apenas uma cueca, mas na cadeira sempre deixávamos um lençol para que caso esta mesma situação acontecesse, não precisássemos nos levantar.

Com isso, puxei as bordas do lençol e cobri a nós dois.

Não tinha a intenção de dormi naquela cadeira ruim, mas eu estava cansado demais. Estava trabalhando como modelo e não deixava o teatro de lado. Sendo assim, eu tinha trabalhos em agências, ensaio no teatro e peças. Nada estava dando muito dinheiro e esse era um outro tipo de cansaço, um psicológico.

Fiz a cadeira balançar mais um pouco e aos

PERIGOSAS ACHERON

poucos meus olhos fechavam, cansados demais, com sono demais.

Dormi antes que eu me desse conta, ao menos tinha conseguido desligar a luz do quarto, nos deixando no escuro e no clima confortável do ar condicionado.

— Christopher... — Senti uma mão em meu ombro. — Christopher.

Abri meus olhos devagar e sorri.

— Ruiva, bom dia.

Ela apenas acenou, não me respondendo e pegou Sal em seus braços, o colocando no berço em seguida.

— Melhor você tentar dormir um pouco na cama antes de ir trabalhar.

— Hoje não tenho nada agendado. — Me

espreguicei e me levantei da cadeira.

O relógio da penteadeira de Sal demonstrava que eram pouco mais das cinco da manhã.

Ela caminhou saindo do quarto e eu a acompanhei.

— Não é você quem disse que está trabalhando demais e hoje, plena quinta-feira, não tem nada?

— Às vezes, você sabe, parece não haver nada em lugar nenhum...

— Eu não sei — ela rebateu. — Eu sempre tenho trabalho.

— Você contrata as pessoas. É diferente. — Entrei no quarto antes dela e me joguei na cama.

— Eu já perguntei antes, mas lá vai: você quer que eu te contrate para alguma sessão de fotos? Podemos tirar fotos suas e mandar para as

PERIGOSAS NACIONAIS

empresas. Sem precisar de nenhuma seleção...

— Não — a cortei. — Gosto de seleções. Não gosto de passar à frente de ninguém.

— Você tem potencial. Não seria passar na frente. Seria conseguir por puro mérito, já que as empresas precisariam te aceitar...

— Não...

— Você sabe que se continuar nesse ritmo você não vai conseguir nada, não é?

Me sentei na cama e a olhei parada próxima a porta do quarto.

— Como?

— Os outros modelos têm agentes e uma quantidade substancial de empregados trabalhando para eles. Mesmo os que não têm, têm alguma coisa. Algum tipo de estabilidade. Às vezes, as empresas já vêm até nós com um nome.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você está dizendo que eu não vou ter nada? Mesmo que já tendo dito que não quero ser modelo?

— Não é não ter nada. Agora, é um momento diferente. Você é pai e as coisas para ele só ficarão mais caras.

— Eu sei disso, Agatha. — Me levantei da cama. — Porra, você fala como se eu não soubesse que fosse um pai.

Ela fechou seus olhos por um momento.

— Eu sei que você é responsável, mas você realmente está colocando na balança o quão caro são as coisas infantis?

— Eu tenho dinheiro guardado. Não é nada demais, mas era da época que eu morava no apartamento menor e gastava menos. Posso alugar meu apartamento também.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Chris, — Ela parecia querer demonstrar paciência, mas era forçado. — o aluguel do apartamento só pagará a mensalidade da escola.

— Que diabos de escola é essa?

— Pois é. Classe média alta.

— Ricos, você quer dizer.

— Que seja... Ricos.

— Mas eu não sou rico e meu filho também não é. — Bati em meu peito, não por orgulho de não ser rico, mas para enfatizar a verdade. — Eu não pretendo custear para ele uma vida da qual eu não possa bancar. Principalmente pagar uma mensalidade de um colégio maior que o salário do professor.

— Nós conversaremos sobre isso depois — ela comentou.

— Por que não agora?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está muito cedo. — Agatha balançou a sua cabeça e se sentou na cama. — Estou morrendo de sono e provavelmente Sal acordará daqui a pouco para comer.

Falei, cansado:

— Eu me levanto de novo.

— Você tem que dormir também... —
Aparentemente, ela tinha muito para dizer, mas o sono a ganhava ao ponto de já estar deitando e seus olhos piscarem.

— Mas eu não tenho que trabalhar... —
admiti.

Ela não discordou. Apenas dormiu e eu me deitei ao seu lado, mas não consegui dormir tão fácil.

PERIGOSAS ACHERON

XXXVII

Agatha

Não queria discutir com

Chris, mas sentia que precisávamos

conversar sobre as necessidades de Sal.

Ele tinha apenas seis meses, era verdade. Mas desde já, ele precisava dos melhores médicos e em poucos meses precisaríamos deixá-lo em creches. Além de que, hoje em dia, as crianças iam cada vez mais cedo para as escolinhas.

Eu não deixaria *meu filho* em um colégio

abaixo do melhor possível. Quer dizer... *Sal*.

Mesmo que eu quisesse conversar com Chris sobre, realmente estava com sono demais para isso. Acordar toda noite me deixava cansada, mesmo nas noites que eu não me levantava.

Quando acordei pela segunda vez no dia, Chris já não estava ao meu lado. Me levantei enquanto me espreguiçava e fui para meu banheiro, depois para o quarto de Sal. Ele não estava mais lá. Desci as escadas com pressa e encontrei Sal em um balanço pequeno próximo da cozinha.

— Chris?

— Aqui. — Ele falou dentro da cozinha.

Olhei para Sal dormindo e entrei na cozinha, o encontrei descascando aipim. Já tinha alguns ovos dentro da pia e uma jarra com café estava pronta. Nesses últimos meses, ele tinha se virado na cozinha, já que eu não tinha tempo para muita

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

coisa. Ele apenas não cuidava da limpeza da casa, o que eu também preferia que não cuidasse, já que seria difícil tendo que cuidar em tempo integral de Sal e, além disso, limpeza não era exatamente uma vocação de Chris.

Mas, ao menos, tudo que ele sujava, ele limpava. Apenas não conseguia varrer direito, porém, ninguém era perfeito. Até mesmo a roupa de Sal ele lavava bem. Eu, por outro lado, trocava bem as fraldas, dava comida e banho. Conseguia fazê-lo dormir quase que magistralmente. De resto, eu continuava sendo uma boa empresária.

Ele se adiantou antes que eu perguntasse:

— Consigo ver Sal daqui.

— Eu sei, imaginei isso — respondi. — Cadê Benny?

— Ainda deitado. Não quis acordá-lo depois dessa semana difícil.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É, a quimioterapia parece que está piorando para ele — comentei, em um suspiro. — Mas também pode ser os remédios. Tentarei ir hoje com ele ao médico e ele conversará sobre isso.

— É melhor... Se você não puder ir, pode falar com Ian ou Júlia. Ela está fazendo estadia em Salvador.

— Vai morar de uma vez?

— Pelo visto — respondeu.

— Acho que vou conseguir ter uns minutos hoje para acompanhá-lo.

Chris acenou e quando ele não disse nada e colocou o aipim descascado na água já morna, eu questionei:

— O que você vai fazer hoje?

— Nada. Eu não tenho nada para fazer. — Sua voz foi dura e direta. — Quer ovo com aipim?

PERIGOSAS ACHERON

— Sim, sim — foi tudo que consegui dizer.

— Não vai demorar muito, — Ele não me olhava. — mas se estiver com fome demais, melhor comer alguma fruta e tomar café.

Acenei, mesmo que ele não olhasse para mim.

Ele já não tinha mais nada para fazer na cozinha. Já tinha colocado o aipim na água e precisava que estes estivessem prontos para fritar alguns ovos. Sendo assim, agora, ele lavava suas mãos por uma quantidade questionável de tempo.

Fechei a torneira.

Suas mãos foram para a pia e não se virou.

— Não vai me olhar?

— Não quero discutir.

— Eu também não.

Com isso, ele se virou, sério, me olhando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fixamente. Deus, como eu amava seus olhos negros! Como eu amava a intensidade deles, a força deles.

— Agatha... meu filho viverá bem.

— Eu sei, querido. Não estou questionando isso, apenas...

— Apenas você quer que eu “dê um jeito” para conseguir bancar coisas das quais eu não consigo.

— Não é tudo sobre você...

Ele me cortou de novo.

— Eu tenho dinheiro. Não para bancar escolas de riquinho, mas tenho para ele ter uma vida confortável, onde nada lhe faltará e...

Era minha vez de o interromper.

— Mas eu tenho. Você nunca parou para pensar que eu queira pagar?

PERIGOSAS ACHERON

— Não, Agatha. — Ele se afastou daquele canto da cozinha; na posição que ficamos, ainda conseguíamos ver o berço, mas não tão perto, era melhor para que nossas vozes não chegassem a ele.

— Por que não? Não estou dizendo que vou pagar tudo. Podemos dividir bem no papel. Você já ajuda aqui em casa, talvez pudesse dar uma quantia a mais, por dar menos das despesas de Sal...

— Nem pensar! — Ele balançou seu próprio cabelo. — Eu não quero... não quero.

— Por quê? Só quero uma resposta compreensível.

— Eu não quero me sentir inútil. Já basta você jogar na minha cara que eu não tenho emprego fixo... Daqui há uns anos será o quê? Que eu não tenho dinheiro também? Que você é quem paga tudo para mim?

Fechei meus olhos, respirando fundo.

— Eu sinto muito. Não queria que você achasse que eu estava te diminuindo, é que...

— É a verdade? É isso que você vai dizer?

— Não, Chris. Mas é que você precisa admitir a instabilidade do teatro e dos modelos. Eu não sei direito como é no teatro, mas conheço bastante sobre os modelos e às vezes eles dão muito certo, às vezes, não. Como você não quer ser mais modelo, isso diminui bastante a possibilidade de ser destaque em algum lugar desse meio.

Olhei na direção do berço e quando voltei meu olhar para Chris, ele estava sentado no chão, com as suas mãos em sua cabeça e ela inclinada. Eu me sentei ao seu lado e o abracei.

— Chris...

Pensei em abraçá-lo, mas não consegui, me sentia impotente, mesmo eu não entendendo o porquê.

— Eu vou fazer vinte e cinco e não tenho nada... Você acha que eu não penso nisso também?

— E eu vou fazer trinta e quatro... E você acha que eu acho que eu tenho muita coisa? — Tentei sorrir pelo quase trava língua, mas mesmo quando ele levantou a cabeça, estava sério demais.

— Você tem uma agência, Ruiva. Uma casa comprada por você mesma. Um carro maravilhoso. Tudo que você conquistou por conta própria. O que mais você poderia querer?

— Você — fui sincera ao admitir. — Eu precisava de você e de Sal.

Ele se levantou e olhou o aipim no fogo, com um garfo viu que estava na medida certa e desligou. Sem parar, pegou uma frigideira e colocou duas colheres de manteiga na mesma antes de ligar o fogão e deixá-las esquentar para quebrar os ovos.

— Não vai dizer nada? — eu questionei, me
PERIGOSAS ACHERON

levantando do chão.

— Você só está falando isso para me fazer sentir melhor. — Ele fazia os ovos fritos no automático. — Benny deve querer, né? Mas vou deixar que ele faça, porque ovo esfria muito rápido.

— Não — falei —, eu não falaria nada para te agradar. Eu estou sendo completamente sincera com você, acredite. Eu posso ter estabilidade financeira e eu lutei por ela, mas eu sempre me sentiria vazia sem você.

— Vazia, Agatha? — Mesmo sem o olhar, o imaginei revirando seus olhos. — Como uma mulher que não chora nem com *O Amor Pra Recordar* se sente vazia pela falta de alguém?

— Eu me sinto abalada com *Marley e Eu...*

— Quem não se sente abalado com *Marley e Eu*? Um cachorro morre, Jesus!

Eu não consegui conter meu riso.

— Chris, eu te amo! — Ainda ria. — Viu só? Só você poderia fazer um comentário desses.

Ele desligou o fogão e quando eu pensei que ele colocaria nossos respectivos cafés da manhã, ele se virou em minha direção, limpando as suas mãos precariamente em sua bermuda de pano antes de segurar meu rosto.

— O que foi? — Eu sorria por perceber que meu Chris estava mais leve de um momento para o outro.

Agora ele até mesmo sorria. Um sorriso de canto, presunçoso do qual eu sentia tanta falta e me disse:

— Eu também te amo, Ruiva.

Foi quando eu percebi, que eu tinha falado pela primeira vez que o amava. Meu coração deu

uma batida fora do lugar e eu já não tinha o que dizer, afinal, era verdade, mas uma verdade que eu me sentia reprimida em dizer para um homem.

Falar que amava Benny ou até mesmo Sal era completamente diferente. Eu amava Benny como meu melhor amigo para sempre e eu amava Sal, simplesmente porque sim. No entanto, quando eu admitia meu amor para Christopher, eu me sentia insegura, como com ambos eu nunca sentia. Eu não esperava o amor de Sal de volta, eu apenas achava que ele merecia o meu e eu não sofreria se Benny não me amasse tanto assim, mesmo que eu soubesse que era recíproco, o que, também, ajudava em me deixar tranquila.

Mas com Chris... Com Chris era diferente. Com Chris eu tinha medo de amar. Tinha medo de admitir que precisava dele. Não dependia dele, não pararia de respirar sem ele, mas precisava dele

porque meu coração sentia que sim, porque meu corpo implorava por ele, porque meus olhos relaxavam quando os dele olhavam para mim.

Eu o amava ao ponto de incomodar. Não era doer. Não achava que amar doía e sim doía, não era amor. Era obsessão, possessão, qualquer coisa, mas não amor. Acreditava na pureza dele.

No entanto, incomodava ao ponto de eu me imaginar sem ele e ter a consciência que nunca conheceria outra pessoa como ele. Incomodava saber o quão único ele era e o quão feliz eu me sentia por encontrá-lo.

Eu me sentia, de uma maneira sádica ou simplesmente autodepreciativa, incomodada em me sentir feliz. Como se a felicidade daquela maneira, daquela completude, não fosse para mim.

Não era possível, não é? Não depois de tudo. Era como se eu não merecesse tanto amor, tanta

felicidade. Era como se eu tivesse aceitado o fato de me sentir incompleta. Era como se eu tivesse aceitado o que meu ex-marido me falava... Que eu nunca seria feliz sem ele.

Mas eu não era feliz com ele.

Eu me sentia feliz agora.

XXXVIII

Christopher

Os olhos de Agatha

começaram a lacrimejar e eu me senti

preocupado. Passei meus dedos, sem jeito, em suas

bochechas depois que suas lágrimas caíam.

— Não era para você chorar.

— É um choro bom.

— Choro bom, Agatha? E isso lá existe...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você ficou todo emotivo quando Sal nasceu. — Ela sorria. — Chuto até que na hora do parto chorou.

— Umas lágrimas rolaram.

— E foi um choro ruim?

— Foi um choro um pouco desesperado.

— Desesperado?

— Eu me vi como pai.

Ela continuava sorrindo.

— Mas não foi um choro triste.

— Não, claro que não.

— Então? Foi um choro bom. — Minha Ruiva piscou.

— Mas por que você agora choraria ‘um choro bom’?

— Não sei... Me sinto feliz.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Isso é importante. — A beijei no nariz e encostei minha testa na dela.

— Você está bem?

— Acho que estou sofrendo de alguma crise da meia-meia idade... Será possível?

Riu.

— Não duvido...

— A todo o momento eu penso em quem eu sou no mundo e o que quero deixar nele. Me pergunto se estou fazendo a coisa certa, sobre a minha profissão. Quero abandonar a carreira de modelo, mas sei que ainda preciso dela. Mas seria ótimo só viver do teatro.

Desencostei minha testa e me afastei, pegando alguns pratos e colocando o nosso café. Eu precisava me mexer para não voltar a pensar demais sobre o meu futuro. Eu estava sofrendo de

PERIGOSAS ACHERON

ansiedade.

— Você consegue sobreviver com o dinheiro do teatro?

— Só sobreviver mesmo. Os patrocínios ajudam a poder dividir um valor considerável para a equipe principal e, é claro, a quantidade de ingressos vendida é importantíssima. Mas Salvador é só uma passagem, não dá para ser a casa de nenhum ator.

— Poucas oportunidades, não é?

— É... poucas. — Balancei minha cabeça e encarei os pratos cheio de comida. — Mas não posso me dar ao luxo de pensar em mudança, sei que a nossa vida é aqui.

Agatha colocou suas mãos em meus ombros e encostou, logo depois, a sua boca em meu pescoço.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você está se sentindo infeliz, Chris?

Engoli em seco antes de admitir:

— Estou me sentindo impotente. Infeliz, não.

— Sabe... às vezes, essas grandes emissoras gravam algumas coisas por aqui.

— Mas eu não quero ter nenhum contrato com a televisão. Gosto do ao vivo, de perceber as pessoas me assistindo e gravando as cenas em suas memórias, não em suas televisões para assistir depois ou congelando a imagem para ver melhor um traço X em uma cena Y.

Ela acenou.

— Nós vamos dar um jeito.

— Você, otimista?

Piscou para mim.

— Hoje em dia temos redes sociais.

PERIGOSAS ACHERON

— E?

— E você poderia se divulgar com ela. Não precisava ‘enfiar goela abaixo’, como fala Ian, sobre a sua aparência, mas, naturalmente, se mostrar um pouco.

— Ainda não estou entendendo.

— Você poderia publicar mais fotos em suas redes sociais! É isso. Se mostrar mais, comentar sobre seu trabalho como ator e a carreira de modelo... Ser um pouco verdadeiro nesse meio tão artificial. As pessoas logo veriam o seu carisma natural.

Eu sorri.

— E o que eu mostraria? Não vou vender meu filho nas redes sociais para ganhar nada.

— Não, claro que não! — ela se manifestou de imediato. — De início, você poderia apenas tirar

PERIGOSAS NACIONAIS

uma foto com aparência blasé, depois começar a se mostrar como um homem completo... Que cozinha, limpa a casa.

— Blasé? Mas que diabos é blasé?

Ela balançou sua cabeça como se eu fosse idiota.

— Indiferente.

— Blasé — repeti em um sussurro. — Quem fala isso?

— Mas e então?

— As mulheres me seguiriam. Ganharia pessoas pela minha aparência e nada mais. Só falta você dizer para comprarmos um cachorro... Labrador ainda.

— Pensei nisso. — Agatha colocou uma mão em seu queixo.

— Tá brincando?

PERIGOSAS ACHERON

Deu de ombros.

— Todos começamos de algum lugar, Chris. Nem todos os lugares são os mais bonitos ou mais prestigiados. Às vezes, tudo que você precisa é começar. Eu acredito verdadeiramente que você deveria se mostrar.

— E ter o monte de seguidoras mulher pela minha aparência e apenas porque eu estou aprendendo a cozinhar?

— De fato, no início começaria por isso, mas aos poucos você mostraria a sua figura real.

— E no que isso me ajudaria com o teatro?

Minha Ruiva tocou em meu nariz.

— Patrocínio, querido. Está cheio de gente ganhando patrocínio para tudo apenas porque é famoso nas redes.

— Não sei...

Ela colocou os nossos cafés e deixou a minha xícara ainda sobre a pia enquanto levava o seu prato e copo para a sala. Nesse momento, imaginava que a comida já estava fria.

— Pense nisso como tomar o que é seu por direito. — Aumentou apenas um pouco o seu tom de voz para eu ouvir.

Também peguei minha xícara e prato, o deixei na sala, em uma mesa de centro e puxei Sal para mais perto de nós. Ele dormia tranquilamente.

— Continuo em dúvida — comentei me sentando no chão e encostando minhas costas no sofá. Agatha estava sentada nele e suas pernas roçavam em meus braços.

— Você tem beleza e talento, resta a fama. Algumas pessoas não têm nem uma das duas características e ainda assim tem fama. Você merece tê-la também.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas muitas têm sorte.

Ela se inclinou, beijando minha bochecha.

— Você está comigo... Acredite, isso já diz muito sobre a sua sorte.

Eu não consegui controlar a minha gargalhada e logo em seguida coloquei minha mão em minha boca. Esperei um segundo sem respirar para saber se Sal acordaria ou não. Percebi a mesma tensão sendo emanada do corpo de Agatha. Nada. Ele não acordou. No terceiro ou quarto segundo, respirei em paz e ouvi um baixo “ufa!” de Agatha.

Entretanto, sem esperarmos, Benny acordou e desceu as escadas como um soldado marchando.

— Bom dia, Vietnã!

Ele não gritou, mas foi o suficiente para Sal despertar.

PERIGOSAS ACHERON

Seu choro foi estridente e Agatha e eu encaramos Benny e apontamos para o pequeno ao falarmos em uníssono:

— Sua vez!

XXXIX

Agatha

Eu conversei com um rapaz

do marketing digital da agência sobre redes sociais e o impacto delas na vida real das pessoas. Ele era um recém-contratado e respondeu todas as minhas dúvidas, além de me mandá-las por escrito.

Era claro que não perguntei diretamente sobre Chris, mas falei sobre os modelos de modo geral e meu novo contratado concordou comigo. As redes sociais surtiam um impacto verdadeiro na vida das pessoas que as usavam do modo certo.

Ele ainda me fez um favor de me mostrar vários casos de modelos de diversas partes do mundo que não era os mais famosos, mas tinham estabilidade e publicidades pagas na internet.

Gostei de alguns casos onde os modelos eram chamados para modelar capas de livros. No entanto, não era um trabalho que eu indicaria Chris, por algumas razões.

- a) Ele não queria modelar.
- b) Poderia fazer seu rosto ser muito comum, muito visto.
- c) Se o livro se tornasse um best-seller seu rosto

seria cansativo.

- d) Se fosse um fracasso, seu rosto estaria sempre atrelado àquilo.

Eu estava passando o meu dia entre trabalhar e pensar no que poderia fazer Chris se sentir feliz. Não queria que ele fizesse algum trabalho forçado, sendo assim, pesquisava algum trabalho de modelo onde seu rosto não se tornasse uma marca ou tivesse a obrigação de um contrato extenso.

Não mentiria que seria incrivelmente irresistível se ele posasse com um cachorro e na cozinha e com Sal. Não precisaria mostrar o rosto de Sal, talvez apenas com ele no colo e Chris sem camisa.

Mas era óbvio que eu não queria exibi-lo assim, porém, eu sabia que se Chris fizesse isso, seria um sucesso. Ele era lindo, charmoso, sensual

PERIGOSAS NACIONAIS

e seria ainda mais, demonstrando uma figura paterna e cuidadora.

No fim, tentei tirar essa ideia da mente. Não usaríamos Sal. Entretanto, um cachorro ainda era viável.



Trabalhei até o meio da tarde, para que tivesse tempo o suficiente para acompanhar Benny ao médico. Nas últimas semanas, ele estava me deixando ir mais vezes com ele. Aparentemente, segundo ele, eu estava mais relaxada e não entendia bem o porquê, já que me sentia em um constante excesso.

Excesso de trabalho, excesso de abstinência sexual, excesso de preocupação, excesso de sono.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Chris e eu provavelmente não transávamos a mais de uma semana. O que, para nós, morando juntos e passando tantas horas juntos e que tínhamos uma rotina sexual bastante regular, não fazíamos nada a mais de uma semana. Nós mal nos beijávamos.

Ele estava tão cansado quanto eu estava. Apesar de eu acreditar que ele precisava procurar estabilidade em um trabalho, eu sabia que quando ele estava em casa, ele fazia tudo que podia. Chris tinha essa mania constante de não querer se sentir inútil.

Eu acreditava que ele nunca seria inútil. O homem conseguia aprender de um tudo. Se tornava um faz-tudo e nem Benny ou eu, sabíamos a quanto tempo tínhamos precisado chamar alguém para consertar alguma coisa, tendo Chris em casa. Ele simplesmente conseguia resolver determinadas

PERIGOSAS ACHERON

coisas. Para ele, parecia tudo tão trivial.

Às vezes, brincávamos que poderíamos pagá-lo pelo trabalho. Benny e eu ríamos, mas Chris nunca parecia muito feliz. Não achava que era pela piada, ele era do tipo de cara que não se importava muito com isso, no entanto, agora, eu acreditava que era pelo fato de não se sentir plenamente conectado a nenhuma profissão.

— Ele poderia tirar fotos como bombeiro para algum calendário. — Benny estava ao meu lado na sala de espera, esperando resultados de alguns exames. Ele estava sentado, de pernas cruzadas e folheando uma revista genérica.

Eu ri.

— Creio que ele não vai gostar disso.

— Não entendo como um cara tão talentoso pode estar sofrendo por profissão.

PERIGOSAS NACIONAIS

— A vida é mais complicada que ter talento ou não.

— Mesmo assim, baby. Pense comigo, ele sabe consertar de um tudo, sabe-se lá com quem aprendeu. Ele atua, modela, é carismático, educado, atencioso. Seu homem é incrível.

— Obrigada pela parte que me comove — brinquei.

— Mas é verdade. Por que você não o faz ver isso?

— Eu? Sou eu quem deveria fazê-lo se sentir profissionalmente bem?

— Você fez comigo quando eu desisti de ser filosofo para ser modelo.

— O que eu te disse mesmo?

— Não vale dizer a mesma coisa para ele. — Meu amigo riu e ainda encarava a revista.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu nem me lembro do que eu disse para você!

— Ótimo!

No fim, conclui que meu amigo era louco e não poderia me ajudar.

Os resultados de Benny foram positivos em alguns aspectos, mas, ele não estava em remissão. O câncer continuava.

— Às vezes, eu acho que ele me escolheu — Benny comentou na saída do hospital. — E provavelmente eu terei que aguentá-lo até o fim da minha vida.

Não tinha o que dizer, então preferi não dizer nada. Apenas abraçá-lo.

PERIGOSAS ACHERON

XL

Christopher

Oito meses. Sal tinha

completado oito meses. Eu não via o

momento que ele começasse a falar. Incontáveis

vezes pesquisava as minhas dúvidas na internet

sobre a evolução de um bebê. Descobri que ainda

faltavam alguns meses até Sal balbuciar algumas

palavras. Estava eufórico.

— Seu apartamento alugou bem rápido, não é? — Agatha perguntou, sentada na cadeira que balançava com Sal em seus braços.

Eu estava sentado no chão, na grama em sua varanda, cortando as ervas daninhas.

— Esperava por isso já que ele está mobiliado e as pessoas parecem estar sempre pensando em carnaval, mas, ainda assim, ainda bem! Médico está caríssimo.

— O plano da agência ajudou bastante.

Agatha tinha o registrado como seu filho, sendo assim, mudou a política de sua própria empresa e estendeu seu plano de saúde para Sal.

— É verdade.

— Já estamos pensando em creche? — Era a

PERIGOSAS NACIONAIS

sua forma de perguntar se eu queria colocá-lo em uma creche.

— Não, muito cedo.

— Quando?

— Depois de um ano.

— Certo...

— Agatha?

— O quê? — Nós não falávamos tão baixo, já que Sal estava acordado.

— Eu estava pensando sobre o colégio...

— Colégio?

— De Sal, no futuro.

Ela colocou sua mão em sua testa.

— Tudo bem, Chris. Você não quer que eu pague nada e...

— Eu aceito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Hã?

— Aceito que você pague. Ajuda aqui em casa e nas contas dele no que eu puder, mas aceito que você pague integralmente o colégio.

— Por que esse desejo agora?

— Não é de agora, estava pensando isso ao longa da semana...

— Você tem certeza?

— Não quero atrapalhar a futura educação de meu filho pela minha posição idiota.

— Chris...

A cortei e encarei seus olhos, deixando de cortar as ervas daninhas:

— Não quero que você pense que neguei isso por não querer aceitar o seu dinheiro. Eu só tenho medo, okay?

— Medo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— De que você possa jogar na minha cara sobre isso no futuro.

— Christopher! — Ela me interrompeu. — Eu sei que para você pode ter soado grosseiro quando eu te falei sobre o seu emprego, mas foi por preocupação e não para querer jogar nada em sua cara. Eu nunca faria isso.

— Está tudo bem. Acredito que vou ter que pagar para ver.

— Você não acredita em mim?

— Não é isso, meu Deus! Mas momentos de raiva existem e não podemos saber o que vai acontecer neles.

— Claro, claro. Porque eu sou uma vadia e você não.

— O quê?

— Você é sempre bom e eu quem sou um

PERIGOSAS ACHERON

monstro. Sou só eu quem falo mais grosso, sou só eu quem me estresso; você, nunca.

Ela se levantou e balançava Sal. Eu me levantei também, deixando os produtos de jardinagem no chão.

— Eu não disse nada! — Coloquei minhas mãos em meu cabelo e em minha barba, estava começando a me irritar. — Inferno, eu não disse nada!

— Você nunca diz nada, sou sempre eu! Sou sempre eu quem tem que pisar em ovos para falar com você, porque, às vezes, quando eu falo simplesmente do *meu jeito*, você se estressa e murcha seu rosto como se fosse um cão sem dono e eu tivesse te chutado.

— Não tenho culpa se você faz isso com recorrência. — Bati em meu peito. — Me chutar, como se eu fosse seu cachorro que vai voltar

balançando seu rabo.

— Quando eu já esperei ser mimada? Quando eu pedi para você me tratar diferente? Eu sou uma mulher ágil, Christopher. Não romântica.

Sal começou a chorar e ela o balançou mais.

— Não te peço para ser romântica, te pelo para ser mais sensível. É tão difícil pensar um pouco no outro? É tão difícil ser empática?

— Eu não sou empática?

— Você é? Você um dia já foi? É sério, Agatha, você nasceu assim, com esse ódio natural do mundo?

Sal continuava chorando e Benny entrou no quintal. Percebi que Agatha segurou a sua resposta para mim com a presença dele. Nós tínhamos feito um trato de não brigar na frente de outras pessoas.

Benny olhou de mim para Agatha e de

PERIGOSAS NACIONAIS

Agatha para mim, depois para Sal chorando.

— Não quero saber sobre vocês. Apenas me deem Sal.

Agatha fez o que ele mandou e assim que Benny desapareceu de nossa visão e a porta da varanda foi fechada, ela me encarou e retornou:

— Quando eu já demonstrei ódio sobre alguém?

— Todos os dias, talvez. Você não quis ir para Vitória da Conquista conhecer minha família. Demorou uma eternidade para aceitá-los aqui em *sua casa* com a desculpa esfarrapada que não tínhamos espaço... Eram só duas pessoas! E temos um quarto extra, o que Soraya dormia.

— Eu não gosto que mexam em minha rotina!

— E meus tios iriam mexer nela como? Eles

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

só queriam conhecer Sal e você, a minha mulher. Porra!

Eu andava de um lado para o outro, com uma espécie de raiva crescente em meu peito.

— Eu não... — ela começou e eu já estava cansado de suas explicações por hoje.

— Você o quê? — A encarei. — Você não gosta de gente? Sofre de misantropia, é isso?

— Christopher, menos! — Ela se aproximou, me olhando com seu nariz em pé. — Eu recebi seus tios, não recebi? Os tratei bem, cuidei de tudo para que eles se sentissem confortáveis aqui. Ficaram por mais tempo do que pretendiam, ainda por cima!

— Você acha que fez mais do que a sua obrigação?

— Fiz — ela rebateu sem dó. — Aguentei rindo quando seu tio “brincou” que daria *um jeito*

PERIGOSAS ACHERON

em Benny e sua tia deixou a entender que a porra de um câncer é praga de Deus, um ensinamento, veja só. Ri quando ele ironizou da minha empresa, da minha profissão, do caralho de lugar que me fez ser quem eu sou. Percebi os olhos arregalados quando disse que era separada e admiti minha idade. Eu vi tudo e engoli. Eu vi tudo e aceitei. Porque é a porra da sua família!

Ela tomou um fôlego e voltou a falar:

— Eu não fui rude com eles em nenhum momento, mas sabe? Eu deveria ter sido! Eu deveria ter sido verdadeiramente eu com eles para os dois entenderem que se você está na minha casa, você respeita as minhas regras, a minha vida e o meu melhor amigo.

Engoli em seco e meu tom de voz estava quebrado e mais baixo quando comecei:

— Você está certa, mas você não sabia como

eles eram antes de os conhecê-los. Você não os queria conhecer em nenhum momento! Eu sei que eles têm ideias de outro século e eu não respeito isso, exclusivamente, mas os respeito como pessoas, eles são íntegros, leais, foram as melhores pessoas que poderiam ter me criado... E você nem os deu oportunidade de conhecê-los direito!

— Eu sentia vergonha! A sua tia é irmã da sua mãe.

— Você não teve culpa da morte de minha mãe.

Eu estava mais próximo de Agatha, ainda sentia um misto de raiva e algo mais.

— Mas se sua tia souber da história toda... Se ela souber que seu pai te abandonou para estar comigo.

— Não, — Coloquei minhas mãos no ar, sem saber se deveria colocar em meu cabelo ou em

PERIGOSAS ACHERON

Agatha. — você não ‘estava com ele’. Ele te aliciou, usou você. Não, não usou... Merda, Agatha! Porra!

Ela pareceu suspirar. Uma e outra vez.

— Apague qualquer imagem na sua mente agora. Ele e eu, nada. Não, nunca. Porra digo eu!

Dei uma volta pelo gramado, agora mais cansado do que irritado. A Ruiva tinha esse poder sobre mim. Ela me descontrolava. Eu conseguia sair de um estágio de raiva, para um de empatia e para outro, logo em seguida, de exaustão; mas, ao mesmo tempo, tesão.

Agatha continuava parada no mesmíssimo lugar e eu a encarei em uma ponta do gramado, há alguns metros dela.

Ela usava apenas um *baby doll* curto e com alças finas. Seu cabelo estava preso no topo de sua cabeça, embaraçado e com muitos fios escapando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Seu rosto estava sem maquiagem e mesmo com tantas noites mal dormidos por causa de Sal, seus olhos não estavam fundos.

— Porra! — Soprei a palavra enquanto caminhava na direção dela.

Minha Ruiva franziu seu cenho, mas era claro que não saiu do lugar. Agarrei seu queixo e me controlei para não apertar com força quando a beijei.

Nesse momento, eu sentia muito tesão, mas admitia que ainda existia resquícios de raiva.

A minha mulher tinha um efeito devastador em mim...

PERIGOSAS ACHERON

XLI

Agatha

Chris não me assustava, me deixava curiosa. Por isso, quando ele me

olhou com aqueles seus olhos que pareciam mexer com a minha alma e veio em minha direção, eu apenas franzi meu cenho, esperando o que ele faria.

Pensei que ele pararia perto de mim ou passaria por

mim, em caminho para a casa. Mas, na verdade, ele segurou meu queixo e me beijou com desespero.

Sua língua excitou a minha e minha respiração rapidamente se tornou irregular. Havia dias que nós não trocávamos sequer um beijo.

Chris puxou minha cabeça pelo meu cabelo, e com esse movimento eu olhei para ele. Nossos olhares se conectavam, se fundiam, se entrelaçavam um no outro, mesmo naquela mistura de raiva e desejo e falta do outro. Seu olhar âmbar fazia-me esquecer de *quase* tudo, só conseguia pensar nele e em seu corpo, principalmente no prazer que ele me proporcionava.

Chris colocou sua boca em minha nuca beijando de leve e roçando sua barba em mim, meu corpo inteiro se arrepiou. Meu corpo sempre se

arrepiava quando eu sentia seus beijos e sua barba.

Ele levantou meu *baby doll* e abaixou a minha calcinha sem dificuldade, a deixando presa em um de meus pés e me levantando do chão, abrindo minhas pernas para ele.

Abaixou a sua bermuda, a deixando caída antes de me penetrar, inicialmente, aos poucos, me fazendo me acostumar com ele, até as suas estocadas serem rápidas, ágeis e frenéticas.

Uma de suas mãos tamparam minha boca, quando meus gemidos escapavam. Já a sua livre estava em minha bunda, apertando-a de leve e em seguida dando-lhe um tapa de deixar marca. Embora, seu tapa não tenha me causado dor alguma, pelo contrário, havia me causado uma onda de prazer. Bem, *ainda mais*.

Naquele momento eu só pensava no prazer de estar com ele, no prazer de senti-lo dentro de

PERIGOSAS ACHERON

mim, e nada mais. Nada mais importava, além de seu membro em mim e suas fortes estocadas.

Chris deu mais um tapa em minha bunda, eu pude sentir seu gemido rouco, praticamente animal, em minha nuca. Chupei uma lufada de ar, para depois gemer em sua mão, a mordi levemente. Christopher puxou meu cabelo para trás, e novamente nossos olhares se encontraram.

Eu tentava me mexer, mais sempre que tentava Chris me dava um leve tapa na bunda para parar meus movimentos irregulares enquanto estava grudada a parede.

Ele começou a desacelerar, me matando de expectativa ao esperar, sem saber, quando, ele voltaria a acelerar seu ritmo novamente.

Mais uma vez tentei me mexer, e Christopher me deu mais um leve tapa. Ele continuou me massacrando ao sair e entrar fundo de mim,
PERIGOSAS ACHERON

levemente. Gemi esperando pacientemente por mais.

E não demorou para ele puxar minha cabeça, pelo meu cabelo, para trás, para me olhar e enfiar fundo, rápido e com tudo. Sua mão abandonou meu cabelo, deixando ele cair como uma cascata pelo meu rosto e senti seus dedos descerem entre meus seios à minha barriga, até parar em meu púbis, enfim chegando em meu clitóris inchado.

— Chris! — eu gemi.

— Calma! — ele brincou.

Seus dedos trabalharam em mim, com movimentos circulares e o apertando entre seus dedos, para depois voltar com os movimentos circulares de antes.

Eu senti aquela combustão. Minhas paredes internas se fecharam em torno do membro de Christopher e eu tive um longo e maravilhoso

PERIGOSAS ACHERON

orgasmo múltiplo que há muito tempo não sentia. Uma onda se misturava com a outra, fazendo todo meu corpo soltar espasmos de prazer, seguido de uma onda de relaxamento.

Chris ainda não tinha gozado, e continuava dentro de mim, com os dedos em meu clitóris e pau em minha entrada, me fodendo fundo e forte, como sempre. Ele mordeu meu ombro e eu preendi a minha respiração por um momento.

— Caralho! — Chris suspirou e ele não precisava dizer mais para eu saber que ele estava perto — Ruiva!

Seus gemidos roucos, sua barba roçando em mim, seus toques em meu clitóris eram devastadores. Eu sentia que eu estava novamente na borda, pronta para gozar novamente.

Chris sufocou seu gemido ao falar meu nome quando encontrava seu próprio clímax. Não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

demorei muito para sentir a minha onda de prazer
mais intensa e profunda.

PERIGOSAS ACHERON

XLII

Christopher

— *O que você está fazendo?* — *Agatha* perguntou enquanto eu levantava minha bermuda.

— Me arrumando.

Ela colocou sua calcinha e abaixou seu vestido.

— Eu estou vendo isso... Mas por que toda essa pressa? — Sua mão tocou meu ombro.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu encarei seus olhos azuis.

— Vou sair.

— O quê?

— Não se preocupe, você deixar Sal aqui.
Ele dormirá melhor em seu berço e...

— Para onde você pensa que vai?

— Casa de Ian, um bar, eu sei lá.

Ela segurou meu braço.

— Você vai me deixar assim... É
brincadeira?

Me virei para olhá-la.

— Agatha, eu preciso descansar um pouco.
Só isso.

— De que? De quem? De mim, de Sal?

— Não, não é isso. Eu só preciso respirar um
pouco. Se você achar que Sal irá te atrapalhar hoje,

PERIGOSAS ACHERON

o levo comigo.

— Não, não é nada disso. Eu só não quero que você vá estressado para nenhum lugar.

— Não estou estressado. Nós estamos. Admita... — Minha voz estava realmente em um fiapo. Eu estava cansado, ela estava cansada. Nós estávamos no limite e se continuássemos assim, nós tornaríamos um tipo de casal que não olhava para o rosto do outro para ter uma conversa civilizada.

— Chris, por favor, fique. Vamos conversar.
— Ela colocou suas mãos em meu rosto e eu as segurei.

— Agatha, eu te amo, não estou dizendo que vou me mudar, eu só preciso respirar um pouco. Eu quero continuar te amando por muito tempo, mas se continuarmos assim, eu vou surtar... Nós não fazemos nada além de brigar.

Eu ri sem humor antes de continuar:

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nossa primeira foda foi em semanas e foi uma rapidinha em nosso quintal! Por que não fizemos isso antes? Por que esperamos semanas em abstinência para isso? Não estamos morrendo, não estamos doentes...

Pensei em Benny e balancei minha cabeça:

— Aposto que Benny está com a vida sexual mais ativa do que nós dois.

— Eu não sei, Chris... Talvez porque agora temos um filho. Talvez porque agora não temos hora para dormir, nem temos para acordar. Porque às vezes quando eu estou no trabalho, você está em casa e quando estou em casa você está no trabalho.

— Vamos começar de novo?

Abriu sua boca e quando eu esperei que ela fechasse e não dissesse nada, ela disse:

— Não, não vamos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Agora eu posso ir?

Ela colocou suas mãos entre suas pernas. Eu nem sequer a tinha limpado, como sempre fazia. Me sentia um idiota por literalmente gozar e sair. Mas não aguentava mais. Não queria mais discutir e não queria ser rude. Eu queria agir como um homem adulto, calmo e paciente, porém, até mesmo um homem adulto precisava de um momento para ele, para respirar e para descansar.

— Pode, Chris.

— Posso levar Sal e...

— Já disse que não.

— Tudo bem. — Acenei e beijei a sua bochecha antes de a dar as costas, a cada passo me sentindo um completo idiota.

Mas, impressionantemente, ela não me xingou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Meu peito se apertava. Só havia uma razão de Agatha não despejar sua raiva sobre mim: ela estava triste. E eu não voltei para consolá-la. Eu era o culpado. Eu tinha feito a minha mulher entristecer e, em consequência, eu me sentia um merda.

Parabéns ao carma. Parabéns a mim.



Ignorei a ligação de meu pai enquanto dirigia para um hotel qualquer em Salvador, me distanciando de Lauro de Freitas. Precisava respirar um pouco distante de minha casa. Ou casa de Agatha, eu não sabia. Ainda não tinha certeza se me sentia inteiramente em minha casa.

Nessas últimas semanas eu tinha trabalhado

PERIGOSAS ACHERON

mais; a segunda peça de teatro que eu tinha participado tinha se saído bem, mas não o suficiente para rodar o Brasil, apenas uma parte do nordeste, que, era claro, eu não fui. Me substituíram pelo meu coringa.

Achei um hotel barato e me hospedei nele por um pernoite, mas ainda não era tão tarde assim, com isso, tive que me ocupar entre meu computador e celular, mesmo que eu não soubesse ao certo o que fazer neles com o acesso escasso da internet.

Já tinha alguns filmes baixados e os deixei passando em meu notebook, mas estava mais distraído olhando para o meu celular. Dessa vez, era uma chamada de Yas.

— Olá moça — falei.

— Tudo bem?

— Sim, sim. Tudo tranquilo. — Pausei o
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

filme.

— Chris... Posso ser direta?

— Por favor, Yasmin.

— Você precisa nos dar uma resposta se pode continuar conosco.

— Eu quero continuar!

— Você pode continuar? — Pude ouvir a forte respiração dela antes de continuar: — Chris... querer é diferente de poder. Todos nós queremos que você continue no teatro conosco, mas nós sabemos que está cada vez mais difícil, mal podemos contar com você e esta foi apenas a sua segunda peça, foi por isso também que lhe deram um papel tão pequeno na nossa terceira peça, sabíamos que você conseguiria dar conta, mas qualquer outro do teatro poderia substituí-lo porque tinha poucas falas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu entendo...

— E qual a sua posição sobre?

— Yas, eu posso pensar?

— Me desculpe. É que estamos muito esgotados por essa peça.

— É, entendo como é se sentir esgotado.

— Você está realmente bem?

— Estou. Te ligo quando tiver uma resposta.

— E desliguei a chamada.

Não estava a fim de continuar conversando com Yas. Não que não respeitasse o seu cansaço e a sua vida, mas me sentia como um telespectador vendo uma cena que era impossível para eu participar.

Me deitei na cama e deixei meu celular ao meu lado. Ele tocou novamente, encarei a tela acreditando que era Yas novamente para falar sobre

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

como desliguei a minha chamada, porém, era meu pai. Ele estava mais insistente nesses últimos meses.

Resolvi atendê-lo.

— Filho... Meu Deus, Tyler!

— Oi.

— Você estava pensando em nunca mais me atender? Tem mais de um ano que não nos falamos!

— Pois é — comentei. — Você já desapareceu por mais de um ano quando eu era criança.

— Tyler...

— Stuart... — ironizei.

— Não me chame de Stuart, filho.

— Chega! — gritei — Estou cansado, certo? Fale de uma vez o que você quer!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nada... Eu não quero nada.

— Então a chamada se encerra.

— Não! — ele gritou antes que eu pudesse desligar. — Eu quero saber como você está. Você sumiu!

— Já disse que você sempre sumia?

— Sumia para dar a melhor vida possível para você, Tyler. Você teve os melhores brinquedos, não teve? Estudou nas melhores escolas de Vitória. Eu pude te dar um apartamento e se você quisesse, pagaria a sua faculdade ou qualquer curso e...

— Mas nunca estava lá! — reclamei.

— Eu precisava trabalhar.

— Tanto?

— Eu estava seguindo meu sonho. Estava conquistando as coisas das quais sempre quis.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Talvez essa não tenha sido a melhor escolha — falava levando essa questão para algo mais pessoal. — Eu sou pai.

— O quê?

— Eu tive um filho, Stuart.

— Eu sou avô?

— Não, eu sou pai.

Ele não disse nada por um momento e quando falou, foi:

— Não vejo nada sobre você nas redes sociais.

— Não uso quase nenhuma e nunca divulgaria meu filho para ganhar nada.

— Você está certo...

— Eu sei.

— Tyler, pare. De verdade quero saber como

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

você está, mesmo que você não queira me ver.

— Estou cansado...

— É menino ou menina?

— Menino.

— Como ele é?

— Grande, forte, saudável.

— Você vai me deixar conhecê-lo?

Suspirei. De imediato queria dizer que não, mas teria que conversar com Agatha sobre, algum dia.

— Se esforce para isso.

— Você me atenderá todos os dias?

— Não. Comece tentando me ligar uma vez por semana.

— Uma vez por semana! Ótimo. Liguei.

Não confiava em sua promessa, mas me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sentia um moleque inocente querendo acreditar que seu pai estaria em casa no horário que prometeu.

— Mais alguma coisa?

— Eu só queria conversar por conversar, meu filho.

— Hoje não. — Fiz como Agatha; fechei meus olhos e respirei fundo, seria difícil, mas eu diria: — Tente daqui a uma semana.

— Tyler...

— Até sete dias. — E desliguei.

Decidi que não usaria meu celular para nada nesta noite, além de perguntar para Agatha ou Benny sobre Sal.

Consegui assistir ao filme sem interrupções e dormi em paz naquela noite. Não porque não tinha Sal para me acordar, mas porque tinha tomado uma decisão. Uma difícil decisão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

XLIII

Agatha

Decidi trabalhar em casa na manhã seguinte. Benny estava conhecendo alguém e saiu com ele, deixando a casa apenas para mim e Sal.

Depois do almoço, se Chris ainda não tivesse voltado, iria para a agência com o pequeno. Já tinha deixado até mesmo um berço em minha sala e quando era necessário alimentá-lo, ia para a copa

com os demais funcionários para preparar seu lanche. Descobri que Jerry era extremamente habilidoso com preparação de papinhas e Victoria em fazer Sal descansar em seus braços.

Já quando era preciso trocar as fraldas, o trocava na varanda, tentando evitar que o cheiro se infiltrasse por toda a minha sala. Às vezes, acontecia e quando acontecia, trabalhava na varanda ou evitava a minha sala durante horas.

No entanto, antes que eu pensasse em ir para a agência, Christopher chegou.

Eu estava sentada no chão da sala, com Sal em meu colo e meu notebook no chão enquanto teclava.

— Bom dia. — Ele se sentou ao meu lado e beijou meu rosto.

Sal estava acordado, sendo assim, ele, à sua maneira, já reconhecia Chris e tentava sair do meu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

colo para o dele. O entreguei e Chris o abraçou, beijando o topo de sua cabeça.

— Bom dia.

— Se precisar ir trabalhar na agência, posso ficar com Sal.

O encarei, mas ele olhava para todos os cantos, menos para mim.

— Aconteceu alguma coisa?

— Eu tomei uma decisão e queria conversar com você sobre.

Acenei.

— Tudo bem, estou ouvindo.

— Vou desistir.

— Oi?

— Vou desistir de ser ator. Vou trabalhar apenas como modelo fotográfico e procurar um

PERIGOSAS ACHERON

outro emprego de meio-período que aceite alguém sem muita experiência e com cursos aleatórios.

— Não. — Eu segurei seu ombro.

— Como não? Não é o que você queria?

— Não também! Eu queria que você procurasse estabilidade dentro do que você gosta e não começasse algo novo.

Ele balançou sua cabeça.

— Eu sei que você não ama o que eu faço e...

— Chris, eu não tenho que amar o que você faz, quem tem que amar é você. Não coloque essa responsabilidade da sua decisão sobre mim.

— Como?

— Não faça essa história parecer que é culpa minha, que é porque eu não gosto do que você faz e porque eu quero que você tenha estabilidade em outra coisa... Não é nada disso!

— O quê então? — Ele brincou com Sal que chamava a sua atenção e voltou a olhar para mim.
— Meu pai me ligou ontem e eu entendi que é impossível seguir o meu sonho e cuidar de um filho em tempo integral. Eu tenho que escolher entre uma dessas coisas.

— Não Chris, o seu pai é um péssimo exemplo. Você consegue fazer as duas coisas sim! É claro que acontecerá momentos que você abdicará de seu trabalho para seu filho, porque você tem que entender que ele vem em primeiro, mas você nunca poderá basear a sua vida em função dele.

— Agatha, isso é muito bonito, mas...

— Mas é a verdade. Se o nosso filho for a única base de nossa vida, acontecerá que ele crescerá e poderá ser diferente do que idealizamos para ele e isso será péssimo... Porque nós,

PERIGOSAS NACIONAIS

humanos-pais, temos uma tendência a criar o que nós queríamos ser quando nos sentimos frustrados com a nossa realidade, o vendo não como uma pessoa além de nós, mas uma extensão de nós.

— De onde você tirou isso?

— Comecei a ler um livro sobre como criar um filho.

Ele riu.

— Você é...

— Incrível, cuidadosa, atenciosa?

— Louca.

Revirei meus olhos, mas sorria.

— Estamos bem?

— Nunca estivemos mal...

— Sêrio?

Ele riu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo bem, eu sei que estamos em um momento oscilante, mas o meu desejo por você continua exatamente o mesmo, só acho que precisamos de mais tempo a sós.

— Acha?

— Tenho certeza — ele respondeu.

Chris voltou a dar toda a sua atenção a Sal e eu respirei fundo, voltando a um dos assuntos.

— Seu pai te ligou?

Ele me explicou brevemente sobre a conversa e prometeu que não tinha marcado nada com seu pai, apenas disse que ele deveria se esforçar para que eles, um dia, venham a se encontrar. Sabia que era óbvio que um dia isso viria a acontecer, mas gostei do fato de Chris não o fazer pelas minhas costas, mesmo se tratando de seu pai.

— Não quero que você desista do teatro. —

PERIGOSAS ACHERON

Voltei ao assunto principal.

— Yas me ligou para eu tomasse uma decisão de continuar ou largar. E eu tenho certeza que se eu dizer que quero continuar, terei que viajar com a equipe. Eu não posso abandonar vocês...

— É verdade, mas você não acha que pode haver um meio termo? Nós podemos nos reverter, Chris. Nós somos pais. Você não está sozinho, eu não estou sozinha. Eu não preciso levar Sal todos os dias para a agência, mas posso levar todos os dias que você precisa e todas as vezes que eu tiver uma reunião ou qualquer ambiente de muita agitação e com pessoas diferentes, será o seu momento de bancar o superpai.

— O que você quer que eu faça então?

— Converse com ela. Se ela falar que te quer disponível sempre, que não consegue confiar em você por meio período, não vejo outra saída em vez

PERIGOSAS NACIONAIS

de você se recusar a continuar.

— E se eu conseguir continuar?

— Daremos um jeito. Mas te prometo uma coisa, Chris. — Segurei em suas mãos ocupadas demais para me tocar por causa de Sal. — Você seguirá seu sonho. Você não é seu pai.

— Precisamos pensar também se eu não conseguir...

— Não, não precisamos pensar sobre isso.

— Você quer dizer que eu devo criar expectativas?

— Não, nada disso. Acredito que você tem que estar com seus pés no chão, mas não se deve pensar no pior.

— Logo você? — Ele riu.

— Eu penso que as piores coisas podem acontecer no dia a dia. Penso que não conseguirei

PERIGOSAS ACHERON

fechar um contrato. Penso que terei que demitir um funcionário. Penso que posso me atrasar. Penso no engarrafamento. Mas eu nunca pensei que não conseguiria ter a minha agência. Eu nunca pensei que ela não daria certo.

— E por quê?

— Porque eu me dediquei para ela se tornar o que é. Porque eu sabia que isso se tornaria a minha vida e era meu sonho.

— Então sobre o que você acha que eu devo pensar?

Difícil.

— Se eu fosse você, eu pensaria, agora, apenas que será difícil, mas que uma coisa, diante de tantas, é certa: você vai continuar tentando.

— *Continuar tentando.* — Ele maneou sua cabeça de um lado para o outro. — Acho que é um

bom conselho.

— Nós estamos com você. — Eu pisquei para ele e Sal começou a chorar.

Não sabia dizer se essa era a sua forma de se sentir enturmado ou pedir atenção. Queria acreditar que era um pouco dos dois.

Chris sorriu para mim e seus olhos negros brilharam. Eu nunca me senti tão bem por simplesmente apoiá-lo.

XLIV

Christopher

*Um ano. Sal completou um
ano, sem festas ou falsas*

comemorações com pessoas que não se

importavam com ele nem com a família dele. Com

isso, em consenso, foi fácil decidir que ele não

deveria ter uma festa. Preferíamos viajar. Agatha

nunca tirava férias, mas se deu alguns dias.

Ficamos indecisos em deixar Benny, mas ele nos confirmou que passaria esses dias na casa de seu atual relacionamento. Ele não definia como namoro, então nós não podíamos falar que era, mas já estavam juntos há alguns meses. Parecia que era um enfermeiro, sendo assim, nós descansávamos em paz quando ele dizia que estava com o cara.

Se bem que ele poderia estar mentindo apenas para nós fazermos sentir relaxados, mas, depois de tanto pensarmos sobre isso, decidimos que era melhor acreditar nele.

Nós tínhamos nos tornado uma família perfeita nos últimos meses. Não precisamos de uma terapeuta de casais, mas de fato percebemos que o melhor era conversar e depois de muitas conversas, percebemos o óbvio: apoiávamos um ao outro; não

PERIGOSAS NACIONAIS

estava contra do outro; não participávamos de uma competição. Era tão óbvio e tão simples. Sendo assim, vendo o outro como verdadeiro parceiro nos ajudou a resolver nossos problemas diários.

Era claro que ainda discutíamos e às vezes dormíamos brigados, mas tentávamos conversar sobre o mais rápido possível. Agatha não gostava de Yas, nem mesmo depois de ela me aceitar no teatro em meio período e fazendo apenas peças por Salvador, poucas vezes se estendendo pela Bahia e pelo nordeste. Ela dizia que Yas me ligava demais e eu explicava que nós apenas ensaiávamos as nossas falas para que eu não tivesse que sair de casa.

Nem mesmo assim ela gostou da mulher. Expliquei que era a irmã de Ian, *por Deus!* Nada. Seu desgosto continuou. Ela nem mesmo aceitou quando eu finalmente disse que a mulher nunca me

PERIGOSAS ACHERON

olharia.

— Por que você está me contando isso depois de um ano? — foi o que me perguntou. — Ela saiu do armário agora?

— Na verdade, não... Sempre soube — admiti.

— E por que estou sabendo disso apenas hoje? É alguma desculpa esfarrapada para que eu pare de falar dela?

— Jesus, não!

E assim continuávamos a discutir sobre Yas. Mas, sinceramente, eu achava que a Ruiva não sentia ciúmes de mim, ela apenas gostava ter do que reclamar. Não que ela era uma *reclamona* de marca maior, apenas gostava de soltar suas frustrações diárias sobre algo e, era claro, eu me tornava o seu *travesseiro*. Não diria saco de pancadas, porque nem de perto eu me sentia

PERIGOSAS ACHERON

incomodado com suas pequenas discussões e ciúmes fingindo.

Eu me sentia mais como um travesseiro que era abraçado em noites difíceis. Às vezes, era verdade, era um travesseiro que era apertado demais, mas, não demorava muito para eu me sentir empático com sua situação.

Agatha enfrentava muito mais coisas do que eu, um dia, poderia saber. Sua agência continuava estável, mas ela estava em um período de perder muitos clientes e todos aparentavam não ter uma razão real para isso.

Era definitivamente estranho.

Por isso, eu a apoiava e quando eu me sentia em um momento difícil e ela despejava suas frustrações sobre mim, discutíamos feio, mas eu nunca tinha dormindo no andar de baixo. Até mesmo Benny brincava dizendo que nós tínhamos

uma boa dinâmica em aguentar ‘dormir com o inimigo’ como fazíamos. Porém, não sabíamos sobre quem ele definia como o inimigo.

Stuart — ainda estava no processo para voltá-lo a chamar de pai — tinha conhecido seu neto. Agatha decidiu junto comigo deixá-lo conhecê-lo quando o pequeno fez dez meses.

Eu ouvi de perto quando ela falou com ele antes de Sal aparecer:

— Eu quero que você se lembre, todos os dias da sua vida, que você só conhecerá o seu neto, porque eu permiti. E não se preocupe, eu não sou uma pessoa rancorosa, você poderá ser presente na vida dele, depende de você. Essa é a sua chance.

Agatha não acreditava em segundas chances, mas deu uma a meu pai, por mim. Ela era muito melhor do que acreditava que era.

Se fosse possível, eu a amei mais.

PERIGOSAS NACIONAIS

A partir disso, pela idade ou pela consciência pesada, meu pai estava tentado. Ligava uma vez, às vezes até mesmo duas, por semana. Havia aparecido duas vezes por mês e não queria apenas encher Sal de presente, queria cuidar dele quando aparecia.

Acordou tão tarde, mas eu aceitei o seu despertar tardio pelo meu filho. Seria bom ter mais um avô, além de meus tios.

Uma coisa que eu nunca pensei que faria, eu estava fazendo: perdoando, em doses homeopáticas, mas estava.

Seria esse o tal do amadurecer, afinal?

— O que foi? — perguntei a Agatha que encarava o seu celular com uma expressão sombria.

— Meu... meu...

— O quê?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Meu ex-marido me mandou uma mensagem.

— Quê? — Pulei sobre a cama, me sentando ao lado dela. — O que esse vagabundo quer?

— Minha agência.

Me sentia uma idiota por repetir diversas vezes a mesma coisa, mas meu cérebro estava processando devagar o suficiente para eu não conseguir analisar a frase além de dizer:

— O quê?

PERIGOSAS ACHERON

XLV

Agatha

*Eu sempre fui o tipo de
pessoa que os outros tendiam* a dizer que

era pessimista, mas eu sempre acreditei em meu
realismo das coisas. Com isso, *eu era realista!* Eu
era uma pessoa que vivia com meus pés no chão e,
em consequência, esperava que o pior sempre podia

acontecer em um momento de calma.

No entanto, mesmo a minha mente realista não poderia prever o acontecimento de uma coisa: Meu ex-marido ressurgiria.

— O que ele diz na mensagem? — Chris, ao meu lado na cama, quer saber.

— Que eu sabia, que eu sempre soube que ele reapareceria, porque ele tinha me avisado que voltaria quando tudo estivesse bem para mim.

— E...

— E... ele diz que deixará minha família margarina em paz se eu passar a minha agência para ele.

— Isso é ameaça, Agatha! Temos prova dessa mensagem.

Eu balancei minha cabeça, negando.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não é bem assim, Chris. Eu sei que é ele porque só pode ser ele, mas não tem identificação e o número deve ser descartável. A polícia entenderá isso como um ataque cibernético.

— E a delegacia da mulher?

— Não posso comprovar que é meu ex! Até mesmo se eu levasse isso como a Lei Maria da Penha, precisariam saber se há a possibilidade de ataque real.

— E não há? Esse homem não seria maluco o suficiente para atentar quanto você?

— Ser, seria. Mas como comprovar isso?

Ele se levantou da cama, rodando pelo quarto.

— E se você simplesmente ignorar?

— Eu conheço ele, Chris. O conheço o suficiente para saber do que ele é capaz.

PERIGOSAS ACHERON

Continuava rodando pelo quarto.

— O que vamos fazer?

Suspirei.

— Podemos questionar alguns policiais de alguma delegacia qualquer e a da mulher, sobre isso. Podemos falar também com um advogado, mas...

— Mas? — Nesse momento, ele tinha parado de rodar de um lado para o outro e me encarava.

Ele parecia me ler. Ele parecia já saber o que eu ia falar, antes mesmo que eu falasse.

— Eu já desisto.

— Não, Ruiva. Está louca? Ainda nem começamos.

Ele ainda não tinha começado, mas eu já tinha. Eu conhecia exatamente como era meu ex. E eu me lembrava com perfeição do ódio em seu

PERIGOSAS NACIONAIS

olhar enquanto nos separávamos e eu começava uma vida sem ele.

— Tudo bem — ele começou, fingindo tranquilidade que não tinha —, você pode sair por essa porta, mas saiba que você não está saindo porque você pode sair, saiba que você está saindo porque eu estou deixando.

Eu resmunguei alguma coisa e ele riu, antes de continuar:

— Quando a sua vida estiver perfeita, eu saberei. E quando ela estiver, eu reaparecerei tomando tudo. Você vai desejar ter continuado comigo.

— Nunca! — cuspi antes de me afastar dele de uma vez.

PERIGOSAS ACHERON



Conversamos com todas as pessoas possíveis. Policiais, advogados, psicólogos, até mesmo encontramos um juiz disponível para conversar. Nada. Nenhuma dessas pessoas me entendiam, todas diziam que bastava eu ignorar.

No entanto, não poderia mentir que apenas a advogada prestou atenção em mim.

— Ligue para o número.

— O quê? — eu perguntei.

— Converse com ele e grave a ligação, o faça admitir seu nome. Se o fizer e te ameaçar verbalmente, eu posso te ajudar levando o caso como assédio moral ou injúria e difamação. Porém, se ele for realmente violento como você diz, e te ameaçar fisicamente, eu posso te ajudar ainda mais.

Ela parecia quase feliz em dizer aquilo, mas não me importei, tinha lógica.

Mais tarde, naquele mesmo dia, Chris me levou até a varanda, deixando Sal com Benny. Benny já sabia da situação e era claro que pediu sobre as atualizações antes que nós fôssemos conversar.

— O que ele fez com você? — foi a primeira pergunta de Chris.

— Como assim?

— O que seu ex-marido fez para você?

— Seja mais direto.

— Você está me entendendo. — Ele não deixava de me olhar. — Ele já te agrediu?

Não respondi. Fechei meus olhos e suspirei. Meu peito pesava, meus ombros também. Ele não esperou uma resposta. Me abraçou e eu aceitei o

PERIGOSAS NACIONAIS

seu aberto, o apertando.

— Nada de ruim vai acontecer de novo, Agatha.

— Por que você está aqui? — Eu ri.

— Porque você é uma mulher diferente agora. E sim, porque eu estou aqui.

— Está dizendo que antes eu era fraca? — Estava tentando brincar, mas ele continuava sério.

— Antes você era sozinha. Você tem uma família agora.

Chis me fez me sentir melhor, no entanto, meu coração continuava disparado.

— Vou ligar — falei, já me distanciando dele e procurando meu celular.

— Tem certeza? — Ele parecia preocupado.

— Tenho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Liguei e deixei no viva-voz. Meu ex me atendeu no segundo ou terceiro toque.

— Estava esperando pela sua ligação. — Sua voz me dava nojo.

— Quem é? — Minha primeira tentativa óbvia de que ele falasse seu nome.

Sua risada estourou pelo viva-voz.

— Por favor, Agatha. Não sejam crianças.
— Com isso, eu já podia comprovar que a mensagem não tinha sido por engano, era direcionada a mim.

— O que você quer dizer com isso?

— Não vou levar esse assunto adiante — ele falou. — O que eu quero é a sua agência em meu nome.

— Como posso passar a minha agência para alguém que eu não sei quem é?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Encarei Chris que assentia.

Ouvi o suspiro forte do outro lado da linha.

— Não estamos em um jogo. Você não tem chance de ganhar. Eu só quero a sua agência e ponto.

— Exatamente, não é um jogo. É sobre a minha agência, a minha vida e eu não posso dar a minha agência a um completo estranho que me fez um pedido.

— Pedido? — Ele riu.

— Se não é um pedido, o que é?

— Uma ordem. — Riu.

— Ordem? Mas eu não tenho chefe.

— Agatha... Ou devo chamar de *Siren*? Não me interessa mais, sabe o que me interessa? Que você sabe da importância de passar a sua agência para mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Importância? Por quê?

— Você lembra o que eu disse antes... — Ele estava prestes a pisar no campo minado. — Que eu voltaria para cobrar a sua dívida comigo.

— Dívida? Eu não tenho dívida com ninguém.

— Chega! Eu quero a minha agência. — E desligou.

Eu me tremia e Chris colocou o meu celular afastado, me abraçando novamente.

— O que você acha que ele pode fazer se você simplesmente ignorar?

Me afastei de Chris.

— Ele pode acabar com tudo que ele quiser.

— Não é assim também, Agatha...

Eu ri.

PERIGOSAS ACHERON

— Ele tem dinheiro, Chris. Muito. E ele tem poder, influência. Ele tem tudo para acabar com qualquer coisa da minha vida. Eu sou só mais uma... — Estava psicologicamente cansada. — Vou deitar.

XLVI

Christopher

— *Você é um pai agora.*

Lembre-se disso. — Agatha me disse antes
de subir para se deitar.

Ela tinha desistido. Para ela, não tinha saída.
Fui para a sala ficar mais um pouco com Benny e
Sal.

— Como ela está? — Benny me perguntou.

— Mal — admiti. — Eu nunca a vi assim.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela nem perguntou por Sal antes de subir.

— É verdade.

— Benny...

— Sim?

— Ele é realmente perigoso?

Benny não olhava para mim ao responder:

— Sim.

— De que nível?

— Vocês têm um filho — foi tudo que ele me disse, mas foi o suficiente para eu entender que deveríamos nos preocupar com Sal.

— Mas Benny, se ele é ruim, ele deve ter deixado rastros pelo caminho.

— Chris, não se meta nisso. — Ele me encarou. — Eu sinto tanto por Agatha. Eu sinto tanto pela agência, mas antes disso do que algo

PERIGOSAS ACHERON

irreparável.

Assenti, mas não me dei por satisfeito.



Naquela noite, Benny cuidaria de Sal e eu sai de casa. Eu não queria me intrometer em uma decisão de Agatha, tampouco poderia deixar que ela a tomasse sem fazer nada antes.

Eu não duvidava que na manhã seguinte, ela acordasse decidida a dar a sua agência para um filho da puta qualquer.

Pessoas ruins deixavam rastros. Pessoas ruins deixavam vidas destruídas. Eu só precisava achar pessoas que tinham sido destroçadas por ele ao ponto de falarem sobre isso. O contato da advogada continuava em meu bolso.

PERIGOSAS NACIONAIS

Liguei para meu pai e deixei a chamada no viva-voz quando eu estava em meu carro, no meio da estrada.

— Filho, tudo certo? — Ele estava passando por uma temporada em Salvador, sendo assim, estava ao meu dispor.

— Não — falei de uma vez. — Preciso de você.

— É para algo sério?

— Sim. — pedi, em sequência, para ele me encontrar em um bar casual no Corredor da Vitória.

— Por que tão longe?

— Preciso conversar pessoalmente.

Liguei, logo depois, para Ian.

— Qual foi, homem?

— Preciso de você.

PERIGOSAS ACHERON

Ele não respondeu por um minuto.

— Posso fazer uma piada sobre isso?

— Não, é coisa séria.

— Sério em que nível?

— Não sei... Vida ou morte?

— Você precisa de mim para enterrar um corpo?

— Quase isso.

— Onde te encontro?

Passei o mesmo endereço do bar para ele e apesar de também ser longe para ele, ele foi.

No bar, expliquei a situação enquanto pesquisava, na guia anônima — apenas por prevenção — sobre o ex marido de Agatha. Não queria citar o nome dele, sequer pensar sobre, mas, precisava. O celular que eu usava, não tinha nada meu. Não era um celular novo, era apenas um que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

eu tinha pego de um amigo de um amigo e usado por um breve momento com meu chip enquanto comprova um novo. Com isso, esse seria um celular sem valor que, por não ter dados meus, seria o que eu descartaria.

O ex de Agatha era um homem extremamente sociável nas redes sociais. Com isso, ele marcava tudo. Onde estava. Onde ia. Onde se hospedava. O que comia. Quando comia.

No bar, aproveitei para pesquisar sobre as mulheres que ele tinha se envolvido e ainda não era tarde o suficiente para criar uma conta falsa e conversar com elas.

Meu pai era um homem que eu descreveria como carniceiro, sendo assim, o deixaria junto comigo enquanto deixei Ian com o celular da conta falsa, para ele, com sua lábia, falar com as mulheres.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você não quer que eu participe da real brincadeira? — Ian questionou.

— Não quero que você se envolva mais.

— Chris...

— Não, Ian. É melhor que você só converse com elas. Tire *prints*.

— E depois?

— Apenas tire *prints*. Servirá para denúncias anônimas.

Pensei em colocar o número da advogada sobre a mesa, mas desisti. Assim, sempre saberíamos que nós éramos a conta falsa.

Nós estávamos dentro do bar e nós três encaramos a câmera de segurança. Nosso álibi. Porém, era claro que não sairia meu pai e eu sozinhos e deixaríamos Ian. Apenas saímos do campo de visão da câmera. Nossos carros

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

continuariam no estacionamento por horas, mesmo que meu pai e eu tivéssemos ficado no bar por apenas alguns minutos.

Meu pai, por ser conhecido e ter carisma, entrava em qualquer lugar. Mas, dessa vez, além de não podermos nos identificar, não podíamos aparecer. Tínhamos que ser, por um momento ou outro, praticamente invisíveis.

Daria certo. Eu estava confiante. O bar que saímos estava cheio e nossos copos continuariam sendo cheios também. Nossa conta foi aberta cedo e seria fechada quando nós voltássemos.

De certa forma, estávamos em dois lugares ao mesmo tempo.

Perfeito.

Mas antes, era claro, precisávamos de um

PERIGOSAS ACHERON

sinal de Ian. Ele precisava ter conseguido alguma coisa. Algo incriminador, que houve nomes e confirmações de fatos. Depois de uma troca de mensagens com Ian, ele me enviou o *print* de algumas conversas.

Ao mesmo tempo que eu gostaria de não ter lido nem uma das mensagens, eu me senti motivado.

XLVII

Agatha

A cama ficou vazia por muito tempo. Senti a presença de Chris quando o colchão rebaixou apenas um pouco no instante que ele se deitou.

Me virei para olhá-lo e com a minha visão já acostumada com a escuridão, encarei seus traços.

— Algo aconteceu?

Ele negou e me abraçou. Esse era o primeiro abraço entre tantos que parecia de mim para ele e não dele para mim. Suas mãos estavam ásperas e pela pouca luminosidade não tinha certeza absoluta ou não, mas pareciam feridas.

Quando acordei, Chris já não estava do meu lado. Nessa noite, nós não tínhamos nos levantado pelo choro de Sal, já que Chris avisou que tinha deixado Benny apenas hoje neste encargo.

Levantei decidida a uma coisa: assim que meu ex-marido falasse comigo, eu diria apenas sim e daria minha agência para ele. Era claro que, antes disso, precisaria conversar com meus funcionários.

Fechei meus olhos e continuei em minha cama, pensando em meu discurso. Seria como um discurso fúnebre, trágico e devastador.

— *Olá — eu começaria.* —, *quero agradecer*
PERIGOSAS ACHERON

a presença de todos, mesmo para os funcionários que não são fixos e dizer que a partir de hoje, eu estou deixando a Hot Help. Eu me esforcei para deixar os cargos de vocês e...

E mais um monte de besteiras sem fim. Será que eu choraria? Com certeza Jerry choraria e seu choro me deixaria sem jeito. Victoria tomaria coragem para me abraçar. Será que alguém se importaria comigo? Será que algum dos funcionários anunciaria sua demissão depois da minha saída?

Suspirei e antes que pudesse respirar em paz, meu celular tocou. Era ele. Coloquei para gravar.

— Sua vagabunda! — Começou bem.

— Alô? Acho que eu não ouvi bem.

— Sua vagabunda! — Ele fez o favor de repetir. — O babaca do seu namorado entrou em meu hotel ontem à noite. — Gelei. — Estou no PERIGOSAS ACHERON

hospital por causa desse filho da puta. Ele acha que mostrar aqueles *prints* de umas mulheres me difamando é o suficiente para eu não o acusá-lo? Como se essas mulheres fossem a algum lugar. — Riu. — Igualzinhas a você. Não fazem nada. Gostam, não gostam?

Respirei fundo, mas meu corpo inteiro tremia. Ele era a única pessoa que conseguia me desestabilizar dessa maneira. No entanto, era nada além de medo. *O que eu faria?* Eu não tinha medo de barata; de fantasmas; não chorava com *Marley e Eu* e não me assustava com filmes de terror; a ideia da morte, era tranquila para mim, tanto quanto voar de avião. Porém, meu ex-marido me assustava. Me causava arrepios. Ele me dava medo.

— Gostam de quê? — Engoli em seco. — De apanhar? Você está dizendo que as mulheres que você batia gostavam de quando você as

espancavam?

Eu precisava de uma confissão, mas ele riu.

— Eu quero que você vá a agência hoje e assuma que largará o cargo. Grave e mande o áudio para mim. Não se preocupe, meus advogados cuidaram da papelada ainda hoje. — E desligou.

Saí da minha cama às pressas.

Encontrei Chris sentado no chão da sala com Sal. O olhei e o que meus olhos não me deixaram ver a noite, me deixaram ver ao dia. Suas mãos. As marcas delas.

— Chris, o que você fez?

Ele levantou uma de suas mãos.

— Apenas bati em uma mesa.

— Você acha que eu sou idiota? Que ele não me ligaria para falar sobre?

— Eu apenas bati minhas mãos em uma
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mesa — continuou insistindo. — Estava em um bar ontem com Ian e meu pai.

— Desde quando você bebe?

— Não bebi. Estava dirigindo.

— Chris...

— Não foi nada grave — ele falou. — Ele merecia mais.

— Chris... — repeti.

Ele levantou Sal e pegou o seu celular de seu bolso e o inclinou em minha direção.

— Quero que você entre na minha conversa com Ian e ouça o último áudio.

— É sobre?

— Ouça, por favor.

Peguei o seu celular e esfreguei meus olhos. Me sentei no sofá e abri a conversa dele com Ian.

PERIGOSAS ACHERON

Não li nenhuma mensagem, apenas subi procurando o áudio. Era um longo áudio e eu me adiantei dando *play* no momento que Benny descia os degraus.

— Alô? — Era uma voz feminina.

— Oi... — Era Ian. — Não quero mentir para você, até porque você está me ouvindo, mas, eu sou um homem e eu estou gravando essa ligação como combinamos em mensagens. Você está bem com isso?

— Estou.

— Podemos continuar?

— Podemos.

— Por onde você quer começar?

— Não vou começar do começo do relacionamento, mas do primeiro tapa.

Encarei Chris que não me olhava, apenas

distraia Sal. Benny, nesse momento, se aproximou de nós e se sentou ao meu lado, me empurrando para colocar minhas pernas em volta de Chris.

— Comece como quiser — Ian disse.

— Quando ele me bateu pela primeira vez, foi tão repentino, moço. Tão repentino que eu achei que era mentira. Eu ria em um momento antes e ele se estressou achando que eu ria até, então, do nada, simplesmente do nada, eu me vi no chão.

O tom de voz da mulher começava a mudar. No início, ela tinha força, aos poucos, sua voz se tornava quebrada.

— Moço, foi tão assustador que ele começou a repetir que eu caí. Eu acreditei. Eu sou uma idiota, não sou? Era lógico que eu sabia que ele tinha me batido, mas ao mesmo tempo eu acreditei que ele não tinha. Não sei explicar...

— Tudo bem — Ian falava, calmo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Do primeiro ao segundo tapa demorou bastante, mas nesse período eu sequer percebi que ele tinha me trancado em casa. Não era apenas pelo fato de que eu não tinha a chave da porta enquanto estava dentro da casa, mas era também porque ele me dava ideias de quão ruim o mundo era lá fora. Eu adquiri agorafobia. Eu tenho medo de sair de casa, sempre penso que coisas ruins vão acontecer, mas antes eu era uma mulher extremamente ativa.

Sua voz ganhava força aos poucos.

— A segunda vez que ele me bateu foi um tapa fraco, não me fez cair no chão, mas ele quebrou o meu celular em seguida. Eu já não saía de casa e já não tinha contato com mais ninguém. Não tinha internet, nem celular e ele levava o meu computador para a rua, dizia que precisava. Eu acreditava.

— Você ficou com ele por quanto tempo?

PERIGOSAS ACHERON

— Estive em um relacionamento com ele por pouco mais de seis meses.

A ligação foi encerrada pouco depois. Ian pedia que ela falasse o nome do meu ex, o dela e brevemente como o conheceu.

— Há mais — foi o que Chris disse. — Levaremos como uma denúncia anônima.

Eu suspirei, mas não sabia o que dizer.

— Ele quer que eu grave um áudio me despedindo de meus funcionários — avisei.

— Você não vai precisar fazer isso. — Chris estava confiante.

— Uma coisa é falar — disse —, outra é aceitar se expor, fazer esses exames de corpo de delito.

— Temos que esperar um pouco — Benny interviu. — Você não pode simplesmente dar a sua

PERIGOSAS NACIONAIS

agência, não tem qualquer lógica. Agora temos algo para estender o tempo, pelo menos.

— Vocês não o conhecem como eu! —
Passei minhas mãos em meu cabelo. — Eu não quero ninguém da minha família em perigo.

— Nós não estamos em perigo. — Chris falava com calma, mas eu não conseguia confiar.

— E quem nos garante que depois de levar a agência, ele lhe deixará em paz?

Esse era outro de meus medos... de que ele nunca me deixaria em paz. Sempre seria um fantasma que surgiria para me assustar toda vez que eu estivesse em um bom momento.

PERIGOSAS ACHERON

XLVIII

Christopher

Eu não sabia mais o que

fazer. Mesmo com as gravações de algumas

mulheres admitindo o que o ex de Agatha tinha

feito, a polícia não pode levar o caso adiante. Já

que nenhuma queria aparecer, como a Ruiva tinha

suposto. Se nenhuma queria aparecer, também não

PERIGOSAS NACIONAIS

queriam fazer o exame de corpo de delito. Sendo assim, a polícia e até mesmo a advogada que já tinha conversado conosco, nos aconselhou a não levar o caso adiante, teria uma grande — se não completa — chance de perdemos e ainda levarmos um processo de injúria e difamação de volta.

Estávamos atados, mas, ao menos, ele também não pode me denunciar. Tentou um retrato falado, mas me descreveu como um ‘homem de olhos azuis’ e logo quando descobriram que, na verdade, eu não era um homem de olhos azuis e tinha um álibi, não pude ser denunciado, com isso,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ele apenas denunciou a agressão puramente. O que, era provável, que apenas definissem como um caso isolado de um atual namorado de uma de suas *exs*.

Eu estava tranquilo sobre, mas não estava com a forma como Agatha estava se comportando. Ela claramente estava assustada.

— O que faremos? — perguntei a Benny, quando ela tinha saído para trabalhar achando que seria seu último dia. — Se ele pedir para ela passar a sua casa para o nome dele, ela passará.

— Ela está devastada — Benny comentou. — Acredita que ele pode destruir com a vida de qualquer um ao redor dela.

— Mas o que faremos sobre isso? Tem que haver alguma saída!

Ele deu de ombros.

— Talvez ele tenha algum podre. Sei lá..

PERIGOSAS ACHERON

Sonegou imposto de renda. Lavagem de dinheiro.
Não faço ideia...

— É um começo.

Benny foi a uma consulta com seu namorado-enfermeiro e eu levei Sal para a agência, encontrando Agatha em uma reunião com seus funcionários.

— Eu tinha um texto premeditado sobre o que diria hoje. — Aparentemente, estava no começo quando eu cheguei a uma sala comprida onde todos estavam sentados, menos ela. — Mas diante do tempo passado, as palavras escritas pareceram sem importância. Por isso, resolvi ser direta e dizer a verdade.

Pensei em gritar, mandá-la parar quando Sal começou a chorar e ela nos viu, parado a entrada da sala.

A vi desestabilizar. Quando ela levantou seus
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

olhos de Sal para mim, era como se eu pudesse a ler. Eu acreditava que ela admitiria apenas em partes, que diria que a agência, em breve, viria a pertencer a outro e que ela estava saindo do posto em breve ou qualquer maldição do tipo.

No entanto, ela trocou o peso de seus pés e massageou suas têmporas. Seus ombros pareciam levar um peso e seu nariz em pé, se curvou no momento que ela passou seu olhar por todos da sala.

— A verdade é que eu estou sofrendo uma chantagem de meu ex marido. — Mas ela não falou nada do que eu imaginei. Ela falou realmente a verdade. — Eu estou sendo chantageada e estou em uma viela, sem saber o que fazer. Porque, por um lado, a agência é a coisa mais importante em minha vida, mas não vale a pena o medo de algo acontecer com meus familiares. É como se ele soubesse o

PERIGOSAS ACHERON

momento certo de querer tirá-la de mim, quando eu tenho coisas reais para perder.

Sal continuava chorando e eu o balançava, tentando fazê-lo parar. Seu choro não era estridente ao ponto de que era insuportável, era baixo, quase como um choramingar constante. Mesmo sendo baixo, pelo ambiente silencioso, todos ouviam. Um ou outro viravam a cabeça para me ver com a criança.

— Acredito — ela continuou — que vocês podem pensar se ele é realmente tão violento assim. E é. Eu estou assustada e não sei o que fazer. A agência é importante para mim, mas penso em jogá-la para cima e cuidar da saúde de minha família.

— E a polícia? — Jerry perguntou. — Eles não podem fazer nada?

— Não exatamente. Ele não se identifica e

PERIGOSAS NACIONAIS

não posso acusá-lo como chantagem porque não há uma ameaça direta.

— Ele não tem nenhuma ficha criminal?

— Não, não que eu saiba.

Jerry colocou uma mão em seu queixo.

— Temos que salvar a agência... — falava, pensativo.

— Vocês não precisam se preocupar sobre isso — ela disse. — Vou me esforçar ao máximo para que mesmo que eu perca a agência, vocês continuem trabalhando aqui.

— Eu não vou continuar aqui sem você — Jerry foi o primeiro a dizer.

— Nem eu — Vicky disse, baixinho.

Algumas outras pessoas apoiaram, porém, nunca saberíamos se elas realmente cumpririam o que dizia.

PERIGOSAS ACHERON

— Obrigada a todos. Reunião encerrada.

Eu me aproximei no momento que Jerry e Vicky também caminhavam na direção dela.

— Eu tenho um primo que é detetive — Vicky falou. — Ele pode descobrir alguma coisa.

Agatha balançou sua cabeça.

— Não sei, Victoria. Não quero envolver nenhum de vocês nisso...

— Não me envolveria. Envolveria meu primo. — Ela deu de ombros. — Esse é o trabalho dele, aposto que não seria grande coisa.

Encarei Agatha e me mantive calado, fazendo Sal se manter quieto também e esperei que ela decidisse. No fim, ela disse o que eu gostaria:

— Tudo bem — confirmou com Vicky.

Eu me senti aliviado. Teríamos, ao menos, mais tempo.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

XLIX

Agatha

— *Você está bem?* —

Chris me perguntou.

— O detetive continua procurando alguma coisa — falei de dei de ombros. — Não sei se vamos conseguir nada.

— Estamos ganhando tempo. Ele não pode me incriminar, nós não o podemos... *ainda*.

— Mas nesse meio tempo ele pode fazer algo contra nós! — Me segurei com força no corrimão da esteira da academia de meu condomínio.

Ele segurou minhas mãos.

— Não Agatha, se ele quisesse fazer algo, ele faria... Na verdade, ele já fez! Ele é como a porra de um fantasma te assombrando. Talvez ele nem possa fazer nada, talvez nem tenha mais força para nada.

— Eu não sei... — Antes que eu falasse mais alguma coisa, ele tirou sua camisa.

Uma sensação de formigamento afetou todo o meu corpo. Era absolutamente estranho como eu me sentia ao vê-lo, parecia que não convivíamos juntos, que não nos víamos todos os dias.

— Você está tentando me distrair? — Eu corria ainda mais rápido na esteira e ele jogou a sua camisa em minha direção.

— Nessa academia que invadimos? — Era claro que “invadimos” era um exagero. Apenas tínhamos pedido a chave para o segurança. —
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Nunca, nunca tentaria te distrair.

Parei de correr e ele sorriu, presunçoso, como sempre.

— O que você está tentando então?

— Malhar um pouco. — piscou.

— Só isso?

Ele abaixou sua bermuda, ficando apenas com uma cueca.

— Sim, malhar, claro.

— Sem roupa? Não pensa que sua pele vai grudar no equipamento? — questionei.

— A minha pele grudaria de toda a maneira no equipamento, assim estarei mais livre, só isso.

— Liberdade, é isso que você quer?

— Claro, apenas liberdade.

— Não me seduzir?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nunca tento te seduzir. — Ele se aproximou da esteira e suas mãos voltaram a agarrar a minha.

Não voltei a correr, continuei o encarando.

— Nunca?

— Nunca. — Seu tom de voz mudou e eu engoli em seco.

Saí da esteira e nós nos encaramos por um segundo apenas, distantes, mas conectados.

— Não quer me seduzir agora? — brinquei.

— Com certeza! — Eu não precisava pedir duas vezes. Em um segundo ele estava distante, no outro, sua mão estava em minha nuca e sua boca na minha.

Ele não me beijou devagar, ele me invadiu sem pedir e eu deixei sem pensar duas vezes. Sua língua brincou e acariciou a minha, me excitando,

PERIGOSAS ACHERON

me explorando, como ele gostava de fazer, suas mãos me puxaram pela cintura e nos empurraram para a parede.

Minhas costas agora encostadas na parede ao ponto de que eu nem senti quando, involuntariamente, minhas pernas já estavam em volta da cintura de Christopher. Com um braço me segurando pela bunda, sua outra mão desceu para minha panturrilha e parou em meu tênis, com agilidade ele tirou meu par de tênis e meia.

Percebi ele empurrando a sua cueca para baixo. Senti seu membro roçar por cima da minha entrada, sob meu short de malha. Eu já podia me senti umedecer.

Seu braço continuou me dando apoio e sua outra mão foi para meu cabelo. Repousei minhas mãos em cada ombro de Chris. Ele começou a nos guiar para algum canto da academia, não fiz

questão de abrir meus olhos para ver onde ele estava nos levando, apenas me deixei ser levada.

Quando enfim eu abri meus olhos percebi que estávamos próximos a um banco de supino reto, era nada mais que um banco alto acolchoado com uma barra de metal e dois pesos, os tais anilhas. Christopher me carregava com tranquilidade e só veio me pôr no chão próximos àquele equipamento.

Sua boca não largou a minha no percurso, quando ele se afastou soltei um gemido de protesto e em seguida sua boca começou um caminho de beijos de minha orelha a meu pescoço fazendo cócegas em mim com sua barba.

Deixei uma mão em seu ombro e com a outra puxei seu cabelo para trás, Chris grunhiu baixinho e se afastou do meu pescoço. Dei à Chris um sorriso torto e ele desobedientemente voltou a atacar meu

PERIGOSAS NACIONAIS

pescoço, roçando sua barba em mim, causando-me risos descontrolados.

— Para! — praticamente gritei e suas mãos foram para o elástico de minha calça, da qual rapidamente já estava no chão.

O que antes eram protestos meus, se tornaram gemidos por mais, quando Chris ficou de joelhos em minha frente enquanto retirava minha calcinha de algodão.

Christopher agarrou uma de minhas coxas, a colocando sobre seu ombro, com sua outra mão ele apertou uma de minhas nádegas e estava com meus olhos fechados quando senti dois dedos de Chris abrirem meus grandes lábios como uma tesoura e sua língua tocar sabiamente meu clitóris inchado e pulsante.

Gemi enquanto todo meu corpo estremecia de prazer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu tinha certeza que eu poderia sentir essa sensação da língua de Chris dentro de mim um milhão de vezes que ainda assim eu gemeria como se fosse a primeira vez. Sua língua era fria e eu quente, um leve choque passava por todo meu corpo quando eu sentia aquela língua me lambendo como um homem faminto.

Christopher sabia o passo a passo para levar uma mulher à loucura. Comigo não era diferente. Sabiamente e delicadamente ele me abria mais com seus dedos, sua língua nunca deixava meu clitóris, lambendo e chupando e sua outra mão continuava a apertar uma de minhas nádegas, algumas vezes me dando leves tapas, enquanto me chupava.

Oh! Deus! Ah!

Eu simplesmente não conseguia parar de gemer alto. Minhas mãos repousaram em seu cabelo comprido.

PERIGOSAS ACHERON

Christopher pegou meu clitóris entre seus dentes, bem de leve ele mordiscou, para depois chupar com sucções calmas e rítmicas. Sua barba roçava toda minha vagina.

— Chris... — gemia e gemia.

Já disse que não conseguia parar de gemer?

— Calma, Ruiva! — Chris tirou sua boca de mim para falar, e até mesmo sua voz, agora mais rouca que o normal, fez com que todo meu corpo se enrijecesse ao ouvi-la.

Com Christopher eu não sentia que havia alguém no "comando", era como fosse apenas nós dois desfrutando de prazer, não um "acima" do outro. Éramos apenas eu e ele, nada mais importava. Apenas a tentação, apenas o nosso prazer... Era surreal. Era fascinante. Era tentador quanto devastador.

Chris deixou meus grandes lábios abertos

PERIGOSAS ACHERON

com seu polegar e indicador enfiando devagar seu dedo do meio em minha entrada. Eu estava tão molhada que escorria por minhas pernas. O dedo de Chris entrou facilmente em mim e ele riu baixinho, colando sua boca novamente em meu clitóris, sua barba começou a fazer um carinho em mim. Era ao mesmo tempo engraçado e gostoso.

Ele colocou mais um dedo em mim, tirando seu indicador de meus grandes lábios e colocando devagar em minha entrada. Seus dois dedos ficaram parados por pouco tempo, depois ele começou a enfiá-lo com um ritmo constante em mim, sua língua fez movimentos circulares com meu clitóris dando ao meu corpo um prazer constante, como seus movimentos.

Ele tocava com seus dedos em meu ponto G, me deixando cada vez mais louca de prazer. Gemi quando Christopher começou com estocadas

rápidas dentro de mim, sempre tocando em meu ponto G e seus movimentos circulares com a língua em meu clitóris se tornaram também mais rápidos.

Sua língua saiu de meu clitóris para ir à minha entrada, quando seus dedos foram em meu clitóris. Com a troca de posição eu gemi mais ao sentir sua língua entrar e sair em mim, quando seus dedos apertavam e massagearam meu clitóris inchado.

Eu não demoraria muito para gozar.

A outra mão de Chris apertou minha bunda o suficiente para deixar uma marca de sua palma. Senti meu clímax próximo, pois minhas pernas estavam ficando moles. Chris pareceu sentir minha fraqueza, tirou sua mão de minha bunda e foi ao meu quadril, me dando algum equilíbrio. Mas sua língua não saiu por um momento de dentro de mim, e seus dedos não pararam de massagear meu

clitóris.

— Estou bem perto... — Meu corpo inteiro se arrepiou.

— Vem Ruiva! — Chris tirou sua língua de mim o suficiente apenas para falar, com aquela sua voz rouca, então sem esperar mais ele meteu fundo sua língua novamente em minha entrada.

Christopher me comia com sua língua e dedos, sem nenhum pudor ou hesitação. Ele não parava por nenhum segundo, nem quando meu corpo começou com leves espasmos e depois minha combustão foi completa, soltando enfim meu orgasmo.

Ele tirou seus dedos de meu clitóris para meu segurar pelos quadris, mas sua língua não saiu de mim, e quando eu achei que meu orgasmo tinha acabado, outra onda de prazer me dominou, seguida de outras pequenas, transformando em uma única,

múltipla e intensa.

A língua dele só saiu de dentro de mim quando meu clímax tinha passado completamente. Chris continuou de joelhos por um momento, antes de me colocar deitada no banco.

— Oi Ruiva! — Piscou enquanto sorria, daquele seu jeito de sempre.

Arranhei os seus ombros e puxei o meu top para fora de meu corpo.

— Vem!

Ele continuou sorrindo e abriu as minhas pernas ainda mais para a sua passagem. Ele já estava sem roupa, descalço. Tão pronto para mim, quanto eu para ele.

Nós gememos em uníssono quando ele me penetrou.

Naquele momento nada existia além de nós

PERIGOSAS NACIONAIS

dois.

PERIGOSAS ACHERON

L

Christopher

De noite, eu encarava

Agatha. Ela dormia nua ao meu lado

enrolada em um lençol fino. O lençol mal a cobria por completo. O ar condicionado estava no clima ambiente, mas pelo quarto fechado, a sensação térmica parecia que era ainda mais frio.

Agatha dormia de bruços e eu aproveitei para passar meus dedos em suas costas, leve, por cima. Mesmo com um movimento tão sutil, ela se arrepiou. Seu cabelo estava em uma perfeita bagunça.

Ela se remexeu na cama e parecia saber que eu a olhava, porque despertou. Achou meus olhos mesmo com a pouca luminosidade do quarto.

— Ainda acordado? — Esfregou seus olhos.
— Insônia?

— Um pouco. — Dei de ombros.

— Isso não é preocupação, é?

— Não, eu estou bem.

Ela se mexeu mais um pouco e ficou de lado na cama, com uma perna sobre a outra. Eu estava sentado e ela abraçou as minhas pernas. Sua cabeça estava na altura de meu quadril. Acariciei sua

PERIGOSAS NACIONAIS

cabeça e seu cabelo embolou em meus dedos.

— Daqui a pouco Sal vai começar a chorar...
— comentei, olhando para o relógio ao nosso lado da cama.

— Será?

— Se for como a maioria dos outros dias, sim.

— Ele está dormindo mais ultimamente.

— Está com um sono mais tranquilo.

— É verdade... — Eu falava, mas pouco me ouvia. Até mesmo a Ruiva estava com seus olhos fechados. — Agatha?

— S-sim... — Ela bocejou e deitou sua cabeça em meu colo.

— Nós deveríamos casar.

— Casar?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É.

— Casar-casar?

— Casar.

— Você está brincando — ela confirmou.

— Agatha, você quer casar comigo?

Ela levantou sua cabeça e me encarou.
Ficamos há apenas poucos centímetros de distância.

— Chris...

— Eu sei que parece loucura, mas...

— Não parece loucura — ela me cortou. —
Parece...

— Certo? Ótimo? Você aceita? — supus.

Ela se sentou na cama e encarou o ambiente
antes de virar seu rosto para mim.

— Não sei, Chris.

— Por quê? Não parece certo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não parece errado — comentou. — Mas...
Não sei. Merda, não sei.

— Não pode ser tão difícil essa decisão.
Você se casou com o outro.

— Christopher!

— Não fale comigo como se eu fosse uma
criança.

— Mas você entende o quão arrogante soou a
sua última frase, certo? Eu estava realmente
tentando te repreender.

Eu ri.

— Me repreender. E isso soa ridículo.

Ela fincou as suas unhas em minha coxa, me
fazendo encarar seus olhos fixamente.

— Você não é ele.

— Que bom, não é?

PERIGOSAS ACHERON

Minha ruiva balançou sua cabeça e seu cabelo bagunçado caiu sobre seus olhos.

— Você não é ele — voltou a falar. — E por isso, eu preciso pensar mais sobre nós. Não posso aceitar precipitadamente. É muito além de um contrato.

— Meu Deus! — Quase cuspi as palavras. — Você tem que pensar sobre se casar comigo? Por quê? Me dê um único motivo! Porque senão eu vou dormir acreditando que você só está pensando porque eu sou pobre e não pensou com ele porque ele não era.

— Você está dizendo que eu só casei com ele porque ele era rico?

— É exatamente isso que eu estou dizendo!

Suas mãos largaram minha coxa e ela se distanciou de mim, sentando-se na ponta da cama, de costas.

— Impressionante — ela sussurrou.

— Me diga algo, Agatha. Me diga algo que faça eu mudar essa ideia.

— Você parece que não entende sobre necessidades.

— Necessidades? — Eu me sentei na ponta, ao seu lado e coloquei uma mecha de seu cabelo atrás de sua orelha, fazendo-a olhar para mim. — De que tipo de necessidade estamos falando?

— Básicas. Não básicas sobre comer ou ter uma casa, mas básicas sobre mudar a realidade que vive, sobre não aguentar mais, sobre necessitar sair. Eu aceitei me casar não porque amava ou era ingênua o suficiente, era por essa necessidade, era pela necessidade de acreditar que ele mudaria a realidade que eu vivia.

— Mas... — Abri minha boca, mas ela colocou seus dedos em meus lábios.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu casei por necessidade, não pelos sentimentos. Com você é diferente. Não me casaria com você porque quero mudar minha vida, mas seria porque quero continuar a tê-la.

— E você tem dúvidas de que quer continuar?

— Não é sobre dúvidas... Eu não sei explicar isso, mas eu não quero estragar nada.

— Como você estragaria aceitando casar comigo?

— Você só tem vinte e cinco, Chris.

— Você nunca pensou sobre idade antes.

— Sempre pensei, nunca falei — ela me consertou. — E agora acho que é uma responsabilidade minha pensar por você sobre isso.

— Não estou nem aí pra minha idade, Agatha. — Eu ri. — Eu já sou pai, por favor. A

PERIGOSAS ACHERON

maior responsabilidade de todas, eu já a detenho.

— Pode ser, mas...

— Mas nada — a cortei e levantei minhas mãos por um momento, antes de deitar. — Não precisamos mais conversar sobre isso.

Me deitei de lado, encarando a parede e de costas para ela. Tudo que eu precisava era dormir depois de tomar um fora da minha própria mulher. Afinal, qual era a dificuldade? Já morávamos juntos há anos. Já criávamos uma criança. Já tínhamos uma vida. Por ela simplesmente não aceitava? Por que ela simplesmente não me dizia sim?

— Eu te amo, Christopher — sussurrou em meu ouvido enquanto passava um braço por minha cintura, sua mão fria tocou em minha pele quente.

Sorri e toquei em sua mão. Eu a amava. De fato, eu a amava. A mulher era um problema da PERIGOSAS ACHERON

cabeça aos pés, mas eu não conseguia resistir. Absolutamente tudo que poderia ser simples com Agatha, não era.

Eu gostava de desafios.

Amava.

LI

Agatha

*O detetive me mandou todos
os arquivos necessários* no dia posterior a

Chris ter me “pedido” em casamento. Na verdade,
seu pedido não parecia um pedido, parecia como a
realização de uma atividade óbvia. Quase como se
estivéssemos claramente com fome e ele se

PERIGOSAS NACIONAIS

oferecesse para comprar uma pizza. Não era que eu esperava romantismo, era apenas que eu não queria algo ‘obrigado’ ou simplesmente fazer por fazer porque parecia certo.

Nós não precisávamos nos casar para vivermos juntos. Nós não precisávamos nos casar para criar uma criança. Sendo assim, nós só precisávamos nos casar se quiséssemos, mas o querer não precisava ser porque praticamente já vivíamos uma relação de casados. Tínhamos que sentir e apesar de soar tão infantil quanto idealizadora, tanto quanto desejar uma primeira vez com o amor da sua vida, era real. Eu queria sentir.

Não que eu não o amasse o suficiente para

PERIGOSAS ACHERON

isso, mas eu precisava querer além de selar um contrato. Eu queria que meu coração disparasse e que eu tivesse a certeza absoluta que desejava passar o resto da minha vida com ele.

Eu já tinha feito isso antes, mas essa seria a primeira vez dele. Precisava ser algo além. Precisava ser especial, único. E seria único para mim também, porque seria com ele.

— Tudo bem? — Benny me perguntou em minha agência, na minha sala.

Ele estava parcialmente deitado em meu sofá e eu me sentia melhor em poder admitir que a aparência dele estava mudando com o passar dos dias. Benny estava engordando e suas olheiras estavam melhorando, deixando de ser tão fundas.

— Eu... eu estou ótima! — Me levantei de minha cadeira, quase a ponto de bater palmas ou pular.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que aconteceu? — Benny se levantou do sofá e caminhou em minha direção.

— A agência está salva! — Eu literalmente pulei.

— Salva! — E Benny quase gritou. — Como? Por quê? O que aconteceu?

— Ele está quebrado — dessa vez eu verdadeiramente gritei. — Meu ex marido está quebrado!

— Pobre?

— Demais. — O abracei. — Ele não tem nada e é por isso que quer a minha agência.

— Não é por nenhum plano macabro?

— Nenhum.

— Nem por vingança?

— Sinceramente? Talvez um pouco disso, mas o que ele mais quer agora é dinheiro e se ele

PERIGOSAS ACHERON

vender a agência ou repassá-la para concorrentes pode fazer um bom dinheiro.

— Isso é ótimo! — Ainda nos abraçávamos e começamos a pular. — Como ele está quebrado?

Nos afastávamos nesse momento e eu respirei fundo.

— Sonegação. Outro divórcio. Pensão alimentícia. Tudo que realmente funciona.

— E tudo que realmente leva muito dinheiro.

— Benny, isso é incrível.

Meu amigo andou pelo meu escritório.

— Precisamos pensar consciente. O detetive tem certeza absoluta que ele está quebrado?

— Sim. Não saiu em noticiários ou qualquer coisa do tipo, mas tem todos os dados necessários comprovando isso no site da Receita Federal.

— Isso é sobre a sonegação, mas e sobre o
PERIGOSAS ACHERON

divórcio e pensão alimentícia?

— Os dados do Imposto de Renda só foram achados por causa do CPF...

Benny parou de andar e me encarou com seu cenho franzido.

— Você quer que eu adivinhe o resto?

— Benny, só o CPF.

— E?

Eu ri.

— Com o CPF, ele conseguiu descobrir que ele agora é divorciado e ele tem um filho pequeno...

Benny continuava com a sua expressão franzida.

— Basicamente você pagou para um homem descobrir um CPF do outro?

— Não, ele não foi completamente inútil. Ele

me enviou acusações feitas por sua ex mulher, mas no fim das contas eram sobre a pensão, também seu endereço atual.

— E o que você está pensando em fazer agora?

— O detetive me disse que na situação atual, bastaria uma mulher denunciá-lo.

— Você será essa mulher?

— Não posso, não tenho qualquer prova. E você viu que nenhuma outra mulher que admitiu para Ian o que aconteceu, quis fazer o exame de corpo de delito.

— Mas por que essa cara? — ele quis saber.

— Que cara?

— Você está olhando de um jeito vitorioso.

— Vitorioso? Que tipo de olhar é esse?

— Pensativo vitorioso. — E ele imitou,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

colocando uma mão em seu queixo e suspirando fundo enquanto olhava para o teto.

— Isso é possível? Você não parece vitorioso pensativo.

— Pensativo vitorioso, tem diferença.

— Meu Deus. — Ri enquanto saia de trás de minha mesa. — Eu posso destruí-lo se eu quiser.

— Destruí-lo?

— Eu tenho dinheiro e ele não. Eu tenho mais poder que ele.

— Agatha, ele pode estar quebrado, mas aposto que não está pobre de verdade e, além disso, ele pode ter alguma conta em outro país ou simplesmente ter conhecidos influentes. Não vale a pena.

— Vale a pena. — Acenei. — Eu poderia colocar alguém que merece preso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você não é a polícia, baby. Você não tem esse poder. Nem o divino nem o da Terra. Não vale.

Coloquei minhas mãos em meu cabelo e gritei. Não alto ou estridente, baixo, gutural ao ponto de incomodar minha garganta.

— Eu não o aguento mais, Benny. Chris teve razão quando disse que ele é como a porra de um fantasma. E se ele ganhar muito dinheiro e volte a me assombrar daqui a uns anos? Eu sei que agora ele não tem força legal contra mim, mas e depois?

— Agatha...

— É sério!

— Eu sei, baby. Eu sei que é sério, mas você tem que respirar também. Você tem que pensar que ele não é um fantasma, ele não pode invadir a sua vida quando bem entender.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você quer o quê? Que eu seja superior a ele?

— Claro que você tem que ser superior.

— Só que eu sinto medo dele e ele não de mim.

— Baby...

— Eu sei! — gritei. — Eu não deveria sentir nada sobre ele, mas o que eu posso fazer? Não consigo evitar.

— Eu não ia dizer isso — ele falou. — Eu ia dizer que é natural, é completamente compreensível o seu medo.

— Mas?

— Era isso.

— Você não tem um mais? — Balancei minhas mãos no ar, sem um objetivo exato.

— Não tenho um mais.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você não tem um conselho ou uma ajuda?

— Não tenho nada.

Me sentei no sofá que antes ele estava deitado e cobri meu rosto. Quando Benny falou novamente a sua voz soava melodiosa e tão calma como somente ele falaria:

— Eu não tenho mais o que dizer, porque acredito que não há o que fazer. Ele é passado e ele não pode fazer nada contra você. Ponha uma queixa na polícia novamente, tente mais uma vez, quem sabe não consiga aquelas coisas de distância e se ele pensar em se aproximar de você, então aí você poderá acabar com a vida dele.

— Não é só sobre isso, Benny.

Alguém bateu na porta e eu franzi meu cenho.

— Quem é?

PERIGOSAS ACHERON

— Victoria.

— Entre, entre.

Depois que ela abriu a porta, continuou parada na porta e encarou o chão por um momento antes de levantar seus olhos em minha direção.

— Me desculpe, mas eu consegui ouvir algumas coisas que vocês falaram.

— E? — eu questionei.

— E pensei por que a senhora não conversa com as mulheres que já sofreram algum tipo de abuso doméstico?

Dei de ombros.

— Ian conversou com elas e depois que enviou as gravações para a polícia, elas, mesmo dando nomes e endereços, simplesmente negaram fazer o corpo de delito.

— Mas só Ian conversou com elas... — Era

estranho pensar que Ian era o cunhado de Victoria.

— O que você quer dizer com isso?

— Que só ele conversou com elas. Talvez elas só contaram o que aconteceu porque sentiram segurança para isso, mas não para dar um passo a mais. Se a senhora conversasse com elas poderia ser diferente.

— Só por que eu sou mulher?

Victoria encarou seus próprios pés e trocou o peso de sua perna. Colocou uma mecha de seu cabelo para trás de sua orelha e respirou fundo. Era uma longa pausa para uma resposta, mas eu percebia a sua aflição e timidez.

— Pode dizer de uma vez, querida. — Benny a ajudou.

Minha assistente acenou e encarou meus olhos fixamente, como eu não imaginava que ela

conseguia fazer para dizer:

— Porque você passou pelo mesmo que elas.

— Ela tem um bom ponto. — Benny raciocinou.

Victoria e eu fomos para uma praça de Lauro de Freitas encontrar com uma das mulheres que eu tinha ligado depois que Ian me passou seus números. Aquela que veríamos foi a única que aceitou nos encontrar.

Enquanto Victoria ajustava seu cinto de segurança, eu tive que perguntar:

— Por que você continua assim tão tímida depois de anos trabalhando comigo?

— Eu sou assim. — Ela me olhou com um sorriso... tímido.

— Como é possível? — Eu ri ao estacionar.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nós temos certa intimidade, não é?

— Eu não sei... Simplesmente sou assim.

— Você não acha que isso te atrapalha?

— Normalmente as outras pessoas falam mal, mas eu não me importo.

— É, se você não se importa o problema é delas, não seu.

Ela ri.

— Também penso assim. Sei que pode ser um pouco difícil não dizer de uma vez o que penso por receio de alguma coisa, mas, no final das contas, eu consigo.

— E todo esse receio é só timidez?

— Tenho medo de ferir os sentimentos das pessoas.

— Não deveria.

PERIGOSAS ACHERON

Victoria balançou sua cabeça de um lado para o outro e desafivelamos nossos cintos de segurança. Depois de sairmos do carro, ela me respondeu:

— Talvez realmente não deveria ligar tanto, mas acho que esse é um trabalho constante.

Me aproximei dela e segurei seus ombros.

— Me diga o que você pensa sobre mim.

— O quê?

— Seja sincera. Diga, de coração, uma coisa impulsiva que você pensa sobre mim. Não precisa ser boa.

— Determinada.

— Não, Victoria. Você tem que dizer algo como “vaca” ou “louca” ou “megera” ou “fria”.

— Essas são coisas que você pensa sobre si mesma ou o que acha que as outras pessoas pensam

sobre você?

— A segunda opção — falei pouco confiante.

Victoria sorria.

— Acredito que você é confiante demais para realmente querer saber sobre o que pensam de você.

Pensei, no primeiro instante, em pedir que ela me dissesse o que diziam, porém, balancei minha cabeça.

— Obrigada — agradei, mas não sabia exatamente sobre o quê.

— Agatha... Depois nós podemos conversar?

Assenti.

— Com certeza.

Vimos a mulher que eu iria conversar com facilidade. Não só a reconhecemos pela foto nas PERIGOSAS ACHERON

redes sociais, mas mesmo que não houvesse, era a única mulher no ambiente com aparência de acima de vinte anos.

LII

Christopher

— *Que semana* —

comentei.

— Pois é. — Agatha respondeu, soprando.
— Convenci uma mulher a fazer um exame de corpo de delito. Meu ex marido foi preso. Caso exposto. Victoria pediu demissão.

— Quer conversar sobre alguma dessas coisas?

— Uma coisa de cada vez, certo?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não se preocupe, tenho todo o tempo para você. — Sal começou a chorar e eu me levantei da cama. — Depois de limpar Sal tenho todo o tempo para você.

Ela riu, mas levantou da cama junto comigo.

— Acho que agora quero pensar em Victoria — começou a falar quando eu tirava Sal do berço. — Ela merece um emprego melhor e eu sempre soube que a agência para ela era só uma passagem.

— Mas?

— Mas eu realmente gostava dela.

— Gostava? Ela ainda vai continuar trabalhando por umas três semanas para você. — Ri ao limpar Sal que parava de chorar.

— É, é. — Percebi que seu tom de voz mudou e a olhei depois de colocar uma outra fralda em Sal.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Qual o problema?

— Eu sei que você está conseguindo a estabilidade necessária no teatro, mas pensei que, em meio período, você poderia trabalhar para mim.

Continuei a encarando antes de ela continuar:

— Você não precisaria mais trabalhar como modelo, já teria uma renda fixa.

— Meio período? Você não precisa de alguém no expediente integral?

— Precisaria, por isso, poderia contratar outra pessoa, uma estudante estagiária. Atualmente, vejo que é melhor ter uma estagiária do que uma pessoa integralmente.

— Mas se você contratar duas, terá um período integral.

— É verdade, mas qualquer coisa, posso demitir você e promover a outra pessoa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nem me contratou e já pensa em me demitir?

— Você aceita? — Ela franziu seu cenho e eu abracei Sal.

— Só tenho um pedido.

— Diga.

— Posso levar meu filho, senhora?

A Ruiva sorriu.

— Você tem certeza disso? — ela insistiu.

— Você está me contratando por pena?

— Não, nunca seria isso.

Eu acenei e dei de ombros.

— Então está tudo bem.

— Você aceitou fácil demais... — Ela pegou Sal de meus braços e se sentou na cadeira horrível de balanço.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Me ajoelhei ao seu lado e comecei a fazer caretas para Sal.

— Queria que eu recuasse? — perguntei a Agatha.

— Não é isso, só estranhei...

— Ruiva, — A olhei. — estarei perto de você, poderei levar nosso filho e ainda ganharei dinheiro pra isso.

Ela sorriu.

— Não é um trabalho tão fácil quanto você imagina e você terá que atingir o nível de Victoria.

— Atingir o nível de Vicky já é demais.

Minha Ruiva gargalhou.

— É verdade.

Sal balbuciou chamando nossa atenção.

— O que foi, querido? — Agatha brincou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Ma-ma* — ele balbuciou.

— Mamãe? — Ela estremeceu. — Ele me chamou de mamãe?

— Talvez só foi um “mama” aleatório.

— Não estrague o meu momento. — Me fuzilou com o olhar.

Franzi meus lábios.

— Foi mamãe, com certeza foi mamãe.

Piscou para mim.

— Ele me chamou de mamãe! — confirmou.

— Primeiro mamãe! — Bati palmas antes de beijar seu rosto e o de Sal. — Quero papa agora! — brinquei com ele que nem me deu atenção já que Agatha o segurava para cima o fazendo gargalhar.

Agatha parecia mais tranquila depois da

PERIGOSAS ACHERON

prisão de seu ex marido, mesmo que ela não tivesse contado a mim como foi a sua conversa com a mulher que o denunciou. Ambos sabíamos que poderia não durar muito e mesmo depois de ela me contar que ele estava quebrado, desconfiei. O hotel que ele se hospedou em Salvador era um dos melhores. A não ser que ele conseguisse favores, se não fosse isso, ele ainda tinha algum dinheiro — muito, por sinal.

No entanto, mesmo assim, nós estávamos mais tranquilos, ele não tinha nenhum poder sobre nós.

De toda a forma, eu sentia que ainda havia uma ponta sem nó, não sobre o ex marido de Agatha, mas a forma que ela estava agindo; mais tranquila, de fato, mas ainda assim eu sentia que havia algo diferente, algo que ainda a estressava.

— Você acha que ela está bem, bem mesmo?

PERIGOSAS NACIONAIS

— perguntei a Benny que dirigia meu carro enquanto eu estava no banco de trás, ao lado de Sal.

— Depois que o outro foi preso? Com certeza.

— Você não acha que há nada de estranho nela? — continuei.

— Ela é meio estranha às vezes. Período menstrual, talvez.

— Ela diria que esse é um comentário sexista.

— Sexista? Ela definitivamente não diria isso — falou. — Agatha provavelmente mandaria nós calarmos nossa boca sobre seu período menstrual.

— É, mais provável. Revirando seus olhos ainda.

— Revirando os olhos! — Ele gargalhou. — Com certeza!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Para onde estamos indo? — Encarei a rua.
— Pensei que iríamos para a clínica.

— Antes preciso... tomar um sol — Benny disse.

— Não seria melhor depois?

— Não, quero tomar um sol agora.

— Que coisa estranha de se dizer — comentei.

Ele estacionou o carro perto do Parque da Cidade em Salvador e descemos do carro com um guarda-sol para cobrir Sal. Eu nunca pensei que eu me tornaria um homem adulto que usaria guarda-sol.

Entramos no Parque que, por ser um dia de semana, estava mais vazio que o esperado.

— Eu vou comprar um... algodão doce. — Benny apontou sem jeito para um rapaz distante

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que carregava os algodões doces.

— Mas você está em dieta.

— Só um não mata.

— É pura açúcar e cuspe.

— Não, nada a ver... — falou enquanto já se afastava. — Pode dar uma volta sem mim.

— Novamente estranho — comentei, olhando para Sal.

Meu celular tocou em meu bolso traseiro.

— Chris? — Agatha falou antes de mim.

— É normal que a pessoa que atenda fale antes.

— Sem tempo. Onde você está?

— Parque da Cidade.

— Não, não isso. Onde exatamente.

— Passando perto de bancos azuis e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vermelhos.

— Venha para a grama.

— Grama? — Olhei para a minha direita e esquerda. — Há grama em todo o lado.

— Seu lado esquerdo. — Já a imaginava revirando seus olhos.

Caminhei a minha esquerda e vi o monte de grama e árvores.

— Por que você está aqui? — questionei.

— Queria te ver em um lugar diferente.

Pouco depois a vi encostada sob uma árvore e sorri. Ela estava definitivamente fora de seu habitat natural. Vestia um short e uma camiseta enquanto estava sentada em uma canga — ou o que eu achava ser uma canga.

— Piquenique? — Eu me animei e me sentei com Sal no meio da canga. Ele balbuciava

PERIGOSAS ACHERON

animado, como se soubesse o que estava acontecesse. — Eu achei que não demoraríamos aqui e deixei a bolsa com as coisas de Sal no carro.

— Não tem problema. — Agatha apontou para a sua própria bolsa. — Sempre levo algumas coisas dele aqui.

— E Benny?

— Está dando voltas.

— E fingindo comer algodão doce.

— O quê?

— Nem queira saber — brinco. — Mas o que é tudo isso?

Coloquei Sal sentada entre nós, com suas costas encostadas na bolsa de Agatha. Havia algumas besteiras para comermos e alguns sucos. Seus olhos estavam focados de mim para Sal e havia um brilho diferente nele. Hoje, ela parecia

PERIGOSAS NACIONAIS

ainda mais linda e ainda mais tranquila. Eu me sentia bem em vê-la bem, finalmente.

— Eu pensei bastante sobre o nosso futuro nas últimas semanas. — Ela não deixava de me olhar e eu acreditava que nunca a tinha visto sentar de pernas dobradas, era uma completa besteira, mas ela parecia ainda mais relaxada.

— Que bom... Eu acho.

— E você estava certo.

— Certo sobre o quê?

— Sobre que precisávamos sentir que era certo, apenas isso. Tínhamos, na verdade... *eu tinha* que parar de analisar tudo e apenas sentir.

— Certo... — Eu não sabia se realmente acreditava no que estava acontecendo.

Minha Ruiva tirou de um embrulho sobre a canga um pequeno pacote e me entregou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não quero me ajoelhar. Não quero fazer uma grande declaração. Mas tudo que eu quero é me casar com você para oficializar o que já temos.

Eu sorri e agarrei a caixinha. Quando a abri, encontrei um lindo anel. Simples e delicado.

— Agatha... Não precisava.

— Precisava sim. É o que você queria, o que eu também quero...

Neguei com um aceno de cabeça.

— Você quem estava certa, Ruiva — falei.
— Nós não precisamos nos casar para oficializar o que temos. Podemos só continuar sermos o que somos. Mas eu aceito o anel. Eu quero ser seu noivo para sempre.

Ela sorriu.

— Namorado soa muito infantil, não é?

Acenei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Definitivamente. Nós somos além.
Parceiros, companheiros...

— Isso parece algo que os gays falam para serem aceitos com seus namorados.

— É verdade. — Fiz uma careta.

— Somos noivos agora.

— Ótimo, noivos soa melhor.

Ela segurou uma de minhas mãos e com a sua livre, brincou com Sal que estava distraído com um brinquedo de pelúcia.

— Christopher Tyler, você aceita ser meu noivo para sempre?

— Agatha Lancellotti, eu aceito ser o seu noivo para sempre. Você aceita ser a minha?

Seu sorriso foi tão bonito quanto sensual.

— Eu aceito. É claro que eu aceito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E eu aceito também uma declaração, daqueles de casamento.

Gargalhou.

— Calma, uma coisa de cada vez.

— Meu Deus, noivei com uma mulher insensível.

— Ei... — Ela bateu em meu ombro e eu ri.

PERIGOSAS ACHERON

LIV

Agatha

— *Eu pareço melhor, não pareço?* — Benny me fez olhá-lo da cabeça aos pés.

— Você está ótimo. — E era verdade. Ele tinha engordado, quase voltado ao seu peso de alguns anos. Já conseguia dormir melhor e, em consequência, não sofria com olheiras. Se alimentava melhor, já que tinha mais apetite. E não parecia sofrer com nenhuma reação.

— Ótimo, ótimo, ótimo — começou a repetir enquanto andava de um lado para o outro em minha agência. — Vou voltar a trabalhar como antes!

— Você já me falou sobre isso — pontuei. — E, além disso, nessas últimas semanas você já estava trabalhando.

— Não me senti trabalhando. Estava apenas ajudando Chris a se estabilizar aqui.

— Ele já sabia a maioria das coisas antes de começar.

— Mas depois da minha ajuda sabe mais.

Eu revirei meus olhos.

— Tá, tá bom.

— Como está se sentindo sem Victoria?

— Já estou há quase três meses sem ela e só agora você me pergunta?

— Sim. — Acenou.

PERIGOSAS NACIONAIS

Suspirei.

— Estou bem. Até trocamos mensagens agora.

— Sério? Você fez uma amiga jovem e otimista?

— Por que você inseriu “jovem”?

— Você nasceu com mais de cinquenta anos, baby.

Gargalhei.

— Mas, sério, como você está se sentindo?

Ele maneou sua cabeça de um lado para o outro.

— Tenso, mas estou otimista.

— Quer que eu te acompanhe?

— Não, preciso ir sozinho.

Levantei minhas mãos.

PERIGOSAS ACHERON

— Tudo bem, qualquer coisa me mande notícias. E ao sair, chame Chris.

Depois que Benny foi embora, Chris entrou em minha sala. Hoje Sal estava com Ian e Júlia, mas, na maioria dos dias ele ficava entre mim e Chris ou Benny até completar dois anos e o colocarmos em uma creche. Algumas creches não aceitavam crianças que ainda usassem fraldas, sendo assim, estavam pensando que, se ele continuasse com um bom desenvolvimento, a tiraríamos dele.

— Olá senhora. — Assim que ele entrou, fechou a porta atrás de si. — Chamou por mim?

Eu estava sentada em minha espreguiçadeira, virada para a minha sala.

— Chamei sim. — Cruzei e descruzei minhas pernas.

Ele se sentou na beira da espreguiçadeira que eu estava e usava uma daquelas suas antigas faixas. Quando percebeu que eu a observava, a tocou e falou:

— Brinquei de tirar umas fotos. Estou bem?

Sorri.

— Isso me lembra os velhos tempos. O começo.

Ele sorriu e assentiu.

— É verdade.

Christopher tocou para minha coxa, descansando nela e ocasionalmente apertando. Nossos olhos se conectaram. Seu olhar negro me inundava e realmente me lembrava o começo de tudo, a tentação, a provação antes do sexo, antes de qualquer envolvimento.

Ele se sentou e seu peitoral roçava em meu

braço, sobre o pano fino da camisa, eu sabia que ele estava fazendo isso de propósito. Chris sabia bem como me tentar, mas agora ele me devastava.

Ele descansou sua testa na lateral da minha cabeça e sua boca estava colada em minha orelha, sua barba me arrepiava, mesmo sem ele se mexer.

— Ambos sabemos que eu estou aqui para algo mais — brincou, mas sua voz soou tão sexual e sensual que eu não ri e sim prendi meu ar.

Christopher me deu tempo suficiente para assenti e sorrir, então, sem esperar, ele colocou sua outra mão em minha nuca e virou meu rosto delicadamente, mas não foi tão delicado quando sua boca tocou na minha.

Seu beijo foi possessivo e faminto. Eu o beijei da mesma forma que ele me beijava. Realmente parecia que não nos beijávamos há tempos. Sentir seus lábios parecia ser sempre uma

PERIGOSAS ACHERON

novidade e eu amava cada segundo das sensações que ele me proporcionava.

Eu quebrei nosso beijo para me sentar em seu colo, mesmo sobre panos da minha calça e da dele, eu conseguia sentir seu membro ereto, e ele posicionava-se perfeitamente em minha vagina. Era um encaixe certo, *perfeito*.

As mãos de Christopher passavam por todo o meu corpo, até uma parar em meu cabelo e a outra em minha coxa. As minhas mãos estavam em seu cabelo, puxando-o de leve. Chris gemia em minha boca e era absurdamente sensual ouvir o som quase gutural e totalmente rouco dele.

Christopher afastou sua boca da minha e tirou minha camisa e o forro, deixando-me de sutiã. Christopher grunhiu e rapidamente me carregou da espreguiçadeira, pondo-me deitada sobre ela.

Ele ficou em pé ao lado da mesma e tirou sua

calça, sua faixa estava caindo e ele puxou de vez, jogando-a no chão. A sua cueca era de um tom escuro, em contraste com sua pele, me chamando completa atenção para o marrom-escuro, beirando a preto, dela. Ele não tirou sua cueca tão rápido, antes disso, ele colocou suas mãos no botão de minha calça e abriu, em seguida abriu também o zíper, sem prologar mais ele tirou minha calça, mas não meu salto alto.

Agora eu estava de lingerie e salto alto preto, enquanto Chris estava de cueca e mais nada. O sorriso que ele me deu foi devastador ao ponto de meu coração falhar uma batida e retornar a bater muito mais rápido.

Gemi de antecipação quando Chris começou a beijar meu corpo todo, começando pela minha panturrilha e subindo até parar em minha coxa, devagar ele tirou minha calcinha, roçando seus

dedos por toda minha perna e me arrepiando completamente.

Depois de jogar minha calcinha no chão, ele começou a beijar meu pescoço, descendo até parar sobre meu seio, dessa vez ele não foi devagar ao tirar meu sutiã.

Quando dei por mim Christopher já estava nu e seu corpo pairava sobre o meu. Não hesitei em puxá-lo mais para mim, e fazer o que eu queria fazer: cravar meu salto em sua bunda.

Ele gemeu e reivindicou minha boca para ele. Eu estava completamente entregue. Eu, naquele momento, era sua. Completamente sua.

— Ruiva, você é, sem dúvida, minha devastação. — ele sussurrou em minha orelha, meu corpo enrijeceu com sua voz rouca.

No entanto, eu achava que eu quem deveria dizer aquilo que Christopher Tyler era a minha
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

completa devastação. A mudança da minha vida, de meus pensamentos, o meu amadurecimento. Me fez ser mãe e uma mulher melhor. Me fez me sentir viva e feliz. Me fez me entregar. Me tentou tanto quanto me devastou.

PERIGOSAS ACHERON

LV

Christopher

Eu ainda não tinha

comentado que me sentia melhor com

um nome menor. Me fez me sentir mais humano,

mesmo que meu pai tivesse discutido comigo

durante horas sobre, mas, no fim, ele entendeu. Não

ficou do meu lado, era claro; mas entendeu.

Nos últimos meses ele estava indo e vindo para Salvador e continuava me ligando semanalmente. Era bom, mas eu sentia que não mudaria a nossa relação, mas seria bom para meu filho. Ele teria um avô, pelo menos. Se eu contasse meu tio, dois. Com minha tia, obviamente três.

Mas era claro que nem tudo poderia ser perfeito e quando Agatha e eu voltamos para casa depois de buscamos Sal em Ian e Júlia, encontramos Benny chorando enquanto bebia um líquido transparente em um copo de uísque.

— Benny! — Agatha gritou tirando copo dele. — Você não pode beber!

— É água — falou, com a voz sussurrante e a cabeça baixa.

Agatha cheirou o copo e bebeu um gole, percebi quando sua boca formou a expressão “ah!” e em seguida ela entregou o copo para seu amigo e

PERIGOSAS NACIONAIS

se sentou ao seu lado no chão.

— Por que você está bebendo assim?

— Nada para mim dá certo! — gritou e eu me sentei em seu outro lado, com Sal em meu colo.

— Como não? — Agatha tentou. — Você tem um emprego, uma casa, um namorado.

— Um emprego na agência da minha amiga e a casa desta não conta!

— Mas Benny...

— Não, chega! — Ele praticamente deitou no chão enquanto cobria seu rosto. — Eu não aguento mais me sentir imprestável. É como se eu fosse o único a não evoluir.

— Não evoluir? — Eu ri. — Você trocou as fraldas de Sal melhor do que Agatha e eu. Você nos ouviu discutir e não se intrometeu em nenhum momento, mesmo que em certos pontos, eu tenho

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

certeza que você teria uma opinião. Você cuidou da casa, limpou, cozinhou, fez um excelente café.

— Chris, isso é ridículo! — Benny continuou sem tirar suas mãos de seu rosto.

— Não, não é. Porque você demonstrou com esses tantos meses que você consegue conviver com as pessoas de maneira pacífica, amistosa. Sem incomodar ninguém. Você deixa de dar a sua opinião, o que muitas pessoas podem dizer que é fraqueza, mas eu vejo como coragem. Porque quando você, por exemplo, não respondeu meu tio, você não estava nem aí para ele, você pensava em mim e como a sua opinião poderia afetar a mim. E isso é um nível de empatia que as pessoas normalmente não têm. Um nível de força que as pessoas não têm.

Toquei no ombro dele e Sal saiu de meu colo, se deitando ao seu lado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você é um grande homem, Benjamin. — Ele finalmente tirou as suas mãos de seu rosto e percebeu que Sal o imitava. — Eu não daria um nome menos importante ao meu filho.

Ele riu.

— Não tem medo que ele ‘vire’ gay por má influência? — ele ironizou.

— Se houvesse essa possibilidade, será que existiria algum gay no universo?

Percebi o sorriso de Agatha para mim e, em seguida, ela piscou. Eu tinha dado uma boa resposta.

Benny coçou seu queixo e voltou a se sentar enquanto Sal continuou deitado no meio da sala.

— Isso é um bom questionamento — comentou. — Mas será que todo mundo era hetero no começo da humanidade?

PERIGOSAS ACHERON

— O ‘começo’ você quer dizer na *Teoria do Big Bang* ou Bíblia?

— Meu Deus. — Agatha suspirou. — Onde chegamos?!

No fim, descobrimos que Benny continuava com câncer. E ele se mudaria com seu namorado. Iria para perto, mas sairia de casa. Era estranho, mas eu me acostumei a viver com ele, porém sabia que esse momento chegaria. Ele parecia melhor, mas Agatha já tinha deixado claro que o visitaria sempre que possível, mesmo o seu namorado sendo enfermeiro. Benny a lembrou de um detalhe:

— Nós trabalhamos juntos, baby! Você me verá todo dia.

Era verdade. Eu também o veria todo dia

PERIGOSAS NACIONAIS

como assistente da Ruiva, o que estava dando incrivelmente certo. Às vezes levava Sal para o trabalho, continuava cuidando do teatro e marcando peças próximas e quando ele completasse dois anos Agatha já tinha dito que nós poderíamos viajar mais já que ele não seria um “fazedor-de-necessidades-na-fralda”, segundo ela.

Bati na porta do escritório de Agatha e entrei na segunda batida, a encontrando sentada atrás de seu computador com Sal em seu colo. Ela digitava furiosamente e assim que me viu, levantou seu olhar brevemente.

— Aconteceu alguma coisa?

— Horário do almoço. — Estendi nossos *yaksobas*.

— Daqui a pouco, Chris.

— Mas posso começar a comer?

PERIGOSAS ACHERON

— Claro, claro.

Ela tinha uma mesa de centro e coloquei o seu yaksoba sobre esta, enquanto já comia o meu com alguns garfos grudados na caixinha. Não conseguia comer com *hashi*.

Quando eu já tinha terminado de comer, ela se levantou com Sal em seu colo e o colocou no meu.

— Ele vai comer que horas? — perguntei.

— Nos vendo comer, você sabe que ele vai querer. Mas seu horário de almoço é daqui a... — Ela encarou o seu relógio. — Meia-hora.

Eu ri.

— Daqui a meia-hora então para você, amigão. — Sal riu quando eu brincava com ele.

— Você queria me falar alguma coisa? — ela questionou com sua boca meio cheia.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quero sim, na verdade.

— Diga.

— Acho importante que você saiba que estou pensando em vender o meu apartamento. Nós somos um casal e acredito que este é o tipo de coisa a ser conversada.

Ela sorriu e colocou uma mão em meu ombro.

— É sim, querido. É importante para mim saber disso e dizer que eu não concordo.

— Por quê? Teríamos mais dinheiro.

— Mais dinheiro agora, de uma vez. Seu apartamento em poucos anos pode render muito mais, tanto para aluguel quanto para uma venda futura. Agora é um mal momento para vendê-lo.

— Eu perderia alguma coisa?

— Você deixaria de ganhar. Pesquise sobre o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mercado financeiro e sobre valores da venda na região do seu apartamento para ver.

Eu abaixei a minha cabeça.

— Agatha, quero trocar de carro. Não preciso de um melhor ou nada do tipo, mas preciso de um mais econômico. Esse está me custando demais.

— Eu posso te ajudar com isso.

— Como? Não quero que você me dê dinheiro.

— Não te darei dinheiro, te ajudarei com a venda do seu atual, com economia e financiamento ou compra à vista de um próximo mais econômico e melhor.

Abracei Sal e falei com ele:

— Você tem uma mamãe perfeita e eu tenho uma mulher perfeita!

Ele riu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Ma-mã!* — Já pronunciava um pouco melhor.

— Papa também. Maravilhoso — continuei.

— *Papá!* — Bateu suas palmas.

— Mas voltando a sua mãe, sabia que ela é mão-de-vaca incrível? Vamos ficar ricos desse jeito.

— Chris! — Agatha bateu em meu ombro e eu beijei o canto de sua boca.

Ela já tinha terminado de comer e estava com seus braços cruzados e sua testa franzida para mim.

— Que foi?

— Não diga ao nosso filho que eu sou mão-de-vaca! — Ela o tirou de meu colo.

— Digo o quê?

Dessa vez, ela olhava para ele o fazendo sorrir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— A sua mamãe é uma mulher extremamente econômica. Vamos ser bem sucedidos por causa dela.

— “Extremamente econômica.” “Bem sucedidos” — ironizei. — Uma criança não entende nada disso.

Minha Ruiva virou sua cabeça em minha direção.

— E entende mão-de-vaca?

— Claro que entende.

Me inclinei na direção dela e comecei a conversar com Sal.

— Mão-de-vaca, filhão. Sua mãe é uma.

— Mã-mã — o pequeno disse.

— Tenho certeza que ele está tentando dizer *mão*.

Agatha me fuzilou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não ensine o nosso filho a dizer mão-de-vaca.

— O que vou ensinar?

— Papai é um besta, filho. — Agatha começou a soletrar. — B-e-s-t-a.

— Não ensine o nosso filho a falar besta!

Ela piscou para mim.

— Não ensine mão-de-vaca. — Seu olhar continuou em mim por um momento. — Aposto que você quer me chamar de vaca agora, certo?

— Um pouco.

Revirou seus olhos.

— Besta.

— Não! — Passei minha mão em meu cabelo e Sal ria.

— *Be-be!*

PERIGOSAS ACHERON

Nesse momento, Agatha e eu viramos para ele e falamos em uníssono:

— Não!

— *Be-be!*

A vida não era perfeita e isso não era nenhuma novidade. Agatha e eu não viveríamos sempre felizes e brincando com o nosso filho, assim como não aconteceria com Ian e Júlia que também tinham noivado, mas, diferentemente da Ruiva e eu, eles, em algum momento, realmente casariam. Benny estava bem, na medida do possível. Seu relacionamento também parecia estável.

Primeiramente, Agatha e eu aproveitamos a casa vazia. Depois, começamos a sentir falta de Benny. Em seguida, sentimos a presença de Sal. Agatha já tinha me alertado que dizer “presença de PERIGOSAS ACHERON

Sal” soava estranhíssimo e levemente assustador, no entanto, eu rebatia que conseguia ser algo além. Quando eu dizia “presença de Sal” era literalmente isso. Ele conseguia deixar um brinquedo em cada canto da casa, com isso, a falta de Benny foi preenchida por Sal bagunçando tudo. Absolutamente tudo.

Em um dia, Agatha e eu percebemos que era o momento certo para adotarmos um cachorro. Benny já tinha dito que cuidaria de um quando fossemos viajar; Ian também ajudaria.

Com isso, adotamos um labrador.

Podia ser mais clichê? Transformei a minha própria vida em uma história. Assim como eu pensei há tanto tempo enquanto me afastava de Agatha que a vida era como uma história com finais irregulares, aquela era a nossa história e, felizmente, nós poderíamos escrevê-la como

queríamos. Vivemos como queríamos.

— Você está feliz? — perguntei a minha Ruiva certa manhã.

— Estou me sentindo completa como nunca estive...

— Você não está grávida, está?

Ela riu.

— Não... *Eu acho.*

— Está brincando? — quase gritei.

— Calma, estou! — Mas gargalhava.

Estávamos deitados no chão, no meio da sala, enquanto Sal corria ao nosso redor. Às vezes ele pisava em nossos braços ou pernas, mas viveríamos. E como viveríamos.

Não seríamos sempre felizes, eu supunha. Não viveríamos sem ter uma discussão, um grito, uma reclamação. Nós nunca seríamos perfeitos e
PERIGOSAS ACHERON

isso era ótimo. No entanto, não tentaríamos chegar à perfeição, mas continuaríamos tentando. Dia após dia.

Eu nunca poderia imaginar o poder de uma mulher sobre a minha vida. Eu nunca poderia imaginar que àquela Agatha Lancellotti com seu vestido vermelho, em uma festa enjoada, seria quem era atualmente em minha vida. Eu nunca poderia imaginar que algo que começou como uma simples tentação se tornou minha completa devastação.

Nota da Autora

Meu plano era publicar um conto de Ian e Júlia antes de *Devastador*, se chamaria *Ardor*. No entanto, diante desta história que saltava em minha mente repentinamente, preferi escrevê-la primeiro.

Sobre o Benny, não quis finalizar a história dele. Eu não sei se ele terá um futuro longo e saudável ou se sua história será trágica. Decidi deixá-la por aberto. Acredito que se finalizasse de uma maneira triste, Benny não mereceria e se fosse feliz do nada, não seria real.

Espero que a leitura tenha sido prazerosa. Sinta-se livre para avaliar e conhecer outras obras minhas também à venda na Amazon.

[Trilogia - Os Amantes e Prazer](#)

Trilogia Prazer:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

1: [Prazer, Destruidor](#)

2: [Prazer, Puritano](#)

3: [Prazer, Pecaminoso](#)

[Box Prazer](#)

Trilogia Os Amantes:

1: [Deixe-me Te Amar](#)

2: [Arrisque-se e Ame](#)

3: [Envolva-se No Amor](#)

[Box Trilogia Os Amantes Completa](#)

Série Você (SPIN-OFF DA TRILOGIA OS AMANTES, MAS SEM NECESSIDADE DE SEREM LIDOS EM ORDEM):

[Amar Você](#)

PERIGOSAS ACHERON

Contatos:

[Jasmin Palumbo no Wattpad](#)

[Jasmin Palumbo](#) no Facebook